



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**NO SERTÃO DA MINHA TERRA, O SENTIDO DA ESCOLARIZAÇÃO, AS
EXPECTATIVAS PROFISSIONAIS E O DISCURSO SOBRE IDENTIDADE E
INDIVIDUALIZAÇÕES DE JOVENS RURAIS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO
EM ESCOLAS URBANAS**

ISABELA GONÇALVES DE MENEZES

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2016**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

NO SERTÃO DA MINHA TERRA, O SENTIDO DA ESCOLARIZAÇÃO, AS
EXPECTATIVAS PROFISSIONAIS E O DISCURSO SOBRE IDENTIDADE E
INDIVIDUALIZAÇÕES DE JOVENS RURAIS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO EM
ESCOLAS URBANAS

ISABELA GONÇALVES DE MENEZES

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Federal de Sergipe, como
requisito parcial para obtenção do título de Doutora
em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Paulo S. da Costa Neves
Coorientadora: Profa. Dra. Natália Alves

SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2016

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

M543n Menezes, Isabela Gonçalves de
No sertão da minha terra, o sentido da escolarização, as expectativas profissionais e o discurso sobre identidade e individualizações de jovens rurais estudantes do ensino médio em escolas urbanas / Isabela Gonçalves de Menezes ; orientador Paulo Sergio da Costa Neves. – São Cristóvão, 2016.
360 f. : il.

Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, 2016.

1. Educação. 2. Ensino médio. 3. Juventude rural - Educação. 4. Interação rural-urbana - Estudantes. 5. Identidade social. I. Neves, Paulo Sergio da Costa, orient. II. Título.

CDU 37.091.212.5(813.7)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



ISABELA GONÇALVES DE MENEZES

**“NO SERTÃO DA MINHA TERRA, O SENTIDO DA ESCOLARIZAÇÃO, AS
EXPECTATIVAS PROFISSIONAIS E O DISCURSO SOBRE IDENTIDADE E
INDIVIDUALIZAÇÕES DE JOVENS RURAIS ESTUDANTES DO ENSINO
MÉDIO EM ESCOLAS URBANAS”**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação da Universidade Federal de Sergipe e
aprovada pela Banca Examinadora.

Aprovada em 25.07.2016

Prof. Dr. Paulo Sérgio da Costa Neves (Orientador)
Programa de Pós-Graduação em Educação / UFS

Prof. Dr. Bernard Jean Jacques Charlot
Programa de Pós-Graduação em Educação / UFS

Prof.ª Dr.ª Ana Maria Freitas Teixeira
Programa de Pós-Graduação em Educação / UFS

Prof.ª Dr.ª Elza Ferreira Santos
Instituto Federal de Sergipe / IFS

Prof.ª Dr.ª Maria de Assunção Lima de Paulo
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

SÃO CRISTÓVÃO (SE)

2016

A Orlando, simplesmente.

AGRADECIMENTOS

Ao refletir sobre minha trajetória, sinto-me feliz por perceber que tenho muito a agradecer. Durante os anos de doutorado recebi, de pessoas e de instituições, desde apoio financeiro a orientações, indicações de leitura, tempo para me atender e responder perguntas; até mesmo torcida e boas energias. Assim, gostaria de retribuir com agradecimentos:

A Orlando Monteiro, marido e companheiro, por ser a pessoa com a qual sei que posso contar sempre e, ao contrário de Fernando Pessoa – ou Álvaro de Campos – em seu *Poema em linha reta*, verifico que “tenho par nisto tudo neste mundo”. Por ter dedicado anos às pesquisas no sertão na área agrônômica, sempre demonstrou curiosidade intelectual e um olhar especial sobre esta tese. Acompanhou-me em Portugal no doutoramento sanduíche e, várias vezes, tive a surpresa de abrir meu correio eletrônico e me deparar com indicações de artigos e estudos que pesquisava para me auxiliar. Meu incansável incentivador, obrigada por tudo.

Aos meus familiares, especialmente minha mãe e irmãs, pelo incentivo que me deram nesses anos de doutoramento. A meu pai, que partiu recentemente para outro plano e sinto que não me veja concluir mais esta etapa na formação. O seu conselho guardo até hoje: “Enquanto seus olhos piscarem, não deixe de estudar”.

Aos professores Dr. Paulo Sergio da Costa Neves, orientador no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe e Dra. Natália Alves, coorientadora no doutorado sanduíche no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa por terem me aceitado como orientanda, confiando seus nomes nesta tese, pelas construtivas críticas e todo o apoio necessário para a consecução desta pesquisa.

Aos professores Dra. Maria de Assunção Lima de Paulo, Dra. Elza Ferreira Santos, Dra. Ana Maria Freitas Teixeira e Dr. Bernard Charlot pelas arguições, críticas e sugestões na banca de defesa. Aos professores Dra. Maria Helena Santana Cruz e Dr. Marcelo Ferreri, integrantes da banca do exame de qualificação e aos professores Dr. Bernard Charlot e Dra. Eva Maria Siqueira Alves, no Seminário de Pesquisa, pelas contribuições.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo suporte financeiro através de bolsa de estudos a partir do segundo ano do doutorado, além da bolsa do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) que me possibilitou cursar parte do doutorado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

À Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe (Fapitec/SE), pela bolsa de pesquisa concedida durante o primeiro ano do doutorado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFS), com um reconhecimento especial ao professor Dr. Luiz Eduardo Meneses de Oliveira pelo apoio para a obtenção de bolsa do PDSE da Capes.

Aos professores das disciplinas cursadas e aos colegas do doutorado com os quais partilhei muitas horas de aprendizagem.

Aos jovens rurais pela disponibilidade para responder o questionário e participar dos grupos focais e entrevistas.

Aos diretores, coordenadores e professores das escolas onde a coleta de dados foi realizada, pela confiança e por me deixarem à vontade para conduzir a pesquisa, inclusive facilitando todo o trabalho.

Em Portugal, ao professor Dr. Abílio Amiguiño pela entrevista concedida e por compartilhar experiências e conhecimento sobre a região do Alentejo e os jovens do lugar. Ao professor Dr. Rui Canário por ter me recebido no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e me encaminhado à professora Dra. Natália Alves para orientação. Ao professor Dr. Bernard Charlot por ter me indicado ao professor Rui Canário, criando a possibilidade do doutorado sanduíche. Ao professor Dr. António José de Sousa Almeida, caro Tozé, juntamente com a professora Natália Alves, pela boa e inesquecível acolhida portuguesa, não somente a mim, mas a meu marido e familiares.

O rio se encontra ao mesmo tempo em toda a parte, na fonte tanto como na foz, nas cataratas e na balsa, nos estreitos, no mar e na serra, em toda a parte, ao mesmo tempo; para ele há apenas o presente, mas nenhuma sombra de passado nem de futuro. [...] Nada foi, nada será; tudo é, tudo tem existência e presente. (HESSE, 2014, p. 126).

RESUMO

Esta é uma pesquisa qualiquantitativa e compreensiva cujo objetivo foi investigar o sentido que jovens rurais dão à experiência de escolarização, que expectativas profissionais estão construindo e seus discursos sobre identidades e individualizações. O universo de estudo foi constituído de jovens rurais estudantes do último ano do ensino médio regular em escolas urbanas de Poço Redondo e Nossa Senhora da Glória, municípios do sertão sergipano. No ano letivo 2015, realizou-se a coleta de dados por meio de questionário, entrevistas e grupos focais a um total de 80 jovens rurais. Da análise das informações obtidas conclui-se que: os pais apoiam seus filhos para que vão à escola e almejam que cursem faculdade; mas, mesmo se não apoiados, os jovens demonstram a pretensão de continuar os estudos em nível superior. Consideram a escola como uma passagem para uma profissão que lhes conceda *status* e renda melhores do que na agricultura. Quanto às expectativas escolares e profissionais, em Poço Redondo, ainda que a maioria confirme interesse em cursar universidade, suas expectativas de começar a trabalhar são mais altas do que as dos jovens de Nossa Senhora da Glória. Em relação à profissão desejada pelos pais, alguns jovens não se mostraram de acordo e outra parte indicou que escolheria a profissão que quisesse; com ênfase para as moças de Nossa Senhora da Glória, demonstrando atitudes relacionadas ao conceito de individualização. Parte se mostra em situação de incerteza, pois o cenário predominante é de famílias em situação de pobreza, fato que dificulta as expectativas de cursar o nível superior. Um percentual elevado gosta do campo, porém, fica dividido entre sair e ficar. Os que pensam em sair alegam a busca de melhoria de vida e a oportunidade de emprego urbano; entretanto, sair não significa rejeição ao meio rural e permanecer não significa ser agricultor, já que nenhum jovem espontaneamente indicou aspirar essa profissão. Quando perguntados se gostariam de ser agricultores, a maioria das moças respondeu “não”, com percentual um pouco menor das que estudam em Nossa Senhora da Glória. Quanto aos rapazes, os de Poço Redondo encontram-se divididos, ao passo que os de Nossa Senhora da Glória a maioria não quer ser agricultor. O meio rural do sertão sergipano tem mudado muito e já não absorve apenas o aspecto do trabalho agrícola. A maioria dos jovens tem referências de identidade da produção rural, mas o fato de cursarem o ensino médio em escolas urbanas resultou em mudanças. Boa parte possui a concepção que sertanejo é exclusivamente aquele que enfrenta as secas e tira seu sustento da agricultura. Acerca das expectativas diante do futuro, tendo como referência a vida dos pais, nenhum deles indicou que terá uma vida pior e a maioria espera ter uma vida melhor que a dos progenitores. Quanto a saber exatamente o que querem, foram bastante moderados e não foram poucos os que afirmaram ser inútil fazer projetos, embora a maioria tenha indicado que gostaria de empreender. Assim, parecem mais se aplicar a uma individualização passiva, construindo suas trajetórias a partir de táticas.

Palavras-chave: Escolarização. Expectativas profissionais. Identidades. Individualizações. Jovens rurais.

ABSTRACT

This is a comprehensive qualitative and quantitative study aimed to investigate how young people living in rural areas perceive the schooling experience, what are their professional expectations and how they verbalize their identities and individualizations. The study universe was composed of young individuals from rural areas in the last year of high school in urban schools of Poço Redondo and Nossa Senhora da Glória, cities of the *sertão* region of the state of Sergipe. Data collection began in 2015, in three schools, with the administration of a questionnaire, interviews and focal groups to a total sample of 80 young individuals from rural areas. Data analysis showed that parents encouraged their children to go to school and wanted them to pursue higher education studies, but even when they were not supported by their parents, these youngsters expressed their wish to go to college. For them, school is a gateway to a profession that will ensure a higher social status and higher income, and this cannot be obtained in agricultural activities. Regarding school and professional expectations, in Poço Redondo, although most youngsters confirmed their interest in attending university, they were more willing to get a job than the youngsters were from Nossa Senhora da Glória. Regarding their parents' expectations, some youth said they did not agree with the careers their parents wanted them to follow, and others said they would choose their own professions, particularly girls of Nossa Senhora da Glória. Some of them were not sure of what they wanted to do because of the predominant scenario of poverty of rural families. Most of them loved the countryside, but could not decide whether to stay or move to urban areas. Those who wished to leave the countryside claimed they were looking for better living conditions and for a job in the city. However, leaving does not mean rejecting the rural environment and staying does not imply becoming a farmer, since none of the participants spontaneously indicated an interest in this profession. Asked whether they would like to be farmers, most of the girls answered "no", in a slightly lower percentage than those who attended the school of Nossa Senhora da Glória. The boys who attended the school of Poço Redondo had diverging opinions, while most students at the school of Nossa Senhora da Glória did not want to be farmers. The rural environment of the *sertão* region of Sergipe has changed a lot. Most young people are strongly identified with rural production, but attending urban high schools has changed their minds. Many of them perceived the *sertanejos* as individuals who live on farming and are always facing extreme climactic conditions such as droughts. Regarding their expectations of the future, based on their parents' lives, none of the subjects suggested their lives would be worse than their parents' lives and most expect to have better life conditions than their parents. Asked whether they knew exactly what they wanted, the subjects were careful and many said plans are useless, although most suggested they wished to become entrepreneurs. Thus, the subjects apparently tended to passive individualization, using tactics to construct their careers.

Keywords: Schooling. Professional expectations. Identities. Individualizations. Young people in rural areas.

RÉSUMÉ

Cette recherche quali-quantitative et compréhensive vise à enquêter sur le sens donné à l'expérience scolaire par les jeunes ruraux, les attentes professionnelles qu'ils construisent et leurs discours sur les identités et les individualisations. Cette étude a été effectuée auprès de jeunes étudiants ruraux en dernière année de l'enseignement secondaire dans les écoles urbaines de Poço Redondo et de Nossa Senhora da Glória, municipalités du *sertão* de l'état de Sergipe. En 2015, une collecte des données a été réalisée dans trois écoles à travers un questionnaire, des entretiens et des groupes de discussion concernant 80 jeunes ruraux. L'analyse des résultats de l'enquête aboutit à la conclusion suivante: les parents soutiennent leurs enfants pour qu'ils aillent à l'école et aspirent à intégrer l'université; mais même sans cet appui, les jeunes démontrent leur intention de poursuivre leurs études à un niveau supérieur. Pour eux, l'école constitue un passage vers une profession leur accordant un status et un meilleur revenu que l'agriculture. Quant aux attentes scolaires et professionnelles des jeunes de Poço Redondo, bien que la plupart affirment leur intérêt pour l'université, leur envie de commencer à travailler est plus forte que celle des jeunes de Nossa Senhora da Glória. En ce qui concerne la profession souhaitée par les parents, certains jeunes sont en désaccord et d'autres indiquent qu'ils exerceront la profession de leur choix; en particulier les jeunes filles de Nossa Senhora da Glória, faisant preuve ainsi d'attitudes que l'on peut relier au concept d'individualisation. Certains démontrent une situation d'incertitude, ainsi le scénario qui prévaut est celui de familles en situation de pauvreté, contexte qui complique les volontés de poursuivre dans l'enseignement supérieur. Un pourcentage élevé apprécie l'espace rural, mais reste déchiré entre le fait de partir et celui de rester. Ceux souhaitant partir avancent l'argument de la recherche d'une meilleure qualité de vie et les possibilités d'emploi en milieu urbain; pour autant, le fait de partir n'induit pas le rejet des zones rurales et celui de rester ne signifie pas être agriculteur, étant donné qu'aucun jeune n'a spontanément indiqué aspirer à cette profession. Lorsqu'on leur a demandé si elles aimeraient devenir agricultrices, la plupart des jeunes filles ont répondu "non", avec un pourcentage légèrement inférieur pour celles étudiant à Nossa Senhora da Glória. Quant aux garçons, ceux de Poço Redondo sont divisés, tandis que la plupart de ceux de Nossa Senhora da Glória ne souhaitent pas devenir agriculteur. Le milieu rural du *sertão* de Sergipe a beaucoup changé, et ne se limite plus uniquement au travail agricole. La plupart des jeunes ont des références identitaires de production rurale, mais le fait qu'ils suivent un enseignement secondaire dans des écoles urbaines a engendré des changements. Une grande partie ont une conception du *sertanejo* comme étant celui qui fait face à la sécheresse et tire sa subsistance de l'agriculture. Concernant leurs attentes quant à l'avenir, se référant à la vie de leurs parents, aucun d'eux n'a indiqué l'idée d'une vie pire que ses parents et la majorité s'attend plutôt à en avoir une meilleure. Quant au fait de savoir exactement ce qu'ils veulent, ils ont été très modérés et ont été nombreux à avoir affirmé qu'il était inutile de faire des projets, bien qu'ils aient pour la plupart indiqué vouloir être entrepreneurs. Ainsi, ils semblent plus appartenir à une individualisation passive, construisant leurs trajectoires tactiquement.

Mots-clés: Scolarisation. Attentes professionnelles. Identités. Individualisation. Jeunes ruraux.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ADHB – Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil

AJAP – Associação de Jovens Agricultores de Portugal

BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Confagri – Confederação Nacional das Cooperativas Agrícolas e do Crédito Agrícola de Portugal

DRE – Diretoria Regional de Educação

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

FAO – Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação

Fapitec/SE – Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

IBGE – Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário

MEC – Ministério da Educação

PDSE – Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior

PEA – População Economicamente Ativa

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

Pnate – Programa Nacional de Transporte Escolar

PNE – Plano Nacional de Educação

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

Pre-Seed – Pré-Universitário da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe

Proder – Programa de Desenvolvimento Rural, Portugal

Pronaf – Programa Nacional de Apoio à Agricultura Familiar

Sebrae – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SEED – Secretaria de Estado da Educação de Sergipe

Senac – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SIGA – Sistema Integrado de Gestão Acadêmica

SNJ – Secretaria Nacional da Juventude

UFS – Universidade Federal de Sergipe

TICs – Tecnologias de informação e comunicação

Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE TABELAS

| | | |
|-----------|---|-----|
| Tabela 1 | População residente no Sertão Sergipano, por município, 2000, 2007, 2010..... | 53 |
| Tabela 2 | População residente no Sertão Sergipano, por município, 2010..... | 54 |
| Tabela 3 | Índices de Desenvolvimento – Alto Sertão Sergipano..... | 54 |
| Tabela 4 | Número de Matrículas na Educação Básica por Modalidade e Etapa de Ensino (Ensino Fundamental – Anos Finais e Ensino Médio), segundo a Dependência Administrativa – Brasil – 2013..... | 108 |
| Tabela 5 | Matrículas no Ensino Médio em relação à população de 15 a 17 anos - Taxas brutas de matrícula e Porcentagem de jovens de 15 a 17 anos matriculados no Ensino Médio – Taxa líquida de matrícula..... | 110 |
| Tabela 6 | Taxas de Rendimento no Ensino Médio, por Dependência Administrativa (Estadual e Privada) – Brasil – 1999/2010..... | 110 |
| Tabela 7 | Taxas de Distorção Idade-Série no Ensino Médio, por Dependência Administrativa – Brasil – 2006/2010..... | 112 |
| Tabela 8 | Total de alunos matriculados em escolas públicas, no ensino médio regular, municípios do sertão sergipano, 2013-2015..... | 120 |
| Tabela 9 | Alunos de origem rural matriculados no ensino médio regular em três escolas públicas do sertão sergipano, 2015..... | 120 |
| Tabela 10 | Total de alunos matriculados em escolas públicas, no ensino médio regular – Municípios do sertão sergipano/DRE 9, 2015, 2014, 2013..... | 122 |
| Tabela 11 | Alunos desistentes e transferidos em escolas do sertão sergipano, 2015. | 123 |
| Tabela 12 | Pessoas de 15 anos ou mais de idade, por frequência à escola, segundo grupos de idade, no sertão sergipano, nos dois municípios pesquisados, Ano 2010..... | 125 |
| Tabela 13 | Idade dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular nos sertão sergipano, 2015..... | 130 |
| Tabela 14 | Idade dos jovens rurais do 3º ano, estudantes do ensino médio regular nos sertão sergipano, 2015..... | 131 |
| Tabela 15 | Respostas dos jovens rurais do sertão sergipano, estudantes do ensino médio regular, à pergunta “Você gosta de estudar?”, 2015..... | 134 |
| Tabela 16 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular, à pergunta “Por que você gosta de estudar?”, 2015..... | 136 |
| Tabela 17 | Respostas dos jovens rurais do sertão sergipano, estudantes do ensino médio regular, à pergunta “Você gosta de ir à escola?”, 2015..... | 138 |
| Tabela 18 | Respostas dos jovens rurais do sertão sergipano, estudantes do ensino médio regular, à pergunta “Seus parentes aprovam e o(a) apoiam para que você estude?”, 2015..... | 147 |
| Tabela 19 | Respostas dos jovens rurais do sertão sergipano, estudantes do ensino médio regular, à pergunta “Se seus parentes não aprovassem e não o(a) apoiassem nos estudos, o que você faria?”, 2015..... | 149 |
| Tabela 20 | Respostas dos jovens rurais do sertão sergipano, estudantes do ensino médio regular, à pergunta “Você já repetiu de ano?”, 2015..... | 153 |
| Tabela 21 | Número de reprovações durante a vida escolar de jovens rurais do sertão sergipano, estudantes do ensino médio regular, 2015..... | 154 |

| | | |
|-----------|--|-----|
| Tabela 22 | Respostas dos jovens rurais do sertão sergipano, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas, à pergunta: “Qual o motivo da reprovação ou das reprovações?”, 2015..... | 155 |
| Tabela 23 | Respostas dos jovens rurais do sertão sergipano, estudantes do ensino médio regular, à pergunta “Você se considera um bom aluno?”, 2015... | 156 |
| Tabela 24 | O sentido de ser um bom aluno para os jovens rurais do sertão sergipano, estudantes do ensino médio regular, 2015..... | 157 |
| Tabela 25 | As disciplinas do terceiro ano que os jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, mais gostam, 2015..... | 161 |
| Tabela 26 | As disciplinas do terceiro ano que os jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, menos gostam, 2015..... | 162 |
| Tabela 27 | Respostas dos jovens rurais do sertão sergipano, estudantes do ensino médio regular, à pergunta “Estudar até o ensino médio o(a) qualificou?”, 2015..... | 166 |
| Tabela 28 | Em que o ensino médio regular qualificou jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, apenas os que responderam sim, 2015..... | 167 |
| Tabela 29 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Se fosse escolher uma escola para estudar, qual seria e onde se localiza?”, 2015..... | 172 |
| Tabela 30 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Faz diferença estudar em uma escola na cidade ou em uma escola no campo?”, 2015..... | 176 |
| Tabela 31 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “O fato de morar no campo dificulta seus estudos?”, 2015..... | 179 |
| Tabela 32 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Existe algum assunto ou matéria que você considera difícil de aprender?”, 2015..... | 181 |
| Tabela 33 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Se você respondeu sim, qual é esse assunto ou matéria?” 2015..... | 181 |
| Tabela 34 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você sente ou já sentiu alguma dificuldade na escola?”, 2015..... | 183 |
| Tabela 35 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Se respondeu sim na resposta anterior, em relação a quais dos seguintes elementos você sentiu ou sente dificuldades?”, 2015..... | 186 |
| Tabela 36 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você fez ou faz alguma coisa para superar as dificuldades?”, 2015..... | 186 |
| Tabela 37 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Quando sente dificuldades na escola, alguém o(a) ajuda a superá-las?”, 2015..... | 189 |
| Tabela 38 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Quando sente dificuldades na escola, quem o(a) ajuda a superá-las?”, 2015..... | 190 |

| | | |
|-----------|--|-----|
| Tabela 39 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Com o que aprende na escola o que você pode fazer no seu dia a dia, na sua casa, no seu trabalho?”, 2015..... | 192 |
| Tabela 40 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Com que frequência você estuda?”, 2015..... | 195 |
| Tabela 41 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você costuma ler?”, 2015..... | 196 |
| Tabela 42 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Quais são seus planos para quando terminar o ensino médio?”, 2015..... | 201 |
| Tabela 43 | Se os jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, veem algum obstáculo aos seus planos após conclusão do ensino médio, 2015..... | 206 |
| Tabela 44 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você já pensou em empreender um negócio, ou seja, ter um negócio próprio?”, 2015..... | 207 |
| Tabela 45 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Em caso afirmativo, o que você gostaria de fazer?”, 2015..... | 208 |
| Tabela 46 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “O assunto “empreendedorismo” foi discutido na escola durante o ensino médio?”, 2015..... | 209 |
| Tabela 47 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Se pudesse escolher, no futuro, gostaria de...”, 2015..... | 209 |
| Tabela 48 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você já pensou em empreender um negócio, ou seja, ter um negócio próprio?”, 2015..... | 210 |
| Tabela 49 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você conhece alguém com essa profissão?”, 2015..... | 213 |
| Tabela 50 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você já pensou em algum tipo de contribuição que poderia dar ao desenvolvimento de sua região, o sertão?”, 2015..... | 216 |
| Tabela 51 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você acha que mudou depois que ingressou no ensino médio?”, 2015..... | 222 |
| Tabela 52 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você tem acesso às redes sociais?”, 2015..... | 224 |
| Tabela 53 | Ainda sobre as redes sociais, respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Se respondeu sim, a qual ou quais?”, 2015..... | 225 |

| | | |
|-----------|---|-----|
| Tabela 54 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Se você ainda é solteiro, tem vontade de casar?”, 2015..... | 226 |
| Tabela 55 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Se respondeu sim ou talvez, você tem preferência de casar”, 2015..... | 228 |
| Tabela 56 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Se já é casado(da) ou convive com alguém, com que idade contraiu matrimônio ou passou a conviver?”, 2015..... | 229 |
| Tabela 57 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Em caso afirmativo, você casou ou convive...”, 2015..... | 229 |
| Tabela 58 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Mora com seus pais?”, 2015..... | 229 |
| Tabela 59 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você tem filhos?”, 2015..... | 230 |
| Tabela 60 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Quantas pessoas vivem em sua casa? (Responda contando com você)”, 2015..... | 230 |
| Tabela 61 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Quantas irmãs você tem?”, 2015..... | 231 |
| Tabela 62 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Quanto irmãos você tem?”, 2015..... | 231 |
| Tabela 63 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Qual o tamanho da propriedade da sua família?”, 2015..... | 232 |
| Tabela 64 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “A propriedade pertence aos seus pais?”, 2015..... | 233 |
| Tabela 65 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Até quando seus pais estudaram?”, 2015..... | 234 |
| Tabela 66 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “. Seu pai é...”, 2015.... | 234 |
| Tabela 67 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Sua mãe é...”, 2015.... | 235 |
| Tabela 68 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Em relação ao trabalho, seu pai...”, 2015..... | 235 |
| Tabela 69 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Em relação ao trabalho, sua mãe...”, 2015..... | 236 |
| Tabela 70 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Qual a renda mensal dos seus pais?”, 2015..... | 236 |

| | | |
|-----------|---|-----|
| Tabela 71 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Se seus pais são agricultores, quais os principais produtos que eles produzem?”, 2015.... | 237 |
| Tabela 72 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Seus pais possuem gado?”, 2015..... | 237 |
| Tabela 73 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Se respondeu sim...”, 2015..... | 238 |
| Tabela 74 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Se respondeu sim na pergunta anterior, possuem quantas cabeças?”, 2015..... | 238 |
| Tabela 75 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Indique outros animais que são criados pela família, não são só para consumo próprio, mas para venda também”, 2015..... | 239 |
| Tabela 76 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Seus avós eram (ou são) agricultores?”, 2015..... | 240 |
| Tabela 77 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Seus pais são assentados da reforma agrária?”, avós maternos, 2015..... | 240 |
| Tabela 78 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Se seus pais são agricultores, você gostaria de continuar na profissão deles e tomar conta da propriedade?”, 2015..... | 241 |
| Tabela 79 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Das seguintes atividades rurais, o que você sabe fazer?”, 2015..... | 250 |
| Tabela 80 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você gostaria de ser um(a) agricultor(a)?”, 2015..... | 251 |
| Tabela 81 | Relação das respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano sobre posse de gado, assumir a propriedade e ser agricultor, Poço Redondo, 2015..... | 255 |
| Tabela 82 | Relação das respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano sobre posse de gado, assumir a propriedade e ser agricultor, Nossa Senhora da Glória, 2015.... | 255 |
| Tabela 83 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Da lista que segue, o que você tem em casa?”, 2015..... | 258 |
| Tabela 84 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Acontece algum tipo de festa cultural em sua comunidade?”, 2015..... | 259 |
| Tabela 85 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você costuma participar de festas da comunidade?”, dos que responderam sim, 2015.. | 259 |
| Tabela 86 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você gosta de morar no campo?”, 2015..... | 265 |

| | | |
|------------|---|-----|
| Tabela 87 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você tem vontade de morar na cidade?”, dos que gostam de morar no campo, 2015..... | 267 |
| Tabela 88 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você tem vontade de morar na cidade?”, dos que não gostam de morar no campo, 2015..... | 267 |
| Tabela 89 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você tem vontade de morar na cidade?”, todos os jovens pesquisados, 2015..... | 267 |
| Tabela 90 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Na escola, você alguma vez já se sentiu discriminado?”, 2015..... | 271 |
| Tabela 91 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “A forma como você se comunica em casa e a forma como você se comunica na escola são diferentes?”, 2015..... | 274 |
| Tabela 92 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você sente dificuldades em utilizar a linguagem da escola?”, 2015..... | 274 |
| Tabela 93 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você acha que o jeito que as pessoas falam na roça (nos povoados, na zona rural) é errado?”, 2015..... | 275 |
| Tabela 94 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Indique com que frequência você se dedica às seguintes atividades...”, 2015..... | 293 |
| Tabela 95 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Onde e com que frequência você costuma usar o computador?”, 2015..... | 294 |
| Tabela 96 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Na sua família, com que frequência costumam...”, 2015..... | 296 |
| Tabela 97 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Com a sua família, com que frequência você costuma falar sobre...”, 2015..... | 297 |
| Tabela 98 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Sobre seu futuro, até quando você gostaria de estudar?”, 2015..... | 298 |
| Tabela 99 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Até quando é que sua família gostaria que você estudasse?”, 2015..... | 298 |
| Tabela 100 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Que profissão seus pais gostariam que você tivesse?”, 2015..... | 300 |
| Tabela 101 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você concorda?”, 2015..... | 301 |
| Tabela 102 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “O que você considera que vai ser mais provável no seu futuro?”, 2015..... | 301 |

| | | |
|------------|--|-----|
| Tabela 103 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Em que medida você concorda com as seguintes frases em relação ao seu futuro?”, 2015..... | 302 |
| Tabela 104 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Qual o tipo de música que você mais gosta?”, 2015..... | 305 |
| Tabela 105 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Atualmente, você desenvolve algum trabalho remunerado (pago)?”, 2015..... | 306 |
| Tabela 106 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Se não trabalha remunerado (pago) você ajuda em casa fazendo algumas tarefas?”, 2015..... | 307 |
| Tabela 107 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Com que idade você começou a trabalhar recebendo pagamento pelo seu trabalho?”, 2015... | 309 |
| Tabela 108 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você recebe algum tipo de apoio financeiro de programa governamental (como Bolsa Família)?”, 2015..... | 309 |
| Tabela 109 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Qual o tipo de bolsa recebida?”, 2015..... | 309 |
| Tabela 110 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Quem administra o valor recebido?”, 2015..... | 310 |
| Tabela 111 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você pensa em ir embora do sertão?”, 2015..... | 310 |
| Tabela 112 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Marque o que você sabe fazer (pode marcar mais de uma opção)”, 2015..... | 312 |
| Tabela 113 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Tem habilitação (carteira de motorista)?”, 2015..... | 312 |
| Tabela 114 | Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você sente dificuldades de se comunicar, de dar opiniões, de reivindicar seus direitos?”, 2015..... | 313 |

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

| | | |
|----------|---|-----|
| Figura 1 | Mapa dos Territórios de Planejamento do Estado de Sergipe..... | 51 |
| Figura 2 | Nuvem de <i>tags</i> sobre o sentido de ser um bom aluno para jovens rurais do sertão sergipano, estudantes do ensino médio regular, 2015..... | 159 |
| Figura 3 | Nuvem de <i>tags</i> das festas que ocorrem nas comunidades rurais..... | 260 |
| Figura 4 | Nuvem de <i>tags</i> de respostas à pergunta “Qual a melhor coisa no local onde você vive?”..... | 261 |
| Figura 5 | Nuvem de <i>tags</i> de respostas à pergunta “Qual a pior coisa no local onde você vive?”..... | 263 |
| Figura 6 | Nuvem de <i>tags</i> referente à pergunta “Que profissão seus pais gostariam que você tivesse?”..... | 300 |
| Figura 7 | Nuvens de <i>tags</i> referente à pergunta “Quais são suas comidas preferidas?”, Total: figura grande e por municípios: figuras menores, sendo que a de cima refere-se a Poço Redondo e a de baixo a Nossa Senhora da Glória..... | 304 |
| Figura 8 | Nuvem de <i>tags</i> referente à pergunta “Para onde”, complementar a “Você pensa em ir embora do sertão?”, 2015..... | 311 |
| Quadro 1 | Distribuição das perguntas do questionário em relação às questões norteadoras desta pesquisa..... | 127 |
| Quadro 2 | Incentivadores e motivadores, algumas falas das entrevistas e grupos focais, 2015..... | 143 |
| Quadro 3 | Respostas categorizadas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “O fato de morar no campo dificulta seus estudos?” – Não dificulta/Às vezes dificulta, 2015..... | 179 |
| Quadro 4 | Respostas categorizadas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “O fato de morar no campo dificulta seus estudos?” – Dificulta, 2015..... | 180 |
| Quadro 5 | Respostas dos jovens rurais, Nossa Senhora da Glória, sobre se ficariam no campo caso tivessem boa renda, grupo focal 1, 2015..... | 245 |
| Quadro 6 | Respostas dos jovens rurais, Nossa Senhora da Glória, sobre se ficariam no campo caso tivessem boa renda, grupo focal 2, 2015..... | 246 |
| Quadro 7 | Respostas dos jovens rurais, Nossa Senhora da Glória, sobre se ficariam no campo caso tivessem boa renda, grupos focais 3 e 4, 2015..... | 247 |
| Quadro 8 | Respostas dos jovens rurais, Nossa Senhora da Glória, sobre se ficariam no campo caso tivessem boa renda, grupos focais 6 e 7, 2015..... | 248 |
| Quadro 9 | Respostas das moças que não gostariam de ser agricultoras, Poço Redondo, 2015..... | 252 |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1 INTRODUÇÃO | 24 |
| 2 SERTÕES ADENTRO: A PLURISSIGNIFICAÇÃO E OS SENTIDOS DESSE ESPAÇO | 34 |
| 2.1 SERTÃO DE ANTANHO E RECONFIGURAÇÕES NO SERTÃO DE HOJE | 41 |
| 2.2 SERTÃO, SEMIÁRIDO, CAATINGA, NORDESTE: LADOS DA MESMA MOEDA .. | 46 |
| 2.3 O SERTÃO SERGIPANO | 50 |
| 2.4 NOVAS RURALIDADES: POSSÍVEIS RESSIGNIFICAÇÕES DO SENTIDO DO MEIO RURAL COMO ESPAÇO EMINENTEMENTE AGRÁRIO | 55 |
| 3 JUVENTUDE: A CONSTRUÇÃO DE UMA CATEGORIA | 63 |
| 3.1 QUESTÕES JUVENIS: EDUCAÇÃO, TRABALHO, DIPLOMAS, SUJEITOS DE DIREITO, SUJEITOS DE CONSUMO | 74 |
| 3.2 DESEJOS, DEMANDAS E DILEMAS DA JUVENTUDE RURAL: SAIR, FICAR OU O MELHOR DOS DOIS MUNDOS | 81 |
| 4 O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DOS MAIS JOVENS | 90 |
| 4.1 CONCEPÇÕES SOBRE O PAPEL DA ESCOLA: DISCURSOS PEDAGÓGICOS E ALGUMAS CRÍTICAS | 91 |
| 4.2 EDUCAÇÃO, CONSUMO E DISTINÇÃO: FORMAÇÃO COMO BEM POSICIONAL | 95 |
| 4.3 ENSINO MÉDIO NO BRASIL: O ESPAÇO PARA OS JOVENS RURAIS NO ACESSO À EDUCAÇÃO BÁSICA | 102 |
| 5 CAMINHOS DA PESQUISA: MÉTODO, CAMPO E POPULAÇÃO | 119 |
| 5.1 ESCOLAS PÚBLICAS DE ENSINO MÉDIO NO SERTÃO SERGIPANO | 121 |
| 5.2 NÚMERO DE ESTUDANTES RURAIS MATRICULADOS NO ENSINO MÉDIO REGULAR EM ESCOLAS PÚBLICAS | 123 |
| 5.3 OS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS E SUA APLICAÇÃO | 125 |
| 5.4 PERFIL DOS JOVENS RURAIS PESQUISADOS | 129 |
| 5.4.1 Idade e distorção idade-série | 129 |
| 5.4.2 Local de moradia | 132 |
| 6 O SENTIDO DA ESCOLARIZAÇÃO E DO PAPEL DA ESCOLA | 134 |
| 6.1 GOSTAR DE ESTUDAR | 134 |
| 6.2 GOSTAR OU NÃO DE IR À ESCOLA | 137 |
| 6.3 MOTIVAÇÃO PARA CONTINUAR ESTUDANDO | 141 |

| | |
|---|------------|
| 6.4 A APROVAÇÃO DOS PARENTES | 147 |
| 6.5 REPETÊNCIA ESCOLAR | 152 |
| 6.5.1 Quantidade de reprovações | 154 |
| 6.5.2 O “motivo” da reprovação..... | 154 |
| 6.6 O SENTIDO DE SER UM BOM ALUNO PARA OS JOVENS RURAIS..... | 156 |
| 6.7 AS MATÉRIAS DE QUE MAIS GOSTAM | 160 |
| 6.8 MATÉRIAS DE QUE NÃO GOSTAM..... | 161 |
| 6.9 A “ESCOLHA” PELO ENSINO MÉDIO REGULAR..... | 163 |
| 6.10 ENSINO MÉDIO E “QUALIFICAÇÃO” | 165 |
| 6.11 UMA ESCOLA PARA ESTUDAR E SUA LOCALIZAÇÃO | 171 |
| 6.12 ESCOLA DA CIDADE <i>VERSUS</i> ESCOLA DO CAMPO | 176 |
| 6.13 ESTUDAR <i>VERSUS</i> MORAR NO CAMPO | 178 |
| 6.14 DIFICULDADE NA ESCOLA | 180 |
| 6.15 O QUE SE APRENDE NA ESCOLA E O DIA A DIA NO CAMPO | 190 |
| 6.16 HÁBITOS DE ESTUDO E DE LEITURA..... | 194 |
| 7 EXPECTATIVAS ESCOLARES E PROFISSIONAIS..... | 200 |
| 7.1 PLANOS APÓS A CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO | 200 |
| 7.2 FUTURO PROFISSIONAL | 210 |
| 7.3 A MINHA TERRA, O MEU LUGAR – PROTAGONISMO JUVENIL..... | 215 |
| 8 CONCEPÇÕES DE IDENTIDADES | 221 |
| 8.1 ENSINO MÉDIO EM ESCOLAS URBANAS, MUDANÇAS PESSOAIS, IDENTIDADES EM (DES)CONSTRUÇÃO | 222 |
| 8.2 ACESSO ÀS REDES SOCIAIS | 224 |
| 8.3 PERSPECTIVAS MATRIMONIAIS | 225 |
| 8.4 FAMÍLIA | 229 |
| 8.5 PROPRIEDADE FAMILIAR: TAMANHO E POSSE | 231 |
| 8.6 OS PAIS: ESCOLARIZAÇÃO, OCUPAÇÃO, TRABALHO E RENDA..... | 233 |
| 8.7 VIDA DE PRODUTOR FAMILIAR | 237 |
| 8.8 IDENTIDADE DE AGRICULTOR FAMILIAR | 239 |
| 8.9 SER AGRICULTOR(A) | 250 |
| 8.10 MORAR NO CAMPO OU NA CIDADE..... | 257 |
| 8.11 DISCRIMINAÇÃO..... | 270 |
| 8.12 COMUNICAÇÃO..... | 272 |
| 8.13 SER UM(A) SERTANEJO(A)..... | 281 |

| | |
|---|----------------|
| 9 INDIVIDUALIZAÇÕES | 292 |
| 9.1 COMO O JOVEM RURAL PESQUISADO OCUPA SEU TEMPO..... | 292 |
| 9.2 APOIO À ESCOLARIZAÇÃO..... | 295 |
| 9.3 ATITUDES DIANTE DO FUTURO | 301 |
| 9.4 OS GOSTOS MUSICAIS E GASTRONÔMICOS | 303 |
| 9.5 TRABALHO E PROGRAMAS DE TRANSFERÊNCIA DE RENDA..... | 306 |
| 9.6 IR EMBORA DO SERTÃO..... | 310 |
| 9.7 SABER FAZER E REIVINDICAR | 312 |
| CONCLUSÃO..... | 321 |
| REFERÊNCIAS | 333 |
| APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO..... | 347 |
| APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO | 359 |
| APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA | 360 |

1 INTRODUÇÃO

A frase escolhida para abrir o título desta tese foi “no sertão da minha terra”, uma referência a *Morro Velho*, canção de Milton Nascimento (1965) que conta a história do *filho do branco* e do *filho do negro*, garotos que crescem juntos em uma fazenda, brincando nas plantações, correndo atrás de passarinhos e pescando no riacho. Porém, certo dia o filho do “senhor” vai estudar na cidade grande e, “quando volta, já é outro”: traz uma “sinhazinha” para apresentar a família, tem nome de doutor e é aquele que vai mandar na fazenda do pai; enquanto o filho do negro, o camarada das brincadeiras infantis já não brinca, mas trabalha.

Como em *Morro Velho*, a pesquisa que dá base a esta tese também foi realizada em um sertão – visto que há vários sertões em nosso Brasil, não é o mesmo da canção, certamente o mineiro –, mas o nordestino, no Estado de Sergipe. Também não foi pesquisado *filho do branco* que vai estudar em cidade grande, mas os filhos e as filhas, sobretudo de agricultores familiares, que, diferentemente do *filho do negro* que não teve oportunidade de estudar, cursam o ensino médio na sede municipal de seus municípios ou de municípios vizinhos.

Logo, esta pesquisa teve como objetivo geral investigar o sentido que jovens rurais sertanejos, estudantes do último ano do ensino médio regular, conferem à experiência de escolarização e ao papel da escola em seu processo formativo, suas expectativas escolares e profissionais e seus discursos sobre identidade e individualizações. Com este trabalho, busca-se contribuir para a discussão acerca da juventude rural, interesse principiado desde o início dos anos 2000 a partir da vivência desta autora no meio rural do sertão sergipano, do seu contato com jovens do lugar e da constatação da escassa produção acadêmica referente a essa temática nesse espaço, que culminou em uma dissertação¹ de mestrado em educação, cuja defesa ocorreu em 2012.

Ao concluir a dissertação do mestrado, ciente de que “a luz dos grandes problemas culturais desloca-se para mais além” (WEBER, 2001, p. 154), propôs-se a continuar na mesma linha de estudo no doutorado, com o objetivo de entender melhor as questões já pesquisadas sobre a juventude rural ao confrontá-las a novos dados, bem como aprofundar os estudos desse grupo específico ainda pouco (re)conhecido cientificamente e pouco visível para a sociedade urbana e os formuladores de políticas públicas.

¹ MENEZES, Isabela Gonçalves de. *Jovens rurais no sertão sergipano: escolarização e identidades culturais*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação/Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão (SE), 2012.

Como a pesquisa do mestrado investigou a interface entre escolarização no ensino médio em escolas urbanas e as identidades de jovens rurais estudantes em escolas de Nossa Senhora da Glória, município que, embora enquadrado como de pequeno porte², é o mais moderno e o mais urbanizado do sertão sergipano, ficou a indagação quanto às identidades dos jovens rurais dos demais municípios dessa região. Desse modo, a proposta pensada para esta tese foi de ampliação e aprofundamento da dissertação e, do mesmo modo que no mestrado, procurou-se analisar o sentido que jovens rurais conferem à sua experiência de escolarização no ensino médio regular em escolas urbanas, problematizando e integrando essa dimensão aos impactos em suas identidades, às expectativas profissionais e suas implicações para a sustentabilidade da agricultura familiar. A continuidade desse modo de vida e de produção tem em vista do fato de os jovens pesquisados serem, em sua maioria, filhos de agricultores³.

A fim de ter uma visão ampliada do papel da escola, das expectativas profissionais e das identidades juvenis no sertão sergipano, além de Nossa Senhora da Glória, pesquisou-se em Poço Redondo, município cuja população está mais distribuída no meio rural. Decorreu ainda a ideia de se focar as individualizações, uma vez que a escolarização dos jovens parece ser um importante fator que faz o jovem rural considerar a perspectiva de continuação dos estudos em nível superior, a possibilidade de prestar concursos públicos e, assim, a construção de planos de migração para carreiras mais urbanas, com o consequente afastamento das atividades agrícolas desenvolvidas pelos pais, embora tendo como pano de fundo as dificuldades e os desafios do meio rural.

Na elaboração da problemática, foram eleitas três categorias que se relacionam entre si e com a questão central deste estudo: a *juventude*, como construção social e política; a *escola*, com ênfase nos discursos sobre seu papel; e *identidades* dos indivíduos em uma região que passa por muitas transformações. Baseando-se na concepção de que as identidades nacionais ou regionais – tratadas como comunidades imaginadas, construídas por meio de histórias, memórias e imagens legitimadas pelo poder da tradição, das instituições e dos organismos hegemônicos, apresentadas como uma totalidade – consistem em um discurso constituído de sentidos, com os quais os indivíduos podem se identificar (HALL, 2006), admitiu-se, neste trabalho, que nos sertões do Nordeste brasileiro houve a construção de uma identidade,

² Consideram-se “de pequeno porte os municípios que têm simultaneamente menos de 50 mil habitantes e menos de 80 hab/km²” (VEIGA, 2003, p. 34).

³ Alguns jovens pesquisados apenas residem no meio rural; mas a maior parte dos pesquisados são filhos e filhas de produtores familiares.

denominada por Abreu (1963) de “civilização do couro”, voltada à criação de bovinos que, segundo Queiroz (1994-95), foi trazida pelos portugueses e introduzida na região.

A cultura de criação de gado para dentro do litoral, em uma região de clima semiárido e de vegetação adusta, culminou no desenvolvimento de um discurso de identidade sertaneja e, conseqüentemente, do sertanejo como homem desbravador, rude e forte. Devido ao distanciamento do litoral, também foi fomentada a diversidade cultural sertaneja patente em aspectos como alimentação, arte, literatura e musicalidade, elementos formadores de uma identidade ao menos durante certo tempo, porque se as identidades são discursos, elas são, pois, flexíveis e mutáveis por natureza.

Desse modo, nesse espaço já se deparam mudanças como a forte fragmentação fundiária – lotes muitas vezes tão pequenos que não faz sentido dividi-los para as novas gerações –, famílias pequenas – algumas com apenas um filho –, novas ruralidades e reconfigurações da agricultura familiar, tanto pelas dificuldades inerentes ao semiárido brasileiro quanto pelas recentes questões relacionadas à sucessão hereditária⁴, ou seja, quem vai assumir a propriedade. Tudo isto traz implicações às identidades locais.

É, sobretudo, nesse aspecto que esta tese se detém, ao buscar relacioná-lo à escolarização de jovens rurais no ensino médio em escolas urbanas; por considerar que os jovens acumulam identidades como as de filhos de agricultores familiares, de sertanejos e de estudantes; e suas identidades são construídas, desconstruídas e reconstruídas quando lhes são propostas situações por vezes contraditórias⁵, quando são afetados por políticas públicas.

Outra questão importante reside na relação entre escolarização no ensino médio, com possibilidade de posterior ingresso no nível superior, e a reprodução da identidade de agricultor familiar, não somente na região desta pesquisa. Nos anos 90, a partir de pesquisas realizadas em espaços “rurbanos” das regiões Sul e Sudeste do país, Carneiro (1998a) já questionava se a migração temporária, ou seja, o deslocamento de jovens rurais para a cidade com o objetivo de

⁴ No sertão desta pesquisa, as famílias estão cada vez menores. Já não se vê mais casais com dez ou mais filhos como era comum no passado. Há famílias com dois e até um filho. Diante da saída do jovem para cursar faculdade ou trabalhar em cidades, pais e mães podem não ver mais sentido em manter o lote, pois sendo este de base familiar, sem os filhos não dão conta sozinhos das atividades voltadas à pecuária leiteira – o forte da região – que requer mão de obra mais intensiva. Quem cuida de gado de leite não tem feriado, já que todo dia os animais precisam ser alimentados e as vacas ordenhadas. Em pequenas propriedades, como as dos sujeitos desta pesquisa, a ordenha geralmente é manual. Diante da dificuldade de tocar a atividade no campo sozinhos, há produtores que terceirizam o plantio do milho e ou reduzem o rebanho. Os jovens, por sua vez, têm seus planos e isso não significa necessariamente ser agricultor e assumir a propriedade rural familiar.

⁵ Um exemplo: quando pais requerem que os filhos permaneçam na terra para auxiliar na lida diária do campo, não obstante também os incentivem a migrar em busca de melhores oportunidades de vida e trabalho. Este tema será retomado no capítulo que trata das expectativas escolares e profissionais.

estudar geraria sentimentos de pertença múltiplos, bem como a possibilidade da construção de individualidades e realização de projetos pessoais que poderiam ir de encontro ao compromisso familiar de dar continuidade às atividades agrícolas.

A despeito dessa expectativa de individualização e realização pessoal, de modo geral, não se diferenciar da de jovens urbanos, o que a singulariza é o fato de que filhos e filhas de agricultores familiares possivelmente se tornarão os sucessores dos pais na unidade produtiva. Não obstante, quando optam por profissão diferente ou moradia em outro local, indicam um cenário de incertezas sobre o futuro da agricultura familiar e levantam a questão da sustentabilidade desse modo de produção.

Partindo-se do que já se sabe, uma das perspectivas dos jovens é a ida à escola com o objetivo de um futuro promissor por meio de um emprego e da autonomia financeira. Se o jovem atravessa uma fase da infância para a maturidade quando quer se afirmar e ter independência financeira; o do meio rural do sertão sergipano vive em um território que passa por transformações e tem priorizado projetos pessoais em contraposição à perpetuação da herança paterna. Todavia, tais escolhas não significam que desgostam do meio rural ou queiram se afastar dos familiares (MENEZES, 2012).

Apresentados por Weisheimer (2005) em estado da arte sobre a juventude rural, estudos evidenciam que a migração de jovens rurais para as cidades seria minimizada se, durante o processo educacional, eles fossem capacitados a fim de que, por meio de seus conhecimentos, contribuíssem para o desenvolvimento social e econômico de sua região. Como consequência, possivelmente, mostrar-se-iam mais dispostos a continuar trabalhando no campo, fortalecendo suas identidades como agricultores familiares ou como empreendedores rurais.

Pode-se, então, argumentar que o jovem rural não deveria frequentar a escola urbana, mas uma escola do campo; no entanto, estas ainda não são suficientes para todos no meio rural. Além disso, este posicionamento é criticado primeiro por tratar de educação contextualizada e por não considerar outros fatores, como a própria atração das cidades; e, em segundo lugar, por não ressaltar que querer o “melhor dos dois mundos” (ABRAMO, 2007) também surge como opção para uma parcela de jovens rurais.

Entretanto, em alguns países, verifica-se uma fixação de alguma população jovem escolarizada em meio rural. Isso pode ser observado nos Estados Unidos, em Portugal e na França, onde pessoas escolarizadas, inclusive com nível superior, estão indo morar e desenvolver empreendimentos no meio rural. Segundo Stropasolas (2006), a França apoia o desenvolvimento territorial, a valorização da agricultura e das identidades locais por intermédio

de uma política implantada desde o final da Segunda Guerra Mundial, com ênfase a partir dos anos 70, para repovoamento de áreas não aproveitadas pela agricultura intensiva.

Em Portugal, diante de programas que capacitam jovens, sejam rurais ou urbanos, para se tornarem agricultores, já se noticia grande adesão; pois, desde 2007, foram aprovados mais de 7.000 novos projetos, o que corresponde à instalação de 5.500 jovens agricultores. Em 2012, registraram-se 3.374 candidaturas válidas, das quais foram aprovadas 2.025, com média mensal de 280 candidaturas; ademais, há cada vez mais jovens com nível superior apostando no setor agrícola (CRUZ, 2013).

Resta a indagação se esse princípio de “contraciclo” cidade-campo não será uma mera contingência, resultado de os jovens não obterem um emprego na cidade, por exemplo, devido à crise econômica e às altas taxas de desemprego na Europa. Aliás, pergunta-se até mesmo se já haveria, de fato, uma tendência de que pudesse vir a ser denominada de contraciclo. Se bem que, apesar de ter sido apresentado o exemplo de um país europeu, não seria difícil acreditar que, atrelado a uma perspectiva de renda, o retorno e estabelecimento de jovens no meio rural se dê, inclusive, por apreciarem a vida no campo.

No espaço empírico desta pesquisa, a ausência de análises mais definidoras das relações entre escolarização, expectativas de vida e identidades foram justificativas para a escolha deste tema, visto que suscita vários questionamentos. Como seria impossível esta pesquisadora de doutorado em trabalho de pesquisa individual dar conta da juventude rural de toda uma região, optou-se por pesquisar jovens rurais que chegaram ao último ano do ensino médio, a fim de relacionar sua trajetória escolar às expectativas de futuro e, com isso, obter um panorama da realidade juvenil escolarizada da região.

Assim, coloca-se como questão central desta tese: Que sentido os jovens rurais do sertão sergipano, estudantes do ensino médio regular atribuem à escolarização e ao papel da escola e que expectativas profissionais e discurso sobre individualizações e identidade possuem?

Por esta questão ser uma pergunta mais genérica, foi desdobrada em quatro questões norteadoras: Que sentido os jovens rurais dão a experiência de escolarização e ao papel da escola em sua formação? Que expectativas escolares e profissionais estão construindo? Que concepções de identidade possuem? Que discursos têm relativamente a processos de individualização?

Ao iniciar esta pesquisa, partiu-se da hipótese de que os jovens rurais do sertão sergipano, estudantes do último ano do ensino médio, apesar das dificuldades, perseveraram em busca da escolarização porque veem no processo educativo uma oportunidade de preparação para continuar os estudos ou trabalhar. Presume-se que eles não têm uma concepção de

identidade sertaneja; consideram ser necessário migrar para melhoria de vida; bem como não recebem uma formação para atuação em suas comunidades com vistas ao desenvolvimento destas. Perpetua-se, desse modo, a representação culturalmente construída de que o mundo rural não é espaço para quem estudou, ao passo que os alunos de destaque devem ir para cidades maiores, onde terão melhores oportunidades.

Acima de tudo, objetiva-se ouvir e registrar os discursos do jovem rural do sertão sergipano, agente ainda pouco pesquisado. Considerando-se que para expressar o que pensa o jovem precisa ter construído um sentido sobre o mundo, o papel da escola, o sertão e o meio rural onde vive; buscou-se investigar o sentido e as contradições vivenciadas pelo jovem rurais no seu universo de sentido⁶. Para Charlot, têm sentido palavras, enunciados e acontecimentos que possam ser relacionados em um sistema, “faz sentido para um indivíduo algo que lhe acontece e que tem relação com outras coisas de sua vida, coisas que ele já pensou, questões que ele já se propôs” (CHARLOT, 2000, p. 64).

A socialização do jovem pesquisado ocorre no meio rural familiar e na escola urbana e, a partir de cada experiência individual, tem-se sua produção de sentidos, a partir do confronto entre universos, vozes e códigos simbólicos distintos, resultando na construção de significados, adotados como lugar de fala de cada um. Esses repertórios, discursos e pontos de vista são histórica e culturalmente construídos, sendo possível relacioná-los ao conceito bourdieusiano de *habitus* como “o princípio gerador de respostas mais ou menos adaptadas às exigências de um campo, é produto de toda a história individual, bem como, através das experiências formadoras da primeira infância, de toda a história coletiva da família e da classe” (BOURDIEU, 2004c, p. 131). Ainda em relação a esse conceito, Bourdieu acrescenta que “o sujeito não é o *ego* instantâneo de uma espécie de *cogito* singular, mas o traço individual de toda uma história coletiva; assim, em outras palavras, *habitus* seriam disposições adquiridas em determinados grupos sociais (BOURDIEU 2004c, p. 132, grifos do autor).

Contudo, baseada na célebre frase do referido autor de que o que torna o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade de palavras e de quem as profere (BOURDIEU, 2007), Mendes (2009) observa que no campo de produção de sentidos é fundamental notar que as palavras e os discursos, bem como os ritos e os emblemas, certamente apoiam a memória e as representações sociais.

⁶ Como esta tese é um aprofundamento e ampliação da dissertação de mestrado desta autora (MENEZES, 2012), optou-se por seguir o mesmo método de pesquisa.

Para Certeau (2014), a linguagem define nossa historicidade, de modo que primordialmente deve ser encarada de modo sério, isso faz com que seja impossível um discurso sair dela, observá-la à distância e afirmar o seu sentido. Em face disso, apresenta o homem ordinário, aquele que inventa o cotidiano com mil maneiras de “caça não autorizada”, escapando silenciosamente a essa conformação. Tal invenção do cotidiano ocorre devido ao que nominou de “artes de fazer”, “astúcias sutis”, “táticas de resistência” que, ao alterarem os objetos e os códigos, estabelecem a (re)apropriação dos espaços e do uso ao jeito de cada um. Esse autor crê na possibilidade de um número sem conta de anônimos abrirem seus caminhos no uso dos produtos impostos pelas políticas culturais, em uma liberdade em que cada um procura viver, do melhor modo possível, a ordem social e a violência das coisas. Confere às práticas o estatuto de objeto teórico, tentando encontrar os meios para “distinguir maneiras de fazer” a fim de pensar estilos de ação, ou seja, busca fazer a teoria das práticas cotidianas dos consumidores, supondo que estas sejam do tipo tático, proposta de uma inversão de perspectiva, de um deslocamento da atenção. Buscar e encontrar sentidos nas artes de fazer dos jovens rurais, suas estratégias e práticas próprias, do inventar o possível, ocupar um espaço de movimentação onde possa surgir uma liberdade também foi intenção deste trabalho.

Na construção do objeto científico, procurou-se, ainda, a partir de orientação de Bourdieu (2007), romper com o senso comum, isto é, com os pontos de vista compartilhados por todos, sejam simples lugares-comuns de todos os dias ou representações oficiais do mundo, muitas vezes inscritas nas instituições e, conseqüentemente, nos cérebros. Daí a importância da noção de *campo*, pois segundo o referido autor, este atuará como um sinal. Deve-se, portanto, verificar que o objeto em questão não está isolado de um conjunto de relações de que retira o essencial de suas propriedades. Assim, a título de primeira ordem, a inclinação primária a pensar a sociedade de maneira realista deve ser combatida por todos os meios, pois há que se pensar relacionalmente. Bourdieu conclui que “se é verdade que o real é relacional, pode acontecer que eu nada saiba de uma instituição acerca da qual eu julgo saber tudo, porque ela nada é fora das suas relações com o todo” (BOURDIEU, 2007, p. 31).

Com efeito, buscou-se refletir acerca das fontes do sentido dos sujeitos pesquisados nos contextos socioeconômico e escolar, isto é, em um duplo processo: uma pesquisa qualiquantitativa e compreensiva do sentido e aprofundamento, de tipo sociológico, do contexto em que esse sentido é construído.

Quanto à coleta de dados, as escolas foram visitadas no início do ano letivo 2015 para se efetuar um levantamento, por ano cursado e por gênero, do número de jovens rurais matriculados nas três séries do ensino médio. No final do mesmo ano letivo, fez-se um segundo

levantamento, a fim de se obter dados referentes à desistência e à evasão escolar, os quais serão apresentados no quarto capítulo.

O universo de estudo é composto de jovens rurais estudantes do último ano do ensino médio regular em escolas públicas urbanas de Nossa Senhora da Glória e Poço Redondo. Em Poço Redondo há duas escolas de ensino médio em povoados, porém não foram pesquisadas, enfatizando-se as escolas urbanas. No ano letivo 2015, a coleta de dados foi realizada em três escolas – duas em Nossa Senhora da Glória e uma em Poço Redondo – e levou dois semestres para a execução do trabalho de campo e análise de dados.

A coleta por meio de questionário – composto de 122 perguntas fechadas e abertas, algumas com desdobramentos – contemplou 80 jovens rurais. Em uma segunda etapa, foi realizada nova coleta de dados aos mesmos jovens, dessa vez através de sete grupos focais e duas entrevistas. Quando da visita para a realização de grupos focais, em um dos turnos não houve quantidade suficiente de jovens rurais para formação de grupo focal, de modo que foram realizadas entrevistas a três moças, sendo uma entrevista individual no Colégio Estadual Manoel Messias Feitosa e uma entrevista em dupla no Colégio Estadual Cícero Bezerra. Os sete grupos focais realizados tiveram, ao todo, 55 participações porque, quando do retorno às escolas, parte dos 80 jovens que havia respondido o questionário não estava presente e outra se absteve de participar dos grupos. Ao questionário e às entrevistas juntaram-se fontes secundárias de pesquisa, como estatísticas oficiais.

No tocante aos cuidados éticos na pesquisa, os participantes assinaram o termo de consentimento informado, além de terem sido reiteradamente avisados sobre o objetivo deste estudo e o sigilo de seus nomes. Os jovens rurais responderam ao questionário e participaram de entrevistas e grupos focais em locais reservados, sem a presença de professores e ou funcionários das escolas. Cada jovem e seu respectivo questionário recebeu um código próprio e apenas esta pesquisadora tem acesso aos dados e aos nomes dos respondentes. As entrevistas e grupos focais foram gravados com a autorização dos pesquisados; porém, os jovens não foram identificados por seus nomes durante as gravações em áudio, mas por números. Os nomes dos jovens e respectivos números foram registrados à parte, em caderno de campo.

Na etapa de levantamento de trabalhos sobre a escola e o meio rural, tomou-se conhecimento da tese *A escola e o futuro do mundo rural* (AMIGUINHO, 2008), defendida no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Portugal. A partir de sua leitura, despertou-se o interesse de conhecer mais a realidade do Alentejo, *lócus* de pesquisa da referida tese, por considerar que há algumas similitudes entre essa região e o sertão nordestino. Em 2014, esta autora obteve uma bolsa PDSE da Capes para doutoramento sanduíche na Universidade de

Lisboa. Nessa oportunidade, o professor Abílio Amiguinho foi contatado e, posteriormente, entrevistado na Escola de Educação do Instituto Politécnico de Portalegre. Ademais, durante o estágio em Portugal, buscou-se conhecer políticas públicas voltadas para jovens agricultores naquele país – a exemplo do Programa *Impulso Jovem* –, relacionando-as à inserção dos jovens no empreendedorismo e no mercado de produtos e serviços no meio rural. A Associação dos Jovens Agricultores de Portugal (AJAP) foi visitada e, nessa oportunidade, obteve-se um exemplar do relatório *A instalação de jovens agricultores: fatores que determinam o sucesso* (AJAP, 2012). O Instituto de Emprego e Formação Profissional e o Instituto Português de Juventude e Desporto – órgãos vinculados à Secretaria de Estado da Juventude – foram visitados, onde se obteve um exemplar do Regulamento específico do Programa *Impulso Jovem – Medidas Passaportes Emprego* que trata de medidas que objetivam melhorar o perfil de empregabilidade de jovens que procuram emprego.

Ao refletir sobre como organizar a problemática desta tese a respeito do sertão, das identidades e das políticas educativas, a inspiração veio d’*Os sertões*, de Euclides da Cunha (2010), obra estruturada em três partes: *a terra, o homem e a luta*; de modo que três capítulos deste trabalho que conformam o que comumente se chama de revisão de literatura, na verdade é uma espécie de metatexto, uma bricolagem do que foi possível coletar e *reorganizar* acerca do que já foi pesquisado e dito: primeiro, sobre *o sertão*; segundo, sobre *a juventude*, com ênfase nos jovens rurais e aplicação de pesquisa anteriormente conduzida por esta autora em seu mestrado; e, terceiro, a respeito do *papel da escola e políticas educativas*. Em outras palavras, a problemática pode ser considerada o tripé que embasa este trabalho, oferecendo um panorama inicial do universo de estudo e dos municípios deste específico sertão escolhido como espaço empírico.

O segundo capítulo disserta sobre o sertão sergipano, suas características socioeconômicas, o porquê da denominação de sertão, como a agricultura familiar se configurou nesse local e como os agricultores familiares se comportam em face das novas ruralidades. O terceiro capítulo trata da juventude e da juventude rural, esta considerada até pouco tempo “invisível” em virtude da escassez de pesquisas pertinentes ao tema no Brasil. É certo que, como afirma Savage (2009), o século XX foi marcado por irreversíveis transformações culturais e que uma delas se refere à valorização da juventude a qualquer custo, a partir de 1945, quando teve início a *teenage*. No entanto, a juventude valorizada da qual esse autor fala é a urbana, consumidora, alvo do interesse do mercado e, como lembram Catani e Gilioli (2008), objeto de preocupação dos Estados e de setores sociais, principalmente com relação à educação, ao trabalho e à delinquência. De outro lado, no meio rural, além de a

juventude ser pouco significativa como etapa social da vida, ainda é gritante a ausência de políticas para esse segmento específico.

Abordam-se, ainda, as diferentes concepções relacionadas ao conceito de juventude, desde o sociológico, o político e o econômico, pois cada política trabalha esse conceito de modo diferente e algumas, inclusive nacionalmente, divergem até mesmo acerca da delimitação da faixa etária. Também discute a respeito da responsabilidade imposta aos jovens, porque ora são irresponsáveis e nada sabem, ora têm de dar conta do mundo e, portanto, vivenciam esse limite entre cobranças e discriminações. Por outro lado, alguns se mobilizam e já estão se configurando como atores políticos ao começarem a lutar por sua condição de vida; enquanto vale de antemão uma crítica de que o apoio à juventude tem sido usado como plataforma política, tanto por partidos como pelos próprios políticos que esperam se mostrar ao eleitorado, especialmente os jovens, como atuantes e interessados pelos problemas da juventude. No que tange ao jovem rural do sertão sergipano, é aquele a quem é confiado o futuro da agricultura familiar de seu território e, simultaneamente, ele e seus pais desejam mudar de vida.

Uma vez que os jovens desta pesquisa são estudantes e esta tese de doutorado é da área de educação, o quarto capítulo foi dedicado ao papel da escola que, ao longo dos anos, sempre priorizou o mundo urbano em detrimento do meio rural, buscando-se mapear essa ideia por meio das concepções de alguns pensadores importantes sobre a educação ocidental. Discutiu-se ainda sobre educação, consumo e distinção, bem como sobre o espaço para os jovens rurais no acesso à educação básica no Brasil.

O quinto capítulo aborda a metodologia, com delineamento dos procedimentos adotados na elaboração e aplicação da pesquisa, bem como o perfil dos jovens pesquisados quanto à idade, ao local de moradia e ao estado civil, dentre outros aspectos.

Do sexto ao nono capítulo, são apresentadas a observação e a interpretação dos dados da pesquisa, com discussão sobre a escolarização dos jovens rurais, suas identidades culturais e expectativas de futuro, concentradas nos tipos de cultura a que os sujeitos pesquisados têm acesso; suas relações com o saber escolar e o saber local; enfatizando-se a discussão referente às individualizações juvenis por meio da escolarização. Espera-se contribuir para o debate sobre a escolarização da juventude rural, sobretudo ao investigar o sentido que os jovens rurais conferem ao papel da escola, suas expectativas de vida, suas identidades culturais e o desenvolvimento, tanto o pessoal, como o econômico e social da região onde vivem e poderão vir a desempenhar o papel de futuros protagonistas.

2 SERTÕES ADENTRO: A PLURISSIGNIFICAÇÃO E OS SENTIDOS DESSE ESPAÇO

Caiporismo. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, seu Gaudêncio. Hum! Entretido, nem ouvi a salvação de vossemecês. Que estrago! Para sempre seja louvado, seu Libório. Como vai essa gordura? Boa noite, seu Firmino. Tome assento (RAMOS, 2007, p. 65).

Nesta tese, cujo espaço empírico é o sertão sergipano, o uso do vocábulo *sertão* exige uma contextualização, pois este é um conceito fluido, escorregadio e sujeito a diferentes interpretações, já que as discussões e representações a seu respeito, nas mais distintas áreas, seja na literatura, no pensamento social, no planejamento governamental, na pesquisa universitária ou no discurso cotidiano são multifacetadas por terem variados objetivos e serem recuperadas, a cada vez, em distintas perspectivas (VICENTINI, 2007). O intuito, neste caso, é uma tentativa de objetivação da construção de um sentido que se quer resgatar; advertindo-se, de antemão, que as “definições do Sertão não se excluem, antagonizam-se e complementam-se” (ARAÚJO, 2009, p. 40).

Discutir sobre o sertão – ou os sertões – é gratificante em virtude de sua riqueza histórico-cultural e, dessa forma, sempre se terá muito a pesquisar. Tal qual os bandeirantes e os colonizadores que adentraram o “território das secas”, nas próximas linhas buscar-se-á esboçar essa imensidão, embora consciente da complexidade desta tarefa, pois, conforme Amado (1995), além de particularidades espaciais, físicas e ambientais, o sertão apreende uma categoria do pensamento social e de categoria cultural. Para dar uma ideia, se fosse requerido a um sertanejo do meio rural, a um cidadão, a um poeta ou a um habitante do sul do Brasil que descrevessem essa região, as respostas certamente seriam diversificadas, estereotipadas e jamais conseguiriam expressar em sua totalidade a dimensão com a qual esse espaço é representado, quer seja no senso comum, na literatura, nas artes e na história.

Inicialmente, o sertão evoca lugar ermo, distante e pouco civilizado; inclusive é definido assim nos dicionários de língua portuguesa. O *Dicionário Aulete*, por exemplo, o verbetiza como região do interior do Brasil, longe dos centros urbanos e das zonas agrícolas; região agreste e árida, especialmente a caatinga nordestina. Quanto à sua origem, Queiroz (1994-95) afirma que o termo é uma corruptela de “desertão”, palavra inventada pelos portugueses para definir certa região africana por onde andaram antes de se atirarem às navegações marítimas. Desse modo, quando chegaram ao Brasil, os navegantes encontraram ambientes similares aos desertões d’África e por isso nomearam “de sertão” as terras “ásperas” do Nordeste brasileiro.

O termo *de-sertum*, que significa aquele que sai da fileira, era usado na linguagem militar para indicar o que desertava, saía da ordem, desaparecia; enquanto *desertanum* designava a área desconhecida para onde ia o desertor, proporcionando a oposição entre o lugar certo e o incerto, desconhecido, impenetrável. Por sua vez, *certum* serviu como adjetivo para *domicilium*, formando *domicilium certum* que, na língua portuguesa, tomou a forma *certão* e, possivelmente, influenciou o significado de *desertanum* como sertão, lugar incerto, oposto e distante de quem fala (TELES, 2009).

Galvão (2001) refere-se a estudo de Gustavo Barroso (1947), o qual explica que o termo, na língua original, era empregado com o sentido de *mato*, inclusive corretamente usado na África Portuguesa e só depois se expandiu para *mato longe da costa*. Quanto à grafia, mais do que com *s*, era frequentemente escrito com *c* (*certam* e *certão*) e sua etimologia pode ser encontrada no *Dicionário da Língua Bunda de Angola*, publicado em 1804, onde o verbete *muceltão*, com sua forma decepada *certão* é apresentado com o significado latino *locus mediterraneus*, quer dizer, lugar que fica no centro ou meio das terras.

Silva (1950), reportando-se a Barroso (1947), embora concorde que o vocábulo não seja brasileiro, discorda dessa origem etimológica em um dicionário de língua africana do século XIX e critica que tal ideia, além de complicar a origem do termo, não passa de conjectura; já que, antes do descobrimento do Brasil, a palavra sertão era, inclusive, aplicada ao território metropolitano europeu para designar as terras interiores sem comunicação com o mar.

A ideia do sertão como o avesso do litoral, provavelmente, formou-se no século XV, quando os portugueses se lançaram ao mar na tentativa de conquistar novas terras e, ao alcançarem às costas d'África, vislumbraram o continente do interior do navio e chamaram-no de sertão. Foi com essa acepção que a palavra chegou ao Brasil quando, em 1500, Pero Vaz de Caminha escreveu ao El Rei D. Manuel: “de pomta a pomta he toda a praya parma mujto chaã e mujto fremosa. Pelo sartaão nos pareceu do mar mujto grande” (CAMINHA, 1968, p. 52). Tal excerto confirma que o termo era de uso corrente na África, bem como em Portugal; embora ainda não tivesse relação com a ideia de deserto como sinônimo de aridez, secura e esterilidade, mas de distância da costa, do mar, do litoral (GALVÃO, 2001).

Silva (1950), com a pretensão de elucidar a origem do termo, pesquisa no vocabulário português e latino, de 1720, de Bluteau que classifica Sertão como região afastada do mar, por todas as partes postas entre terras, *mediterranea regia*, o que corresponderia ao sentido de sertão que Caminha empregou na *Carta*, ou seja, de terras por trás da costa marítima. Silva (1950) ainda aventa duas hipóteses: a primeira, do ponto de vista fisiográfico, é de que os portugueses denominaram de sertão as terras das zonas semiáridas do Nordeste brasileiro em alusão às

charnecas, ou a “Sertãa”, região árida e quase despovoada de Portugal, terra seca, pouco fértil, com plantas xerófilas, onde se cultiva a oliveira e criam-se carneiros e cabras.

A segunda hipótese, mas que também esbarra no uso bastante anterior do termo por Pero Vaz de Caminha, é se sertão poderia ser originário de Domingos Afonso Sertão que, no século XVII, recebeu uma sesmaria de dez léguas e tornou-se dono de cerca de cinquenta fazendas, mais conhecidas como “fazendas de Sertão”. Nesse ponto, o questionamento de Silva (1950) é se seria plausível uma espontânea alteração semântica do nome próprio *Sertão* em topônimo comum *sertão*, com o sentido de terras do interior, ilimitadas e centradas no continente.

Conquanto o vocábulo sertão designe as terras situadas no interior dos continentes e que apresentam características áridas ou semiáridas, para Antonio Filho (2011), o seu uso nem sempre apresentou essa característica biogeográfica. Desde o período de início das grandes navegações e descobertas lusas, o termo poderia designar um território qualquer, desde que localizado longe do litoral, no interior ainda despovoado ou mesmo desconhecido. Na visão desse autor, essa foi a conotação que mais se firmou com o sentido de “sertão”.

Tavares (2008) acrescenta que o sertão é visto a partir do mar, sempre com noção vinculada às extensas terras do interior do Brasil e de domínio desconhecido que se contrapõem ao litoral, ao passo que Vicentini (1998), além de chamar a atenção para a construção da oposição entre litoral e sertão, enfatiza o decorrente surgimento de dois conceitos estruturais dos sertões brasileiros: o primeiro é o sentido popular no qual o sertão é o lugar do outro e, embora, fale-se dele, está sempre *lá*⁷, mais além, longe da enunciação; enquanto o segundo, posterior, associa-o a deserto, a área pouco povoada, inóspita, árida, passível de se tornar fronteira a ser conquistada.

Assim, a partir dessa ótica de colonização, das entradas e bandeiras, é que o sertão se estrutura, tanto nos seus conceitos básicos quanto na sua efetivação dentro da literatura, para a qual valeu também, durante todo o seu tempo, essa ótica do colonizador – o ponto de vista distanciado, que enxerga o próximo como um outro desconhecido e impenetrável, rude, iletrado, que vive num mundo desordenado, fora da lei, porque ordenado, conhecido, civilizado é o mundo de quem conquista e não se deixa conquistar, um mundo que enxerga e fala pelo colonizado. (VICENTINI, 1998, p. 46).

⁷ Na canção *Lamento sertanejo*, a ideia do sertão como “lugar do outro” fica bastante evidente: “Por ser de *lá* / Do sertão, *lá* do cerrado / *Lá* do interior do mato / Da caatinga, do roçado. / Eu quase não saio / Eu quase não tenho amigos / Eu quase que não consigo / Ficar na cidade sem viver contrariado / Por ser de *lá* / Na certa por isso mesmo / Não gosto de cama mole / Não sei comer sem torresmo. / Eu quase não falo / Eu quase não sei de nada / Sou como rês desgarrada / Nessa multidão boiada caminhando a esmo.” (DOMINGUINHOS; GIL, 1999, grifos nossos).

Esta dura observação significa que por sua multifacetada riqueza cultural, como construção histórica e social que apresenta expressiva carga simbólica e subjetiva, variável no tempo e no espaço, a temática *sertão* tem sido amplamente utilizada na literatura brasileira. Desde 1902, quando Euclides da Cunha publicou *Os Sertões*, relato da Guerra de Canudos e análise de determinantes geográficos, o sertão passou a ocupar lugar decisivo no imaginário nacional brasileiro e adquiriu uma forte significação, pois a obra euclidiana converteu-se em referência do nacionalismo cultural do Brasil (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011) e tornou-se temática recorrente aos escritores da literatura brasileira. Não obstante, em sua famosa obra, Euclides da Cunha “defende o sertanejo, sim, mas fala por ele, explica-o, interpreta-o e a sua terra e a sua luta por parâmetros seus, de homem da cidade [...], de ciência, ex-militar e jornalista. Fala com autoridade, em tom ensaístico, ensinando” (VICENTINI, 1998, p. 46).

“O sertanejo é, antes de tudo, um forte”, essa frase euclidiana se tornou um *slogan*. Para os que não conhecem a continuação do seu discurso e terminaram a leitura em “não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral”, não imaginam as coisas ditas sobre o sertanejo, como “é desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo [...]. É o homem permanentemente fatigado” (CUNHA, 2010, p. 94). Como colocado por Bourdieu, “a opinião pessoal é um luxo”, porém, “há pessoas, no mundo social, que ‘são faladas’, por quem se fala, porque elas não falam, para as quais se produzem problemas porque elas não os produzem” (BOURDIEU 2004b, p. 83). Porém, de acordo com Oliveira (2002), tal discurso dimana devido à visão negativa do mundo americano, amplamente difundida na época, e cujas referências sobre o Brasil eram consideradas inconvenientes pela *intelligentsia*, pois aplicava teorias raciais ao contexto local. Portanto, ao mapear os tipos de mestiços brasileiros, Euclides da Cunha estabelece uma distinção qualitativa fundamental, separando o mestiço do litoral – identificado principalmente com o mulato, ou seja, o resultado do cruzamento entre negros e brancos, imaginado como degenerado e fraco e, por essa razão, condenado a desaparecer – e o do sertão, colocando-os de diferentes ângulos, mas afirmando a *superioridade* do sertanejo. Ainda para Oliveira (2002), é nesse trecho d’*Os Sertões* onde há um enorme esforço para subverter as teorias científicas que negavam qualquer possibilidade de avaliação positiva sobre o cruzamento de raças. Se a questão racial era um dos critérios, senão o mais importante, um dos mais significativos para estabelecer a identidade nacional, foi realmente um forte trabalho intelectual superar a carga pejorativa imposta pelo olhar europeu sobre a raça. Como o resultado de um processo histórico distinto, o híbrido formado sob o sol dos sertões, adquirira, ao longo

dos séculos, feição própria, mais distinta e positiva. Em um dos trechos mais conhecidos do livro, discorre sobre o sertanejo:

Raça forte e antiga, de caracteres definidos e imutáveis mesmo nas maiores crises – quando a roupa de couro do vaqueiro se faz a armadura flexível do jagunço – oriunda de elementos convergentes de todos os pontos, porém diversa das demais deste país, ela é inegavelmente um expressivo exemplo do quanto importam as reações do meio (CUNHA, 2010, p. 82-83).

Neste sentido, o sertanejo passa a ser visto como “o homem do campo”, ou seja, observa-se uma oposição estrutural entre campo e cidade e, naquela época, as definições de pureza e essencialidade relacionavam-se ao conceito de sertão, enquanto as cidades litorâneas eram consideradas sombrias e promíscuas, impossibilitando a construção da brasilidade. O esquecimento do sertão consistiu em algo benéfico, visto que criou as “condições de que sob o sol sertanejo se forjasse uma gente original que, no imaginário de uma geração, passou a expressar a alma nacional” (OLIVEIRA, 2002, p. 525).

Não somente Euclides da Cunha, mas outros renomados escritores produziram obras sobre o sertão, tais como José de Alencar, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e João Cabral de Melo Neto. Apesar de a maioria ter origem nordestina, eram cidadãos que viajaram, tiveram experiências, formação seculares e, quando escreveram sobre o sertão, foi também a partir de um olhar construído fora da realidade sertaneja, o que suscita comparações.

Neste ponto, cabe frisar a observação bourdieusiana de que sociedades desprovidas de escrita e do sistema de ensino que dota os agentes de atitudes e disposições indispensáveis para terem a possibilidade de se reapropriarem simbolicamente deles só podem conservar seus recursos culturais no estado incorporado (BOURDIEU, 2008). Logo, uma vez que o sertanejo do passado não detinha as disposições ou *habitus* necessários para escrever sobre si e sobre sua região, os autores regionalistas ocupavam esse espaço quando, a partir de suas obras, apresentavam aspectos culturais, mas também faziam importantes denúncias das situações de miséria, de abandono estatal e de pobreza extrema nos sertões.

Falar em nome do povo, expressar os sentimentos de uma comunidade, de uma camada da sociedade e mesmo de grupos, sentimentos muitas vezes interditados pelo poder de classe, de uma ordem estabelecida ou contidos por medo ou ressentimentos, foi por muito tempo tarefa única dos poetas, artistas e literatos. Eles também dão visibilidade aos acontecimentos que muitas vezes não merecem, por desprezo da história oficial, um enredo ou o seu registro. (ARAÚJO, 2009, p. 27).

Para Oliveira (2002), com o fenômeno *Os sertões* de Euclides da Cunha, observa-se a definição do conceito de sertão relacionado nomeadamente ao Nordeste e, mais importante, a

identificação da ideia de sertão com a simbologia de deserto e desertificação. Embora a etimologia permita esse reconhecimento, esse autor chama atenção para o fato de que esta iniciativa gerou restrições semânticas ao termo. Além disso, tal rótulo para o sertão, apesar das manipulações de imagem e da impotência governamental, gerou um mal-estar na sociedade brasileira, evidenciando o local onde o descompasso com a civilização é mais óbvio.

A partir dos anos 30 do século passado, obras como as de Graciliano Ramos e de João Cabral de Melo Neto começam a mostrar o sertão pelo avesso, por meio da denúncia, como região de miséria, de injustiças sociais, dos Fabianos e Severinos servis, quase animais (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). Para Bourdieu (2007), as relações de comunicação são relações de poder que dependem do capital – material ou simbólico – acumulado pelos agentes; se o que faz o poder das palavras e das palavras de ordem é a crença na legitimidade dessas e daquele que as pronuncia; se a ordem simbólica media as representações as quais seriam campos estruturados pelo *habitus* e pelos sentidos que impregnam o imaginário social; existiria, então, todo um processo de moldagem pelo qual passariam os sujeitos sociais a fim de incorporar os princípios e as significações de um determinado arbitrário.

Nessa representação ou nesses dizeres acerca da região, sobretudo pela literatura regionalista, aconteciam muitas formas de poder simbólico, uma vez que essa forma de poder invisível, quase mágico, só pode ser exercida se houver a cumplicidade dos que lhe estão sujeitos (BOURDIEU, 2007). Neste viés, aquele sob o qual esse poder é exercido não é um sujeito passivo na relação de poder; portanto, nessa questão em particular, o homem sertanejo aceitava como legítimos olhares e falas regionalistas que, por sua vez, embora lutassem contra estereótipos, estereotipavam. Nessa relação de poder, especialmente no que se refere a um discurso que denuncia e, que os sertanejos nordestinos observam nele uma possibilidade de conquistas de direitos, pode ser observado um sentido bourdieusiano se o sertanejo não o tiver escrito, mas permite ao escritor que o represente com seus dizeres.

Ademais, há pelos menos duas críticas aos trabalhos dos agentes que compõem o *campo literário*⁸ denominado de literatura regionalista: a primeira é que, por meio de seus livros, ainda hoje ensinam aos jovens e crianças valores e signos perdidos no tempo, quando, na realidade, há muitas mudanças e contradições no sertão (VICENTINI, 1998); a segunda dá conta de que suas representações beiram

⁸ Neste trabalho, a ideia de campo é aquela apresentada por Bourdieu, quando expressa que “campos são os lugares de relações de forças que implicam tendências imanentes e probabilidades objetivas. Um campo não se orienta totalmente ao acaso. Nem tudo nele é igualmente possível e impossível em cada momento” (BOURDIEU, 2004b, p. 27).

a estereotipia da paisagem, da personagem e da ação, da reprodução da linguagem seguindo de perto o imaginário que se encontra pronto – matéria feita elaborada pela realidade na sua concretude física e pela história e pelo pensamento social nos seus valores. Caso contrário, não consegue se identificar como região, ou como sertão (VICENTINI, 1998, p. 42).

Como as representações são construídas, além de que o próprio mundo social também é representação, marcado por relações de poder e de dominação, conflitos e negociações; é adequado ainda trazer para este debate a crítica bourdieusiana a respeito do modo de pensar substancialista que pode ser equiparado ao do senso comum quando

leva a tratar as atividades ou preferências próprias a certos indivíduos ou a certos grupos de uma certa sociedade, em um determinado momento, como propriedades substanciais, inscritas de uma vez por todas em uma espécie de *essência* biológica ou – o que não é melhor – cultural, leva aos mesmos erros de comparação – não mais entre sociedades diferentes, mas entre períodos sucessivos da mesma sociedade (BOURDIEU, 2011b, p. 17).

Portanto, em pesquisas que têm o sertão como espaço empírico, cuja característica fundamental é a plurissignificação dos seus sentidos, torna-se imprescindível a busca de aporte na literatura regionalista, a recorrência ao texto literário como fonte de indícios, ao considerar, tal como Araújo (2009), que essa aproximação com a literatura enriquece o trabalho de pesquisa, já que permite “investigar o sentido histórico de uma época, ou a reconstrução de eventos históricos” (ARAÚJO, 2009, p. 27). Porém, em concordância com Mendes (2009), considera-se importante que o pesquisador observe o espaço com tal estranhamento a ponto de motivá-lo a realizar leituras diversas, a levar em conta discursos, práticas e representações que o significam e o ressignificam constantemente e, desse modo, problematizar acerca da região com vistas a tentar decifrar seus múltiplos sentidos. Sem deixar, contudo, de manter a necessária postura de afastamento de quaisquer estereótipos e de ideias prontas, a fim de que obtenha em seu trabalho a ruptura epistemológica que significa o “pôr-em-suspense as pré-construções acerca de um dado objeto”, mas levando em consideração que “a força do pré-construído está em que, achando-se inscrito ao mesmo tempo nas coisas e nos cérebros, ele se apresenta com as aparências da evidência, que passa despercebida porque é perfeitamente natural” (BOURDIEU, 2007, p. 49).

Em suma, na pesquisa sociológica sobre o sertão, não se deve olvidar que essa construção representa um espaço que, dialeticamente, tanto significa como é significado. Esta significação, por seu turno, “depende de quem, de onde e de quando se fala sobre ele, pois os valores e sentidos não são nem constantes e estáveis, nem inerentes aos objetos e conceitos, antes, derivam de uma construção que se efetiva em determinados contextos sociais, históricos

e culturais” (MENDES, 2009, p. 73). Os sentidos conferidos ao sertão “são o amálgama de experiências sociais variadas, muitas vezes e quase sempre, contraditórias, ambíguas e antagônicas” (MENDES, 2009, p. 68). Logo, ainda para essa autora, é preciso compreender que a produção de sentidos acontece num confronto entre inúmeras vozes e, especificamente, as do sertão também são frutos de confrontos de diversas experiências sociais, as quais, por sua vez, também são diversas, conflitantes e imprecisas. Com efeito, o pesquisador deve estar atento ao fato de que os sentidos do que pesquisa estão sempre abertos para diversas ressignificações; isto é, deve ficar de olho tanto no seu “olhar” que, de acordo com Bourdieu (2011a, p. 10), é “um produto da história reproduzido pela educação”, como no olhar dos autores selecionados como fontes de pesquisa para não fazer uma leitura substancialista⁹ da realidade.

2.1 SERTÃO DE ANTANHO E RECONFIGURAÇÕES NO SERTÃO DE HOJE

Embora bastante reconfigurado atualmente, o sertão nordestino, ainda que disponha de várias definições tendo em vista as referências histórico-culturais de cada região, tornou-se conhecido como lugar de altas temperaturas, pobreza extrema, violência, desigualdades econômicas e sociais. Uma terra que, de inóspita e desabitada, um “desertão”, passou a ter alta densidade populacional. É igualmente o sertão da pecuária, sobretudo da criação de gado, das estradas de barro, das casas humildes, do sotaque típico, da beleza adustina da caatinga, da gente humilde, dos coronéis sem patentes, do respeitado dono de terras; além de ser o lócus de contradições, como, de um lado, o latifúndio e, de outro, a fragmentação fundiária. É um lugar de credices, superstições, misticismo, messianismo, religiosidade, mas também de violência, cangaço e pistolagem no qual, de forma muito peculiar, pode-se observar matadores de aluguel que necessariamente não se apartam da religiosidade e até rezam por suas vítimas.

Mas ainda é um espaço que carrega a má reputação de local distante e sem civilização, com significados negativos relacionados a êxodo rural e berço dos desvalidos brasileiros. E, conquanto a região também seja vista como lugar da valentia e da obstinação de seus habitantes por conseguirem sobreviver – apesar das dificuldades peculiares ao lugar –, o sertanejo, particularmente o da zona rural, tem sido sempre caracterizado como refratário à educação, incivilizado, rude, iletrado, um bicho bruto, ignorante, quase um animal. A abordagem

⁹ “Leitura substancialista e ingenuamente realista considera cada prática [...] ou consumo [...] em si mesmas e por si mesmas, independentemente do universo das práticas intercambiáveis e concebe a correspondência entre as posições sociais [...] e os gostos ou as práticas como uma relação mecânica e direta” (BOURDIEU, 2011a, p. 16).

predominante reside no fenômeno da migração, no sentido campo-cidade, de famílias e de jovens rurais em busca de melhores condições de vida.

O sertanejo, morador desse território, é uma figura que suscita muitas representações não somente na literatura, mas no imaginário popular, na música, no teatro e no cinema sendo que, na maior parte das vezes, é relacionado à pessoa sem instrução, que passa necessidades financeiras e sofre fome e miséria durante as reiteradas secas existentes em sua região isto porque, “o mundo da literatura sertanista é o mundo do escritor citadino fingido de sertanejo, que escreve para um leitor também ele citadino, a respeito de uma cultura diferente da sua” (VICENTINI, 1998, p. 43), daí uma das origens da estereotipia sobre a região¹⁰.

Ainda que se advirta sobre o cuidado que se deve ter com as estereotipias, não se pode deixar de concordar, por exemplo, que o sertão é um lugar rico em personagens históricos míticos e místicos, como Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião (1898-1938), possivelmente a figura mais famosa da cultura popular nordestina, também conhecido como rei do cangaço e governador do sertão. É ainda o sertão de Maria Gomes de Oliveira, vulgo Maria Bonita (1911-1938), a primeira mulher a se tornar “cangaceira”. Possui, ainda, representantes políticos, religiosos e artísticos, como Antônio Vicente Mendes Maciel, vulgo Antônio Conselheiro (1830-1897), Padre Cícero Romão do Juazeiro (1844-1934), Frei Damião (1898-1997) e Luiz Gonzaga (1912-1989). Este último – compositor, cantor e tocador de sanfona, também conhecido como Lua, Gonzagão e Rei do Baião –, era grande admirador de Lampião e passou a adotar uma espécie de traje típico para seus shows, com elementos da indumentária do vaqueiro sertanejo e dos cangaceiros, tais como o chapéu de couro.

O couro representa um elemento forte da identidade sertaneja, com base na criação do gado, cuja atividade era o pastoreio ao qual se dedicava, com orgulho e pompa, os patriarcas desbravadores dos sertões. Isso porque no mundo sertanejo, na luta pela conquista das terras e domínio da região à imagem e semelhança da velha Canaã, os rebanhos foram utilizados pelo colonizador como fortaleza ou linha de vanguarda (ARAÚJO, 2009).

¹⁰ Por outro lado, vale ressaltar a ideia bourdieusiana da importância dos símbolos como instrumentos por excelência da “integração social”, pois como ferramentas de conhecimento e de comunicação, tornam possível o consenso acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social, porquanto, para esse autor, a integração “lógica” é a condição da integração “moral”. De modo que vale aqui um aparte de que não se quer afirmar como desimportante essa construção da realidade, ao considerar que o poder simbólico, fundamental nesse processo, tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supondo aquilo a que Durkheim chama o conformismo lógico, quer dizer, “uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências” (BOURDIEU, 2007, p. 9).

O galgar do gado, secundado por brancos, negros escravos, índios e vaqueiros, fincava forte no solo da grande propriedade ou sesmaria, as bases do edifício social da vida sertaneja em formação. O rescaldo cultural, desse tenso e conflituoso encontro das três etnias em terras semiáridas, temperado com calor recalcitrante das guerras e do trabalho escravo, serviu de argamassa para consolidar e fazer o acabamento, em reboco, da grande obra campesina: uma sociedade de pastores e agricultores. (ARAÚJO, 2009, p. 46).

Na conquista do sertão, com a cultura sacralizada e mítica, dois elementos fundantes da sociedade pastoril que nasceu nesse espaço foram os currais e a parentela. As famílias possuíam um grande número de filhos para ajudar no trabalho e proteger a unidade de produção. A consolidação dessa sociedade agrícola e pecuarista se deu no século XIX, já o colapso, em algumas regiões, ocorreu no terceiro quadrante do século XX (ARAÚJO, 2009)¹¹.

No começo do povoamento do sertão, uma conduta que pode ser observada sempre foi a predileção pela vida pastoril e o desprezo pelos afazeres agrícolas, pois a intenção do colonizador não era se dedicar à agricultura. O ocupador das novas terras não se interessava em plantar, mas em ocupar e, por isso, necessitava do gado. No sertão potiguar, em 1786, ou seja, já no final do século XVIII, de “sete sesmarias solicitadas com sucesso, apenas uma foi requerida com o objetivo único de praticar a agricultura” (ARAÚJO, 2009, p. 168); sendo que nos demais inventários da época a situação se repete. Essa situação perdurou, com poucas modificações, até o final daquele século e resistiu o quanto pôde, no século seguinte. A partir de então, o partilhamento das terras, o adensamento populacional, o empobrecimento das famílias e as secas forçaram o sertanejo pecuarista a concentrar parte de seus esforços à agricultura de subsistência.

Em referência à colonização dos sertões através da criação do gado, o sertão pecuário, Capistrano de Abreu denomina este ciclo de “cultura do couro”, ao se referir a seu uso desde a indumentária do vaqueiro encourado que, para entrar na caatinga, tinha de usar roupas resistentes para se proteger. Até no meio doméstico, esse material era empregado em praticamente tudo que envolvia a vida do sertanejo:

De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água; o mocó ou alforje para levar comida, a mala para guardar roupa, mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, as bruacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os banguês para curtume ou para apurar sal; para os açudes, o material de aterro era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com seu peso; em couro pisava-se tabaco para o nariz (ABREU, 1963, p. 149).

¹¹ Embora Araújo (2009) trate do sertão potiguar, cabe ressaltar que muito pode ser aplicado ao sertão nordestino como um todo.

No romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos (1892-1953), “sinhá” Vitória sonha com uma cama de couro. Para ela, em sua humildade e simplicidade, apesar de toda a pobreza e desamparo, não possuíam nada, e eram “quase” felizes, pois lhe faltava uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira, uma “cama de verdade”, uma cama real, de couro e sucupira (RAMOS, 2006). Hoje, os sertanejos compram camas de ferro tubular e camas de madeira aglomerada; mas, apesar da “concorrência” do plástico que tomou conta dos sertões – nas embalagens de produtos industrializados e até em cercas de plástico reciclado –, bolsas, chapéus e sandálias fabricados com couro cru curtido ainda são produtos característicos dos sertões e têm o seu lugar, entretanto, muito mais para os turistas que os compram, do que para o próprio sertanejo, configurando-se em mais uma mudança que se observa no sertão de hoje.

Isso significa que o sertão está no mundo e o mundo está no sertão, o que implica novas identidades e ruralidades sertanejas e remete a Guimarães Rosa (2006) quando expressou que o sertão está em “toda parte” e também “na gente”. Embora o sertão seja invariavelmente representado, sobretudo a zona rural, como sinônimo de lugar ermo e atrasado; atualmente têm suas identidades afetadas por fenômenos globais e nacionais. Ninguém idealiza o sertão e imagina grandes cidades, universidades de excelência, centros de pesquisa, sertanejos cosmopolitas que falem dois ou três idiomas, mas um lugar que se opõe ao espaço urbano e letrado. Certamente se pensa em beleza, no entanto, é uma beleza adusta, áspera, dura, assim como é a representação da vida pesada e sofrida do sertanejo que ali vive. Essa foi a ideia exposta por homens e mulheres letrados que se interessaram em descrever o sertão. E, assim, em sua maioria, produziram excelentes trabalhos, mas que até hoje são utilizados para descrever esse lugar e sua gente, como se o sertão tivesse parado no tempo.

Morar no sertão ainda é sofrer durante a estação seca, é até desejar ir embora dali, porém também é ficar feliz com as chuvas; quando tudo enverdece e o sertanejo conclui que no mundo, para se morar, não há lugar melhor e mais bonito do que sua terra. Vicente Celestino cantava uma toada que se tornou famosa, na qual em um dos versos o autor defende que não há um luar como o do sertão¹². Mas de acordo com dados de pesquisa para o mestrado realizada por Menezes (2012) com jovens rurais estudantes do ensino médio do sertão sergipano, embora a maioria goste de viver no meio rural sertanejo, alegando suas belezas naturais, o contato com a natureza e a possibilidade de criar animais, isso não pressupõe mais sua permanência ali, visto

¹² Referência a *Luar do sertão*, toada cuja autoria é atribuída tanto a Catulo da Paixão Cearense como a João Pernambuco.

que, de igual modo, a maioria gostaria de ir embora para a cidade, pois esta oferece mais opções de continuidade dos estudos, de trabalho e de lazer.

É isso. Hoje com esse sertão das espinhas de peixe, do telefone e da empresa agrícola; e com a população sertaneja das cidades grandes ouvindo música de fossa nos bordéis da periferia, o que resta ao sertão, ou à região, pelo menos? (VICENTINI, 1998, p. 53).

Na realidade, mais do que as espinhas de peixe dos anos 90 destacadas por Vicentini (1998), o sertão é hoje também da televisão por satélite e da internet via rádio e satélite. De fato, em algumas partes, em alguns costumes, o sertão mudou; mas em outras, o mesmo não se deu. Em decorrência das múltiplas transformações econômicas e sociais ocorridas nas últimas décadas nos sertões do Brasil, o homem sertanejo não é mais semelhante ao do passado, descrito na literatura e que povoa o imaginário popular. Luís da Câmara Cascudo, estudioso da cultura brasileira, sobretudo nordestina, em 1939 publicou a obra *Vaqueiros e Cantadores*, na qual, narra: “Vivi no sertão típico, agora desaparecido. A luz elétrica não aparecera. O gramofone era um deslumbramento. Cortei macambira e xique-xique para o gado nas secas. Banhei-me nos córregos ao inverno. Peguei tatus de noite, com fochos e cachorros amestrados [...]” (CASCUDO, 1984, p. 15); portanto, não se havia ainda entrado nos anos 40 e esse autor considerava o sertão mudado, na atualidade as reconfigurações são muito mais contundentes.

Se apenas nos detivermos no mundo rural sertanejo – visto que o espaço empírico desta pesquisa o privilegia –, no que tange à agricultura, agora é mecanizada, há uso – até excessivo – de herbicidas na lavoura, o chamado gado “pé duro” trazido pelos portugueses está em vias de extinção e, em seu lugar, foram introduzidas vacas selecionadas com alto nível de produção. Há uma proliferação e desfile de motos e de automóveis, enquanto quase não se encontra mais um carro de bois autêntico, com rodas de madeira. Alguns remanescentes de jegues e jumentos, animais que tanto serviram ao sertanejo, são abandonados, perambulam pelas estradas e valem menos que um cão sem dono. A eletricidade chegou, os aparelhos de tevê e as antenas parabólicas vieram juntos; bem mais recentemente, a possibilidade de acesso à internet também; de modo que a cultura de massa entrou nas casas dos sertanejos nordestinos. Ressalta-se, desse modo, a convivência entre o novo e a tradição, mas esta muitas vezes reconfigurada.

No passado, quem ia embora do sertão – sobretudo do meio rural – buscar melhoria de vida nas grandes cidades, ao retornar era recebido como vencedor; como Nelo, personagem do romance *Essa terra* que saiu de Junco, interior da Bahia (atualmente o município de Sátiro Dias), e foi para São Paulo com o objetivo de realizar o sonho da cidade grande. Ocorre que lá

nada deu certo em sua vida e, frustrado, voltou para sua terra natal onde foi recebido como vencedor (TORRES, 1996). Nos dias de hoje, o migrante que volta da metrópole não é mais necessariamente representado como aquele que teve sorte e melhorou de vida em um grande centro urbano, pois, entre os que ficam, tanto nas cidades como no meio rural, há sertanejos que estudam, que cursam nível superior, que empreendem, que viajam para conhecer outros lugares e culturas, que se desenvolvem financeira e culturalmente.

Neste ponto, vale a pena fazer menção a Bourdieu (2007), para quem os objetos do mundo social podem ser percebidos e enunciados de diferentes maneiras, de um lado porque como objetos do mundo natural comportam sempre uma parte de indeterminação e de vago e, de outro, porque como objetos históricos estão sujeitos a variações no tempo, a sua dignificação se acha ligada a pluralidades dos pontos de vista. O renomado autor refere-se às “estratégias cognitivas” – implícitas e tácitas ou explícitas – que produzem o sentido dos objetos do mundo social ao ultrapassarem os atributos diretamente visíveis pela referência ao futuro e ao passado.

[...] Como nas lutas políticas, em que o passado, com a reconstrução retrospectiva de um passado ajustado às exigências de um presente [...], e sobretudo o futuro, com a previsão criadora, são continuamente invocados para determinar, delimitar, definir o sentido, sempre em aberto, do presente (BOURDIEU, 2007, p. 140).

Sob essa premissa, ao se observar fenômenos como grupos em redes sociais, cujos participantes atestam “não troco meu sertão por *capitá niúma!*” e escrevem desse modo não porque não saibam a grafia correta, mas para reforçar o sentido de identidade regional; quando se observa sertanejos que defendem a fauna e a flora da caatinga, fica a questão sobre as mudanças sociais no tempo e no espaço e sobre a dinâmica de construção e de reconstrução de uma região, ou seja, essas mudanças e permanências configuram-se como verdadeiros desafios para a pesquisa sociológica. Constata-se, portanto, que “olhar para o Sertão é abrir uma janela entre outras tantas possíveis. Por essas e por outras razões, Câmara Cascudo cunhou a sentença: ‘Sertão é uma palavra mágica’” (ARAÚJO, 2009, p. 40).

2.2 SERTÃO, SEMIÁRIDO, CAATINGA, NORDESTE: LADOS DA MESMA MOEDA

O Brasil possui 26 estados e um Distrito Federal distribuídos nas regiões Sul, Sudeste, Centro Oeste, Norte e Nordeste. Formado por nove estados¹³ e ocupando 1.542.000 km² de

¹³ Os nove estados que compõem a Região Nordeste são: Bahia, Sergipe, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Ceará, Maranhão e Piauí.

área, o Nordeste, em função da variação pluviométrica e das diferentes características físicas que apresenta, foi subdividido em *meio norte*¹⁴, uma zona de transição para a Amazônia, *zona do agreste*, cuja precipitação pluviométrica oscila entre 800 a 1.200 mm e é uma zona de transição entre o litoral e o sertão; *zona da mata*, estreita faixa litorânea que concentra a maior parte das grandes cidades e a maioria da população, na qual estão localizados extensos canaviais, plantações de coqueiros e cacaueiros e onde chove 1.500 a 2.000 mm por ano; e a *região semiárida* ou *sertão*, com isoieta entre 300 e 800 mm por ano (SABOURIN; CARON, 2003; TONNEAU; CLOUET; CARON, 2003).

O sertão geralmente é associado à seca, ao Nordeste, ao semiárido e à caatinga, termos utilizados, às vezes, para designar a mesma coisa o que pode, inclusive, gerar confusão. A caatinga, por exemplo, não é sinônimo de seca, visto que esta se trata de um fenômeno decorrente da escassez ou ausência prolongada de chuvas, fato que também incide na Amazônia, no Sul do Brasil e até em países de clima temperado.

O clima semiárido, no Brasil, ocorre no chamado “polígono das secas” e terminou por designar esse espaço como “região semiárida”; contudo, o “semiárido” refere-se a um tipo de clima não circunscrito ao Nordeste brasileiro, pois se estende também ao Sudeste do Brasil. Ao ser tratado não apenas como clima, mas como “região semiárida”, passou a abranger partes de oito dos nove estados nordestinos¹⁵ e a parte setentrional de Minas Gerais, no Sudeste do país, ocupando área total de 974.752 km² (DIAGNÓSTICOS..., 2008).

A caatinga, bioma genuinamente brasileiro e principal ecossistema existente no interior da Região Nordeste oriental, estende-se pelo semiárido brasileiro, em uma área de 844.453 km² (cerca de 10% do território nacional e 70% do Nordeste), compreendendo partes dos Estados da Bahia, Sergipe, Alagoas, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Ceará, chegando ao sul e leste do Piauí e ao norte de Minas Gerais (CASTELLETTI et al., 2003).

Também expresso no plural como “caatingas brasileiras” é considerado um dos três espaços semiáridos da América do Sul. Com solos rasos e pedregosos, mas relativamente férteis, a caatinga apresenta expressiva variedade de paisagens e seu relevo, apesar de altitudes modestas, tem uma disposição para o sentido norte-sul, com corredores de vento que dificultam a ocorrência de chuvas. Em consequência, as secas estacionais e periódicas estabelecem procedimentos intermitentes aos rios e deixa a vegetação sem folhas, uma forma que esta

¹⁴ Dentre os estados nordestinos, localiza-se apenas no Maranhão.

¹⁵ Com exceção do Estado do Maranhão.

encontrou para se proteger e adaptar-se ao clima semiárido. Possivelmente, por isso, recebeu o nome de caatinga que, em tupi-guarani, quer dizer “mata branca” (ABI’SÁBER, 1994-95).

Para o autor, nesse bioma crescem plantas hiperxerófilas, como os cactos, que armazenam água, além de outras que se caracterizam por terem raízes praticamente na superfície do solo para absorverem o máximo de água no período das chuvas. Quando chove, toda a região ganha vida e explode em biodiversidade: a paisagem muda rapidamente, as folhas das árvores voltam a brotar e ficam verdes enquanto o solo fica coberto de pequenas e coloridas plantas. Cunha (2010, p. 38) já havia observado que “ao tornar da travessia o viajante, pasmo, não vê mais o deserto. Sobre o solo, que as amarílis atapetam, ressurge triunfalmente a flora tropical. É uma mutação de apoteose”.

Portanto, a caatinga é aparentemente adusta. Segundo Abi’Sáber (1994-95), é um bioma frágil e, em virtude da forte ação antrópica ao longo dos anos, clima e solo se encontram bastante alterados e desequilibrados, com a substituição de espécies vegetais nativas por cultivos e pastagens, com a destruição de sua cobertura vegetal, a poluição das águas e as práticas de desmatamento e queimadas no preparo da terra. Para Maia (2004), é difícil encontrar áreas com o ecossistema virgem, sem intervenção humana ou de animais domésticos, enquanto a manutenção da vegetação protegeria os solos e a água e amenizaria os extremos do clima.

É nos sertões secos que imperam climas muito quentes, chuvas escassas, periódicas e irregulares. Para dar uma ideia, os cerrados têm média anual de precipitações entre 1.500 e 1.800 milímetros, já essa medida no Nordeste seco está entre 268 e 800 milímetros, de forma que as irregularidades climáticas periódicas que assolam esse espaço social são o fator mais grave para o cotidiano do sertanejo e sobrevivência de sua família (ABI’SÁBER, 1994-95).

Efetivamente, é muito grande a variabilidade [da precipitação de chuvas] no domínio das caatingas. Em alguns anos as chuvas chegam no tempo esperado, totalizando, às vezes, até dois tantos a mais do que a média das precipitações da área considerada. Entretanto, na sequência dos anos, acontecem alguns dentre eles em que as chuvas atrasam ou mesmo não chegam, criando os mais diferentes tipos de impactos para a economia e as comunidades viventes dos sertões. Nesse sentido, a literatura de ensaios e de ficção – elaborada por alguns dos mais sensíveis intelectuais de nossa terra – vem apresentando aos olhos da nação brasileira, o diabólico drama social que impera nos sertões secos do Nordeste brasileiro. (ABI’SÁBER, 1994-95, p. 37).

Até Abi’Sáber, geógrafo e referência na pesquisa sobre meio ambiente e impactos ambientais no Brasil, ao tratar do sertão, reporta-se ao papel fundamental da literatura na representação dessa região e de seus habitantes. Isso porque a partir do clima semiárido, da baixa pluviosidade e do invariável prolongamento da estação seca, como apresentado alhures,

surgiu um discurso hegemônico relacionado a essa região que unifica natureza agreste *versus* sociedade e institui a perspectiva de um povo vitimado por seu meio (CASTRO, 2001).

Sob essa premissa, se o sertão é delimitado geograficamente como território ou região, o sertanejo não é apenas o seu habitante, mas uma construção sociocultural elaborada ao longo do século XX, com representação firmada, sobremaneira, preconceituosa, mediante um “discurso regionalista de inferioridade” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). Além disso, dentre os temas definidores da região são escolhidos elementos como o cangaço, o messianismo e o coronelismo, de modo que a criação e a percepção dominante desse imaginário repercutiram em seus moradores e na formação de suas identidades. A identidade sertaneja, ao se mostrar como construção discursiva sobre a região, consolidou sertão e sertanejo como uma identidade intrínseca, forjada através do tempo.

Apesar do estigma das secas periódicas e de tratar-se da região mais pobre e desfavorecida do Brasil, onde ocorreram formas de controle político que fizeram uso das históricas migrações em direção ao Sudeste e ao Norte do país; cerca de 40% da população do Nordeste ainda está no sertão nordestino, a região de mais alta taxa de fertilidade humana das Américas, durante décadas geradora e redistribuidora de homens e mulheres, sobretudo, em face das pressões das secas prolongadas, da pobreza e da miséria por meio de uma dinâmica migratória mais conhecida como êxodo rural (ABI’SÁBER, 1994-95; SABOURIN; CARON, 2003; TONNEAU; CLOUET; CARON, 2003).

O crescimento demográfico sertanejo possui um viés cultural, pois, como na antiga tradição hebraica, os colonizadores do sertão tinham a convicção de estarem cumprindo a missão sagrada de proliferar em dezenas, em centenas e, se possível, em milhares, seus descendentes (ARAÚJO, 2009)¹⁶.

A existência de gente povoando todos os recantos dos sertões secos é o principal fator de diferenciação do Nordeste interior em relação às demais regiões áridas ou semiáridas do mundo. Indubitavelmente, o sertão brasileiro se configura como a região semiárida mais povoada e, talvez, aquela que possui a estrutura agrária mais rígida no mundo, na qual o homem – convivendo com o ambiente seco e tentando garantir a sobrevivência de famílias numerosas – está presente quase por toda parte. Há pessoas nos retiros das grandes fazendas; morando e labutando com lavouras anuais e pequenos pastos, por entre cercas e cercados; pontilhando os setores das colinas e baixos terraços dos sertões secos; em pequenas casas rurais construídas à

¹⁶ Observação de Araújo (2009), ao tratar sobre história da colonização do Seridó potiguar, considerado como espaço correlato ao das Escrituras Sagradas.

beira dos córregos que secam; nos altos das serras úmidas, assim como em todos os tipos de brejos ou setores abrejados das caatingas. A isso se acresce a presença de um expressivo número de pequenas e médias cidades sertanejas, de apoio direto ao mundo rural. Algumas delas são pequenas e rústicas; outras, maiores e em pleno desenvolvimento de suas funções sociais, administrativas e religiosas. As feiras livres desses núcleos urbanos distribuídos nos sertões funcionam como um tradicional ponto de compras e vendas. Com o aumento de rodovias, estradas e caminhos municipais, houve a consolidação de uma rede urbana no conjunto dos sertões secos, comportando uma hierarquia própria, onde existem as denominadas capitais regionais (ABI'SÁBER, 1994-95).

Conquanto nessa região haja limitação no abastecimento de água potável, algumas das cidades nascidas e desenvolvidas em função de seu comércio, inclusive feiras, têm adquirido uma admirável conjuntura urbana e se convertido em importantes polos regionais. Cidades como Campina Grande, Feira de Santana, Mossoró, Crato, Sobral, Garanhuns, Petrolina, Serra Talhada, Patos, Sousa, Juazeiro, Jequié, Picos e Juazeiro do Norte representam alguns destaques desses centros urbanos do sertão brasileiro que conformam seis regiões metropolitanas oficiais, das quais a mais relevante é a de Fortaleza (ABI'SÁBER, 1994-95).

Ainda que, pela falta de água, existam limitações para o desenvolvimento industrial na maioria das “capitais regionais” da rede urbana sertaneja, os centros urbanos possuem uma expressão regional consolidada pelo número e qualificação de suas funções: no campo do comércio, na movimentação de suas feiras, no ensino superior, na consciência política, na área de lazer e, sobretudo, na manutenção dos valores de uma inigualável cultura popular. Certamente, também existem problemas preocupantes, como o inchaço urbano devido à migração no sentido campo cidade; estabelecimento de favelas e bairros muito carentes; baixo nível de proteção para os olhos d'água periurbanos e dificuldades para ampliação de empregos (ABI'SÁBER, 1994-95).

2.3 O SERTÃO SERGIPANO

Sergipe, um dos estados da região Nordeste, com área de 21.910,3 km² equivale a 0,26% do território nacional, está subdividido em *zona da mata*, *agreste* e *sertão*. Esta última região, de clima semiárido e com prolongada estação seca durante o ano, é o espaço empírico selecionado para esta pesquisa. Embora os 75 municípios de Sergipe estejam agrupados pelo IBGE em treze microrregiões político-administrativas e formem as mesorregiões Agreste Sergipano, Leste Sergipano e Sertão Sergipano, em 2007, o governo de Sergipe, em parceria

com a Universidade Federal de Sergipe e entidades civis organizadas, dividiu o Estado em oito territórios, dentre os quais, o Alto Sertão Sergipano (figura 1) (SERGIPE EM DADOS, 2009-2010).

Figura 1 – Mapa dos Territórios de Planejamento do Estado de Sergipe



Fonte: Base cartográfica: Atlas Digital Sobre Recursos Hídricos do Estado de Sergipe, 2004. Elaboração: Gerência de Informações Geográficas e Cartográficas – Gicec/Supes/Seplan, 2008 apud SERGIPE EM DADOS 2009 (2010). Mapa editado, onde foram nomeados apenas os municípios do Alto Sertão Sergipano.

Esta divisão foi feita com o objetivo de ter uma base melhor para o planejamento de políticas públicas e respeitando as dimensões econômico-produtivas, geoambientais, sociais, político-institucionais e culturais (SERGIPE EM DADOS, 2009-2010).

A fim de melhor delimitar o espaço empírico da pesquisa, optou-se por utilizar a divisão com enfoque territorial elaborada pelo governo sergipano, também por ser uma linha que tem se consolidado no Brasil, sobretudo desde os anos 2000, quando o território passou a ser entendido como eixo fundamental da política pública nas estratégias de desenvolvimento. Além de ser uma dimensão política do *espaço* no qual processos de inserção são gerados e as diversas características e expressões da população se definem em seus próprios espaços, manifestando-se na identidade expressa de atributos étnicos, culturais, econômicos ou políticos apropriados pela população em seus respectivos espaços (PERICO, 2009).

Nesse contexto, o espaço é compreendido como uma unidade da gestão política que o distingue e lhe atribui existência institucionalizada. O território nem sempre se constitui como entidade territorial, por exemplo, como município, província, departamento ou estado. Importa ser reconhecido como uma unidade capaz de controlar ou interagir, de tal modo que a bacia de um rio, a união de organizações territoriais, um espaço com nítidas características étnicas ou um espaço definido por redes econômicas bem caracterizadas possa vir a ser considerado um território que, inclusive, constitua-se em um espaço descontínuo (PERICO, 2009).

O elemento central nesse conceito é o fato de a identidade converter-se no seu espírito essencial, básico e estruturante que, além de descrevê-lo e caracterizá-lo, orienta e ordena as estratégias de desenvolvimento ao definir e dar suporte ao caráter das forças motoras que possibilitam avançar na conquista do bem-estar (PERICO, 2009).

O território denominado Alto Sertão Sergipano está localizado no Noroeste de Sergipe, na parte mais oriental da Grande Depressão Sertaneja, que se constitui da paisagem típica do semiárido nordestino. Totalmente incluído no Polígono das Secas, apresenta clima quente (megatérmico e isotérmico), do tipo semiárido e precipitação pluviométrica média anual da ordem de 500 a 700 mm, com período chuvoso de março a agosto. A vegetação natural predominante é a caatinga e encontra-se em adiantado estágio de antropização (DIAGNÓSTICOS..., 2008).

Formado pelos municípios de Canindé do São Francisco, Gararu, Monte Alegre de Sergipe, Nossa Senhora da Glória, Nossa Senhora de Lourdes, Poço Redondo e Porto da Folha, esse território abrange área de 4.900,686 km² que corresponde a 22,4% da área total do Estado,

com densidade demográfica de 30 hab./km² e com 146.529 habitantes, ou seja, 7% da população total do Estado¹⁷.

Sua população está igualmente distribuída entre homens e mulheres e a masculinização dos campos não fica evidenciada no meio rural. Nos municípios de Canindé do São Francisco e Monte Alegre de Sergipe, há relativo equilíbrio entre a população rural e a urbana; entretanto, os municípios de Gararu e Poço Redondo possuem populações rurais quase três vezes maiores do que as urbanas e, no município de Porto da Folha, a população rural é o dobro do número de pessoas que moram na sede do município. Já em Nossa Senhora da Glória, o município mais urbanizado da região, a relação é inversa (Tabela 1).

Tabela 1 – População residente no Alto Sertão Sergipano, por município, 2000, 2007, 2010

| Município | Total da população (2000) | Total da população (2007) | Total da população (2010) | Total da população rural (2007) | Total da população rural (2010) |
|--------------------------|---------------------------|---------------------------|---------------------------|---------------------------------|---------------------------------|
| Nossa Senhora da Glória | 26.910 | 29.546 | 32.514 | 10.632 | 10.881 |
| Poço Redondo | 26.022 | 28.969 | 30.877 | 21.714 | 22.341 |
| Porto da Folha | 25.664 | 26.520 | 27.124 | 17.027 | 17.195 |
| Canindé do São Francisco | 17.754 | 21.806 | 24.693 | 9.836 | 10.626 |
| Monte Alegre de Sergipe | 11.587 | 13.199 | 13.621 | 5.687 | 5.576 |
| Gararu | 11.363 | 11.606 | 11.458 | 8.806 | 8.627 |
| Nossa Senhora de Lourdes | 6.023 | 6.280 | 6.242 | 3.015 | 2.952 |
| Alto Sertão | 125.323 | 137.926 | 146.529 | 76.717 | 78.198 |

Fonte: IBGE, Resultados dos Censos 2010, 2007, 2000.

Entre 2000 e 2010, o número total de habitantes, por município, aumentou. De 2007 a 2010, na zona rural, houve um crescimento total da ordem de 2% e, no mesmo período, o aumento dos habitantes no total do território foi de 6%, isto pode sugerir que já não ocorre um agudo processo de esvaziamento gerado pelas migrações nos sentidos campo-cidade e do Nordeste para o Sudeste do Brasil. No entanto, de 2007 a 2010, verifica-se uma ligeira diminuição da população de Gararu e de Nossa Senhora de Lourdes, os municípios menos populosos do território, ao passo que Canindé do São Francisco, Poço Redondo e Nossa Senhora da Glória foram os municípios que mais cresceram, indicando possíveis migrações dentro da mesma região (Tabelas 1 e 2).

¹⁷ Informações demográficas baseadas nas seguintes fontes: IBGE, Resultados dos Censos 2010; 2007 e 2000; SERGIPE EM DADOS (2009); DIAGNÓSTICOS... (2008); Sistema de Informações Territoriais/MDA.

Tabela 2 – População residente no Alto Sertão Sergipano, por município, 2010

| Município | Homens | Mulheres | Urbano | Rural | Total da população |
|--------------------------|--------|----------|--------|--------|--------------------|
| Nossa Senhora da Glória | 16.085 | 16.429 | 21.633 | 10.881 | 32.514 |
| Poço Redondo | 15.766 | 15.111 | 8.536 | 22.341 | 30.877 |
| Porto da Folha | 13.876 | 13.248 | 9.929 | 17.195 | 27.124 |
| Canindé do São Francisco | 12.293 | 12.400 | 14.067 | 10.626 | 24.693 |
| Gararu | 5.849 | 5.609 | 2.831 | 8.627 | 11.458 |
| Monte Alegre de Sergipe | 6.890 | 6.731 | 8.045 | 5.576 | 13.621 |
| Nossa Senhora de Lourdes | 3.153 | 3.089 | 3.290 | 2.952 | 6.242 |
| Alto Sertão | 73.912 | 72.617 | 68.331 | 78.198 | 146.529 |

Fonte: IBGE, Resultados do Censo 2010.

O IDH, por município, varia de 0,529 a 0,598, com média no território de 0,567 e queda nos últimos anos. Apenas em relação ao índice IDHM Longevidade houve crescimento. O Município de Nossa Senhora da Glória onde se destaca com os maiores índices do território perdeu em IDHM para o de Nossa Senhora de Lourdes, inclusive em educação. Poço Redondo ocupa o último lugar do território (Tabela 3).

Tabela 3 – Índices de Desenvolvimento – Alto Sertão Sergipano

| Município | IDHM 2010 | IDHM Renda 2010 | IDHM Longevidade 2010 | IDHM Educação 2010 | Gini-Renda 2010 |
|--------------------------|-----------|-----------------|-----------------------|--------------------|-----------------|
| Canindé do São Francisco | 0,567 | 0,566 | 0,741 | 0,435 | 0,5584 |
| Gararu | 0,564 | 0,544 | 0,783 | 0,422 | 0,6244 |
| Monte Alegre de Sergipe | 0,553 | 0,539 | 0,726 | 0,431 | 0,5692 |
| Nossa Senhora da Glória | 0,587 | 0,591 | 0,750 | 0,456 | 0,5280 |
| Nossa Senhora de Lourdes | 0,598 | 0,560 | 0,719 | 0,532 | 0,5000 |
| Poço Redondo | 0,529 | 0,519 | 0,760 | 0,376 | 0,6019 |
| Porto da Folha | 0,568 | 0,537 | 0,739 | 0,462 | 0,5727 |
| Média do Território | 0,567 | 0,551 | 0,745 | 0,445 | 0,5649 |

Fontes: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (ADHB) / IBGE Censo Demográfico 2010.

Dentre as atividades econômicas mais importantes de Sergipe, uma que ocupa grande destaque é a pecuária. Segundo dados do Censo Agropecuário, 943 mil hectares (64% das terras utilizadas) foram ocupadas com pastagens. Mas a atividade que se constitui como identitária, sobretudo no sertão sergipano, é a pecuária de leite, uma vez que os seis principais municípios produtores de leite do Estado estão localizados no sertão, de modo que a bacia leiteira está concentrada notadamente nesse território e, um pouco abaixo, no Médio Sertão e no Baixo São Francisco (MELO, 2012). Portanto, esta atividade contribui para o desenvolvimento econômico do sertão sergipano, além de lhe conferir uma identidade.

Convém destacar que a produção leiteira em Sergipe constitui uma importante fonte de renda para a agricultura familiar. De acordo com o Censo Agropecuário de 2006, cerca de 2/3

dos estabelecimentos produtores de leite do Estado possuem até 19 cabeças de gado, sendo que 18% têm até quatro animais e 23%, entre 5 e 9 cabeças. No outro extremo, os proprietários de mais de 500 cabeças de gado são apenas 57, correspondentes a 0,39% dos mais de 16 mil produtores de leite de Sergipe, e os produtores com mais de 100 animais e menos de 500 representam 4%. A produtividade dos pequenos produtores não se diferencia muito da média da atividade. Com 32% do total de vacas ordenhadas em Sergipe, os produtores com até 19 cabeças respondiam, em 2006, por 30% do leite produzido. Cerca de 1/3 do leite é produzido em estabelecimentos com menos de 20 hectares e 58% em estabelecimentos com até 50 hectares (MELO, 2012).

Pode-se afirmar que o meio rural do sertão sergipano, pulverizado em pequenas propriedades, é o responsável pelo desenvolvimento dessa região. Trata-se, contudo, de um meio rural que passa por transformações não restritas a Sergipe, por ser um fenômeno de abrangência maior. A sustentabilidade da alta densidade socioeconômica desse território fica sujeita à reprodução e à qualificação da agricultura familiar dependente, por sua vez, de projetos educacionais direcionados aos jovens rurais que aí vivem, daí a relevância de conhecer melhor a juventude rural da região, seus projetos de vida, assim como a influência da escolarização em suas identidades.

2.4 NOVAS RURALIDADES: POSSÍVEIS RESSIGNIFICAÇÕES DO SENTIDO DO MEIO RURAL COMO ESPAÇO EMINENTEMENTE AGRÁRIO

A partir dessa discussão, questiona-se se o conceito de novas ruralidades se configura como uma forma de ressignificação do sentido do rural como um espaço voltado, sobretudo, para atividades agrícolas. No entanto, este é um esforço de síntese; visto que, em concordância com Lima (2005), tem-se consciência de que, evidentemente, enxugar-se-á de modo excessivo o problema cuja pauta engloba debates sobre a agricultura e os modelos de desenvolvimento, a diversificação, a extensificação, a pluriatividade, a produtividade, o meio ambiente, bem como a discussão que se refere às reflexões sobre o renascimento rural. Neste torna-se fundamental o próprio estabelecimento do que hoje é o meio rural.

Herdado da modernidade, o sentido de rural sempre esteve vinculado à natureza, à agricultura, à tradição, às relações pessoais diretas, às culturas estáveis, homogêneas e primitivas; às oposições campo-cidade, tradicional-moderno, incivilizado-civilizado, não tecnificado-tecnificado; ao tempo sazonal, ao espaço ecossistêmico e às relações sociais mediadas pelas instituições burguesas do mercado e do Estado, simbolicamente ligadas à

cidade; esta, por outro lado, referida ao controle da natureza, ao tempo contínuo, ao mecanismo do relógio e ao espaço geométrico horizontal-vertical das ruas e dos edifícios (MOREIRA, 2005; MOREIRA; COSTA, 2002).

No tocante à interface campo-cidade, Bourdieu (2011b) se reporta a estudos weberianos que categorizam como camponês aquele que mora no campo, condição que ainda se deve à sua situação e prática de trabalhador da terra, configurando-se em uma relação de dependência da natureza. Embora consciente de que essa posição possa variar a partir das sociedades e das épocas, fundamenta-se no antropólogo e sociólogo norte-americano Robert Redfield para o qual o camponês, “enquanto tipo humano, só pode ser definido se referido à cidade, sendo a relação com o cidadão e com a vida urbana sob todos os aspectos uma das características constitutivas da existência camponesa” (BOURDIEU, 2011b, p. 4).

Marx e Engels (1998), em suas discussões sobre o trabalho, afirmam não haver dúvida de que a maior divisão do trabalho material e intelectual é a separação entre cidade e campo e a oposição de seus interesses. De fato, em uma visão dicotômica rural/urbano, considera-se que desenvolver atividades produtivas no campo está relacionado ao atraso enquanto morar e trabalhar em grandes cidades estão relacionados a progresso e modernidade. Porquanto há a ideia de que é nos centros urbanos que se pode trabalhar e, ao mesmo tempo, desfrutar de conforto e lazer, assim como ter acesso à educação e a toda infraestrutura que permitem uma melhor qualidade de vida. De outro lado, os mais pobres e menos competitivos da agricultura são desvalorizados na medida em que o campesino é visto como “jeca”, “matuto”, “tabaréu”, “caipira” em um tom pejorativo que o confina a um *status* inferior, de “cidadão de segunda classe”: alguém que está no meio rural porque não conseguiu vencer na vida, não se modernizou, não acompanhou o progresso nem estudou.

Essa perspectiva de ruralidade, entretanto, não é exclusivamente brasileira: a título de exemplo, Alberto Caeiro – considerado o mestre dos heterônimos de Fernando Pessoa –, embora lisboeta, por ter optado pela vida no campo foi identificado como um poeta camponês de vocabulário simples e limitado, um autodidata desprovido de erudição. O homem rural, por sua vez, ao desejar educação, relaciona-a a viver na cidade, tal como pode se depreender da fala de Riobaldo, um dos personagens de *Grandes sertões: veredas*: “Ah, eu só queria ter nascido em cidades [...] para poder ser instruído e inteligente! [...] E Zé Bebelo corrigiu, para eu ouvir, os projetos que ele tinha. [...] Não queria saber do sertão, agora ia para a capital, grande cidade. Mover com comércio, estudar para advogado (ROSA, 2006, p. 407, 606).

O sentido moderno do meio rural, todavia, estaria em processo de desnaturalização, uma vez que esse espaço tem se revelado muito mais antrópico em decorrência de um conjunto de

mudanças que diluem a centralidade nas atividades agrícolas, o isolamento geográfico e cultural e a fraca mobilidade, características que sempre lhe foram designadas como peculiares. Deste modo, a partir de um processo de desterritorialização e reterritorialização de práticas e saberes econômicos, culturais e políticos, tem-se falado, cada vez, mais a respeito da configuração de um novo mundo rural e da emergência de uma nova noção de ruralidade (CARNEIRO, 2002; 2005). Nesse sentido, Silva (1993) ressalta a necessidade de ampliação da antiga noção de rural para além daquelas atividades produtivas tradicionais, como culturas e criações de animais, para incluir no espaço rural a produção de serviços e de bens não agrícolas.

Nas sociedades contemporâneas, a noção de rural como construção social e cultural é abordada como um artifício metodológico para revelar o caráter heterogêneo, móbil e dinâmico dos processos sociais em curso em uma sociedade globalizada que não pode mais ser entendida nos termos colocados pela modernidade (CARNEIRO, 2005).

Esta é uma perspectiva que permite ver a emergência de novas ruralidades e identificar ressignificações de um sentido cultural do meio rural como representação social com novos atores, novas disputas discursivas, novas identidades em construção, a revalorização da vida no campo e da produção de alimentos saudáveis, o rural como espaço de vida social e de relações com a natureza (CARNEIRO, 1998b; WANDERLEY, 2000a).

Em termos de discurso, o rural não é mais [apenas] o agrícola, é o campo, uma paisagem rural associada à natureza, à memória de uma sociedade camponesa, um patrimônio a preservar. Cai a lógica [apenas] produtivista e vem à tona a qualidade de vida. A nova ruralidade se torna um estilo de vida. Opondo-se ao rural agrícola homogêneo, a ruralidade torna-se o rural da diversidade; a noção de paisagem produz a estetização da ruralidade, associada diretamente à natureza. Assim, o rural aparece como paisagem natural a ser preservada e o papel do agricultor é, agora, o de jardineiro da natureza e não o de responsável pela segurança alimentar. O questionamento do modelo produtivista e de degradação ambiental muda a visão da agricultura e da ruralidade, o que vai incidir numa indiferença crescente em relação aos problemas econômicos dos agricultores. (LIMA, 2005, p. 46).

Em relação ao Brasil, sobretudo a partir do início do século XXI, ocorreram pelo menos dois tipos de dinâmicas no mundo rural: a valorização do campo como lugar de trabalho e de vida por intermédio do recente reconhecimento da agricultura familiar como ator social no desenvolvimento econômico, com a implantação da política agrária brasileira, do Programa Nacional de Apoio à Agricultura Familiar (Pronaf) e de assentamentos de reforma agrária, como também a ocupação desse espaço por atividades econômicas não-agrícolas associadas à sua revalorização para o lazer ou residência (secundária ou principal) por pessoas urbanas integrantes de camadas médias – os chamados neorrurais – que buscam qualidade de vida (CARNEIRO, 2002).

Realmente, os dados sobre a população economicamente ativa (PEA) em áreas classificadas pelo IBGE como “rurais” apresentam uma tendência à diminuição do número de pessoas ocupadas pela atividade agrícola e o aumento da ocupação não agrícola como fonte de renda de residentes no meio rural, que reforçam a discussão quanto às características da ruralidade nos dias atuais. Assim, já não é mais possível definir o rural simplesmente como sinônimo de agrícola, nem ocupado majoritariamente por atividades direta ou indiretamente ligadas a isto. Isso tanto pode significar que as famílias sem condições de se manterem exclusivamente das atividades agrícolas têm buscado uma estratégia de reprodução social, como uma mudança no padrão de exploração agropecuária (WANDERLEY, 2000b).

São várias as consequências dessas mudanças, sendo algumas mais fortes em determinados locais, principalmente se mais próximos de grandes centros urbanos e, somado a isso, possuam boa infraestrutura e quando a paisagem cênica é agradável à vista, que se constitui em atrativo ao turismo rural. A título de exemplos, a ampliação (e diversificação) do mercado de trabalho, com destaque em regiões turísticas, além da criação de novas necessidades e desafios para a população desses territórios que se tornam socialmente cada vez mais complexos.

Contudo, em regiões turisticamente pouco atrativas, centradas apenas na agricultura de pequena escala e onde a oferta de emprego se mantém sem alterações – como é o caso do espaço empírico desta pesquisa –, conforme observado por Menezes (2012), há uma tendência migratória dos jovens, principalmente das mulheres que não conseguem se inserir na economia local. Os rapazes, tanto no contexto desta pesquisa como em outros, dividem-se entre o desejo de permanecer na atividade agrícola e o de conseguir outras oportunidades de trabalho na cidade (CARNEIRO, 2002; MENEZES, 2012).

A organização social e econômica, baseada anteriormente na agricultura familiar, passa a dar lugar à pluriatividade, agora combinada à multifuncionalidade, a partir da inserção dos moradores da zona rural no mercado de trabalho, principalmente em atividades de serviço. Isso não significa dizer que a unidade familiar desaparece, mas a tendência é de que se retraia e passe a ser formada por apenas um ou dois indivíduos. Quanto à produção, embora continue sendo a atividade central do agricultor familiar, não pode ser generalizada ao grupo familiar, pois, enquanto o número de estabelecimentos agrícolas cai, a pluriatividade dos chefes das unidades produtivas tem aumentado. Contudo, essa complexa realidade que se refere a disputas sobre representações da natureza e da agricultura deve ser observada, uma vez que atividades não-agrícolas têm favorecido a diluição das fronteiras entre campo e cidade, devido às repetidas trocas de bens entre os mundos urbano e rural. Outrossim, ocupações econômicas, maneiras de

se vestir, de habitar e outras práticas culturais já não são suficientes para distinguir a origem urbana ou rural dos indivíduos (CARNEIRO, 2002).

Embora recentes, tais fatores têm provocado uma conscientização de que a dualidade sobre a qual os estudos sociológicos sempre repousaram seja revista e ampliada para abordagens alternativas, quando uma nova realidade já não cabe em um arcabouço teórico-conceitual que, “na impossibilidade de dar conta da diversidade contida em cada um dos polos da dualidade rural-urbano, atribuída, à realidade observada, a ambiguidade originária da disciplina” (CARNEIRO, 2005, p. 7).

Nesses termos, quais seriam os efeitos, sobre as populações rurais, do estreitamento das relações entre universos culturais e simbólicos até então distintos? Mais do que isso, ainda caberia a condução de pesquisas com base em noções que suporiam uma oposição ou uma continuidade entre os polos rural e urbano, campo e cidade; sem esquecer, em contextos sociais e históricos diferentes, a complexidade que resultou a partir da “interação” entre os dois mundos com características culturais distintas? Categorias tão genéricas como rural e urbano ainda são pertinentes para qualificar os espaços sociais na contemporaneidade? (CARNEIRO, 2002).

A própria Carneiro (2002) responde que as transformações ocorridas no campo não correspondem a uma homogeneização de um sistema social e cultural. Mesmo se levando em consideração que a racionalidade urbana tem seus efeitos sobre o meio rural, esse processo não poderá extinguir o agrário tampouco uniformizar as condições de vida nesse espaço. A ruralidade não é uma categoria genérica, ela se expressa de muitas formas, em distintos universos culturais, sociais e econômicos heterogêneos, sobrevivendo, ainda que de maneira irregular e diversificada, segundo os interesses e a posição dos atores sociais. A heterogeneidade das categorias sociais não provoca, obrigatoriamente, uma descaracterização da cultura local, bem como não implica uma ruptura decisiva, nem no tempo, nem no espaço. Essa diversidade pode acarretar um processo de redefinição de identidades locais e até na consolidação de identidades de grupos que tomam uma consciência de si na relação com o outro. Trata-se, portanto, de uma dinâmica de reestruturação da sociedade local a partir da incorporação de novos elementos econômicos, culturais e sociais. Portanto, para essa autora, o campo ainda não teria se submetido a um processo de homogeneização redutora da distinção entre o que é urbano e rural a um mero *continuum*. Adverte que a ruralidade consiste em um processo dinâmico de reestruturação dos elementos da cultura local a partir da incorporação de novos valores, hábitos e técnicas; porém, a diversidade de formas de expressão, como os contextos culturais, sociais e espaciais heterogêneos das localidades merecem ser analisados.

No caso do Brasil, não se deve pensar em homogeneização do campo, com características similares nas cinco regiões brasileiras; mas a partir de determinantes como clima, relevo, demografia, tipo de paisagem da região, proximidade ou não de grandes centros urbanos, além de características culturais historicamente determinadas, em especial, a colonização sofrida, o rural brasileiro se apresenta de diversas formas e seus moradores podem ter modos de vida distintos, não devendo ser tratados de modo padronizado. Ademais, há novas ruralidades, com suas características, como o turismo rural e a prestação de serviços executada por moradores rurais, alguns destes em conjunto com a agricultura; como também há regiões que, apesar de ter passado por mutações, ainda possuem características predominantemente agrárias. Portanto, é importante que se leve em conta o contexto e a diversidade do campo e da(s) agricultura(s) familiar(es).

Para dar uma ideia da ainda predominante heterogeneidade rural, Sabourin e Caron (2003) destacam as múltiplas denominações utilizadas quando se trata da agricultura familiar, como pequeno produtor, agricultura camponesa, agricultura de subsistência e minifúndio. Ressalvam que estas não incorporam o mesmo sentido do termo agricultura camponesa que qualifica tão-somente parte desse universo e exclui as pequenas empresas familiares, mas que, apesar da conotação política ou ideológica desfavorável, específica ao contexto brasileiro, caracteriza uma maioria significativa dos produtores.

Contudo, um aspecto deve ser chamado à atenção, que se refere à linguagem e aos gostos, especialmente ao consumo conspícuo que, de acordo com Bourdieu (2011b), propiciam distinções simbólicas na maneira de usufruir esses bens e mais, através do consumo simbólico ou ostentatório que transmuta os bens em signos. Pode-se afirmar uma tendência à homogeneização cultural, decorrente pelo aumento dos níveis de renda dos moradores do meio rural e pelo consumo de massa, devido às facilidades de crédito, bem como ao conhecimento, veiculados especialmente por propagandas, sobre produtos e serviços. Em outras palavras, ainda fazendo uso de conceitos de bourdieusianos, observa-se que determinados gostos dos moradores do meio rural que funcionavam como marcadores privilegiados da “classe” passam a ser redefinidos, modificados e até mesmo extintos, enquanto outros surgem ou são assimilados.

Aqui, vale um parêntese para esclarecer que a cultura é entendida por Bourdieu (2011a, 2011b, 1996) como um sistema de significações hierarquizadas, verdadeiro espaço de lutas entre grupos sociais que têm como primordial finalidade manter distanciamentos distintivos entre classes. Na concepção desse autor, a dominação cultural se manifesta quando cada posição na hierarquia social corresponde a uma cultura específica caracterizada pela distinção, pela

pretensão e pela privação; mas sem esquecer os ressentimentos gerados. A cultura central – expressa por meio dos gostos e das formas de apreciação estética –, em seu processo de imposição e de dominação como cultura dominante, faz com que as classes dominadas atribuam sua situação subalterna à sua suposta deficiência cultural e não à imposição pura e simples. Quanto à busca da distinção, pode se dar de forma consciente ou inconsciente; mas toma inevitavelmente a forma da procura do requinte, pressupondo o conhecimento e o domínio das regras dos jogos refinados, previamente estabelecidas e, acima de tudo, monopólio dos homens cultivados de uma sociedade (BOURDIEU, 2011b). Para Bourdieu e Passeron (2009), o sistema de ensino desempenha papel de realce na reprodução da dominação cultural e cumpre inevitavelmente a

função de legitimação cultural ao converter em cultura legítima, exclusivamente através do efeito de dissimulação, o arbitrário cultural que uma formação social apresenta pelo mero fato de existir e, de modo mais preciso, ao reproduzir, pela delimitação do que merece ser transmitido e adquirido e do que não merece, a distinção entre as obras legítimas e as ilegítimas e, ao mesmo tempo, entre a maneira legítima e a ilegítima de abordar as obras legítimas (BOURDIEU, 2011b, p. 121).

Fica para reflexão a hipótese de que no meio rural brasileiro um dos fatores que fazem com que seus moradores desejem acessar bens simbólicos até então acessíveis aos cidadãos é o fato de conhecê-los e, devido à massificação do ensino, a escolarização favorecerá a indústria cultural. Saliente-se que tais mudanças não devem ser tidas como algo incomum ou negativo como a possível perda da identidade campesina; pois, ainda em conformidade com Bourdieu (2007), não obstante os símbolos sejam considerados como ferramentas por excelência da integração social, deve-se considerar, para não correr o risco de limitar a compreensão do mundo, sua crítica sobre privilegiar a cultura como estrutura estruturada ao invés de percebê-la apenas como estrutura estruturante.

Em contextos complexos como o apresentado, os jovens rurais, inclusive os do sertão nordestino, vivem uma realidade que não é mais a tradicional comunidade campesina, em uma espécie de bricolagem de estilos de ser jovem, desde o estilo rural semelhante ao de gerações passadas, até o estilo metropolitano a partir da difusão de imagens de uma geração jovem que, cada vez mais, adota símbolos visuais a fim de marcar seus gostos e atitudes. Porquanto a juventude é um dos grupos mais sensíveis às recentes transformações sociais e culturais, algumas questões se tornam primordiais para os estudos dessa categoria; por exemplo, saber como os jovens constroem seus projetos de vida e de inserção profissional. Com relação à juventude rural, na construção de seus projetos para o futuro, pode ocorrer uma tensão entre os

projetos pessoal e familiar, já que no meio rural são as famílias camponesas as que apresentam maior unidade na hierarquia familiar e no modo de produção, entre reprodução social e produção econômica (TAVARES, 2008).

Um passo à frente da discussão sobre os conflitos entre projetos pessoais e familiares, Pais (2005) ressalta o fenômeno da individualização na construção das trajetórias na contemporaneidade que conformariam múltiplos percursos. O fato é que os jovens se deparam com incertezas e já não podem ter um rumo fixo ou predeterminado, acima de tudo os mais pobres, desprovidos de recursos suficientes para aumentar suas margens de escolhas. Bauman (2009) relata que pertenceu a uma geração onde era comum que os jovens tivessem projetos de vida que, depois de traçados, eram buscados e, raramente, havia desvios no caminho. Mas conclui que para a maioria dos jovens contemporâneos já não é mais possível viver um quadro de estabilidade se a realidade é de incertezas.

Para os jovens de hoje a “transição” para a vida adulta parece um labirinto, onde são obrigados a uma busca constante de articulação de desejos com a realidade e os deveres, ou seja, na verdade, pode haver um grande abismo entre o que um jovem quer fazer, o que ele pode fazer e o que deve fazer (PAIS, 2005). Porém, os mais individualizados a quem esses autores se referem são, particularmente, urbanos e, a partir de suas realidades, pode-se dizer que são europeus. Quanto aos jovens rurais, no caso do sertão, espaço desta pesquisa, cabe um questionamento acerca da evidência de individualizações em suas escolhas ou não. Estas e outras questões sobre a juventude serão discutidas no próximo capítulo.

3 JUVENTUDE: A CONSTRUÇÃO DE UMA CATEGORIA

O homem não está destinado a permanecer criança. Ele deixa para trás a infância na época determinada pela natureza; este momento crítico, muito breve, tem consequências de longo alcance (ROUSSEAU, 1999, p. 271).

A primeira noção para a qual o termo juventude remete é a de transição da heteronomia infantil à, em tese, autonomia adulta, isto é, da dependência ao ápice do desenvolvimento, à plena cidadania e à capacidade de se sustentar (ABRAMO, 1997, 2005; SPOSITO, 2005). Esta fase seria um período de vida em que ocorrem “importantes mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que variam segundo as sociedades, as culturas, as etnias, as classes sociais e o gênero”, conceito este adotado pela Unesco (POLÍTICAS, 2004, p. 23).

O término dessa transição é sempre referido “ao fim dos estudos, ao início da vida profissional, à saída da casa paterna, à constituição de uma nova família ou, ainda, simplesmente a uma faixa etária” (WANDERLEY, 2007, p. 22), de maneira que a juventude tem como clássicas definições delimitadoras: *faixa etária*; *ambiente* rural ou urbano; *maturidade/imaturidade*, através do uso de variáveis biológicas e psicológicas; *critérios socioeconômicos*, como renda, dependência econômica, escolarização, casamento, paternidade/maternidade; *estado de espírito*; *estilo de vida* e *setor da cultura* (CATANI; GILIOLI, 2008).

Esses conceitos têm possibilitado comparações internacionais, regionais, temporais e socioeconômicas, provindo sempre da aceção predominantemente etária e tendo na transitoriedade sua característica principal¹⁸ (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007). No entanto, o primeiro obstáculo ao se tratar de juventude(s) e sua(s) cultura(s) é justamente defini-la(s); pois, quando se requer que o conceito seja mais preciso, começam a surgir dificuldades e são revelados seus aspectos imprecisos e escorregadios (ABRAMO, 2005; CATANI; GILIOLI, 2008; SPOSITO, 2000).

Neves e Ferreri (2013) consideram um desafio definir a juventude porque tratar dessa categoria seria como se mover em um ambíguo campo de conceituação. Para Wanderley (2007), os obstáculos sobrevêm tanto porque a demarcação dessa etapa da vida é “culturalmente determinada”, como por se tratar de um conceito relativamente recente. De acordo com Charlot (2007), foi a partir da modernidade – primeiro na burguesia urbana e a seguir em outras camadas

¹⁸ Não obstante, invariavelmente enquadrada em um conjunto de definições biopsicossociais, para Sposito (2007b), essa categoria reúne ambiguidades ao ser considerada, ao mesmo tempo, um período de inserção na estrutura social e uma etapa específica na vida.

sociais, por conta da generalização e da expansão dos níveis de escolaridade – que essa etapa entre puberdade e fase adulta surgiu, sendo enfatizada desde o século XIX, mas com maior percepção como categoria social distinta a partir da segunda metade do século XX¹⁹ (HOBSBAWM, 2005; SAVAGE, 2009).

Ao ser considerada “epistemologicamente imprecisa”, demandaria nas pesquisas a escolha de uma definição orientadora, ainda que provisória. Contudo, a imprecisão conceitual não deixa de ser um primeiro passo, pois “a própria definição da categoria juventude encerra um problema sociológico passível de investigação, na medida em que os critérios que a constituem [...] são históricos e culturais” (SPOSITO, 2000, p. 7).

Embora também seja um desafio abordar teoricamente essa categoria sociologicamente considerada como problemática e sem definição clara e objetiva, Stropasolas (2006, p. 176) reconhece que “a quantidade e a qualidade das obras que abordam atualmente o tema da juventude já são suficientes para formar uma base, graças a qual se pode começar a falar de uma ‘sociologia específica’”. A esse respeito, Brumer (2007) salienta que o número de estudos referentes à juventude cresceu desde o início dos anos 90 em virtude das reivindicações dos jovens por maior visibilidade e políticas públicas geradoras de emprego, renda, educação e lazer. Neste sentido, além de ator social, o jovem também estaria se configurando como ator político.

Observa-se a construção de um espaço de visibilidade pública e política da diversidade juvenil com a presença emergente desses segmentos do mundo rural, que evidencia uma nova força no âmbito da ação coletiva dos jovens, gerando a construção de uma agenda pública em torno do tema juventude. Não obstante, trata-se de uma agenda em formação, ainda plural, contraditória e até mesmo conflitiva, pois é constituída por Organizações Não Governamentais, movimentos juvenis, partidos, universidade e outros movimentos sociais (SPOSITO, 2007a).

No que concerne à universidade, Sposito (2007a) critica o fato de nos estudos acadêmicos, especialmente os relacionados à juventude rural, haver certo descompasso entre conhecimento e prática social, além de pouca pesquisa em relação à realidade, a qual se revela mais rica, dinâmica e multifacetada. Para essa autora, é preciso debater a modalidade da pesquisa e suas características, lembrando-se de que os resultados de uma investigação estão longe de serem verdades absolutas, já que as conclusões são sempre provisórias. Acrescente-se

¹⁹ De acordo com o *Guia de Políticas Públicas de Juventude* (2006), no Brasil, a discussão só ganhou relevância a partir da década de 90.

que ao se tornar pública, a pesquisa deve dar maior visibilidade tanto aos seus resultados, quanto aos procedimentos utilizados.

Por outro lado, algumas investigações, como as realizadas por intermédio de jornais e revistas, têm gerado grande efeito midiático na constituição da agenda pública sobre os jovens ao divulgarem, com o objetivo de causar impacto, manchetes que destacam a violência, o consumismo e a indisciplina escolar (SPOSITO, 2007a). Nos meios de comunicação, as possibilidades de abordagem sobre essa faixa etária surgem, de um lado, pela aproximação dessa categoria com problemas sociais como crimes e violências e, de outro, como agentes de mudança. Isto reforça o senso comum e os estereótipos que a codificam como um grupo homogêneo, ainda que os estudiosos do tema alertem para sua pluralidade que começa a ser definida e caracterizada por situações, identidades e vivências distintas –, acarretando um aumento do número de estudos acerca dos interesses e grupos específicos de jovens (ABRAMOVAY; CASTRO, 2006).

Embora a mídia participe da construção de uma identidade juvenil, muitas formas de organização coletiva dessas identidades estão distantes de um padrão único. Contudo, independente da condição de classe, gênero e do local onde se vive, o sujeito identificado ou autoidentificado como jovem sempre é colocado em uma determinada posição social (CASTRO, 2007). Autores, a exemplo de Galland (1991), Catani e Gilioli (2008), consideram plausível analisar a ampla formação e a concepção de juventude como categoria social distinta, bem como as transformações de suas representações ao longo do tempo, especificamente a partir de meados do século XX. Galland (1991) entende a juventude como historicamente construída e, de modo semelhante, Esteves e Abramovay (2007) ressaltam que, como construção social, seria produto de determinados espaços e tempos, interesses diferentes e inserções na sociedade; enquanto Stropasolas (2006) observa que, para Bourdieu, a juventude estaria em função de disposições e posições sociais.

Reconhecida a imprecisão do termo, destaque-se que é recorrente a alusão à provocação bourdieusiana de que a juventude é apenas uma palavra, quando esse autor critica “o fato de se falar dos jovens como de uma unidade social, de um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e de se referir esses interesses a uma idade definida biologicamente” (BOURDIEU, 2004a, p. 153). Para Catani e Gilioli (2008), a expressão de Bourdieu denota que haveria pelo menos duas juventudes, a burguesa e a das classes populares, com diferenças significativas, além do que, jovens universitários, camponeses e operários teriam muito pouco em comum, exceto a faixa etária.

Já se reconhece não existir um único tipo de juventude, mas um conjunto heterogêneo formado por vários grupos juvenis e múltiplas culturas juvenis: “por essa linha, vem se tornando cada vez mais corriqueiro o emprego do termo juventudes, no plural, no sentido não de se dar conta de todas as especificidades, mas, justamente, apontar a enorme gama de possibilidades presentes nessa categoria” (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007, p. 21).

Embora questione o discurso de diversidades, diferenças e desigualdades juvenis – quando também faz sentido valer-se de um padrão de juventude como referencial na busca da compreensão da realidade e na produção de políticas públicas –, Abramo (2007) declara a impossibilidade de dar por certa a existência de um único padrão ideal de juventude. Sposito (2007a) também sublinha certa convergência entre temas e problemas colocados pelos jovens rurais e urbanos, propondo uma questão intrigante e desafiadora: partir do ponto da preservação da especificidade e das diferenças entre os jovens – “as várias juventudes” – e, ao mesmo tempo, trabalhar com a singularidade em uma chave mais geral, uma vez que, no limite, a diversidade total e completa negaria a própria categoria juventude. Frisa que é preciso buscar aproximações entre os vários segmentos da juventude brasileira, enfrentando a diversidade dos processos que caracterizam a experiência juvenil com análises e planos discursivos de conteúdo mais universal.

Ao tratar de valores e normas da juventude contemporânea, Charlot (2007) reforça a necessidade de se raciocinar em termos de juventude e juventudes e nota que os sociólogos que pesquisam sobre essa categoria apresentam pontos consensuais, entre os quais, a constatação do esgarçamento da fronteira entre juventude e idade adulta. Similarmente, Esteves e Abramovay (2007) analisam que se começa a ir além da idade como fator predominante da juventude. “Do ponto de vista empírico e descritivo, não se encontra ‘juventude’, encontram-se ‘jovens’, definidos como um grupo populacional, cujo problema está na determinação de seus limites inferiores e superiores.” (CHARLOT, 2006, p. 11, grifos do autor).

Demograficamente, de acordo com a publicação *Políticas públicas de/para/com juventudes* (2004), os jovens formam um grupo populacional limitado entre os 15 e os 24 anos; todavia, em zonas rurais ou de pobreza extrema, também são considerados jovens aqueles que fazem parte do grupo entre 10 e 14 anos, ao passo que em estratos sociais médios e altos urbanizados, o grupo de 25 a 29 anos é incluído. Brumer (2007) pondera que embora haja algum consenso na determinação de quem é jovem em certas sociedades, a dificuldade na delimitação

do início e do fim da juventude, com variações no tempo e no espaço, deve-se a aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos²⁰.

Sob essa ótica, a idade se torna “um dado biológico socialmente manipulado e manipulável”, muito mais quando o jovem, em sua singularidade, é enquadrado em um grupo social constituído com interesses comuns. “É por meio de um formidável abuso de linguagem que se subsumi no mesmo conceito, universos sociais que praticamente nada têm em comum”, de modo que, em todas as sociedades, a fronteira entre juventude e velhice é um objeto de disputa (BOURDIEU, 2004a, p. 153).

Embora concordem que as divisões etárias são arbitrárias – em alusão a Bourdieu (1983) –, Abramovay, Andrade e Esteves (2007) indicam que a observação atenta dessas divisões pode auxiliar na compreensão de como são exercidas as disputas manifestadas por meio das repartições etárias de poderes; logo, “considerar a faixa etária torna-se essencial para a consolidação e ampliação de conquistas – especialmente no campo das políticas públicas – potencialmente capazes de expandir o leque de direitos da população jovem” (ABRAMOVAY; ANDRADE; ESTEVES, 2007, p. 13).

Nenhuma característica biológica ou biopsíquica determina uma etapa específica da vida entre a infância e a idade adulta denominada “juventude”, afirma Charlot (2007); ao mesmo tempo, observa que enquanto as ciências humanas, aí incluída a sociologia, definem como juventude o período entre os 15 e os 29 anos, sob critérios biopsíquicos, na trajetória vital do ser humano o que é denominado juventude constitui o período de maturidade e, dessa forma, haveria confusão entre a “juventude sociológica” e a “maturidade biopsíquica”. Assim, conclui que é apenas sob o ponto de vista social que a juventude pode ser distinguida da idade adulta, pois o que é realizado por homens ou mulheres “maduros” pode ser factível para um “jovem”.

É fundamental mencionar, porém, uma atualização nessa discussão devido à noção *judicializada* da juventude, ou seja, uma nova situação que surge no Brasil a partir do Estatuto da Juventude que determina como jovem de 15 aos 24 anos. Se, juridicamente, ser jovem é isso, este é um posicionamento formal que cria uma variável jurídica, a qual poderá incidir sobre a discussão da indefinição discutida na sociologia e no recorte da população. Fica, assim, a interrogação se essa nova definição de uma faixa etária vai causar impactos em certas indefinições que a sociologia vinha trabalhando, tais como “o jovem em si” ou “um ser em transição”.

²⁰ Discussão sobre faixa etária e alongamento da juventude também em Sposito (2000).

De fato, esta é uma discussão importante na sociologia: que a juventude também é considerada como transição para a vida adulta via os eixos escola-profissão e família-matrimônio, e em direção a quatro marcos: fim dos estudos, começo da vida profissional, partida do domicílio familiar e formação de um casal (ABRAMO, 2005; GALLAND, 1993). Neste caso, o início na fase adulta e o fim da juventude são estabelecidos quando da ultrapassagem dos referidos marcos, de forma que a idade adulta se configura como a autonomia econômico-financeira, residencial e afetiva (GALLAND, 1993). Analogamente, Durston afirma que “a fase juvenil se caracteriza por uma gradual transição até a assunção plena dos papéis adultos em todas as sociedades, tanto rurais como urbanas [...] [e] a juventude dura desde o término da puberdade até a constituição do casal e de um lar autônomo” (DURSTON, 1995, p. 14).

Para Guillaume, a ideia sociológica de que há uma transição para a maturidade – com marcos na inserção profissional, inserção residencial e formação do lar – tem seus limites, ao excluir grande número de jovens contemporâneos (GUILLAUME, 1999 apud STROPASOLAS, 2006). Muito embora Stropasolas (2006) observe que esse conceito tem sofrido mutações na contemporaneidade, já que, atualmente, os jovens permanecem mais tempo com sua família de origem e na dependência financeira e material dos pais, especialmente com o aumento da duração dos estudos e da dificuldade de acesso ao mundo do trabalho, conformando-se como tendência o “alongamento da juventude”²¹ (GALLAND, 1993).

Esta parece ser uma tendência nos grandes centros dos países ocidentais e, no Brasil, tal fato já se observa notadamente nos filhos da classe média. No sertão desta pesquisa, a partir do conhecimento empírico desta autora, o alongamento pode até ocorrer em relação à inserção no mundo do trabalho, mas, quanto ao matrimônio, os jovens do lugar ainda se casam muito cedo; porém, conforme será evidenciado na análise dos dados, ao menos entre os jovens estudantes do ensino médio, observa-se o pensamento de postergar o casamento.

Esta pesquisadora passou a frequentar o meio rural do sertão desta pesquisa quando estava próxima dos trinta anos. Por ainda não ter filhos, esta opção, para os moradores do lugar, constituía-se uma quebra de costumes, pois, na sua idade, nessa região havia mulheres com filhas casadas, até mesmo avós. Ao mesmo tempo, quando recebia visitas de mulheres, seja da família ou de amizade, na mesma faixa etária, era comum ouvir de uma moradora do lugar a

²¹ *L'allongement de la jeunesse*, termo no original, em francês e título da obra de Olivier Galland (1993).

expressão: “É velha na idade e nova no calete”. Isso significava que para essa moradora, “casada”²² aos quatorze anos, uma mulher com cerca de trinta anos era considerada velha.

Mas houve mudanças no meio rural do sertão desta pesquisa nos últimos dez a quinze anos. Precisamente, em 2000, o governo Fernando Henrique Cardoso lançou o Programa *Luz no Campo* com o objetivo de levar a rede de energia elétrica no meio rural brasileiro a 1 milhão de famílias rurais em até três anos. No final desse período não chegou a atingir a meta de universalização da rede elétrica no meio rural brasileiro, mas houve um avanço em 90%. Em 2003, no governo de Luís Inácio Lula da Silva, houve uma reformulação no Programa Luz no Campo que passou a ser denominado *Luz para Todos*. Desta vez, a região desta pesquisa foi alcançada e, além da eletrificação, o povo foi brindado com preço subsidiado da energia durante vários anos.

Desde então, ocorreram diversas mudanças no meio rural do sertão deste estudo, sobretudo no âmbito cultural, pois a televisão com seu padrão de comportamentos passou a ter um papel influenciador em todos os lares. A partir de então, o conceito do que é “ser novo” e “ser velho” mudou radicalmente na concepção das mulheres, pois há artistas e atrizes que, mesmo maduras na idade, comportam-se como jovens e chamam a atenção pela vivacidade em todos os sentidos. Diante dessa nova conjuntura, a lógica do mundo rural do sertão desta pesquisa não é mais a mesma; muito mais com o recente advento da internet, de modo que permeada pela lógica cultural pós-moderna das identidades híbridas, maleáveis e multiculturais (CANCLINI, 2008), no meio rural encontra-se também em reelaboração, com tendência a cada vez mais se referenciar não a um único código cultural homogêneo; mas, conforme observado por Froehlich (2003), sempre a partir de distintos códigos e fronteiras simbólicas.

Arelado a isso, programas governamentais de transferência de renda como *Bolsa Família* e *Brasil Carinhoso*, voltados para as crianças e os jovens das famílias de baixa renda, foram condicionados à permanência na escola. Esta, por sua vez, passou a ser mais acessível aos moradores do meio rural, tanto devido ao aumento da oferta de matrícula no campo para o ensino fundamental menor, como ao transporte público escolar disponível em boa parte da região.

A melhoria das estradas também contribuiu para tal situação, bem como o acesso dos moradores do meio rural a um meio de transporte fundamental, sinônimo de mobilidade e

²² “Casou” vem entre aspas porque também é costume no lugar inicialmente ir morar junto, às vezes em casa própria, às vezes na casa dos pais de um dos cônjuges, geralmente dos pais do rapaz, pois este “carrega” a moça, por isso, não faria sentido ir morar na casa dos pais dela.

liberdade: a motocicleta. É certo que passaram a acontecer muitos acidentes com mortes, sobretudo dos homens, mas isso não impede o adeus aos cavalos, jumentos, carroças e bicicletas como meio de transporte. A cavalgada, atualmente, é mais uma opção de lazer para os moradores do campo, além de certa disputa de quem possui o melhor e mais bonito cavalo, de modo que esse animal perde sua relação com o trabalho para a de consumo conspícuo. Quanto à econômica motocicleta, o homem do campo, através de curiosas adaptações, converte-a no meio de transporte mais popular que já se viu nos sertões. Esta pesquisadora já viu dois jovens em uma moto a tocar o gado, vestidos de roupas próprias da juventude urbana, tais como bermudas, *t-shirts* e boné. Sendo que o jovem da garupa estava ao celular, mais um objeto primordial para que os moradores do campo tenham acesso à comunicação, bem como a aplicativos para *smartphone* desenvolvidos especialmente para o uso de produtores rurais. O sertão de antes, discutido no capítulo dois, cada vez mais tem ficado para trás e se reconfigurado em um sertão que mescla aspectos culturais do passado com novidades tecnológicas vindas das cidades, novos modos de se vestir e de se alimentar, novas formas de pensar e de agir, incluindo-se, cada vez mais, o acesso dos mais jovens à educação.

Com o acesso ao ensino médio regular nas cidades, modalidade focada no então vestibular e, atualmente, ENEM, bem como as ações afirmativas ou sistema de cotas voltadas para a área educacional, os jovens rurais passaram a ter, de forma bastante palpável, a possibilidade de ascensão educacional e, conseqüentemente, profissional. Porém, nem todos os jovens concluem o ensino médio. No meio do caminho ficam moças que casam bastante cedo, outras que “fogem” com algum rapaz e logo engravidam, além de moças e rapazes que realmente não se interessam pela escola nem são motivados para tanto. Já os que persistem, cada vez mais adiam o casamento e pensam em concluir seus estudos em nível superior.

Porém, isso ocorre em outros contextos, a exemplo de Portugal, pois, neste doutoramento, com a oportunidade de estágio sanduíche na Universidade de Lisboa, a partir de visita à Associação de Jovens Agricultores de Portugal (AJAP), teve-se acesso a um relatório de pesquisa realizada pela AJAP em conjunto com o Gabinete de Planeamento e Políticas (GPP), estudo que permitiu “identificar os fatores que conduzem ao sucesso dos projetos de primeira instalação de Jovens Agricultores” (CORREIA, 2012, p. 10).

Os resultados da referida pesquisa mostram que os jovens que se instalaram no campo têm “um nível de qualificação muito superior à média, mais de 50% tem habilitação secundária ou superior, e que uma larga maioria já tinha experiência agrícola (79%), bem como a entrada de jovens sem experiência anterior (12%) e com formação secundária ou superior em áreas não agrícolas” (CORREIA, 2012, p. 11). Este é o desafio na busca da sustentabilidade da produção

agrícola em Portugal, ao melhorar a atratividade para os jovens e fazer mais eficaz o apoio concedido ao rejuvenescimento do setor empresarial agrícola (AJAP, 2012).

Não obstante, a partir de um painel realizado com jovens agricultores, para estes há pelo menos quatro barreiras à entrada de mais jovens no setor: dificuldades de acesso à terra, falta de estruturas associativas/cooperativas para apoiar os novos atores, apoios insuficientes ao investimento e desprestígio social da atividade. De fato, o distanciamento dos jovens empresários pelas atividades de produção primária reflete a imagem de uma atividade pouco reconhecida na sociedade, na qual o uso da tecnologia é reduzido e com poucos desafios intelectuais. Mas este é um ponto de vista baseado na falta de conhecimento das exigências científico-tecnológicas e de gestão necessárias à prática de uma atividade intensiva em tecnologia e em conhecimento (AJAP, 2012).

Concernente à qualificação inicial dos promotores de projetos de Jovem Agricultor, o estudo avaliou o tipo de escolaridade dos jovens agricultores quando de sua instalação e a identificação dos que frequentaram, ou com aproveitamento, o curso de empresário agrícola, obrigatório em alguns casos. Assim, foram obtidas as seguintes informações dos entrevistados: 27% com formação igual ou inferior ao 3º ciclo; 27% com formação académica superior; somente 28% com formação, secundária ou superior, na área agrícola, com maior número os jovens agricultores com formação superior nas áreas não agrícolas (16%) do que nas áreas agrícolas (11%). Este resultado demonstra uma particular relevância quando comparado ao nível de instrução médio dos agricultores portugueses, em que apenas 9% têm formação secundária ou superior. Ao se realizar uma análise evolutiva da escolaridade inicial dos jovens agricultores, fica evidente o aumento da qualificação inicial dos promotores. Se se compararem os anos de 2001, 2005 e 2010, em que a amostra é maior, houve uma mudança da tipologia de candidatos a jovens agricultores, como sinal de inversão no setor empresarial agrícola, embora no relatório haja uma ressalva de que tal análise pudesse estar enviesada pela crise econômica enfrentada por Portugal, a qual dificulta a empregabilidade juvenil. Independentemente de ter viés de pesquisa, a AJAP demonstra se tratar de uma oportunidade para o setor se renovar e ganhar mais massa crítica, pois, mais de 90% dos jovens inquiridos pretendem continuar na atividade agrícola. Porém, os jovens pesquisados apresentaram razões distintas, dentre as quais, 29% “por gosto” e 16,4% “porque não têm outra opção”, sendo que esta opção obteve 27,5% das respostas dos jovens do Alentejo (AJAP, 2012).

Ainda segundo a pesquisa da AJAP (2012), em aproximadamente 78% dos projetos o promotor já tinha certa experiência na área de instalação, ao passo que quase 58% tinham mais de três anos de experiência, um indicador que denota um vínculo estreito entre o racional dos

projetos apresentados e o “saber fazer” acumulado pelos promotores. Para sua instalação, a maioria dos jovens agricultores teve acesso à terra de origem familiar. Somente 18% sustentaram a totalidade do seu projeto em terras não pertencentes a familiares. Quase 1/4 dos projetos recorreu a uma combinação de terras que pertenciam à família e a outras fontes. Na região Norte de Portugal, o acesso à terra de origem não familiar foi praticamente residual. Em nível nacional, foi baixa a percentagem de projetos que se assentaram em terras de origem familiar que não estavam sendo exploradas, isso indica que os jovens se beneficiaram de uma série de melhorias e/ou equipamentos essenciais para minimizar o nível de investimento inicial.

Por se tratar de atividade verdadeiramente estratégica em termos de segurança alimentar para garantir o abastecimento de uma população cada vez maior e mais urbanizada e, de outro lado, devido à grande necessidade de jovens na agricultura com vistas a sua sustentabilidade, o enquadramento para aqueles que buscam se instalar na agricultura foi diferenciado. Assim, para garantir maior adesão ao programa, quanto à idade, do total de entrevistados, existiram instalações de Jovens Agricultores dos 18 aos 40 anos, ainda que a faixa de idade de 24 a 30 anos, no momento da instalação, concentrava 47% do total dos entrevistados (AJAP, 2012).

Verifica-se, desse modo, que jovens portugueses licenciados retornaram ao meio rural para investir em projetos agrícolas. A referida pesquisa não indica se retornaram à casa dos pais, mas se observa que a maioria fez uso de instalações familiares, inclusive das benfeitorias, máquinas e equipamentos, pode-se deduzir que houve o retorno para propriedades rurais dos pais. Resta evidente o alongamento da juventude em que a oportunidade de submissão de projetos ao programa foi franqueada a “jovens” agricultores dos 18 aos 40 anos. Conforme já mencionado, esta pesquisadora desconhece que tais fatos ocorram no meio rural do sertão deste estudo, mas conhece com proximidade o caso de um cidadão de nível superior, na faixa etária de 30 a 40 anos que por não ter se encaixado em empregos ou concursos, tenta obter crédito rural subsidiado para um projeto agrícola.

Foi a partir de configurações como esta que a sociologia propôs um período moratório, pois, em vez de ascender logo à idade adulta, os jovens passariam por uma transição mais longa, formando uma “geração suspensa” (GALLAND, 1991). Assim, não haveria mais uma transição linear e progressiva, mas vários eventos que ocorrem em distintos momentos, desregulando etapas, além de “descronologização” e “dessincronização” das passagens que demarcariam o fim da juventude (CHARLOT, 2007).

Bauman (2005; 2009) lembra que os projetos de vida, há cerca de meio século, significavam a melhor das escolhas, aquela que determinava o fim de todas as outras e que, uma vez estabelecida, esta meta-escolha determinaria o destino a ser alcançado que, por sua

vez, demandava um mapa a ser traçado com o melhor e mais curto caminho a ser seguido. Esse projeto era a escolha de uma vida, algo que não poderia ser mudado com facilidade, mas que delimitava as etapas a serem seguidas.

Todavia, a juventude contemporânea, além de “suspensa”, é também chamada de “ioiô” por viver em casa própria e na casa dos pais ou ainda entre o casamento e continuar solteiro, por ir e vir entre o sistema educativo e o mercado de trabalho, com abertura para possíveis reversibilidades de escolhas, com flexibilidade para mudar de trajetória quando necessário (CHARLOT, 2007; PAIS, 2005).

Flexibilidade ou, em outros termos, essa disponibilidade para sempre mudar, é justamente o que o capitalismo moderno requer das pessoas. Sennett (2009) considera que o ambiente moderno, com enfoque no trabalho de curto prazo, na execução de projetos, nas instituições flexíveis e no constante correr risco, não permite que as pessoas experimentem uma narrativa coerente na construção de suas vidas. Isso também impede a formação de caráter²³, cujo desenvolvimento depende de virtudes tais como a lealdade, o compromisso e o apoio mútuo, características que evanescem no novo capitalismo. Sennett (2009) acrescenta que essas transformações corroem a ideia de propósito, de integridade e de confiança nas outras pessoas, aspectos que as gerações anteriores primavam como essenciais para a formação do caráter. Ocorre, ainda, choque geracional entre pais e filhos, pois os mais jovens não se apegam ao temporal, enfatizando a flexibilidade do caráter. É forte a capacidade de romper com o passado, com tolerância à fragmentação, visto que o medo do fracasso é o grande tabu da era moderna. Para esse autor, há um tipo de narrativa que se sintoniza melhor com as atuais circunstâncias:

O romancista Salman Rushdie afirma que o eu moderno “é um edifício instável que construímos com raspa, dogmas, mágoas da infância, artigos de jornal, observações casuais, velhos filmes, pequenas vitórias, pessoas odiadas, pessoas amadas”. Para ele, a narrativa de uma vida aparece como uma colagem, uma montagem do acidental, do encontrado e do improvisado. A mesma ênfase na descontinuidade aparece nos textos do filósofo Zygmunt Bauman e do teólogo Mark Taylor; eles celebram os esforços de romancistas como Joyce ou Calvino para subverter as tramas bem-feitas, como uma forma de mostrar o fluxo da experiência vir a ser – um eu jamais acabado. Nessas circunstâncias, não pode haver uma narrativa de vida coerente, um momento esclarecedor de mudança iluminando o todo. Essas visões da narrativa, às vezes chamadas “pós-modernas”, refletem na verdade a experiência do tempo na moderna economia política. Um eu maleável, uma colagem de fragmentos em incessante vir a ser, sempre aberto a novas experiências. (SENNETT, 2009, p. 159).

²³ Caráter é “[...] o valor ético que atribuímos aos nossos próprios desejos e às nossas relações com os outros, [...] são os traços pessoais a que damos valor em nós mesmos, e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem [...]. O capitalismo de curto prazo corrói o caráter [...], sobretudo aquelas qualidades de caráter que ligam os seres humanos uns aos outros, e dão a cada um deles um senso de identidade sustentável” (SENNETT, 2009, p. 10-11).

Numa sociedade em que a flexibilização e a precarização do trabalho, além da pluralização das formas de vida familiar marcam profundamente as trajetórias pessoais, a ideia de que a juventude é uma simples transição para a fase adulta tende a se dissolver na medida em que ocorrem múltiplas transições, dessincronizadas e reversíveis, além da perda do sentido, quando ser adulto não é mais garantia de estabilidade. Torna-se difícil caracterizar a juventude pelo fato de o conceito de transição ter perdido a sua consistência e, de igual modo, definir a idade adulta, já que a precariedade, considerada o marco da juventude, está se prorrogando pela vida toda (CHARLOT, 2007). Portanto, “a vivência da experiência juvenil passa a adquirir sentido em si mesma e não mais somente como preparação para a vida adulta” (STROPASOLAS, 2006, p. 182).

Para Alves (2008), quer tenha sido concebida como experiência juvenil ou etapa da vida, a juventude é um produto da modernidade que trouxe a escola de massas, a escolaridade obrigatória, a institucionalização de um tempo específico para aprender e a criação de um espaço propício à participação em um grupo de pares, que foi testemunha da crescente intervenção do Estado-Nação na regulação da sociedade e à construção da juventude como categoria social, alvo de medidas públicas específicas, causando profundas mudanças sociais.

3.1 QUESTÕES JUVENIS: EDUCAÇÃO, TRABALHO, DIPLOMAS, SUJEITOS DE DIREITOS, SUJEITOS DE CONSUMO

Para se apossar do sentido da categoria juventude, também não se pode perder de vista discussões acerca do modelo econômico e, no caso da juventude rural, do modelo agrário, sem relegar o fato de que essa categoria é um produto próprio das cidades, já que foi com o fenômeno de urbanização que passou a despertar o interesse do Estado em diversos setores, como educação, segurança e trabalho. Do mesmo modo, tornou-se alvo na esfera do consumo e da indústria cultural, na medida em que foi incorporada como figura principal nos mercados da moda, da música, do esporte e das artes, entre outros (CATANI; GILIOLI, 2008).

A juventude, como hoje a conhecemos, é propriamente uma invenção do pós-guerra que tornou possível o surgimento de uma nova ordem internacional que conformou uma geografia política em que os vencedores tinham acesso a inéditos padrões de vida, impondo seus estilos e valores. Tomou forma um discurso jurídico, um discurso escolar e uma florescente indústria, que reivindicavam a existência das crianças e dos jovens como sujeitos de direito e, especialmente, quanto aos jovens, como sujeitos de consumo. (REGUILLO, 2007, p. 49).

Por intermédio da publicidade nas sociedades de consumo, a moda tem habilmente realçado a positividade dos valores associados à juventude, enunciando-a como categoria traduzida pelo prazer, pela estética, pela audácia, pela liberdade de criação, idealizando e reificando aspectos corporais, para construir um imaginário da juventude composto de saúde e felicidade, omitindo o lado negativo de se ser jovem, decorrente da forma como a sociedade o trata, aspectos como incertezas, limitações e solidão. Os jovens, então, viveriam uma contradição: de um lado, por serem consumidores em potencial e valorizados esteticamente, são visados pelas propagandas e pelo marketing; por outro, por conta do desemprego estrutural e da precarização, sentem dificuldades de se encaixarem profissionalmente e continuam a depender financeiramente dos pais (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007).

Este parece ser o caso de jovens sergipanos entre 25 e 29 anos que, de acordo com dados de pesquisa conduzida por Charlot (2006), 31% vivem exclusivamente da própria renda, 24% vivem da sua renda, mas com ajuda de outras pessoas e 45% única ou principalmente da renda de outrem. Na busca da autonomia, as experiências adquiridas nessa fase influenciarão, com maior ênfase do que em outras faixas etárias, a trajetória do jovem, especialmente através da relação com suas redes sociais, família, grupos, comunidades e interações na escola e no trabalho (LEON, 2007). A escolarização passa a se conformar como espaço fundamental de sentido, ao explicitar desigualdades e oportunidades limitadas que marcam expressivos grupos de jovens, sendo, ao mesmo tempo, espaço fundamental de reflexão e luta por direitos (ANDRADE; FARAH NETO, 2007).

Branco (2005), a partir de pesquisa referente à juventude brasileira empreendida em 2003²⁴, salienta que, se os dados forem considerados em conjunto, para 75% dos jovens brasileiros, tanto do campo como da cidade, o interesse se dirige à educação (38%) e ao trabalho (37%). Em 2013, novo retrato do jovem brasileiro é apresentado com base nos resultados da pesquisa *Agenda Juventude Brasil*²⁵. Embora, normalmente, o jovem ainda seja visto apenas na condição de estudante, com base em pesquisa com jovens na faixa etária entre 15 e 29 anos, em relação à sua condição de atividade, nota-se que ela está mais presente no mundo do trabalho (74%, sendo que 53% trabalham e 21% procuram trabalho) do que na escola (27%). Percebe-se também que os jovens vivem conjuntamente os dois mundos, ao conciliarem escola e trabalho (14%) ou ao procurarem trabalho enquanto estudam (8%). Quanto aos temas que mais

²⁴ “A mais abrangente pesquisa quantitativa nacional realizada no Brasil” em 2003 sobre o perfil da juventude brasileira (ABRAMO; BRANCO, 2005, p. 11).

²⁵ Realizada pela Secretaria Nacional de Juventude (SNJ).

os preocupam, quando apresentaram apenas uma opção, a preocupação com segurança/violência obteve o maior número de respostas espontâneas (24%), seguido por emprego/profissão (19%) e educação (9%). De acordo com a análise dessa pesquisa,

chama a atenção que educação não esteja no topo da lista; uma hipótese é a de que ela se mantenha como assunto de importância e interesse, mas não mais como de grande preocupação, uma vez que essa geração vive a experiência de ter tido um ganho nesse campo, em relação às gerações passadas (SNJ, 2013, p. 27).

No entanto, quando indagados a respeito dos principais assuntos que gostariam de discutir com os pais ou os responsáveis, em primeiro lugar, juntos, com 43% das respostas, foram mencionados educação e futuro profissional (SNJ, 2013). Apesar de a escola não ter importância somente como um meio facilitador de acesso ao mercado de trabalho, Charlot (2005), com base em pesquisas relacionadas com o saber, infere-se que o interesse pela educação associa-se sempre com o trabalho, porquanto os jovens consideram a escola imprescindível para se obter um bom emprego no futuro. Em um contexto local, resultados de pesquisa sobre quem são, como vivem e o que pensam os jovens sergipanos de 15 a 29 anos evidenciam o mesmo interesse, pois, para os jovens pesquisados, existe “uma forte disponibilidade ao estudo, a qual se constitui uma valiosa jazida de competência, de produtividade, de desenvolvimento econômico e social” (CHARLOT, 2006, p. 233).

Por que os jovens, de forma geral, demonstram tanto interesse pelo trabalho, que se expressa como objetivo a ser alcançado, vinculado à formação escolar? Fazendo uso de uma definição de Netto e Braz (2008) sobre esta categoria, seria ainda por que esta serve para embasar as atividades econômicas e possibilita a produção de quaisquer bens, criando os valores que compõem a riqueza social, além de ser central para a compreensão da atividade econômica, ao fazer referência ao próprio modo de ser dos homens e da sociedade, ou seja, do próprio fenômeno humano-social? Ou seria por que o trabalho também é visto, de acordo com Leon (2007), sobretudo como um dos principais acessos à realização pessoal, criador de vínculos sociais, construtor de identidades e fonte de criatividade e inovação?

Categoria que humaniza o homem, o trabalho passou por várias transformações ao longo da história. Sua origem está relacionada ao fato de que os homens somente podem obter as condições materiais de existência e reprodução da sociedade pela interação com a natureza, pois, sem reprodução biológica e sem transformação das matérias naturais em produtos que atendam suas necessidades, não poderia haver história humana. Portanto, é uma atividade

exclusiva dos homens e sua importância se dá porque foi esta categoria humano-genérica que emancipou o homem da natureza (LESSA, 1999; NETO; BRAZ, 2008).

Ao analisarem os dados de pesquisa realizada pela Unesco em 2004, Esteves e Abramovay (2007) observam que o emprego se mostra como a maior fonte de insatisfação da juventude com a sua vida²⁶. De acordo com Singer, “os jovens de hoje nasceram em um tempo de crise social. Não por acaso, quase dois quintos estão desempregados” (SINGER, 2005, p. 28). Compartilhar o medo de “sobrar” no mundo do trabalho é uma das três dimensões²⁷ selecionadas por Novaes (2007) entre os aspectos do mundo atual que marcam a diferença da condição juvenil com gerações e configurações sociais anteriores, afetando a juventude e definindo o que é ser jovem hoje, tanto na cidade quanto no campo.

Em uma conjuntura portuguesa que pode ser extrapolada ao Brasil, Alves (2008) pontua que a relação linear entre oportunidades educacionais e oportunidades sociais – ou o ajustamento entre os níveis de educação, de emprego e de salários – em grande medida alimentou o que Sérgio Grácio denominou de demanda otimista de educação (GRÁCIO, 1986 apud ALVES, 2008). Frisa, porém, que com a crise econômica, a massificação dos sistemas educativos coincide com o crescimento do desemprego e com o fim do alinhamento entre o diploma e sua rentabilidade econômica e social. Esta interação, que impulsionou a demanda otimista de educação, resulta do fato de que os trinta gloriosos anos de crescimento na maioria dos países ocidentais permitiram uma harmonização entre uma multiplicação de diplomas e a manutenção do seu valor de troca nos mercados de trabalho e dos bens simbólicos, com plena associação a uma mudança social e econômica sem precedentes.

Nas atuais circunstâncias, Alves (2008) adverte que enquanto o desemprego juvenil aumenta e afeta, em especial, os jovens menos titulados, o diploma assume um valor acrescido. Embora não seja mais a garantia de acesso instantâneo a um estável e bem remunerado emprego, segue sendo a proteção mais eficaz contra o desemprego. O panorama tem sido de confronto entre crescimento contínuo da demanda por educação, falta de empregos e a difusão de um discurso que recorre ao investimento individual e coletivo na educação e na formação. Isso tem gerado efeitos sobre o sistema educativo e o mercado de trabalho, agora com o aumento da procura desencantada de educação (GRÁCIO, 1986 apud ALVES, 2008). Simultaneamente,

²⁶ Provavelmente, pelo difícil processo de inserção e permanência dos jovens no mercado de trabalho, justamente quando atravessam um momento “caracterizado pela experimentação e transição para a vida adulta, assumindo novas responsabilidades sociais, em que se exigiria a passagem de sua condição de inatividade para a de atividade econômica” (LEON, 2007, p. 271-272).

²⁷ “Ser afetado pela existência do narcotráfico e pelos interesses da indústria bélica” e “poder se sentir desconectado em um mundo conectado” são as outras dimensões selecionadas por Novaes (2007).

o investimento em trajetórias escolares cada vez mais longas tem contribuído para a desvalorização dos diplomas, portanto, o aumento generalizado das qualificações escolares causa a desvalorização crescente dos níveis de escolaridade mais baixos, aumentando a vulnerabilidade ao desemprego, à precarização e à exclusão social.

Alguns estudos concernentes à inserção profissional dos jovens consideram que as mudanças ocorridas nas últimas décadas na esfera econômica produziram intensas alterações nos processos de transição da escola para o mundo do trabalho. O desemprego e a precariedade têm infligido à inserção profissional dos jovens uma nova centralidade e o deslocamento de uma questão: a preocupação era a de encontrar o melhor emprego possível, agora é a de encontrar um emprego, praticamente qualquer que seja (ALVES, 2008).

Se o jovem urbano enfrenta problemas de inserção profissional, os jovens rurais, comumente menos escolarizados, lidam com dificuldades ainda maiores, em especial quando preferem ingressar nos mercados urbanos a trabalhar no meio rural, mesmo que seja na unidade produtiva familiar. Mas, neste ponto, convém entabular uma discussão sobre o tipo de trabalho que os jovens de hoje, sejam urbanos ou rurais, demandam.

Um estudo conduzido por Carneiro (1998a), referência nacional sobre juventude em um contexto “rurbano”, constatou que, para os jovens rurais, o desejo de permanecer no campo não pressupõe mais assumir a profissão de agricultor. Para eles, a educação escolar é apontada como condição para que o indivíduo se torne “alguém na vida” e se apresenta como principal alternativa à atividade agrícola; ou seja, fica no campo aquele que tem “mais aptidão” para a agricultura e “menor vocação para os estudos”. Segundo a pesquisa, ao serem questionados sobre projetos familiares, os agricultores ressaltaram a educação como garantia de uma vida melhor para os filhos e formulam projetos de futuro que incluem a saída com a finalidade de estudar, indicando a continuação dos estudos como condição para melhoria de vida. Um dos entrevistados, filho de agricultor, relatou ter saído do campo em busca de estudo e que os pais e demais familiares o incentivaram muito, não com o intuito de sair da terra, mas para obter uma formação. Outro entrevistado, advogado e filho de agricultor, revelou ter trocado a herança pelo estudo na cidade.

No sertão sergipano, a pesquisa sobre escolarização e identidades culturais conduzida por Menezes (2012), com uma amostra de 194 jovens rurais, estudantes do ensino médio regular, filhos de produtores familiares e de assentados da reforma agrária, mostra que, ao serem

perguntados se gostariam de ser agricultores, 66% responderam negativamente²⁸. Dentre as justificativas para essa resposta, destacou-se certa desvalorização da profissão de agricultor, pois “trabalha-se demais”, o “trabalho é muito pesado”, “ganha-se pouco” e o “trabalho é duro e não traz futuro”. Alguns jovens expressaram que gostariam de seguir outra carreira porque ser agricultor é uma profissão “muito pesada”; porque é “muito cansativo” e “quem é agricultor trabalha para morrer para enriquecer os outros e dar boa vida a quem mora na cidade”; pois é “muito sofrido trabalhar na roça”; “porque a vida no campo não é tão fácil”; “porque a renda é pouca”; porque “estudaram muito” e querem ter um “emprego ou profissão melhor”. Uma moça afirmou: “Meu pai já sofre muito na lavoura, quero ter um futuro melhor”, enquanto um rapaz ressaltou: “Porque pretendo fazer uma faculdade e exercer uma profissão urbana”. Embora 80% dos jovens pesquisados gostem de morar no campo, os quase 20% que não gostam realçaram a falta de “oportunidades de emprego” no meio rural; de modo que todos estão inclinados a migrar para a cidade, em especial para estudar e trabalhar.

Inclusive entre os que gostam de morar no campo, 54,5% demonstraram a vontade de ir embora para a cidade, expuseram como principais motivos a educação e o trabalho, com respostas do tipo: “Pretendo fazer faculdade”; “Penso em ter um bom trabalho, comunicar e interagir mais com os outros”; “Na cidade podemos arrumar um emprego melhor”; “Pretendo estudar e trabalhar ao mesmo tempo”; “Para arrumar um trabalho de acordo com o meu estudo e conhecimento”. A última resposta, em particular, tem estreita relação com o fato de o meio rural ser considerado um espaço para quem não tem “estudo e conhecimento”.

O interesse por um trabalho mais brando não se resume à juventude rural. Uma pesquisa psicossocial conduzida por Twenge e Kasser²⁹ (2013), mostra que há um distanciamento crescente entre o materialismo dos jovens norte-americanos de hoje e sua motivação para o trabalho duro, quando comparados aos de gerações passadas. Em outras palavras, recém-formados no ensino médio propendem mais a querer muito dinheiro e coisas boas; no entanto, são menos predispostos a trabalhar duro para ganhá-los. Essa constatação, embasada em dados de uma pesquisa nacional realizada com 355 mil alunos do ensino médio dos Estados Unidos, entre 1976 e 2007, em que são analisados os valores materialistas de três gerações, é consistente

²⁸ 17% responderam sim, 2,6% estão em dúvida e 14,4% não responderam.

²⁹ Jean M. Twenge, professora de psicologia na Universidade Estadual de San Diego, é autora de *Generation Me: Why Today's Young Americans are More Confident, Assertive, Entitled – and More Miserable than Ever Before* e *The Narcissism Epidemic: Living in the Age of Entitlement*. Tim Kasser, professor no Knox College (em Galesburg, Illinois), é autor do livro *The High Price of Materialism* e editor do livro *Psychology and Consumer Culture: The Struggle for a Good Life in a Materialistic World*.

com outros estudos que mostram um aumento geracional no narcisismo e na titularidade de direitos.

De acordo com a pesquisa, se comparados aos *baby boomers* egressos da escola de ensino médio na década de 70, estudantes pesquisados entre 2005 e 2007 são mais materialistas, visto que 62% consideram importante ter muito dinheiro, enquanto apenas 48% tinham a mesma opinião entre 1976 e 1978. Ademais, 69% dos recém-formados pensam ser importante possuir uma casa, em comparação com 55% dos que se formaram no período 1976-1978, demonstrando que o materialismo, que atingiu o pico nos anos 80 e 90 com a Geração X, continuou alto. Quanto à ética no trabalho, 39% dos estudantes pesquisados em 2005-2007 admitiram que não queriam trabalhar duro, em comparação com 25% em 1976-1978. Os pesquisadores também observaram um aumento no materialismo dos jovens quando um incremento com gastos de publicidade ocorreu nos Estados Unidos; fato que também pode explicar o distanciamento entre o materialismo e a ética de trabalho, vez que a publicidade raramente mostra o quanto de trabalho se faz necessário para se ganhar o dinheiro indispensável para pagar os produtos anunciados. Esse estudo ainda demonstra como o ambiente social forma as atitudes sociais dos mais jovens; que, quando a vida familiar e as condições econômicas são instáveis, eles podem se voltar para as coisas materiais em busca de conforto e que, quando se gasta grandes somas em publicidade, os jovens tendem mais a acreditar que “a boa vida” é “a vida de bens”³⁰ (TWENGE; KASSER, 2013).

Vale observar que os jovens não são influenciados apenas pelo marketing de mercadorias, como pode exemplificar o recente caso *The Bling Rings* que trata de jovens norte-americanos, de famílias abastadas que, ao almejam o estilo de vida de artistas e celebridades hollywoodianas, formaram uma gangue para invadir e saquear as casas de seus ídolos com o intuito de se vestirem e se sentirem como eles (SALES, 2013), fato este que tem suscitado discussões sobre os ícones que servem de modelo e impulsionam os mais jovens ao consumo conspicuo.

Os jovens de hoje, sejam urbanos ou rurais, estão diante de uma ética pós-moderna, na qual o trabalho tem perdido seu valor em relação ao consumo, ao descarte, ao efêmero, a uma nova concepção de liberdade vinculada às individualidades. Até mesmo no meio rural, sempre representado como portador de culturas estáveis, observam-se os movimentos, os deslocamentos e as mudanças.

³⁰ Livre tradução do original, em inglês: “*the good life*” is “*the goods life*”.

3.2 DESEJOS, DEMANDAS E DILEMAS DA JUVENTUDE RURAL: SAIR, FICAR OU O MELHOR DOS DOIS MUNDOS

Os temas mais frequentes nas pesquisas relativas à juventude rural no contexto da agricultura familiar são a tendência migratória dos jovens³¹ e as características ou problemas da transferência dos estabelecimentos agrícolas familiares à nova geração. Este último é tido como de significativa importância não só para os membros da família diretamente envolvidos, para a reprodução e a sustentabilidade das unidades produtoras ao longo do tempo, para o tecido social e a aparência das áreas rurais, assim como para a estrutura do setor agrícola (BRUMER, 2007).

Concernente ao primeiro tema, Brumer (2007) lembra que os dados demográficos acerca da população brasileira demonstram uma continuidade no processo de migração rural nas últimas décadas e Carneiro (2007) elucida, com base em pesquisas realizadas no Sul e no Sudeste do Brasil, que os jovens do meio rural não têm a vida juvenil urbana como padrão ideal. Eles almejam o melhor dos dois mundos, ou seja, o melhor do campo com o melhor da cidade o que, para Abramo (2007), embora uma síntese difícil de conseguir, representa uma demanda.

Outros assuntos recorrentes nas pesquisas acerca desses jovens consistem na predominância de moças entre os que saem das áreas rurais, fato que induz à “masculinização” do campo, tanto quanto as diferenças de gênero nos processos de socialização e oportunidades de inserção na atividade agrícola. Moças e rapazes também apresentam divergências nas representações da vida no mundo rural, pois elas são mais críticas e manifestam posicionamentos mais negativos do que eles. A principal queixa das mulheres se refere à desvalorização das atividades que desempenham, à invisibilidade do seu trabalho e ao pequeno espaço que lhes é destinado na atividade agrícola comercial, na qual atuam apenas como auxiliares (BRUMER, 2007).

A análise da categoria juventude rural ainda revela outras questões, como o debate acerca da “autoridade paterna”, pois, na família de origem rural e nos demais espaços de sua convivência social, o jovem é visto como um ser em construção, sem autonomia e em estado de subordinação (CASTRO, 2004, 2007). Concernente à valorização da educação, há diferenças entre os rapazes e moças, notadamente quando se trata da preparação para um emprego na cidade (BRUMER, 2007). Por sua vez, de acordo com dados de pesquisa desenvolvida por

³¹ A decisão de sair da zona rural tem motivos que enfatizam uma visão relativamente negativa da atividade agrícola e suas dificuldades concretas, tais como: baixo rendimento, acesso à terra, falta de autonomia, dificuldades do trabalho e das condições de vida (BRUMER, 2007).

Castro (2007), 97% dos pais esperavam que seus filhos ingressassem no nível superior e valorizavam a educação. Requer-se aos jovens rurais que cursem o ensino médio e na ida à cidade para cursá-lo passam a ter acesso a outros modos de vida, ampliam o círculo de relações sociais, aflora sua maior integração cultural e o confronto de valores entre os distintos meios rural e urbano (SIQUEIRA, 2004; BRUMER, 2007).

Quanto aos rapazes, além das atividades externas, o ingresso nas Forças Armadas possibilita a obtenção de renda e autonomia, mesmo sem a saída da casa paterna. Para as moças, estudar em uma escola urbana significa o primeiro passo em busca de alternativas; a segunda etapa é alcançada via casamento ou emprego, porém, a autonomia definitiva só é conseguida com a saída da casa dos pais (CASTRO, 2004, 2007; BRUMER, 2007).

Na pesquisa levada a cabo por esta autora (MENEZES, 2012), com relação à pergunta “seus parentes aprovam que você estude?”, 100% dos rapazes pesquisados responderam positivamente. No entanto, uma moça respondeu “mais ou menos” e duas informaram a desaprovação. Estas jovens pensam assim porque, segundo seus depoimentos, “Com relação aos meus pais, para que eu possa estudar, tenho que entrar em um acordo com eles. Porém, meu tio e minha irmã não aprovam, pois eles falam que quem estuda é vagabundo”, explicação dada pela primeira moça, enquanto as outras duas expuseram: “Porque meu pai sempre diz que a escola não tem futuro e que nossos sonhos são apenas ilusões” e “Porque eles acham que não é uma boa ideia estudar, pois enfrento muitas dificuldades para chegar à escola por causa dos transportes”.

No caso da pesquisa de Menezes (2012), depreende-se que todos os homens responderam afirmativamente, mas, apesar de ter sido alto o índice de parentes favoráveis à ida das moças à escola (97,7%), que denota uma mudança de pensamento no mundo rural, pois as moças viajam em transporte coletivo com rapazes e muitas estudam à noite, portanto, ainda existem mulheres que, em relação aos estudos, ficam sem o apoio da família. Convém salientar que essas foram respostas de moças matriculadas no ensino médio; visto que a evasão do terceiro ano em relação ao primeiro ano do ensino médio na região da pesquisa é muito maior entre as moças, o que teriam a dizer as jovens rurais que não estudam? O abandono escolar teria a ver com a não aprovação dos parentes? No espaço empírico da pesquisa, estas são perguntas até então sem respostas.

Um dado que merece destaque é que algumas moças expuseram o “gosto pelo estudo” ao ponto de afirmarem que, se não tivessem o apoio dos pais, continuariam a frequentar a escola. Conforme suas palavras: “Sem estudo, hoje, você não é nada e, mesmo se eles não me apoiassem, eu estudaria do mesmo jeito, pois eu nunca ia desistir do meu objetivo”; “Porque eu

gosto de estudar e eles têm que respeitar o meu gosto” e “Com certeza eles aprovam, só que eu estudo o dia inteiro e minha mãe não queria, mas acabou cedendo”.

Ao discutir sobre as normas e valores da juventude contemporânea, Roudet diferencia o “individualismo” da “individualização” e observa que quando o sujeito reivindica a “livre disposição de si mesmo” com a pretensão de ter autonomia para escolher o que considera ser melhor para si, se não está apenas voltado para seu interesse pessoal, não deve ser classificado como “individualista”, mas em processo de “individualização”, ao buscar decidir por si mesmo, a partir de seus valores, o que deseja fazer, ter ou ser (ROUDET, 2005 apud CHARLOT, 2007).

Para Charlot (2007), embora isso não signifique que os mais jovens só pensem em si mesmos, nem que tenham todos os direitos e não se preocupem com as normas, entre eles tem prevalecido esse tipo de atitude, quer dizer, a busca da liberdade individual em conjunto com o desenvolvimento pessoal, em detrimento da adesão a normas provenientes de instituições de regulação coletiva que passaram a ter menos influência.

De acordo com Alves (2008), Roberts (1995, 1996) teria sido um dos primeiros sociólogos a analisar experiências de vida juvenis baseado nos conceitos de Beck (2001) para individualização, standardização, risco e de percursos biográficos autorreflexivos ou projetos reflexivos do *self*. Roberts defende que, na atualidade, tem ocorrido uma individualização das trajetórias dos jovens, na medida em que estes aumentam e diversificam suas oportunidades, isto contribui para o senso de individualidade e a aceitação da responsabilidade individual na construção da própria biografia. Alerta que uma medida eficaz da individualização consiste na proporção de jovens com as mesmas características sociográficas e biografia similar (ROBERTS, 1995, 1996 apud ALVES, 2008).

Nessa premissa, a individualização seria uma característica comum dos jovens de hoje, com dupla configuração em função das atitudes e dos comportamentos juvenis. A primeira é a individualização ativa, consistentemente associada aos jovens das famílias mais favorecidas, ocorrendo quando estes definem os objetivos, numa fase inicial de suas vidas, posteriormente dando os passos necessários para a devida implementação. A segunda configuração da individualização é a passiva, quer dizer, sem um comportamento estratégico subjacente. Neste caso, os jovens aceitam ou rejeitam as oportunidades que surgem, construindo suas biografias de acordo com as circunstâncias da vida. Na análise, Alves (2008) nota que Roberts (1995) não admite a ideia de que a individualização traz consigo a perda da importância da influência dos fatores sociais sobre os trajetos de vida e indica que a situação dos jovens e os seus projetos continuam a ser governados pela origem social da família, desempenho acadêmico, gênero e

local de residência. Os determinantes sociais das oportunidades individuais continuam a operar, mas agora sobre uma variedade de configurações individualizadas.

Nesses termos, Alves (2008) apresenta a discussão sobre o tema da individualização entre Roberts (1995, 1996) e Beck (2001) e o distanciamento que o primeiro toma das ideias do último de que a classe social tem cada vez menos influência na sociedade do risco e, por isso, torna-se um conceito cada vez menos potente para explicar a diversidade dos comportamentos individuais. Na avaliação de Alves (2008), o pensamento de Roberts (1996) trata justamente das configurações individualizadas que desusarão comparações tanto com as gerações anteriores quanto com os respectivos pares, como uma forma de prever o futuro, tornando o futuro incerto e imprevisível, com escolhas reversíveis, oportunidades em constante mutação e biografias construídas através da submissão à tirania das microdecisões, por exemplo, na maneira como os jovens aceitam de forma serena as mudanças em curso (BECK, 2001 apud ALVES, 2008), atitude esta que corresponde à normalização do risco e da incerteza, por parte da juventude discutida por Roberts (1995 apud ALVES, 2008).

Desse modo, as trajetórias biográficas, em todos os aspectos da vida pessoal, são o resultado de decisões, tanto das que se podem como das que se devem tomar. O dever urgente para decidir e a responsabilidade individual que lhe está associada confere certo excesso ao termo decisão, pois o tomador de “decisões” ou não tem essa consciência ou não dispõe de alternativas, em alguns casos, o indivíduo assume as consequências das decisões que não tomou (BECK, 2001 apud ALVES, 2008).

Em pesquisa anteriormente conduzida com jovens rurais do sertão sergipano observou-se em algumas das respostas das moças uma demonstração de “individualização”, ao se mostrarem dispostas ao enfrentamento de eventuais impedimentos à sua educação. Atrelado a isso, coube também a elas deporem sobre conseguir um bom emprego a fim de obterem autonomia financeira, certamente cada vez mais buscando se diferenciarem das mulheres mais velhas da região, como mães, tias e avós, muito mais dependentes e subordinadas aos homens (MENEZES, 2012). Contudo, parece ser mais uma individualização passiva, mas sem excluir a busca de fazer sua própria biografia, conforme a seguinte resposta de uma moça: “Estudar é decisão minha, eu tenho que me tornar autora da minha própria história, então, se eu gostar de estudar, eles também têm que gostar”.

Verifica-se, desse modo, a variedade de temas abarcados pelos estudos relacionados à juventude rural e as múltiplas possibilidades de estudo, embora, de acordo com Carneiro (2007), esse segmento populacional não seja um coletivo homogêneo, uma unidade indiferenciada e,

para se conhecê-lo com mais profundidade, faz-se necessário investigar seus modos de vida em diferentes conjunturas socioeconômicas e culturais.

No livro *Hollowing Out the Middle: The Rural Brain Drain and What It Means for America*³², com base em dados de uma pesquisa etnográfica realizada acerca da transição de jovens para a vida adulta em uma pequena cidade de Iowa, nos Estados Unidos, denominada com o pseudônimo de “Ellis”, Carr e Kefalas (2009) analisam o grande dilema dos jovens rurais: permanecer em comunidades onde certamente sacrificariam oportunidades educativas e econômicas ou migrar para centros urbanos com mais opções.

Nessa investigação, os autores põem em causa as formas como os moradores do meio rural dos Estados Unidos são suscitados como representantes homogêneos dos valores da família, do patriotismo e da classe realmente trabalhadora norte-americana. São vistos ainda como pessoas sem sofisticação, desinformadas, pré-modernas e caipiras; mas também como aqueles que compreendem o valor da vida rural, os cuidados com a terra e suas representações sobre o lugar. Quanto aos jovens rurais, os pesquisadores chegaram ao ponto chave sobre suas vidas adultas e como seu grande dilema abastece a desruralização, pois os jovens consideram que devem negociar entre o compromisso de ficar em seu lugar de origem e o compromisso com o ideal norte-americano de realização pessoal cada vez mais difícil de alcançar em comunidades rurais (CARR; KEFALAS, 2009).

De acordo com Carr e Kefalas (2009), há diferentes categorias para esse dilema rural do ficar ou sair. Os chamados *achievers* são os jovens entusiasticamente incentivados por pais e até pelos professores a se concentrarem em seus estudos do ensino médio, a prosseguir o ensino superior e a buscar carreiras fora da cidade. Muitos vêm de famílias da elite e da classe média da comunidade e, ocasionalmente, incluem estudantes de famílias menos afortunadas, aqueles cuja pobreza é considerada resultado de caprichos econômicos ao invés de algum déficit moral ou social. Esses jovens – considerados os “cérebros” do lugar³³ –, são preparados para deixar Ellis com o objetivo de cursar faculdade e, em seguida, tentar carreira em mercados maiores.

Por sua vez, os *stayers* são os jovens que ficam. Na sua maioria, são homens e aqueles que não se saem bem na escola, não se importam muito com esta e foram desencorajados a investir mais significativamente nos seus objetivos educacionais. Muitos desses jovens vêm de

³² Em livre tradução, uma vez que a pesquisa de campo ocorreu em uma comunidade de Iowa, Estados Unidos, *the Middle* seria uma referência ao meio-oeste norte-americano. Já a expressão idiomática *hollowing out* indicaria a saída forçada do sujeito de um lugar ou de um grupo. Neste caso, o título seria uma alusão à fuga forçada dos melhores “cérebros” do meio-oeste rural e o que isso significa para os Estados Unidos.

³³ *The rural brain*, no original.

famílias da classe trabalhadora e têm a vida dos pais como modelo para o seu próprio casamento e paternidade precoces, postos de trabalho em fábricas locais ou indústrias de serviços. Em contraste com os *achievers*, os pais os encorajam fortemente a deixarem a escola e a buscarem um emprego de verão, de modo que começam a trabalhar ainda na adolescência, alguns para conseguir dinheiro para consumo pessoal como roupas e carros e outros para contribuir com o orçamento familiar. Para esses jovens, essa experiência revela a vantagem de trabalhar ao invés de estudar por longos anos. Porém, há meio século, enquanto esse tipo de trajetória levava a empregos estáveis e salários dignos, os que ficam atualmente percebem que muitos dos empregos rurais são voláteis, oferecem baixos salários e não dão benefícios. Não obstante, Carr e Kefalas (2009) observaram neles a apreciação pela vida em cidade pequena, incluindo conhecer bem o vizinho, as rodas de conversa e criar filhos em um ambiente seguro e conhecido.

Enquanto os *achievers* são criados para deixar Ellis, alguns *stayers* que não gostam da vida no campo e tendem a ser estudantes medianos, devido ao fato de virem de famílias com condições modestas e não serem motivados por seus professores como empreendedores, evitam a escola e seguem a carreira militar como uma forma de deixar a comunidade. Além do bônus de alistamento e a promessa da mensalidade da faculdade, as forças armadas lhes provém meios de verem o mundo fora de Ellis. Apesar de muitos citarem a importância da contribuição para o país, suas razões primárias para se alistarem são econômicas. De fato, os jovens rurais são vigorosamente recrutados e tendem a permanecer no serviço militar, mas alguns dos inquiridos revelam a frustração por não terem tempo suficiente para estudar, além do que treinamentos militares não contam muito para o mercado de trabalho (CARR; KEFALAS, 2009).

Os jovens que deixam Ellis e retornam se encaixam em duas categorias. A primeira é a dos *high-flyers* – anteriormente *achievers* – que, por uma variedade de razões econômicas e sociais, retornam para a comunidade rural. Os *high-flyers* são muito procurados pelos estados que experimentam êxodo rural significativo; de modo que várias campanhas de marketing estão em andamento para incentivar esses empreendedores a voltarem para casa. Essas pessoas, altamente educadas e profissionais, são vistas por muitos como a chave para a revitalização da economia local (CARR; KEFALAS, 2009).

A segunda categoria de retornados são os *boomerangs*: jovens que, de início, ansiavam por explorar o mundo além de Ellis. Todavia, ficaram extremamente desapontados e retornaram, alguns por não gostarem mais de espaços urbanos ou de cursar faculdades, outros sentiram falta de suas comunidades e famílias. Os *boomerangs*, que na sua maioria são mulheres, obtêm mais educação que os *stayers*, porém, menos que os *achievers*. Retornando,

tendem a se estabelecer na vida adulta rural rapidamente, casando e tendo filhos cedo. Assim como os *stayers*, *boomerangs* preferem a vida rural a alternativas (CARR; KEFALAS, 2009).

Da descrição de Carr e Kefalas (2009), observa-se como o declínio rural tem ocorrido em algumas regiões dos Estados Unidos. Os professores encorajam seus “alunos de elite” a deixarem a cidade e estes raramente retornam. Os menos escolarizados, mas que tiveram mais investimento, ficam ou partem por um breve período e retornam, preenchendo os empregos de baixo salário. Apenas alguns poucos profissionais são atraídos de volta e, geralmente, por razões mais pessoais que econômicas, desmentindo as premissas por trás de campanhas de marketing destinadas a atrair *high-flyers*. Enquanto o ciclo continua, poucas pessoas permanecem em cidades pequenas para sua revitalização.

Os pesquisadores oferecem, então, sugestões de como zonas rurais poderiam reter seus jovens. Ressaltam a ironia de investir pesado em jovens destinados a deixar as comunidades rurais por oportunidades em qualquer outro lugar. Assim, ao invés do interesse nos *high-flyers* – que obtiveram uma educação cosmopolita, em que o currículo não está contextualizado com o lugar e o conhecimento local – encorajam políticos e educadores a atentarem aos *stayers* e *boomerangs*, aqueles que permaneceram nas zonas rurais e, certamente, estarão mais interessados na sua viabilidade, recomendando o estabelecimento de nível acadêmico, crédito ou programas de transição para essas duas categorias. Tal investimento também inclui bases voltadas para educação que liga o currículo e a instrução às necessidades da comunidade, inclusive ao desenvolvimento local.

Carr e Kefalas (2009) apresentam algumas recomendações, como a gestão cuidadosa de imigração para incentivar o crescimento local e mediadores das hostilidades entre os recém-chegados e os “veteranos” ou antigos moradores, além da capitalização sobre o movimento da tecnologia verde e verbas de estímulo à economia. Os autores também defendem o conceito de *economic gardening*³⁴, cuja ideia seria que pessoas com talento para empreender sejam apoiadas por investimentos para novos negócios, como doação de terras, por exemplo, numa espécie de conexão entre empresários e recursos.

Saindo dos Estados Unidos em direção ao Sul da Europa, especialmente Espanha, Portugal e Grécia, observa-se nesses países, em virtude das altas taxas de desemprego, uma tendência ao retorno de jovens para o meio rural em busca de trabalho e renda, inclusive com a presença da mulher ganhando espaço na atividade agrícola (BANCHO, 2013). Levando-se a

³⁴ Por considerar que a tradução literal para a língua portuguesa não apreenderia o sentido desse conceito, optou-se por manter a expressão no original.

tipologia proposta por Carr e Kefalas (2009) em consideração nesse caso, os jovens europeus que se candidatam a morar e trabalhar no meio rural não necessariamente podem ser considerados *boomerangs* nem *high-flyers*, já que, embora, muitos desses jovens nasceram nas cidades e nunca haviam sequer cogitado em morar no campo. No caso do Alentejo, em Portugal, através de entrevista, obteve-se o seguinte cenário:

Em termos de exemplos da Serra, vivo no meio dela e conheço, serão a volta de vinte produtores de vinho. Mas se formos aquilo que nos interessa que é a participação dos jovens, vou encontrar jovens em pelo menos cinco casos de enólogos, cinco casos em vinte, isso é significativo [...]. De fato, é possível ver apostas da juventude em termos de agricultores, enólogos e caseiros, inclusive. Caseiros, esse é outro movimento. Uma das produções que eu estava a referir, mais ao Norte, o produtor apaixonou-se por vinhos. Enólogo: um jovem francês que se apaixonou por Portugal. Caseiros: casal de jovens com filho de um ano. Ele tem 21 anos e ela 20. O caseiro é quem guarda a propriedade e cuida dela. Neste caso, isto é um fenômeno completamente novo [...]. Os últimos que se dedicavam ao campo e que praticamente deixou de existir por não haver jovens que quisessem pegar nisso, mas agora estão. Aqui não só cuida da vinha, ajuda, por exemplo, no processo de engarrafamento. À volta da vinha há também animais, cuida dos animais e lavra a vinha. Portanto, isto é novo. Neste verão, fui encontrar outra casa onde o enólogo é um jovem português, mas o caseiro também é um casal de jovens portugueses. Isto é uma coisa que está a acontecer cada vez mais. Isto acontece porque, de fato, o desemprego é enorme e as pessoas veem aqui uma oportunidade de emprego interessante e, atrás dessa oportunidade, há um redescobrir, digamos assim, de tudo o que era trabalhar no campo [...]. Eu era trabalhador rural também ao mesmo tempo em que estava na faculdade. O trabalho do campo era totalmente desvalorizado. Tudo o que fosse meter as mãos na terra era sinônimo de desvalorização pessoal e social. O meu pai, o que mais ambicionava para mim era que eu não tivesse as mãos na terra. Bom, e, de fato, eu não tinha as mãos na terra no sentido que ele queria, mas voltei a tê-las agora com um sentido completamente distinto. Há, aqui, como um quê a dar a volta que me parece muito significativo: afinal, meter as mãos na terra é digno e, particularmente, voltamos agora onde estávamos, quando estamos num tempo em que o Alentejo foi eleita a melhor região mundial para enoturismo (Abílio Amiguiinho, professor da Escola Superior de Educação de Portalegre, Portugal. Entrevista, agosto de 2014).

A imprensa dos três países europeus mencionados tem noticiado que os programas e cursos voltados à formação de jovens agricultores sofreram uma demanda recorde, inclusive fazendo com que várias cidades se sentissem obrigadas a recusar candidatos. Em Portugal, através da Confederação Nacional das Cooperativas Agrícolas e do Crédito Agrícola de Portugal (Confagri) – estrutura de cúpula de praticamente todo o Universo Cooperativo Agrícola do país, uma das linhas de atuação do Programa *Impulso Jovem*, é voltado para o empreendedorismo juvenil no meio rural, bem como através do plano de incentivos do Programa de Desenvolvimento Rural (Proder) são franqueadas oportunidades àqueles que desejam se instalar em pequenas propriedades no meio rural e se enquadram em alguns pré-requisitos para se tornarem jovens agricultores. Os principais objetivos desses programas residem em desafogar as metrópoles, onde o desemprego entre jovens beira a crise social, além

de contribuir para a geração de renda no campo. Os jovens que se candidatam, por sua vez, visam, ao menos, entrar no mercado de trabalho ou empreender e, em consequência, obter renda. Segundo noticiado, a maioria prefere trabalhar com o turismo rural ao invés de atividades agrícolas. Por se tratar de um fenômeno ainda recente não foram localizadas pesquisas acadêmicas, livros e artigos publicados a respeito, somente pequenas matérias jornalísticas, a maioria sem indicação da autoria.

Assim, diante dos casos apresentados em diferentes espaços, como Estados Unidos, Europa e Brasil, questiona-se o futuro da agricultura familiar, na hipótese de que os jovens, embora morando no meio rural, optem por outras atividades ao invés da agricultura. Qual tem sido o papel da escola nesse contexto, visto que os jovens rurais passam a maior parte do tempo de suas vidas nessa instituição? No próximo capítulo, a instituição escolar entrará de forma mais enfática nesse debate.

4 O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DOS MAIS JOVENS

Ao longo dos tempos, diversos discursos pedagógicos, às vezes contraditórios, ora se concentravam em aspectos religiosos na educação ora fugiam do viés educativo; porém, todos se voltaram ao cultivo do espírito dos mais jovens e ao papel da escola na formação dos homens. Ainda que “a escola tenha o tempo da escrita” (TERRAIL, 2002), bem como já estivesse presente na Antiguidade, nas civilizações grega e romana e na Idade Média, foi a partir do Renascimento que, como instituição social, consolidou-se na forma como atualmente é conhecida, sobretudo no mundo urbano. Na medida em que começou a ser planejada especialmente para as cidades, como local onde se poderia educar pessoas em maior quantidade do que aquelas dispersas em pequenas localidades ou no meio rural, o que antes só era possível por meio de preceptores ou professores particulares.

No entanto, os mais pobres e os moradores de zonas rurais distantes dos centros urbanos, que não dispunham de recursos financeiros suficientes para contratar preceptores ou professores particulares, não podiam nem mesmo ser alfabetizados. Um fato social que pode ser observado é que, principalmente entre os mais pobres, sempre ocorreu – e ainda acontece – a ausência de escolarização, de geração a geração, até que uma ou outra criança, bafejada pela sorte, obtém uma formação, tornando-se o que entre as camadas populares se convencionou chamar de “alguém na vida”. É certo de que há exemplos de escritores, filósofos, intelectuais e outros que, mesmo de origem popular, tornaram-se notórios depois de estudarem em escolas beneficentes ou terem sido protegidos por alguém ou algum grupo que propiciou sua educação. Charlot (2000) observa que essas crianças são denominadas por Terrail (1990) de “trânsfugas”, ou seja, aquelas que, embora oriundas de famílias pobres, conseguiram sair de uma situação de analfabetismo e carência e mudaram de mundo, tornando-se pessoas “de sucesso” nas sociedades ocidentais. Casos assim, porém, são exceções.

Um exemplo de pobreza, em vários sentidos, pode ser encontrado na obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos (2006). Algumas passagens do romance são formas contundentes, encontradas pelo autor, para demonstrar a perpetuação da falta de esclarecimento em locais pobres, como o meio rural do Nordeste brasileiro, nos quais a escola poderia ter um papel fundamental na educação dos menores. A título de exemplo, quando o personagem Fabiano ao não entender uma pergunta feita por seu filho, repreende-o e vira o rosto à curiosidade infantil. Na sua ignorância, pensa que a criança é “enxerida”, mas tudo não passa de uma reprodução do que havia lhe acontecido em seu tempo de menino quando acompanhara o pai nos serviços do campo e o interrogara de balde. De modo similar, “sinhá” Vitória, mulher desse sertanejo “bruto

e analfabeto”, ao invés da devida resposta a uma pergunta do filho, dá-lhe um cocorote³⁵. Desse modo,³⁶ era feita a criação das crianças de *Vidas Secas* que seguiam os pais retirantes e enfrentavam com eles a dureza do período de estio. A conversa com os mais velhos era quase inexistente e, quanto à educação formal, esta não acontecia. Assim como os pais, não sabiam falar direito e se expressavam com gritos e gestos, balbuciavam expressões, imitavam os berros dos animais e os barulhos do vento e das folhas das árvores. Fabiano, crendo não ter o direito de saber, acreditava que o indispensável era que os filhos entrarem “no bom caminho”, ou seja, aprendessem a cortar mandacaru para o gado, a consertar cercas e a amansar animais bravos. As inquietações daquele sertanejo ensimesmado eram muitas, embora vez ou outra se visse “meio otimista” e com esperanças de que, talvez, pudessem morar em uma cidade grande e civilizada onde os meninos poderiam frequentar a escola para aprender coisas difíceis e necessárias, fazer perguntas e falar (RAMOS, 2006).

Assim, andaram “metidos naquele sonho” (RAMOS 2006, p. 128), com a ideia da educação como prerrogativa do urbano e sem noção de que poderiam deixar de ser “bichos brutos” em seu espaço rural de origem, pois, já em pleno século XX, ainda estavam alheios aos seus direitos à educação e, por extensão, de toda a discussão realizada por filósofos e educadores sobre o papel da escola na formação dos homens.

4.1 CONCEPÇÕES SOBRE O PAPEL DA ESCOLA: DISCURSOS PEDAGÓGICOS E ALGUMAS CRÍTICAS

Antes da discussão sobre o papel da escola na formação dos jovens rurais no Brasil, com ênfase nas políticas públicas de educação e na reforma do ensino médio – pontos que serão abordados adiante neste capítulo –, considera-se pertinente apresentar um breve panorama do discurso pedagógico de renomados pensadores para, assim, demarcar o início do protagonismo estatal na educação dos mais jovens. Cabe ressaltar que o pensamento sobre a educação sempre foi voltado para o mundo urbano, até mesmo porque foi desenvolvido em um contexto de configurações e disputas no Estado Moderno.

³⁵ Cocorote, ao menos no interior do Brasil, é uma pancada dada na cabeça com os nós dos dedos e o punho cerrado. Também conhecido como cascudo e carolo.

³⁶ Este, porém, não é um caso isolado, pois, ao tratar sobre o efeito da família na educabilidade das pessoas, Castro (1976) observa que, conforme pesquisa realizada na Inglaterra, mães de classes elevadas se comunicam com seus filhos de modo mais racional e aquelas menos escolarizadas e de classes populares, além de evitar perguntas das crianças e estarem menos dispostas a uma comunicação, tratam os filhos pelas emoções.

Na Itália, por exemplo, como testemunha que foi dos conflitos internos e externos, das lutas pelo poder que geravam instabilidades políticas, Maquiavel (1469-1527)³⁷, ainda no século XVI, ainda que não tenha se detido em concepções pedagógicas, em sua visão, o homem deveria ser educado não para a fraqueza (*debolezza*), mas para viver as coisas do mundo, as coisas dos homens e para o exercício da cidadania. Formado, esse homem seria um sujeito de virtude (*virtù*) que se prepara e se antecipa à fortuna, ao acaso, ao fortuito, pois estaria sempre atento à experiência das coisas modernas, além de observar as lições das coisas antigas que, para Maquiavel, eram as duas fontes do conhecimento (MAQUIAVEL, 2012).

À educação, Maquiavel confere a força que possibilitará ao homem ter virtude e, nessa concepção, a instrução teria mais peso do que as próprias leis para conter a derrocada do Estado, uma vez que a lei somente seria eficaz em um Estado se a virtude prevalecesse. Ao passo que, caso esta se corrompesse, a lei perderia a capacidade de constranger a conduta dos homens. Nessas circunstâncias, o Estado, capaz de impor a ordem, deveria ser o educador do homem e essa concepção torna-se um marco na discussão acerca do papel estatal (AMES, 2008).

Com o advento do humanismo, apesar de algumas divergências conceituais, filósofos pedagogos buscaram fundamentar o valor do homem em sua própria estrutura existencial ao destacarem sua incompletude e imperfeição ao nascer, de modo que o aperfeiçoamento se daria pela educação. Um exemplo é a tese de Erasmo de Rotterdam (1466-1536), um dos principais expoentes do pensamento pedagógico moderno, de que o homem não nasce homem, mas se torna homem pela educação para, assim, viver em sociedade.

Em seus dois manuais de conduta, não enfatiza a criação de escolas nem destaca uma educação em grupos. Sem embargo, quando afirma “oxalá só existisse escola pública” (ROTTERDAM, 2005, p. 69), contrapõe educação pública e privada. Em seu entendimento, para que todos tenham acesso à educação e aprendam, sobretudo os mais jovens, o papel do Estado é fundamental; de modo que toda escola deve ser pública, não no sentido de repartição, mas acessível a todos. Conquanto valorizasse a educação pública, não se voltou para a educação dos jovens rurais, pois produziu manuais para uma sociedade urbana em formação por se coadunar com a realidade de seu tempo.

Iohannes Amos Comenius (1592-1670), outra sumidade da Era Moderna, defendia a criação de escolas em todas as comunidades, nas quais a juventude, nos seus primeiros anos, pudesse receber uma formação em letras, ser aprimorada nos costumes e educada para a

³⁷ Aqui se refere à obra *O Príncipe* escrita por Nicolau Maquiavel em 1513, porém a primeira edição foi publicada, postumamente, em 1532.

iedade, bem como sobre as coisas das vidas presente e futura, de maneira sintética, agradável e sólida. Ademais, trata da educação em vilarejos, contudo, sem a conotação de utilidade para o trabalho nessas comunidades ou até mesmo no meio rural, estando mais vinculada às atividades da vida civil e pública e à religião.

O empreendimento em Comenius acenava com uma proposta de escolarização de, pelo menos, vinte anos, diretamente atrelada ao Estado responsável por dispor de escolas universais, verdadeiras oficinas da humanidade que preparassem a juventude, de ambos os gêneros, para as coisas da sociedade moderna, os saberes e a cultura, a fim de que, formado, o cidadão pudesse vir a participar da vida em comunidade (COMENIUS, 2011)³⁸.

Avançando para o Iluminismo e seu discurso pedagógico, John *Locke* (1632-1704) sistematiza as ideias empiristas do seu tempo ao tecer uma série de críticas, uma delas ao conceito de “poder”, então, considerado pelos teóricos do Absolutismo como inato, mas que, para esse pensador, nasce de um pacto entre os homens (LOCKE, 1983). Neste aspecto, considera o entendimento um tópico digno de ser investigado, uma vez que ele “situa os homens acima dos outros seres sensíveis, e dá-lhe toda vantagem e domínio que tem sobre eles” e, não somente o domínio sobre os outros homens, inclusive sobre a natureza e si mesmo (LOCKE, 1983, p. 139). Com base no método empírico, surge a proposta de observação da natureza e utilização dos saberes para coisas práticas e a vida em comum, especialmente para o desenvolvimento humano e que, por meio do conhecimento, os homens se tornem livres.

Nisto consistia, portanto, a proposta da educação: o esclarecimento (*Aufklärung*) que traria em seu bojo a possibilidade de o homem se emancipar e pensar por si mesmo, sem a tutela de outrem (KANT, 2010). Nessa exposição kantiana, o conhecimento é fundamental para que o homem seja livre, tenha autonomia plena da razão, sirva-se de seu próprio entendimento a fim de obter a maioridade da razão e a liberdade de julgamento.

Com base nas concepções pedagógicas sobre o papel da escola ao longo dos tempos, observa-se que autores da Era Moderna priorizam essa instituição como lugar para se aprender a viver em sociedade, verdadeira preparação para a vida temporal e civil; a escola como lugar de disseminação do processo civilizatório e a forja de homens e mulheres de igreja, de estado e de família, preparando-os para viver a realidade da terra. Já o papel da escola laica, para os iluministas, está fortemente associado ao progresso e ao exercício da liberdade e do poder, mas também já se observa uma discussão sobre a importância da instituição escolar como local onde

³⁸ Vê-se até este ponto da discussão, de Maquiavel a Comenius, que a escola não aparece como preparadora para o trabalho.

as crianças terão formação intelectual e aprenderão a ter disciplina e moral. Fica clara a relação entre conhecimento, poder e liberdade, três conceitos-chave que podem ser ressaltados na concepção dos iluministas e, de forma mais ampla, concernente às discussões e propostas de filósofos pedagogos desde o Renascimento, o papel de protagonista do Estado educador.

No entanto, a realidade da educação brasileira nos dias atuais, sobretudo se o olhar for direcionado para áreas rurais, especialmente do sertão nordestino, constata-se que tais propostas ainda não foram efetivamente implantadas, uma vez que ainda se encontram personagens da vida real desprovidos de instrução. Embora seja nítida no universo rural, esta verificação, porém, não se restringe a esse espaço.

Adorno e Horkheimer (1985) fazem uma dura crítica progressista ao rumo tomado pelo projeto Iluminista de emancipação humana, ao salientarem que o esclarecimento não se concretizou e a humanidade, “em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 11). Explicitam, desse modo, a desilusão no otimismo iluminista, com sua crença no progresso humano por meio do domínio da natureza.

Na posição crítica adorniana, a educação não deve ser tida como modelagem de pessoas, tampouco como a simples transmissão de conhecimentos, mas como “a *produção de uma consciência verdadeira*” (ADORNO, 1995, p. 141, grifos do autor), da maior importância política e “preparação para a superação permanente da alienação³⁹”. Acrescenta que “a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência” (ADORNO, 1995, p. 183).

Em sua compreensão, a educação emancipatória enfoca o aspecto produtivo da vida humana, pensando a sociedade e a formação de forma independente da subsunção à indústria cultural e ao capital, de modo que os sujeitos sejam verdadeiramente formados e não semiformados, tornando-se autônomos, críticos e emancipados (ADORNO, 1995).

Não obstante, esse processo não tem efetivamente acontecido, uma vez que a educação se tornou presa da cultura social existente que tem proporcionado uma situação de “semiformação”, por isso, “a sociedade permanece irracional apesar de toda racionalização” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 117). O sujeito, ao invés de se conscientizar, procura

³⁹ Citação de definição de Bogdan Sochodolski para a educação (ADORNO, 1995, p. 148).

apenas se adaptar, enquanto a educação, ao invés de conduzi-lo a uma autorreflexão, passa a ser mais um componente da gigantesca estrutura da indústria cultural.

A escola, local onde essas questões poderiam ser discutidas, por ter sido enredada pela indústria cultural, não tem realizado um processo capaz de levar o estudante à emancipação, a pensar por si mesmo, pelo contrário, pode até contribuir para que o sujeito se considere esclarecido sem o ser, não percebendo a falsidade de sua condição e permanecendo na minoridade, no âmbito da reprodução da vida sob o monopólio da “indústria cultural” (MAAR, 2003, p. 460).

Assim, na crítica adorniana, nem no campo científico nem no campo educacional conseguiu-se levar a cabo o projeto de emancipação. O esclarecimento, como autoconscientização, condicionado culturalmente pela indústria cultural, que converte a cultura em mercadoria, limita-se a uma “semiformação”, considerada pior do que a não formação, pois é uma falsa experiência, resultante da satisfação provocada pelo consumo dos bens culturais, da alienação do passado e da ausência de uma educação política (ADORNO, 1995).

4.2 EDUCAÇÃO, CONSUMO E DISTINÇÃO: FORMAÇÃO COMO BEM POSICIONAL

A formação humana é um processo de conhecimento e de realização individual que se expressa socialmente e ultrapassa a dimensão do agir unicamente determinado pela necessidade de subsistência, pressupondo o desenvolvimento do homem como particularidade – ser social individual que reúne em si o modo de existência subjetivo da sociedade pensada e sentida para si – e como generalidade, pois na efetividade ele existe tanto como intuição e gozo efetivo do modo de existência social, quanto como uma totalidade de exteriorização de vida humana (RAMOS, 2002).

O homem, ao entrar em contato com a natureza, com outros homens e, conseqüentemente, desenvolvendo relações econômicas e sociais, produz sua existência por meio do trabalho para o desenvolvimento de potencialidades como fonte de gozo e de realização, ou seja, o trabalho como elemento fundante da sociabilidade humana. Mas, sob o modo de produção capitalista, os sentidos humanos são subjugados à lógica da propriedade privada, que atrela o gozo e a realização à posse dos objetos como capital ou como meio de subsistência socialmente determinado (RAMOS, 2002).

Kuenzer lembra, ao trazer uma afirmação de Marx e Engels, que “o homem se educa, se faz homem, na produção e nas relações de produção, através de um processo contraditório” (KUENZER, 1995, p. 11). Em simultâneo, Ramos (2002) afirma que a formação social implica

a luta entre ideologias, luta determinada principalmente pelas relações e interesses econômicos, configurando-se a partir da relação trabalho-educação como processo contraditório e marcado pelos valores capitalistas. Ao se consolidar como categoria do pensamento liberal, a educação foi concebida como forma de socializar os indivíduos de acordo com os valores e padrões culturais e ético-morais de uma determinada sociedade e, de forma sistemática, os conhecimentos científicos construídos pela humanidade. O direito à educação consta como condição necessária para o exercício da cidadania, porém, de acordo com os princípios liberais. Ainda para Ramos (2002), a educação recebe as determinações econômicas predominantes uma vez que, segundo Enguita (1989), foi o capitalismo que deu forma à escolarização.

Reportando-se a Marx, Netto (2009) afirma que as categorias não são eternas, são historicamente determinadas, destarte, em um contexto de reestruturação capitalista, a escolarização tem se configurado como mercadoria. De fato, são comuns propagandas de instituições de ensino que convidam alunos a fazerem seus cursos para que se posicionem e se distingam no mercado de trabalho. Escolas de ensino médio com altos índices de aprovação em vestibulares passam a se considerar porta de entrada ou trampolim para o nível superior e até utilizam os alunos que foram aprovados para fazer propaganda do “sucesso escolar”.

Desse modo, o saber escolar perde o sentido puro em si e a escola passa a ter outros atrativos, como o fato de ser considerada instrumento de melhoria social (ENGUITA, 1989), bem como garantia de um bom futuro profissional para seus alunos ou uma boa rede social, na medida em que se estes tiverem os “colegas certos”, sairão da escola bem relacionados, além do diferencial no currículo escolar.

Tais escolas também são chamadas “escolas alvará” (APPLE, 2007, p. 117), porquanto seus alunos egressos ou já saem com propostas de emprego, no caso das instituições de ensino superior e de ensino técnico ou, no ensino médio regular, são aprovados no vestibular em cursos concorridos e em universidades de renome. Ramos (2002, p. 47) reforça que o diploma é, “frequentemente, perseguido como interface entre a formação e o emprego. Ele garantiria uma qualificação, um *status*, uma remuneração”. Alimenta-se, desse modo, a ideia de que a educação em escolas consideradas de sucesso possibilita uma triagem, porquanto o currículo passa a ser supostamente melhor avaliado por potenciais empregadores.

A esse respeito, Bruno (1996, p. 99) avalia que “quando o resultado do processo de formação que antecede o ingresso do jovem no mercado de trabalho não é considerado adequado ou suficiente em seus resultados, ele sequer é admitido e, se o for, isto o encaminha para as funções mais simples”. Ainda segundo essa autora, esta é uma colocação da “Teoria do

Capital Humano, qual seja, a de que maior qualificação implica em maiores possibilidades de ascensão social, por parte de seus portadores” (BRUNO, 1996, p. 104).

Outra preocupação dos pais é com a mobilidade futura dos filhos em um mundo econômico incerto e, portanto, apoiam escolas que enfatizarão a formação acadêmica em profissões e práticas de ensino tradicionais, devido ao temor pelo futuro de seus empregos e dos empregos de seus filhos (APPLE, 2007). A depender da instituição de ensino, um currículo poderá ser mais bem avaliado por possíveis empregadores. É fato que algumas empresas dão prioridade a profissionais egressos de faculdades bem “ranqueadas” e, independente da competência profissional de um candidato à determinada vaga de emprego, se este não estudou na escola “certa”, seu currículo poderá nem ser analisado. Isso ocorre porque a educação faz parte de “de uma esfera mais geral que está conectada de modos complexos às transformações sociais e aos conflitos pelo poder [...] que estão mudando o panorama em que [...] em geral se situa” (APPLE, 2007, p. 93).

Esse autor esclarece que quando currículos e exames interestaduais ou nacionais são implantados, pode-se ter acesso a informações comparativas entre escolas que estarão disponíveis e serão publicadas de forma similar aos indicadores nacionais sobre rendimento escolar. Desse modo, apenas se houver conteúdo e avaliação padronizados, o mercado poderá operar livremente, pois os “consumidores” terão informações “objetivas” sobre quais são as escolas de “sucesso” e quais não são. A racionalidade do mercado, com base na “escolha do consumidor”, irá garantir que as supostas boas escolas tenham cada vez mais alunos, ao passo que as ruins tenderão a desaparecer (APPLE, 2007).

Se o consumidor se preocupa em escolher bem, Tinoco se reporta a Wolf (2002) para notar que é porque “ter as qualificações corretas, nos ramos corretos, das instituições corretas” (TINOCO, 2003, p. 244) se faz necessário e isso vem do fato de que a educação tornou-se um bem posicional, na medida em que é o preparo para a obtenção de melhores salários, uma vez que não basta ter o mesmo nível de escolaridade, mas que este seja qualitativamente melhor do que o do concorrente.

Bens posicionais, segundo Giannetti, são aqueles “cujo valor reside precisamente no fato de que eles são socialmente escassos, visto que a grande maioria não dispõe [...] de renda para adquiri-los” (GIANNETTI, 2002, p. 78) e se apoia em citação Adam Smith de que “a principal fruição da riqueza consiste em poder exibi-la” (SMITH, 1976, p. 50). Gianetti (2002) conclui ser importante o modo como a pessoa se percebe diante dos outros, de seu grupo de referência e daqueles cujo sentimento e opinião importam para ela, desejando saber como está,

aos seus próprios olhos, em relação aos outros; como estes irão percebê-la e como ela se sairá aos olhos deles quando se compararem a ela.

Nestes termos, a escolha de determinada escola tanto posiciona pais como alunos, pois, de acordo com Bourdieu (2011a), o gosto classifica e distingue. Assim, há pais que se esforçam financeiramente para manter os filhos em escolas bem avaliadas e consideradas de qualidade, em geral, com mensalidades mais caras, pois, a educação em uma boa escola torna-se a herança que podem deixar para os filhos. No caso dos pais sem condições de pagar escolas particulares, há aqueles que chegam a passar a noite em filas para conseguirem matricular os filhos nas melhores escolas públicas. Tal opção lhes permite inserir os filhos no lugar certo, tornando a educação, especialmente em escolas particulares até o ensino médio, um bem de consumo conspícuo.

Também chamado de consumo ostentatório ou perfunctório, a expressão consumo conspícuo foi cunhada por Thorstein Veblen no final do século XIX, em relação ao fato de que posses de valor visíveis a todos representam um sinal de riqueza, sucesso e *status* do indivíduo (PORTILHO, 2005).

Surpreendentemente, uma pesquisa realizada por Tooley (2007) revela que o consumo conspícuo de escolaridade e a educação como bem posicional apresentam-se até mesmo em áreas urbanas, periurbanas e rurais empobrecidas da Índia, Gana, Quênia, Nigéria e China, onde pessoas que ganham cerca de um dólar por dia abandonam escolas públicas para enviar os filhos para escolas particulares – algumas não registradas e fora do controle oficial – que cobram mensalidades muito baixas e acessíveis. Um entrevistado revelou a Tooley (2009) que um dos motivos é o *status*, já que pais pobres querem ser vistos como pais ricos, que pagam por uma escola supostamente melhor. Além disso, essas escolas, comumente estabelecidas por pequenos empresários das próprias comunidades pobres, empregam professores locais, ao contrário de escolas públicas, onde os professores são muitas vezes trazidos de fora e, segundo os pesquisados, os docentes das escolas particulares são mais comprometidos e o resultado da educação é considerado superior.

De acordo com a pesquisa, em áreas pobres urbanas e periurbanas de Lagos State, Nigéria, 75% dos alunos estudavam em escolas privadas; no periurbano distrito de Ga, Gana, o percentual era de 64%, enquanto nas favelas do Hyderabad, Índia, 65% dos estudantes estavam nas escolas particulares. No distrito de Mahbubnagar, zona rural de Andhra Pradesh, Índia, aproximadamente 50% de todos os estudantes estavam matriculados em escolas particulares. Nas aldeias remotas da zona rural de Gansu, na China, os números oficiais não mostram todas

as escolas particulares, mas a pesquisa encontrou 586 escolas que atendem a 59.958 crianças (TOOLEY, 2007).

Os pesquisados também se mostraram muito conscientes com relação à marca da escola e, diante da questão de como pais pobres de uma comunidade podem julgar se determinada escola particular é melhor que outra e atende adequadamente às necessidades educacionais dos filhos, a pesquisa revelou que usam uma variedade de métodos informais, como visitar escolas para ver se os professores estão comprometidos, conversar com amigos, comparar as notas, os livros de exercícios e como as lições de casa são marcadas e controladas. Vale destacar que a pesquisa descobriu que se os pais escolhem uma escola, mas, posteriormente, descobrem outra melhor, com pouca hesitação transferem os filhos para onde acham que terão melhor educação.

Por sua vez, os proprietários da escola, conscientes disso, certificam-se de que os professores não faltem às aulas e tenham o compromisso de ensinar, além disso investem eventuais excedentes na melhoria da escola, a fim de garantir a satisfação dos pais. Os pais e os estudantes preferem escolas que tenham uma boa marca, um bom nome na comunidade, pois isso poderia beneficiar o currículo que passaria a ser considerado melhor. Uma vez que, se a marca da escola é (re)conhecida, os futuros empregadores e outras instituições de ensino valorizarão sua formação, dando aos alunos uma vantagem no futuro (TOOLEY, 2007).

Quando não são os pais quem paga por uma escola particular considerada de melhor qualidade, segundo Bruno (1996), os próprios jovens o fazem. Em países onde o Estado tem se limitado a garantir uma lei de formação básica, os próprios alunos assumem os custos de uma formação mais complexa, pagando, através do assalariamento precoce, o acréscimo de sua qualificação.

Jonathan afirma que a educação individual incorpora dois tipos de valores: o valor em si e o de troca. Este último faz com que a educação se converta em um bem posicional, ou seja, o tipo de bem cuja validade aos que o detêm depende em grande parte de seu valor genérico percebido e de outros que o obtiveram, mas em um menor grau. O valor de troca da educação torna-se socialmente relativo, visto que conta para o indivíduo não é a quantidade absoluta do bem tido, mas o fato de ter mais do que outros, não importa o quanto ou quão pouco é exigido para colocá-lo nesse ponto de vantagem na troca (JONATHAN, 1989 apud DALE, 1995).

Em relação ao saber, este é e será produzido para ser vendido; é e será consumido para ser valorado em uma nova produção: nos dois casos, para ser trocado. Deixa de ser em si mesmo seu próprio fim e perde seu valor de uso, pois, converteu-se na principal força de produção (LYOTARD, 1995). O “saber como mercadoria” (CHARLOT, 2005, p. 31) e o saber como bem posicional, na visão do mercado, acarreta a “melhora da competitividade, dos empregos,

dos padrões e da qualidade” (APPLE, 2007, p. 94). Em decorrência, a educação “leva a um emprego, que leva a uma divisão social do trabalho” (CHARLOT, 2005, p. 15). Ainda para esse autor, “os alunos não vão mais à escola para aprender, mas para ‘ter um bom emprego no futuro’ [...] estando a ideia de escola desvinculada da ideia da aquisição de saber” (CHARLOT, 2005, p. 83). Para o mercado de trabalho, os estudantes são vistos como capital humano, uma vez que, economicamente, o mundo é competitivo e os alunos – futuros trabalhadores – devem adquirir disposições e habilidades necessárias para competirem de forma eficaz (APPLE, 2007).

Tudo isso tem a ver com o consumo que, de acordo com Canclini (2008), cada vez mais, define as identidades sociais. Fato corroborado por Cuadra Rojas e Ossa Swears (2002), em que o surgimento de um novo tipo de sociabilidade fomenta a construção fragmentária e posicional das identidades por meio do consumo. Este deixa de ser compreendido como estrutura econômica e se começa a desenhar suas consequências simbólicas e culturais, com destaque para o caráter de distinção e prestígio seja para renovar ou separar grupos e classes e assinalar como os setores narram e expressam suas diferenças. Portilho ratifica essa posição ao destacar que “o nível e o estilo de consumo se tornam a principal fonte de identidade cultural e de participação na vida coletiva, além de caminhos privilegiados para a análise e a compreensão das sociedades contemporâneas” (PORTILHO, 2005, p. 27).

Já que as identidades sociais se definem, cada vez mais, pelo consumo e os direitos encontram-se também vinculados às práticas sociais e culturais que dão sentido de pertencimento e identidade social, Canclini (2008) propõe repensar a cidadania e entender o lugar relativo dessas práticas dentro da ordem democrática, pois acredita que, em um mundo globalizado, o exercício da cidadania não pode ser desvinculado do consumo, atividade onde ocorre o sentido de pertencimento das redes sociais.

Para Portilho (2005), o consumo se torna o espaço onde os conflitos entre as classes ganham continuidade através da desigualdade na distribuição e apropriação dos bens e se reporta a Canclini (2008), quando este afirma que, ao consumir, participa-se de um cenário de disputas pelo que a sociedade produz e pelos modos de usá-lo. Desse modo, pode-se inferir que a escolha por melhores escolas e universidades faz parte do processo de conflito entre classes.

Com suas pesquisas, Canclini (2008) também procura entender como as mudanças no estilo de consumir alteraram as possibilidades e as formas de exercer a cidadania. Ao consumir, acrescenta este autor, pensa-se, escolhe-se e se reelabora o sentido social, ou seja, consumir sustenta, nutre e constitui uma nova maneira de ser cidadão. De acordo com Canclini (2008), autores como Pierre Bourdieu, Arjun Appadurai e Stuart Ewen apresentam o consumo como lugar de diferenciação e distinção entre as classes e os grupos, chamando a atenção para os

aspectos simbólicos e estéticos da racionalidade consumidora. Para tais autores, nas sociedades contemporâneas, boa parte da racionalidade das relações sociais se constrói, mais do que na luta pelos meios de produção, pela disputa em relação à apropriação dos meios de distinção simbólica.

Entre os membros de uma mesma classe existe certa conformidade entre os locais onde comem, *estudam*, vivem, passam suas férias, bem como no que *leem* e apreciam, nos meios que se informam e o que transmitem aos outros. Se o ponto de vista socioantropológico intenta entender tais cenários, essa conformidade se manifesta. A lógica que rege a propriedade de bens como uma distinção não é a de satisfazer as necessidades, mas a da escassez e da impossibilidade de que outros a tenham. Desse modo, as mercadorias são úteis tanto na expansão do mercado, como para a reprodução da força de trabalho, a distinção dos demais e na comunicação com eles (CANCLINI, 2008).

A este respeito, Apple (2007) nota que o mundo passa a ser visto como um vasto supermercado e o que vai garantir a democracia é a escolha do consumidor. Nesses níveis, o ideal do cidadão é o do consumidor, com enormes efeitos ideológicos em decorrência, pois, a democracia deixa de ser um conceito político para ser transformada em um conceito inteiramente econômico. “A mensagem de tais políticas é o que pode ser melhor descrito como ‘particularismo aritmético’, no qual o indivíduo independente – como um consumidor – é despido de sua condição de raça, de classe e de gênero” (APPLE, 2007, p. 97, grifo do autor). Quanto à educação, passa a se igualar a um produto a mais, como pão, carros e televisão.

Apple (2007) esclarece que a atratividade das políticas de educação repousa nas mudanças mais importantes do senso comum das pessoas, a respeito do que seja democracia, do modo como veem a si mesmos como consumidores e de como encaram o funcionamento do mercado, o melhor mecanismo possível para assegurar um futuro melhor para os cidadãos, isto é, os consumidores. Para o autor, escolas feitas para burocratas e professores e não para consumidores, com a crise da escola pública, passam a responder às demandas de profissionais e trabalhadores do Estado e não às dos consumidores que dependem delas, assim, segundo Canclini (2008), é o mercado que se exhibe como mais eficaz para organizar as sociedades.

De fato, surgem, dos segmentos neoliberais da nova aliança hegemônica, variadas iniciativas políticas, a maioria voltada ou para criar vínculos estreitos entre educação e economia ou então para colocar as próprias escolas no mercado. A primeira é representada pelos programas de escolas para o trabalho ou educação para o emprego e por vigorosas investidas, no sentido do corte de despesas, contra o Estado inchado (APPLE, 2007).

O discurso “mão na massa” desde a escola é defendido por governos e instituições, cujos cursos disponibilizam as chamadas “empresas júnior”, bem como a estrutura curricular motiva o estudante a buscar cedo a prática no mercado de trabalho, a fim de enriquecer seu currículo ao adquirir experiência profissional. Assim, as escolas e faculdades devem ir ao encontro das necessidades expressas pelo capital e os professores são orientados a não ficar apenas na teoria, mas a propor, por meio de seus programas de curso, elementos de educação para o trabalho. As escolas ofertam disciplinas denominadas “educação empreendedora” ou “empreendedorismo”, com o intuito de que os alunos egressos, os chamados jovens empreendedores, ao montarem seu próprio negócio, não figurem nas listas de desempregados e desocupados.

Estas reflexões relacionam-se à crítica de Wolf quando adverte que a massificação da educação decorre das políticas públicas ao privilegiarem aspectos econômicos, relegando a função social da educação como expansão do conhecimento individual, “do crescimento moral, intelectual, estético e espiritual” (WOLF, 2002, p. 254 apud TINOCO, 2003).

4.3 ENSINO MÉDIO NO BRASIL: O ESPAÇO PARA OS JOVENS RURAIS NO ACESSO À EDUCAÇÃO BÁSICA

Durante a vida escolar, o educando passa por vários modos de escolarização. Pelos critérios etários estabelecidos, ao acessar ao ensino médio, deverá ser um jovem na faixa etária de 15 a 17 anos, ou seja, atravessa dupla fase de transição, tanto para a vida adulta como para outro nível de ensino, pois, segundo Costa (2013), o objetivo do ensino médio ao ser implantado no Brasil foi especificamente o de preparar os estudantes para o ingresso no ensino superior.

A natureza propedêutica do ensino médio e sua oferta limitada perduraram até 1930, quando houve a necessidade de se impulsionar o desenvolvimento no Brasil e, assim, a escolarização passou a também ser atrelada à profissionalização. Desde então, firmaram-se dois lados do ensino médio: uma escola vinculada à preparação para o trabalho e à preparação para o ingresso no nível superior de natureza propedêutica (COSTA, 2013), daí o sentido da denominação “ensino médio”, justamente por estar situado entre os níveis de ensino fundamental e superior.

Mas esta é uma nomenclatura recente, pois, devido às diversas reformas políticas na educação pública, havia recebido várias outras. No início dos anos 60, amparada pela Lei nº. 4.024/61, foi denominada “educação de grau médio” ou “ensino médio” e dividida em dois ciclos: ginásial e colegial. Com o objetivo de preparar os alunos para o ensino superior, o currículo da terceira e última série do ciclo colegial era organizado de forma diversificada,

abrangendo, no mínimo, quatro e, no máximo, seis disciplinas que poderiam, inclusive, ser ministradas em colégios universitários. Com a reforma de 1971, de acordo com a Lei nº. 5.692, passou a ser chamado “ensino de segundo grau”, ao passo que em 1996, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº. 9.394, voltou a denominação “ensino médio” (LIMA; CABRAL; GASPARINO, 2009).

Através do Decreto nº. 2.208/97 – posteriormente revogado pelo Decreto nº. 5.154/2004 –, o ensino médio foi objeto de uma reforma estrutural e curricular, cujo aspecto estrutural mais evidente foi a separação obrigatória entre o ensino médio – de caráter propedêutico – e a formação profissionalizante. No nível do currículo, a mudança mais marcante deu-se com a introdução da ideia do desenvolvimento das competências como objetivo central das novas diretrizes curriculares. Outra característica chave dessa reforma correspondeu com a sobrevalorização dos “métodos ativos”. Um dos objetivos dessa separação era tornar o ensino profissional de nível médio mais curto e, portanto, mais rápido (BRANDÃO, 2011).

A Lei nº. 11.741/08, artigo 36-A, por sua vez, estabelece que, além da “formação geral do educando”, o ensino médio oferece preparo “para o exercício de profissões técnicas”, conforme o *Relatório Educação para todos no Brasil 2000-2015* (2014), por meio da modalidade educação profissional técnica de nível médio. Brandão (2011) analisa que, nesses moldes, o ensino médio continuava com a dupla função de preparar para a continuidade de estudos e para o mundo do trabalho. Em face disso, reporta-se à crítica de Kuenzer (1997) de que tal função da escola média não se trata apenas de um problema pedagógico, mas de um problema político determinado pelas mudanças ocorridas nas bases materiais de produção, a partir do que se define a cada época, uma relação peculiar entre trabalho e educação.

Em seu artigo 21, a LDB 9.394/96 estabelece que a educação escolar compõe-se de educação básica – formada por educação infantil, ensino fundamental e ensino médio – e, posteriormente, da educação superior. Com base em seu artigo 35, o ensino médio configura-se como etapa final da Educação Básica com, no mínimo, três anos de duração e oferta preferencial à população de 15 a 17 anos. Mas o *Relatório Educação para todos no Brasil 2000-2015* (2014) lembra que, devido à distorção idade-série nessa etapa, as matrículas abarcam expressiva parcela da população de 18 e 19 anos. Em relação à faixa etária dos alunos, Aguiar (2010) considera que esse nível de ensino continua sendo um desafio para as políticas públicas de educação e, para exemplificar, elenca dados do IBGE, segundo os quais, em 2007, a população brasileira de 15 a 17 anos de idade foi de aproximadamente 10.262 milhões de jovens; no entanto, a matrícula do ensino médio computava, no mesmo ano, 3.643.528 de

estudantes de 18 anos ou mais, enquanto algo mais de 50% das matrículas abrangia jovens na idade esperada.

O *Relatório Educação para todos no Brasil 2000-2015*, no entanto, expressa que o país tem adotado ações governamentais voltadas à concretização das orientações constitucionais e da legislação educacional, procurando avançar, ao ampliar o direito à educação com políticas públicas de alargamento do conceito de escolaridade obrigatória e gratuita. Dos desafios apresentados para a segunda década deste século é, de fato, fundamental a expansão da oferta de vagas e a universalização do ensino básico.

Em 2009, com o advento da Emenda Constitucional nº. 59, os artigos 208, 211, 212 e 214 da Constituição Federal Brasileira de 1988 foram alterados. Nos termos da nova redação dada ao inciso I do artigo 208, estatuiu-se o reconhecimento do ensino médio como etapa conclusiva da educação básica, cuja faixa ampliou-se obrigatoriamente de 7 a 14 anos para 4 a 17 anos, inclusive com oferta para todos os que não tiveram acesso a ela na idade própria. Embora já presente na LDB de 1996, essa concepção fica reforçada (BRANDÃO, 2011; LIMA, 2011; KUENZER, 2010), além de ter sido incluída no texto da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº. 12.796 de 4 de abril de 2013, bem como no *caput* do artigo 7º da Lei nº. 12.852, de 5 de agosto de 2013, mais conhecida como Estatuto da Juventude. A aprovação da Emenda Constitucional nº. 59/2009

reflete uma conquista decorrente de uma luta histórica, quer seja, a luta para que o ensino médio também fosse considerado como uma etapa de escolaridade constitucionalmente obrigatória e gratuita para todos os brasileiros, dentro de uma concepção de educação como direito de todos (BRANDÃO, 2011, p. 196).

Assim, a obrigatoriedade do atendimento escolar como referência legal, com implantação gradativa até 2016, estende-se a todos os brasileiros com idades entre 4 a 17 anos, ou seja, torna-se direito garantido aos jovens brasileiros, uma responsabilidade da família e do Estado e um grande desafio para o país. Porém, a culpa da crise atual do Ensino Médio⁴⁰ é decorrente da histórica lacuna dessa etapa educativa para todos, agravada pela perda de sentidos identitário e pedagógico da instituição escolar.

⁴⁰ A crise do ensino médio relaciona-se a aspectos como déficit de professores, ausência de formação específica dos professores nas disciplinas desse ciclo educacional, professores fora da sala de aula exercendo atividades administrativas, valorização da carreira do magistério, taxas de evasão, infraestrutura das escolas e nível de formação dos professores, dentre outras questões. A esse respeito, recomenda-se a consulta de sumário executivo publicado em 2014 com o objetivo de divulgar resultados de auditoria operacional do Tribunal de Contas da União (TCU) realizada em 2013 sobre a gestão do ensino médio no Brasil (TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO, 2014).

Costa (2013) observa que, nos anos recentes, a matrícula majoritariamente realizada em escolas públicas estaduais recai no ensino médio de educação geral, não profissionalizante. Para Kuenzer (2010), o Decreto nº. 2.208/97 altera a proposta dual de ensino médio que preparava os educandos ou para o ingresso no nível superior ou para o trabalho. Para os jovens brasileiros de hoje, sejam ou não trabalhadores, a modalidade disponível é, sobretudo, o ensino médio não profissionalizante. Ainda para Kuenzer (2010), isso significa que, na década de 90, o ensino médio regular deixa de ser exclusividade da burguesia enquanto a escola profissional não é mais exclusiva para trabalhadores.

Ainda quanto às mudanças que ocorreram no Brasil nos últimos anos, outro marco legal que merece destaque é o reforço no financiamento da Educação Básica, por meio da criação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação – Fundeb (Emenda Constitucional nº. 53/06 e Lei nº. 11.494/07), o que contribuirá para aumentar o volume de recursos para esse nível de educação (RELATÓRIO..., 2014).

O processo de elaboração do Plano Nacional de Educação (PNE) está disposto no art. 214 da Constituição Federal de 1988, com a participação dos três níveis governamentais e da sociedade civil, com fórum de discussão no Congresso Nacional (RELATÓRIO..., 2014). No contexto de reformas nas políticas públicas para a educação, a Emenda Constitucional nº. 59/2009 acresce o inciso VI ao art. 214 da Constituição Federal de 1988 e modifica seu *caput*, o qual passa a estabelecer que o Plano Nacional de Educação (PNE) terá duração decenal e o objetivo de articular o sistema nacional de educação em regime de colaboração, a fim de que o desenvolvimento do ensino, em seus diversos níveis, etapas e modalidades seja mantido.

Aguiar (2010) discorre que, desde 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº. 9.394 determina que a União, no prazo de um ano, a partir da publicação da referida Lei, deverá encaminhar ao Congresso Nacional o Plano Nacional de Educação (PNE), com diretrizes e metas para os dez anos seguintes, em sintonia com a Declaração Mundial sobre Educação para Todos. Assim, o PNE deve se basear na legislação brasileira e nos movimentos da sociedade civil.

O primeiro Plano Nacional da Educação, concebido sob a vigência da Constituição de 1988, foi o PNE 2001/2010 (Lei nº. 10.172, de 9 de janeiro de 2001); mas sua trajetória, não obstante, é bastante anterior à data de sua promulgação. O processo de tramitação do PNE 2011/2020, por sua vez, tem adquirido características similares, com projeto original (PL nº. 8.035/2010) encaminhado pelo Executivo ao Congresso Nacional em dezembro de 2010, tendo sido objeto de diferentes versões e submetido a Audiências Públicas. O projeto original do

Executivo foi alterado na Câmara dos Deputados (PL nº. 8.035/2010) e no Senado Federal (PL nº. 103/2012), com retorno à Câmara para uma nova votação. Em 6 de maio de 2014, uma Comissão Especial da Câmara dos Deputados aprovou a versão final do PNE 2011/2020, aprovada em Plenário no dia 28 de maio de 2014. O texto aprovado contém quatorze artigos e vinte metas destinadas à universalização do atendimento escolar, das quais, a terceira expõe que o atendimento escolar, até 2016, deverá ser universalizado a toda a população de 15 a 17 anos e elevar, até o final do período de vigência do referido PNE, a taxa líquida de matrículas no ensino médio para 85% (RELATÓRIO..., 2014).

Segundo a LDB nº. 9.394/96, as finalidades do ensino médio vão desde consolidar e aprofundar os conhecimentos adquiridos pelo educando no ensino fundamental, possibilitando seu prosseguimento nos estudos a prepará-lo para o trabalho e a cidadania; aprimorá-lo como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; com base em fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando teoria e prática, no ensino de cada disciplina.

Quanto ao currículo, ainda segundo a LDB nº 9.394/96, o educando deverá possuir domínio tecnológico básico, compreender o significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania. Para tanto, devem ser adotadas metodologias de ensino e de avaliação que estimulem a iniciativa dos estudantes; incluir, obrigatoriamente, uma língua estrangeira moderna escolhida pela comunidade escolar e, optativamente, a depender das disponibilidades da instituição, uma segunda língua; bem como Filosofia e Sociologia, alçadas a disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio. A lei preconiza que ao final desse nível de ensino, o educando leve uma bagagem para a vida com o domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna e o conhecimento das formas contemporâneas de linguagem. Para Kuenzer, caracteriza um desafio “propiciar a todo e qualquer cidadão, respeitando a diversidade, a formação considerada como o mínimo necessário à participação na vida social e produtiva” (KUENZER, 2010, p. 855).

Levando-se em conta que a escola média pode não só ser um importante fator de qualificação profissional, mas também um instrumento para a cidadania e a preparação para os estudos de nível superior, a universalização desse nível de educação, incluindo os que a ele não tiveram acesso na idade própria, converte-se em um inegável desafio. Para se ter uma ideia da magnitude disso, no ano de 2004, aproximadamente 20% dos jovens brasileiros de 15 a 25 anos não trabalhavam nem estudavam. Em 2006, 37% dos jovens nessa mesma faixa etária não

havam sequer concluído o ensino fundamental. Portanto, ainda que a cobertura do ensino fundamental tenha aumentado com maior regularização do fluxo escolar para atender as demandas do mundo do trabalho por melhor qualificação da mão de obra, todavia, oferta e atendimento do ensino médio previstos no PNE 2001-2011 não só não foram alcançados, como ainda há uma considerável distância da universalização, com qualidade, o que se constitui em um imenso desafio a ser enfrentado (BRANDÃO, 2011).

Vê-se, então, que ademais da nomenclatura, essa etapa educacional tem passado por várias mudanças, uma delas se manifesta na busca da universalização por meio da ampliação do atendimento escolar com entrada das classes desfavorecidas na vida escolar. Embora seja preocupante o ainda reduzido acesso ao ensino médio, os egressos do ensino fundamental, desde os anos 90, ascenderam cada vez mais ao ensino médio em todo o país (LIMA; CABRAL; GASPARINO, 2009). Porém, no ano de 2004 o número de matriculados na escola média alcançou determinado patamar no qual se acomodou, de modo que as políticas públicas de ensino médio não têm conseguido ultrapassar o ponto atingido há mais de uma década.

Em 2012, segundo dados do Censo da Educação Básica (IDEB, 2012), a oferta no ensino médio totalizou 8.376.852 matrículas, 0,3% menor que em 2011. Ao se debruçar sobre números, Costa (2013) analisa que, entre 1990 e 2000, surgiram algumas singularidades. Para esse autor, o interesse pela universalização do ensino fundamental deu oportunidade “marginalmente” à expansão do ingresso no ensino médio. Fato peculiar é que, apesar de, entre a referida década, a matrícula no ensino médio ter aumentado 117%, nos dez anos seguintes caiu sensivelmente, até apresentar, na segunda metade dos anos 2000, um comportamento negativo. Isso fica evidente quando se verifica que em 2001 e em 2004 foram realizadas 8.398.008 e 9.169.357 matrículas, respectivamente, reduzindo para 8.376.852 em 2012.

Nesse intervalo, a dependência administrativa que teve maior ampliação no número de matriculados no ensino médio foi a rede pública estadual, pois, de 2.472.964 matrículas em 1991, passou para 7.046.953 em 2010, um crescimento de 185%. Entretanto, análogo ao comportamento da matrícula total, a matrícula nas escolas estaduais demonstra uma estabilização na casa dos 7 milhões de matrículas desde 2002, chegando a quase 8 milhões apenas em 2004.

O Censo da Educação Básica 2012, referente ao ano letivo 2012, indica que, nos anos anteriores, a rede estadual continuava a ser a maior responsável pela oferta de ensino médio, com 85% das matrículas; a rede privada atendendo a 12,7% e as redes federal e municipal, juntas, com cerca de 2% dos alunos matriculados nesse nível de ensino. Com base no Censo da Educação Básica 2013, o número de matrículas no ensino médio tem se mantido estável,

embora tenha apresentado queda de 0,8% em 2013. A rede estadual permanece como a maior responsável pela oferta nesse nível de ensino, com 84,8% das matrículas, ao passo que a rede privada atende 12,8% e as redes federal e municipal, juntas, atendem 2,4%, ou seja, o quadro entre os anos 2012 e 2013 pouco mudou.

Quanto à rede municipal, gradativamente e de forma expressiva, o número de matriculados no ensino médio se reduziu. A rede federal, por sua vez, desde 2008 tem aumentado o número de matriculados e recuperado os números dos anos 90, visto que entre 2001 e 2007 o número de matriculados nessa rede sofreu significativa queda. Já a rede particular, segundo o *Relatório Educação para todos no Brasil 2000-2015* (2014), obteve cerca de 5% a mais de matriculados em 2012 em relação aos números de 1991. Porém, se esses dados forem bem analisados, é quase uma recomposição dos anos 90, pois, entre 2007 e 2010, apresentou queda na matrícula, mas, de forma geral, nos últimos três anos, nota-se uma acomodação no número de matriculados no ensino médio em escolas dessa dependência administrativa.

Tabela 4 – Número de Matrículas na Educação Básica por Modalidade e Etapa de Ensino (Ensino Fundamental – Anos Finais e Ensino Médio), segundo a Dependência Administrativa – Brasil – 2013

| Unidades da Federação Municípios Dependência Administrativa | Matrícula inicial Ensino Regular | |
|--|-------------------------------------|--------------|
| | Ensino Fundamental Anos Finais | Ensino Médio |
| Total | 13.304.355 | 8.312.815 |
| Federal | 16.883 | 138.194 |
| Estadual | 5.099.857 | 7.046.953 |
| Municipal | 5.389.663 | 62.629 |
| Privada | 1.797.952 | 1.065.039 |

Fonte: MEC/Inep/Deed.

Nota: não inclui matrículas em turmas de atendimento complementar e atendimento educacional especializado (AEE).

Tal estabilidade de matrículas no ensino médio opõe-se à taxa de crescimento de 9,4% no número de concluintes no fundamental de 2007 a 2013. De acordo com análise do relatório técnico do Censo da Educação Básica 2013, ainda que o número de concluintes do ensino fundamental não se relacione diretamente com o total de matrículas no ensino médio, é possível deduzir que o ensino médio não está captando todos os concluintes do fundamental. Em referência às análises do relatório do Censo da Educação Básica 2012, tal expansão somente poderá ser alcançada mediante a melhora do fluxo de estudantes no ensino fundamental, estágio que cria demanda para o ensino médio. Todavia, em 2011, havia 13.997.870 estudantes matriculados nos anos finais do ensino fundamental; mas, em 2012, 8.376.682 matricularam-se

no ensino médio e, mesmo considerando, nesse mesmo ano, os 1.063.655 estudantes na educação profissional, seja concomitante ou subsequente, a conta não fecha (Tabela 4).

O conculinte do ensino fundamental é o potencial aluno da escola média. Quanto ao “ensino médio regular, [...] a estimativa é que a situação de equilíbrio da matrícula esteja em torno de 10,6 milhões de alunos, que corresponde à população na faixa etária de 15 a 17 anos, contra os atuais 8,4 milhões de matriculados” (CENSO ESCOLAR..., 2012, p. 14). Se a análise for direcionada aos 10,6 milhões de jovens em idade apropriada para cursar o ensino médio, em 2012, aproximadamente 2 milhões de jovens na mesma faixa etária estavam fora da escola. Trazê-los “para a escola é um dos desafios à retomada da expansão da matrícula na escola média brasileira. A participação da União, dos Estados e do Distrito Federal é fundamental para que todos os jovens de 15 a 17 anos frequentem a escola, preferencialmente a média” (COSTA, 2013, p. 189).

Embora se reconheça o aumento do número de matrículas no ensino médio e, obviamente, sem trazer a questão da qualidade da educação para a discussão, o avanço da universalização do acesso à escola média para estudantes é considerável (LIMA, 2011). Nomeadamente fora da idade própria, pois, embora os dados demonstrem crescimento no número de matriculados desde 1991, quando se observa o tamanho da coorte adequada ao ensino médio, conclui-se que há bastante espaço para a expansão dessa etapa de ensino (CENSO ESCOLAR..., 2013). Em 2004, por exemplo, houve 9.169.357 matrículas no ensino médio; mas, se esse número for comparado aos da população de 15 a 17 anos, faixa etária apropriada para tal nível educacional, embora a taxa de escolarização atinja 81,4%, a taxa líquida⁴¹ não passa de 44,4%. Portanto, para Lima (2011), o que vai permitir melhor análise da situação da escola média é, sobretudo, a distribuição das matrículas por grupo de idade.

Muito embora esteja estabilizada em torno de 50% desde 2006, não se pode negar o alargamento da taxa líquida de matrícula no ensino médio brasileiro. Em 2010, atendo-se à população de 15 a 17 anos que é a idade ideal para o ensino médio, apesar dos 5,4 milhões de alunos matriculados dentro dessa faixa etária, quase 4,9 milhões de jovens em idade adequada à escola média estavam fora desse nível de ensino. Desse modo, observa-se que praticamente metade dos jovens brasileiros de 15 a 17 anos não se encontra matriculada no ensino médio (COSTA, 2013). Esta é uma análise com base em dados até 2010; porém, a partir de números

⁴¹ A Taxa de Matrícula Líquida (TML) é “um indicador que identifica o percentual da população em determinada faixa etária matriculada no nível de ensino adequado a essa faixa etária”. Por seu turno, a Taxa de Matrícula Bruta (TMB) é “um indicador que permite comparar o total de matrículas de determinado nível de ensino com a população na faixa etária adequada a esse nível de ensino” (LIMA, 2011, p. 271).

colhidos no Observatório do PNE, com base em dados do IBGE/PNAD, a taxa líquida, em 2014, há dois anos para se atingir a terceira meta do PNE 2011/2020 de 85% de taxa líquida, chegou a 61% (Tabela 5). No entanto, com base na população dessa faixa etária nos censos do IBGE nos anos 2000 e 2010, na visão do governo, o atendimento à população de 15 a 17 anos no ensino médio teve um aumento expressivo (RELATÓRIO..., 2014).

Tabela 5 – Matrículas no Ensino Médio em relação à população de 15 a 17 anos - Taxas brutas de matrícula e Porcentagem de jovens de 15 a 17 anos matriculados no Ensino Médio - Taxa líquida de matrícula

| Ano | Taxa Bruta | Total | Taxa Líquida | Total |
|------|------------|-----------|--------------|-----------|
| 2001 | 74,4% | 7.688.179 | 40,3% | 4.012.722 |
| 2002 | 75,7% | 7.934.971 | 42,7% | 4.289.232 |
| 2003 | 80,5% | 8.581.098 | 46,8% | 4.763.269 |
| 2004 | 81% | 8.713.458 | 47,5% | 4.866.477 |
| 2005 | 79,4% | 8.559.357 | 48,7% | 4.969.633 |
| 2006 | 80,6% | 8.499.835 | 50,3% | 5.002.672 |
| 2007 | 82,5% | 8.390.345 | 51,6% | 4.890.759 |
| 2008 | 85,6% | 8.775.160 | 54% | 5.191.255 |
| 2009 | 84,3% | 8.619.411 | 54,5% | 5.220.714 |
| 2011 | 82,8% | 8.697.257 | 56,1% | 5.404.386 |
| 2012 | 83,6% | 8.687.728 | 57,9% | 5.548.696 |
| 2013 | 83,3% | 8.887.186 | 59,5% | 5.796.273 |
| 2014 | 83,1% | 8.823.440 | 61,1% | 5.842.464 |

Fonte: IBGE/Pnad / Preparação: Todos Pela Educação.

Mais um aspecto a ser analisado para a compreensão do ensino médio no Brasil refere-se aos indicadores educacionais de rendimento (COSTA, 2013). Na Tabela 6 são apresentadas suas taxas, ressaltando-se as de reprovação e abandono. Estas, em 2010 nas escolas estaduais, se somadas, atingem 25,1%, significando que, a cada quatro alunos matriculados, um fica retido no sistema. Além disso, as taxas de rendimento estão ligadas a taxas de distorção idade-série, também bastante elevadas. Nesse quesito, são as escolas públicas, sobretudo as estaduais e as municipais, que apresentam as maiores taxas (COSTA, 2013).

Tabela 6 – Taxas de Rendimento no Ensino Médio, por Dependência Administrativa (Estadual e Privada) – Brasil – 1999/2010

| Ano | Brasil | | Estadual | | Privada | |
|------|-----------------|---------------|-----------------|---------------|-----------------|---------------|
| | Reprovação % | Abandono % | Reprovação % | Abandono % | Reprovação % | Abandono % |
| 1999 | 7,2 | 16,4 | 7,6 | 18,7 | 5,5 | 4,4 |
| 2001 | 8,0 | 15,0 | 8,5 | 17,0 | 5,1 | 2,9 |
| 2003 | 10,1 | 14,7 | 10,9 | 16,8 | 5,3 | 1,9 |
| 2005 | 11,5 | 15,3 | 12,3 | 17,2 | 5,8 | 1,5 |
| 2007 | 12,7 | 13,2 | 13,6 | 14,8 | 5,6 | 0,6 |
| 2009 | 12,6 | 11,5 | 13,5 | 13,0 | 6,2 | 0,5 |
| 2010 | 12,5 | 10,3 | 13,4 | 11,7 | 5,9 | 0,5 |

Fonte: MEC/Inep.

Conforme Soares e Sátyro (2008), a defasagem ocorre tendo em vista que nos sistemas educacionais seriados, como a maior parte do sistema educacional brasileiro, ao menos em teoria, há uma idade ideal para cada série escolar. Especificamente no Brasil, de acordo com a Lei nº. 11.274/2006, o ensino fundamental deve ter duração de nove anos, iniciando-se aos seis anos de idade; por conseguinte, o jovem deveria estar matriculado no ensino médio dos 15 aos 17 anos de idade. Ocorre a distorção idade-série quando a criança está acima da idade ideal em determinada série. Para fins de cálculo com base no censo escolar, esta é a fórmula divulgada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira:

[...] considerando o censo escolar do ano t e a série k do ensino fundamental, cuja a idade adequada é de i anos, então o indicador será expresso pelo quociente entre o número de alunos que, no ano t , completam $i + 2$ anos ou mais (nascimento antes de $t - [i + 1]$), e a matrícula total na série k . A justificativa deste critério é que os alunos que nasceram em $t - [i + 1]$, completam $i + 1$ anos no ano t e, portanto, em algum momento deste ano (de 1º de janeiro a 31 de dezembro) ainda permaneciam com i anos e, por isso, o critério aqui adotado, considera estes alunos como tendo idade adequada para esta série. Os que nasceram depois de $t - [i + 1]$ completam, no ano t , i anos ou menos (INEP, 2006, s/p).

Neste sentido, o conceito de distorção idade-série utilizado é a porcentagem de alunos defasados dois anos ou mais. A defasagem pode ter origem em três diferentes aspectos: o aluno iniciou o ensino fundamental com idade superior a seis anos; foi reprovado no transcorrer do curso; ou houve evasão escolar. Para Menezes e Santos (2002), além de se constituir como elemento representativo de desigualdades na educação no Brasil, principalmente regionais, pode causar, segundo especialistas, alto custo psicológico na vida escolar, social e profissional dos alunos tidos como defasados. A respeito desse indicador, Soares e Sátyro (2008) apresentam quatro formas de análise: há uma relação entre maior distorção e pior desempenho escolar; coeficientes negativos nas estimações indicam efeito positivo sobre a qualidade da educação; existe íntima relação entre as taxas de distorção idade-série e de repetência, sendo que esta é a causa daquela e embora a relação não seja linear, ela é monótona crescente – quanto maior for a repetência nos anos anteriores ao ano de que se trate, maior será a defasagem.

Na Tabela 7 são exibidas as taxas de distorção idade-série no período que compreende os anos 2006 a 2010. Esses dados indicam a necessidade de reduzir esse indicador educacional, sobretudo a escola estadual de ensino médio por ter o maior número de matriculados, além das escolas municipais e, de forma geral, o país como um todo. Em virtude da significativa distorção idade/série, foram postas em prática políticas específicas para diminuí-la que resultaram na redução de 35,3% em 2001 para 23,6% em 2010. Durante esse tempo a população nessa faixa etária reduziu em 4,7% e as matrículas apresentam uma queda de 3,5 vezes maior, indicando a

redução do problema da distorção e o crescimento da taxa de escolarização líquida (RELATÓRIO..., 2014).

Tabela 7 – Taxas de Distorção Idade-Série no Ensino Médio, por Dependência Administrativa – Brasil – 2006/2010

| Ano | Total (%) | Federal (%) | Estadual (%) | Municipal (%) | Privada (%) |
|------|-----------|-------------|--------------|---------------|-------------|
| 2006 | 44,9 | 23,0 | 49,5 | 59,8 | 11,0 |
| 2007 | 42,5 | 23,4 | 46,6 | 54,7 | 8,9 |
| 2008 | 33,7 | 24,2 | 37,2 | 39,5 | 7,9 |
| 2009 | 34,4 | 23,0 | 38,1 | 40,4 | 7,8 |
| 2010 | 34,5 | 23,2 | 38,3 | 40,0 | 7,8 |
| 2011 | 32,8 | - | 36,3 | - | 7,6 |
| 2012 | 31,1 | - | 34,5 | - | 7,6 |
| 2013 | 29,5 | - | 32,7 | - | 7,6 |
| 2014 | 28,2 | - | 31,3 | - | 7,5 |

Fonte: Mec/Inep/DEED/CSI.

Questiona-se qual o espaço para o jovem rural no ensino básico, especificamente no ensino médio em que ao se deter nos dados do censo escolar, a matrícula nas escolas no campo chega a ser irrisória. Dos 8.376.852 estudantes matriculados no ensino médio em 2012, apenas 322.479 (3,8%) estavam em escolas rurais, enquanto os demais 8.054.373 (96,2%) cursavam o ensino médio em escolas urbanas, inclusive, jovens rurais, pois a política pública adotada tem sido a de transportá-los para estudar nas cidades, embora não consiga contemplar a todos dessa categoria.

De fato, o próprio *Relatório Educação para todos no Brasil 2000-2015* (2014) admite que ao serem examinadas a partir da variável localização, a grande concentração das matrículas do ensino médio encontra-se na zona urbana. Isto é coerente com a distribuição mais geral da população, cuja maioria encontra-se nas cidades, conforme Censo IBGE 2010. No entanto, há um contingente de alunos que se desloca da zona rural para estudar em escolas da zona urbana e este deve ser um fator a considerar nesta distribuição; bem como, é importante registrar que

parece estar em andamento uma expansão do ensino médio na zona rural, pois houve crescimento em termos absolutos (de 99.775 para 322.479 matrículas) e relativos (de 1,2% para 3,8%) entre 2000 e 2012. Na zona urbana, por sua vez, registra-se redução em termos absolutos (de 8.093.173 para 8.054.373 matrículas) e relativos (de 98,8% para 96,2%) no mesmo período (RELATÓRIO..., 2014, p. 36, grifos nossos).

A política pública adotada para que os jovens rurais estudantes do ensino médio cheguem até a escola urbana tem sido a de transporte escolar. No bojo das políticas implementadas, ainda de acordo com o *Relatório Educação para todos no Brasil 2000-2015* (2014), através do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), o Ministério da Educação vem mantendo dois programas de apoio ao transporte escolar para alunos da

educação básica que residem na zona rural: o Programa Nacional de Transporte Escolar (PNATE) e Caminho da Escola que garantiriam segurança e qualidade ao transporte dos estudantes.

Estabelecido em 2004, o PNATE é uma iniciativa de transferência automática de recursos aos estados, Distrito Federal e municípios para cobrir gastos com reforma, seguro, licenciamento, impostos, manutenção e pagamento de serviços contratados com terceiros. Por ano, são realizadas transferências de nove parcelas diretamente aos estados, ao Distrito Federal e aos municípios, com cálculo dos recursos financeiros necessários baseado no quantitativo de alunos da zona rural transportado, desde que informados no censo escolar do ano anterior.

Por seu turno, o Caminho da Escola foi criado em 2007 e consiste em linha de crédito outorgada pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDES) aos estados e municípios para a aquisição de ônibus, micro-ônibus e miniônibus zero quilômetro e de embarcações novas. O programa tem como objetivos renovar a frota de veículos das escolas, garantir a qualidade e a segurança do transporte dos estudantes e contribuir para a redução do absenteísmo escolar, além de ampliar, por meio de transporte diário, o acesso e a permanência na escola de alunos matriculados no âmbito da educação básica da zona rural das redes municipal e estadual. Objetiva também padronizar os veículos de transporte escolar, reduzir os preços dos veículos e conferir transparência nas aquisições. O governo federal, através do FNDE e em associação com o Inmetro, oferece um veículo com especificações únicas, adequadas para o transporte dos estudantes e apropriado para a acessibilidade e trafegabilidade nas estradas rurais e urbanas brasileiras. Para aderir ao programa, faz-se necessário o registro de preços por meio de pregão eletrônico de veículos apropriados para o transporte escolar. Há três maneiras para que os estados e municípios participem do Caminho da Escola: com recursos próprios, somente tendo que aderir ao pregão, através de convênios firmados com o FNDE; ou através de financiamento do BNDES, que oferece linha de crédito especial para a aquisição de ônibus zero quilômetro e de embarcações novas (RELATÓRIO..., 2014, p. 93).

Pode-se afirmar que a oferta para as populações do campo não ocorre no mesmo nível para as populações urbanas e, portanto, inviabiliza o direito à universalização da educação. Uma grande parcela de jovens rurais não consegue ser atendida pelo transporte público escolar ou não tem condições de se ausentar durante a maior parte do dia do campo, seja por motivo de trabalho ou outras dificuldades para estudar em cidades. Os jovens rurais, que estudam à noite, queixam-se do cansaço, pois têm de trabalhar durante o dia nas atividades do campo, geralmente um labor mais pesado, para se deslocarem no fim do dia, geralmente enfrentando estradas ruins e distâncias consideráveis, até a escola na cidade. Quando voltam para casa, chegam muito

tarde, às vezes, madrugada adentro, precisando acordar cedo a fim de retomarem o ciclo exaustivo. Convém lembrar que a região desta pesquisa é de produção leiteira, portanto, a ordenha, para os que estão envolvidos nessa atividade, geralmente começa ainda de madrugada.

Lamentavelmente, a ideia veiculada é de que não vale a pena investir em políticas públicas no meio rural, isso fica evidente com o fechamento de escolas até do ensino fundamental e o transporte de crianças para escolas públicas em sedes municipais ou povoados maiores. Devido à ideia de esvaziamento do campo, esvazia-se também a educação, pois o que se comprova é uma dívida secular com o homem do campo, não restrita apenas aos dias de hoje, pois faz parte da ideia consolidada de que o campo não é espaço para a educação.

Para Abramovay, no meio rural brasileiro, ainda se conserva a tradição escravista que dissocia o trabalho do conhecimento. De modo que se torna um desafio mudar esse ambiente educacional: um conjunto de sinais que os indivíduos recebem e que os fazem crer que o campo não é um espaço apropriado para a valorização do conhecimento (ABRAMOVAY, 2000 apud MENEZES, 2012). Embora os jovens desta pesquisa tenham vencido isto, mas são, para duas cidades onde a pesquisa foi realizada, apenas oitenta moças e rapazes, no total, que cursam o último ano do ensino básico em escolas urbanas.

Com base em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2009, a escolaridade média das pessoas com 15 anos de idade ou mais no meio rural é de quatro anos, no meio urbano chega a 8,6 anos, ou seja, há um número muito maior de pessoas no meio rural que estudaram até o fundamental menor, justamente o nível de ensino com maior oferta nas zonas rurais. Ainda de acordo com a mesma pesquisa, quanto ao analfabetismo, no mundo rural é maior do que nas cidades. Nestas, atinge 4,3% da população, mas no campo, entre pessoas de 15 anos de idade ou mais, o percentual é de 23,5% e não são somente os mais velhos, pois quando se trata especificamente da faixa de 15 a 24 anos, em 2009, quase 2% dos jovens rurais eram analfabetos.

Com base também em dados da PNAD/IBGE, o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, através do Observatório da Equidade, produziu um relatório que confirma a desigualdade no nível da escolaridade da população brasileira. Por exemplo, em 2005, a proporção de jovens rurais de 15 a 17 anos cursando o ensino médio era de 24,7% frente aos 50,4% dos jovens urbanos na mesma faixa etária. Em 2009, houve uma melhora no nível dos indicadores, porém, ainda caminha a passos muito lentos, pois a proporção de jovens rurais, de 15 a 17 anos, matriculados no ensino médio era de 35,7%, enquanto dos jovens urbanos com a mesma idade chegava a 54,4%. Se o país quer atingir a universalização do ensino, ainda está deixando, ano a ano, muitos jovens rurais sem o acesso à educação básica. De acordo com o

referido estudo do Observatório da Equidade baseado nos dados da PNAD 2009, caso o Brasil fosse um país rural, teria o quarto pior desempenho entre os países da América Latina e Caribe, ganhando apenas do Haiti, da Nicarágua e da Guatemala. Se a distorção idade-série for considerada, no meio rural, ela afeta 75% das pessoas de 9 a 16 anos que vivem em zonas rurais. No meio urbano, o percentual é de 56%, também muito alto.

Não obstante, este é um tema que requer cautela ao ser tratado, visto quando se pensa em defasagem idade-série, geralmente se crê que houve fracasso escolar do aluno. Mas há vários fatores que permeiam essa condição e a impactam, tais como a infraestrutura escolar, o nível de formação dos professores, o tamanho das turmas e até mesmo a existência de biblioteca nas escolas, de modo que Soares e Sátyro (2008) trazem luz a esse tema em um texto publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Embora diversos estudos discutam o efeito de insumos escolares no desempenho educacional, mas sem chegarem a um consenso quanto ao seu impacto, os referidos autores realizaram uma pesquisa cuja análise empírica foi feita, sobretudo, através do modelo de regressão linear sobre a taxa de distorção idade-série escolar entre 1998-2005. Os resultados indicam a existência de um impacto dos insumos no desempenho educacional, notadamente em escolas com maior precariedade de infraestrutura.

Sátyro e Soares (2007) apresentam uma questão importante: que nos resultados escolares as escolas rurais sofrem pelas condições precárias e pelos resultados educacionais inaceitáveis. Em relação aos jovens rurais do sertão sergipano estudantes do ensino médio pesquisados por Menezes (2012), a defasagem tem se configurado como uma herança da repetência, com ênfase no ensino fundamental, quando alguns alunos chegaram a admitir até seis reprovações em sua vida escolar; justamente, esses estudantes são fruto de escolas públicas de ensino fundamental no campo.

Brandão (2011) levanta a hipótese de que essa alta taxa de distorção na relação idade/série se deva a uma organização didática e pedagógica que já não compreende as aspirações dos jovens, em particular os que na idade ideal para o ensino médio já estão trabalhando. Kuenzer (2010), por seu turno, acredita que esses dados também são reflexos do discurso da democratização do acesso ao ensino médio para os jovens trabalhadores. Porém, quando a educação geral – neste caso, o ensino médio preparatório –, que anteriormente era ofertada com exclusividade para as classes dominantes, passou a estar à disposição dos trabalhadores, tornou-se trivial e desqualificado.

Arroyo chama a atenção para problemas que ocorrem nas escolas e que “nos perseguem como um pesadelo” (ARROYO, 2000, p. 33), dentre os quais o “fracasso escolar”. Embora quantificado com as altas taxas de repetentes, reprovados e defasados, para esse autor, o

pesadelo é mais do que o quantificado, já que, mesmo que as porcentagens caíam, a perseguição continua como um medo e obsessão pedagógica e social e, portanto, encobrindo realidades mais sérias. Crítica que muito se escreve sobre o tema, todavia, continua-se em torno do mesmo lugar, pois é um engano confundir fracasso com reprovação e sucesso/qualidade com aprovação e garantia do direito à educação, à cultura e ao desenvolvimento humano. Esta tem sido uma maneira de não equacionar adequadamente o fracasso, impedindo-nos de compreender que conceitos e práticas da educação não têm acompanhado os progressos do direito à educação, à cultura, à formação humana de crianças e jovens, justamente isso deveria ser o maior pesadelo.

O que se necessita é um retorno a um olhar mais geral e extraescolar do sucesso/fracasso, pois o fracasso escolar converteu-se em uma expressão que reflete a falta dos complexos processos reprodutivos da lógica e da política de exclusão a impregnar todas as instituições sociais e políticas, entre elas, as que trazem em seu sentido e função a democratização de direitos como a saúde e a educação. O sistema seriado é, provavelmente, dos mais caudatários da concepção utilitarista e credencialista de ensino elementar; em consequência, a cultura escolar é, ainda hoje, uma das mais seletivas e excludentes. As reformas dos anos 70 conferiram a essa concepção utilitarista um *status* de educação de qualidade. De modo que há uma vinculação entre escolarização básica e mercado, seletividade e credencialismo, que impede a construção de um sistema escolar pautado pela concepção de educação básica gestada desde os primórdios da modernidade, na Renascença, consolidada na Ilustração, e até no ideário liberal. Esta impossibilita a incorporação da concepção de educação originada no pensamento progressista e democrático e nos movimentos e lutas pelos direitos sociais e políticos. São as raízes e a terra de que se alimenta o teimoso fracasso escolar, pois não seria compreensível sem essa concepção de educação elementar (ARROYO, 2000).

Entretanto, democratizar a escola elementar tem sido o mesmo que ampliar para os filhos das classes populares o domínio de habilidades de leitura, escrita, contas, enfim, das competências primárias para que se tornem mais iguais e competitivos no mercado de trabalho, nos concursos, nos mecanismos de seleção, até no vestibular. O sonho de democratização da educação básica converteu-se em dar a todos, notadamente aos pobres e socialmente excluídos, a oportunidade de dominar as mesmas habilidades e competências, os conhecimentos, as ciências e as técnicas para competir em uma sociedade cada vez mais seletiva, porém, sem questionar o caráter seletivo e excludente, antidemocrático e antipedagógico do credencialismo a que nosso sistema escolar sempre esteve vinculado. Desde que a posse de titulação, de credenciais, passou a ser exigida por esse mercado seletivo – o que não significa ser necessária para o trabalho e a cidadania –, é imperativo que todo mundo se titule, que o fluxo seja

acelerado. A maioria dos programas tem assumido como função social primordial da escola titular ou credenciar, visto que cada vez mais a titulação é um dos critérios de seleção da força de trabalho, de *status* social, de empregos diferentemente remunerados, de empregabilidade (ARROYO, 2000).

No entanto, a escola é mais do que escola; mais do que os profissionais que nela trabalham e que sonham; mais do que esses pesadelos. Aos educadores caberia uma vigilância e essas intervenções, em lugar de lançar a responsabilidade apenas sobre governos e sociedade. Isso suporia assumir a própria reeducação da cultura profissional, concomitante com a busca coletiva e lenta para a redefinição dos focos da intervenção, profissionais, redefinindo as concepções de fracasso/sucesso sem necessidade de fazer deles o problema nem a solução, sem programar cursos de treinamento, ou seja, a redescoberta da força histórica do instituído e o caráter instituído e instituinte da estrutura escolar (ARROYO, 2000).

Bourdieu e Passeron (2015) ressaltam o importante lugar reservado à sociologia da educação na análise das políticas públicas, uma vez que não é suficiente atribuir como alvo a democratização real da educação, que, geralmente, se reduz à igualdade formal das chances. Para vencer as desigualdades reais, é indispensável que se ponham em prática, permanentemente, “os meios para neutralizar metodicamente e continuamente a ação dos fatores sociais de desigualdade cultural” (BOURDIEU; PASSERON, 2015, p. 101).

A LDB nº. 9.394/96 enfatiza que a finalidade da educação é o pleno desenvolvimento dos estudantes (arts. 2º e 22) e propõe a organização do trabalho educativo por ciclos (art. 23). Compreendendo-se ciclos como uma referência a ciclos de desenvolvimento humano em consonância com o art. 22 que enfatiza, com o art. 2º, que a finalidade da educação é o desenvolvimento pleno dos educandos, em um contexto mais amplo, seria a busca de uma nova lógica estruturante dos processos escolares de educação, formação e desenvolvimento humano, dos ciclos da infância, da adolescência e da juventude, sendo possível equacionar de maneira mais ampla a preocupação com o avanço nos estudos, a aceleração, a defasagem, enfim, o respeito às temporalidades no desenvolvimento humano dos estudantes, sem que os ciclos sejam reduzidos à progressão contínua, a ritmos e tempos de aprendizagem. A retomada de uma concepção mais humanista de educação básica orientada para o pleno desenvolvimento humano dos educandos e para o acompanhamento pedagógico de suas temporalidades apontaria horizontes promissores para o equacionamento radical do fracasso escolar, para a superação da cultura da exclusão e da lógica e estrutura seletiva do sistema escolar brasileiro (ARROYO, 2000).

Depois de analisar o alcance ou não de metas que se relacionam à oferta, ao atendimento e a questões pedagógicas específicas do ensino médio no Brasil do PNE 2001-2011, Brandão (2011) conclui como não alentadora a imagem do ensino médio atual. Considera, porém, que desse quadro surgem itens que devem ser ressaltados. Afirmar que o maior desafio da política pública educacional brasileira para a próxima década, política de Estado e não política de governo, com respeito ao ensino médio, é trazer os jovens “de volta” para a escola, fazendo com que eles concluam o ensino médio. A escola a qual se refere é aquela capaz de transmitir os conteúdos historicamente acumulados pela humanidade em suas mais diversas manifestações, especialmente nas artes, ciências, idiomas, história, tecnologia, no mundo do trabalho e na cultura e, ao mesmo tempo, capaz de compreender e interagir com os anseios e expectativas juvenis, seja dirigida à qualificação para o trabalho ou para a educação superior. De todo modo, que seja uma escola de inclusão social.

5 CAMINHOS DA PESQUISA: MÉTODO, CAMPO E POPULAÇÃO

Com a introdução de novos questionamentos, a extensão do universo de pesquisa e a possibilidade de nova delimitação deste, no que se refere à problemática, esta tese amplia e aprofunda a dissertação de mestrado em educação defendida por esta autora em 2012. Na aludida dissertação, os sujeitos de pesquisa selecionados foram jovens rurais, na faixa etária de 14 a 29 anos, filhos de produtores familiares e assentados da reforma agrária, estudantes das três séries do ensino médio regular em escolas urbanas, em um total de 194 participantes, sendo 62 homens e 132 mulheres. A pesquisa foi realizada em duas escolas de Nossa Senhora da Glória que, embora de pequeno porte, é o mais urbanizado município da região devido a sua população se concentrar mais na zona urbana (MENEZES, 2012).

Para fazer um contraponto ao município de Nossa Senhora da Glória, ampliou-se o universo de estudo com a inserção de mais um município do sertão sergipano. Esta decisão se justifica em parte porque reunidos em um único território os municípios, de fato, apresentam similitudes, sobretudo devido ao viés identitário e cultural associado à criação de gado leiteiro; por outro lado, diferenças e particularidades também se manifestam. Espera-se justificar esta decisão com base em que há sertanejos, especialmente os da zona rural, que consideram os moradores de Nossa Senhora da Glória muito “modernos” e que se acham superiores aos habitantes das demais cidades da região. Assim, optou-se por pesquisar em Poço Redondo que tem sua população rural três vezes maior que a urbana e em Nossa Senhora da Glória que tem sua população concentrada no meio urbano. Há outros municípios do sertão sergipano cuja população do meio rural é superior à urbana, no entanto, a escolha de Poço Redondo também se justifica porque assim como Nossa Senhora da Glória faz parte da Diretoria Regional de Educação 9 (DRE 9).

A decisão de ampliação da pesquisa se deu também porque, após a análise dos dados empíricos coletados para a dissertação de mestrado defendido em 2012, ponderou-se que ter realizado um estudo sobre um território considerando apenas o município de população mais concentrada na sede municipal talvez não representasse a realidade como um todo, daí a ideia de ampliar o campo e verificar se os dados anteriormente obtidos seriam consistentes.

Com base em dados coletados no Sistema Integrado de Gestão Acadêmica da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe, tem-se o número de matriculados no ensino médio, nos anos letivos de 2013 a 2015, nos municípios do sertão sergipano, pertencentes a duas Diretorias Regionais de Educação (Tabela 8).

Tabela 8 – Total de alunos matriculados em escolas públicas, no ensino médio regular, municípios do sertão sergipano, 2013-2015

| Município | Total de Matrículas no Ensino Médio Regular | | |
|----------------------------------|---|-----------------|-----------------|
| | Ano Letivo 2015 | Ano Letivo 2014 | Ano Letivo 2013 |
| Nossa Senhora da Glória (DRE 9) | 1.410 | 1.064 | 1.114 |
| Canindé do São Francisco (DRE 9) | 1.214 | 977 | 975 |
| Poço Redondo (DRE 9) | 742 | 545 | 642 |
| Monte Alegre de Sergipe (DRE 9) | 363 | 341 | 415 |
| Porto da Folha (DRE 7) | 1.021 | 872 | 915 |
| Gararu (DRE 7) | 417 | 389 | 355 |
| Nossa Senhora de Lourdes (DRE 7) | 359 | 299 | 262 |
| Total | 5.526 | 4.487 | 4.678 |

Fonte: Sistema Integrado de Gestão Acadêmica / Secretaria de Estado da Educação, 2015.

No que diz respeito à série, quando da coleta de dados, diferentemente do mestrado que abarcou jovens dos três anos do ensino médio regular, optou-se por pesquisar somente estudantes do terceiro ano. Essa decisão decorre do fato de não fazer muito sentido pesquisar as expectativas após o ensino médio de jovens rurais matriculados no primeiro e segundo anos que possível e lamentavelmente não concluirão o ensino médio. Visto que há forte queda de matriculados do primeiro em relação ao terceiro ano, especialmente das mulheres, conforme corroborado por Menezes (2012) em pesquisa anterior na mesma região, basta ver que no ano letivo 2010, nas duas escolas públicas onde sua pesquisa foi realizada, o total de jovens rurais matriculados no terceiro ano correspondia a apenas 28% daqueles matriculados no primeiro ano. Para esta tese, a partir de levantamento realizado nas três escolas que formam o espaço empírico da pesquisa, o percentual ficou em torno dos 24%. Quando analisado por gênero, em 2010, na pesquisa do mestrado, o total de mulheres matriculadas no terceiro ano correspondia a apenas 22% das matriculadas no primeiro ano; enquanto era de 41% a proporção de homens matriculados no último ano do ensino médio em relação aos estudantes matriculados no primeiro ano (MENEZES, 2012). Nesta pesquisa, no ano letivo 2015, a proporção de mulheres matriculadas no terceiro ano (47) em relação à matrícula no primeiro ano (155) ficou em 30,3%, sendo 24,8% em Nossa Senhora da Glória e 43,5% em Poço Redondo.

Tabela 9 – Alunos de origem rural matriculados no ensino médio regular em três escolas públicas do sertão sergipano, 2015

| Escolas | Ensino Médio Regular | | | | | | | | | | | |
|--------------------|----------------------|------|------|------|--------|------|------|------|--------|------|----|------|
| | 1º Ano | | | | 2º Ano | | | | 3º Ano | | | |
| | H | % | M | % | H | % | M | % | H | % | M | % |
| Total Série/Gênero | 116 | 42,8 | 155 | 57,2 | 43 | 28,9 | 106 | 71,1 | 33 | 41,3 | 47 | 58,7 |
| Total por Série | | | 271 | | | | 149 | | | | 80 | |
| % por Série | | | 54,2 | | | | 29,8 | | | | 16 | |
| Total Geral | | | | | | | 500 | | | | | |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015. Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

5.1 ESCOLAS PÚBLICAS DE ENSINO MÉDIO NO SERTÃO SERGIPANO

Uma vez que o sujeito da pesquisa deveria estar matriculado no ensino médio, a Diretoria Regional de Educação 9 (DRE 9) da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe que possui o maior número de alunos matriculados do sertão sergipano, foi a escolhida como critério para a delimitação da coleta de dados nas escolas do ensino médio regular⁴². Convém explicar que a Secretaria de Estado da Educação de Sergipe possui dez Diretorias Regionais de Educação que abrangem os 75 municípios do Estado e atendem a 354 escolas. A DRE 9 é composta por cinco municípios e quatro deles fazem parte do território Alto Sertão Sergipano: Nossa Senhora da Glória, Monte Alegre de Sergipe, Poço Redondo e Canindé do São Francisco (SEED, 2015).

Destes quatro municípios, Nossa Senhora da Glória é o mais populoso com 35.726 habitantes (IBGE/2013), em uma área de 756,485 km² e densidade de 47,23 hab/km², com dois terços da população concentradas na sede municipal (Tabela 2). De acordo com Veiga (2003, p. 34), são considerados “de pequeno porte os municípios que têm simultaneamente menos de 50.000 habitantes e menos de 80 hab/km²”. Sendo assim, embora enquadrado como um pequeno município, é o polo econômico da região, tanto que até há pessoas que saem da Capital do estado, a 126 km de distância, para buscar emprego em Nossa Senhora da Glória. Seu Indicador de Desenvolvimento Humano (IDH-M) é 0,587, considerado baixo (PNUD/2010), o PIB em 2008 ficou na ordem de R\$ 226.382,600 mil (IBGE/2008) e o PIB *per capita* na faixa de R\$ 7.430,66 (IBGE/2008); no entanto, convém observar que o seu dinamismo econômico é recente, ou seja, dos últimos dez anos. Possui duas escolas públicas que oferecem o ensino médio regular, além de terem, em conjunto, o maior número de alunos da DRE 9. Essas escolas atendem a estudantes de vários municípios do Alto Sertão Sergipano, como Canindé do São Francisco, Monte Alegre de Sergipe, Poço Redondo e até mesmo de Porto da Folha que, embora não faça parte da DRE 9, compõe esse território; por isso, Nossa Senhora da Glória foi um dos municípios selecionados para a pesquisa de campo.

De outro lado, Poço Redondo, o segundo município selecionado para a pesquisa empírica desta tese, possui área de 1.212,461 km² e tem população de 32.949 habitantes (IBGE/2013) com densidade de 27,18 hab./km². É territorialmente maior e tem população próxima a de Nossa Senhora da Glória; porém, o que o diferencia é que dois terços de sua população vivem na zona rural, ou seja, é o município mais rural da região. Em relação aos

⁴² Feira Nova, um dos cinco municípios que compõem a DRE 9, não faz parte do território Alto Sertão e não foi considerado na pesquisa.

indicadores, o IDH-M é 0,529 (PNUD/2010), o pior índice do Estado de Sergipe. Quanto ao PIB, da ordem de R\$ 129.387,738 mil (IBGE/2008), é quase metade do de Nossa Senhora da Glória e o PIB *per capita* é de R\$ 4.330,39 (IBGE/2008). Sua distância até a Capital de Sergipe é de 139,9 km. Poço Redondo possui uma escola pública urbana com ensino médio regular, também vinculada à DRE 9. Há ainda escolas que ofertam o ensino médio, em povoados próximos à sede municipal, e uma delas oferece o ensino médio profissionalizante. As escolas rurais não foram contempladas porque esta pesquisa delimitou como sujeitos de estudo os jovens rurais estudantes em escolas urbanas.

No ano letivo 2015, o total de alunos matriculados no ensino médio regular em escolas públicas estaduais foi 63.239, segundo dados do Sistema Integrado de Gestão Acadêmica da Secretaria Estadual de Educação. Em 2015, na DRE 9, matricularam-se 3.837 alunos no ensino médio regular. Nos quatro municípios pertencentes ao Alto Sertão, foram 3.629 matrículas ou 94,6% do total de matriculados nessa Diretoria Regional⁴³. Entre os anos 2013 e 2015, houve uma variação de 15,6% no total de matriculados nos quatro municípios do sertão sergipano que fazem parte da DRE 9. Para o ano letivo 2015, houve um crescimento de 26,6% no número de matrículas em Nossa Senhora da Glória e de 15,6% em Poço Redondo (Tabela 10).

Na cidade de Nossa Senhora da Glória, duas escolas públicas ofertam vagas para o ensino médio regular: o Colégio Estadual Cícero Bezerra (CECB) e o Centro de Excelência Manoel Messias Feitosa (CEMMF). No ano letivo 2015, no CECB havia 762 alunos matriculados e no CEMMF havia 648 alunos matriculados, em um total de 1.410 alunos, sendo este o maior número de matrículas no ensino médio da DRE 9. Na sede municipal de Poço Redondo, é o Colégio Justiniano de Melo e Silva (CJMS) que tem vagas para o ensino médio regular. No ano letivo 2015, 413 alunos se matricularam nessa escola.

Tabela 10 – Total de alunos matriculados em escolas públicas, no ensino médio regular – Municípios do sertão sergipano/DRE 9, 2015, 2014, 2013

| Município | Total de Matrículas no Ensino Médio Regular | | |
|----------------------------------|---|-----------------|-----------------|
| | Ano Letivo 2015 | Ano Letivo 2014 | Ano Letivo 2013 |
| Nossa Senhora da Glória (DRE 9) | 1.410 | 1.064 | 1.114 |
| Canindé do São Francisco (DRE 9) | 1.214 | 977 | 975 |
| Poço Redondo (DRE 9) | 742 | 545 | 642 |
| Monte Alegre de Sergipe (DRE 9) | 363 | 341 | 415 |
| Feira Nova (*) | 208 | 175 | 174 |
| DRE 9 (**) | 3.837 | 3.102 | 3.320 |
| DRE 9/Alto Sertão Sergipano | 3.629 | 2.927 | 3.146 |

Fonte: Sistema Integrado de Gestão Acadêmica / Secretaria de Estado da Educação, 2015.

(*) Feira Nova faz parte da DRE 9, mas não do Alto Sertão Sergipano.

(**) Com Feira Nova, que faz parte da DRE 9, mas não faz parte do Alto Sertão Sergipano.

⁴³ Feira Nova, o município excluído da pesquisa por não fazer parte do Alto Sertão, obteve 5,4% das matrículas.

5.2 NÚMERO DE ESTUDANTES RURAIS MATRICULADOS NO ENSINO MÉDIO REGULAR EM ESCOLAS PÚBLICAS

As escolas públicas de Nossa Senhora da Glória e a de Poço Redondo que ofertam ensino médio regular foram visitadas inicialmente em abril de 2015 para o levantamento dos estudantes rurais matriculados nesse nível de ensino. A partir dos números levantados, foram providenciados questionários e realizaram-se mais visitas para a coleta de dados, tanto para a aplicação do questionário, como para a realização de entrevistas e grupos focais.

O levantamento consistiu em visitas às salas de aula das três escolas selecionadas para a pesquisa, nos turnos matutino, vespertino e noturno, quando os estudantes de origem rural foram convidados a assinar uma lista e a indicar sua idade e seu povoado e município de origem. Foi realizado antes da coleta de dados porque as escolas não dispunham de dados consolidados sobre a matrícula de jovens rurais. Posteriormente, no final do ano letivo 2015 foi realizada uma confirmação do levantamento, ou seja, a lista foi repassada em todas as turmas do ensino médio, nos três turnos, a fim de verificar se houve abandono ou transferência de alunos. Esse repasse revelou-se fundamental, pois foram confirmadas 50 desistências de estudantes de origem rural em Nossa Senhora da Glória (14% em relação aos 355 jovens rurais levantados) e 19 desistências de alunos rurais em Poço Redondo (11,5% em relação aos 165 jovens rurais levantados no início do ano letivo). Foram constatadas 69 desistências, o que equivale a 13,8% em relação ao total de 500 jovens rurais matriculados, conforme levantamento realizado no início do ano letivo. O maior percentual de desistências se concentra no primeiro ano do ensino médio, com 17,9% em Nossa Senhora da Glória e 15,8% em Poço Redondo, sendo esta a série em conjunto que deveria receber maior atenção no sentido de preservar os alunos (Tabela 11).

Tabela 11 – Alunos desistentes e transferidos em escolas do sertão sergipano, 2015

| Séries | Situação | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | |
|--------|--------------|--------------|---|-------|---------|-------------------------|----|-------|---------|
| | | H | M | Total | % Total | H | M | Total | % Total |
| 1º ano | Desistentes | 3 | 9 | 12 | 15,8 | 15 | 20 | 35 | 17,9 |
| | Transferidos | 1 | | 1 | 1,3 | | 5 | 5 | 2,6 |
| 2º ano | Desistentes | 4 | 1 | 5 | 9,1 | 7 | 6 | 13 | 13,8 |
| | Transferidos | | 1 | 1 | 1,8 | | 4 | 4 | 4,3 |
| 3º ano | Desistentes | 1 | 1 | 2 | 5,9 | | 2 | 2 | 4,3 |
| | Transferidos | | | | | | | | |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015. Legenda: H: Homens / M: Mulheres / NR: Não responderam.

Contudo, o motivo das desistências tomando por base a voz dos próprios alunos, infelizmente, não foi possível conhecer devido à inviabilidade de contato com estes fora do ambiente escolar. Na pesquisa de mestrado conduzida por Menezes (2012), embora o repasse

no levantamento não tenha sido realizado, na atual pesquisa revelou-se importante, em virtude da necessidade de se ter dados referentes à evasão no ensino médio dos jovens rurais.

Nas escolas públicas aludidas, de acordo com os números levantados, no ano letivo 2015, 500 estudantes de origem rural estavam matriculados no ensino médio regular, que corresponde a 23,2% do total de alunos matriculados nesse nível de ensino nos municípios de Nossa Senhora da Glória e Poço Redondo. Do total, 271 estavam matriculados no primeiro ano, 149 matriculados no segundo ano e 80 matriculados no terceiro ano, sendo 191 homens e 308 mulheres. O maior número de mulheres concentrou-se no primeiro ano tendo decrescido substancialmente, ano a ano, embora o número de matriculados caia para ambos os gêneros.

No Colégio Estadual Cícero Bezerra (CECB), fez-se o levantamento de alunos de origem rural matriculados no ensino médio regular nos turnos matutino, vespertino e noturno. Vale registrar que em relação à pesquisa de Menezes (2012) realizada nos anos 2010/2011, houve um expressivo crescimento do número de matriculados nessa escola em 2015, tanto em relação à matrícula em geral, como no número de estudantes de origem rural. Segundo dados do levantamento desta pesquisa, 121 estudantes de origem rural estavam matriculados no primeiro ano, sendo 70 mulheres e 51 homens; 45 estavam matriculados no segundo ano, dos quais, 30 mulheres e 15 homens; e 23 estudantes de origem rural encontravam-se matriculados no terceiro ano, na proporção de 15 mulheres e 8 homens. Para dar uma dimensão do crescimento em termos de matrícula, de acordo com Menezes (2012), em 2010, foram levantados 26 estudantes matriculados no primeiro ano, 22 no segundo ano e 17 no terceiro ano. Por gênero, havia 54 mulheres e 11 homens matriculados nas três séries do ensino médio regular, em um total de 65 alunos. De 65 estudantes rurais em 2010 para 189 estudantes de origem rural em 2015, um crescimento da ordem de 190,8%.

Contudo, não convém comemorar e acreditar que esse aumento se deveu à maior procura no ensino médio pelos jovens rurais, pois também houve uma diminuição de 17% na matrícula de jovens rurais no ensino médio no Centro de Excelência Manoel Messias Feitosa em relação aos 200 matriculados apresentados por Menezes (2012), no entanto, o saldo total mostrou-se positivo. Visto que do total de 265 estudantes de origem rural, segundo número levantado por Menezes (2012) no ano letivo 2010, nas duas escolas de Nossa Senhora da Glória, nesta pesquisa o número de matriculados de origem rural chegou a 355 alunos no mesmo município, uma variação positiva de 37,8%, muito acima do quadro de matrículas no ensino médio no Brasil em escolas públicas que se encontra estabilizado nos últimos anos. Embora dentre os matriculados no ensino médio nas escolas urbanas pesquisadas, o percentual de estudantes de origem rurais seja considerado baixo, mesmo assim, há que se levar em conta o

expressivo aumento de 37,8% na demanda pelo ensino médio por parte dos estudantes de origem rural; no entanto, o que preocupa ainda é a evasão escolar, ou seja, é o número elevado de jovens que inicia o ensino médio e não o conclui.

Sobre a matrícula no Colégio Justiniano de Melo e Silva não será possível fazer comparações em função da ausência de dados anteriores, por essa escola não ter sido alvo da pesquisa de mestrado de Menezes (2012). Sendo assim, o levantamento da matrícula de estudantes de origem rural em 2015 compreende que 76 estavam matriculados no primeiro ano, dos quais, 46 mulheres e 30 homens; 55 matriculados no segundo ano, com significativa queda do número de rapazes matriculados em relação ao primeiro ano: 42 mulheres e apenas 13 homens; 34 estudantes matriculados no terceiro ano, sendo 20 mulheres e 14 homens. No ano letivo 2015, 413 alunos se matricularam nessa escola, sendo 165 estudantes de origem rural, ou seja, quase 40%. Esse maior percentual de alunos de origem rural matriculados no ensino médio em relação às escolas de Nossa Senhora da Glória faz sentido, já que Poço Redondo tem população rural maior que a urbana.

Tabela 12 – Pessoas de 15 anos ou mais de idade, por frequência à escola, segundo grupos de idade, no sertão sergipano, nos dois municípios pesquisados, Ano 2010

| Município | Grupos de idade | Frequência à escola |
|-------------------------|-----------------|---------------------|
| Nossa Senhora da Glória | 15 a 19 anos | 2.356 |
| | 15 anos | 837 |
| | 16 e 17 anos | 913 |
| | 18 e 19 anos | 606 |
| | 20 a 24 anos | 945 |
| | 25 a 29 anos | 456 |
| Poço Redondo | 15 a 19 anos | 2.257 |
| | 15 anos | 726 |
| | 16 e 17 anos | 910 |
| | 18 e 19 anos | 620 |
| | 20 a 24 anos | 686 |
| | 25 a 29 anos | 195 |

Fonte: IBGE – Censo Demográfico, 2010.

5.3 OS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS E SUA APLICAÇÃO

Foi requerida a autorização aos responsáveis pelas escolas para as pesquisas com os alunos. Recebida a autorização, em primeiro lugar, foi realizado um levantamento de quantos estudantes de origem rural estavam matriculados no ensino médio em todas as séries; em seguida, os questionários foram aplicados e analisados.

De acordo com dados do Censo 2010 (IBGE, 2010), nos municípios do sertão sergipano, a maioria dos jovens que frequenta a escola tem até 24 anos (Tabela 12). Optou-se, desse modo, por pesquisar jovens na faixa etária de 15 a 24 anos, também em conformidade com a faixa etária estipulada no Estatuto da Juventude. Porém, como a pesquisa de campo, especificamente a aplicação de questionários, entrevistas e grupos focais, priorizou os estudantes do terceiro ano do ensino médio, foram feitos levantamentos com jovens na faixa de 16 a 24 anos e um caso excepcional de uma moça com 34 anos. Apesar de ser a única a participar da pesquisa e não se enquadrar na faixa, resolveu-se mantê-la na pesquisa pela demonstração do esforço para chegar ao último ano do ensino médio e tanto suas falas no grupo focal como suas respostas no questionário aportaram dados muito importantes ao estudo para serem negligenciados devido à idade da respondente.

Posteriormente, foram realizadas entrevistas e grupos focais. Para participar, bastava o estudante estar presente nos dias em que as escolas foram visitadas com o intuito de se efetuar a coleta de dados. Mesmo estando presentes, alguns jovens rurais se abstiveram de participar dos grupos focais. Quando não houve quórum suficiente focais – ao menos quatro jovens rurais – para a realização de grupos, realizaram-se entrevistas semiestruturadas. Isso ocorreu em Nossa Senhora da Glória, quando três alunas foram entrevistadas, sendo uma entrevista individual no Colégio Estadual Manoel Messias Feitosa e uma entrevista em dupla no Colégio Estadual Cícero Bezerra.

Os sete grupos focais tiveram, ao todo, 55 participações. Em Nossa Senhora da Glória foram realizados quatro grupos focais, sendo dois em cada escola, com a seguinte distribuição: grupo focal 1: 12 jovens; grupo focal 2: 7 jovens; grupo focal 3: 12 jovens; grupo focal 4: 4 jovens. Em Poço Redondo foram realizados três grupos focais com a seguinte participação: grupo focal 5: 4 jovens; grupo focal 6: 8 jovens e grupo focal 7: 8 jovens. Assim, somando-se o número de entrevistados e de participantes nos grupos focais, tem-se 58 jovens rurais pesquisados, ou seja, 72,5% dos 80 jovens estudantes do último ano do ensino médio que compõem o universo desta pesquisa e que também foram pesquisados por questionário.

Para a gravação das entrevistas, registrou-se os nomes dos participantes em caderno de campo e, para cada um, atribuiu-se um número, de modo que nas gravações cada jovem se identificava por um número. As entrevistas e grupos focais realizados totalizaram aproximadamente de 330 minutos de gravação e renderam 78 laudas de transcrição.

Na primeira fase da coleta de dados, fez-se uso de um questionário composto por 122 perguntas fechadas e abertas, algumas com desdobramentos (Apêndice A) e, na segunda etapa,

de um roteiro para entrevistas/grupos focais (Apêndice C). Embora com um roteiro, as entrevistas e grupos focais foram conduzidos de forma semiestruturada.

Na fase de coleta de dados, os participantes foram reiteradamente avisados a respeito do objetivo deste trabalho, com sigilo salvaguardado pela adoção de nomes fictícios e, informados do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, anexo ao questionário, solicitou-se a autorização para a participação nesta pesquisa.

Eventuais horários vagos de aula converteram-se em tempo para que o máximo possível de jovens respondesse o questionário dividido em cinco itens: *identificação*, com seis perguntas; *o sentido da escolarização e do papel da escola*, com 30 perguntas; *expectativas escolares e profissionais*, com 13 perguntas; *concepção de identidades*, com 48 perguntas e *individualizações*, com 25 perguntas.

Na elaboração do questionário, tomou-se como modelo o questionário utilizado na pesquisa para o mestrado desta pesquisadora (MENEZES, 2012), por sua vez, baseado no questionário, com 160 perguntas, da pesquisa *Perfil da Juventude Brasileira*, “um amplo levantamento (quantitativo) de dados sobre os jovens de 15 a 24 anos do país” (ABRAMO; BRANCO, 2005, p. 12). Além disso, buscou inspiração em algumas perguntas do questionário de pesquisa utilizado por Seabra et al. (2011), mas foi, sobretudo, construído com base nas questões norteadoras desta pesquisa, formando quatro blocos de perguntas, distribuídas resumidamente no Quadro 1.

Quadro 1 – Distribuição das perguntas do questionário em relação às questões norteadoras desta pesquisa – 2015

| Blocos | Questões Norteadoras | Perguntas do Questionário |
|--------|--|---------------------------|
| 1 | Que sentido dão à experiência de escolarização e ao papel da escola em sua formação? | 2.1 a 2.30 |
| 2 | Que expectativas escolares e profissionais estão construindo? | 3.1 a 3.13 |
| 3 | Que concepção de identidade têm? | 4.1 a 4.48 |
| 4 | Que discurso têm quanto a processos de individualização? | 5.1 a 5.25 |

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Os alunos de origem rural enfrentam dificuldades para frequentar a escola urbana, a principal delas consiste no trajeto de casa para a escola que, às vezes, carece de disponibilidade de transporte escolar (MENEZES, 2012). Levando tal fato em consideração, por que esses jovens, apesar das dificuldades, chegaram ao ensino médio? Eles gostam de estudar? Gostam de ir à escola? Uma das perguntas, foi se os alunos têm aprovação da família para estudarem, também se indagou a respeito do que os motivou a persistirem, bem como a escolha da escola de ensino médio regular para estudar e não a opção pelo ensino técnico ou agrotécnico,

atualmente disponível na região desta pesquisa. Em relação às expectativas escolares e profissionais, perguntou-se, dentre outras questões, sobre os planos após o ensino médio e se os jovens veem algum obstáculo em relação a isso, além da profissão que gostariam de ter.

No espaço empírico desta pesquisa há uma alta fragmentação fundiária e, na elaboração do questionário, assim como se deu na pesquisa realizada no mestrado por Menezes (2012), um dos objetivos foi comparar o tamanho da propriedade *versus* o número de filhos para cruzar as respostas com os planos profissionais dos jovens, com base na hipótese de que se a propriedade for pequena e o jovem tiver muitos irmãos, isso pesará em sua decisão de ficar no meio rural ou de sair em busca de um emprego urbano. Portanto, foram efetuadas quatro perguntas: Quais são os seus planos para quando terminar o ensino médio? Que profissão você gostaria de ter? Se seus pais são agricultores, você gostaria de continuar na profissão deles e tomar conta da propriedade? Por quê? Você gostaria de ser um(a) agricultor(a)? Por quê?

Com o intuito de investigar questões relacionadas à individualização, foram elaboradas algumas perguntas, como: Que profissão seus pais gostariam que você tivesse? Você concorda? Por quê? Você pensa em ir embora daqui do sertão? Você sente dificuldades de se comunicar, de dar opiniões, de reivindicar seus direitos? Se você respondeu sim, em relação a que mais sente esta dificuldade? Esta é uma parte das perguntas elaboradas para o questionário que, apesar de conter 122 questões, certamente não esgota o universo de sentidos que poderia ser explorado, mas, através da descrição e interpretação dos dados coletados, possibilitará a ampliação da discussão iniciada com o mestrado por Menezes (2012), iniciado em 2010 e defendido em 2012, também sobre os jovens rurais do sertão sergipano.

Em abril de 2015, foram aplicados 80 questionários nos colégios públicos estaduais Manoel Messias Feitosa (CEMMF), Cícero Bezerra (CECB) e Justiniano de Melo e Silva (CJMS), atingindo-se 16,3% do levantamento de alunos de origem rural matriculados nas três séries do ensino médio regular nas três escolas públicas aludidas e 100% dos alunos matriculados no terceiro ano. De fato, este era o objetivo desta tese, isto é, pesquisar jovens de origem rural matriculados no último ano do ensino médio regular em escolas urbanas de dois municípios do sertão sergipano: Poço Redondo, com maior número de residentes no meio rural e Nossa Senhora da Glória, cuja população se concentra mais na sede municipal. No CECB, foram aplicados 23 questionários, no CEMMF, coincidentemente, foram aplicados 23 questionários e no CJMS, 34 questionários.

Após tabulação e análise dos dados, nos meses de novembro e dezembro de 2015, retornou-se aos colégios, quando ocorreram as entrevistas e os grupos focais, bem como a revisão de levantamento para constatar possível evasão escolar.

Devido à greve dos professores estaduais que ocorreu em 2015 e ao fato de que os alunos do terceiro ano do ensino médio, geralmente, ficam muito envolvidos com o ENEM, o cronograma desta pesquisa respeitou as semanas de provas, a preparação para o vestibular nos meses mais próximos que antecederam o ENEM, assim como atividades escolares e viagens dos alunos, a fim de coletar os dados com tranquilidade e de forma a não desviar os alunos de suas atividades escolares. Por isso, as visitas para coleta de dados foram previamente agendadas, via contato telefônico com a diretoria da escola de Poço Redondo e com as coordenações pedagógicas das escolas de Nossa Senhora da Glória.

5.4 PERFIL DOS JOVENS RURAIS PESQUISADOS

5.4.1 Idade e distorção idade-série

Nas três escolas pesquisadas, para o primeiro ano do ensino médio, 21,4% dos jovens tinham defasagem idade-série em relação à idade máxima de 17 anos para essa série, dos quais, 20,6% dos homens e 21,9% das mulheres. Na análise por município, o percentual de estudantes de origem rural com distorção idade-série é maior em Poço Redondo (26,3%) do que em Nossa Senhora da Glória (19,5%). Se for considerada a idade adequada de 15 anos para o primeiro ano do ensino médio, o percentual de homens com idade superior a essa atinge os 62% e o de mulheres os 59,3%.

A idade ideal para a finalização do segundo ano do ensino médio é 16 anos; mas, se considerados os dois anos de tolerância, ou seja, até 18 anos de idade, 30,2% dos rapazes e 16% das mulheres têm distorção idade-série. Por município, 20% dos jovens rurais que cursam o segundo ano do ensino médio em Poço Redondo e 16% em Nossa Senhora da Glória estão em situação de defasagem da idade em relação à série cursada. Porém, caso seja considerada apenas a idade ideal de 16 anos, 62,8% dos homens e 42,4% das mulheres estão acima dessa idade.

Para estar na idade ideal no terceiro ano do ensino médio, o estudante deve concluir essa série aos 17 anos; no entanto, assim como nas demais séries, há uma tolerância de mais dois anos para que o aluno não seja considerado em idade defasada em relação à série cursada. Dos jovens rurais inquiridos, 15,2% dos homens e 10,6% das mulheres tinham 20 ou mais anos de idade. Por município, 14,7% em Poço Redondo e 10,9% em Nossa Senhora da Glória. Caso seja considerada a idade adequada de 17 anos, 51,5% dos homens e 33,2% das mulheres estão acima dessa idade para o terceiro ano do ensino médio (Tabela 13).

Tabela 13 – Idade dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular nos sertão sergipano, 2015

| Série | Idade | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | |
|----------|-----------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|-----|-------|-------|-------|
| | | H | % | M | % | H | % | M | % | Total | % |
| 1º ano | 14 anos | 1 | 3,3 | 3 | 6,5 | 1 | 1,2 | 20 | 18,3 | 25 | 9,2 |
| 15 (+ 2) | 15 anos | 9 | 30,0 | 14 | 30,4 | 33 | 38,4 | 26 | 23,9 | 82 | 30,3 |
| | 16 anos | 7 | 23,3 | 7 | 15,2 | 13 | 15,1 | 24 | 22,0 | 51 | 18,8 |
| | 17 anos | 9 | 30,0 | 6 | 13,0 | 19 | 22,1 | 21 | 19,3 | 55 | 20,3 |
| | 18 anos | 1 | 3,3 | 8 | 17,4 | 8 | 9,3 | 6 | 5,5 | 23 | 8,5 |
| | 19 anos | 3 | 10,0 | 3 | 6,5 | 5 | 5,8 | 3 | 2,8 | 14 | 5,2 |
| | 20 anos ou mais | | | 5 | 10,9 | 7 | 8,1 | 9 | 8,3 | 21 | 7,7 |
| | Total | 30 | 100,0 | 46 | 100,0 | 86 | 100,0 | 109 | 100,0 | 271 | 100,0 |
| 2º ano | 14 anos | | | | | | | 4 | 6,3 | 4 | 2,7 |
| 16 (+ 2) | 15 anos | 1 | 7,7 | 6 | 14,3 | 8 | 26,7 | 8 | 12,5 | 23 | 15,4 |
| | 16 anos | 2 | 15,4 | 18 | 42,9 | 4 | 13,3 | 23 | 35,9 | 47 | 31,5 |
| | 17 anos | 4 | 30,8 | 7 | 16,7 | 2 | 6,7 | 10 | 15,6 | 23 | 15,4 |
| | 18 anos | 3 | 23,1 | 3 | 7,1 | 5 | 16,7 | 8 | 12,5 | 19 | 12,8 |
| | 19 anos | 1 | 7,7 | 4 | 9,5 | 5 | 16,7 | 3 | 4,7 | 13 | 8,7 |
| | 20 anos ou mais | 2 | 15,4 | 4 | 9,5 | 5 | 16,7 | 6 | 9,4 | 17 | 11,4 |
| | Não respondeu | | | | | 1 | 3,3 | 2 | 3,1 | 3 | 2,0 |
| | Total | 13 | 100,0 | 42 | 100,0 | 30 | 100 | 64 | 100,0 | 149 | 100,0 |
| 3º ano | 15 anos | | | | | 1 | 5,3 | | | 1 | 1,3 |
| 17 (+ 2) | 16 anos | 2 | 14,3 | 2 | 10,0 | 3 | 15,8 | 9 | 33,3 | 16 | 20,0 |
| | 17 anos | 3 | 21,4 | 9 | 45,0 | 7 | 36,8 | 10 | 37,0 | 29 | 36,3 |
| | 18 anos | 4 | 28,6 | 4 | 20,0 | 4 | 21,1 | 3 | 11,1 | 15 | 18,8 |
| | 19 anos | 2 | 14,3 | 3 | 15,0 | 2 | 10,5 | 2 | 7,4 | 9 | 11,3 |
| | 20 anos ou mais | 3 | 21,4 | 2 | 10,0 | 2 | 10,5 | 3 | 11,1 | 10 | 12,5 |
| | Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015. Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Se a análise for realizada por município, nas três séries, Poço Redondo tem maior percentual de defasagem idade-série do que Nossa Senhora da Glória. De outro lado, se a análise enfocar o gênero, nos dois municípios e nas três séries, o percentual de homens em defasagem idade-série é superior ao de mulheres.

Retomando-se a pesquisa desenvolvida por Menezes (2012) nos anos 2010/2011, na mesma região, porém, apenas em Nossa Senhora da Glória, no primeiro ano do ensino médio regular, 58,7% estavam acima dos 15 anos, com idade variando entre 16 e 29 anos. No segundo ano, 62% estavam acima dos 16 anos, com idade que variava entre 17 e 25 anos. No terceiro ano, 56,3% mulheres e 12,5% homens tinham mais de 17 anos, com idade entre 18 e 29 anos. Pode-se observar que, cinco anos depois, os números de defasagem idade-série continuam elevados, sobretudo se considerada a idade estipulada, sem o acréscimo de dois anos.

Para que o quadro de distorção idade-série seja efetivamente registrado, cabe enfatizar que os inquiridos devem informar sua idade no final do ano letivo, ou seja, na saída da série que cursam. A título de exemplo, se a idade ideal para o primeiro ano é 15 anos, o estudante poderá ingressar nessa série aos 14 anos de idade e, durante o ano letivo, completar 15 anos, sendo esta a idade para fins de estudos sobre distorção idade-série. Contudo, levando-se em

consideração os dois anos de tolerância e a idade máxima de 17 anos para a saída do primeiro ano, se o estudante ingressar nessa série aos 17 anos de idade e durante o ano letivo completar 18 anos, no final do ano letivo estará enquadrado na defasagem idade-série.

A pesquisa de campo por meio de questionário foi realizada em abril de 2015, portanto, no início do ano letivo. Esta pesquisadora voltou às escolas no final do ano letivo para realizar entrevistas e grupos focais com os estudantes do terceiro ano, bem como repassar algumas informações dos alunos do primeiro e segundo anos para verificar eventuais desistências; porém, lamentavelmente, não atentou para perguntar novamente suas idades. Considera que é grave o quadro de distorção idade-série observado no início do ano letivo, porém, se tivesse checado as idades dos alunos matriculados no primeiro e segundo ano no final de 2015, a informação seria muito mais consistente. Diante de tal experiência, deixa-se, a título de sugestão que, ao invés de se perguntar a idade, pergunte-se a data de nascimento – conforme se procedeu com os alunos do terceiro ano desta pesquisa –, pois assim será possível obter a idade dos estudantes no final do ano letivo e, conseqüentemente, o cenário real da distorção idade-série.

Tabela 14 – Idade dos jovens rurais do 3º ano, estudantes do ensino médio regular nos sertão sergipano, 2015

| Série | Idade 17 (+2) | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | |
|---------------------------|------------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | | H | % | M | % | H | % | M | % | Total | % |
| 3º ano | 15 anos | | | | | | | | | | |
| Idade no final do ano | 16 anos | | | 1 | 5,0 | 1 | 5,3 | 1 | 3,7 | 3 | 3,8 |
| | 17 anos | 2 | 14,3 | 3 | 15,0 | 5 | 26,3 | 13 | 48,1 | 23 | 28,8 |
| | 18 anos | 5 | 35,7 | 10 | 50,0 | 7 | 36,8 | 8 | 29,6 | 30 | 37,5 |
| | 19 anos | 3 | 21,4 | 2 | 10,0 | 4 | 21,1 | 1 | 3,7 | 10 | 12,5 |
| | 20 anos ou mais | 4 | 28,6 | 4 | 20,0 | 2 | 10,5 | 4 | 14,8 | 14 | 17,5 |
| | Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |
| 3º ano | 15 anos | | | | | 1 | 5,3 | | | 1 | 1,3 |
| Idade no início do ano | 16 anos | 2 | 14,3 | 2 | 10,0 | 3 | 15,8 | 9 | 33,3 | 16 | 20,0 |
| | 17 anos | 3 | 21,4 | 9 | 45,0 | 7 | 36,8 | 10 | 37,0 | 29 | 36,3 |
| | 18 anos | 4 | 28,6 | 4 | 20,0 | 4 | 21,1 | 3 | 11,1 | 15 | 18,8 |
| | 19 anos | 2 | 14,3 | 3 | 15,0 | 2 | 10,5 | 2 | 7,4 | 9 | 11,3 |
| | 20 anos ou mais | 3 | 21,4 | 2 | 10,0 | 2 | 10,5 | 3 | 11,1 | 10 | 12,5 |
| | Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015. Legenda: H: Homens / M: Mulheres / NR: Não responderam.

Diferentemente do primeiro e segundo anos do ensino médio que foi realizado apenas um levantamento de quantidade de alunos de origem rural matriculados, seu local de moradia e idade; para os terceiros anos, quando da aplicação do questionário, indagou-se a data de nascimento dos inquiridos. Para dar uma ideia da importância de se perguntar sobre a idade no final do ano letivo – ou a data de nascimento para fins de cálculo –, na Tabela 14 são expostos os dados das idades dos estudantes do terceiro ano no início e no final do ano letivo. Convém

notar que a distorção idade-série aumentou em relação às idades dos alunos no final do ano. No geral, passou de 12,5% para 17,5%, mas houve um caso – mulheres de Poço Redondo – que dobrou de 10% para 20%. Se apenas a idade ideal de até 17 anos for avaliada, desconsiderando-se a tolerância de dois anos, em relação ao total de alunos de origem rural matriculados no terceiro ano, a distorção passa de 42,5% em relação à coleta de informações sobre idades no início do ano letivo para 67,5%, no caso das idades dos inquiridos no final do ano letivo.

5.4.2 Local de moradia

As escolas urbanas de ensino médio do sertão desta pesquisa recebem jovens de diversas localidades rurais, inclusive de outros municípios. Foi efetuado um levantamento dos jovens rurais, inclusive dos que cursam primeiro e segundo ano do ensino médio, perguntando-se nome, idade, gênero e local de moradia. Em Poço Redondo, os 165 jovens inquiridos – 76 do primeiro ano, 55 do segundo ano e 34 do terceiro ano –, informaram 37 localidades rurais como local de moradia, dentre as quais, quinze assentamentos, onze povoados e três comunidades, além de sítios e outros lugares. Não fosse a escola o espaço eleito para a pesquisa de campo, certamente seria inviável para esta pesquisadora ter acesso a jovens rurais de locais tão distintos e até distantes. A escola, neste caso, foi o meio facilitador para o acesso e contato com os jovens, quer dizer, foi o ponto de encontro entre esta pesquisa e os jovens inquiridos.

No entanto, quando esses números são analisados, surge um sentimento de lacuna a uma resposta sobre os jovens: o porquê de tantos não estarem na escola de ensino médio, pois se o primeiro ano têm 76 alunos de origem rural matriculados e o terceiro ano tem 34 matriculados, isso significa que há jovens que param de estudar no meio do percurso escolar no ensino médio. Aparece uma realidade, confirmada por Menezes (2012), de que há jovens rurais fora da escola, não alcançados pela obrigatoriedade ampliada do ensino médio, prevista na Emenda Constitucional nº. 59/2009.

Quanto aos jovens rurais que cursam o ensino médio em escolas de Nossa Senhora da Glória, os 335 jovens levantados – 195 do primeiro ano, 94 do segundo ano e 46 do terceiro ano –, indicaram como locais de residência 86 localidades, tais como assentamentos, povoados e sítios; neste caso, com maior frequência para povoados (69 respostas) do que assentamentos (cinco respostas). Embora haja matrículas de alunos de municípios vizinhos, a maior demanda é de jovens rurais do próprio município. Na escola urbana de Poço Redondo, 97% dos jovens rurais matriculados moram em localidades rurais do próprio município. Já nas escolas de Nossa Senhora da Glória, 15% dos matriculados moram em localidades rurais de outros municípios,

certamente porque as escolas públicas de ensino médio desse município têm amplo reconhecimento de sua qualidade e aprovações em concursos.

Neste ponto da análise, o que brada por atenção é o decréscimo do número de matriculados, ano a ano, no ensino médio no sertão desta pesquisa, isso sem se esquecer dos jovens que nem ao menos se matriculam no ensino médio. É um triste cenário para os que militam pela educação e para o cidadão dessa região. Basta observar que, sempre, historicamente, o meio rural é tão pouco valorizado, sobretudo quando se trata da educação. Os jovens rurais precisam enfrentar tantas dificuldades para cursarem o ensino médio nas sedes municipais, de modo que muitos desistem. Resta saber, dos que se matricularam – vale ressaltar cuja meta de universalização na matrícula não foi alcançada – por que apenas cerca de um terço dos matriculados no primeiro ano chegam ao terceiro ano? No caso de Nossa Senhora da Glória, apenas uma quarta parte. Onde estão os jovens que se matriculam nos primeiros e segundos anos? As moças, sobretudo, onde estão? Por que “desistem” da escola? Podem ser chamados de “desistentes” ou o próprio sistema de ensino não contribui para que permaneçam?

Quanto aos nomes das localidades nas quais os jovens rurais moram, a fim de preservar suas identidades, optou-se por não divulgá-las; mas a gestão pública pode obter esses endereços com facilidade e, assim, tentar resgatar esses alunos.

6 O SENTIDO DA ESCOLARIZAÇÃO E DO PAPEL DA ESCOLA

Referente à primeira questão norteadora, neste capítulo será discutido o sentido que os jovens pesquisados dão à experiência de escolarização e ao papel da escola em sua formação, com base nas entrevistas, grupos focais e nas perguntas 2.1 a 2.30 do questionário que abordam o gosto dos jovens rurais pelo estudo, pela escola e pelas disciplinas cursadas; as dificuldades sentidas e as estratégias adotadas para as superarem; a reprovação escolar e as razões a que recorrem para explicá-la.

Com o intuito de obter uma melhor aproximação de quem seja o jovem estudante rural pesquisado, tais questionamentos não poderiam ser relegados no instrumento de coleta de dados. Por conseguinte, a partir das respostas, procurou-se descrever e interpretar os fenômenos para dar a voz aos sujeitos envolvidos na prática pesquisada, mas consciente de que “ninguém é transparente para si próprio e que ‘dizer sua prática’ é sempre pô-la em palavras e, pois, interpretá-la, teorizá-la” (CHARLOT, 2000, p. 15;16, grifos do autor); por isso, o pesquisador deve sempre questionar o observado e o modo que lhe falam. Ao seguir esta orientação, compreende-se que os dados coletados devem ser considerados, mas com um espírito crítico de pesquisador que questiona a resposta dos sujeitos.

6.1 GOSTAR DE ESTUDAR

Com relação à pergunta “você gosta de estudar?”, 91,3% dos jovens rurais pesquisados responderam afirmativamente, sendo 88% dos homens e 93,6% das mulheres (Tabela 15), confirmando o trabalho realizado por Menezes (2012) no mestrado, com percentual de 94,8% dos jovens que gostam de estudar. Tanto em Poço Redondo como em Nossa Senhora da Glória, os percentuais dos jovens que gostam de estudar ficaram muito próximos.

Tabela 15 – Respostas dos jovens rurais do sertão sergipano, estudantes do ensino médio regular, à pergunta “Você gosta de estudar?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Os dois municípios | | | | | |
|-----------|--------------|------|----|------|-------------------------|------|----|------|--------------------|------|----|------|-------|------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | H | % | M | % | Total | % |
| Sim | 12 | 85,7 | 19 | 95,0 | 17 | 89,5 | 25 | 92,6 | 29 | 88,0 | 44 | 93,6 | 73 | 91,3 |
| Não | | | | | | | 1 | 3,7 | | | 1 | 2,1 | 1 | 1,3 |
| Às vezes | 2 | 14,3 | 1 | 5,0 | 2 | 10,5 | 1 | 3,7 | 4 | 12,0 | 2 | 4,3 | 6 | 7,5 |
| Total | 14 | 100 | 20 | 100 | 19 | 100 | 27 | 100 | 33 | 100 | 47 | 100 | 80 | 100 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015. Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Uma moça, porém, admitiu de fato não gostar, embora reconheça ser necessário estudar; mas esclareceu que o não gostar provinha, às vezes, de ter dificuldades em algumas matérias.

Seis jovens, 7,5% do total, sendo 12% dos homens e 4,3% das mulheres em relação a seus estratos, admitiram, às vezes, não ter vontade de estudar (Tabela 15).

Como motivo elencado, um dos rapazes criticou a rotina escolar, ou seja, o estudo das mesmas coisas e das mesmas matérias escolares, já outro observou que quando as aulas são “muito chatas”, não gosta. De igual modo, uma moça respondeu que, às vezes, as aulas eram aborrecidas e que “certos professores também não colaboram”; enquanto um terceiro rapaz ressaltou que não gosta de estudar por causa do trajeto da zona rural até a cidade ser muito longo. Assim, as razões listadas pelos alunos como desestimulantes para gostar de estudar foram desde dificuldades de entender algumas matérias, rotina escolar, aulas e professores “chatos” até o longo trajeto da zona rural para a escola.

Os jovens rurais pesquisados que gostam de estudar (91,3%) fizeram muitas observações, nas quais as categorias que mais obtiveram respostas foram “futuro”; em conjunto: “subir de vida”, “melhorar de vida” e “ser alguém na vida”; “aprender” e “conhecer”, sendo que em Poço Redondo, nas respostas das mulheres, o destaque foi dado à categoria “aprender”, enquanto em Nossa Senhora da Glória as mulheres ressaltaram mais o “futuro”. Com relação ao total de respostas por gênero, 23,6% das justificativas das mulheres e 15,8% das respostas dos homens foram sobre o “futuro”; mas a resposta mais frequente dos homens, com 21% em relação a 12,7% das mulheres, foi relacionada a conhecimento (Tabela 16).

Se “aprender”, com 12,9% das respostas, for relacionado a “conhecer e conhecimento” que obtiveram 11,8% das respostas, o percentual para as duas categorias somaria 24,7% (Tabela 16). Esse resultado corrobora o estudo levado a cabo por Menezes (2012), pois houve pouca variação nos percentuais, sendo que as categorias, então, com maior destaque foram aprender e futuro, que nesta pesquisa continuaram bastante salientadas pelos alunos.

Retomando a categoria mais frequente nas respostas dos jovens pesquisados, observa-se uma preocupação dos jovens rurais com seu futuro, com destaque para as moças de Nossa Senhora da Glória, bem como em subir na vida através dos estudos: mas em busca de quê? Seria de distinção em sua região pelo diploma obtido? Se o jovem pesquisado considera que, ao estudar, poderá ter um futuro melhor, então, fica a hipótese de que não esteja satisfeito com sua condição social no presente. Se outro expressa que gosta de estudar para ser “alguém na vida”, depreende-se que não se sente alguém em sua atual condição, de modo que seria conferido à escola o *status* de “operador institucionalizado de classificações”, tomando expressão de Bourdieu (2011a).

Tabela 16 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular no sertão sergipano, à pergunta “Por que você gosta de estudar?”, 2015

| Categorias | Poço Redondo | | Nossa Senhora da Glória | | Os dois municípios | | | | | |
|--|--------------|---|-------------------------|----|--------------------|------|----|------|-------|------|
| | H | M | H | M | H | % | M | % | Total | % |
| Futuro, futuro melhor | 2 | 3 | 4 | 10 | 6 | 15,8 | 13 | 23,6 | 19 | 20,4 |
| Subir na vida, melhorar de vida, vida melhor, ser alguém na vida, crescer na vida, evoluir | 1 | 3 | 3 | 5 | 4 | 10,5 | 8 | 14,5 | 15 | 16,1 |
| Aprender, aprender mais, aprendo coisas novas, ensina coisas | 2 | 7 | 1 | 1 | 3 | 7,9 | 8 | 14,5 | 12 | 12,9 |
| Conhecer; conhecimentos; novos conhecimentos, mais conhecimentos | 3 | 4 | 5 | 3 | 8 | 21,1 | 7 | 12,7 | 11 | 11,8 |
| Desenvolvimento pessoal e profissional, destaque no mercado de trabalho, carreira de sucesso | 2 | 1 | 2 | 1 | 4 | 10,5 | 2 | 3,6 | 6 | 6,5 |
| Estudar: é bom, é fundamental, faz bem, sem estudo não somos nada, tudo na vida | 1 | | 1 | 4 | 2 | 5,3 | 4 | 7,3 | 6 | 6,5 |
| Bom emprego, bom trabalho, trabalhar para meu futuro, trabalho digno | 1 | 1 | 1 | 2 | 2 | 5,3 | 3 | 5,5 | 5 | 5,4 |
| Formação: profissão, preparação para o mundo do trabalho, pessoa capacitada | 2 | | 2 | 2 | 4 | 10,5 | 2 | 3,6 | 6 | 6,5 |
| Alcançar objetivos, conseguir o que quer | | | 1 | 2 | 1 | 2,6 | 2 | 3,6 | 3 | 3,2 |
| Universidade | | | 1 | | 1 | 2,6 | | | 1 | 1,1 |
| Ser uma pessoa melhor | | | | 1 | | | 1 | 1,8 | 1 | 1,1 |
| Outros: porque quer vir a escola, mesmo não sendo obrigatório, pois já é maior de idade | 1 | | | | 1 | 2,6 | | | 1 | 1,1 |
| Aplicar em casa | | | 1 | | 1 | 2,6 | | | 1 | 1,1 |
| Educação de qualidade, educação melhor, educação que os pais não tiveram | | | | 1 | | | 1 | 1,8 | 1 | 1,1 |
| Vaga (vai me ajudar) | | | | 1 | | | 1 | 1,8 | 1 | 1,1 |
| O tempo na escola é o melhor: sente-se bem na escola, porque gosta | 1 | 1 | | | 1 | 2,6 | 1 | 1,8 | 2 | 2,2 |
| Independência | | | | 2 | | | 2 | 3,6 | 2 | 2,2 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Obs.: alguns jovens pesquisados deram respostas que se enquadraram em mais de uma categoria.

Ser alguém na vida somente após ter estudado, significaria que o sistema de ensino, ainda acompanhando o sentido bourdieusiano, seria um aparelho de classificação objetivado ao reproduzir as hierarquias do mundo social com suas clivagens (BOURDIEU, 2011a). Quem não estudou, na lógica dos inquiridos, não pode ser alguém na vida. Assim, um dos jovens pesquisados responde que “estudar é muito bom para ter uma profissão e uma vida”. Outro jovem acredita que só estudando conseguirá o que denominou de “trabalho digno”. Nas respostas obtidas, surgem lembranças de casos familiares, de pessoas que não estudaram e, por isso, hoje sofrem. Uma das jovens gosta de estudar porque almeja um bom futuro e uma carreira

de sucesso, pois vê a condição de sua mãe e sabe que se ela tivesse estudado viveria melhor. Nesse caso, atribui a situação subalterna desta à sua deficiência cultural. Outra jovem enfatiza que estudar é o único caminho para se ser alguém na vida. Mais adiante, na discussão sobre o que os teria motivado a estudar, questão a ser retomada, foi bastante repetida pelos jovens, tal como essa resposta de um rapaz: “O que me motivou [a continuar estudando e chegar ao final do ensino médio] foi ver as condições que meus pais viviam por não *ter estudado* [sic] e para ter uma vida melhor temos que estudar, se formar e ter um emprego digno”.

O sistema de ensino cumpre bem esse papel de realce na reprodução da relação de dominação cultural. Como não têm o capital cultural, pois a mãe não estudou, a escola termina reforçando a desigualdade social entre os que estudaram, tiveram a oportunidade e os que não tiveram, devido a esse acesso desigual. Em dois municípios pesquisados, apenas 80 jovens de origem rural estão matriculados em três escolas públicas de ensino médio, ou seja, o acesso é desigual. A integração dos filhos e filhas de agricultores na sociedade tem se dado pelo modo como a escola recebe os jovens rurais e os ajuda a construir capital social. Desse modo, é como se o sistema de ensino transformasse “classificações sociais em classificações escolares, levando assim a identificar o valor social com o valor pessoal e as dignidades escolares com a dignidade humana” (BOURDIEU, 2011a, p. 363).

6.2 GOSTAR OU NÃO DE IR À ESCOLA

Apenas um rapaz e uma moça de Poço Redondo admitiram, às vezes, não gostar de ir à escola, ao alegarem ser cansativo o percurso de ida e volta do meio rural para a escola na cidade, ao qual denominaram de “viagem”. Quanto ao município de população mais urbana, um rapaz justificou não gostar de ir à escola por considerar também cansativo, já outro gosta de ir “às vezes”, para encontrar amigos quando se sente sozinho. Por meio desta resposta observa-se que os sentidos conferidos à escola pelos jovens, além de lugar para aprender, reside em espaço de socialização (CHARLOT, 2000), ou seja, “os jovens tendem a transformar os espaços físicos em espaços sociais, pela produção de estruturas particulares de significados” (DAYRELL, 2007, p. 1112).

No meio rural, devido à distância entre as casas – a não ser no caso daqueles que moram em povoados, com casas bem próximas –, torna-se difícil a socialização dos jovens. É certo que hoje com mais acesso, melhores estradas, energia elétrica, *smartphones* com internet, as redes sociais, além de transportes, sobretudo a motocicleta, a integração das pessoas que vivem no campo tem sido facilitada. Nos finais de semana, quando há um campinho de futebol na região,

isso se revela uma opção prazerosa para os rapazes, mesmo assim, há falta de espaço de lazer para os mais jovens e para as moças. Contudo, o que chama a atenção na fala desse jovem que gosta de ir à escola quando, às vezes, sente-se solitário, é o fato de que ele havia deixado recentemente o meio rural para se estabelecer na cidade, de modo que demonstra ser uma pessoa que realmente aprecia a vida mais social na cidade.

Quanto às respostas dos jovens rurais do município de população mais urbana, uma jovem explicou que não gosta de ir à escola porque o barulho ensurdecido dos ônibus que fazem o trajeto lhe causa dor de cabeça de vez em quando. Para fazer tanto barulho a ponto de acarretar dor de cabeça na estudante seriam ônibus velhos? De fato, pôde-se observar alguns ônibus de aparência bastante desgastada, aparentemente velhos, quando estacionados diante das escolas, mas fica inviável precisar se são velhos ou desgastados devido às andanças diárias pelas estradas empoeiradas e esburacadas do meio rural sertanejo.

Esta tem sido a política pública adotada para os jovens rurais pesquisados que, em virtude da ausência de escolas de ensino médio nas zonas rurais do estado, busca-os no meio rural e os leva para estudarem em escolas urbanas. Apesar da pesquisadora não ter como atestar as condições dos ônibus escolares, há o registro de um rapaz que, embora goste da escola, expõe: “Às vezes, a gente fica com receio de vir porque é muito perigoso, o transporte escolar não tem segurança, são ônibus velhos”.

Em relação a uma das escolas de Nossa Senhora da Glória, duas moças relatam desgostar de ir à escola às vezes, sendo que uma delas preferiria estudar em casa, enquanto a outra taxa de cansativo ir estudar na cidade depois de um dia de trabalho pesado no campo. Contudo, trata-se do depoimento de uma aluna que, aos 33 anos de idade, chega ao final do ensino médio, incluída na pesquisa por motivo já mencionado no capítulo cinco.

Tabela 17 – Respostas dos jovens rurais do sertão sergipano, estudantes do ensino médio regular, à pergunta “Você gosta de ir à escola?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Os dois municípios | | | | | |
|-----------|--------------|------|----|------|-------------------------|------|----|------|--------------------|------|----|------|-------|------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | H | % | M | % | Total | % |
| Sim | 13 | 93,0 | 19 | 95,0 | 17 | 89,4 | 24 | 88,9 | 30 | 90,9 | 43 | 91,5 | 73 | 91,3 |
| Não | | | | | 1 | 5,3 | 1 | 3,7 | 1 | 3,0 | 1 | 2,1 | 2 | 2,5 |
| Às vezes | 1 | 7,0 | 1 | 5,0 | 1 | 5,3 | 2 | 7,4 | 2 | 6,1 | 3 | 6,4 | 5 | 6,3 |
| Total | 14 | 100 | 20 | 100 | 19 | 100 | 27 | 100 | 33 | 100 | 47 | 100 | 80 | 100 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015. Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Na tabela 17, pode-se observar que os demais jovens pesquisados, tanto de Poço Redondo como de Nossa Senhora da Glória, em sua maioria, gostam de ir à escola. Inclusive, vale ressaltar que o percentual dos jovens de Poço Redondo que gosta de ir à escola (94%) foi um pouco maior do que o dos jovens de Nossa Senhora da Glória (89%), com percentuais bem

próximos para homens e mulheres: respectivamente, 93% e 95% em Poço Redondo; 89,4% e 88,9% em Nossa Senhora da Glória.

Esses jovens trouxeram praticamente as mesmas respostas à pergunta se gostam de estudar. Para eles, a escola configura-se em um lugar de aprendizagem, conhecimento e socialização, um espaço onde se preparam para o futuro. Vale a pena ressaltar o depoimento de um jovem rural estudante em uma das escolas de Nossa Senhora da Glória: “Além da quantidade de informações que adquirimos, as amizades. É gostoso ter amigos, e é interessante ver diferentes maneiras de comportamento em uma mesma sociedade”. Este aluno tem as mãos grossas e calejadas pelo trabalho no campo e, à época da coleta de dados, tinha 15 anos e já se encontrava no terceiro ano do ensino médio, o qual concluiu aos 16 anos. Expressou satisfação em participar desta pesquisa, tanto que a enriqueceu bastante com suas respostas. Pudera, pois é um jovem rural que gosta de escrever, a ponto de ter chegado à semifinal da Olimpíada da Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. Depois do dia de trabalho puxado, frequenta a escola no turno noturno e, além de estudar, faz amizades e observa o comportamento da sociedade.

Além de espaço de luta pelo futuro, é na escola onde os jovens fazem amizades e têm contato com culturas e histórias diferentes. Segundo suas palavras, sentem-se em casa, sentem-se bem e felizes, inclusive, um deles reiterou que é sua segunda casa. Para boa parte dos alunos, é onde podem “aprender” e “conhecer algo mais do que já sabem”; posto que para “aprender e adquirir conhecimento a pessoa tem que frequentar a escola”; bem como “é bom aprender coisas novas e conhecer várias culturas”, recebem “lições preciosas que ajudarão muito”.

Os jovens pesquisados conferem outro sentido à escola, ou seja, de contato social, visto que, em várias respostas, verifica-se essa inter-relação em que o espaço é de aprendizagem e de socialização, onde passam boa parte do seu tempo, consoante as seguintes respostas dos jovens de Nossa Senhora da Glória: “Além de adquirir conhecimento, é um lugar que proporciona momentos bons e divertidos”; “Porque vejo os amigos, professores e estudo”; “Porque é na escola onde encontro os amigos para bater um papo”; “É um local onde fico à vontade. É divertido, é também onde vejo os amigos”; “Pois é onde encontramos novas amizades”; “Porque vir para a escola é bom para conhecer pessoas e assuntos novos e, principalmente, para estudar e aprender”; “Porque é muito bom estudar, é bom para fazer amigos novos e saber sobre coisas novas para nossa vida”; “Porque é bom interagir com outras pessoas, fazer novas amizades. O Manoel faz você se sentir em casa”; “É ótimo conhecer novas pessoas”; “Posso aprender mais com meus professores, conhecer novas pessoas”.

Quanto ao objetivo de investigar se haveria diferença entre os jovens de Poço Redondo e de Nossa Senhora da Glória no sentido que conferem à escola, isso não se estabeleceu nesta

pesquisa. Além das categorias aprender, conhecimento e futuro terem recebido destaque, com respostas como “Porque se eu não for o meu futuro será prejudicado” e “Porque é lá que vou aprender várias coisas”; “Pois é aqui que aprendemos e ensinamos junto com os professores coisas novas”.

Há, do mesmo modo, o sentido de ir à escola para vivenciar o contato com o outro: “Gosto de ver os amigos”; “Sim, é legal, divertido, bem inebriante, gosto de todos os meus amigos”; “Eu faço novas amizades”; “Porque vejo meus amigos”; “Para estudar e ver os amigos”; “É bom também para não ficar em casa”; “É na escola que a gente faz muitas amizades”; “Porque aqui encontro meus amigos, aprendo e fico bem; “A escola é onde me divirto, onde encontrei amigos verdadeiros que irei levar comigo para sempre, sentirei muita falta daqui quando terminar”. Donde se depreende o quanto é forte o papel confiado à escola além do fator aprendizagem acadêmica⁴⁴.

Também foram colhidos dados a respeito da infraestrutura, tendo em vista que, na primeira visita à escola de Poço Redondo para coleta de dados, a escola encontrava-se bastante deteriorada⁴⁵. Sobressaiu, no entanto, que, embora o ambiente necessitasse de reparos, alguns jovens deram respostas como “A escola é o melhor lugar para tudo” e “Porque a escola é o lugar certo”. Independente da aparência, observa-se o poder simbólico no caráter sagrado da escola e de classe da cultura escolar (BOURDIEU; PASSERON, 2015). Não se trata de um caso isolado no meio rural sertanejo ou até mesmo no Brasil, analogamente, em Portugal, Alves (2006) pôde perceber uma confiança permanente dos jovens na educação. Baseando-se em suas investigações realizadas na década de 90, relata que os jovens de seu país se mostravam satisfeitos com o desempenho da escola na redução das desigualdades sociais, na formação de cidadãos qualificados para a vida social, na luta contra o desemprego e sua capacidade de eleger os melhores e acreditando na possibilidade de acesso e de sucesso. Anos mais tarde, ao realizar pesquisa sobre socialização escolar e profissional dos jovens, os estudantes inquiridos continuaram a colocar esperanças na magia da educação, com a maioria dos pesquisados a acreditar que o investimento na educação tem benefícios individuais e, tal qual os jovens rurais desta pesquisa, que vale a pena investir na educação em busca do sucesso, bem como aderindo à ideia de que instrução/educação é a melhor solução para o desemprego. Este viés também merecerá atenção no próximo item.

⁴⁴ No capítulo sete, quando for discutido o que consideram melhor e pior no meio rural, alguns jovens indicaram que a pior coisa de morar no campo é ficar longe dos amigos.

⁴⁵ Posteriormente, os alunos foram transferidos para outro espaço enquanto o prédio passou por uma reforma.

6.3 MOTIVAÇÃO PARA CONTINUAR ESTUDANDO

Apesar dos “ônibus velhos” usados em transporte escolar, de acordo com os relatos colhidos, das estradas empoeiradas; da lama no período chuvoso; do sol escaldante do sertão no período das secas; da necessidade de ajuda na lavoura por parte dos pais, uma parcela dos jovens rurais continuou estudando e, nas três escolas pesquisadas em dois municípios do sertão, 80 jovens rurais chegaram ao terceiro ano do ensino médio regular. Fica a questão: o que os motivou a persistir e chegar ao último ano do ensino médio? Mais uma vez, as categorias “ser alguém na vida” (“Conseguir arrumar um emprego e ser alguma coisa um dia”) e “futuro melhor” que o dos pais (“A exigência dos pais quando eu era pequeno dizendo que era para estudar para ter um futuro melhor do que o deles, já que eles vivem do meio rural”) reapareceram. Além do interesse em ingressar no nível superior e ter um emprego, como pode ser observado na resposta de um rapaz: “A vaga na universidade, para que eu possa me formar e ter destaque no mercado de trabalho”. A escola é vista como espaço de melhoria de vida no futuro e isso os estimula: “O que me dá força a estudar é saber que um dia posso entrar em uma faculdade e exercer o que eu realmente quero para mim e ter um futuro digno para mim e para minha família”.

As respostas foram idênticas, tanto dos jovens de Poço Redondo, como de Nossa Senhora da Glória, assim como as dos rapazes e das moças. A socialização, o aprender e o conhecimento quase não foram indicados, apenas uma resposta abordou isso: “Gostar de estudar e conhecer o mundo através dos livros, dos professores e interagir com os colegas”.

No mais, surgiram nas respostas planos de sair do campo para cursar faculdade e, posteriormente, no futuro, ter um bom emprego e ser alguém na vida, tipo de trajetória almejada para a maioria dos jovens. A ideia de que o meio rural não tem muito a oferecer e de que o trabalho dos pais como agricultores não é um bom futuro prevalece nas respostas, tanto que os próprios parentes incentivam os jovens a continuarem estudando. “Pelo motivo de que na zona rural não tenho muito a ‘aprender’ e eu quero ter um ótimo futuro”, são essas algumas das motivações, todas ainda no futuro: “A vontade de me formar é muito grande. Pretendo cursar biologia ou odontologia”; “Ter um futuro melhor, uma carreira profissional brilhante”; “Sim, eu estou no terceiro ano e o que me motivou foi querer aprender sempre mais, ter uma profissão que eu goste”; “Porque quando terminar o ensino médio penso em me formar em direito para ser delegada”; “Sim, a motivação é que eu quero me formar em engenharia mecânica”; “A persistência dos meus pais e que tudo que estou enfrentando é por eles, por isso, nunca pensei em desistir”; “A esperança de um futuro melhor de uma dia ter um emprego que me realize

financeiramente e como profissional também”; “Aos bons exemplos de meus pais que sempre estiveram ao meu lado. Dando sempre o apoio para que eu pudesse cada vez mais passar pelas barreiras da vida”; “Eu tenho muitos motivos. Primeiro, a minha própria vontade que eu tenho de garantir um futuro melhor. Apesar de ser difícil, eu sei que, mais na frente, eu irei me orgulhar. E também meus pais me incentivam muito a estudar”; “Minha mãe me incentivava muito e o meu companheiro nem se fala, e claro que eu quero ser bem-sucedida para melhorar de vida e poder dar *pro* meu filho tudo que eu não tive”; “O que me motivou a estudar é que eu sei que hoje em dia quem não tem estudo não tem nada na vida, eu tiro isso pelos meus pais, eles não estudaram e hoje têm que viver trabalhando na roça para sustentar os filhos.

Os jovens de Poço Redondo também enfatizaram um futuro melhor, ser alguém na vida, adquirir conhecimento, fazer faculdade, obter um emprego, ter independência e ajudar a família: “Motivou no sentido de ser alguém na vida”; “O meu objetivo é ser alguém, poder ocupar um cargo importante”; “Foi para arrumar um emprego e fazer uma faculdade, porque sem os estudos não faria nada disso do que eu pretendo”; “A vontade de adquirir mais conhecimento e também as necessidades”; “Porque eu quero ter um bom emprego para meu futuro e não depender de ninguém”; “Ter uma vida minha”; “Minha mãe não teve como estudar e eu quero estudar para dar uma vida melhor a ela”; “A vontade de vencer na vida e ajudar minha família”; “O apoio da minha família”; “Minha mãe me motivou a não parar de estudar e continuo estudando para que no futuro minha família esteja sempre bem”.

O papel da família é fundamental, assim como dos professores. Uma jovem relatou ter recebido conselhos para que não desistisse de estudar:

O conselho que mais me marcou foi da pessoa que eu mais admiro: minha mãe. Porque eu não fui criada pelo meu pai, só com ela e ela sempre tinha que sair de manhã para trabalhar e a gente só se via de noite, mas de noite ela estava cansada, ia dormir, então a gente quase não tinha contato, só mais no domingo mesmo e ela sempre disse: “A única coisa que eu posso dar a você é seu estudo porque se eu tivesse estudo eu não precisaria estar trabalhando como estou trabalhando agora, então espero que você aproveite”. Eu sempre fazia de tudo para tirar notas boas, para poder passar e não ter que ir para a recuperação. E agora, no terceiro ano, também outro conselho foi [...] do professor [...] de português porque uma vez uma menina chegou cansada na sala pensando em desistir porque estava trabalhando muito e ele falou assim para ela: “Você quer continuar trabalhando no que você está trabalhando hoje?”. Ela disse: “Não”. “Então seu caminho é estudar para ter uma vida melhor”. Foi o conselho que marcou (Mulher, nº. 1, Nossa Senhora da Glória, grupo focal 4, 2015).

Outros jovens evidenciaram, de forma mais contundente nas entrevistas e nos grupos focais, o apoio tanto dos familiares, sobretudo dos pais, como dos professores, conforme alguns exemplos apresentados no Quadro 2.

Quadro 2 – Incentivadores e motivadores, algumas falas das entrevistas e grupos focais, 2015

| Familiares | Professores |
|---|--|
| Que eu no começo queria desistir de estudar aqui para estudar no povoado onde moro e lá o ensino não é tão bom quanto o daqui, né?, só que minha mãe, professores, amigos [disseram]: “não... você não pode sair não porque aqui você vai crescer, vai evoluir mais e vai conquistar seus objetivos através da educação daqui” e aí eu segui os conselhos e estou aqui, estou terminando e pretendo não parar de estudar e continuar minha carreira (risos). (Mulher, nº. 3, grupo focal 1, Nossa Senhora da Glória). | Sim, eu já tive conselhos bons. Desde criancinha, praticamente todos os professores querem dar um conselho <i>pra</i> gente ter uma visão maior, mas o que me marcou mais foi agora no terceiro ano. O professor de português, certo dia, disse que a única pessoa que pode frustrar o nosso futuro é a gente mesmo. É só a gente ter vontade, querer, que vai conseguir o que quiser e todo sonho que a gente tiver não pode desistir. Precisa crer que vai conseguir, além do possível que a gente possa crer. (Homem, nº. 4, grupo focal 4, Nossa Senhora da Glória). |
| Eu acho mais que os conselhos, na maioria das vezes, é mais de família. Meus pais não tiveram o estudo, então sempre me aconselham a estudar que é uma coisa que eles não conseguiram. (Homem, nº. 9, grupo focal 1, Nossa Senhora da Glória). | O professor de biologia. Ele falou que tinha um amigo que trabalhava e, mesmo assim, estudava e hoje conseguiu se formar e está fora do Brasil. Ele disse que se a pessoa estudar e souber distinguir as coisas e o tempo tem 90% de chance de aprovação. (Mulher, entrevista 1, Nossa Senhora da Glória). |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

De outro lado, vinte jovens que participaram de três grupos focais em Poço Redondo não lembraram de ter recebido um estímulo ou conselho sequer na vida para que continuassem seus estudos. Um dos rapazes enfatizou: “Nada, absolutamente nada. Se houve, não me lembro”. Este jovem apresentou, juntamente com alguns colegas, algumas críticas aos docentes, não exatamente por não terem uma palavra de incentivo aos alunos, mas pelo fato de que há professores que, efetivamente, não ensinam.

H-n.1(GF5): Em relação à educação, no meu ponto de vista o sistema de ensino é meio errado porque chega um professor, entra e passa um trabalho. É ou não é? É verdade. Tem professor que chega na minha sala passa um trabalho e sai. O aluno faz aquele trabalho pela internet, nem pesquisa, nem fala e nem nada. Aí quando vem uma pesquisa nós *não sabe* [sic] responder porque ninguém estudou nada, aí o índice de educação vai lá para baixo. Só tem uma professora que ensina bem, ela faz a gente pensar sobre o assunto. M-n.3(GF5): Porque os professores estão relaxados, nem se preocupam se o aluno está bem ou não. Passa lá, você que se vire, faça as pesquisas do jeito que quiser e assim fica. M-n.5(GF5): Tiramos vários dez com trabalhos e [com] ela não, nós temos que nos esforçar [...]. Eles vêm para cumprir horário, também porque olha a greve... Agora eles não dão aula direito na sala [...]. H-n.1(GF5): Aí quando a gente leva bomba no ENEM... Eu tenho uma dúvida sobre o assunto, o professor não vem eu vou tirar com quem? Pesquisadora: O Pre-Seed vocês não fizeram não? H-n.1(GF5): Não, não fiz Pre-Seed não porque é em Poço Redondo e eu moro na divisa com Porto da Folha, como eu ia fazer o Pre-Seed? E de noite. E de noite! Pesquisadora: E tem carro? H-n.1(GF5): Tem não. Que carro! Não tem carro de dia! Nós passamos quase duas semanas sem vir para a escola porque não tinha carro do estado. M-n.3(GF5): Mas para fazer o Pre-Seed à noite é a maior dificuldade. A minha irmã fez, ela falava que às vezes não tinha professor também. H-n.1(GF5): Olhe, botar o professor pior que tem [...]? Desde o primeiro ano eu só vi o verbo *To Be*. Desde o primeiro ano eu só vejo isso. Eu já sei de cor! Ele só passa isso. Na primeira prova eu não estudei nada e cheguei aqui tirei 9,5. No ENEM tinha um texto lá, mas ninguém sabia de nada, ninguém aprende, não é verdade? Olhei lá o texto, eu *espiei* assim... aí, não sabia o que explicar, não sabia aquele negócio lá mesmo (Grupo focal 5, Poço Redondo, 2015). Legenda: M: Mulher / H: Homem. GF: Grupo focal.

Não somente em Poço Redondo, pois em Nossa Senhora da Glória alguns alunos apresentaram críticas ao desestímulo provocado pelos familiares e pelos professores, ou seja, há professores que motivam, outros que, ao contrário, fazem o jovem pensar em sair da escola, de modo que alguns ficam divididos entre sair e continuar, entre estímulos e desestímulos. Há outras questões envolvidas como greves e problemas de transporte escolar e o jovem rural vivencia esse conjunto de situações à espera que alguém lhe diga “não desista”.

Nesse período desses três anos eu já tive muita vontade de sair, não foi pouca não, viu? Foi muita de sair. Um monte de dificuldades. De acessibilidade, de perigo porque mora longe, cansaço porque trabalha o dia inteiro, desmotivação por alguns professores que fazem questão de desmotivar o aluno. Pelo menos que eu lembre dois professores pediram para eu não sair: a professora de espanhol e o professor de matemática. Teve um problema lá [onde reside], questão de assalto, como eu vou muito longe, por meus pais eu tinha saído este ano. E também por medo de chegar em casa, o ônibus não leva *eu* [sic] sozinha e, como sou mulher, vou sozinha para casa, [pois] o ônibus não me leva na porta, infelizmente. Então, por esses problemas, por meu pai eu já tinha saído a tempos. Pesquisadora: Por que o ônibus não te leva na porta? Aluna: Boa pergunta (risos). Pois é, entre aspas, politicagem e ninguém sabe, ninguém tem uma explicação até agora. Daí, mais ou menos 700 metros eu vou no escuro, sozinha, e ocorreu uns perigos lá e [...] meus pais me pediram para sair [da escola] [...]. Aí meu professor de matemática e minha professora no outro ano mesmo me pediram para não sair. E também por falta de motivação na escola... É muito desanimador. A gente teve quase dois meses de greve, porque quando você vai pegando o ritmo você para. Alguns professores fazem questão – não sei se é por problema em casa – de desanimar ou desmotivar, fazem questão de colocar você para baixo. Ano passado também fiz uma cirurgia e a gente vir duzentos dias se segurando e perder tudo é muito desmotivador. Eu acho que o maior problema é a escola. A desmotivação é a escola. Acabam culpando todos os alunos, alguns que têm vida fácil. [...] Porque a gente sai de tão longe, com tanta dificuldade para chegar aqui, trabalhando no sol escaldante do Nordeste o dia inteiro, chega e eles [os professores] acabam falando cada abobrinha na sala. Respeitamos a hierarquia do professor porque se fosse em outras escolas eu acho que quebraria o barraco, mas tem uma hierarquia. (Mulher, nº. 3, grupo focal 2, Nossa Senhora da Glória, 2015).

Os pais que motivam seus filhos têm em vista a um futuro melhor para eles, uma faculdade, um bom emprego ou profissão, a saída do trabalho duro no campo, pois “quem não tem estudo não tem nada na vida, eu tiro isso pelos meus pais, eles não estudaram e hoje tem que viver trabalhando na roça para sustentar os filhos”. Para aqueles que não são “herdeiros” (BOURDIEU; PASSERON, 2015), há os sonhos. Diversas vezes evidenciados nos discursos juvenis: “A ter um bom futuro lá na frente. A realizar todos meus sonhos. É que me motivou mesmo a chegar até aqui. Foi o sonho muito grande, de um dia, me formar em veterinária”; “O meu sonho e o sonho dos meus pais que é ter um filho(a) formado(a). E eu sempre quis isso para mim, sei que é difícil conseguir, mas o nosso futuro está nas mãos de Deus”; “Sim, o que me motivou foi [...] o sonho que tenho de ser alguém na vida e pelos meus pais que me *motivou* [sic]”; “Meus sonhos, *que* um deles é odontologia, é o que mais me motiva, pois sei que só

estudando muito irei ter capacidade de me formar”; “Saber que eu tenho a capacidade de realizar os meus sonhos”; “O sonho de ter um futuro melhor e tentar mudar a realidade em que vivemos”; “O que me motivou foi o sonho de ser uma pessoa bem-sucedida e dar orgulho para meus pais que sempre me motivaram” e “Sonho de ser um profissional de sucesso”.

Em outro contexto, os sonhos juvenis também apareceram, de modo que Charlot trata deste tema a partir de pesquisa com jovens sergipanos, afirmando em seu trabalho que “resta, porém, a parte do sonho” (CHARLOT, 2006, p. 53), quando introduz a fala de uma universitária no debate “O importante mesmo é não deixar o sonho morrer” para, então, a partir desta declaração, concluir: “Essa fórmula bonita poderia definir o eixo central de uma política a favor da juventude e com a juventude. Não deixar os sonhos dos jovens morrer”.

Em consonância com a narrativa da sociedade horizontal dividida entre aqueles que estão dentro e fora, um dos principais objetivos para a educação é o de contribuir para a integração social, numa perspectiva não de educação em um sentido amplo e com papel emancipatório⁴⁶, mas com a noção de que com mais educação as pessoas terão emprego, em plena sobrevalorização da sua dimensão utilitarista (ALVES, 2009).

Os jovens rurais inquiridos, além de considerarem a escola um importante agente de socialização, apresentam uma excessiva confiança no credencialismo escolar e não veem as contradições presentes na relação linear estabelecida que vincula os diplomas e os cargos. Apesar de não estarem concluindo o ciclo básico da educação com o ensino médio regular nem matriculados em curso profissionalizante, um dos principais motivos elencados pelos jovens reside na perspectiva de terem um bom emprego, em um alinhamento entre diploma e trabalho. Frigotto, no entanto, lembra que “sem capital não se gera capital e, portanto, para se investir em educação, tanto os países quanto os indivíduos necessitam de capital” (FRIGOTTO, 2009, p. 69), portanto, indaga-se: como esses jovens poderão sair do campo para cursar o tão almejado nível superior?

Assunto a ser tratado no próximo capítulo sobre as expectativas profissionais e os possíveis obstáculos, mas brevemente adiantado neste ponto com o exemplo de um jovem, de apenas 15 anos, ao tangenciar alguns questionamentos relacionados à continuidade dos seus estudos:

⁴⁶ Com base em Mészáros (2008), Canário – com os quais se põe em acordo nesta tese –, entende por educação de natureza emancipatória, ou seja, em seu sentido estruturante “as modalidades educativas susceptíveis de contribuir para um processo de emancipação social, entendida como uma superação da lógica do capital” (CANÁRIO, 2009, p. 149).

Muitos obstáculos pessoais. Mesmo que sejam bolsas, gasta-se muito e eu não tenho nenhum emprego na cidade e nem moro aqui, tornando quase impossível de se locomover até a universidade, pois não há aqui na cidade. E outro grande problema é que eu vejo a vontade que meus pais têm que eu continue, mas vejo a necessidade de ficar e ajudá-los, algo que desejam não abertamente, mas que vejo as dificuldades que irão triplicar sem a minha presença. É algo que querem que eu fique, mas que também desejam que eu continue. É pela minha dificuldade, pelo fato da minha idade (Homem, 15 anos, Nossa Senhora da Glória, questionário de pesquisa).

A concretude do impasse sofrido por esse jovem rural quase não lhe fornece a possibilidade de sonhar com a mobilidade social por intermédio dos estudos. Ele precisa do capital para estudar, mas os problemas “irão triplicar” com sua ausência na propriedade familiar e, conseqüentemente, os pais ficariam sem recursos para lhe bancar os estudos. Diante dessa realidade, o rapaz parece questionar se vale a pena insistir na educação, pois a ideia que associa diploma a emprego pode ser enganosa e vive a contradição entre um *habitus*⁴⁷ estabelecido sobre essa ideia e a realidade que lhe é apresentada. Portanto, é como se percebesse que o futuro lhe reserva ser parte do que Bourdieu denomina de geração enganada numa fase de inflação de diplomas: “a defasagem entre as aspirações que o sistema de ensino produz e as oportunidades que realmente oferece” (BOURDIEU, 2010, p. 161).

Usuários do ensino, os estudantes também são seu produto e não há categoria social na qual as condutas e as aptidões apresentadas levem com tanta intensidade a marca das aquisições passadas. Ora, como muitas pesquisas estabeleceram, é ao longo da escolarização, e particularmente durante as grandes transições da carreira escolar, que mais se exerce a influência da origem social: a consciência de que os estudos (e sobretudo alguns) custam caro e de que há profissões nas quais não se pode entrar sem algum patrimônio, as desigualdades da informação sobre os estudos e suas possibilidades, os modelos culturais que associam certas profissões e escolhas escolares [...] a um meio social, enfim a predisposição, socialmente condicionada, a adaptar-se aos modelos, às regras e aos valores que regem a escola, todo esse conjunto de fatores que faz com que se sinta em “seu lugar” ou “deslocado” na escola e que seja percebido como tal determina, apesar de todas as aptidões iguais, uma taxa de sucesso escolar desigual segundo as classes sociais, e particularmente nas disciplinas que supõem toda uma aquisição, quer se trate de instrumentos intelectuais, de hábitos culturais ou de rendimentos. (BOURDIEU; PASSERON, 2015, p. 29-30).

Agora que as classes menos favorecidas têm tido acesso a formação superior, Frigotto põe em causa que “a escolarização pura e simples, dependendo de sua concepção e prática, não só pode alterar a situação dos jovens e adultos como piorá-la ao transformá-los em culpados por não se inserirem no mercado de trabalho ou por terem uma inclusão precária” (FRIGOTTO,

⁴⁷ Se o *habitus* é a internalização das estruturas do mundo social, um sentido prático, que guia a percepção da situação, a ação, as preferências e a visão de mundo dos indivíduos, também é exteriorização da interioridade, este duplo movimento faz o *habitus* dinâmico, sujeito à variação, modificador e sendo modificado pelas estruturas sociais (BOURDIEU; PASSERON, 2009).

2009, p. 75). Bourdieu (2010) ainda aponta como consequência do aumento geral da escolaridade da população que a escolarização continuará sendo fator de distinção social e que as classes dominantes irão desenvolver outras estratégias, tais como intensificar fortemente a utilização do sistema de ensino para manter a raridade relativa dos seus diplomas e sua posição na estrutura de classes, a fim de que a distância de classe seja mantida.

6.4 A APROVAÇÃO DOS PARENTES

À pergunta “seus parentes aprovam que você estude?”, praticamente 100% dos jovens responderam de forma afirmativa, com exceção de um rapaz que respondeu “só minha mãe”. Diferentemente do que foi constatado na pesquisa conduzida por Menezes (2012), quando todos os homens responderam afirmativamente que os parentes o apoiavam nos estudos e, apesar de ter sido alto o índice de parentes favoráveis à ida das moças à escola (97,7%), mesmo assim, algumas mulheres, em relação aos estudos, não tinham o apoio da família; mas, desta vez, todas afirmaram contar com o apoio dos parentes para estudar (Tabela 18).

Tabela 18 – Respostas dos jovens rurais do sertão sergipano, estudantes do ensino médio regular, à pergunta “Seus parentes aprovam e o(a) apoiam para que você estude?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|--------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 18 | 94,7 | 27 | 100,0 | 79 | 98,8 |
| Não | | | | | | | | | | |
| Só minha mãe | | | | | 1 | 5,3 | | | 1 | 1,3 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015. Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Os jovens rurais, cujos parentes aprovam seu estudo, responderam que os pais não estudaram, apoiam e incentivam o estudo dos filhos, aconselham-nos a não desistirem, alertam sobre a importância para que tenham um bom caminho, um futuro melhor e vençam na vida. Com efeito, a família se interessa pela educação dos mais jovens e o encorajamento dos pais é fundamental, como divulgou textualmente um aluno estudante em Nossa Senhora da Glória: “É interessante, pois a maioria da minha família é analfabeta, mas eles veem a importância do estudo nos dias atuais. E ainda mais todos os pais querem para os seus filhos um futuro diferente do qual tiveram”. Desse modo, para os jovens rurais, ir à escola é uma oportunidade que os mais velhos não tiveram.

As moças demonstraram a aprovação de seus parentes, quando afirmaram: “Porque eles querem o melhor para mim”; “Para nós termos um bom futuro”; “Porque nenhum deles quer me ver em um mal caminho e sim que eu siga o melhor por mais que enfrente dificuldade”;

“Por sempre estar ajudando, dando ótimos conselhos etc.”; “Minha mãe fala que quem não estudar não vai ter uma vida melhor”; “Porque eles nunca falaram para que eu desista, ao contrário, eles sempre ficam muito felizes por me ver passar de ano letivo”; “Porque eles sempre me influenciaram a ir para a escola”; “Porque meus pais só estudaram até o terceiro, quarto ano do ensino fundamental. E eles são lavradores, meu pai trabalha na roça”; “Pois eu tenho um filho e todos se mobilizaram para cuidar dele enquanto estou na escola e quando perco dia [de aula] levo uma *xinga* [censura] das grossas”; “Porque eles sempre me deram apoio para eu estudar para não precisar ficar precisando dos outros sempre”; “Sim, porque nos momentos em que eu pensei em desistir eles sempre me lembraram que é para o meu bem”; “Porque meus pais sempre me incentivaram a estudar e conhecer um novo caminho”; “Porque eles sempre buscaram ver minhas notas, sempre conversam e me incentivam”; “Para não ter as mesmas dificuldades que eles têm e ter uma nova forma para sobreviver” (algumas respostas de moças que estudam em Nossa Senhora da Glória).

“Se não fosse o apoio deles talvez eu *só* [sozinha] não teria conseguido chegar onde estou”; “Porque eles fazem *de* tudo para que eu continue meus estudos sempre”; “Porque as pessoas que nos amam querem sempre o melhor para nós”; “Porque eles conversam para eu continuar estudando”; “Porque sempre, desde criança, meus pais me apoiam para que eu estude para ter o meu futuro”; “Porque o estudo representa muito na vida”; “Porque ver um filho formado é tudo o que os pais querem, porque daí vão ser alguém na vida”; “Porque sem estudo nós não somos nada nessa vida. Estudar faz bem para nós” (algumas respostas de moças de Poço Redondo).

Os rapazes, cujos parentes concordam com o estudo, deram respostas semelhantes às das moças, tais como: “Porque eles fazem de tudo para me ver estudando”; “Porque me aconselham a não desistir nunca”; “Porque alguém deles não estudou ou não teve oportunidade de estudar”; “Porque eles querem que eu pegue um ótimo emprego e me dê bem na vida”; “Porque quando comento que só estou no terceiro ano do ensino médio e me dão todo o apoio para que eu vença na vida”; “Porque sempre recebi conselhos e incentivos dos mesmos”; “Porque só ela [certamente a mãe] que fala comigo me dando apoio”; “Porque dão apoio para quando acabar o ensino médio ingressar na Universidade”; “Porque sabem que é o melhor para o meu futuro” (algumas respostas de rapazes de Nossa Senhora da Glória). “Querem ver os mais novos formados”; “Sim, todos eles me apoiam constantemente, me incentivam a todo momento”; “Porque sempre me incentivam a qualquer tempo que preciso”; “Porque eles sabem do meu potencial que eu posso alcançar” (algumas respostas de rapazes de Poço Redondo).

Convém frisar nas alegações dos jovens rurais, inclusive ao citarem os pais, como a escola, para o homem do campo, é considerada única via de acesso à cultura e a uma vida melhor, sinônimo de fuga da vida dura do campo, portanto, é uma *oportunidade* a qual os jovens devem agarrar e não perder. Isso é reforçado nas falas, pois, diante da desigualdade de acesso, de permanência, de rendimento escolar, esses jovens rurais, estudantes do último ano do ciclo básico, já são vitoriosos por concluírem o ensino médio. Na incitação recebida dos pais, os exemplos dados são não do que podem vir a ser, porquanto não conhecem com proximidade casos de sucesso, mas do que não deveriam ser: “Porque eles falam: ‘estude meu filho para você não ser assim’, dando exemplo com outras pessoas” (rapaz, Poço Redondo). O destino escolar desses jovens rurais, determinado desde a infância, está sujeito não só à escola pública frequentada e ao local de moradia, bem como à expectativa das famílias. Se estes poucos persistiram, foi também graças ao incentivo – não só motivação, mas o abrir mão do apoio dos filhos no trabalho do campo e os recursos financeiros necessários a ida à escola – dos pais e familiares, assim como aos exemplos negativos conhecidos. Uma motivação às avessas é ver o sofrimento dos pais e como não querem “reproduzir” e perpetuar essa situação de desigualdade – “Sim, pois eles não tiveram estudo e viram como é ruim trabalhar na roça *embaixo* [debaixo] de sol e chuva” (rapaz, Poço Redondo) e “Porque eles querem que eu tenha um futuro glorioso, minha mãe é doméstica e não quer que eu siga o mesmo caminho dela” (moça, Poço Redondo).

Desse modo, a escola é vista como uma porta de escape para outra condição de vida, mesmo que, “as categorias mais desfavorecidas têm *hoje* apenas chances simbólicas de enviar seus filhos para a faculdade” (BOURDIEU; PASSERON, 2015, p. 17, grifos nossos), apenas ressaltando que o “hoje” utilizado pelos autores foi em 1964, portanto, há meio século e, no caso brasileiro, totalmente aplicável.

Tabela 19 – Respostas dos jovens rurais do sertão sergipano, estudantes do ensino médio regular, à pergunta “Se seus parentes não aprovassem e não o(a) apoiassem nos estudos, o que você faria?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | |
|-----------------|--------------|------|----|------|-------------------------|------|----|------|-------|------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | Total | % |
| Continuaria | 11 | 78,6 | 18 | 90,0 | 14 | 73,7 | 25 | 92,6 | 68 | 85,0 |
| Desistiria | 2 | 14,3 | 1 | 5,0 | 3 | 15,8 | 1 | 3,7 | 7 | 8,8 |
| Não sabem | 1 | 7,1 | | | 2 | 10,5 | | | 3 | 3,8 |
| Não responderam | | | 1 | 5,0 | | | 1 | 3,7 | 2 | 2,5 |
| Total | 14 | 100 | 20 | 100 | 19 | 100 | 27 | 100 | 80 | 100 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015. Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Em relação à pergunta “Se seus parentes não aprovassem e não o apoiassem nos estudos, o que você faria?”, 85% responderam que continuariam, interessante notar que mais as moças (91,5%) do que os rapazes (75,8%), sem diferenças por município (Tabela 19). É importante

salientar que apenas os rapazes ficaram em dúvida, enquanto as moças se mostraram bastante conscientes do que querem, com exceção de duas que desistiriam, embora uma delas, de Poço Redondo, tenha afirmado que sem o apoio dos pais seria inviável seguir sozinha. A moça que estuda em Nossa Senhora da Glória admitiu que iria trabalhar na roça, já que no lugar onde mora “quem não estuda, trabalha”, está ciente de que o jovem ou trabalha ou estuda.

Interessante notar que 15,2% dos rapazes (percentual dos dois municípios) admitiram desistir se não tivessem aprovação e apoio dos pais nos estudos: “Não estudaria. Não sou fã de estar dentro de uma sala [de aula]”; “Eu já teria desistido. Porque o meu tempo não é suficiente”; “Não estudaria, porque tenho preguiça”; “Trabalharia na roça a vida toda. Porque quem não tem estudo não tem como arrumar um emprego sem currículo”; “Pararia de estudar. Porque ia ter uma certa ‘pressão’ para eu não continuar”. Três rapazes, 9% do seu estrato, hesitaram: “Bem, tenho quase 70% de certeza de que não estudava mais, pois os pais são a principal influência que temos, os outros 30% seriam o desejo de uma vida melhor”; “Não sei, mas acho que continuava a estudar, não só por mim, mas por eles, como uma forma que alguém se espelhasse em mim”.

Algumas moças expuseram o “gosto pelo estudo” a ponto de uma delas confessar que se fosse impedida de estudar “seria a pessoa mais triste do mundo”; enquanto outras afirmaram que, mesmo se não tivessem o apoio dos pais, continuariam a frequentar a escola. Conforme suas palavras: “Eu faria de tudo para estudar, sei lá, pedia a alguém para falar com eles”; “Eu tentaria convencê-los”; “Mesmo assim eu continuaria estudando”; “Eu estudaria assim mesmo porque o estudo me dará um futuro brilhante”; “Faria o possível para continuar estudando”; “Eu daria um jeito de continuar estudando”; “Estudaria sim, sem que eles aprovassem”; “Daria um jeito e iria estudar”; “Eu continuava estudando para ter amanhã o que a maioria não tem”; “Eu faria isso: falava para eles que quem sabe sou eu, porque eu quero ser alguém no mundo” (algumas respostas de moças de Poço Redondo).

As moças de Nossa Senhora da Glória se mostraram bastante firmes em persistir nos estudos, sem sequer cogitar parar, e deram respostas bastante semelhantes às de Poço Redondo, de modo que apenas algumas foram selecionadas para esta discussão não se tornar repetitiva. “Estudaria mesmo assim. Porque eu não vou ter o apoio dos meus pais para sempre, tenho que buscar um meio de me tornar independente”; “Enfrentaria eles, pois eles não têm o direito de escolher o melhor para mim e sim de dar conselho. Sou eu que vou enfrentar essas batalhas, não eles”; “Eu não sei bem porque nunca vivi isso. Mas acho que faria *de* tudo para estudar. Tem jovens que quando os pais ou parentes não os incentivam, eles acabam não estudando e acham até melhor. Mas eu gosto de estudar, é um prestígio”; “Eu continuaria insistindo mesmo

sem o apoio da família”; “Tentaria convencê-los que eu quero o futuro mais diferente onde eu tenha profissão e seja independente”; “Eu viria para a escola nem que tivesse que trazer meu filho todo dia. E um dia eles iriam se arrepender. Porque sei que estudando conseguirei um trabalho, podendo assim não depender de ninguém e ver meu filho orgulhoso de mim”; “Procuraria um meio para que eu pudesse estudar, mesmo sem esse apoio; Correria atrás de todas as formas possíveis”; “Eu ia em busca de um emprego para continuar meus estudos por *eu mesma*”.

Uma moça, estudante em Nossa Senhora da Glória no turno noturno, confessou ter enfrentado dificuldades; nada obstante, continuou firme em seu propósito: “No começo foi difícil, mas persisti. Não tinha transporte, os carros iam por vários povoados, só chegava em casa duas da madrugada. [O pai] dizia que estudo só servia para filho de rico”. Essa moça chegou ao final do ensino médio aos 33 anos; mesmo criticada na região onde mora, inclusive pelos familiares, pois não casou e preferiu estudar. Conta que todas as primas desistiram, casaram, têm filhos, mas ela não, pois tinha o objetivo de perseverar nos estudos. O ônibus escolar não passa muito perto de sua residência e, por isso, precisa andar a pé certa distância até o ponto no qual o transporte passa; porém, quando chega muito tarde da escola, é preciso ter alguém da família para aguardá-la, pois corre riscos se for até sua casa sozinha. Mas não desistiu.

Como ressaltado por Menezes (2012), entre as jovens pesquisadas, apesar de serem provenientes de classes populares e diferenciadas dos homens e dos mais velhos no que tange à liberdade de se conduzir devido ao fato de serem mulheres dependentes que vivem sob uma forte pressão hierárquica, observou-se, em algumas das respostas, uma demonstração de “individualização” – segundo conceito atribuído por Roudet (2005 apud CHARLOT, 2007) –, ao se mostrarem dispostas ao enfrentamento de eventuais impedimentos à sua educação.

Tanto quanto a maioria das moças, 75,8% dos rapazes admitiram que continuariam estudando, mesmo se não tivessem a aprovação dos pais, com justificativas bastante semelhantes das que foram dadas pelas mulheres: “Continuaria assim mesmo, porque minha vida vou construir com os meus conceitos e pensamentos e não através dos pensamentos dos outros”; “Não desistia. Ia lutar pelos meus objetivos, porque só obtém sucesso com luta. Nada vem fácil”; “Eu não desistiria por razão alguma de meu sonho porque quero ser independente”. Um dos rapazes demonstrou tanto essa força da individualização que chegou a afirmar: “Eu iria tentar seguir sozinho, porque sozinho eu acho que consigo”. Outra faceta a evidenciar refere-se à cultura do sertanejo que consiste em não ficar parado, um dos rapazes afirmou que sem o

apoio dos pais, “continuará estudando ou procurava um trabalho, porque ficar sem fazer nada é pior”, de modo que prevalece a ideia de sempre fazer algo útil: trabalhar ou estudar.

Perguntou-se aos jovens a causa da obstinação em continuarem estudando e foram obtidas diversas justificativas. As moças de Poço Redondo apresentaram as seguintes respostas: “A gente sem estudo não é nada, então, por isso, pediria a ajuda de outras pessoas da família para conversar com eles [os pais]”; “Porque minha vontade de estudar é maior que tudo”; “Porque sei o quanto é importante para mim”; “Estudar é de grande importância hoje em dia”; “Um dia eles se orgulhariam de mim”; “Porque se você tem um sonho e quer realizar, você precisa buscar aquilo e não ir por cabeça de ninguém”; “O que importa é minha vontade de aprender, não a deles”; “Para passar para eles que o estudo é o melhor caminho para se seguir”; “Simplesmente porque gosto de estudar”, dentre outras respostas semelhantes. Vale frisar, as respostas de duas moças, uma delas, cujo enfoque é bastante objetivo quanto à tenacidade de estudar: “Para ter um negócio próprio”; enquanto a outra esclarece que a família não quis estudar, mas ela quer, ou seja, uma espécie de pedido de respeito às individualizações.

Uma das moças, estudante em Nossa Senhora da Glória, respondeu que tem a aprovação dos parentes para estudar, pois eles também querem seu sucesso. Perguntada sobre o que faria, caso não tivesse o apoio familiar, assegurou que continuaria a estudar, pois “o desejo de conseguir é maior”. Trata-se de uma pessoa que gosta de estudar e considera que “só assim vou poder conseguir o que quero”. Mas, infelizmente, deixou a escola. No segundo levantamento feito, os colegas informaram que ela havia “desistido” de estudar. Esta autora chegou a lhe telefonar, no intuito de tentar entender a razão de sua saída, mas o número de telefone informado deu como inexistente.

6.5 REPETÊNCIA ESCOLAR

O fracasso escolar, um dos temas recorrentes dos discursos sobre a educação, representa um termo genérico para definir um conjunto de problemas objeto de lutas para diferentes atores educativos (ALVES, 2006). Na perspectiva de Charlot (2000), este não existe, existem alunos em situação de fracasso em dado momento de sua história escolar. Esse autor rejeita a reificação de uma entidade abstrata conhecida pelo nome de “fracasso escolar” e identifica duas formas de pôr em prática o fracasso com o fim de convertê-lo em um objeto de estudo. Na primeira, sob o enfoque clássico desenvolvido pela teoria da reprodução, o fracasso escolar pode ser estudado como a diferença de posições na escola ou como experiência de vida. Os estudantes em situação de fracasso ocupam diferentes posições em relação aos que possuem percursos

escolares exitosos e tais posições podem ser analisadas por indicadores como notas, reprovações etc., geralmente associados a atributos sociais específicos. Na segunda forma, o fracasso escolar é estudado na perspectiva dos atores sociais. Inscrito em uma sociologia do sujeito, este enfoque centra na subjetividade dos atores materializada na forma como vivem e falam sobre a sua experiência de fracasso e a sua relação com o saber e com a escola.

Segundo Alves (2006), as duas formas de operacionalização do fracasso escolar apresentadas por Charlot (2000) se distinguem tanto por sua afiliação teórica como pelas metodologias que apoiam a produção de conhecimento sobre este tema: uma matriz mais quantitativa, onde prevalecem os questionários e outra mais qualitativa, onde a primazia no método de recolha de dados é dada às entrevistas. Assim como no trabalho levado a cabo por Alves (2006), o enfoque metodológico adotado para a realização desta etapa do estudo sobre o sentido que os alunos conferem à escola nos leva a recorrer ao que Charlot (2000) descreve como um aproximação clássica do fracasso escolar.

Tabela 20 – Respostas dos jovens rurais do sertão sergipano, estudantes do ensino médio regular, à pergunta “Você já repetiu de ano?”, 2015

| A República de São Paulo, 2019 | | | | | | | | | | |
|--------------------------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 6 | 43,0 | 11 | 55,0 | 8 | 42,0 | 8 | 29,6 | 33 | 41,3 |
| Não | 8 | 57,0 | 9 | 45,0 | 11 | 58,0 | 19 | 70,4 | 47 | 58,8 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015. Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Inversa à pesquisa realizada para o mestrado (MENEZES, 2012), a maioria dos jovens pesquisados (58,8%) nunca ficou reprovada; contudo, 41,3% já ficaram reprovados de uma a até duas vezes durante sua vida escolar. No percentual total e para ambos os gêneros os percentuais são elevados, sendo que 55% das mulheres de Poço Redondo já foram reprovadas (Tabela 20). Entre os alunos de Poço Redondo o percentual dos que realizaram uma trajetória de sucesso escolar (50%), quer dizer, nunca experimentaram uma reprovação, é inferior àquela que se verifica entre os alunos de Nossa Senhora da Glória (65,2%), ou seja, metade dos alunos de Poço Redondo já foi reprovada, pelo menos uma vez, durante o seu percurso escolar. Esses dados podem explicar a defasagem idade/série, para ambos os municípios, apontada no quinto capítulo.

Como esta pesquisa priorizou os jovens rurais matriculados no terceiro ano do ensino médio regular, provavelmente, seja este o motivo da diferença nos percentuais entre a pesquisa desenvolvida por esta autora em seu mestrado, quando foram contemplados os dados dos alunos das três séries do ensino médio. Presume-se que, como os jovens das demais séries têm um alto

índice de evasão, por certo este o motivo de se ter um número menor de reprovados nos terceiros anos pesquisados. Porém, mesmo após cinco anos de diferença entre esta pesquisa e a de Menezes (2012), os dados sobre reprovações continuam altamente alarmantes.

6.5.1 Quantidade de reprovações

Dos jovens rurais que sofreram reprovação – 19 mulheres e 14 homens –, a maioria (66,7%) declarou que foi reprovada uma vez. Dos já reprovados, 27,3% foram duas vezes, enquanto outros jovens, embora em menor percentual, foram reprovados entre três e cinco vezes (Tabela 21). Ao comparar as duas escolas, parece que o rendimento global dos jovens rurais é superior nas escolas de Nossa Senhora da Glória, onde 65,2% nunca ficaram reprovados, proporção de 50% na escola de Poço Redondo.

Tabela 21 – Número de reprovações durante a vida escolar de jovens rurais do sertão sergipano, estudantes do ensino médio regular, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-----------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|---|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| 1 | 3 | 50,0 | 9 | 81,8 | 5 | 62,5 | 5 | 62,5 | 22 | 66,7 |
| 2 | 2 | 33,3 | 2 | 18,2 | 2 | 25,0 | 3 | 37,5 | 9 | 27,3 |
| 3 | | | | | 1 | 12,5 | | | 1 | 3,0 |
| 5 | 1 | 16,7 | | | | | | | 1 | 3,0 |
| Total | 6 | 100,0 | 11 | 100,0 | 8 | 100,0 | 8 | 100,0 | 33 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015. Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Esses percentuais e o número de reprovações não diferem muito dos percentuais apresentados por Menezes (2012) na pesquisa que realizou para o mestrado, em 2010/2011. Nesta pesquisa, vale ressaltar que 55% foi o percentual de mulheres de Poço Redondo, reprovadas de uma a duas vezes durante sua vida escolar, bastante superior aos 29,6% das alunas reprovadas em Nossa Senhora da Glória (Tabela 20). Seria conveniente analisar melhor esta situação, visto que as escolas dos dois municípios pertencem à mesma Diretoria Regional de Educação.

6.5.2 O “motivo” da reprovação

No sertão nordestino, o inverno é a época das chuvas. Como as estradas das sedes municipais a zona rural são, invariavelmente, de barro, costuma ficar difícil transitar das cidades para o interior. Dos jovens que já foram reprovados, uma parte alegou as complexidades de ir à escola durante o período chuvoso e uma jovem, assim, justificou: “Porque morava no interior

de Gararu e *era* três horas que caminhava para pegar o ônibus. Tempo de chuva ele não ia, faltava muito e perdia os assuntos das provas. Faltava muito às aulas; problemas no transporte escolar: no inverno não ia por causa da chuva”⁴⁸.

Tabela 22 – Respostas dos jovens rurais do sertão sergipano, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas, à pergunta: “Qual o motivo da reprovação ou das reprovações?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|---|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| As matérias eram difíceis | 1 | 14,3 | 1 | 6,7 | 1 | 9,1 | 2 | 20,0 | 5 | 11,6 |
| Faltava muito às aulas | 1 | 14,3 | 2 | 13,3 | 1 | 9,1 | 2 | 20,0 | 6 | 14,0 |
| Falta de capacidade minha | 1 | 14,3 | 2 | 13,3 | | | 2 | 20,0 | 5 | 11,6 |
| Má influência dos amigos | 1 | 14,3 | 2 | 13,3 | 3 | 27,3 | | | 6 | 14,0 |
| Não gostava de estudar, desinteresse | | | 3 | 20,0 | 1 | 9,1 | 1 | 10,0 | 5 | 11,6 |
| Doença | | | 4 | 26,7 | | | 2 | 20,0 | 6 | 14,0 |
| Problemas no transporte escolar | 1 | 14,3 | | | 1 | 9,1 | 1 | 10,0 | 3 | 7,0 |
| Trabalho | 1 | 14,3 | | | 3 | 27,3 | | | 4 | 9,3 |
| Professor | | | 1 | 6,7 | | | | | 1 | 2,3 |
| Sistema avaliativo | 1 | 14,3 | | | | | | | 1 | 2,3 |
| Estrutura escolar: saí do segundo ano para estudar com o quarto ano | | | | | 1 | 9,1 | | | 1 | 2,3 |
| Total | 7 | 100,0 | 15 | 100,0 | 11 | 100,0 | 10 | 100,0 | 43 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015. Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Obs.: alguns jovens pesquisados deram mais de uma resposta.

As causas principais foram as dificuldades de compreenderem as matérias, a ausência frequente, má influência dos amigos e desagrado de estudar. “Trabalho” e “má influência dos amigos” foram mais justificadas pelos rapazes, enquanto “doença”, “não gostava de estudar, desinteresse”, “faltava muito as aulas” e “falta de capacidade minha” mais pelas mulheres. Somente uma moça indicou o professor (Tabela 22).

De acordo com análise realizada por Seabra et al. (2011) em seus estudos sobre este tema, mas em outro contexto, ainda que os estudantes tenham razões subjetivas para justificar o “fracasso escolar”, de natureza cognitiva e motivacional, este é produto de características estruturais e sociais das famílias de origem. Embora reconheça que toda a teoria do fracasso escolar deva ser levada em conta e admita relações estatísticas entre a o ambiente social da criança e seu êxito ou fracasso na escola, Charlot (1996) destaca as limitações de análises macrossociológicas da reprodução, em que as classes dominadas são fadadas ao fracasso e a classe alta ao sucesso escolar, concluindo que as relações sociais estruturam a relação com o

⁴⁸ Suscitou dúvida quando a aluna informou pelo questionário que se deslocava por três horas a pé para ter acesso ao transporte escolar. Ela foi contatada por telefone e explicou que residiu na zona rural de Gararu e, nessa época, estudou na sede desse município, quando então andava por pouco mais de uma hora para ter acesso ao transporte escolar, sendo cerca de três horas a pé o tempo de ida e volta do trajeto.

saber e com a escola, mas não a determinam. Portanto, para esse autor, ainda que estatisticamente seja mais provável que alguém de classe popular fracasse nos estudos, essa relação não é de causa-efeito direto, já que há crianças do meio popular que obtêm êxito e, de outro lado, estudantes da classe média e alta que fracassam. Sugere, então, uma problemática diferente das teorias da reprodução: ter em mente que as histórias escolares são também singulares. Levar em conta essa singularidade é não somente compreender as possibilidades de casos marginais, mas entender novas formas de desigualdade social no terreno da escola, compreender o que acontece com aqueles que lutam, saber se a criança estuda e, especialmente, por que estuda, ou seja, qual o sentido que dá à escola.

6.6 O SENTIDO DE SER UM BOM ALUNO PARA OS JOVENS RURAIS

Das moças de Poço Redondo, 10% “não” se consideram boas alunas, ao passo que nenhuma moça de Nossa Senhora da Glória assim se consideram. Do total dos rapazes, cerca de 12% não se consideram bons alunos, com 21,4% dos rapazes de Poço Redondo e 5,3% dos que estudam em Nossa Senhora da Glória (Tabela 23). Na pesquisa anteriormente conduzida por Menezes (2012) apenas em Nossa Senhora da Glória, quase 20% dos homens e apenas 5,3% das mulheres em relação a seus respectivos estratos admitiram não serem bons alunos.

Tabela 23 – Respostas dos jovens rurais do sertão sergipano, estudantes do ensino médio regular, à pergunta “Você se considera um bom aluno?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-------------------------------|--------------|------|----|------|-------------------------|------|----|------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 10 | 71,5 | 13 | 65,0 | 15 | 78,8 | 25 | 92,6 | 63 | 78,8 |
| Não | 3 | 21,4 | 2 | 10,0 | 1 | 5,3 | | | 6 | 7,5 |
| Às vezes | 1 | 7,1 | 3 | 15,0 | 1 | 5,3 | | | 5 | 6,3 |
| Agora sim, antes não | | | | | | | 1 | 3,7 | 1 | 1,3 |
| Busco sempre ser um bom aluno | | | 1 | 5,0 | | | | | 1 | 1,3 |
| Mais ou menos | | | 1 | 5,0 | 1 | 5,3 | 1 | 3,7 | 3 | 3,8 |
| Não sei | | | | | 1 | 5,3 | | | 1 | 1,3 |
| Total | 14 | 100 | 20 | 100 | 19 | 100 | 27 | 100 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015. Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Neste quesito, houve uma diferença considerável nos percentuais obtidos de Poço Redondo em relação a Nossa Senhora da Glória. Quase 93% das mulheres de Nossa Senhora da Glória se consideram boas alunas, em relação a 65% das mulheres de Poço Redondo. Ademais, se a resposta “agora sim, antes não” for analisada como “sim”, o percentual das moças que se consideram boas alunas em Nossa Senhora da Glória chega a 96,3%. De outro lado, se a resposta “busco sempre ser um bom aluno” for considerada como “sim”, o percentual de boas

alunas em Poço Redondo alcança os 70%. Porém, a diferença de quase 30% entre os dois estratos nos dois municípios é considerável. Quanto aos homens, os percentuais ficaram mais próximos nos dois municípios relativamente à resposta “sim”, com 71,5% das respostas em Poço Redondo e 78,8% em Nossa Senhora da Glória (Tabela 23).

Os jovens que não se consideram bons alunos alegaram que é “Porque não dou o melhor de mim às vezes”; “Porque nem sempre faço o que é dever do aluno”; “Porque não participo das aulas”; “Se eu fosse um bom aluno já estaria cursando minha faculdade”; “Porque, às vezes, não me interesso nas aulas” e “Porque não tiro notas boas”. Os jovens que responderam “mais ou menos” e “às vezes”, acrescentaram “Sou esforçado”; “Pois tem vezes que o assunto é chato e não me interesso. Mas isso é raro acontecer”; “Porque tenho dificuldade em algumas matérias” (respostas dos homens); “Porque trabalho e venho para o colégio com sono e fico cochilando nas últimas aulas”; “Não é todo dia que a gente está com disposição para estudar”; “Nem todo dia estou disposta a fazer os deveres, trabalhos etc.” e “Talvez a preguiça e a televisão que me tomam o tempo que era para estar estudando” (respostas das mulheres).

A moça que respondeu “agora sim, antes não”, em sua justificativa, apresentou sua passagem da condição infantil para a juvenil: “Antes eu tinha pensamentos de criança, ou seja, não pensava em nada”.

Tabela 24 – O sentido de ser um bom aluno para os jovens rurais do sertão sergipano, estudantes do ensino médio regular, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|---|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Esforçado, dedicado, interessado, busca aprender | | | 3 | 20,0 | 5 | 20,8 | 4 | 10,0 | 12 | 13,2 |
| Boas notas, bom rendimento, preocupado com notas | 3 | 25,0 | | | 4 | 16,7 | 5 | 12,5 | 12 | 13,2 |
| Faz atividades, os trabalhos, pesquisa, cumpre obrigações | 1 | 8,3 | 2 | 13,4 | 3 | 12,5 | 5 | 12,5 | 11 | 12,1 |
| Atento | 3 | 25,0 | 1 | 6,7 | 2 | 8,3 | 4 | 10,0 | 10 | 11,0 |
| Interage, participa | 1 | 8,3 | 1 | 6,7 | 4 | 16,7 | 4 | 10,0 | 10 | 11,0 |
| Estudioso, estuda para as provas, gosta de estudar, lê | | | 2 | 13,3 | 2 | 8,3 | 5 | 12,5 | 9 | 9,9 |
| Assíduo, pontual | 1 | 8,3 | 1 | 6,7 | 2 | 8,3 | 3 | 7,5 | 7 | 7,7 |
| Bem comportado e educado, não dá trabalho | 2 | 16,7 | 1 | 6,7 | | | 3 | 7,5 | 6 | 6,6 |
| Respeitador | | | 3 | 20,0 | | | 2 | 5,0 | 5 | 5,5 |
| Nunca é reprovado | | | | | 2 | 8,3 | 2 | 5,0 | 4 | 4,4 |
| Aprende facilmente, inteligente | 1 | 8,3 | | | | | | | 1 | 1,1 |
| Não fica de recuperação | | | | | | | 1 | 2,5 | 1 | 1,1 |
| Os professores gostam, elogiam | | | | | | | 1 | 2,5 | 1 | 1,1 |
| Gosta dos professores | | | 1 | 6,7 | | | | | 1 | 1,1 |
| Benefícios do governo | | | | | | | 1 | 2,5 | 1 | 1,1 |
| Total | 12 | 100,0 | 15 | 100,0 | 24 | 100,0 | 40 | 100,0 | 91 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015. Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Obs.: alguns jovens pesquisados deram mais de uma resposta.

Diferentemente da pesquisa conduzida por Menezes (2012), quando os jovens enfatizaram três aspectos: que “sentem dificuldades”, que “não são inteligentes” e que “não se esforçam e não prestam atenção”; nesta pesquisa enfatizaram que não se esforçam, não participam das aulas, não se interessam pelas aulas e que não tiram boas notas. Mas, se as respostas “mais ou menos” e “às vezes” forem consideradas, apenas que não são inteligentes não foi evidenciada nesta pesquisa. Ainda na pesquisa conduzida por esta autora em seu mestrado, quase 90% dos jovens rurais pesquisados se consideravam bons alunos (MENEZES, 2012); nesta pesquisa, o percentual caiu⁴⁹ para 78,8%, com 76% dos homens e 81% das mulheres (Tabela 23). Para esses jovens, qual o sentido de ser um bom aluno? (Tabela 24).

Parafraseando os depoimentos obtidos dos rapazes que estudam em Nossa Senhora da Glória, bom aluno é aquele que se dedica dentro e fora da aula e sempre tira boas notas; gosta de estudar; não falta às aulas; presta atenção quando os professores falam e tira dúvidas; consegue boas aprovações; “nunca reprova”; segue as regras e, ao mesmo tempo, faz o que gosta; não perde aula; faz as atividades; obtém boas notas; cumpre com suas obrigações escolares; “além de notas boas, participa muito nas aulas, gosta de discutir temas e assuntos com os professores”; vai à escola para estudar com interesse, dedicando-se aos estudos e se preocupando quando tira notas baixas em algumas provas. As moças que estudam no mesmo município reiteraram que bom aluno é aquele que sempre tira ótimas notas; até mesmo tira notas razoáveis; responde os deveres; faz todos os trabalhos, é comportado; sempre participa das aulas; não dá trabalho aos professores; nunca foi reprovado e nem ficou em recuperação; só falta a escola por dois motivos: doença e quando o transporte não vai buscar; estuda porque gosta e não forçado; por deixar o filho em casa ir à escola estudar e não desistir; não falta com respeito aos professores e colegas; dá o melhor de si em todas as aulas; tem sempre um tempo para ler e estudar em casa.

Considerou-se oportuno apresentar alguns resultados referentes aos termos mais mencionados pelos jovens por meio de *tags* em nuvens representando a quantidade pelo tamanho das palavras. A ideia do uso de *tags* neste trabalho surgiu devido ao uso das *hashtags* nas redes sociais⁵⁰. Além destas e, até mesmo anteriores a elas, em sítios eletrônicos e blogs, as *tags* são usadas para agrupar e organizar informações, mensagens e postagens que tratam de

⁴⁹ O percentual total ficou nesse patamar por causa da maior frequência de jovens de Poço Redondo que não se consideram bons alunos.

⁵⁰ Expressões usadas pelos usuários das redes sociais, sendo precedidas do símbolo #. Desse modo, são direcionadas a um espaço comum no qual usuários de redes sociais poderão, se assim desejarem, conferir o que se diz sobre determinado assunto relacionado a uma *hashtag*.

aula; participa das aulas e, em caso de falta, tenta recompensar; não faz bagunça em sala de aula; tem bom rendimento na sala de aula e na escola aprende bem. Já para as moças do mesmo município, dentre outras respostas, bom aluno é aquele que se esforça; faz tudo certo; é pontual; não dá motivo para os professores não gostarem dele; se vai à escola é para aprender e respeitar a todos; gosta da aula e dos professores.

Observa-se, desse modo, que os jovens que se consideram bons alunos apresentaram vários sentidos correspondentes, contudo, apenas em 4,4% das respostas, o bom aluno é apresentado como aquele que “nunca foi reprovado”. Os jovens rurais pesquisados que se consideram bons alunos, em suas justificativas, priorizam “ser esforçado e dedicado”, de acordo com 13,2% das respostas, conforme pode ser observado no posicionamento de uma moça: “Mesmo que eu não goste de estudar, eu me esforço para conseguir ser aprovada”, corroborando em parte os resultados da pesquisa de mestrado de Menezes (2012). Também em 13,2% das respostas, o significado de ser um bom aluno consiste em obter boas notas e ter um bom rendimento, em relação a 10,3% da referida pesquisa de mestrado. “Bom comportamento”, que na pesquisa de mestrado desta autora esteve mais presente nas respostas, nesta pesquisa cai de posição e obteve 6,6%. Mas ser bem comportado surge em algumas respostas, como “Porque faço todos os trabalhos, não falto muito às aulas, *tiro notas razoáveis* e sou comportada”, ou seja, mesmo obtendo notas apenas aceitáveis, considera-se boa aluna por ter bom comportamento. Já um rapaz que aos 24 anos encontra-se no terceiro ano do ensino médio por ter sido reprovado cinco vezes durante sua vida escolar, considera-se bom aluno porque “*não bagunça* em sala de aula”. Assim, esses alunos construíram suas trajetórias até completarem o ciclo básico de ensino.

6.7 AS MATÉRIAS DE QUE MAIS GOSTAM

Em relação às disciplinas do terceiro ano do ensino médio, perguntou-se aos sujeitos da pesquisa qual sua posição sobre cada uma delas, ou seja, se gostavam ou se não gostavam. Indagou-se, então, qual as matérias de que mais gostam, com o objetivo de verificar a ocorrência da primazia naquelas voltadas para a natureza e o mundo rural e se teria, de alguma forma, relação com o local onde vivem. Franqueada aos jovens a possibilidade de darem mais de uma resposta, alguns assim procederam. As disciplinas mais mencionadas foram educação física (8,1%), espanhol (7,5%), biologia (7,5%), história (7,4%) e geografia (7,4%) (Tabela 25).

Tabela 25 – As disciplinas do terceiro ano que os jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, mais gostam, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-----------------|--------------|-------|-----|-------|-------------------------|-------|-----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Educação física | 14 | 8,0 | 19 | 8,1 | 17 | 7,9 | 26 | 8,3 | 76 | 8,1 |
| Espanhol | 14 | 8,0 | 16 | 6,8 | 16 | 7,4 | 24 | 7,7 | 70 | 7,5 |
| Biologia | 13 | 7,4 | 16 | 6,8 | 17 | 7,9 | 24 | 7,7 | 70 | 7,5 |
| História | 13 | 7,4 | 16 | 6,8 | 17 | 7,9 | 23 | 7,4 | 69 | 7,4 |
| Geografia | 13 | 7,4 | 16 | 6,8 | 18 | 8,4 | 22 | 7,1 | 69 | 7,4 |
| Português | 11 | 6,3 | 16 | 6,8 | 15 | 7,0 | 24 | 7,7 | 66 | 7,0 |
| Sociologia | 13 | 7,4 | 17 | 7,2 | 15 | 7,0 | 21 | 6,7 | 66 | 7,0 |
| Filosofia | 13 | 7,4 | 17 | 7,2 | 13 | 6,0 | 22 | 7,1 | 65 | 6,9 |
| Artes | 11 | 6,3 | 17 | 7,2 | 13 | 6,0 | 22 | 7,1 | 63 | 6,7 |
| Literatura | 10 | 5,7 | 14 | 6,0 | 12 | 5,6 | 25 | 8,0 | 61 | 6,5 |
| Redação | 10 | 5,7 | 13 | 5,5 | 13 | 6,0 | 22 | 7,1 | 58 | 6,2 |
| Inglês | 12 | 6,9 | 17 | 7,2 | 13 | 6,0 | 16 | 5,1 | 58 | 6,2 |
| Matemática | 10 | 5,7 | 15 | 6,4 | 16 | 7,4 | 15 | 4,8 | 56 | 6,0 |
| Física | 10 | 5,7 | 12 | 5,1 | 12 | 5,6 | 13 | 4,2 | 47 | 5,0 |
| Química | 8 | 4,6 | 14 | 6,0 | 8 | 3,7 | 13 | 4,2 | 43 | 4,6 |
| Total | 175 | 100,0 | 235 | 100,0 | 215 | 100,0 | 312 | 100,0 | 937 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015. Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Obs.: alguns jovens pesquisados deram mais de uma resposta.

Na pesquisa realizada para o mestrado, as disciplinas mais mencionadas haviam sido história (15,9%), matemática (14,8%), português (13,2%), biologia (11,5%) e geografia (11%) (MENEZES, 2012). A diferença nos percentuais decorre do fato de que, na pesquisa anterior, a pergunta foi aberta e os jovens não responderam sobre todas as disciplinas; desta vez, a questão foi fechada, assim os jovens tiveram oportunidade de escolher mais disciplinas e a quantidade de respostas ficou mais distribuída, mas o que vale mesmo é a classificação que, de certo modo, pelo menos nos quatro primeiros lugares, matemática, português e inglês perderam posições e não figuram entre as disciplina mais queridas e citadas.

Desta vez, chamou muito a atenção o gosto dos jovens rurais por educação física e por uma língua estrangeira. A educação física propicia o lúdico em um espaço, o meio rural, em que há deficiência de jogos e brincadeiras em quadras de esporte, de modo que a disciplina preenche essa lacuna na vida dos jovens. No caso dos homens de Poço Redondo, educação física e espanhol atingiram a unanimidade. Se os percentuais forem calculados sobre o número de alunos e não sobre a frequência de respostas, para os rapazes de Poço Redondo, educação física e espanhol fechariam em 100% no agrado.

6.8 MATÉRIAS DE QUE NÃO GOSTAM

Ainda com o fim de conhecer um pouco mais do universo de sentido(s) dos jovens rurais pesquisados, formulou-se uma pergunta inversa à anterior: se existia alguma matéria ou

matérias das quais não gostam. Os 80 jovens rurais que compõem esta investigação deram, no total, 257 respostas sobre quais seriam, sendo 100 respostas dos rapazes e 157 respostas das moças, nos dois municípios pesquisados; portanto, isso significa que alguns escolheram mais de uma disciplina (Tabela 26).

Na pesquisa realizada para o mestrado, a matemática ficou em primeiro lugar como a matéria que os jovens menos gostam, com 45,3% do total de respostas, sendo que os homens representaram quase 36% do total das respostas de seu estrato e o percentual de respostas das mulheres alcançou 48,6% (MENEZES, 2012). Nesta pesquisa, embora a matemática tenha alcançado o terceiro lugar na classificação, foi a química que ficou em primeiro lugar como a disciplina de que os jovens menos gostam, com 13,6% das respostas, sendo 15% das respostas dos homens e 12,7% das respostas das mulheres. Vale notar que a química obteve percentual mais baixo entre as mulheres que estudam em Poço Redondo, confirmando que a sua rejeição nesse estrato não é tão elevada, sobretudo se comparada às demais matérias. Por exemplo, para essas jovens, física e redação alcançaram percentuais mais altos.

As cinco matérias que os jovens pesquisados não gostam são química (13,6%), com percentual mais elevado nas respostas dos rapazes de Poço Redondo (19,4%) e das moças de Nossa Senhora da Glória (15,1%); física (12,1%), com percentuais mais elevados nas respostas dos rapazes (12,9%) e moças (10,9%) de Poço Redondo e das moças de Nossa Senhora da Glória (16,1%); matemática, com 10,1% das respostas; redação, com 8,9% do total de respostas e inglês, que obteve 7,8% das respostas (Tabela 26).

Tabela 26 – As disciplinas do terceiro ano que os jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, menos gostam, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-----------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Química | 6 | 19,4 | 6 | 9,4 | 9 | 13,0 | 14 | 15,1 | 35 | 13,6 |
| Física | 4 | 12,9 | 7 | 10,9 | 5 | 7,2 | 15 | 16,1 | 31 | 12,1 |
| Matemática | 4 | 12,9 | 5 | 7,8 | 5 | 7,2 | 12 | 12,9 | 26 | 10,1 |
| Redação | 3 | 9,7 | 7 | 10,9 | 7 | 10,1 | 6 | 6,5 | 23 | 8,9 |
| Inglês | 2 | 6,5 | 3 | 4,7 | 5 | 7,2 | 10 | 10,8 | 20 | 7,8 |
| Literatura | 3 | 9,7 | 6 | 9,4 | 6 | 8,7 | 3 | 3,2 | 18 | 7,0 |
| Artes | 1 | 3,2 | 3 | 4,7 | 6 | 8,7 | 5 | 5,4 | 15 | 5,8 |
| Filosofia | 1 | 3,2 | 4 | 6,3 | 6 | 8,7 | 4 | 4,3 | 15 | 5,8 |
| Português | 3 | 9,7 | 4 | 6,3 | 4 | 5,8 | 3 | 3,2 | 14 | 5,4 |
| Sociologia | 1 | 3,2 | 2 | 3,1 | 4 | 5,8 | 6 | 6,5 | 13 | 5,1 |
| Biologia | 1 | 3,2 | 4 | 6,3 | 4 | 5,8 | 3 | 3,2 | 12 | 4,7 |
| História | 1 | 3,2 | 5 | 7,8 | 2 | 2,9 | 4 | 4,3 | 12 | 4,7 |
| Geografia | 1 | 3,2 | 3 | 4,7 | 1 | 1,4 | 5 | 5,4 | 10 | 3,9 |
| Espanhol | | | 3 | 4,7 | 3 | 4,3 | 2 | 2,2 | 8 | 3,1 |
| Educação física | | | 2 | 3,1 | 2 | 2,9 | 1 | 1,1 | 5 | 1,9 |
| Total | 31 | 100,0 | 64 | 100,0 | 69 | 100,0 | 93 | 100,0 | 257 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015. Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Obs.: alguns jovens pesquisados deram mais de uma resposta.

6.9 A “ESCOLHA” PELO ENSINO MÉDIO REGULAR

Na região desta pesquisa, há pelo menos mais duas opções de ensino médio, além do regular: em um povoado de Poço Redondo há uma escola que oferta cursos técnicos em agropecuária e agroindústria, já em Nossa Senhora da Glória, há uma unidade do Instituto Federal de Educação que oferece cursos de agroindústria e agroecologia. Perguntou-se aos alunos por que optaram pelo ensino médio regular e não por cursos técnicos e agrotécnicos com a intenção de entender o motivo da “escolha” pelo ensino regular, termo utilizado entre aspas ao se reportar a Giddens (1997) quando, voltado à ordem pós-tradicional, distingue *escolhas* e *decisões*, porquanto, aquele que toma as decisões, e como, é fundamentalmente uma questão de poder, já que decisão implica escolha de alguém. Entretanto, as escolhas, mesmo as das classes mais desfavorecidas, sempre sofrem alguma refração das relações preexistentes, por isso, a abertura da vida social à tomada de decisão não deve ser identificada com o pluralismo, pois também é um meio de poder e estratificação. Em face disso, inicia-se esta análise questionando se os jovens escolheram a escola de ensino médio regular, se houve possibilidade de decisão e se a liberdade de escolha veio acompanhada das condições materiais para tanto.

No caso dos jovens que estudam em Nossa Senhora da Glória, os rapazes deram as seguintes justificativas ao fato de cursarem o ensino médio regular: dois afirmaram que não se identificam com o tipo de ensino técnico ou agrotécnico, três se reportaram à preparação para concursos e vestibular proporcionado pelo ensino regular que atenderia seus objetivos, “Porque essa escola prepara melhor o aluno para uma faculdade”. A qualidade da escola onde estudam, bem como do ensino e do corpo docente foi mencionada por seis alunos em respostas como: “Porque eu acho que aqui os professores ensinam bem e eu tenho mais facilidade de aprender”; “Porque desde que eu comecei a estudar na cidade as pessoas falavam que essa escola é a melhor”; “Porque o colégio é muito conhecido na região pelo seu alto índice de aprovação em concursos e vestibulares, e que tem ótimos professores”, exaltando a qualidade dos professores da escola e o sentido propedêutico do ensino, quer dizer, o preparo do estudante para ingresso no nível superior. Um dos jovens pesquisados defendeu que, independentemente do tipo de instituição, o que importa mesmo é o aluno querer estudar; enquanto outro explicou que primeiro fará o ensino regular para depois escolher outros cursos. Um jovem ponderou sobre a escolha: “Talvez por falta de saber qual o melhor a seguir”, enquanto outro, na verdade, não conseguiu entrar em outra modalidade de ensino: “Não me deram oportunidade, porque eu queria entrar”, certamente se referindo a ingressar no Instituto Federal de Educação. Por sua vez, dois alunos consideram o ensino médio regular a única opção, principalmente para os

alunos que estudam à noite, devido aos horários das demais instituições e a dificuldade de transporte escolar para conduzi-los, conforme exposto nos depoimentos: “Escolhi esta escola porque a maioria dos alunos do interior que estudam à noite estudam nessa escola” e “Pois era a única opção de ensino naquele momento”.

As moças que estudam no município em questão não se diferenciaram muito dos rapazes em suas respostas. Dentre as justificativas, afirmaram que estudam no ensino médio regular por considerarem-no a melhor modalidade de ensino; duas acreditam aprender mais nessa modalidade; treze alunas alegaram a qualidade da escola, com um bom ensino: “Porque essa escola conta com ótimos educadores” e “Porque sempre tive boas referências sobre ela, por manter um ensino de qualidade e visar o desenvolvimento educacional dos alunos”. Duas alunas também se reportaram à preparação que o ensino médio regular oferece para o ingresso no ensino superior. Uma afirmou que não quer a formação em “coisas da terra”; outra que não se identifica com ensinos técnico e agrotécnico: “Porque não quero trabalhar com coisas da terra e sim ser professora de biologia”. Outra informou ter falta de interesse no ensino integral, ou seja, o dia todo na escola, “Mas sim parte do dia ou no noturno”. Quatro moças, porém, comentaram sobre a falta de conhecimento a respeito de outras modalidades de ensino, bem como de *oportunidade* devido à insuficiência de vagas: “Porque o ensino técnico e agrotécnico é um pouco desvalorizado na região, pois não tem vagas suficientes” e “O ensino técnico ou agrotécnico é para poucos”. Por fim, três moças se reportaram à questão do transporte escolar, mais disponível no ensino regular: “Porque como eu moro no interior eu venho de ônibus e lá só passa ônibus no horário da tarde”.

Dos rapazes de Poço Redondo, três mencionaram a proximidade da escola onde já estudam na cidade, enquanto outros três apontaram a escola como a única opção, ou da falta de outras opções. Outro lembrou a greve na escola agrotécnica justamente quando saiu do nono ano do ensino fundamental, de modo que preferiu logo ingressar na escola média regular para não ficar parado. Dois consideram o ensino regular melhor; um alegou dificuldade de ir para a outra escola; um jovem se sentiu em dúvida: “Não estava muito certo do que ia querer exatamente” e um pensou que o ensino em agropecuária seria mais difícil.

Seis moças enfatizaram a proximidade da escola onde estudam: “Porque é o lugar mais próximo de onde eu moro e não tenho como ir para uma escola mais longe”; enquanto quatro revelaram ser essa a única opção: “Porque não tive *escolha*” (grifos nossos); “Porque era a *única opção* porque aqui na cidade e também moro no povoado” (grifos nossos); “Porque aqui só tem essa escola para estudar o ensino médio” e “Quando eu terminei o 9º ano não tinha começado as aulas e eu não queria perder um ano. Eu sei que aqui também terei oportunidades”.

De outro lado, uma moça afirmou que *foi sua opção* cursar o ensino médio regular; duas consideram que o ensino regular é melhor; uma observou que não se interessa por agricultura nem por pecuária; duas relacionaram à escolha ao transporte escolar.

Com base em Certeau (2014), conhecer as práticas cotidianas⁵¹ dos alunos é importante para a educação por não se ater somente às estatísticas, mas pesquisar a vida de todos os dias. Observa que a enquete estatística só encontra o homogêneo, ao passo que ficam de fora os *patchworks* do cotidiano composto por histórias e operações heterogêneas. Nas respostas dos alunos, pode-se observar, no que se refere ao fato de se ir para uma escola ou outra, como os jovens se comportam em suas diferentes realidades. Nesse cotidiano heterogêneo, das possibilidades que surgem os jovens vão construindo suas trajetórias a partir de táticas, das astúcias, das artes da vida.

As táticas são entendidas por Certeau (2014) como movimentos feitos no campo do inimigo e por ele controlado. Para o autor, na tática não há um projeto maior, global, pois, ao contrário, ela opera lance por lance, aproveita-se e depende de certas situações, de modo que não prevê saídas. De um lado a tática permite mobilidade; mas, de outro, fica à mercê dos acasos do tempo. Por isso é também astúcia porque, a depender da vigilância, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo poderão ser surpreendentemente utilizadas.

Na resposta a seguir de uma aluna, percebe-se a preocupação com sua inserção no mundo do trabalho, embora não haja uma estratégia, há uma tática na escolha da escola de ensino médio regular ao invés do ensino técnico ou agrotécnico: “Acho esse mais vantajoso, pois os que estudavam no técnico ou agrotécnico disseram que ao terminar eles não tinham tantas oportunidades de seguir trabalhando”. Há, na visão da jovem, uma contradição, pois remete à discussão sobre que modalidades como os ensinos técnico e agrotécnico preparam o aluno para o mercado de trabalho, ao passo que o ensino médio regular é propedêutico. Remete ainda para a discussão sobre a qualificação, questão a ser apresentada na sequência.

6.10 ENSINO MÉDIO E “QUALIFICAÇÃO”

Esta seção é aberta com a constatação de um rapaz, de 17 anos, aluno do terceiro ano do ensino médio regular em uma das escolas de Nossa Senhora da Glória: “Não são muitos jovens que conseguem chegar até onde eu cheguei”. Assim como os jovens são vistos como

⁵¹ Cotidiano, para Certeau (2014), é o que nos é dado a cada dia ou nos cabe em partilha.

peessoas em transição para a fase adulta, preparando-se para o mundo do trabalho e a constituição de uma família, o ensino médio é tido como a passagem do ensino fundamental para o superior, a modalidade de ensino que prepara os jovens para a aprovação no vestibular ou ENEM. Enquanto o ensino fundamental fornece toda a “base”, o médio regular é uma fase de transição, tanto que, às vezes, os jovens não vão à escola para aprender, mas para pegar dicas para o vestibular, para decorar fórmulas ou aprender matérias que não fazem o menor sentido para eles, a não ser o sentido de prosseguir nos estudos. No entanto, o presente estudo refere-se a jovens rurais no ensino médio e, já que nem todos prestarão o vestibular ou ENEM, em que medida consideram que o ensino médio os “qualificou”?

Tabela 27 – Respostas dos jovens rurais do sertão sergipano, estudantes do ensino médio regular, à pergunta “Estudar até o ensino médio o(a) qualificou?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-------------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 9 | 64,3 | 17 | 85,0 | 14 | 73,7 | 22 | 81,5 | 6 | 77,5 |
| Não | 4 | 28,6 | 2 | 10,0 | 3 | 15,8 | 5 | 18,5 | 14 | 17,5 |
| Não completamente | 1 | 7,1 | | | 1 | 5,3 | | | 2 | 2,5 |
| Sim e não | | | | | 1 | 5,3 | | | 1 | 1,3 |
| Não respondeu | | | 1 | 5,0 | | | | | 1 | 1,3 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015. Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Mais do que os rapazes, as moças, com percentual total de 83%, acreditam que o ensino médio as qualificou. Analisando-se por município, 85% das moças de Poço Redondo e 81,5% das de Nossa Senhora da Glória responderam afirmativamente. Os rapazes foram mais refratários à ideia de terem se qualificado com o ensino médio e os percentuais oscilaram entre 64,3%, no caso daqueles que estudam em Poço Redondo a 73,7%, para os que estudam no município de Nossa Senhora da Glória (Tabela 27).

O que é qualificar e como surge essa ideia da qualificação? Se fosse perguntado a um jovem matriculado no curso técnico em laticínios em que esse curso o qualificou, possivelmente diria que para fazer queijos, iogurtes e outros derivados do leite, ou para ser um queijeiro, um consultor em laticínios, quer dizer, para o saber fazer, para algo no sentido mais prático. Portanto, entende-se que qualificada é aquela pessoa habilitada, capaz de emitir opiniões, de avaliar, de classificar.

Dos 80 jovens rurais que compõem esta pesquisa, 77,5% consideram que estudar até o ensino médio os qualificou; mas, quando perguntados em quê, as respostas mais frequentes foram aprender e conhecimento, ou seja, não surgiram respostas com sentido prático que,

certamente, cursos mais técnicos possibilitariam. Se forem somadas as respostas sobre “conhecimento” e “aprender”, o percentual chega a quase 42%.

A preparação visando a inserção no mercado de trabalho e o ingresso no nível superior, ou seja, questões que têm a ver com o futuro, também foram bastante abordadas, sendo que, chama-se a atenção para o fato de que os jovens estudantes em Nossa Senhora da Glória, sobretudo as mulheres, enfatizaram mais essas questões, sem dúvida, por estudarem em um dos colégios considerados de excelência na região, voltado para a preparação do Enem.

Todavia, 21,3% dos jovens pesquisados consideram que o ensino médio não os qualificou plenamente, sendo que 17% responderam “não”, 2,5% responderam “não totalmente” e 1,3%, especificamente um rapaz, respondeu “sim e não”, ou seja, 3,8% dos sujeitos pesquisados, consideram que houve um meio termo na qualificação proporcionada pelo ensino médio. Tal como os que responderam “sim”, mas de outra forma, também alegam questões relacionadas a “aprender” e preparação para o mercado de trabalho, como as respostas obtidas na pesquisa realizada em escola de Poço Redondo: “Quero estudar mais”; “Às vezes não aprendemos o suficiente” (rapazes) e “É preciso se aprofundar mais, só esse não nos qualifica” e “Porque ainda não estou trabalhando” (moças).

Tabela 28 – Em que o ensino médio regular qualificou jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, apenas os que responderam sim, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|--|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Aprender, aprender coisas que não sabia, aprender coisas novas | 2 | 22,2 | 9 | 50,0 | 5 | 31,3 | 2 | 8,3 | 18 | 26,9 |
| Conhecimento, conhecimentos novos | 2 | 22,2 | 4 | 22,2 | 3 | 18,8 | 1 | 4,2 | 10 | 14,9 |
| Preparação para o mercado de trabalho, ter uma profissão | 2 | 22,2 | 1 | 5,6 | 2 | 12,5 | 4 | 16,7 | 9 | 13,4 |
| Preparação para ingressar no ensino superior | | | | | 1 | 6,3 | 7 | 29,2 | 8 | 11,9 |
| Evolução, ficou mais inteligente, melhor aluno | 2 | 22,2 | | | 2 | 12,5 | 3 | 12,5 | 7 | 10,4 |
| Futuro, futuro melhor, objetivos | | | 4 | 22,2 | 1 | 6,3 | 1 | 4,2 | 6 | 9,0 |
| Não respondeu | 1 | 11,1 | | | 2 | 12,5 | 3 | 12,5 | 6 | 9,0 |
| Outros | | | | | | | 3 | 12,5 | 3 | 4,5 |
| Total | 9 | 100,0 | 18 | 100,0 | 16 | 100,0 | 24 | 100,0 | 67 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Obs.: alguns jovens pesquisados deram mais de uma resposta.

Dos jovens estudantes em escolas de Nossa Senhora da Glória, as seguintes justificativas podem ser arroladas: “Porque quero me formar em administração”; “Porque não terminei e não ingressei em uma faculdade” e “Porque só com o ensino médio não podemos ter uma boa

qualificação”, respostas de rapazes que enfatizam a incompletude da qualificação dada no ensino médio, visto que pretendem continuar no ensino superior.

Dos rapazes que responderam “não completamente” e “sim e não”, pode-se registrar com o devido destaque uma colocação muito bem escrita por um rapaz, filho de produtores rurais, morador em Nossa Senhora da Glória: “Na parte dos estudos sim e muito, olhando pelo lado de algum tipo de emprego específico ou maiores chances de ingressar em uma universidade. Mas atualmente, na forma que vivo na zona rural, não, pois para fazer os trabalhos que faço não é preciso qualificação”.

Para continuar arando e tombando a terra, os agricultores, muitas vezes, produzem sem consciência total do que estão fazendo, ou seja, o conhecimento do que acontece no solo quando é revolvido, bem como o que se dá com a plantação que semeou. Os agricultores podem fazer e não saber explicar a base científica de como aquela atividade de tombar a terra⁵² atua no solo, que compreende inúmeros fenômenos físicos, químicos e biológicos, como a interação com a meteorologia, entender o que se está manejando e ter o real entendimento do que fazem, pois, muitas vezes, o trabalho é feito mecanicamente. Assim como um motorista que dirige um ônibus sem saber as forças mecânicas envolvidas para seu movimento, sem nem ao menos lembrar que está queimando combustível fóssil e muito menos saber todo o processo até chegar ao tanque de combustível, depreende-se que o jovem quis dizer que o conhecimento adquirido durante o ensino médio não é útil para entender a forma como ele vive no meio rural e, portanto, para isso, o ensino médio não o qualificou.

Para finalizar esta questão, as respostas das moças que estudam em escolas de Nossa Senhora da Glória que responderam “não” deram peso a essa questão, com respostas do tipo: “Porque o ensino médio é só uma base. *Qualificar é na faculdade*” (grifos nossos); “Melhora a forma de ver as coisas, mas o importante é fazer o nível superior e me qualificar na área que eu escolher” e “Pois as empresas de trabalho estão mais interessadas em quem tem curso de informática, aí fica difícil de se empregar”. Por fim, uma jovem considerou que o ensino médio regular “Só concluiu meus estudos, porém não me qualificou”. Dos jovens de Poço Redondo que responderam “não”, as justificativas foram: “Porque tem que continuar estudando para alcançar um objetivo, como se formar”; “É preciso se aprofundar mais, só esse não nos qualifica”; “*Não aprendi nada* (grifos nossos)” (rapazes); “Porque ainda não estou trabalhando” e “Quero estudar mais” (moças).

⁵² Tombar a terra: termo regional que significa arar a terra.

De acordo com o mapa do debate acadêmico brasileiro sobre a juventude rural realizado por Weisheimer (2005), algumas pesquisas evidenciam a não aproximação entre as necessidades específicas dos jovens rurais e sua escolarização, que segue o paradigma das sociedades industriais urbanas, distanciando-se do cotidiano rural e das atividades voltadas para a agricultura. Ao contrário, os jovens rurais que frequentam a escola urbana são introduzidos em um modo cultural próprio das cidades, ao invés de terem acesso a programas que aportem conhecimentos e técnicas que venham a ser aplicados nas atividades agrícolas e ou agroindustriais.

Conforme Campolin (2000), seria fundamental que os jovens filhos de produtores familiares fossem valorizados pelo conhecimento dos saberes tradicionais e locais que, desde crianças, aprendem com os mais velhos, mas, ao frequentar a escola urbana, são “privados de uma educação que considere a especificidade de sua cultura e os saberes próprios do meio rural” (CAMPOLIN, 2000, p. 6) e, portanto, ficam “despreparados, tanto para continuar no campo, quanto para a complexa vida nas cidades” (CAMPOLIN, 2000, p. 6). Essa autora observa que as atividades agrícolas possibilitam a construção de saberes que, atrelados ao saber escolar, maximizariam os recursos disponíveis e garantiriam melhor reprodução na agricultura familiar, pois os jovens rurais teriam acesso ao conhecimento recebido dos pais, principalmente os relativos à natureza e sua interferência no trabalho da terra, bem como a novos conhecimentos adquiridos em outros espaços, incluída a escola.

Em outros estudos levantados por Weisheimer (2005), discute-se que durante o processo educacional os jovens rurais, filhos de agricultores familiares, poderiam ser capacitados e formados para que por meio de seus conhecimentos contribuíssem para o desenvolvimento social e econômico de sua região e, como consequência, possivelmente se mostrariam mais dispostos a continuar trabalhando no campo, fortalecendo suas identidades como agricultores familiares ou como empreendedores rurais. Todavia, a escola urbana prioriza uma formação que tem preparado a juventude rural para sair do campo. Embora seja verdade, não se restringe a isso, fato comprovado nas falas de alguns jovens desta pesquisa que, textualmente, afirmaram o desejo de não permanecer no campo e não escolheram deliberadamente o ensino técnico.

Em uma das coletas de dados realizadas em Poço Redondo, isso ficou bastante evidenciado por um dos participantes. Perguntados sobre se teriam alguma sugestão para políticas públicas voltadas aos jovens da região, um jovem respondeu “Uma faculdade no campo”. A partir dessa resposta, retrucou-se que em Nossa Senhora da Glória há um *campus* universitário da UFS que oferta quatro cursos, mas o jovem, por sua vez, argumentou “Mas lá é longe. Muito! Não dá para ir pra lá todo dia”.

De fato, 57,5 km separam os dois municípios e, levando-se em consideração que essa é uma região mal servida de transporte público, o *campus* da Universidade do Sertão não se torna tão acessível a todos os jovens do lugar. Assim, teoricamente aderindo à sugestão do jovem, questionou-se: “Então uma faculdade no campo... Faculdade de quê? De tudo ou de alguma coisa específica relacionada ao campo?” e o jovem respondeu: “Não, de tudo”.

Com base nos dados coletados para esta pesquisa por meio do questionário, não se observou o jovem rural muito interessado nos quatro cursos ofertados no *campus* da UFS do Sertão. O referido *campus* foi inaugurado em 2015 e, inicialmente, oferta agronomia, medicina veterinária, zootecnia e agroindústria, sendo que estes dois últimos cursos sequer foram mencionados pelos jovens desta pesquisa quando perguntados que profissão gostariam de ter. Pode ser que o interesse aumente com o passar do tempo, mas, a partir do diálogo que se desenvolveu com um aluno no grupo focal 5, em Poço Redondo, constata-se que nem todos os jovens rurais da região têm interesse em cursos voltados para a agropecuária.

H-n.1(GF5): Eu quero ser médico, advogado, juiz, não quero mexer com vaca. Pesquisadora: O sertanejo não quer mexer com isso? H-n.1(GF5): Não... não que nós não *quer* [sic] mexer com isso é que só é *botado* para nós isso. Dificilmente tem uma faculdade no sertão que seja para outra coisa. [Aqui há um] colégio que faz o curso de técnico em agropecuária, se tivesse oportunidade de fazer um curso melhor... Pesquisadora: Curso melhor em que sentido? H-n.1(GF5): Recebe mais, melhor salário. Porque aqui só é *imposto* [sic] esses cursos... Zootecnia... Como se o sertão só precisasse disso. Pesquisadora: Não foram vocês que reivindicaram esses cursos? O que soube foi que um grupo se mobilizou com abaixo assinado reivindicando esses cursos que são da cultura do sertão. H-n.1(GF5): Não, mas esse grupo não fala pela maioria não. Ninguém me perguntou nada. Pesquisadora: Vocês não ficaram sabendo que houve passeata reivindicando a universidade? H-n.1(GF5): Ah, da universidade eu fiquei sabendo. Olhe, particularmente, eu não gostaria de fazer nenhum desses quatro cursos [ofertados pelo *Campus* do Sertão]. Medicina, direito, seria o ideal, mas porque na falta de oportunidade a pessoa pega o que vem. Pesquisadora: Você falou em uma faculdade para o sertão ou zona rural? H-n.1(GF5): Na zona rural porque é mais fácil você estudar perto de casa, pela situação financeira, do que você ir para longe. Se for para longe você não vai conseguir muita coisa. Pesquisadora: Agora, veja a lógica: uma faculdade de tudo aqui no sertão, na zona rural e depois? H-n.1(GF5): Aí fica mais fácil. O importante é você se formar primeiro. Pesquisadora: O investimento num curso de medicina é caro. Faculdade de medicina na zona rural e depois vai trabalhar aonde para ganhar bem? H-n.1(GF5): O Brasil importa médicos cubanos, se tivesse médicos suficientes não precisaria importar. Aqui em Poço Redondo tem uma médica. Pesquisadora: Mas na lei da oferta e da procura, tendo muitos médicos, não vai ganhar tão bem como você espera. H-n.1(GF5): Mas aí é a questão do técnico em agropecuária, ele ganha pouco porque só oferece técnico em agropecuária. Todo ano se formam *milhares, milhares, milhares* no sertão. Ninguém aguenta mais técnico em agropecuária, não. Pesquisadora: E em medicina, com muitos médicos aqui, não vai acontecer o mesmo? H-n.1(GF5): Ah, medicina, é muita gente doente. Em Poço Redondo não tem médico não, viu? É de ver de conta porque não tem estudo suficiente para formar médicos. Agora, o desenvolvimento do lugar começa com as pessoas. Como podemos falar em desenvolvimento sem essa formação? O índice em educação é baixo aqui. (Homem, nº. 1, grupo focal 5, Poço Redondo, 2015).

O aluno reivindica cursar direito ou medicina na zona rural do sertão e justifica que Poço Redondo tem demanda reprimida para médicos. Esse diálogo demonstra que jovens do meio rural nem sempre se interessam em trabalhar com agricultura e com pecuária, apontando o interesse em cursos que nem sempre se tornam viáveis pela falta de acesso a universidades. Assim, começam a surgir demandas juvenis de formação e qualificação, bem como expectativas profissionais decorrentes dessa qualificação que ainda não é ofertada no lugar. Embora seja exagero do aluno falar que se formam *milhares* de técnicos em agroindústria e em agropecuária, de fato, todos os anos, um número considerável de alunos conclui tais cursos e talvez a capacidade de absorção para essas formações esteja se esgotando na região.

De outro lado, seria conveniente pensar em alternativas para jovens que se interessam em cursar medicina e queiram trabalhar na zona rural do sertão sergipano. Uma alternativa poderia ser a oferta de bolsa de estudos condicionada a que o médico recém formado retornasse para trabalhar durante certo período na região, a fim de compensar o investimento em sua graduação. A título de exemplo, o município de Camargo (RS) instituiu a Lei Municipal nº. 1.505, de 20 de dezembro de 2011, que autoriza a concessão de bolsas de estudo e regulamenta o ressarcimento de crédito educativo através da prestação de serviços médicos. A referida lei beneficia interessados em cursar medicina com o pagamento total das mensalidades do curso em qualquer lugar, contanto que o valor se equipare ao de instituições da região. Para ter direito ao benefício, deve-se morar em Camargo há, no mínimo, cinco anos e assumir o compromisso de prestar serviços no município também pelo período de cinco anos após a conclusão da graduação (ANDREOLI, 2013).

6.11 UMA ESCOLA PARA ESTUDAR E SUA LOCALIZAÇÃO

Em outro contexto, ao serem arguidos sobre se o que é aprendido na escola os auxilia na vida do campo, jovens rurais pesquisados por Campolin (2000) informaram que sim, embora, quando solicitados a darem exemplos, as respostas tenham sido vagas. Mas essa autora entende que mesmo primordialmente destinada à população da cidade, ainda assim a escola urbana tem propiciado à juventude rural uma visão mais abrangente do mundo, de modo que seus conteúdos não são totalmente inadequados às necessidades desses alunos.

Com base nessas considerações, buscou-se investigar se, para os jovens rurais do sertão sergipano, sua origem rural interfere, de um lado, no processo de aprendizagem e na relação com o saber escolar e, de outro, em suas identidades culturais. Assim, foram elaboradas quatro perguntas, algumas com desdobramentos: se fosse escolher uma escola para estudar, qual seria

essa escola e onde ela fica? Você acha que faz diferença estudar em uma escola de cidade ou em uma escola do campo? O fato de morar no campo dificulta os estudos? Com o que aprende na escola o que você pode fazer no seu dia a dia, na sua casa e no seu trabalho?

Tendo em vista os dados estatísticos do êxodo rural no Brasil e com base em pesquisas desenvolvidas por Carneiro (1998a) e Portela (1999), diante da pergunta “se fosse escolher uma escola para estudar, qual seria essa escola e onde ela fica?”, desde a pesquisa realizada para o mestrado por Menezes (2012), supôs-se que os jovens rurais expressariam o desejo de sair do campo para estudar em escolas situadas em cidades maiores, consideradas como de melhor ensino. Contudo, assim como na pesquisa realizada no mestrado, na maioria das respostas obtidas e em suas justificativas, constatou-se que o jovem rural prefere continuar os estudos em seu local de origem, pois 65% deles revelaram a escolha em permanecer nas escolas onde já estudam. Se forem adicionados os 5% dos que gostariam de estudar em escolas da zona rural, próximas de seu local de moradia, o percentual de jovens que gostaria de permanecer estudando na região chega a 70% (Tabela 29). Essa preferência por escolas onde estudam ou estudaram no meio rural pode ser devido às amizades formadas nesses locais, afinal, na fase juvenil, os relacionamentos interpessoais são muito valorizados.

Tabela 29 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Se fosse escolher uma escola para estudar, seria e onde se localiza?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|----------------------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| A escola onde já estuda | 5 | 35,7 | 13 | 65,0 | 13 | 68,4 | 21 | 77,8 | 52 | 65,0 |
| Escolas da capital | 4 | 28,6 | 3 | 15,0 | 3 | 15,8 | 2 | 7,4 | 12 | 15,0 |
| Escolas do próprio povoado | | | 1 | 5,0 | 1 | 5,3 | 2 | 7,4 | 4 | 5,0 |
| Outra escola da região | 1 | 7,1 | 2 | 10,0 | | | 1 | 3,7 | 4 | 5,0 |
| Escolas de outros estados | 2 | 14,3 | 1 | 5,0 | | | 1 | 3,7 | 4 | 5,0 |
| Escolas religiosas | | | | | 1 | 5,3 | | | 1 | 1,3 |
| Outras | 2 | 14,3 | | | 1 | 5,3 | | | 3 | 3,8 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Em relação aos números encontrados na pesquisa realizada por Menezes (2012), nesta tese o número de alunos interessados em estudar nos povoados caiu de 10,8% para 5%, enquanto o número de interessados em estudar na Capital duplicou, ou seja, de 8,2% (MENEZES, 2012) para 15% nesta pesquisa. Os jovens pesquisados listaram várias explicações para sua escolha, em decorrência disso, o número de justificativas supera o de respondentes. Por exemplo, os jovens que preferem continuar na escola urbana onde já estudam (65%) deram como uma das principais justificativas a qualidade da escola, tanto em relação à estrutura, quanto ao ensino classificado como “ótimo” e um dos melhores da região.

Com relação aos jovens rurais que gostariam de permanecer estudando em Nossa Senhora da Glória, fundamentaram-se no fato de gostarem da escola e se sentirem bem nela, onde são bem recebidos e valorizados. Os professores também foram lembrados em justificativas como os “melhores da região”: profissionais “excelentes”, “competentes” e “qualificados”; professores “ótimos” e “legais”, porém “exigentes”. Também mencionaram o fato de que é na escola onde estudam e obtêm muitos conhecimentos, “lições para a vida”, além de se prepararem para o vestibular, para o futuro, para a realidade e para alcançar objetivos.

Os relacionamentos interpessoais foram, mais uma vez, mencionados, tanto em aspectos gerais: “A escola tem pessoas maravilhosas e legais”, como ter sido o local onde fizeram amizades e por gostarem dos amigos, bem como por conhecerem várias pessoas ali, prefeririam não mudar para outra instituição. Em Poço Redondo, somente os rapazes se referiram a esse fator: “Porque ficaria mais perto dos meus amigos”; “Porque eu já conheço as pessoas” e, em Nossa Senhora da Glória, um rapaz e uma moça: “Porque tenho vários amigos aqui” e “Deixei a maioria dos meus amigos lá”.

No entanto, o item mais comentado para não mudarem de escola foi a qualidade do ensino e dos professores. Dois aspectos devem ser mencionados: em Poço Redondo, criticaram a infraestrutura que necessitava de cuidados, mas os professores foram bastante elogiados pelos alunos. Em Nossa Senhora da Glória também teceram muitos elogios aos docentes.

De fato, em relação às escolas visitadas, a de Poço Redondo encontrava-se em situação bem precária, conforme referido anteriormente. Felizmente, em visitas posteriores, a instituição passava por reformas. A respeito da escola os alunos assim se posicionaram: “Essa escola é muito bagunçada” (rapaz); “Apesar de ser uma escola que está em situações precárias, os professores são ótimos e o ensino é vantajoso”; “Porque os professores são bem qualificados e ensinam muito bem”; “Porque aqui temos ótimos professores”; “Porque apesar dela ter uma estrutura ruim, tem ótimos professores”; “Porque aqui é legal, por mais derrubada que esteja (risos). É muito bom” e “Porque os professores são ótimos para mim” (moças).

Os alunos que estudam em Nossa Senhora da Glória também se posicionaram sobre suas escolas e porquê não sairiam das mesmas: “Pois os professores exigem muito de seus alunos”; “Porque o nível de ensino é satisfatório com diversos alunos aprovados em concursos”; “Porque o que eu preciso aprender os professores dessa escola são capazes de ensinar para mim”; “Porque tem ótimos professores”; “Porque os professores são qualificados, sabem explicar”; “Apesar dos problemas, ela tem um ótimo nível de ensino”; “Pois é uma ótima escola, ainda mais com as novas reformas”. Sobre uma das escolas de Nossa Senhora da Glória, reconhecida

pelos altos índices de aprovação em concursos e vestibulares, um dos jovens ratificou: “Pois o número de aprovados no vestibular é grande e eu quero ser aprovado” (respostas de rapazes).

Por sua vez, as moças, estudantes em Nossa Senhora da Glória, expuseram: “A escola onde estudo conta com ótimos educadores que fazem o aluno ‘entrar de cabeça’ nos estudos”; “Pois é a melhor da região”; “Tem bons professores, com formação excelente, propostos a passar todo seu conhecimento para os alunos matriculados nesta escola”; “Eu gosto muito de estudar nesta escola, aqui já aprendi muitas coisas e vou levar daqui um grande aprendizado”; “Porque aqui aprendi muito mais além do que eu imaginava e pude me interessar muito mais nos estudos”; “É muito boa. Os professores, a maioria, já é pós-graduado na área que ensina”; “Porque é um colégio de professores muito bons e bem qualificados”; “Pois oferece bons professores, ou seja, capacitados para o meu sucesso”; “Porque eu considero a minha escola uma escola muito boa, os professores são ótimos” e “Porque eu gosto do ensino, o único problema são as greves”.

Os jovens que prefeririam “não mudar de escola” também arrolaram outros motivos, tais como: gostarem da escola, por ser o mais próximo possível e ter facilidade de transporte. Referiram, igualmente, questões relacionadas ao futuro profissional, como “Nos faz ver o que queremos no futuro e qual profissão seguir” e opiniões de que não importava a escola, mas o interesse do aluno: “Quando realmente as pessoas querem aprender, aprendem em qualquer escola, é só ter força de vontade”; “Pois eu sempre gostei de estudar nessa, nunca quis ir para outra e também porque eu tô aqui é para estudar e não ficar escolhendo escola, é tudo a mesma coisa para mim”; “A escola não muda ninguém, se quiser aprender algo não importa o colégio, mas sim a força de vontade do aluno” (moças).

Do total de jovens pesquisados, 15% escolheriam escolas da capital para estudar, caso pudessem. Em face dessa resposta, surgiu um dado surpreendente: desses jovens, 10,6% são mulheres e 21,2% são homens, em relação ao total de respondentes de seu respectivo estrato. Em Poço Redondo, os percentuais ficaram mais elevados do que em Nossa Senhora da Glória – que tem escolas bastante conceituadas – com 28,6% dos homens e 15% das mulheres. Esse resultado corrobora com a pesquisa realizada por esta autora em 2010/2011 para seu mestrado, pois, naquela ocasião, o percentual de rapazes que preferiria estudar em escolas da capital também foi maior. É importante destacar esse fato porque quando se trata do fenômeno da

masculinização⁵³ da população que vive no campo é geralmente porque as mulheres tem mais interesse em sair do campo do que os homens. Não obstante, neste caso, os rapazes demonstram maior interesse em sair, sobretudo os de Poço Redondo, município de população mais rural.

A principal motivação para os jovens rurais selecionarem escolas da Capital para estudar, vincula-se à qualidade da escola e de seu ensino que supõem ser mais “puxado” e “aprofundado”, onde teriam oportunidade de aprender mais e se preparariam melhor para o vestibular: “Acredito que uma escola da capital tenha uma boa estrutura e melhor qualidade de conteúdo” e “Acho que a forma de ensino seja melhor, teria mais a nos oferecer, por se tratar de grandes escolas” (rapazes, Nossa Senhora da Glória). “Porque o ensino provavelmente é bem melhor” (moça, Nossa Senhora da Glória). “Porque tem mais qualidade, tem mais estrutura etc.”; “Gostaria de conhecer novos tipos de ensino”; “Para ter mais oportunidade nos estudos, tipo fazer uma faculdade”; “Porque o ensino é melhor” (rapazes, Poço Redondo). “Teria mais oportunidades” e “Porque os meios de se comunicar lá são melhores” (moças, Poço Redondo).

Nesta pesquisa, 5% dos jovens manifestaram interesse em estudar em escolas da mesma região, tais como, uma escola agrotécnica, uma escola técnica e um colégio público na mesma cidade. Cabe destacar, ainda, que apenas 5% dos jovens rurais pesquisados gostariam de estudar em escolas do próprio povoado, sendo este percentual um terço daqueles que gostariam de estudar em escolas da Capital. Neste quesito, o resultado se mostrou bastante diferente do quadro observado por esta autora em seu mestrado. Em 2010/2011, 11% dos jovens de Nossa Senhora da Glória – pois foi apenas esse município pesquisado – gostariam de estudar em escolas do povoado, percentual maior do que os 6,7% daqueles que gostariam de estudar em escolas da Capital (MENEZES, 2012).

O argumento fundamental dado pelos jovens para essa escolha foi a proximidade das escolas da zona rural com suas moradias e, em consequência, surgiram razões complementares, como o fato de não ser tão cansativo e de não mais enfrentarem dificuldades de se deslocarem para estudar na cidade. De Poço Redondo, nenhum explicitou interesse em continuar os estudos no campo e apenas uma moça apresentou esse interesse por causa do transporte. Já em Nossa Senhora da Glória, apenas um rapaz manifestou interesse em estudar no campo devido à proximidade de sua casa; e duas moças defenderam: “Porque ficaria muito perto de casa e não precisaria enfrentar essa pista perigosa” e “Porque se houvesse uma escola no meu povoado o

⁵³ Conforme relatórios de estudos dos movimentos migratórios rurais, historicamente a migração campo-cidade sempre foi maior entre os jovens, com preponderante participação feminina, ocasionando, em decorrência, o envelhecimento e a masculinização do meio rural (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1999).

acesso seria mais fácil e seria menos cansativo e as horas dentro do ônibus diminuiriam, sem contar que eu chegaria cedo *em casa*”. Nenhum aluno ponderou acerca da falta de ofertas do ensino médio nas escolas dos povoados; mas quando perguntados sobre o que há de melhor e pior no local onde moram – questão que será discutida mais à frente – este assunto veio à tona.

No quesito escolas particulares, nenhuma foi mencionada. Com menor quantidade de respostas, outras opções foram apresentadas pelos jovens, tais como escolas de outros estados, escolas religiosas e colégios militares. Os que prefeririam estudar em outro estado alegaram: “É um sonho para *mim* [sic] poder sair para outro estado aprender coisas novas, línguas, costumes, modas, bem legal” (rapaz, Poço Redondo). “Por eu gostar de outro lugar, sentir-me melhor em outro estado que eu gosto” (moça, Poço Redondo). “Pois minha região não tem o que procuro que é Engenharia Mecânica” (moça, Nossa Senhora da Glória). “Acho que seria melhor para mim, como sou católico, preferiria lá, não que as outras sejam ruins, mas gostaria se fosse” (rapaz, Nossa Senhora da Glória, preferiria uma escola religiosa). Um rapaz de Poço Redondo preferiria estudar em um colégio militar, pois, conforme externou, gosta “de ordem e de disciplina”. Outro, também de Poço Redondo, deu uma justificativa muito peculiar ao preferir, caso pudesse, estudar em uma escola técnica: “Pois hoje tem internet em todos os lugares”, ou seja, teria interesse em mudar para essa escola devido à disponibilidade de rede *wireless*.

6.12 ESCOLA DA CIDADE *VERSUS* ESCOLA DO CAMPO

Foi apertado o resultado, mais até do que na pesquisa de Menezes (2012) cujo “sim” atingiu 54% das respostas, isso porque a maioria das moças que estuda em Poço Redondo (65%) se posicionou que “não” faz diferença e, na média, neutralizou a maioria dos demais estratos que haviam respondido que faz diferença. De todo modo, o resultado final demonstra que os jovens rurais ficam bastante divididos em relação à diferença entre estudar no campo ou na cidade e revela que não há rejeição à escola do campo (Tabela 30).

Tabela 30 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Faz diferença estudar em uma escola na cidade ou em uma escola no campo?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | |
|-----------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 8 | 57,1 | 6 | 30,0 | 11 | 57,9 | 14 | 51,9 | 39 | 48,8 |
| Não | 6 | 42,9 | 13 | 65,0 | 7 | 36,8 | 12 | 44,4 | 38 | 47,5 |
| Talvez | | | 1 | 5,0 | | | | | 1 | 1,3 |
| Não sei | | | | | 1 | 5,3 | 1 | 3,7 | 2 | 2,5 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Os 48,8% dos jovens que responderam “sim, faz diferença estudar em uma escola da cidade e em uma escola do campo” sublinharam a melhor qualidade do ensino nas escolas urbanas, superior a do campo: “Porque as escolas do campo são menos qualificadas em relação ao ensino”; “As escolas do campo são pouco visíveis e falta estrutura e investimento do governo” (rapazes, Nossa Senhora da Glória). “Tem mais acessibilidade e mais estrutura”; “Pois na cidade o ensino é mais qualificado” (moças, Nossa Senhora da Glória). Os jovens rurais ainda afirmaram que a escola urbana tem mais matérias, mais professores e ensino mais moderno: “Na escola do campo só é um professor e na zona urbana são vários”; “Porque as formas de estudar são outras, ou seja, os professores são mais estudados e acabam nos forçando a aprender mais etc.”; “Porque na cidade dificulta mais as matérias e isso é bom para o aprendizado, tanto os meus quanto de outras pessoas” (rapazes, Nossa Senhora da Glória). “Na maioria das vezes os professores da cidade são mais qualificados”; “Porque os conteúdos são diferentes e mais avançados”; “Porque aprendemos mais, ou seja, complicam-se mais os assuntos”; “A escola da cidade busca mais do aluno, ou seja, exige mais” (moças, Nossa Senhora da Glória). “Porque na cidade faltam menos professores” (rapaz, Poço Redondo). “Na cidade temos mais acessos a mais coisas e no campo, às vezes, não” (moça, Poço Redondo).

Vale ressaltar que a escola do campo, invariavelmente, só oferta até o ensino fundamental e, por isso, ensina menos disciplinas e a linguagem é mais simples: “Porque nos povoados onde morava o ensino era só de 1ª a 4ª série”; “Geralmente em campo não são tantas matérias e nem turmas separadas, estudavam todos juntos” (moças, Nossa Senhora da Glória). Um aluno salientou que há diferenças devido ao tipo de aluno, já que o da cidade, por ser mais velho, está mais maduro para aprender: “Além da maior dificuldade que é chegar até aqui, no ensino médio a maioria já tem uma maioridade, portanto, são mais calmos e racionais” (rapaz, Nossa Senhora da Glória).

Os jovens inquiridos teceram algumas críticas ao modo de escolarização no campo, sobretudo aos professores, além de lembrarem as dificuldades de acesso: “Porque em algumas escolas do campo não têm materiais suficientes para os alunos”; “Porque quando chove o ônibus atola, daí não passa e perdemos aulas” (rapazes, Poço Redondo). “Pois no campo os alunos não estudam e os profissionais pouco se importam” (rapaz, Nossa Senhora da Glória). “A diferença é que a viagem é muito exaustiva” (moça, Poço Redondo).

Quanto às razões que “não” faz nenhuma diferença estudar em uma escola da cidade e em uma escola do campo, os jovens afirmaram que a aprendizagem é igual, que, apesar das dificuldades, a forma de ensino é a mesma e são idênticas as questões. Os jovens também atribuem ao aluno o êxito na aprendizagem: para eles, depende do interesse do aluno, não

importa onde ele estude, se no campo ou na cidade: “O aprendizado é o mesmo”; “Não, pois hoje tem internet em todos os lugares”; “Porque, para mim, eu acho que não teria diferença”; “Todas são ruins” (rapazes, Poço Redondo). “O que importa é adquirir conhecimento”; “Porque o que faz uma escola boa são os alunos e professores, não a localização” (moças, Poço Redondo, excluídas as respostas muito semelhantes). “A diferença não é o lugar, mas sim sua estrutura e qualidade de ensino” (rapazes, Nossa Senhora da Glória). “Porque não quer dizer nada, só muda o local”; “Pois são oferecidos os mesmos recursos”; “Porque quando vim estudar na cidade os professores ensinavam do mesmo jeito, alguns até pior e outros melhores”; “Não existe escola melhor ou pior quando o aluno é esforçado. Não é a escola que define uma melhor educação, é o aluno que tem que ir atrás dela”; “Os professores são qualificados igualmente” (moças, Nossa Senhora da Glória).

Desse modo, assim como na pesquisa realizada no mestrado por esta autora (MENEZES, 2012), as escolas do campo e urbana foram apresentadas pelos entrevistados como contraditórias, donde se conclui, com base nas respostas, tanto dos que responderam positiva como negativamente, foi que a melhor qualidade do ensino e da aprendizagem dependem do interesse do estudante, da qualificação do professor e de seu empenho para ensinar, além de investimentos na educação, tanto na cidade, quanto no campo. Apesar das divergências, não se observou uma rejeição à escola do campo, mas críticas referentes ao seu melhoramento, do mesmo modo que houve críticas à escola urbana no item anterior.

6.13 ESTUDAR *VERSUS* MORAR NO CAMPO

Nesta questão ocorreu o contrário da pesquisa realizada por Menezes (2012), isto é, para a maioria do jovens rurais morar no campo não dificulta seus estudos. No referido trabalho desta autora para seu mestrado, “para 63% dos jovens pesquisados, ‘morar no campo dificulta os estudos’”; mas, passados cinco anos, algo aconteceu porque, para 52,5% dos inquiridos, residir no meio rural não dificulta o acesso à educação. Apenas para os rapazes de Nossa Senhora da Glória houve empate nos percentuais para o “sim” e para o “não” (47,4%). Nos demais casos, inclusive em Poço Redondo, para 50% dos rapazes e 50% das moças não existem dificuldades que os impeça de estudar (Tabela 31).

Este aumento em relação à pesquisa de Menezes (2012), na mesma região, de 37% que consideravam que morar no campo não dificulta os estudos para 52,5% nesta pesquisa, gera questionamentos, tais como se há mais acesso a transporte próprio ou a transporte escolar.

Tabela 31 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “O fato de morar no campo dificulta seus estudos?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|---------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 6 | 42,9 | 8 | 40,0 | 9 | 47,4 | 9 | 33,3 | 32 | 40,0 |
| Não | 7 | 50,0 | 10 | 50,0 | 9 | 47,4 | 16 | 59,3 | 42 | 52,5 |
| Um pouco | | | | | 1 | 5,3 | 1 | 3,7 | 2 | 2,5 |
| Às vezes sim | | | 2 | 10,0 | | | 1 | 3,7 | 3 | 3,8 |
| Não respondeu | 1 | 7,1 | | | | | | | 1 | 1,3 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Os alunos que responderam que morar no campo não dificulta os estudos, indicaram as categorias: acesso a transporte, morar próximo da escola, superação das dificuldades, recursos e facilidades atualmente disponíveis nas comunidades onde moram. Os jovens que responderam “às vezes, sim” e “um pouco”, quatro no total, deram respostas que, em sua maioria, enfatizaram inconstâncias no transporte escolar (Quadro 3).

Quadro 3 – Respostas categorizadas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “O fato de morar no campo dificulta seus estudos?” – Não dificulta/Às vezes dificulta, 2015

| Categorias | Não dificulta – Algumas respostas |
|--|---|
| Transporte | “Os meios de transporte nos ajudam a chegar no horário certo”; “Quando o transporte não passa, eu venho de moto. Então, não dificulta”; “Porque atualmente o governo disponibiliza o transporte; “Porque o ônibus pega e entrega na porta”; “Porque tem ônibus escolares, mas se um dia não tiver vai ter problemas”. |
| Proximidade | “Porque eu moro perto da cidade”. |
| Distância | “Acho que talvez morando aqui perto da escola é que dificultaria, pois aí teria preguiça, aí iria chegar atrasada sempre”. |
| Acesso | “Temos acesso normal”. |
| Superação | “Porque quem realmente quer algo não olha as dificuldades e sim o resultado final”; “Porque depende do interesse do aluno e não de onde mora”; “Porque quando se quer estudar não existem dificuldades e sim oportunidades”. |
| Recursos e facilidades na comunidade rural | “Lá tenho os mesmos recursos, por exemplo, fazer trabalho. Lá tem <i>lan house</i> , tem transporte etc.”; “Porque hoje em dia está tudo mais fácil e acessível, transporte e conhecimento, internet”; “Tem fácil acesso a redes de internet e até trabalhos que podem ser feitos em casa”. |
| Categorias | Às vezes dificulta – Algumas respostas |
| Transporte | “Porque como dependemos de transporte, às vezes perdemos aula por causa disso”; “Às vezes, sim, porque o ônibus não vai, daí a gente perde prova, trabalho ou até mesmo aula”. |
| Distância | “Porque é um pouco longe para vir para a escola, mas com força de vontade nada é impossível” |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Compilar as respostas, apesar do trabalho árduo, cuidadoso e preocupado, gera momentos de satisfação ao ver que os jovens rurais pesquisados estão frequentando a escola e que a maioria relata não ter dificuldades de acesso à escolarização. No entanto, cabe lembrar o quanto é ainda necessário avançar, visto que essa parcela atingiu o ciclo básico da educação,

mas há ainda muitos jovens fora da escola e, em relação aos que também estão finalizando o ensino médio, há os que enfrentam problemas para acessar a educação. É importante registrar suas falas a fim de que haja, cada vez mais, o ingresso dos jovens, das crianças e dos adultos na escola até que, nas palavras de Comenius (2011), a escola possa ensinar a todos.

Os jovens pesquisados que enfrentam dificuldades para chegar à escola arrolaram fatos tanto relacionados à escola e ao transporte (a mais recorrente), como de cunho mais pessoal: o deslocamento, a distância, o cansaço e o fato de trabalharem na roça (Quadro 4).

Quadro 4 – Respostas categorizadas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “O fato de morar no campo dificulta seus estudos?” – Dificulta, 2015

| Categorias | Dificulta – Algumas respostas |
|------------------|---|
| Transporte | “Porque quando chove o ônibus atola, daí não passa e perdemos aulas”; “Porque o ônibus falta muito. Quando não tem aula no município não passa ônibus porque dizem que o estado não paga”; “Por falta de transporte, às vezes, não faço o trabalho que a professora passa”; “Porque o transporte, às vezes, quebra”; “Porque tem aulas muito importantes e os ônibus acabam não indo buscar os alunos alguns dias”; “Não tem transporte. Tenho que vir de moto, então, é ruim”. |
| Deslocamento | “Por causa da estrada que frequentamos todos os dias”; “Porque eu tenho que viajar ⁵⁴ todos os dias”; “Por conta do deslocamento para a cidade”; “É mais cansativo, a estrada não é pista”. |
| Distância | “Porque moro longe e para vir à escola é difícil”. |
| Trabalho na roça | “Por ter que trabalhar na roça”; “Porque geralmente em tempo de inverno ⁵⁵ temos que trabalhar na roça”; “A maioria, ou melhor, todos os afazeres só podem ser feitos pelo dia e são serviços que tomam muito tempo e começam cedo, impossibilitando pegar o ônibus para vir pela manhã”; “Pois quem mora no campo trabalha muito mais. Eu ajudo meus pais, se tivesse uma propriedade na cidade para focar só no estudo ia ser melhor”. |
| Cansaço | “Porque preciso acordar muito cedo e o fato de viajar todos os dias”; “Porque eu trabalho no campo e saio para o colégio cansado, enfrento uma longa viagem de ônibus muito cansativa, chego no colégio sem disposição para estudar”. |
| Cursinho | “Muito mesmo, pelo fato de eu querer fazer cursinho e não ter como”. |
| Tudo | “Por falta de transporte, trabalho, condições financeiras e muito cansaço”; “Porque a escola é longe e temos horários para pegar o ônibus, não podemos atrasar, senão perdemos aula e, quando ele quebra, perdemos também”. |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

6.14 DIFICULDADE NA ESCOLA

Perguntou-se aos jovens desta pesquisa se existe algum assunto ou matéria considerado difícil de aprender e, para 76,3%, há sim, ou seja, apenas 23,8% dos alunos pesquisados alegaram não sentir dificuldade na escola (Tabela 32). Dos jovens que admitiram dificuldade, um destaque para as moças de Nossa Senhora da Glória, com quase 90% de respostas “sim”.

⁵⁴ “Viajar todos os dias” é recorrente nas respostas, mas se trata do deslocamento da residência, no meio rural, até a escola na sede municipal.

⁵⁵ Inverno é época das chuvas no sertão desta pesquisa, tempo do plantio.

Tabela 32 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Existe algum assunto ou matéria que você considera difícil de aprender?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-----------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 10 | 71,4 | 12 | 60,0 | 15 | 78,9 | 24 | 88,9 | 61 | 76,3 |
| Não | 4 | 28,6 | 8 | 40,0 | 4 | 21,1 | 3 | 11,1 | 19 | 23,8 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2010/2011 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Na pesquisa conduzida por Menezes (2012), o percentual dos estudantes que mencionaram ter dificuldade, embora maioria, foi menor e ficou na casa dos 55%. Já no quesito disciplinas mencionadas não diferenciaram da pesquisa anterior, cujos primeiros lugares couberam à matemática, à física, ao inglês, à química e ao português. Neste estudo, os 61 jovens que confessaram ter dificuldade deram 73 respostas e as disciplinas mais mencionadas foram as mesmas, só alterando, em alguns casos, a ordem da maior frequência de respostas para física, matemática, química, línguas/inglês e português (Tabela 33).

Tabela 33 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Se você respondeu sim, qual é esse assunto ou matéria?” 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-----------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Física | 2 | 22,2 | 4 | 30,8 | 3 | 18,8 | 11 | 31,4 | 20 | 27,4 |
| Matemática | 1 | 11,1 | 6 | 46,2 | 3 | 18,8 | 8 | 22,9 | 18 | 24,7 |
| Química | 1 | 11,1 | 2 | 15,4 | 5 | 31,3 | 9 | 25,7 | 17 | 23,3 |
| Línguas, Inglês | | | | | 1 | 6,3 | 4 | 11,4 | 5 | 6,8 |
| Português | 3 | 33,3 | | | 1 | 6,3 | | | 4 | 5,5 |
| Cálculo | 1 | 11,1 | | | 1 | 6,3 | | | 2 | 2,7 |
| História | | | 1 | 7,7 | | | 1 | 2,9 | 2 | 2,7 |
| Sociologia | | | | | 1 | 6,3 | | | 1 | 1,4 |
| Filosofia | | | | | 1 | 6,3 | | | 1 | 1,4 |
| Biologia | | | | | | | 1 | 2,9 | 1 | 1,4 |
| Geografia | | | | | | | 1 | 2,9 | 1 | 1,4 |
| Literatura | 1 | 11,1 | | | | | | | 1 | 1,4 |
| Total | 9 | 100,0 | 13 | 100,0 | 16 | 100,0 | 35 | 100,0 | 73 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2010/2011 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Obs.: alguns jovens pesquisados deram mais de uma resposta.

Ao todo, quatro rapazes expressaram sentir dificuldade em português, sendo três rapazes de Poço Redondo e um de Nossa Senhora da Glória, enquanto nenhuma moça admitiu ter problema com essa disciplina. De fato, observou-se que alguns jovens responderam o questionário com erros de grafia⁵⁶. Filipouski e Nunes (2012) observam que a educação dos filhos de famílias com baixo nível educativo é geralmente guiada por uma lógica de eficácia. Isso pode significar que esperam que a aprendizagem escolar encaminhe para uma profissão

⁵⁶ Neste trabalho, para evitar o uso excessivo de [sic] optou-se por corrigir erros de pontuação e de ortografia, mantendo-se exatamente o sentido do que os alunos responderam.

que possibilite aos jovens escapar das dificuldades. A educação das crianças é, então, carregada de expectativas de mobilidade social, porém, frequentemente, a ambição escolar é modesta.

Com base em respostas com erros de português, visualiza-se uma dívida que nossa educação tem com os jovens rurais e os mais esquecidos; e a reflexão como podem ter chegado ao final do ciclo básico, às portas da universidade, com tais níveis de escrita. Em um primeiro momento, emana a ideia do fracasso escolar, sobretudo da escola pública; entretanto, Filipouski e Nunes (2012) lembram que os territórios família e escola, juntos, são importantes na educação dos mais jovens ao se reportarem a Perrenoud e Montadon (2001) que apontam a cooperação entre família e escola como forma de promover o sucesso escolar. Entraria ainda em discussão a clássica categoria capital escolar – “produto garantido dos efeitos acumulados da transmissão assegurada pela família e da transmissão cultural assegurada pela escola (cuja eficácia depende da importância do capital cultural diretamente herdado da família)” (BOURDIEU, 2011a, p. 27), visto que, segundo esse autor, certas competências não são adquiridas, necessariamente, pelo trabalho caricaturalmente escolar. Na maior parte das vezes, ela é o produto das aprendizagens, sem intenção, tornando possível uma disposição adquirida através da aquisição familiar ou escolar da cultura legítima. Neste caso específico da competência da leitura e escrita formal, há que se reconhecer que em famílias menos escolarizadas os filhos não têm acesso a livros, tampouco, o mais importante, o tempo para a leitura, imagine o caso desses jovens rurais em que alguns relataram o pouco tempo disponível para os estudos. A título de exemplo, uma das jovens pesquisadas, ao tratar sobre as dificuldades que tem na escola, conforme poderá ser constatado em discussão mais adiante, queixou-se de não ter acesso a livros literários.

Famílias menos escolarizadas, ao não se considerarem possuidoras das condições culturais essenciais para compreender o processo educativo, não acompanham de perto a escolaridade dos mais jovens e, já que veem a escola como detentora do saber científico, limitam a formação dos filhos a esse território (FILIPOUSKI; NUNES, 2012).

Quanto às matérias da área de exatas e seus assuntos, são considerados difíceis pois, de acordo com o relato de alunas de Poço Redondo: “É um assunto muito complicado e ruim de aprender”; “Porque exige muito aperfeiçoamento e eu não sou boa em cálculos”; “É algo que, mesmo tentando muito, não consigo entender” (sobre física). As alunas de escolas de Nossa Senhora da Glória também alegaram idênticas dificuldades: “Porque existem muitas fórmulas e muitas questões de teorias”; “Porque sempre me esqueço das fórmulas que são muitas”; “Porque são matérias que têm muitas informações”; “Não consigo desenvolver bem essa matéria, entendo um pouco quando o professor explica, mas sozinha não consigo entender” (sobre matemática). “Pois química tem muitos assuntos que não gosto”; “Porque envolve

muitos cálculos, fórmulas e nomenclaturas”; Porque talvez nunca tenha estudado antes, por isso, acho difícil”; “O assunto é muito ruim”; “Mas se estudarmos nada fica difícil”; “Por serem assuntos mais avançados” (sobre química).

De forma semelhante, um dos alunos de Poço Redondo esclarece: “Acho uma perda de tempo. Não vou ser físico ou químico”. E se os professores, para contextualizar o assunto, demonstrassem como há química nos fertilizantes e nos defensivos usados na agricultura? E se a diferença entre a concentração de nitrogênio na ureia e no esterco do gado fossem relacionadas? Esse afastamento entre o que se aprende na escola e a vida que os jovens levam no meio rural parece gerar certos equívocos e tornar a escola interessante mais para obtenção do diploma e o encontro com os amigos. Os jovens apreciam ver a utilidade do que aprendem, se aquilo faz sentido em suas vidas ou não. Já sobre a dificuldade de entender química, um jovem explicita: “Porque eu presto atenção, mesmo assim, não aprendo”. Os jovens estudantes de Nossa Senhora da Glória, por sua vez, em relação à química, apontaram o fato de a disciplina ter muitas fórmulas; o não entendimento das explicações dadas pelo professor; as contas e grandes variedades de elementos químicos; o excesso de teoria e a complexidade dos assuntos. Já em relação à matemática e à física, reclamaram muito dos cálculos.

Entretanto, os alunos não apontam dificuldade apenas em disciplinas que envolvem cálculo. Embora em menor quantidade, as da área de humanas, também foram lembradas as disciplinas filosofia, sociologia, história e geografia. Em relação à filosofia, uma moça expressou: “Na filosofia, por exemplo, a linguagem é quase indecifrável, como as matérias citadas. Não sei onde vou aplicar na minha vida as palavras que não conheço”. Observa-se, mais uma vez, a ideia de sentido prático no que aprende, apresentado pela aluna.

Quanto ao inglês e seu conteúdo curricular, os jovens responderam: “Porque não estudei muito inglês onde morava, *faltou assunto* para poder acompanhar os outros” e “Porque é uma linguagem diferente da nossa”. À pergunta “você sente ou já sentiu alguma dificuldade na escola?”, 61,3% dos jovens admitiram que “sim”, dos quais, mais do que os homens, as mulheres, tanto de Poço Redondo como de Nossa Senhora da Glória (Tabela 34).

Tabela 34 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você sente ou já sentiu alguma dificuldade na escola?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|---------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 7 | 50,0 | 12 | 60,0 | 11 | 57,9 | 19 | 70,4 | 49 | 61,3 |
| Não | 7 | 50,0 | 8 | 40,0 | 7 | 36,8 | 8 | 29,6 | 30 | 37,5 |
| Não respondeu | | | | | 1 | 5,3 | | | 1 | 1,3 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Na pesquisa realizada há cinco anos para o mestrado, Menezes (2012) expõe que 77,3% dos jovens rurais revelaram sentir dificuldade, isso constitui um percentual maior do que o obtido nesta pesquisa e uma inversão nas dificuldades escolares, por gênero, pois 84% dos homens e 74,2% das mulheres responderam “sim”, vale lembrar que, naquela ocasião, apenas com jovens de Nossa Senhora da Glória.

Às vezes, embora o aluno sinta dificuldade, pode preferir não admitir por timidez, vergonha ou por achar natural, ou seja, é coisa de estudantes. A título de exemplo, foi perguntado aos jovens rurais desta pesquisa “Existe algum assunto ou matéria que você considera difícil de aprender?” e 76,3% responderam “sim”. Posteriormente, no mesmo questionário, foram inquiridos: “Você sente ou já sentiu alguma dificuldade na escola?” e 61,3% admitiram que sim. Houve uma diferença considerável na resposta dos mesmos jovens para as duas perguntas com sentido semelhante, sendo que os percentuais, para a resposta “sim” às duas perguntas só coincidiram no caso das moças de Poço Redondo. Isso significa que há mais jovens com dificuldade do que aqueles que admitem.

Em virtude disso, é importante que o professor pergunte se o assunto foi compreendido; pois, mesmo que pareça ser fácil para o docente, pode não ser para o aluno. Por timidez, por não querer assumir para o professor nem para os colegas que não entendeu a matéria, o aluno pode passar todo o ano sem comentar sobre qualquer dificuldade. Por isso, devem ser incentivados a perguntar, a questionar e tirar dúvidas, inclusive de se expor, pois na sala de aula deve haver espaço para que estas sejam superadas. Nesta pesquisa, ao serem perguntados, a maioria dos jovens admitiu sentir dificuldade; porém, fica a interrogação se na sala de aula têm oportunidade para admitir suas dificuldades e o porquê da diferença considerável entre os percentuais para duas perguntas com o mesmo sentido. Quando se pergunta antes das avaliações, pode-se evitar muito recuperações e reprovações ao término do ano letivo.

Perquiridos sobre por que tiveram dificuldades, os jovens de Nossa Senhora da Glória responderam que não entendem certos assuntos graças a sua complexidade. Um rapaz relatou sua dificuldade de falar e de se socializar com outras pessoas, outro observou que faltou às aulas, houve também quem alegasse não ter tempo de se dedicar aos estudos como gostaria e até o barulho em sala de aula dificulta a concentração e o entendimento. Além de também destacar que não entendem algumas matérias, as moças alegaram dificuldade: pela falta de estrutura de ensino em uma das escolas; no primeiro ano do ensino médio por não estar acostumada com o modelo de avaliação dos professores; de se integrar com os colegas para fazer as atividades, pois mora no campo e só permanece na cidade no horário escolar. Uma

moça observou que estuda e parece que entendeu a matéria, mas quando chega a prova, parece que não compreendeu nada, além de lembrar do preconceito que os jovens do interior sofrem.

A mudança de nível de ensino, ou seja, a saída do ensino fundamental maior e o ingresso no ensino médio faz com que o jovem tenha que superar alguns problemas. Uma das jovens, em entrevista, observou que sentiu dificuldade no ensino médio em produção de texto porque no ensino fundamental não produzia redações. A esse respeito, deixou sugestão para os professores do ensino fundamental e até para políticas públicas:

Que se investisse mais no ensino fundamental porque como eu quero fazer o ENEM e ingressar numa universidade, quando você chega no ensino médio você vê que é completamente diferente. Para ingressar na universidade não é ter um ensino médio bem fundamentado, mas uma base no fundamental. E nas escolas da zona rural é difícil de se ver. Eles [os professores] não puxam muito. Daí você chega no ensino médio, na matéria de produção de texto [...] você não sabe fazer uma redação, você vai aprender no ensino médio, enquanto os alunos de escolas particulares já têm a base formada, mas os de escola rural não. Investir no ensino fundamental, incentivar sempre a leitura e a produção de texto, desde o fundamental, cobrar demais isso porque no ENEM e em qualquer vestibular tem muito peso. O que eu queria era que investisse. Não é investir financeiramente, é do professor, no fundamental, cobrar mais do aluno. Por exemplo, você é professora, aí você vai chegar lá e vai só ensinar o que você tem que ensinar. Não é assim. Você tem que cobrar mais do aluno, você tem que mostrar, desde o fundamental, você leva uma pessoa a conhecer o que é uma universidade, saber como vai chegar lá. Porque no fundamental se você chegar a uma pessoa e perguntar, [ela] não tem ideia. Tem uns que não sabem nem o que é o ENEM e tem uns que falam “Não, só quero terminar, não quero chegar na universidade” por conta da base no fundamental. Aí eu acho que deve cobrar mais no fundamental, principalmente do [ensino] público [que] não tá puxando. (Moça, entrevista 1, Nossa Senhora da Glória, 2015).

Para que se tenha um conhecimento do universo de sentidos que os jovens rurais dão à escolarização no ensino médio, especificamente na questão ora tratada, a dificuldade na escola, incluem-se mais respostas: “Porque tenho pouco tempo para estudar”; “Porque o professor faltava demais”; “Porque muitas vezes deixei o hábito de leitura de lado”; “Em escrever”; “Algumas, porque, às vezes, tem um trabalho ou remarcação de aula que é outro horário e não posso sempre vir”; “Porque achava que não tinha capacidade”; “De ter acesso a livros literários e de ser tímida, mesmo com os colegas”; “Não tinha colegas e não queria estudar no local”; “Em estudar sozinho. Gosto de interagir com os colegas”.

Os rapazes que estudam em escola de Poço Redondo atribuíram à dificuldade de não conseguirem entender o professor, o “colégio não tem uma estrutura qualificada”; as matérias são difíceis, há alunos “que não querem estudar e ficam atrapalhando o professor dar aula”; bem como “por não prestar atenção nas aulas” e em apresentar trabalhos escolares. As moças, responderam no mesmo tom, com exceção das que confidenciaram “falta de interesse mesmo”: “O barulho dos alunos na sala durante as explicações”; “Porque não conseguia me enturmar

com a classe”; “Por algumas coisas serem difíceis”; “Por falta de atenção”; “Às vezes, eu estudo bastante e quando chega na hora da prova parece que não sei nada”; “Porque na maioria das vezes não entendia as explicações que o professor falava”.

Em suma, os jovens pesquisados, assim como na pesquisa realizada por Menezes (2012), sentem, sobretudo, mais dificuldades de entender as aulas (29,5% das respostas). Ademais, relatam dificuldade de fazer as tarefas escolares (25,7% das respostas), de estudar sozinhos (16,2% das respostas) e de entender os livros didáticos (14,3% das respostas). Outras dificuldades que também apontaram, embora com percentuais menores, foram a de escrever, de ler e de se socializar (Tabela 35).

Tabela 35 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Se respondeu sim na resposta anterior, em relação a quais dos seguintes elementos você sentiu ou sente dificuldades?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|---------------------------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Em entender a aula, assuntos | 6 | 60,0 | 5 | 29,4 | 4 | 28,6 | 16 | 25,0 | 31 | 29,5 |
| Em fazer as tarefas escolares | 1 | 10,0 | 3 | 17,6 | 5 | 35,7 | 18 | 28,1 | 27 | 25,7 |
| Em estudar sozinho | | | 3 | 17,6 | 2 | 14,3 | 12 | 18,8 | 17 | 16,2 |
| Em entender os livros didáticos | 2 | 20,0 | 5 | 29,4 | | | 8 | 12,5 | 15 | 14,3 |
| Em escrever | 1 | 10,0 | | | 1 | 7,1 | 6 | 9,4 | 8 | 7,6 |
| Em ler | | | 1 | 5,9 | 1 | 7,1 | 3 | 4,7 | 5 | 4,8 |
| Em socializar | | | | | 1 | 7,1 | | | 1 | 1,0 |
| Não respondeu | | | | | | | 1 | 1,6 | 1 | 1,0 |
| Total | 10 | 100,0 | 17 | 100,0 | 14 | 100,0 | 64 | 100,0 | 105 | 99,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Obs.: alguns jovens pesquisados deram mais de uma resposta.

Perguntou-se, ainda: “Você fez ou faz alguma coisa para superar as dificuldades? Se respondeu sim, o que você faz?” Dos 49 jovens que admitiram sentir ou terem sentido dificuldades na escola, 10,2% responderam que nada fazem para superá-las; sendo maior a proporção de moças de Poço Redondo (25% em relação a seu estrato) (Tabela 36).

Tabela 36 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você fez ou faz alguma coisa para superar as dificuldades?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|---------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 4 | 57,1 | 9 | 75,0 | 8 | 72,7 | 18 | 94,7 | 39 | 79,6 |
| Não | 1 | 14,3 | 3 | 25,0 | | | 1 | 5,3 | 5 | 10,2 |
| Não respondeu | 2 | 28,6 | | | 3 | 27,3 | | | 5 | 10,2 |
| Total | 7 | 100,0 | 12 | 100,0 | 11 | 100,0 | 19 | 100,0 | 49 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Por outro lado, 79,6% fazem alguma coisa para superar as dificuldades escolares, sem grande diferença no percentual de 72% das respostas obtido na pesquisa de Menezes (2012).

As mulheres, nos dois municípios pesquisados, proporcionalmente mais do que os homens, responderam “sim” (Tabela 36), justamente elas que mais admitiram sentir dificuldades.

Fazer alguma coisa para superar as dificuldades na escola, para um dos jovens pesquisados, não significa prestar atenção às aulas, revisar os assuntos, estudar com afinco sozinho ou com os colegas. Sabe aquele ditado “quem não cola não sai da escola”? Pois um dos rapazes – que tem dificuldade em física e química e não consegue “entender o professor”, já foi reprovado uma vez durante sua trajetória escolar e, como motivo da reprovação, alegou “acho o sistema avaliativo uma porcaria” –, admitiu fazer alguma coisa para superar suas dificuldades na escola: colar nas provas. Conforme suas palavras: “Na hora da prova colo e tiro boas notas”. Esta resposta ao menos tem um lado positivo, pois denota a confiança que os inquiridos depositaram nesta pesquisadora, quando esta se comprometeu de que as identidades dos alunos não seriam divulgadas, de forma que até comportamentos desse tipo, com resposta que foge ao politicamente correto, foram natural – ou, quem sabe, irreverentemente – apresentadas.

Os demais alunos expuseram ao menos seis blocos de respostas, como: “estudar mais”; “estudar, revisar e pesquisar os assuntos”; “esforçar-se mais”; “dedicar-se mais”; “prestar atenção às aulas” e “buscar apoio de colegas, professores e familiares”. Comportamentos anunciados que se aproximam bastante ao que os jovens rurais de Nossa Senhora da Glória pesquisados por Menezes (2012) apresentaram: vencer “lutas” e “batalhas”, estudar mais, estudar sozinho, estudar nas férias para recuperar as notas, “estudar em dobro”, prestar mais atenção nas explicações dos professores; pedir ajuda aos colegas, aos irmãos, aos pais, aos professores e aos mais “experientes” e “inteligentes”; perguntar mais na sala de aula para tirar as dúvidas; participar mais, inclusive se relacionar melhor com colegas, reunindo-se com eles para estudos em grupo. Pelas respostas apresentadas a seguir, confirma-se essa aproximação:

“Estudei em casa”; “Tento estudar mais para aquela disciplina”; “Tento resolver estudando, pesquisando”; “Refiz as atividades que os professores passavam e fui revisando os assuntos”; “Procuo buscar mais informações sobre o conteúdo”; “Ler um pouco para melhorar os erros ortográficos”; “Às vezes, reviso, mas não é o suficiente porque, às vezes, a gente sempre esquece *de* algum detalhe”; “Procuo sempre me esforçar bastante para superar o que me incomoda”; “Vou tentando até conseguir”; “Procuo me dedicar mais para obter mais conhecimento útil para as dificuldades”; “Eu me dedico muito quando estou na sala de aula e em alguns tempos livres porque é preciso se distrair um pouco”; “Insisti bastante e prestava mais atenção nas aulas”; “Aprendi a me comportar em sala de aula”; “Peço ajuda da minha irmã e procuro ler mais sobre o assunto”; “Procurei estudar mais com meu amigo”; “Busco conversar com os colegas e professores para entender melhor os assuntos e acabar com a timidez”; “Busco

apoio dos familiares”; “Tento, mesmo longe, procurar os colegas para estudarmos juntos”; “Eu já tentei, não só tentei como já dormi na casa de alguém que mora na cidade só para fazer o trabalho”; “Consegui me enturmar com todos e hoje me sinto bem”.

Esta última resposta demonstra o quanto a socialização é importante para o jovem, assim, sente-se melhor na escola após ter se enturmado. Se não tiver essa aproximação com os colegas, o estudante terá mais dificuldade de se motivar. Isso implica dizer que a escola tem muitos sentidos. Por outra parte, ela deixa de ser modelada somente por critérios da sociabilidade adulta, já que os critérios da sociabilidade adolescente começam a penetrar no ambiente escolar (DAYRELL, 1996; SPOSITO, 2007b).

Charlot (2000) frisa que embora a escola tenha a função central de instruir, ela também é espaço de vida. Para esse autor, independentemente do nível de aprendizagem, o espaço de aprender é um espaço-tempo compartilhado com outros e o que está em jogo não é apenas epistêmico e didático, mas também as relações com os outros e relações consigo próprio, pois o estudante é um ser social. Segundo Dayrell (2007), vários estudos indicam que a sociabilidade, uma das dimensões da condição juvenil, desenvolve-se nos grupos de pares, preferencialmente, nos espaços e tempos de ócio e diversão, mas também está presente nos espaços institucionais, tais como a escola e o trabalho. Os colegas de classe formam uma rede que se converte em uma referência na trajetória juvenil e permite a criação tanto de “eu”, como de um “nós” distintivos. Assim, o referido autor questiona se a escola “faz” as juventudes.

Outro aspecto suscitado nas respostas foi o acesso dos jovens rurais à internet, ferramenta importante para o conhecimento e, por que não, distração. Um dos jovens pesquisados abordou as ações feitas para superar as dificuldades na escola: “Procuro ouvir mais explicações, procuro na internet e com amigos que entendem”, ou seja, apresentou três das questões de destaque nas respostas obtidas: *prestar atenção*, *a interação com os amigos* para estudar e *pesquisar os assuntos na internet*. No estudo desenvolvido por Menezes (2012), os jovens rurais não tinham acesso à internet como os da pesquisa que subsidia esta tese. Seria interessante, inclusive, que as escolas, de algum modo, pudessem explorar mais essa ferramenta como aliada, sobretudo na aproximação com os jovens rurais.

Por fim, duas respostas chamaram a atenção por tratarem de identidades e de linguagem. De acordo com Menezes (2012), os jovens rurais admitiram dificuldades no uso da linguagem padrão utilizada na escola e, em consequência, nos livros didáticos. Essa dificuldade faz com que jovens procurem leituras complementares a fim de compreenderem as matérias estudadas: “Procurei revistas, jornais, livros nos quais eu me identificasse” e “Tento buscar mais, procuro outros materiais que dê uma explicação que eu entenda o linguajar”.

Tabela 37 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Quando sente dificuldades na escola, alguém o(a) ajuda a superá-las?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|--|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 7 | 50,0 | 15 | 75,0 | 10 | 52,6 | 21 | 77,8 | 53 | 66,3 |
| Não | | | | | 3 | 15,8 | | | 3 | 3,8 |
| Às vezes | 6 | 42,9 | 4 | 20,0 | 6 | 31,6 | 6 | 22,2 | 22 | 27,5 |
| Eu sempre busco me adaptar e tirar dúvidas | | | 1 | 5,0 | | | | | 1 | 1,3 |
| Não respondeu | 1 | 7,1 | | | | | | | 1 | 1,3 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2010/2011 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Dos jovens pesquisados que sentem ou já sentiram alguma dificuldade na escola, 66,3% – 51,5% dos homens e 76,6% das mulheres –, responderam que sempre têm quem os ajude a superá-las, ou seja, nenhuma das mulheres afirmou falta de auxílio; porém, alguns rapazes de Nossa Senhora da Glória ficam sem ajuda. Esse resultado não se diferenciou muito da pesquisa conduzida por Menezes (2012), mas houve grande diferença no resultado daqueles que não têm ninguém que os auxilie, visto que o percentual obtido em 2012 chegou a quase 30% e, dentre os homens, o percentual chegou a 44,2%. Não obstante, nesta pesquisa, apenas 3,8% não tem ninguém que os ajude, sendo, porém, 15,8% dos rapazes de Nossa Senhora da Glória, em relação a seu estrato (Tabela 37). Por sua vez, quase 30% dos jovens responderam que, às vezes, têm quem os auxilie e, dentre os homens, o percentual foi de 36,4%, enquanto na pesquisa de Menezes (2012), apenas um rapaz deu essa resposta.

Dentre os 76 jovens pesquisados que obtêm alguma ajuda, inclusive esporadicamente, quando enfrentam dificuldades na escola (Tabela 38), em primeiro lugar na classificação das respostas obtidas estão amigos e colegas como os principais auxiliares, com 35% das respostas, assim como também ocuparam a primeira posição na pesquisa de Menezes (2012). Analisando-se por gênero, dos homens desta pesquisa, 37,8% alegaram que recebem ajuda dos colegas e amigos, próximo ao percentual observado por Menezes (2012). Quanto às mulheres, houve uma queda no percentual, já que 33,8% responderam que recebem ajuda dos colegas e amigos em relação aos 51% apresentados por Menezes (2012). Os professores também foram citados como aqueles que ajudam os jovens a superar as dificuldades em 23,7% das respostas, também próximo aos 28% relatados por Menezes (2012). Familiares, sejam primos, irmãos, tios, pais e mães ajudam aos jovens, desta vez com certo destaque para os pais, um pouco mais que as mães, uma diferença ao trabalho de Menezes (2012), no qual o percentual das mães que ajudavam aos filhos foi maior que o dos pais, além do que, na região desta pesquisa são as mães que têm mais anos de escolarização (Tabela 38).

Tabela 38 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Quando sente dificuldades na escola, quem te ajuda a superá-las?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-----------------------------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Amigos, colegas | 5 | 33,3 | 14 | 40,0 | 9 | 40,9 | 12 | 28,6 | 40 | 35,1 |
| Professores | 5 | 33,3 | 7 | 20,0 | 5 | 22,7 | 10 | 23,8 | 27 | 23,7 |
| Familiares (primos, irmãos, tios) | 1 | 6,7 | 7 | 20,0 | 4 | 18,2 | 7 | 16,7 | 19 | 16,7 |
| Pai | | | 2 | 5,7 | 2 | 9,1 | 5 | 11,9 | 9 | 7,9 |
| Mãe | | | 2 | 5,7 | 2 | 9,1 | 3 | 7,1 | 7 | 6,1 |
| Conhecidos | 2 | 13,3 | | | | | 1 | 2,4 | 3 | 2,6 |
| Namorado(a), companheiro(a) | | | 3 | 8,6 | | | 3 | 7,1 | 6 | 5,3 |
| Não responderam | 2 | 13,3 | | | | | 1 | 2,4 | 3 | 2,6 |
| Total | 15 | 100,0 | 35 | 100,0 | 22 | 100,0 | 42 | 100,0 | 114 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Obs.: alguns jovens pesquisados deram mais de uma resposta.

6.15 O QUE SE APRENDE NA ESCOLA E O DIA A DIA NO CAMPO

Eu posso passar o que aprendi para outras pessoas, porque eu gosto de fazer isso e a matéria que eu estou mais gostando no terceiro ano é biologia. Achei o assunto bem interessante e sempre que aprendo uma coisa nova sobre as leis de Mendel eu chego em casa falando para minha mãe (Moça, Nossa Senhora da Glória, 2015).

Foi esta a resposta que uma das estudantes pesquisadas deu à seguinte questão: “Com o que aprendeu na escola, o que você pode fazer no seu dia a dia, na sua casa, no seu trabalho?”, elaborada com a intenção de investigar se o que os jovens aprendem na escola urbana é utilizado em atividades no cotidiano rural. No entanto, as respostas obtidas, em sua maioria, de igual modo como aconteceu em pesquisa conduzida por esta autora para seu mestrado, foram bastante genéricas, por exemplo: “Em casa eu sou mais educado”.

Observou-se que os jovens rurais, assim como nos resultados de pesquisa de Menezes (2012), não percebem uma relação de praticidade entre o que se aprende na escola urbana e as atividades que porventura desenvolvem no campo. Com 27,5% das respostas⁵⁷, em particular as mulheres de Nossa Senhora da Glória (38,9% das respostas de seu estrato), os jovens ressaltaram que aprendem na escola para ajudar e ensinar aos que não sabem e “passar para os outros”, como os irmãos mais novos, cunhados e pai analfabeto; 13% das respostas enfatizaram “ser mais educado” (principalmente as jovens de Poço Redondo, com 23,8% das respostas do seu estrato); enquanto quase 10% das respostas foram ainda mais vagas: fazer “muitas coisas”, “várias coisas”, “as melhores coisas” e “tudo”, nomeadamente as respostas das moças de Nossa Senhora da Glória, com 16,7% das respostas do seu estrato. Este resultado, ao menos com

⁵⁷ Na pesquisa de Menezes (2012) para o mestrado, o percentual foi 23% das respostas.

relação à classificação das respostas, aproximou-se muito da pesquisa desenvolvida por Menezes (2012).

Algumas respostas dadas pelas estudantes em escolas dos dois municípios em estudo: “Várias coisas, ensinar a minha irmã, transmitir conhecimentos”; “As porcentagens (matemática), como sentar direito (educação física)”; “Passar novas informações para os demais”; “A língua culta, questões financeiras”; “Ter um melhor comportamento de boa convivência com meus pais, melhor desenvolvimento no meu trabalho”; “Ajudar as minhas irmãs nas atividades da escola”; “O que eu aprendo tento passar para meus pais e irmãos”; “Ser uma pessoa educada e passar um pouco do que sei para os outros”; “Ajudar as pessoas honestamente, aprofundar-se mais nos estudos etc.”; “Ajudar as pessoas que não sabem do que falamos e explicar”; “Tudo, pois a escola está envolvida em tudo”; “Os bons modos, passar meus novos conhecimentos”; “Ajudar minha mãe, meu companheiro e minhas cunhadas e também vou ajudar meu filho um dia. Também fica fácil de resolver algumas coisas quando se sabe ler, escrever e contar”; “Posso fazer várias coisas no dia a dia mesmo, posso ler um livro, posso fazer alguma conta se precisar na casa também e no trabalho é onde mais precisamos para fazer conta para várias outras coisas”; “Posso ensinar algumas coisas aos meus irmãos que estudam e ao meu pai que é analfabeto”; “Aprender muito mais e passar o que aprendi para outros jovens, seja em casa ou no trabalho” (mulheres de Nossa Senhora da Glória).

“Uma pessoa mais informada e posso passar isso sempre que posso”; “Ter respeito com todos, respeitar o próximo”; “A gente aprende a cuidar mais da saúde e a prevenir muitas doenças etc.”; “Inúmeras coisas, como passar para meus pais valores que consegui aqui”; “As melhores coisas que eu aprendi”; “Dependendo da situação, a gente aplica o que aprende em casa”; “Coisas como ler, escrever, tirar dúvidas e se adaptar etc.”; “Posso ajudar no trabalho dos meus pais, porque eles são negociantes, também me ajudou a conhecer meu próprio corpo e minha saúde etc.”; “Eu posso ficar mais atenta com alguns sintomas de doenças, ter e ajudar as pessoas da minha família a ter hábitos alimentares melhores”; “Ser organizada, não falar palavrões etc.”; “A trabalhar em grupo, ter mais paciência, porque aqui exige muito essas coisas” (mulheres de Poço Redondo).

Algumas respostas dos homens, foram: “Falar bem, conversar, interagir”; “Até o momento nada ainda, só me empenhar mais”; “Distribuo o meu conhecimento com os outros”; “Em casa eu sou mais educado etc.”; “Ter bastante respeito em casa ou, então, no trabalho com os outros”; “Ajudar meus irmãos mais novos nas tarefas escolares”; “Passar para as pessoas que não tiveram a oportunidade que tive”; “Para ter mais facilidade para trabalhar” (homens de Poço Redondo). “Tudo que tem a ver com matemática”; “Várias coisas que não tinha a

oportunidade de ver”; “Respeitar mais as pessoas, ter mais educação. Passar algo de bom para aqueles que não aprenderam”; “Muitas coisas, como ter um bom diálogo familiar etc.”; “Ser mais educado, respeitar meu próximo, ajudar nas contas de casa” (homens de Nossa Senhora da Glória). Vale ainda ressaltar duas respostas: “Não. A escola é um bem fundamental, mas ninguém usa fórmula matemática – o verbo – para cuidar de vacas” (homem, Poço Redondo).

Nada. Pois meu serviço é cuidar dos animais e trabalhar no campo. Observação: é algo que não somos forçados pelos pais, mas é algo que é necessário e percebe-se com facilidade isso. Meus pais me pedem para ajudá-los, de ver a necessidade e devido também ao costume de ver meus pais na ‘lida’ do trabalho sempre (Rapaz, Nossa Senhora da Glória, 2015).

Tabela 39 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Com o que aprende na escola o que você pode fazer no seu dia a dia, na sua casa, no seu trabalho?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|--|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Ajudar, ensinar, passar para os outros o conhecimento que aprendeu, ser um exemplo | 4 | 33,3 | 5 | 23,8 | 2 | 9,1 | 14 | 38,9 | 25 | 27,5 |
| Ser educado(a), respeitoso, ter bom comportamento | 2 | 16,7 | 5 | 23,8 | 2 | 9,1 | 3 | 8,3 | 12 | 13,2 |
| Fazer contas, somas, orçamento do mês | 2 | 16,7 | | | 6 | 27,3 | 4 | 11,1 | 12 | 13,2 |
| Muitas coisas, várias coisas, tudo, as melhores coisas | | | 1 | 4,8 | 2 | 9,1 | 6 | 16,7 | 9 | 9,9 |
| Escrever, ler, estudar | | | 1 | 4,8 | 3 | 13,6 | 4 | 11,1 | 8 | 8,8 |
| Comunicação: falar corretamente, saber se comunicar mais | 1 | 8,3 | | | 2 | 9,1 | 2 | 5,6 | 5 | 5,5 |
| Cuidados pessoais, com a saúde, com a alimentação | | | 3 | 14,3 | | | | | 3 | 3,3 |
| Nada, quase nada | 2 | 16,7 | | | 1 | 4,5 | | | 3 | 3,3 |
| Ser organizado e disciplinado | | | 3 | 14,3 | | | | | 3 | 3,3 |
| Conhecimento aplicado | | | 1 | 4,8 | 2 | 9,1 | 1 | 2,8 | 4 | 4,4 |
| Sociabilidade | | | 1 | 4,8 | 1 | 4,5 | | | 2 | 2,2 |
| Postura, sentar corretamente | | | | | | | 1 | 2,8 | 1 | 1,1 |
| Entender o meio onde vive | | | | | | | 1 | 2,8 | 1 | 1,1 |
| Obter emprego, trabalhar | 1 | 8,3 | | | | | | | 1 | 1,1 |
| Resposta vaga | | | 1 | 4,8 | 1 | 4,5 | | | 2 | 2,2 |
| Total | 12 | 100,0 | 21 | 100,0 | 22 | 100,0 | 36 | 100,0 | 91 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Obs.: alguns jovens pesquisados deram mais de uma resposta.

Assim como realçado por Menezes (2012), retoma-se a análise elaborada por Dayrell (2007) sobre a crítica dos estudantes feitas a distância entre o currículo escolar e sua realidade, quando requerem professores para ajudá-los a perceber o que certo conteúdo tem a ver com sua vida cotidiana, pode ser relacionada ao que os inquiridos responderam: com o que aprendem na escola podem fazer “pouco”, “pouca coisa”, “nada” e “quase nada”; sendo, em relação a seu estrato, 14,3% o percentual de respostas dos rapazes de Poço Redondo (dois rapazes) e um

rapaz de Nossa Senhora da Glória (Tabela 39). Além disso, 10% dos jovens pesquisados se abstiveram de responder, que suscita a interrogação se não responderam porque não veem uma relação entre o que aprendem na escola e o seu dia a dia.

É intrigante o fato de que os jovens rurais precisam ter acesso à escola de ensino médio, mas a escola urbana não trabalha conteúdos importantes para aqueles que vivem no campo. Além disso, esses jovens enfrentam diversas dificuldades, como a distância entre casa e escola e, portanto, perdem um tempo que poderia reverter para o estudo individual e para as tarefas escolares; a necessidade de transporte público que garanta a frequência à escola diariamente e o acesso a bibliotecas e internet no meio rural, imprescindíveis para que os estudantes façam pesquisas e alguns trabalhos escolares (MENEZES, 2012).

Ao contrário da visão dos rapazes citados anteriormente, algumas respostas se aproximaram mais à vivência no campo, sobretudo dadas pelos homens e relataram a importância de fazer contabilidade e contas do que a unidade familiar produz: “Fazer alguma soma, matemática etc.”; “Contas, como vai o orçamento do mês”; “Muitas coisas. Ler, realizar operações matemáticas ligadas ao campo porque no momento não consegui emprego fixo”; “Resolver contas em casa, da roça, ajudar meus irmãos e trabalhar em um bom emprego”; “Fazer contas, conhecimento sobre as substâncias que uso etc.”.

Nesta pesquisa, nenhum dos jovens fez menção sobre a possibilidade de utilizar o que aprenderam na escola para cuidar do meio ambiente e não poluí-lo, diferentemente do que foi observado na investigação conduzida por Menezes (2012), quando ao menos quatro jovens se reportaram a esse aspecto. Apenas uma moça deu uma resposta bastante interessante que com o que aprendeu na escola pode conhecer o meio em que vive, “a terra, os animais, os recursos naturais”, já que, ao “estudar você vê o meio onde vive com outros olhos”.

Algumas questões abordadas pelos jovens rurais na pesquisa de Menezes (2012) não surgiram desta vez, tais como “ficar informada”, “lutar pelos direitos”, “exercer a cidadania”, “evitar as drogas”, “ajudar a família”, “utilizar o inglês” e “crescimento pessoal”. Porém, um tipo de resposta, muito curta por sinal, apenas o termo “disciplina”, foi apresentada por duas moças de Poço Redondo e vale ser relacionada a tema tratado por Filipouski e Nunes, ao abordarem dois espaços relevantes de socialização para os jovens: a família e a escola por serem territórios onde são “formados valores, construídas identidades, desenvolvidas competências que preparam para o trabalho e a vida adulta” (FILIPOUSKI; NUNES, 2012, p. 34). Um dos aspectos que consideram é justamente a disciplina que surge em ambos os contextos.

Para Filipouski e Nunes (2012), ainda que os modos de educar se flexibilizem, a escola requer dos alunos um corpo “disciplinado”, pois espera que permaneçam sentados em “seu”

lugar, que sempre estejam atentos e que gravem as lições, respondam às solicitações quando demandados, revelando controle sobre si mesmos, autodisciplina e concentração. Como tais posições não são características nem valor em todos os grupos e circunstâncias sociais, em decorrência, na sala de aula, os jovens são convidados a atuar conforme critérios de respeito, organização e domínio corporal que nem sempre têm costume de adotar, não reconhecem como valor tampouco recebem no convívio social. Atitudes rebeldes, violência ou de apatia, reação ao contexto da atividade escolar, terminam aprofundando a distância entre a lógica na qual o controle escolar se baseia e a cultura familiar.

Quando as duas alunas se reportam à disciplina aprendida na escola que pode ser levada para casa e para o trabalho, isso leva à dedução de que teria sido trabalhada durante o percurso escolar das jovens, outra aluna lembrou que leva da escola para casa e para o trabalho o aprendido na aula de educação física: “como sentar direito”, ou seja, um corpo disciplinado, descoberto como objeto e alvo do poder: corpos dóceis e obedientes que se permitem instruir perante o poder da disciplina, uma nova anatomia política trabalhada por Foucault (2009), como um processo que se consolida no ambiente escolar e na prática pedagógica.

Até este ponto da pesquisa, o ideário liberal lockeano – que os homens empregassem todo esforço de pensamento para aperfeiçoar os meios de conhecer a verdade (LOCKE, 1983) e que conhecimento é poder –, praticamente não se apresenta nas falas de jovens rurais pesquisados. Com base nas respostas obtidas, pode-se observar que, em relação ao conhecimento vinculado a atividades práticas, os jovens relacionam o que aprendem na escola a coisas muito vagas. Desse modo, a ideia de conhecimento e poder praticamente não se observou. Porém, retomando análise já apresentada sobre individualizações juvenis, algumas respostas, mesmo que não fortemente, poderão ser relacionadas à liberdade de conduzir-se por si mesmo, mas se ressalta mais uma liberdade para autonomia financeira e a possibilidade de saída do meio rural. Não foram observadas respostas nos questionários que enfatizassem um protagonismo juvenil pelo conhecimento, o exercício do poder para se posicionar ou reivindicar políticas públicas para sua região e para a sua categoria social, a não ser nos grupos focais e entrevistas, quando foram solicitados a se posicionar.

6.16 HÁBITOS DE ESTUDO E DE LEITURA

Fundamental para a formação dos mais jovens, para se comunicarem melhor, a leitura facilita a pronúncia e a escrita das palavras, bem como aumenta e melhora o vocabulário. O que se lê também diz muito acerca da identidade do sujeito, tanto que as pesquisas de mercado e os

sítios eletrônicos de relacionamento sempre perguntam a respeito dos hábitos e preferências de leitura, pois o gosto literário pode até aproximar, afastar pessoas ou, como já bem dito por Bourdieu, classificá-las, pois o gosto

é o operador prático da transmutação das coisas em sinais distintos e distintivos, das distribuições contínuas em oposições descontínuas; ele fez com que as diferenças inscritas na ordem física dos corpos tenham acesso à ordem simbólica das distinções significantes (BOURDIEU, 2011a, p. 166).

Ademais, critica a ideologia do gosto inato ao defender que gostos e preferências são socialmente construídos. Sob esse aspecto, ciente de que “condições diferentes de existência, produzem *habitus* diferentes” (BOURDIEU, 2011, p. 164), perguntou-se aos jovens se eles costumam ler, afinal, são estudantes do ensino médio, a maior parte com o propósito de ingressar no nível superior, conforme será tratado adiante. Esta questão foi pesquisada por Menezes (2012), em seu mestrado, com jovens rurais estudantes de Nossa Senhora da Glória e, cinco anos depois, com novas turmas de alunos do ensino médio, inclusive com jovens rurais estudantes de Poço Redondo, volta a ser elaborada. Além da pergunta referente à frequência de leitura dos jovens, também se pesquisou a frequência de estudos, visto que para estudar, o hábito de leitura revela-se essencial.

Tabela 40 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Com que frequência você estuda?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-------------------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Diariamente | 6 | 42,9 | 11 | 55,0 | 10 | 52,6 | 12 | 44,4 | 39 | 48,8 |
| Nos finais de semana | 2 | 14,3 | 3 | 15,0 | 3 | 15,8 | 13 | 48,1 | 21 | 26,3 |
| Nas vésperas dos testes | 6 | 42,9 | 3 | 15,0 | 4 | 21,1 | 2 | 7,4 | 15 | 18,8 |
| Dias alternados | | | 1 | 5,0 | 1 | 5,3 | | | 2 | 2,5 |
| Sempre que posso | | | 1 | 5,0 | | | | | 1 | 1,3 |
| Nula | | | 1 | 5,0 | | | | | 1 | 1,3 |
| Não respondeu | | | | | 1 | | | | 1 | 1,3 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Quanto à frequência de estudos, 48,8% responderam que estudam “diariamente”, quase 27% responderam que estudam “nos finais de semana” e quase 20% apenas “nas vésperas dos testes” (Tabela 40). Vê-se que, se somados, para quase 47% dos jovens, o estudo é priorizado apenas nos finais de semana e véspera de provas, mas quase metade relata que estuda diariamente. Não se observou diferença considerável no percentual das respostas dos jovens que informaram o hábito de estudos diário, por gênero e por município pesquisado. Porém, quanto aos que estudam nos “finais de semana”, o percentual de moças de Nossa Senhora da

Glória foi 48% e foi o que elevou o percentual total para 26,3%, bem maior do que o percentual de respostas dos rapazes e das moças de Poço Redondo, que ficou entre 14% e 15%. Quanto aos que estudam apenas nas vésperas dos testes, nos dois municípios pesquisados, o percentual de rapazes que têm esse hábito é quase três vezes maior que o das moças: quase 43% dos rapazes e 15% das moças estudantes em escolas de Poço Redondo e 21,1% dos rapazes e 7,4% das moças estudantes em escolas de Nossa Senhora da Glória.

Os rapazes de Nossa Senhora da Glória explicaram o fato de só estudarem na véspera dos testes: “Por conta do tempo, pois fico o dia todo na escola e quando chego *em* casa estou cansado”; “Nas vésperas meus pais me incentivam a deixar um pouco mais de lado os afazeres e me dedicar. Em trabalhos escolares também, às vezes, eu por conta própria pulo as tarefas escolares em casa, mas sem dar tempo no *busão*”; “Porque não aguento muito assunto”. Moças de Nossa Senhora da Glória: “Eu acho que é desleixo meu”; “Porque, às vezes, eu me descuido dos estudos”. Rapazes de Poço Redondo: “Acho chato e tenho outras obrigações”; “Para não esquecer no dia do teste”; “Porque não tenho tanto tempo”; “Porque seria mais útil em lembrar o estudo”. Moças de Poço Redondo: “Só assim consigo entender melhor os assuntos”; “Preguiça, às vezes, e estou estudando à noite Pre-Seed, daí não estou tendo muito tempo para estudar os assuntos da escola, mas os assuntos do *pré* ajudam”.

Em relação à frequência de leitura, 37,% dos jovens rurais pesquisados informaram que leem “às vezes”, dos quais 51,5% dos rapazes, proporcionalmente bem mais que 27,6% das moças em relação a seus respectivos estratos. Dos 37,5% que admitiram ler pouco ou “raramente”, também em relação a seus estratos, 36,4% são rapazes e 38,3% são moças e, nessa frequência de leitura, os percentuais de ambos os gêneros ficaram mais próximos. Quase 24% dos jovens responderam que leem muito, sendo 9% dos rapazes e 34% das moças. Somente um rapaz admitiu nunca ler (Tabela 41).

Tabela 41 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você costuma ler?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-----------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Muito | 1 | 7,1 | 4 | 20,0 | 2 | 10,5 | 12 | 44,4 | 19 | 23,8 |
| Às vezes | 9 | 64,3 | 8 | 40,0 | 8 | 42,1 | 5 | 18,5 | 30 | 37,5 |
| Raramente | 3 | 21,4 | 8 | 40,0 | 9 | 47,4 | 10 | 37,0 | 30 | 37,5 |
| Nunca | 1 | 7,1 | | | | | | | 1 | 1,3 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Aos jovens que leem muito, às vezes e raramente foi franqueada a oportunidade de fornecerem mais detalhes a respeito, de modo que os rapazes de Poço Redondo informaram ler:

cordel, gibi/revistas em quadrinhos, histórias, livros, assuntos da escola, autoajuda, livros com imagens, revistas e dois não responderam. Das moças que estudam em Poço Redondo, dramas melancólicos; livros de romances; literários; redações; livros sobre saúde; livros sem especificar, histórias; poemas; *Peter Pan*; revistas; assuntos da escola, indicações dos professores e uma aluna não respondeu. Dos rapazes de Nossa Senhora da Glória, as respostas foram: política, sociologia; um bom livro de fantasia; romances, autoajuda; notícias, sítios eletrônicos de jornais; WhatsApp; qualquer texto, textos; livros sem especificação; livros didáticos, indicados pelos professores; poesias; histórias; livros religiosos; literatura e um aluno não respondeu. Das moças de Nossa Senhora da Glória, obteve-se as seguintes respostas: livro, livros diversos; textos informativos, qualquer tipo de informação; *A culpa é das estrelas*; livros de autoajuda, “que contêm histórias de incentivo”; contos; poemas; romances; revistas; livros didáticos; livros que o professor de português nos empresta; histórias de autores; literatura brasileira, por exemplo, Machado de Assis; histórias em quadrinhos; jornais; histórias de ação; história; livros que os professores indicam.

Os jovens tiveram a liberdade de dar mais de uma resposta a respeito do que leem e, pela frequência das respostas, pode-se observar que falaram mais em livros, de forma vaga, romances, livros de autoajuda, livros didáticos e revistas. Chama a atenção o fato de um aluno alegar que lê “WhatsApp”, ou seja, diante de algumas respostas sobre as leituras realizadas figuram “textos”, “textos diversos”, “textos informativos”, “livros com gravuras”, de modo que caberia, inclusive, uma revisão sobre os números dos que informaram que leem muito e às vezes. Apenas duas moças citaram títulos de livros, como *A culpa é das estrelas* e *Peter Pan*. Outra mencionou Machado de Assis, referência na literatura brasileira, e mencionaram o médico e escritor Augusto Cury duas vezes.

Foi tocante saber que o professor de português de uma das escolas de Nossa Senhora da Glória empresta livros a seus alunos. Remete a uma passagem de Bourdieu e Passeron, ao abordarem se a escassa integração entre os estudantes parisienses seria um obstáculo para a transmissão de informações técnicas e incentivos intelectuais; porém, “entre os estudantes que frequentam a biblioteca [...], os que dizem ter lido ou emprestado algum livro seguindo o conselho de um colega são três vezes menos numerosos que os que seguiram o conselho de um professor” (BOURDIEU; PASSERON, 2015, p. 54).

Durante a coleta de dados, esta autora não observou movimentação de alunos nas bibliotecas das escolas, aliás, só conheceu a biblioteca de uma das escolas, que esteve todo o tempo fechada em um dos dias de visita para a pesquisa. Dos efeitos da infraestrutura na defasagem idade-série, conforme pesquisa de Soares e Sátyro (2008), a biblioteca parece ter

impacto positivo relevante, pois, no modelo aplicado pelos autores na análise para o ano de 1999, a sua presença na escola reduz a defasagem idade-série em 1,5 ponto percentual (p.p.).

Não obstante, os jovens rurais que “leem muito” não têm feito uma leitura mais adequada ao seu nível de ensino porque, ao serem perguntados acerca do que leem, poucos reportaram o nome de autores. Apresentaram mais respostas genéricas, como: “eu leio livros”. Já que a pesquisa compreende alunos do último ano do ensino médio, chama a atenção esse tipo de resposta, assim como ocorreu na pesquisa de Menezes (2012), quando respostas mais genéricas como revistas, livros, romances e jornais foram as mais usuais.

Fato relevante na pesquisa de Menezes (2012) foi que quase 14% dos jovens rurais declararam que leem jornais, apesar da queda generalizada na leitura desse meio de comunicação devido ao aumento da preferência pelo acesso à informação atualizada na internet, esta, de fato, o meio mais acessado pelos jovens atualmente; e, na referida pesquisa, somente um rapaz respondeu que lê notícias na internet. Desta feita, visto que se passaram cinco anos entre uma pesquisa e outra, os jovens têm mais acesso à internet e quatro citaram que leem notícias em sítios eletrônicos, enquanto apenas uma jovem se reportou ao termo “jornais”.

Em resumo deste capítulo com análise da primeira questão norteadora, os jovens rurais pesquisados gostam de estudar, contudo, observa-se uma relação entre estudar e a preocupação com o futuro, bem como em subir e ser alguém na vida através dos estudos, em um sentido pragmático de ir à escola. É verdade que gostam de ir à escola e a apresentam como um lugar de aprendizagem e conhecimento, um espaço onde se preparam para o futuro e também de socialização. Os jovens de ambos os municípios pesquisados conferem o mesmo sentido à escola. Quanto à motivação para terem chegado ao último ano do ciclo básico, em relação aos dois municípios, as respostas obtidas foram semelhantes, assim como dos rapazes e das moças; ressaltam os planos de sair do campo para cursar faculdade e, no futuro, ter um bom emprego e ser alguém na vida, este o tipo de resposta com maior repetição.

Assim como já apresentado por Menezes (2012), essa é a trajetória almejada para a maioria dos jovens, para os quais o meio rural não tem muito a oferecer em relação a empregos e já que o trabalho dos pais como agricultores é desvalorizado, buscam um bom futuro longe das atividades agrícolas, tanto que os próprios parentes os incentivam a continuarem estudando. Os sonhos foram reiteradamente citados, tais como o de ter uma profissão e ser bem-sucedido, ter uma boa escolarização e conseguir um bom trabalho futuramente. Verifica-se a excessiva confiança no credencialismo escolar e não veem as contradições presentes na relação linear estabelecida entre diplomas e cargos. Os pais, praticamente todos, apoiam os filhos para irem à escola e, mesmo se não apoiassem, os jovens demonstraram uma individualização a ponto de

afirmarem que continuariam estudando a despeito da aprovação dos familiares e até das dificuldades na escola e de algumas matérias de que não gostam, não por causa do conteúdo, mas devido à complexidade envolvida.

Das disciplinas do ensino médio, os jovens gostam muito de educação física e não gostam tanto de química. Quase metade dos jovens inquiridos já ficou reprovada, destes, a maioria uma vez, mas também houve alunos que revelaram ter sofrido de duas a cinco reprovações durante a trajetória escolar. As dificuldades relatadas e a falta de ajuda para superá-las pode ter sido um dos motivos das reiteradas reprovações e da defasagem idade-série dos jovens estudantes rurais do sertão em estudo. Isso resulta em prejuízo para o aluno, ao permanecer mais tempo na escola, quando poderia trabalhar ou cursar o nível superior; para os pais, a maior parte agricultores, que abdicam da colaboração dos filhos na lida do campo; e para o governo, que continuará investindo no aluno até que este alcance o nível de ensino necessário.

Para os jovens pesquisados, bom aluno é quem se dedica, presta atenção e nunca é reprovado. A maioria acredita que o ensino médio os qualificou, porém, muitos aguardam na universidade, pois o ensino médio consiste somente em uma base. Os jovens preferem continuar estudando onde já se encontram matriculados, mas gostam do ensino no campo e consideram, em sua maioria (embora o resultado tenha sido bastante apertado), não haver diferença entre escola do campo e da cidade. Além disso, não mostraram, portanto, qualquer rejeição à escola do campo, isto é, pouco mais da metade prefere estudar na cidade, mas não rejeitam aquela. Não foram observadas diferenças por gênero.

7 EXPECTATIVAS ESCOLARES E PROFISSIONAIS

No terceiro capítulo desta tese, a partir de pesquisas elaboradas por Castro e colaboradores (2013), Branco (2005) e Charlot (2005) em que escola e trabalho são os temas mais caros aos jovens, isso não passa incólume nos jovens rurais. Também corrobora com a seguinte premissa de Sposito (2007a): que ao se tratar da “juventude” não se enfatize apenas as “juventudes”. Embora alguns jovens desta pesquisa se apresentem indecisos, natural nessa fase da vida, parece se consolidar o conceito de juventude, no singular, pois, quando indagados acerca dos planos para após o ensino médio, as respostas mais frequentes davam conta de continuar os estudos e trabalhar, conforme análise a ser apresentada na sequência.

7.1 PLANOS APÓS A CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO

Embora em contexto diverso ao desta pesquisa, pois conduziram seu trabalho com jovens imigrantes e autóctones em Portugal, estudantes na iminência de passar do 9º para o 10º ano de escolaridade⁵⁸, uma pesquisa desenvolvida por Seabra et al. (2011) apresentou singularidades com este estudo. À vista disso, reforça, portanto, a ideia de Sposito (2007a) de trabalhar com uma convergência entre temas e problemas expostos pela juventude rural e urbana e com a singularidade em uma chave mais geral.

No trabalho desenvolvido por Seabra et al. (2011), as autoras consideram que a passagem do 9º para o 10º ano de escolaridade, ou do ensino básico para o secundário, assume um caráter marcante nas trajetórias escolares. Mencionam Grácio (1997) ao reiterar que a área escolhida nesse ponto de bifurcação explica em grande medida toda a trajetória posterior. Na análise dos projetos dos jovens inquiridos em seu trabalho de campo, as autoras verificaram que cerca de metade (51,4%) expressou a intenção de continuar os estudos. Já em uma proporção igualmente significativa, ainda que ligeiramente inferior, delimitou-se pela indecisão ou não indicação quanto à orientação desejada (40,5%). Os casos restantes (aproximadamente 8%) se referem aos estudantes que tencionam deixar de estudar ao concluir o 9º ano, neste último caso, notadamente os descendentes de imigrantes e aqueles com origem em famílias enquadradas nas classes populares, cujos pais ficaram com níveis de escolaridade inferiores ao

⁵⁸ No Brasil corresponde à conclusão do ensino fundamental e ingresso no ensino médio.

ensino superior. Quanto ao gênero, não parece concorrer para ausência de manifestação da orientação pretendida no fim do ano letivo (SEABRA et al., 2011).

No questionário de pesquisa utilizado neste trabalho, diferentemente de Seabra et al. (2011), visto que os alunos já se encontrarem no último ano do ensino médio regular, perguntou-se quais os planos para depois da conclusão desse nível de ensino e, embora ciente de que as respostas não estejam atreladas à realização dos objetivos mencionados, indiciam o que querem ser ou pretendem fazer (Tabela 42).

Tabela 42 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Quais são seus planos para quando terminar o ensino médio?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-----------------------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Faculdade, Universidade | 8 | 53,3 | 15 | 60,0 | 16 | 76,2 | 20 | 74,1 | 59 | 67,0 |
| Emprego, trabalhar | 5 | 33,3 | 6 | 24,0 | 2 | 9,5 | 1 | 3,7 | 14 | 15,9 |
| Vestibular | 1 | 6,7 | 1 | 4,0 | 1 | 4,8 | 3 | 11,1 | 6 | 6,8 |
| Indecisos, não sabem | | | 2 | 8,0 | 1 | 4,8 | 2 | 7,4 | 5 | 5,7 |
| Cursos, continuar estudando | | | 1 | 4,0 | 1 | 4,8 | 1 | 3,7 | 3 | 3,4 |
| Não respondeu | 1 | 6,7 | | | | | | | 1 | 1,1 |
| Total | 15 | 100,0 | 25 | 100,0 | 21 | 100,0 | 27 | 100,0 | 88 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Obs.: alguns jovens pesquisados deram mais de uma resposta.

Ainda que 5,7% dos jovens estejam indecisos – neste caso percentual muito inferior aos 40,5% encontrados por Seabra et al. (2011), já que são alunos do terceiro ano da escola média, certamente mais decididos que os do 9º ano do fundamental, o que reforça a escolha metodológica de se trabalhar com alunos em fase de conclusão do ciclo básico –, 67% das respostas têm a ver com planos de cursar faculdade ou universidade. Se forem somadas respostas referentes a “fazer” e “passar” no vestibular, o percentual das respostas dos jovens rurais que pretendem cursar o nível superior chega a quase 74%. No caso do trabalho desenvolvido por Seabra et al. (2011), as autoras consideram a passagem do ensino fundamental para o ensino médio – considerando-se a nomenclatura brasileira – um momento crucial; do mesmo modo é a passagem do ensino médio para o nível superior. Neste caso, para a maioria dos jovens pesquisados, a pretensão de trabalhar fica adiada; pois, inclusive os que responderam “trabalhar” visavam ter condições para pagar uma faculdade particular. Considerando-se que a pesquisa trata de jovens rurais, uma vez que ser agricultor, a profissão da maioria dos pais dos inquiridos, é depreciado, observa-se que os jovens se interessam em ter um diploma e a consequente distinção de um curso de nível superior.

Conforme Pichonelli (2016, s/p), “o ensino superior no Brasil cumpre uma função social invisível: garantir um selo de distinção. [...] Não importa se, muitas e tantas vezes, o curso é

ruim [...]. O sujeito tem motivos para comemorar quando entra em uma faculdade no Brasil porque, com um diploma debaixo do braço, passará automaticamente a pertencer a uma casta superior”, atenta-se que não somente no Brasil, pois Bourdieu (2011a) já tratava desse tema nos anos 60, na França. Não obstante, começa-se a questionar o ensino superior no Brasil. Quanto mais jovens e adultos de classes populares ingressam no ensino superior, mais ele é questionado, especialmente em relação à qualidade dos que entram e dele saem. Entre os jovens pesquisados, quanto a essa pretensão, os homens deram 66,7% das respostas e as mulheres 67,3%; não ocorrendo, desse modo, uma diferença, por gênero, nas expectativas. Quanto a obterem um emprego, os rapazes estão mais interessados, com 19,4% das respostas de seu estrato, em relação a 13,5% das respostas das mulheres⁵⁹ (Tabela 42).

Ao se analisar os dados obtidos por município, percebe-se que em Poço Redondo, embora a maioria dos inquiridos demonstre interesse em cursar universidade ou faculdade, suas expectativas de obter um emprego e trabalhar são mais elevadas do que as dos jovens rurais de Nossa Senhora da Glória. Neste quesito, observam-se diferenças nas expectativas dos jovens dos dois municípios, fato que não ocorreu tanto na análise da questão norteadora relacionada ao sentido da escolarização. Convém registrar que Poço Redondo tem menor PIB e menor IDH que Nossa Senhora da Glória, conseqüentemente, menos oportunidades de emprego. Mesmo assim, os jovens desse município, mais do que os de Nossa Senhora da Glória, aspiram a um emprego; porém, de acordo com alguns depoimentos, o interesse seria primeiro trabalhar e, desse modo, assumir as mensalidades de uma faculdade particular. Já em Nossa Senhora da Glória, além das escolas darem ênfase ao vestibular, há pouco tempo instalou-se um *campus* universitário federal que, inegavelmente, propiciou mais oportunidades aos jovens desse município de cursar uma universidade pública. Portanto, sobre a expectativa de trabalhar após o ensino médio, analisando-se os números por município, a diferença entre as mulheres pesquisadas é de quase seis vezes de Poço Redondo em relação a Nossa Senhora da Glória e, no caso dos homens, 3,5 vezes a mais para os de Poço Redondo. Quanto à comparação deste estudo com o levado a cabo por Menezes (2012), os dados ficaram próximos, com acentuado crescimento na expectativa de cursar o nível superior.

Espontaneamente – pois, mais adiante no questionário de pesquisa, foram perguntados sobre que profissão gostariam de ter –, os seguintes cursos foram citados pelos rapazes: direito,

⁵⁹ Como os 80 jovens rurais que compõem esta pesquisa deram 87 respostas à pergunta sobre os planos após a conclusão do ensino médio, os percentuais apresentados referem-se ao número de respostas obtidas – seja por estrato ou no total –, e não em relação ao número de jovens pesquisados.

agronomia, administração e medicina veterinária. As moças citaram direito, medicina, psicologia, geografia, medicina veterinária, enfermagem, odontologia e biologia. De Poço Redondo, apenas um rapaz (medicina veterinária) e uma moça (“Entrar numa faculdade e ser uma ótima médica”) espontaneamente expuseram suas expectativas em relação ao curso superior que pretendem ingressar.

Perguntados sobre o Campus do Sertão (UFS) que oferta agronomia, medicina veterinária, agroindústria e zootecnia, os jovens apontaram quais dos cursos fariam, mas é importante deixar claro que, em alguns casos, a escolha recai de acordo com a oferta da universidade local. Quando, a partir de uma questão aberta, puderam responder de forma espontânea o que pretendem fazer após o ensino médio, apenas o curso de medicina veterinária foi citado duas vezes e agronomia uma vez. Mais adiante, quando forem apresentadas as opções sobre que profissão gostariam de ter, será importante comparar essas respostas, pois a que dá a indicação do que realmente querem fazer é a pergunta mais direcionada, não a pergunta sobre os cursos até então disponíveis no Campus do Sertão da UFS. Uma moça, estudante em Poço Redondo, a mesma que em pergunta anterior do questionário respondeu que não se interessa por nenhum dos cursos do *campus* universitário na região desta pesquisa, esclareceu: “Conseguir entrar para uma faculdade no curso que eu quero”.

Alguns jovens, visto que os pais não têm condições financeiras, expuseram o interesse em primeiro começar a trabalhar para, posteriormente, pagar uma faculdade. Para esses jovens, até mesmo cursar a universidade pública torna-se difícil devido aos custos inerentes à locomoção e instalação em outra cidade. Desse modo, algumas respostas dos jovens foram: “Trabalhar e depois fazer faculdade. Por não ter condições financeiras” (rapaz, estudante em Poço Redondo). “Procurar um emprego e fazer meu curso”; “Trabalhar e ir direto para a faculdade porque meus pais não têm as condições para eu ir direto para a faculdade”; “Trabalhar e fazer vestibular” (moças, estudante em Poço Redondo). “Pegar um emprego e entrar na faculdade” (rapaz, Nossa Senhora da Glória). “Conseguir trabalho e fazer uma faculdade” (moça, Nossa Senhora da Glória).

Se as justificativas dos planos de cursar o nível superior estão sempre relacionadas à obtenção de um “emprego no futuro”, em segundo lugar, com um percentual de quase 16%, encontram-se “trabalhar” e “conseguir um emprego” que remetem à pesquisa sobre o *Perfil da Juventude Brasileira* e à análise de Branco (2005) de que “educação” e “trabalho” são os assuntos que mais interessam aos jovens brasileiros, com, respectivamente, 38% e 37% de suas respostas. Ademais, reitera a observação elaborada por Charlot (2005) de que, para os jovens, o interesse pela educação vincula-se ao trabalho.

De fato, quanto a esta pergunta, mesmo em relação aos que responderam “cursar uma faculdade”, surgiram razões que pressupõem ter um “emprego” e um “trabalho” seriam consequência da formação em nível superior pois, conforme elucidado por um rapaz, estudante em Poço Redondo: “Ingressar numa faculdade e ter alguma profissão”. Por outro lado, há outros jovens com situação inversa, ou seja, primeiro ingressar no nível superior e, posteriormente, inserir-se no mercado de trabalho: “Entrar em uma faculdade, ter um emprego para conseguir ajudar em casa e nas minhas despesas” (resposta de uma moça de Poço Redondo). Aliás, a independência financeira é algo que preocupa os jovens e, a esse respeito, uma moça, estudante em Poço Redondo, foi categórica: “Trabalhar para não depender dos outros, ser independente, ter um futuro melhor” (moça, Poço Redondo). Outra jovem demonstrou preocupação não somente em arcar com os custos pessoais de sua vida, bem como ajudar a família: “Entrar em uma faculdade, ter um emprego para conseguir ajudar em casa e nas minhas despesas” (moça, Nossa Senhora da Glória).

Assim como ocorreu na pesquisa de Menezes (2012), com relação aos planos após a conclusão do ensino médio, nenhum dos jovens rurais pesquisados, espontaneamente, respondeu que pretende ser agricultor, produtor familiar ou planeja continuar na zona rural e auxiliar os pais. Somente quando diretamente indagados se gostam do campo, se gostariam de ser agricultores e se querem continuar na profissão dos pais e tomar conta da propriedade, uma parcela respondeu de modo afirmativo.

Filipouski e Nunes (2012) consideram que para se compreender o que seja ser jovem, há de se considerar o significado da juventude em relação à condição juvenil e à situação juvenil. A primeira teria a ver com os significados utilizados por uma sociedade para representar seus jovens em um momento dado e a situação juvenil, por sua vez, corresponde às diferentes trajetórias dos jovens a partir de múltiplos recortes de gênero, etnia, territorialidade, grupo social, religião etc., bem como às variadas maneiras de experimentar ser jovem em seu tempo. Tal experiência, para a maioria da população, é também a vivência de uma complexa situação de instabilidade no presente e incerteza diante do futuro.

De modo que, nesta pesquisa, 5,7% dos jovens, as mulheres mais do que os homens, vivem uma situação juvenil de indefinições e de incertezas, tanto que apesar de estarem no último ano do ensino médio, às portas do nível superior ou do mercado de trabalho, mostraram hesitação, conforme pode ser observado em relação à pergunta “Quais são os seus planos para quando terminar o ensino médio?”, quando um jovem respondeu “não tenho um plano ainda”. À pergunta seguinte do questionário “Vê algum obstáculo para isso? Em caso afirmativo, qual?”, um jovem explicou, como mencionado, que triplicaria o problema, resposta retomada

tendo em vista que a situação juvenil, tão claramente explicitada, demonstra de que modo esse jovem vive a incerteza quanto ao futuro. Assim como o rapaz, uma moça externou: “Não sei se poderei continuar com os estudos” e como obstáculo a seus planos apresentou “A falta de condições para pagar os estudos”.

Os jovens rurais pesquisados discorreram sobre vários os obstáculos para o alcance de seus objetivos, tanto em relação ao ingresso na universidade, como em relação ao trabalho. Sobre este último enfatizaram: “As poucas oportunidades” e “Arrumar um emprego” (homens, Poço Redondo); “Oportunidade de emprego e capital”; “O mercado de trabalho exige muito da pessoa” (homens, Nossa Senhora da Glória). “Morar no interior e condições financeiras” e “Porque meus pais não têm as condições para eu ir direto para a faculdade” (mulheres, dos dois municípios, sobre ter que trabalhar para só posteriormente iniciar o ensino superior).

Em relação aos jovens que querem cursar o nível superior após o ensino médio, o obstáculo mais apontado foi o financeiro, mas surgiram outros, como a concorrência também: “Um pouco financeiramente”; “Dinheiro para arcar com os custos”; “Não ter condições de entrar na faculdade”; “A falta de oportunidade”; “Minhas condições financeiras” (rapazes, Poço Redondo). “Condições financeiras” (três vezes mencionada); “As condições financeiras, mas para isso é preciso ter fé e seguir em frente”; “Por falta de recursos”; “O transporte” (moças, Poço Redondo). “Minha família não quer”; “Não estudo muito”; “O transporte”; “O estado financeiro”; “Falta de dinheiro”; “O único obstáculo é a redação que estou tentando melhorar”; “Dificuldade de vagas (rapazes, Nossa Senhora da Glória). “Poucas vagas para muitas pessoas; “Condições financeiras e local para ficar”; “Por não morar na cidade que tenha faculdade, e por minha mãe não permitir que eu more em outro lugar”; “Sim, conseguir a aprovação no ENEM” (duas vezes mencionada); “Porque é muito caro e não posso viajar para outra cidade para fazer”; “Falta o transporte, pois é muito longe”; “O fato de eu não ser uma *nerd* será difícil ganhar uma bolsa e para pagar a mensalidade um pouco difícil”; “O dinheiro”; “O curso que sonho tem uma nota de ENEM muito alta”, esta jovem quer ser delegada (moças, Nossa Senhora da Glória). Duas respostas podem ser destacadas, a primeira, de uma moça de Poço Redondo e a segunda de um rapaz de Nossa Senhora da Glória: “A concorrência com pessoas que tiveram mais oportunidades” e “As pessoas que dizem que não vou conseguir, pois venho de família pobre e do campo”.

Mas para 28,6% dos rapazes de Poço Redondo não existem obstáculos aos seus planos, sendo dois jovens em relação a obter emprego e dois em relação a ingressar no nível superior; enquanto para 15% das moças, em relação a cursar faculdade ou universidade. De Nossa Senhora da Glória, 26,3% dos rapazes e 44,4% das moças também não visualizam obstáculos

aos seus planos e algumas moças demonstraram-se muito positivas a esse respeito: “Pois só se consegue os objetivos com obstáculos”; “Pois é para isso que estudo, para ser alguém na vida” e “Porque para isso basta apenas estudar e muito”. Apesar do otimismo, o fato é que os obstáculos são concretos, a universidade ainda não é para todos e o desemprego juvenil é uma realidade em todo o mundo.

Tabela 43 – Se os jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, veem algum obstáculo aos seus planos após conclusão do ensino médio, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-----------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 7 | 50,0 | 10 | 50,0 | 13 | 68,4 | 14 | 51,9 | 44 | 55,0 |
| Não | 4 | 28,6 | 3 | 15,0 | 5 | 26,3 | 12 | 44,4 | 24 | 30,0 |
| Não responderam | 3 | 21,4 | 7 | 35,0 | 1 | 5,3 | 1 | 3,7 | 12 | 15,0 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Diante dos relatos de dificuldades que os jovens rurais enfrentam, uma consequência pode ser o desestímulo à continuação dos estudos. Nesta pesquisa, foi perguntado o que motiva os jovens a estudar, conforme discutido no capítulo anterior, sendo que a visão de um futuro melhor tem sido o que os anima a prosseguir. Para aprofundar mais essa questão e ter um cenário sobre a perspectiva de que vão continuar os estudos, perguntou-se o que pretendem fazer. Conforme já discutido, a maioria quer continuar estudando e quase 16% quer trabalhar. Porém, qual seria o motivo dos jovens que vão encerrar os estudos no ensino médio?

São poucos os jovens rurais que pretendem deixar de estudar após o ensino médio. Na realidade, alguns pensam em parar só por um tempo. Dos jovens rurais estudantes em Poço Redondo, quatro destes jovens afirmaram que pretendem trabalhar e um não havia respondido. Quanto ao motivo para interromper os estudos com a conclusão do ensino médio, três alegaram que “querem ganhar dinheiro”; um assinalou “tenho dificuldade de aprender” e um respondeu “quero ajudar minha família”. No mesmo município, quatro moças também pretendem parar de estudar no ensino médio, algumas ao menos por enquanto, visto que uma pretende ajudar a família, outra quer primeiro trabalhar e, mais tarde, financiar a faculdade e duas encontram-se vacilantes quanto ao futuro.

Dos jovens que estudam em Nossa Senhora da Glória, duas moças pensam em parar de estudar após a conclusão do ensino médio. Uma delas, na realidade, quer “fazer uma faculdade”; mas, antes, precisa “conseguir trabalho” e “ganhar dinheiro”. A segunda jovem, por sua vez, tem dúvidas entre continuar os estudos e trabalhar com familiares/amigos. Dos rapazes, dois pensam em parar os estudos quando terminarem o terceiro ano do ensino médio; destes, um quer “arranjar um emprego” para ganhar dinheiro e se sustentar e o outro quer ajudar

a família. Este jovem, na realidade, quer dar um tempo, pois, por ainda ser jovem, pretende retomar os estudos assim que puder:

Mas não pretendo deixar a escola de vez, quero dar um tempo para estabilizar minha situação financeira e ajudar minha família até o momento que não dependam tanto da agricultura e pecuária. Meu pai tem 50 anos, minha mãe 37, chegará o tempo que não precisem tanto das suas atividade ou troquem de atividade (Rapaz, estudante em Nossa Senhora da Glória).

Nessa situação de incerteza em face do futuro dos jovens, tanto pelos relatos de possíveis dificuldades para cursar universidade fora de seus municípios ou de começarem a trabalhar; perguntou-se aos jovens se já pensaram em empreender um negócio. Em caso afirmativo, perguntou-se também o que gostariam de fazer, se o assunto “empreendedorismo” já foi discutido na escola e, caso tenha sido, como foi discutido e em qual disciplina.

Em Nossa Senhora da Glória, 63,2% de rapazes já pensaram em empreender um negócio em relação a 43% de rapazes de Poço Redondo. O percentual maior para Nossa Senhora da Glória pode ser devido à possibilidade de retorno no empreendimento ser maior, visto a cidade ter mais habitantes, além da afluência dos moradores de municípios vizinhos. Por outro lado, no caso das moças estudantes em Poço Redondo, 60% já pensaram em empreender algum tipo de negócio, corroborando o que as estatísticas demonstram, as mulheres, mais do que os homens, e os mais jovens, não pretendem permanecer no campo, daí o fenômeno denominado de masculinização dos campos, além do envelhecimento da população rural. Ao analisar os dados por gênero, as mulheres (57,4%), um pouco mais do que os homens (54,5%), já pensaram em abrir um empreendimento. Se a análise for feita por município, em Poço Redondo 52,9% dos jovens pesquisados já pensaram em empreender um negócio, enquanto em Nossa Senhora da Glória o percentual foi de 58,7%, lembrando que os 60% de respostas “sim” das moças de Poço Redondo foi o que elevou o percentual total de jovens que pensam em empreender um negócio naquele município (Tabela 44).

Tabela 44 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você já pensou em empreender um negócio, ou seja, ter um negócio próprio?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-----------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 6 | 43,0 | 12 | 60,0 | 12 | 63,2 | 15 | 55,6 | 45 | 56,3 |
| Não | 8 | 57,0 | 8 | 40,0 | 6 | 31,6 | 11 | 40,7 | 33 | 41,3 |
| Não responderam | | | | | 1 | 5,3 | 1 | 3,7 | 2 | 2,5 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Tabela 45 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Em caso afirmativo, o que você gostaria de fazer?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|---|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Loja, comércio, distribuidora, revendedora | 2 | 33,3 | 4 | 33,3 | 6 | 37,5 | 3 | 25,0 | 15 | 32,6 |
| Clínica de saúde, clínica psicológica | | | 3 | 25,0 | 1 | 6,3 | 3 | 25,0 | 7 | 15,2 |
| <i>Lan house</i> , loja de jogos eletrônicos e de celulares | 1 | 16,7 | 1 | 8,3 | 2 | 12,5 | | | 4 | 8,7 |
| Escritório, escritório jurídico | | | | | 1 | 6,3 | 2 | 16,7 | 3 | 6,5 |
| Fazenda, negócio rural, queijaria | 1 | 16,7 | | | 2 | 12,5 | | | 3 | 6,5 |
| Mercado, mercearia | | | | | 2 | 12,5 | | | 2 | 4,3 |
| Salão de beleza | | | | | | | 2 | 16,7 | 2 | 4,3 |
| Clínica veterinária | | | 1 | 8,3 | | | | | 1 | 2,2 |
| Oficina mecânica | | | | | 1 | 6,3 | | | 1 | 2,2 |
| Creche | | | 1 | 8,3 | | | | | 1 | 2,2 |
| Livraria | | | | | | | 1 | 8,3 | 1 | 2,2 |
| Churrascaria | 1 | 16,7 | | | | | | | 1 | 2,2 |
| Não sabem, não responderam, não tem preferência | 1 | 16,7 | 2 | 16,7 | 1 | 6,3 | 1 | 8,3 | 5 | 10,9 |
| Total | 6 | 100,0 | 12 | 100,0 | 16 | 100,0 | 12 | 100,0 | 46 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Obs.: alguns jovens pesquisados deram mais de uma resposta.

Dos jovens inquiridos que já cogitaram empreender seu próprio negócio, quase 11% responderam não saber em que ou não terem preferência. Comércio foi o item que obteve a maior frequência de respostas, pois 32% dos jovens se interessam em ter lojas, distribuidoras ou revendedoras. Se forem contados negócios como “mercado” e “mercearia”, os negócios voltados a vendas chega a quase 40%, bem típico do lugar, que possui muitas microempresas. Clínicas de saúde e psicológicas também foram mencionadas em 15,2% das respostas. Profissões relacionadas à saúde, como medicina, enfermagem, dentista e psicologia são bastante valorizadas na região, pois conferem *status*, ao lado das relacionadas à carreira jurídica, também lembradas para possíveis empreendimentos, em 6,5% das respostas, mais pelas moças de Nossa Senhora da Glória que pensam em abrir escritórios advocatícios. Não obstante ser agricultor não seja valorizado, ter fazenda, negócio rural, queijaria e clínica veterinária foram mencionados como opções de negócios por quase 9% dos jovens. Negócios rurais, como fazendas e queijaria, apenas foram citados pelos rapazes e a clínica veterinária por uma moça. Um dos rapazes realmente enfatizou que gostaria de ser um “empresário rural”. Mas de onde os jovens rurais tiram essas ideias de empreendedorismo? Seria na escola?

Apenas 20% dos jovens inquiridos responderam “sim” à pergunta “O assunto ‘empreendedorismo’ foi discutido na escola durante o ensino médio?” (Tabela 46). Isso indica que o assunto ainda não é fortemente tratado nas salas de aulas de ensino médio regular do sertão em estudo.

Tabela 46 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “O assunto “empreendedorismo” foi discutido na escola durante o ensino médio?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-----------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 3 | 21,4 | 1 | 5,0 | 5 | 26,3 | 7 | 25,9 | 16 | 20,0 |
| Não | 10 | 71,4 | 17 | 85,0 | 13 | 68,4 | 16 | 59,3 | 56 | 70,0 |
| Não responderam | 1 | 7,1 | 2 | 10,0 | 1 | 5,3 | 4 | 14,8 | 8 | 10,0 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Em relação aos que deram resposta afirmativa, perguntou-se em qual disciplina o assunto foi aventado. Dos rapazes que estudam em Poço Redondo, um respondeu “Não estou mais lembrado qual foi” e dois não responderam. Das moças de Poço Redondo, uma respondeu “Sociologia, e foi muito bem explicado”. Em Nossa Senhora da Glória, um rapaz respondeu “Não lembro”, dois responderam que foi em “Geografia”, um se reportou à “Educação física” e outro observou que “O colégio traz palestrantes”. As moças de Nossa Senhora da Glória, por sua vez, responderam que “Em história, meu antigo professor, às vezes, nos explicava esse assunto de acordo com a história dele”, sete mencionaram: “Foi discutido com os colegas na disciplina de geografia”, ao passo que uma aluna especificou que havia sido em economia.

Em questão de múltipla escolha, perguntou-se “Se pudesse escolher, no futuro, gostaria de...” e um fato interessante foi constatar que os jovens rurais pesquisados não mostraram interesse em trabalhar em empresas privadas que não obteve sequer uma marcação. Poucos jovens – 13,8% das respostas, sendo mais as mulheres (17%) do que os homens (9%) – marcaram a opção emprego público. Com 13,8% das marcações, “não sei” aparece para reforçar a situação juvenil de transição, dúvidas e incertezas perante o futuro (Tabela 47).

Tabela 47 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Se pudesse escolher, no futuro, gostaria de...”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|--------------------------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Ter uma empresa | 6 | 42,9 | 3 | 15,0 | 8 | 42,1 | 12 | 44,4 | 29 | 36,3 |
| Trabalhar por conta própria | 7 | 50,0 | 9 | 45,0 | 6 | 31,6 | 5 | 18,5 | 27 | 33,8 |
| Ter um emprego público | 1 | 7,1 | 3 | 15,0 | 2 | 10,5 | 5 | 18,5 | 11 | 13,8 |
| Trabalhar numa empresa privada | | | | | | | | | | |
| Não sei | | | 3 | 15,0 | 3 | 15,8 | 5 | 18,5 | 11 | 13,8 |
| Outra | | | 2 | 10,0 | | | | | 2 | 2,5 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Supreendentemente quase 70% dos jovens querem “ter uma empresa” (36,3%) e “trabalhar por conta própria” (33,8%) (Tabela 47), em outras palavras, gostariam de empreender um negócio, confirmando a questão anterior. Embora uma das jovens ainda não

saiba em que seria o empreendimento, esclareceu que pensa em ter um negócio próprio, repetindo um chavão do senso comum: “Todo mundo quer ser seu próprio patrão”.

7.2 FUTURO PROFISSIONAL

Os 80 jovens rurais que compõem a amostra desta pesquisa deram 87 respostas à pergunta “Qual profissão ou carreira você gostaria de seguir?”, cujas respostas contemplaram desde agronomia e medicina veterinária, marcadamente rurais, até gerente de banco e juiz, presentes no espaço urbano (Tabela 48).

Tabela 48 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Qual profissão ou carreira você gostaria de seguir?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|---|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Veterinário(a) | 1 | 7,1 | 4 | 20,0 | 1 | 4,2 | 5 | 17,2 | 11 | 12,6 |
| Médico(a) ⁶⁰ | | | 3 | 15,0 | 2 | 8,3 | 5 | 17,2 | 10 | 11,5 |
| Professor(a) ⁶¹ | | | | | 5 | 20,8 | 4 | 13,8 | 9 | 10,3 |
| Advogado(a) | 2 | 14,3 | 1 | 5,0 | 2 | 8,3 | 3 | 10,3 | 8 | 9,2 |
| Engenheiro(a) ⁶² | 3 | 21,4 | 2 | 10,0 | 2 | 8,3 | 1 | 3,4 | 8 | 9,2 |
| Enfermeiro(a) | | | 2 | 10,0 | | | 4 | 13,8 | 6 | 6,9 |
| Empresário(a) | | | 1 | 5,0 | 1 | 4,2 | 3 | 10,3 | 5 | 5,7 |
| Administrador(a) de empresas | 2 | 14,3 | | | 1 | 4,2 | | | 3 | 3,4 |
| Psicólogo(a) | | | 1 | 5,0 | 1 | 4,2 | 1 | 3,4 | 3 | 3,4 |
| Gerente de banco, secretária, auxiliar administrativo | 1 | 7,1 | | | 1 | 4,2 | 1 | 3,4 | 3 | 3,4 |
| Delegado(a) | | | | | 2 | 8,3 | | | 2 | 2,3 |
| Cirurgião(a) dentista | | | 1 | 5,0 | | | 1 | 3,4 | 2 | 2,3 |
| Agrônomo(a) | 1 | 7,1 | | | | | | | 1 | 1,1 |
| Armador(a) de ferragem | 1 | 7,1 | | | | | | | 1 | 1,1 |
| Arquiteto(a) | | | | | 1 | 4,2 | | | 1 | 1,1 |
| Biólogo(a) | | | 1 | 5,0 | | | | | 1 | 1,1 |
| Chefe de cozinha | | | | | 1 | 4,2 | | | 1 | 1,1 |
| Professor(a) de educação física (dono(a) de academia) | | | 1 | 5,0 | | | | | 1 | 1,1 |
| Empresário(a) rural | | | | | 1 | 4,2 | | | 1 | 1,1 |
| Pedreiro(a) | 1 | 7,1 | | | | | | | 1 | 1,1 |
| Promotor(a) ou juiz | | | | | 1 | 4,2 | | | 1 | 1,1 |
| Não responderam, não sabem | 2 | 14,3 | 3 | 15,0 | 2 | 8,3 | 1 | 3,4 | 8 | 9,2 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 24 | 100,0 | 29 | 100,0 | 87 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Obs.: alguns jovens de Nossa Senhora da Glória deram mais de uma resposta, ao todo, sete a mais.

⁶⁰ Foram citadas as especialidades cardiologia e pediatria, bem como apenas “medicina” ou “médico(a)”, sem especificar a especialidade.

⁶¹ Foram citadas as formações em biologia, história e geografia, bem como apenas “professor”, sem especificar a matéria de ensino.

⁶² Foram citadas as engenharias civil, petróleo e mecânica, bem como apenas “engenharia” ou “engenheiro”.

Na pesquisa desenvolvida por Menezes (2012), a profissão de professor recebeu o maior número de respostas, 16,7% no total, sendo 20% das respostas dos homens e 15% das respostas das mulheres. Medicina ocupou o segundo lugar, com 11,6% das respostas; porém, o percentual de respostas das mulheres (15,8%) foi cinco vezes maior do que o dos homens (2,9%). Medicina veterinária foi mencionada em 10% das respostas dos homens e 6,2% das respostas das mulheres ou 7,4% do total de respostas, enquanto agronomia só foi citada duas vezes (0,9%), respectivamente, por um homem e por uma mulher.

Nesta pesquisa, as profissões de professor(a) e médico(a) continuam entre as três primeiras colocações com, respectivamente, 11,5% e 10,3% das respostas; não obstante, medicina veterinária subiu de posição e ocupa o primeiro lugar, com 12,6% das respostas e, de acordo com o percentual pelo total de respostas, por estrato, interessa muito mais as moças (18,4%) que os rapazes (5,3%). Este aumento na aspiração de cursar medicina veterinária pode ser em decorrência da abertura de um *campus* da UFS na região, com a oferta desse curso, dentre outros. No entanto, ao que tudo indica, os demais cursos não empolgaram os jovens rurais, pois, dentre estes, apenas um rapaz confirmou, espontaneamente, a vontade de se graduar em agronomia. Profissão que, embora desenvolva total relação com a terra e a agricultura, desde a pesquisa de Menezes (2012) não tem interessado aos jovens rurais da região. Zootecnia e agroindústria, os demais cursos ofertados pela UFS do Sertão, nem figuram na lista das profissões pelas quais os jovens rurais pesquisados se interessam.

Um rapaz, estudante em Poço Redondo, quer “trabalhar por conta própria com agricultura e pecuária” e se identificou como “empresário rural”. Quando questionado se conhece alguém com essa profissão, respondeu: “Conheço várias pessoas no ramo da agricultura e pecuária. No empreendedorismo, ninguém”. Trata-se de um jovem dividido entre ficar ou sair do campo, se continua com os pais, na lida da pecuária, inclusive tem vontade de trabalhar com laticínios, por certo em ser um queijeiro. O curso de agroindústria ofertado pela UFS do Sertão viria a calhar, já que fica na região, de modo que não será necessário se ausentar do lar para estudar, mas é um curso diurno e o jovem não evidenciou intenção de cursá-lo. De 80 jovens pesquisados, apenas um, espontaneamente, demonstra ter mais interesse em profissão voltada para o meio rural. É certo que algumas mulheres gostariam de cursar medicina veterinária, cabe frisar que intentam abrir clínicas veterinárias, neste caso, a escolha da profissão não seria necessariamente aplicada a grandes a grandes animais.

Fato interessante é que uma das jovens rurais, estudante em Nossa Senhora da Glória, em relação à profissão que gostaria de ter, respondeu: “Algo relacionado a medicina, medicina veterinária, enfermagem”, ou seja, cuidados de saúde humana ou animal, o que pode denotar

que sua escolha em ser veterinária como segunda opção, por certo seria pela terminologia “medicina” que a atrai. Três moças indicaram que poderiam ser “pediatra ou veterinária”; “veterinária ou médica”, o que tem relação com o *status* conferido à medicina. Uma das moças de Nossa Senhora da Glória enfatizou: “Eu gostaria de ser empresária, como citado acima, gostaria de ser professora ou veterinária”, resposta que, mesmo não sendo de trabalhadoras, mas de estudantes na iminência de sair do ensino médio para ou trabalhar e ou cursar o nível superior, são profissões “escolhidas” com muita flexibilidade e se enquadrariam em uma situação juvenil de incertezas diante do futuro.

Sennett (2009) indica que tanto incerteza como instabilidade sempre estiveram presentes na história humana. A grande diferença é que hoje em dia elas aparecem sem nenhum tipo de catástrofe iminente, pois há tensões ao nosso lado todos os dias. Essa evidência desperta nos trabalhadores o que o autor denomina de um sentido de deriva, ou seja, a falta de propósito em relação ao presente e de perspectivas futuras. Em outras palavras, a nova realidade socioeconômica não permite que ocorra o objetivo desejado por esses trabalhadores, ao mesmo tempo em que corrói qualidades individuais que criam os laços entre os seres humanos e lhes conferem uma identidade duradoura.

Há outro lado a se analisar porquanto Nogueira e Nogueira (2015), ao esquadriharem o trabalho de Bourdieu e Passeron (2015) centrado nos “herdeiros”, ressaltam que os estudantes de famílias mais modestas seriam afetados por uma limitação da escolha, concentrando-se em cursos menos prestigiados, tais como letras e ciências, em detrimento de opções como medicina e direito. Diante disso, observa-se que a aluna aponta para todos os lados, desde a medicina veterinária até em vir a ser professora. Para Bourdieu e Passeron (2015), a instituição de ensino cursada também estaria condicionada socialmente, com clara concentração dos que têm origem social privilegiada nas instituições de maior prestígio. Neste caso específico, a instituição não constou na pergunta, mas possivelmente seria a universidade federal por se tratar de medicina veterinária. A “restrição de escolha” ou “escolha forçada”, para os referidos autores, ainda estaria relacionada ao gênero, o que não ocorreu nesta pesquisa, já que tanto mulheres como homens gostariam de cursar medicina, direito e áreas consideradas de maior prestígio. Os autores mencionam ainda a existência de destinos excepcionais, trajetórias incomuns em razão da classe social dos alunos. Diante disso, afirmam que se necessitaria ainda mais estudos das causas implicadas, mas parecem ter sua origem na natureza única do entorno familiar, quer dizer, esses casos se apresentam em famílias que divergem, em certa medida, do seu meio social mais amplo. De vez em quando, casos de filhos e filhas de agricultores que cursaram medicina são veiculados pela mídia. Certa vez, ao cruzar uma estrada rural, em uma casa do campo,

pequena e humilde, esta autora visualizou uma faixa indicando que um jovem estudante daquela família havia sido aprovado em medicina. Assim como Bourdieu e Passeron (2015), concorda que mais estudos das causas referidas são necessários.

Em relação à profissão que gostariam de ter, foi perguntado se os jovens rurais conhecem alguém com tal profissão. Dos jovens inquiridos, apenas um aluno respondeu “Sim, meu pai e meu irmão”, trata-se do que gostaria de ser pedreiro, enquanto 6,3% conhecem a profissão através de algum familiar, mas sem precisar a proximidade. Dos demais, 18,8% desconhecem quem exerça a profissão desejada, embora já tenham visto na televisão, deste percentual, em relação ao total de alunos, 24,2% são homens e 14,9% mulheres, em relação a seus respectivos estratos. No entanto, se a análise for direcionada aos municípios, 29,4% são jovens rurais que estudam em Poço Redondo e 10,9% em Nossa Senhora da Glória. Especificamente em Poço Redondo, 35,7% dos rapazes e 25% das moças só conhecem por meio da tevê a profissão que gostaria de abraçar um dia (Tabela 49).

Tabela 49 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você conhece alguém com essa profissão?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|---|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim, conheço várias pessoas | | | 5 | 25,0 | 9 | 47,4 | 10 | 37,0 | 24 | 30,0 |
| Não conheço ninguém, mas já vi na televisão | 5 | 35,7 | 5 | 25,0 | 3 | 15,8 | 2 | 7,4 | 15 | 18,8 |
| Não conheço ninguém | 4 | 28,6 | 3 | 15,0 | 1 | 5,3 | 6 | 22,2 | 14 | 17,5 |
| Sim, um amigo / uma amiga | 2 | 14,3 | 3 | 15,0 | 2 | 10,5 | 3 | 11,1 | 10 | 12,5 |
| Sim, outro familiar | | | 1 | 5,0 | 1 | 5,3 | 3 | 11,1 | 5 | 6,3 |
| Não conheço ninguém, mas me indicaram | | | | | 1 | 5,3 | 1 | 3,7 | 2 | 2,5 |
| Professores | | | | | 1 | 5,3 | 1 | 3,7 | 2 | 2,5 |
| Sim, meu pai e meu irmão | 1 | 7,1 | | | | | | | 1 | 1,3 |
| Sim, o meu irmão / a minha irmã | | | | | | | | | | |
| Não responderam | 2 | 14,3 | 3 | 15,0 | 1 | 5,3 | 1 | 3,7 | 7 | 8,8 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Se as respostas “não conheço ninguém” e “não conheço ninguém, mas já vi na televisão” forem somadas, tem-se o percentual de 50% dos jovens rurais estudantes em Poço Redondo em relação a 26,1% de jovens rurais que estudam em Nossa Senhora da Glória. Dos jovens que moram e estudam em Poço Redondo, 64,3% dos rapazes e 40% das moças, efetivamente, sobre as profissões que gostariam de ter, somente ouviram falar e não conhecem ninguém, especificamente no caso de administrador de empresas; advogado; armador de ferragem; auxiliar administrativo; engenheiro (civil e mecânico); veterinário, biólogo, cardiologista, empresária e pediatra. Embora outros jovens rurais do mesmo município tenham respondido

que conhecem veterinários, médicos e enfermeiros, mas em menor quantidade. Já em relação a Nossa Senhora da Glória, o percentual dos que desconhecem a profissão que gostariam de ter é 26%, sendo 21% de rapazes e 29,6% de moças, em relação a seus estratos.

Ainda quanto aos dados obtidos com os jovens rurais de Nossa Senhora da Glória, 41,3% responderam “sim, conheço várias pessoas” que atuam nas profissões que gostariam de ter. Por gênero, deram essa resposta 47,4% dos rapazes e 37% das moças em relação a seus respectivos estratos, nas seguintes profissões: advogado(a), médico(a), veterinário(a), enfermeiro(a), engenheiro(a) mecânico(a), gerente de banco, empresário(a), professor(a), dentista, promotor(a) e juiz(a). Conhecer professores, faz todo o sentido, em virtude da vida escolar, porém, para juiz(a), promotor(a) e engenheiro(a) mecânico(a), ao menos no município citado, é menos provável conhecer esses profissionais, quando assim afirmam, deve ser o conhecimento de saber quem é, pois em cidades pequenas as pessoas se tornam mais conhecidas. Quanto a Poço Redondo, nenhum dos rapazes concedeu tal resposta. Cinco moças (25%), por sua vez, afirmaram que conhecem várias pessoas nas profissões como bióloga, profissional da educação física (academia), enfermeira, psicóloga e veterinária.

Nesse quesito, entre municípios vizinhos e na mesma região, não se observa homogeneidade entre os estudantes. Essa diferença remete a um estudo desenvolvido por Bourdieu e Passeron (2015) sobre estudantes universitários, apresentando-os como pouco integrados, de modo que não se poderia afirmar existir uma identidade estudantil, já que para serem caracterizados como um grupo, por possuírem trajetórias variadas conforme a origem social; não foi possível identificar nas atividades cotidianas uma unidade capaz de integrá-los como grupo coeso, mas um grupo em contínua renovação. Faz sentido, pois a universidade congrega estudantes de origens distintas.

No entanto, quando se observa, até mesmo em um grupo composto de jovens rurais, filhos de agricultores familiares e na mesma faixa etária diferenças entre seus conhecimentos sobre o mundo e sobre suas aspirações, a partir da condição social, essas diferenças seriam devido a formas diferentes de viver a “condição estudantil”? Com base no conhecimento empírico desta autora que há quinze anos frequenta a região, uma das escolas, a de Nossa Senhora da Glória, é muito mais voltada para os exames que possibilitam o ingresso no ensino superior; já a escola de Poço Redondo, menos; porém, nesse município há um curso preparatório para o ENEM. Esse curso oferece oportunidades de contato prévio com a oferta das universidades, cursos disponíveis e respectiva concorrência, além de, provavelmente, propiciar orientações sobre as profissões relacionadas a tais cursos. Mas, nas expectativas dos jovens rurais, uma resposta como “ser empresário”, inclusive enfatizada como ser “empresário

de sucesso”, aliada à profissão “administrador de empresas” surge nesta pesquisa. Empreender o próprio negócio foram respostas frequentes; inclusive, o jovem que pretende trabalhar com agricultura e pecuária, coloca-se em suas respostas como empresário rural.

Embora Sennett (2009) discuta a flexibilidade na condição do trabalhador que, de certo modo, foi admitido para o comportamento dos estudantes na análise feita sobre as expectativas profissionais; vale citar que Bourdieu e Passeron acenam não ser possível entender os estudantes como um grupo profissional, já que “não vivem como uma profissão a preparação para a profissão” (BOURDIEU; PASSERON, 2015, p. 48), isso mesmo no caso dos jovens universitários que pesquisaram; o que não é o caso dos jovens deste estudo, alunos do último ano do ensino médio que vivem uma situação mais de transição. Bourdieu e Passeron (2015) arrematam que os estudantes se definem principalmente pelo significado e função simbólica que dão a sua prática, com representação bastante mistificada de si mesmos. Ressaltam que a realidade objetiva dos estudantes é diferente, pelo que questionam o uso genérico do termo condição estudantil, devido à diversidade de suas condições de vida. Além das desigualdades materiais, a diferente origem social dos estudantes se manifesta em uma cultura distinta e em uma forma particular de se relacionarem com os bens culturais. Tratam de demonstrar que a desigualdade no acesso à educação não é a única forma de desvantagem social produzida nos grupos socialmente desfavorecidos. Restrições de ordem subjetiva (expectativas e aspirações), limites a sua concretização (escolhas possíveis ou impossíveis de cursos ou instituições hierarquicamente dispostos), diferentes ritmos de trajetórias acadêmicas, influência do gênero etc., representam outras tantas formas de desigualdades educativas, junto com a mais importante dentre todas elas: as desvantagens em termo de aquisição do conhecimento, resultante das relações que os diferentes grupos sociais mantêm com a cultura legítima e que não se extinguem com o acesso universal à escola (BOURDIEU; PASSERON, 2015; NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2015).

7.3 A MINHA TERRA, O MEU LUGAR – PROTAGONISMO JUVENIL

Até este ponto, tem-se um quadro bastante delineado do que o jovem rural do sertão, estudante do último ano do ensino médio almeja: trabalhar e continuar a estudar, sobretudo tendo o ensino médio como salto para uma vida melhor para si e para a família; em alguma profissão que lhe conceda um *status* melhor que o de agricultor. O jovem pode até ficar no meio rural, mas não necessariamente como agricultor. E para o sertão, o que esse mesmo jovem quer

e poderia contribuir a partir do que já estudou? Quando questionado sobre o que poderia fazer em seu trabalho e em sua vida, o que já pensou em fazer?

O sertanejo, conforme será tratado mais adiante, sobretudo a partir da célebre frase de Euclides da Cunha, é visto como, antes de tudo, um forte, um sobrevivente das secas prolongadas, um resiliente, não no sentido de flexibilidade discutido por Sennett (2009), mas do homem que pode até se curvar temporariamente diante das adversidades; no entanto, retoma o seu lugar depois da prolongada seca. Os homens e mulheres do sertão, nos grupos focais realizados, foram apresentados assim pelos jovens sertanejos, como gente que não tem medo da peleja, da dura vida no sertão, nem do sol escaldante que deixa a pele curtida. Apesar dos dissabores da prolongada estação seca que torna tudo cinzento e áspero, quando chove não encontram lugar melhor do que o seu querido sertão. Culturalmente, esse é um sentido forte dado ao sertanejo; porém, há uma visão mais cáustica sobre ele também; pois, de tanto esperar chover, às vezes olha muito para o céu, daí a expressão: “Em geral, o sertanejo fica esperando que do céu venha o remédio, quando no entanto ele mesmo é que tem de suprimir o mal” (SAMPAIO, 1944, p. 36).

Tabela 50 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você já pensou em algum tipo de contribuição que poderia dar ao desenvolvimento de sua região, o sertão?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|----------------------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 5 | 35,7 | 5 | 25,0 | 2 | 10,5 | 12 | 44,4 | 24 | 30,0 |
| Não | 8 | 57,1 | 14 | 70,0 | 14 | 73,7 | 13 | 48,1 | 49 | 61,3 |
| Talvez | 1 | 7,1 | 1 | 5,0 | 2 | 10,5 | | | 4 | 5,0 |
| Não sabem, não responderam | | | | | 1 | 5,3 | 2 | 7,4 | 3 | 3,8 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Os jovens rurais pesquisados foram, então, inquiridos se já haviam pensado em algum tipo de contribuição que poderiam dar ao sertão e 61,3% responderam não (Tabela 50). Aos que 35% responderam “sim” e “talvez”, foi perguntado o que e se veem obstáculos para isso e as respostas, de forma geral, foram bastante superficiais ou, de modo geral, inclinadas para a espera que o poder público, “os políticos”, conforme afirmaram, nada fazem, por exemplo:

Pergunta: “Se você respondeu sim ou talvez, o que você pensou em fazer para contribuir com o desenvolvimento de sua região?” Resposta: “Desenvolver o povoado”. Pergunta: “Vê obstáculo(s) para isso? Em caso afirmativo, qual ou quais?” Resposta: “Por não ter ajuda da prefeitura”. (Rapaz, Poço Redondo).

Assim foram, em sua maioria, as respostas obtidas dos jovens rurais, estudantes em escola urbana em Poço Redondo: ou a espera pela prefeitura e políticos, ou tornar-se um político, como um rapaz cuja expectativa de contribuir com o desenvolvimento de sua região reside em “ocupar o cargo de deputado estadual”. Mais algumas respostas de jovens sobre o que já haviam pensado em fazer para contribuir com o desenvolvimento do sertão e os respectivos “obstáculos”:

Pergunta: “O que você pensou em fazer para contribuir com o desenvolvimento de sua região?” Respostas: “Dar mais oportunidade”; “No desenvolvimento da minha cidade”; “Um projeto para melhorar a vida do trabalhador do campo”. Pergunta: “Vê obstáculo(s) para isso? Em caso afirmativo, qual ou quais?” Respostas: “Sim, vários políticos corruptos”; “Má coordenação de verbas”; “Um pouco, é preciso ter um apoio de algum político, dificilmente isso se realizará”.

Até mesmo um jovem que apresentou um projeto mais específico de “uma associação de desenvolvimento pecuário”, trouxe como obstáculo a “falta de interesse dos políticos”. Por que pensa que deveria haver interesse político para os produtores se associarem se a própria Constituição Federal de 1988 prevê no art. 5º, inciso XVII, que “É plena a liberdade de associação para fins lícitos, vedada a de caráter paramilitar”? Em cinco incisos do referido artigo, a Constituição trata do direito de associação, dentre os quais, o XVIII declara que “A criação de associações e, na forma da lei, a de cooperativas independem de autorização, sendo vedada a interferência estatal em seu funcionamento”. Em tempos atuais, observam-se resquícios de um pensamento de que é preciso a política ou pior, o “político”, para que uma situação deslanche, desenvolva e saia do ideal para o real.

O rapaz que respondeu “talvez”, a contribuição que pensou foi “*Dar* emprego para as pessoas”, neste caso, ainda uma visão de cunho mais assistencialista, pois espera cooperar para o desenvolvimento por meio da doação de empregos; assim como as moças que também estudam em Poço Redondo, com respostas como: “Ajudar as pessoas que precisam”; “Se eu conseguir me formar na profissão que eu quero eu gostaria de ter um consultório *público* e um *particular*, o público para ajudar aos mais necessitados” (grifos nossos); “Em primeiro lugar, *dar* mais oportunidades para as pessoas”; “Em tudo na região que eu moro não tenho nada que possa falar, quero muito ajudar minha região”.

São ideias de uma minoria que pensa em protagonizar algo, mesmo assim, vislumbram as dificuldades: “Sim, em me manter, pois é difícil conseguir o que queremos”; “Continuar a estudar”; “Condições financeiras”; “O pouco desenvolvimento daqui”. Uma minoria já pensou

em contribuir para o desenvolvimento de sua região; mas o que pensaram... Já que são incontestavelmente pessoas “faladas”, fica a crítica bourdieusiana, para reflexão:

Platão dizia “Opinar é falar”. Ora, nada é mais desigualmente repartido do que essa capacidade, e essa constatação choca a boa consciência democrática: todas as pessoas são iguais, é o dogma. Ora, dizer que todas as pessoas são iguais diante da questão da opinião é um erro, é um erro político. Nem todo mundo tem os instrumentos de produção da opinião pessoal. A opinião pessoal é um luxo. Há pessoas, no mundo social, que “são faladas”, por quem se fala, porque elas não falam, para as quais se produzem problemas porque elas não os produzem. E, hoje, chega-se ao mesmo, no grande jogo da mistificação democrática, até a dar oportunidade para que respondam a problemas que não seriam capazes de produzir. E se faz, então, que produzam falsas respostas que fazem esquecer que elas não têm questões. Esse fenômeno da desigualdade no acesso à produção de opiniões explícitas, discursivas, é um fato muito importante, que dá uma responsabilidade enorme aos eruditos. (BOURDIEU, 2004b, p. 83-84).

Em Nossa Senhora da Glória, 34,8% dos jovens rurais pesquisados responderam “sim” e “talvez”, dos quais, 44,4% das moças e apenas 10,5% dos rapazes. Sobre o que pensam em fazer para contribuir com o desenvolvimento de sua região, um rapaz deu uma resposta totalmente voltada para o meio rural, pois quer “acabar com os desmatamentos”, devido à “falta de sombra para os animais”. Os demais, retomam as questões também apresentadas pelos jovens do outro município, com respostas como “Uma reforma política, porque o dinheiro que o Brasil desperdiça daria para erguer o sertão” e como obstáculo “Sim, pois os políticos não estão ligando”; “Chamar a atenção dos políticos para melhorar as condições de vida” e, como obstáculo, “A corrupção”.

As moças desse município demonstraram mais possibilidade de protagonismo, ao menos idealmente, bem como foram mais pragmáticas e suas respostas conformam pequenos blocos de respostas como educação; ambiental; saúde; sanidade animal e desenvolvimento local, com ideias até sobre a construção de um aeroporto na cidade, indícios de que os moradores dessa cidade são considerados de fato os mais modernos da região. Construir um aeroporto parece uma ideia utópica, algo grandioso demais para uma jovem pensar como contribuição que poderia dar a sua região, sem noção dos custos que uma construção de tal porte demanda. Porém, sua pretensão faz sentido na justificativa dada que foi “Porque o pessoal não precisaria ir para outra cidade se aqui tivesse [aeroporto]”, isso significa que se uma cidade tem infraestrutura à disposição de seus habitantes, estes não precisariam ir embora ou sair em busca de determinados serviços em outro lugar.

Nas expectativas de contribuir para educação, surgiram respostas como “Melhorias em alguns colégios”; “Uma escola de ensino médio” e “Incentivar desde cedo o aluno a procurar

evoluir nos estudos. Criar projetos nas escolas públicas” e, assim, as moças apresentam contribuições que, tanto um dia poderão realmente efetivar, por serem factíveis, como são ideias que, com algum tempo, trarão frutos para a sociedade. Essas jovens não se reportaram a políticos nem a governos, como prefeituras, mas também não se mostraram otimistas quanto aos obstáculos que, para elas, há “Muitos, por exemplo, falta de determinação”; “Bastante, acho que isso é um pouco difícil” e “Sim, falta de investimento”.

Quanto à preocupação ambiental, visto que o sertão desta pesquisa é uma região que tem períodos prolongados de seca, localizado em região de clima semiárido, uma moça apresenta uma ideia de ajudar ao desenvolvimento do lugar onde vive com a proposta de “Fazer curso para aprender a conviver com a seca” e, como obstáculo, afirma “Na região onde moro, os governantes não estão nem aí com esse problema”. Já no quesito saúde, a resposta de uma moça que não vê obstáculos à sua proposta de dar assistência: “*Dar* uma saúde melhor para as pessoas”. A assistência social aos pobres é preocupação de mais uma jovem: “Se eu pudesse, eu ajudaria em algumas coisas, por exemplo, os moradores de rua e outras pessoas que precisassem”. Por ser uma região produtora de leite, a sanidade animal recebe atenção de uma jovem que sabe que “obstáculos existem”, mas afirma “com determinação eu vou quebrá-los” em um trabalho de vacinação dos animais, possivelmente do gado: “Porque a maioria não sabe que é necessário vacinar seus animais, eu gostaria de auxiliá-los nessa questão”.

Por fim, em relação ao desenvolvimento local, apenas duas moças responderam, mas têm muito a ver com a cidade de Nossa Senhora da Glória, cuja dinâmica própria é bem diferente dos demais municípios da mesma região: “Fazer bons planos para ajudar a região de maneira geral. Com o empreendimento comercial” e “Ajudar no desenvolvimento, abrindo um comércio”. À pergunta se há obstáculos para concretização desses planos, esta última respondeu que “Não, pois a região precisa de estabelecimentos”.

Pode-se concluir com a análise deste capítulo referente às expectativas escolares e profissionais dos jovens rurais de dois municípios do sertão sergipano que no município de Poço Redondo, de população mais rural, ainda que a maioria dos inquiridos demonstre interesse em cursar universidade ou faculdade, suas expectativas de começar a trabalhar são mais elevadas do que as dos jovens de Nossa Senhora da Glória. Pela primeira vez nesta pesquisa, observam-se diferenças significativas nas respostas dos jovens dos dois municípios. Na comparação deste estudo com o de Menezes (2012), os resultados ficam próximos, mas houve aumento no interesse de cursar o nível superior; no entanto, de igual modo que em Menezes (2012), com relação aos planos após a conclusão do ensino médio, nenhum dos inquiridos respondeu espontaneamente que pretende ser agricultor, produtor familiar ou que tem planos

de viver na zona rural e ajudar os pais. Quanto ao futuro, uma parcela se mostra em situação de indecisão e de incerteza, tanto pelos relatos de possíveis dificuldades para cursar universidade fora de seus municípios ou de começar a trabalhar. Nesse aspecto, os inquiridos não mostraram interesse algum em trabalhar em empresas privadas, já o emprego público interessa mais as mulheres. Mas marcações de “não sei” quanto ao emprego, assim como a profissão futura, reaparece para reforçar a situação juvenil de incertezas diante do futuro. O curioso foi que a maior parte dos jovens gostaria de ter uma empresa ou trabalhar por conta própria, quer dizer, empreender um negócio. Como no estudo de Menezes (2012), as profissões de professor e médico continuam entre as três primeiras colocações, mas medicina veterinária subiu de posição e ocupa o primeiro lugar, despertando mais o interesse das moças do que dos rapazes. Este aumento no interesse por medicina veterinária pode ser devido à instalação na região de um *campus* da UFS com oferta desse curso, além de oferecer cursos de zootecnia, agroindústria e agronomia, porém, apenas um rapaz de Poço Redondo confirmou o interesse por esta última, enquanto os demais cursos ofertados pelo referido *campus* sequer foram mencionados. Quanto às expectativas profissionais, os jovens conhecem as profissões que gostariam de seguir mais pela tevê ou por meros conhecidos, e não pela família. A imagem que se esboça do jovem rural do sertão, estudante do último ano do ensino médio, é que boa parte tem expectativa de continuar a estudar em nível superior e trabalhar, vê a escola média como uma passagem para uma profissão e um emprego para si que lhe conceda um *status* melhor que o de agricultor. O jovem pode, inclusive, permanecer no campo, mas não necessariamente trabalhando na agricultura. A título de exemplo, alguns apresentaram a vontade de cursar medicina veterinária, um de ter a profissão de queijeiro e outro de ser empresário rural de sucesso, possibilitando o desenvolvimento de atividades no meio rural, mas não especificamente como agricultor.

8 CONCEPÇÕES DE IDENTIDADES

Sucessão profissional e transferência hereditária configuram-se como das questões mais relevantes nos estudos sobre a juventude rural, já que é a partir da disposição dos jovens rurais de permanecerem no campo que perpassa a formação de uma nova geração de agricultores para assegurar a continuidade das unidades de produção. A investigação relativa a esse tema traz para discussão fatores como acesso à educação; oportunidade de trabalho independente da família; matrimônio com um(a) agricultor(a); possibilidade de herdar terra; envolvimento na unidade produtiva; tamanho da propriedade e renda familiar (WEISHEIMER, 2005).

Algumas pesquisas vão mais além quando articulam as mudanças no meio rural a uma recente evidência dos jovens rurais que, com seus projetos pessoais e profissionais, questionam os projetos familiares sustentados na reprodução de um modo de vida pautado nas atividades agrícolas. De fato, já que não são mais socializados apenas no meio rural e no contexto da agricultura familiar, mas também em outros espaços, tais como a escola, os jovens rurais cada vez mais desenvolvem expectativas de acesso a um modo mais urbano de vida, enquanto se observa a reconfiguração de suas identidades e de seus projetos de vida (WEISHEIMER, 2005).

Com este capítulo, referente à terceira questão norteadora desta pesquisa sobre a concepção de identidade que os jovens rurais possuem, pretende-se contribuir para o debate acerca da reprodução na agricultura familiar ao levar em consideração alguns aspectos como a perspectiva matrimonial com alguém da região ou não, o tamanho do núcleo familiar com ênfase no número de irmãos para a partilha da herança, a profissão e o nível de escolarização dos pais, propriedade familiar: tamanho, posse da terra e de animais, a vida de produtor familiar, a identidade de agricultor familiar, ser agricultor, residir no campo ou na cidade, discriminação pelo fato de ser um jovem rural e, de cunho mais pessoal, questões sobre a relação entre ensino médio e mudanças pessoais para, ao articular esses fatores, esboçar um cenário de continuidade ou não da agricultura de base familiar no espaço empírico pesquisado com a presença ou não dos jovens rurais mais escolarizados.

Diante do exposto, levantam-se alguns questionamentos, dentre os quais, sobretudo com base no que já foi pesquisado por Menezes (2012), buscando confirmação da pesquisa anteriormente realizada na mesma região, algo que suscitou o interesse de ser retomado: será que na reprodução social da condição de agricultor na região desta pesquisa poder-se-ia pensar em um efeito de fixação no campo gerado pela posse de gado? Em outras palavras, produtores familiares de leite teriam maiores chances de verem seus filhos e filhas continuarem suas

atividades e perpetuarem uma cultura local que se configura na identidade sertaneja, isto é, a criação do gado de leite ou a chamada “cultura do gado” nordestina, particularmente sertaneja?

8.1 ENSINO MÉDIO EM ESCOLAS URBANAS, MUDANÇAS PESSOAIS, IDENTIDADES EM (DES)CONSTRUÇÃO

À pergunta “você acha que mudou depois que ingressou no ensino médio?”, a maioria dos jovens rurais inquiridos (80%) respondeu “sim”, com percentual um pouco maior para as mulheres (83%) em relação aos homens (75,8%) e diferença altamente considerável entre os 61,8% em Poço Redondo e 93,5% em Nossa Senhora da Glória (Tabela 51). Neste caso, o percentual total para “sim” foi bastante superior nesta tese em relação aos 68,6% da pesquisa realizada para o mestrado por Menezes (2012).

Tabela 51 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você acha que mudou depois que ingressou no ensino médio?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | |
|---------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 7 | 50,0 | 14 | 70,0 | 18 | 94,7 | 25 | 92,6 | 64 | 80,0 |
| Não | 7 | 50,0 | 5 | 25,0 | 1 | 5,3 | 2 | 7,4 | 15 | 18,8 |
| Não respondeu | | | 1 | 5,0 | | | | | 1 | 1,3 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Questionados a respeito do que mudaram, um rapaz enfatizou: “Como gosto de biologia, virei ateu”. Observa-se, nessa situação, a importância da ciência na vida de jovens rurais. Outras respostas de rapazes que consideram que mudaram com o ingresso no ensino médio em escolas urbanas foram “O modo de pensar e os meus objetivos”; “No modo de falar, ler e agir”; “No meu desenvolvimento”; ou seja, enfatizando o conhecimento. “Porque o ensino é melhor, aprendi mais e antes não ligava muito”; “Fiquei mais interessado nas aulas”, neste caso, amadurecimento e responsabilidade. “No conhecimento e na amizade”, uma resposta que realça a sociabilidade também. “Estou mais atento em possibilidades de estudo para meu futuro” e, com este sentido, a transição para a idade adulta vem à tona.

As moças, de igual modo, destacaram maior responsabilidade com os estudos, um interesse pessoal, o conhecimento, o futuro e a “forma de falar”, aspecto este sempre realçado pelo jovem rural, talvez pela baixa autoestima quando o sertanejo e o homem do campo são tidos como matutos que falam errado, por isso, referências sobre a mudança no modo de falar são comumente abordadas. As respostas das moças que estudam em Poço Redondo foram: “Estou estudando mais, estou interessada nos estudos”; “Me tornei uma pessoa mais

responsável, centrada”; “Aumentei meus conhecimentos”; “Nos conhecimentos e no modo de ser e de pensar”; “A maneira de pensar, porque eu pensava que eu ia parar no terceiro, mas eu gostaria de seguir em frente”; “Eu passei a pensar mais no meu futuro”; “A minha forma de ver o mundo”; “Na forma de falar”; “A aprender mais”; “Os meus pensamentos, o meu psicológico”; “Educação, comportamento e muito mais”. Assim, de igual modo à pesquisa de Menezes (2012), enfatizaram a “evolução” nos estudos, no conhecimento, na aprendizagem e na capacidade de aprender com mais facilidade.

Os rapazes de Nossa Senhora da Glória destacaram aspectos como pensamento e conhecimento, bem como ênfase na responsabilidade e preocupação com o futuro: “Meu pensamento de várias coisas”; “Sim, o modo como penso sobre determinado assunto”; “Meus conhecimentos e maneira de pensar”; “Na área dos conhecimentos e da educação”; “Provavelmente aprendi mais”; “Passei a levar mais a sério o estudo”; “Em vários aspectos, na forma de me interessar pelas coisas, de um dia conseguir um emprego bom etc.”; “Mudou a minha forma de ver o mundo, antes era brincar com amigos, agora penso no lado profissional”; “No interesse e continuar a estudar para conseguir vencer na batalha”.

As jovens rurais que estudam em Nossa Senhora da Glória listaram as seguintes respostas sobre em que mudaram: “Melhorei bastante nos estudos”; “Na melhoria do meu aprendizado”; “Em muitas coisas, aprendi muito”; “Tenho mais conhecimento sobre muitos aspectos que não saberia se não tivesse estudado”; “Me tornei uma pessoa com muitos conhecimentos e quero passar para outras pessoas”; “A maneira de pensar, nos objetivos”; “Minha forma de pensar, de ver o mundo”; “Aprofundei um pouco mais minha mente em alguns assuntos”; “Na minha percepção sobre o futuro”; “As decisões, acho que amadureci como pessoa, nas atitudes”; “Comecei a levar as coisas mais a sério”; “Porque está perto de terminar o ensino médio, então, a pessoa se torna mais responsável já fazendo planos para o futuro”; “Comecei a pensar mais no futuro”; “Praticamente tudo, mudei minha visão, antes não pensava em me formar, mas quando cheguei no médio essa vontade despertou, não creio que seja algo impossível”; “Na minha força de vontade de chegar onde sempre sonhei”; “Tenho mais paciência e tenho mais motivos para pensar no futuro”; “Na forma de pensar e de se expressar, penso mais *positivo* e *pra frente*”; “A forma de pensar, tendo mais conhecimento, melhorando a forma de argumentação”; “Eu mudei porque quero ingressar em novos horizontes”; “Eu fiquei muito mais interessada e os professores dão muitos conselhos que nas séries anteriores não davam”; “Mudei para uma pessoa melhor, mais atenta às coisas e cada vez mais querendo o melhor para minha vida”.

De igual maneira que nos resultados encontrados por Menezes (2012), essas mudanças repercutiram no “modo de ser” e no “comportamento” dos jovens rurais só que, desta vez, não enfatizaram tanto a timidez, mas, como observado por alguns rapazes de Poço Redondo: o “jeito de interagir, falar etc.”; “de tratar as pessoas” e “na forma de me socializar”. Também relacionada à pesquisa de Menezes (2012), os jovens inquiridos indicaram que houve modificações na “forma de estudar”, além de enfatizarem modificações na “forma de falar e se comunicar com outras pessoas” e, igualmente, na “forma de se comportar”. A sociabilidade mereceu destaque, uma vez que estudar o ensino médio na cidade proporciona o conhecimento de mais pessoas, porquanto o jovem já não está mais limitado apenas a sua comunidade rural.

Assim como Menezes (2012) concluiu, nesta pesquisa também deu-se o mesmo, pois a partir das respostas dos jovens que admitiram a mudança de vários aspectos pessoais depois que cursaram o ensino médio em escolas urbanas, observa-se a construção de sujeitos mais maduros, que estão deixando de ser infantis para se tornarem mais comprometidos com a escola, mais interessados em aprender e a se comportar e se relacionar melhor com as pessoas. Esta autora já havia levantado a hipótese que não se pode dizer que eles, de igual modo, mudariam se continuassem no ambiente rural, até porque estudam na cidade, podem fazer novos amigos e conversar de igual para igual (MENEZES, 2012). Porém, um aspecto que chamou muita atenção desta vez, cinco anos após a pesquisa realizada para o mestrado, a partir das observações empíricas de jovens rurais que, embora fora da escola, estão por dentro de “tudo” que acontece devido ao acesso às redes sociais, internet e televisão disponíveis no meio rural atualmente mais do que há cinco anos, conforme se pode observar nas respostas a seguir.

8.2 ACESSO ÀS REDES SOCIAIS

A quase totalidade dos jovens pesquisados (91,3%) tem acesso a redes sociais, chegando a 100% no caso dos rapazes. Há apenas cinco anos, quando Menezes (2012) conduziu sua pesquisa na mesma região, nem todos os jovens possuíam aparelhos celulares e *smartphones* e o acesso à internet era bastante limitado (Tabela 52).

Tabela 52 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você tem acesso às redes sociais?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-----------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 14 | 100,0 | 17 | 85,0 | 19 | 100,0 | 23 | 85,2 | 73 | 91,3 |
| Não | | | 3 | 15,0 | | | 4 | 14,8 | 7 | 8,8 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Quanto aos tipos de redes sociais acessadas, entre os pesquisados de Poço Redondo o Facebook era um pouco mais popular (85,3%) do que entre os de Nossa Senhora da Glória (76,1%). Entre os jovens pesquisados de Nossa Senhora da Glória o WhatsApp era mais popular (87%) do que entre os de Poço Redondo (64,7%).

Entre os homens, o Facebook e o WhatsApp são mais populares (81,8% e 87,9% respectivamente) do que para as mulheres (78,7% e 70,2% respectivamente). Embora em menor percentual para ambos os gêneros, o Instagram é mais popular para as mulheres (38,3%) do que para os homens (21,2%), com destaque para as moças de Nossa Senhora da Glória. Apenas 11,3% dos jovens responderam que usam o Twitter (Tabela 53).

O mundo social se amplia para a juventude rural e não foi raro ver modernos *smartphones* nas mãos dos jovens pesquisados, bem como o uso corriqueiro destes nos dias das visitas às escolas. As redes sociais e as tecnologias da informação e comunicação (TICs) poderiam ser utilizadas como aliadas para favorecer uma maior integração dos jovens rurais. Por exemplo, quando faltassem às aulas devido a alguma dificuldade, poderiam ter acesso a tarefas escolares, textos para leitura e vídeos de aulas compartilhados em redes sociais.

Tabela 53 – Ainda sobre as redes sociais, respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Se respondeu sim, a qual ou quais?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Os dois municípios | | | | | |
|-----------|--------------|------|----|------|-------------------------|------|----|------|--------------------|------|----|------|-------|------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | H | % | M | % | Total | % |
| Facebook | 13 | 92,9 | 16 | 80,0 | 14 | 73,7 | 21 | 77,8 | 27 | 81,8 | 37 | 78,7 | 64 | 80,0 |
| WhatsApp | 11 | 78,6 | 11 | 55,0 | 18 | 94,7 | 22 | 81,5 | 29 | 87,9 | 33 | 70,2 | 62 | 77,5 |
| Instagram | | | 6 | 30,0 | 7 | 36,8 | 12 | 44,4 | 7 | 21,2 | 18 | 38,3 | 25 | 31,3 |
| Twitter | 1 | 7,1 | 4 | 20,0 | 1 | 5,3 | 3 | 11,1 | 2 | 3 | 7 | 14,9 | 9 | 11,3 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Obs.: Alguns jovens deram mais de uma resposta. Percentuais obtidos em relação ao número de jovens pesquisados, por estrato.

8.3 PERSPECTIVAS MATRIMONIAIS

À pergunta “Se você ainda é solteiro, tem vontade de casar?”, “não” e “talvez”, abarcaram 15% das respostas, mais os rapazes do que as moças. No caso do “não”, 9% dos rapazes e 2% das moças e referente ao “talvez”, 15,2% dos rapazes e 6,4% das moças. De Poço Redondo, 8,8% dos jovens responderam “não”, enquanto deram essa resposta apenas 2,2% dos jovens de Nossa Senhora da Glória. Quanto ao “talvez”, 11,8% dos jovens rurais estudantes em Poço Redondo e 8,7% dos que estudam em Nossa Senhora da Glória. Os percentuais mais altos no total de respostas para “não” e “talvez” em Poço Redondo se devem ao fato da maior frequência de respostas dos rapazes e não das moças (Tabela 54).

Tabela 54 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Se você ainda é solteiro, tem vontade de casar?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-------------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 10 | 71,4 | 12 | 60,0 | 15 | 78,9 | 20 | 74,1 | 57 | 71,3 |
| Não | 2 | 14,3 | 1 | 5,0 | 1 | 5,3 | | | 4 | 5,0 |
| Talvez | 2 | 14,3 | 2 | 10,0 | 3 | 15,8 | 1 | 3,7 | 8 | 10,0 |
| Já são casado(as) | | | 4 | 20,0 | | | 6 | 22,2 | 10 | 12,5 |
| Não respondeu | | | 1 | 5,0 | | | | | 1 | 1,3 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Para esta pesquisadora que frequenta o meio rural do sertão em análise há vários anos, o casamento parece ser prioridade, sobretudo para as moças, e quando bem jovens. Mas a escolarização até o ensino médio tem adiado esse objetivo, pelo menos, até os 25 anos, a idade preferida para os jovens pesquisados. Uma das jovens, na pesquisa realizada em grupo focal, observou que todas as suas primas e moças da família que casaram pararam de estudar. Embora essa já fosse uma suspeita desta pesquisadora, a partir do conhecimento de alguns casos de moças que pararam de estudar por causa do casamento ou da união estável, algo bastante comum na região deste estudo. Desde a pesquisa desta autora no mestrado (MENEZES, 2012) havia tal hipótese, difícil de comprovar por requerer que a pesquisa saísse do âmbito escolar e a coleta fosse realizada no meio rural com as jovens que já não estudam mais; mas, desta vez, a jovem que na entrevista em grupo focal colocou essa questão e é testemunha de vários casos.

Na coleta por meio do questionário, a maioria (71,3%) afirmou ter vontade de casar, se for adicionado o percentual das jovens casadas ou em união estável, tem-se quase 84% dos jovens, significa que o matrimônio é um interesse visível para os jovens rurais pesquisados. Mesmo assim, chama a atenção que quase 15% não têm interesse ou responderam talvez, incluindo-se moças, além da idade que, a partir das peculiaridades e cultura do lugar, em que 25 anos é considerada uma pessoa madura, mudança digna de nota.

A faixa etária dos rapazes de Poço Redondo e a frequência (entre parênteses) quando se obteve mais de uma resposta: 20; 22; 25 (3); 26 (2); 27; 29; 30; 35, além de respostas: “Depende do amor”; “Porque não tenho moradia”; e um rapaz que não respondeu. A faixa etária das moças do mesmo município: 19; 20 (2); 22; 23; 25 (7); 26; 30 (2), cujas respostas: “Não tenho idade definida para isso” e quatro não responderam. Dos rapazes estudantes em Nossa Senhora da Glória: 18; 23; 26; 27; 28 (2); 30 (3); entre 25 e 30; entre 26 e 28; responderam ainda: “Quando me formar”; “A idade não sei, mas seria quando tivesse as condições financeiras para isso”; “Com mais idade, tendo um futuro já encaminhado”; “De preferência menos, mas quem sabe é o destino”; “Falar em casar é muito cedo ainda. Só vou casar quando terminar os estudos e tiver

uma boa estrutura”; “Maioridade”; “Porque ainda sou novo, quem sabe depois dos 30 quando estiver com meu trabalho certo”. As moças solteiras, estudantes em Nossa Senhora da Glória: 20 (2); 23 (2); 24; 25 (7); disseram também: “25, quando concluir a faculdade”; “Com a idade certa, ou seja, com 25 anos, depois que enfrentar meus estudos e conseguir”; “Com minha idade atual (33); “Com mais idade”; “Depois da formação”; “Maior de idade”; “Na idade em que já estiver formada e com um emprego”; “Não sei, acho que isso depende de quando eu estiver preparada”.

A definição da idade é relativa e não significa que não mudem de ideia e casem mais jovens, pois a vida juvenil nesse local parece muito dinâmica. Quando a pesquisa foi realizada por meio de questionário, essa havia sido a realidade encontrada; meses depois, no retorno às escolas para a pesquisa por meio de grupos focais, um inusitado aconteceu. Perguntados sobre qual a sua maior preocupação no momento, os jovens deram várias respostas, desde futuro, cursar faculdade, trabalhar, terminar os estudos e conseguir um emprego fixo e não trabalhar na roça; terminar os estudos e não ter um emprego para pagar uma faculdade; meio ambiente, medo do rio secar, a falta de transporte escolar e mais outras respostas. Nos grupos focais, quando os jovens terminavam de apresentar suas maiores preocupações, sempre se perguntava: “E preocupados em casar, ninguém está, não?”, isso era sempre motivo de muitas risadas e um verdadeiro momento de descontração com os jovens.

O fato surpreendente se deu no grupo focal realizado com jovens estudantes do turno noturno em Poço Redondo: dois rapazes, na época da coleta por meio de questionário um tinha 19 e o outro 24 anos, ambos solteiros, o primeiro não respondeu com que idade gostaria de casar e o segundo revelou que somente casaria aos 26 anos. Meses depois, ao retornar à escola os jovens se encontravam “casados”.

Segue um trecho da pesquisa que ocorreu, após a pergunta sobre “maior preocupação”. Já que ninguém falou em casamento – assim como em todos os grupos focais realizados – retrucou-se: “Há alguém casado(a) aqui?” Uma jovem, muito jovem mesmo (16 anos), com jeito de menina, respondeu “Sim” [...]. “E o resto não está preocupado em casar?”, tornou-se a perguntar. “*Ahn?*”, respondeu uma moça. E completou: “Deus me livre!”. Já outra retrucou que estava preocupada com o futuro e não com casamento. Uma terceira observou “Casar agora não”. Foi quando perguntou-se a um dos jovens, com aspecto mais maduro que os demais, devido a sua pele estar um tanto curtida do sol, ou seja, parecia ter bem mais que 24 anos, a idade posteriormente consultada nos registros de dados coletados: “E você já é casado?” Ele respondeu “sim”. “Há quanto tempo?”, ele respondeu “Há três meses”. Esta resposta causou surpresa, de modo que contestou-se: “Nossa, então quando estive aqui antes você ainda era

solteiro, vou ter que alterar os dados da pesquisa”. Voltando-se para outro rapaz que havia respondido que estava casado há um mês o diálogo foi muito interessante. Pesquisadora: “Ah! Um mês? Está na lua de mel?”, ele respondeu: “Saí da lua de mel para vir à escola”. Pesquisadora: “Então temos dois recém-casados aqui, pois quando passei da última vez vocês eram solteiros”. Pesquisadora ao mais recém-casado: “Casou com moça da cidade ou da roça?”, ele respondeu: “Ela é da cidade, mas agora está morando no interior... Chegou lá em casa e disse ‘Vou morar com você agora...’” (Grupo focal 7, Poço Redondo).

Este fato foi deveras surpreendente, ou seja, um casamento sem planejamento, sem namoro e noivado prévio, um rapaz de 19 anos que, em poucos meses, encontra-se “casado”, pois a moça entrou na casa dos pais dele e lá se instalou. Por isso, é importante reafirmar que todas as idades atribuídas pelos jovens como estimativa para contraírem matrimônio pode mudar. Isso depende de tantas coisas, tais como: e se não forem aprovados no vestibular? E se não conseguirem a tão almejada inserção profissional?

O jovem de 24 anos casou-se com uma moça da roça. Mas, de acordo com os dados obtidos, não há uma preferência que o futuro cônjuge seja da cidade ou da comunidade rural. A jovem de 16 anos de Poço Redondo que já está casada, na realidade, convive com um rapaz da cidade que se mudou para a casa dos pais no campo. Portanto, para 71,3% dos jovens não há uma preferência se o futuro cônjuge deve ser da cidade ou do campo, apenas 6,3% prefeririam casar com alguém da comunidade rural, enquanto 5% prefeririam casar com alguém da cidade (Tabela 55).

Tabela 55 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Se respondeu sim ou talvez, você tem preferência de casar”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|------------------------------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Com alguém de sua comunidade rural | 1 | 7,1 | | | 1 | 5,3 | 3 | 11,1 | 5 | 6,3 |
| Com alguém da cidade | 1 | 7,1 | | | 1 | 5,3 | 2 | 7,4 | 4 | 5,0 |
| Não tem preferência | 10 | 71,4 | 15 | 75,0 | 16 | 84,2 | 16 | 59,3 | 57 | 71,3 |
| Já são casados(as) | | | 4 | 20,0 | | | 6 | 22,2 | 10 | 12,5 |
| Não responderam | 2 | 14,3 | 1 | 5,0 | 1 | 5,3 | | | 4 | 5,0 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

No caso das jovens já casadas, a idade que contraíram matrimônio se deu, em sua maioria (50%), aos 16 anos, sendo que uma “casou” aos 14 e outra aos 15 anos, o que confirma certa tendência das moças casarem-se muito jovens no meio rural deste estudo (Tabela 56).

Tabela 56 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Se já é casado(da) ou convive com alguém, com que idade contraiu matrimônio ou passou a conviver?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|---------------|--------------|---|---|-------|-------------------------|---|---|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| 14 | | | | | | | 1 | 16,7 | 1 | 10,0 |
| 15 | | | 1 | 25,0 | | | | | 1 | 10,0 |
| 16 | | | 2 | 50,0 | | | 3 | 50,0 | 5 | 50,0 |
| 17 | | | | | | | 1 | 16,7 | 1 | 10,0 |
| 18 | | | | | | | 1 | 16,7 | 1 | 10,0 |
| Não respondeu | | | 1 | 25,0 | | | | | 1 | 10,0 |
| Total | | | 4 | 100,0 | | | 6 | 100,0 | 10 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Fica a hipótese de que a ida à escola até o ensino médio e a expectativa do ingresso no ensino superior, o que pressupõe ter que viajar para outro município, tem sido o fator que faz com que os jovens pesquisados, todos no último ano do ensino médio, considerem a ideia de se casar mais tarde, com mais idade. A maioria (60%) das moças casou com alguém da sua comunidade rural (Tabela 57).

Tabela 57 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Em caso afirmativo, você casou ou convive...”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|------------------------------------|--------------|---|---|-------|-------------------------|---|---|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Com alguém de sua comunidade rural | | | 3 | 75,0 | | | 3 | 50,0 | 6 | 60,0 |
| Com alguém da cidade | | | | | | | 2 | 33,3 | 2 | 20,0 |
| Não responderam | | | 1 | 25,0 | | | 1 | 16,7 | 2 | 20,0 |
| Total | - | - | 4 | 100,0 | - | - | 6 | 100,0 | 10 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

8.4 FAMÍLIA

A maioria (83,8%) dos jovens rurais pesquisados mora com os pais, sobretudo os rapazes (92,9% dos rapazes de Poço Redondo e 100% dos rapazes de Nossa Senhora da Glória).

Tabela 58 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Mora com seus pais?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-----------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 13 | 92,9 | 14 | 70,0 | 19 | 100,0 | 21 | 77,8 | 67 | 83,8 |
| Não | | | 5 | 25,0 | | | 6 | 22,2 | 11 | 13,8 |
| Não responderam | 1 | 7,1 | 1 | 5,0 | | | | | 2 | 2,5 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Vale ressaltar que quando a coleta de dados por meio de questionário foi realizada, todos os rapazes eram solteiros, fato que mudou e foi observado em visita posterior, quando da coleta

por meio de grupo focal, conforme relatado. Quanto às jovens, 11 já não moram com seus pais, das quais, dez são casadas ou convivem em união estável com seus companheiros e há uma solteira que reside com os avós. Um dos rapazes não respondeu.

Duas jovens, das quais, uma com 17 e outra com 22 anos, cada uma tem um filho, enquanto os rapazes ainda não são pais, ao menos a maioria, pois quatro não responderam essa pergunta (Tabela 59).

Tabela 59 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você tem filhos?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-----------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | | | | | | | 2 | 7,4 | 2 | 2,5 |
| Não | 13 | 92,9 | 19 | 95,0 | 16 | 84,2 | 25 | 92,6 | 73 | 91,3 |
| Não responderam | 1 | 7,1 | 1 | 5,0 | 3 | 15,8 | | | 5 | 6,3 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

A dimensão das famílias dos jovens rurais pesquisados é relativamente reduzida. Há jovens que não têm irmãos: 25% dos jovens não têm irmãs e 25% não têm irmãos (Tabelas 61 e 62). 10% dos jovens responderam que moram apenas duas pessoas em suas casas, enquanto quase 14% responderam que vivem três pessoas em casa, ou seja, há famílias no meio rural com filho único. Quase 30% são famílias com quatro pessoas vivendo na mesma casa, neste caso, certamente pais com dois filhos (Tabela 60).

Tabela 60 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Quantas pessoas vivem em sua casa? (Responda contando com você)”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-----------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| 2 | | | 2 | 10,0 | 1 | 5,3 | 5 | 18,5 | 8 | 10,0 |
| 3 | 2 | 14,3 | 2 | 10,0 | 1 | 5,3 | 6 | 22,2 | 11 | 13,8 |
| 4 | 3 | 21,4 | 6 | 30,0 | 9 | 47,4 | 5 | 18,5 | 23 | 28,8 |
| 5 | 4 | 28,6 | 5 | 25,0 | 3 | 15,8 | 6 | 22,2 | 18 | 22,5 |
| 6 | 2 | 14,3 | 3 | 15,0 | 2 | 10,5 | 2 | 7,4 | 9 | 11,3 |
| 7 | 1 | 7,1 | | | 1 | 5,3 | | | 2 | 2,5 |
| 8 | | | 1 | 5,0 | 1 | 5,3 | 2 | 7,4 | 4 | 5,0 |
| 9 | 1 | 7,1 | | | | | | | 1 | 1,3 |
| 10 | 1 | 7,1 | | | | | | | 1 | 1,3 |
| 13 | | | | | | | 1 | 3,7 | 1 | 1,3 |
| Não responderam | | | 1 | 5,0 | 1 | 5,3 | | | 2 | 2,5 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

A ideia do patriarcado e do sertanejo como desbravador dos sertões com o apoio de uma extensa prole para explorar a caatinga com o gado (ARAÚJO, 2009), ao que tudo indica, ficou

no passado. Este é apenas um exemplo das reconfigurações e mudanças no sertão de hoje, inclusive no meio rural, em relação ao do passado.

Três dos jovens pesquisados responderam que têm 12, 8 e 5 irmãs, respectivamente, dois responderam que têm 8 e 7 irmãos. Mas, a maioria, têm até três irmãs ou irmãos, com maior frequência em dois irmãos ou duas irmãs (Tabelas 61 e 62). Famílias menores parecem se confirmar como uma tendência, visto que esta autora obteve na pesquisa do mestrado, na mesma região – embora não tenha pesquisado em Poço Redondo, mas somente em Nossa Senhora da Glória –, dados bastante próximos aos obtidos nesta pesquisa (MENEZES, 2012).

Tabela 61 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Quantas irmãs você tem?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-----------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| 0 | | | 5 | 25,0 | 7 | 36,8 | 8 | 29,6 | 20 | 25,0 |
| 1 | 2 | 14,3 | 4 | 20,0 | 5 | 26,3 | 11 | 40,7 | 22 | 27,5 |
| 2 | 5 | 35,7 | 4 | 20,0 | 5 | 26,3 | 2 | 7,4 | 16 | 20,0 |
| 3 | 4 | 28,6 | 5 | 25,0 | 2 | 10,5 | 4 | 14,8 | 15 | 18,8 |
| 4 | 2 | 14,3 | 1 | 5,0 | | | | | 3 | 3,8 |
| 5 | 1 | 7,1 | 1 | 5,0 | | | | | 2 | 2,5 |
| 8 | | | | | | | 1 | 3,7 | 1 | 1,3 |
| 12 | | | | | | | 1 | 3,7 | 1 | 1,3 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Tabela 62 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Quantos irmãos você tem?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-----------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| 0 | 3 | 21,4 | 2 | 10,0 | 7 | 36,8 | 8 | 29,6 | 20 | 25,0 |
| 1 | 3 | 21,4 | 5 | 25,0 | 5 | 26,3 | 8 | 29,6 | 21 | 26,3 |
| 2 | 1 | 7,1 | 4 | 20,0 | 1 | 5,3 | 6 | 22,2 | 12 | 15,0 |
| 3 | 3 | 21,4 | 2 | 10,0 | 3 | 15,8 | 3 | 11,1 | 11 | 13,8 |
| 4 | 3 | 21,4 | 2 | 10,0 | 1 | 5,3 | 1 | 3,7 | 7 | 8,8 |
| 5 | | | 4 | 20,0 | 1 | 5,3 | | | 5 | 6,3 |
| 6 | 1 | 7,1 | | | 1 | 5,3 | | | 2 | 2,5 |
| 7 | | | 1 | 5,0 | | | | | 1 | 1,3 |
| 8 | | | | | | | 1 | 3,7 | 1 | 1,3 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

8.5 PROPRIEDADE FAMILIAR: TAMANHO E POSSE

Uma parcela de jovens rurais (20%) “não sabe” ou “não respondeu” a pergunta sobre o tamanho da propriedade ou indicou genericamente que “é pequena”; sendo que se a análise for feita por gênero, o percentual de mulheres (cerca de 28%) que desconhece o tamanho da propriedade é três vezes mais que o dos homens que não responderam (9%), já que nenhum

deles admitiu não saber. A maior frequência das respostas válidas dão conta de propriedades pequenas, de até 10 hectares (23,7%), sendo 10% de 1 até 5 hectares e 3,8% de 6 a 10 hectares; porém, 10% revelaram que possuem menos de 1 hectare, ou seja, seria praticamente igual aos que responderam que a propriedade restringe-se a “apenas uma casa”. Neste caso, chegaria a 25% os que apenas residem no meio rural, sem terreno para plantio e criação de animais (Tabela 63).

Tabela 63 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Qual o tamanho da propriedade da sua família?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-----------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Menos de 1 ha | 1 | 7,1 | 1 | 5,0 | 2 | 10,5 | 4 | 14,8 | 8 | 10,0 |
| De 1 a 5 ha | 1 | 7,1 | | | 3 | 15,8 | 4 | 14,8 | 8 | 10,0 |
| De 6 a 10 ha | | | 1 | 5,0 | 2 | 10,5 | | | 3 | 3,8 |
| De 11 a 15 ha | 1 | 7,1 | 1 | 5,0 | | | 2 | 7,4 | 4 | 5,0 |
| De 16 a 20 ha | 3 | 21,4 | 2 | 10,0 | 1 | 5,3 | 4 | 14,8 | 10 | 12,5 |
| De 21 a 25 ha | 3 | 21,4 | | | 3 | 15,8 | | | 6 | 7,5 |
| De 26 a 30 ha | 1 | 7,1 | | | | | | | 1 | 1,3 |
| De 31 a 40 ha | 2 | 14,3 | 1 | 5,0 | 1 | 5,3 | 1 | 3,7 | 5 | 6,3 |
| De 41 a 50 ha | 1 | 7,1 | 1 | 5,0 | | | | | 2 | 2,5 |
| De 51 a 60 ha | | | | | 1 | 5,3 | | | 1 | 1,3 |
| De 61 a 100 ha | | | 1 | 5,0 | 2 | 10,5 | 1 | 3,7 | 4 | 5,0 |
| Pequena | | | | | | | 1 | 3,7 | 1 | 1,3 |
| Não sabem | | | 8 | 40,0 | | | 2 | 7,4 | 10 | 12,5 |
| Apenas uma casa | | | 4 | 20,0 | 2 | 10,5 | 6 | 22,2 | 12 | 15,0 |
| Não responderam | 1 | 7,1 | | | 2 | 10,5 | 2 | 7,4 | 5 | 6,3 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Esta questão tem sua relevância pelo fato já observado por Menezes (2012) que as propriedades estão localizadas em uma região que sofre com escassez de chuvas, portanto, menos de 10 hectares significa pouca terra tanto para criação de animais, como para a partilha entre os herdeiros. Inclusive, conforme apontado anteriormente, houve uma redução para famílias de três ou quatro membros, ao invés daquelas famílias patriarcais de outrora que possuíam grandes extensões de terra quando se fazia necessário “conquistá-la”.

Ao menos 87,5% das terras são próprias (Tabela 64), isso causa reflexão sobre o que jovens rurais poderiam fazer nesse meio rural após a conclusão do ensino médio se 57,5% dos pesquisados vivem em propriedades de até 20 hectares, dos quais 15% os progenitores possuem apenas uma casa no meio rural, outros 10% os pais possuem um terreno com menos de 1 hectare e 10% possuem terrenos com 1 a 5 hectares. A perspectiva de futuro para os jovens não se encontra no meio rural e a escola corresponderia, então, à salvação ou à porta de saída para o trabalho e estudo na cidade.

Tabela 64 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “A propriedade pertence aos seus pais?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-----------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 12 | 85,7 | 18 | 90,0 | 15 | 78,9 | 25 | 92,6 | 70 | 87,5 |
| Não | 1 | 7,1 | 1 | 5,0 | 3 | 15,8 | 2 | 7,4 | 7 | 8,8 |
| Não responderam | 1 | 7,1 | 1 | 5,0 | 1 | 5,3 | | | 3 | 3,8 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Com base em dados analisados anteriormente sobre a quantidade de irmãos e irmãs dos jovens pesquisados, torna-se evidente a inviabilidade da fragmentação de propriedades de até 10 hectares entre famílias com mais de dois filhos.

Conforme considerado por Menezes (2012) em sua dissertação e que se reafirma nesta tese: quando um alto percentual de jovens rurais indica que, apesar de gostar do campo, preferiria sair desse espaço, certamente estaria relacionado às perspectivas de trabalho e renda para todos os filhos de uma família possuidora de um pequeno lote. Ademais, quase 9% dos jovens rurais responderam que a terra onde vivem não é própria, o que, indubitavelmente, configura-se como mais um dos fatores que influenciam na decisão final de permanecer ou deixar o meio rural, ou seja, qual seria a perspectiva para um jovem rural se os pais vivem em uma região semiárida, com pouca terra e sem gado e ainda com irmãos e irmãs para dividir a pequena herança?

8.6 OS PAIS: ESCOLARIZAÇÃO, OCUPAÇÃO, TRABALHO E RENDA

Não há uma disparidade entre os níveis de habilitações atingidos por pais e mães até o ensino fundamental maior (Tabela 65). No entanto, os percentuais tanto de pais (50%) como de mães (46,3%) que nem sequer completaram o ensino fundamental menor são elevados, o equivalente até o 5º ano, tanto em Poço Redondo, como em Nossa Senhora da Glória.

Embora em pequena proporção, as mães apresentam níveis de escolaridade mais elevados a partir do ensino médio completo, como 8,8% em relação a 3,8% dos pais, bem como no nível superior, com 3,8% das mães em relação a nenhum pai, na medida em que os pais estão mais representados no grupo dos que nunca estudaram (cerca de 16%) em relação a 6,3% das mães nesse mesmo grupo, bem mais representados em Poço Redondo.

A comparação dos progenitores dos alunos dos dois municípios pesquisados revela que em Nossa Senhora da Glória estamos diante de mães mais escolarizadas a partir do ensino médio e pais menos escolarizados ou que nunca estudaram, no caso de Poço Redondo.

Tabela 65 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Até quando seus pais estudaram?”, 2015

| Respostas | | Poço Redondo | | Nossa Senhora da Glória | | Total (%) |
|-------------------------------------|------|--------------|-------|-------------------------|-------|-----------|
| | | H (%) | M (%) | H (%) | M (%) | |
| Nunca estudou | Pais | 21,4 | 25,0 | 15,8 | 7,4 | 16,3 |
| | Mães | 21,4 | 10,0 | | | 6,3 |
| Ensino fundamental menor incompleto | Pais | 35,7 | 55,0 | 36,8 | 63,0 | 50,0 |
| | Mães | 35,7 | 60,0 | 31,6 | 51,9 | 46,3 |
| Ensino fundamental menor completo | Pais | 21,4 | | 15,8 | 7,4 | 10,0 |
| | Mães | 14,3 | | 26,3 | 11,1 | 12,5 |
| Ensino fundamental maior incompleto | Pais | 7,1 | 5,0 | 15,8 | 14,8 | 11,3 |
| | Mães | 7,1 | | 15,8 | 14,8 | 10,0 |
| Ensino fundamental maior completo | Pais | | | | | |
| | Mães | | | 5,3 | | 1,3 |
| Ensino médio incompleto | Pais | | | | | |
| | Mães | 7,1 | | | 3,7 | 2,5 |
| Ensino médio completo | Pais | 7,1 | | 5,3 | 3,7 | 3,8 |
| | Mães | 7,1 | 10,0 | 10,5 | 7,4 | 8,8 |
| Tem curso superior completo | Pais | | | | | |
| | Mães | | 5,0 | | 7,4 | 3,8 |
| Não sei | Pais | 7,1 | 15,0 | 5,3 | 3,7 | 7,5 |
| | Mães | 7,1 | 15,0 | 5,3 | | 6,3 |
| Não respondeu | Pais | | | 5,3 | | 1,3 |
| | Mães | | | 5,3 | 3,7 | 2,5 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Neste sentido, destaca-se a elevada proporção de mães e pais com níveis de escolaridade iguais ou inferiores ao ensino fundamental menor (76,2% dos pais e 65% das mães) e de pais que nunca estudaram duas vezes mais em Poço Redondo (23,5%) do que em Nossa Senhora da Glória (10,9%). No caso das mães, 14,7% apenas em Poço Redondo.

Tabela 66 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “.. Seu pai é...”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|---|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Agricultor | 5 | 35,7 | 7 | 35,0 | 6 | 31,6 | 17 | 63,0 | 35 | 43,8 |
| Produtor de leite | | | 1 | 5,0 | | | 1 | 3,7 | 2 | 2,5 |
| Agricultor e produtor de leite | 7 | 50,0 | 8 | 40,0 | 8 | 42,1 | 2 | 7,4 | 25 | 31,3 |
| Agricultor e tem outra profissão | 1 | 7,1 | | | | | 2 | 7,4 | 3 | 3,8 |
| Produtor de leite e tem outra profissão | 1 | 7,1 | | | | | | | 1 | 1,3 |
| Agricultor, produtor de leite e tem outra profissão | | | | | 3 | 15,8 | 1 | 3,7 | 4 | 5,0 |
| Não é agricultor nem produtor de leite | | | 3 | 15,0 | 1 | 5,3 | 3 | 11,1 | 7 | 8,8 |
| Falecido | | | 1 | 5,0 | 1 | 5,3 | | | 2 | 2,5 |
| Não sabe/não respondeu | | | | | | | 1 | 3,7 | 1 | 1,3 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

A classe social das famílias envolvidas neste trabalho consiste em grande parte de agricultores e produtores de leite (Tabela 66), evidentemente devido à pesquisa ter se

concentrado em jovens rurais e na região produtora de leite do estado. Devido à baixa escolaridade dos progenitores, para os que trabalham fora da agricultura ou são pluriativos, as atividades mencionadas pelos jovens inquiridos foram pedreiro (sete menções), eletricitista, vigilante, comerciante, agente de saúde e motorista para os pais; e de auxiliar de serviços gerais, vendedora, costureira e empregada doméstica para as mães. Porém, entre as mães, foram mencionadas duas professoras, mas a ocupação da maioria é como dona de casa (Tabela 67).

Tabela 67 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Sua mãe é...”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|---|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Dona de casa | 7 | 50,0 | 8 | 40,0 | 15 | 78,9 | 17 | 63,0 | 47 | 58,8 |
| Agricultora | 5 | 35,7 | 7 | 35,0 | | | 6 | 22,2 | 18 | 22,5 |
| Produtora de leite | | | | | 1 | 5,3 | | | 1 | 1,3 |
| Agricultora e produtor de leite | | | 2 | 10,0 | | | | | 2 | 2,5 |
| Agricultora e tem outra profissão | | | 2 | 10,0 | | | 2 | 7,4 | 4 | 5,0 |
| Não é agricultora e tem outra profissão | | | 1 | 5,0 | 3 | 15,8 | 1 | 3,7 | 5 | 6,3 |
| Falecida | 1 | 7,1 | | | | | | | 1 | 1,3 |
| Não sabe/não respondeu | 1 | 7,1 | | | | | 1 | 3,7 | 2 | 2,5 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Os pais se dividem entre “tem emprego/trabalho no campo” (32,5%) e “é autônomo (trabalha por conta própria)” (31,3%). Uma parcela já trabalha na cidade (7,5%), enquanto 8,8% encontram-se desempregados, com destaque para os 21,4% dos pais de rapazes de Poço Redondo nesta situação. O percentual de pais aposentados atingiu 7,5%, destacando-se 14,3% dos pais de rapazes de Poço Redondo (Tabela 68).

Tabela 68 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Em relação ao trabalho, seu pai...”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|---|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Tem um emprego/trabalho no campo | 4 | 28,6 | 5 | 25,0 | 7 | 36,8 | 10 | 37,0 | 26 | 32,5 |
| É autônomo (trabalha por conta própria) | 3 | 21,4 | 6 | 30,0 | 7 | 36,8 | 9 | 33,3 | 25 | 31,3 |
| Está desempregado | 3 | 21,4 | 2 | 10,0 | | | 2 | 7,4 | 7 | 8,8 |
| Tem um emprego/trabalho na cidade | 1 | 7,1 | 2 | 10,0 | 2 | 10,5 | 1 | 3,7 | 6 | 7,5 |
| Está aposentado | 2 | 14,3 | 1 | 5,0 | 2 | 10,5 | 1 | 3,7 | 6 | 7,5 |
| Não sabem | 1 | 7,1 | 2 | 10,0 | | | 2 | 7,4 | 5 | 6,3 |
| Falecido | | | 1 | 5,0 | | | | | 1 | 1,3 |
| Não responderam | | | 1 | 5,0 | 1 | 5,3 | 2 | 7,4 | 4 | 5,0 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

No caso das mães, em relação ao trabalho, 25% “têm emprego/trabalho no campo”; 22,5% são autônomas (trabalham por conta própria) e 20% estão desempregadas. Das mães de rapazes de Poço Redondo, 37,5%, em relação ao respectivo estrato, estão desempregadas. No caso dos rapazes de Poço Redondo, em maior proporção que os demais estratos, há mais pais e mães em situação de desemprego (Tabela 69).

Tabela 69 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Em relação ao trabalho, sua mãe...”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|---|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Tem um emprego/trabalho no campo | 3 | 21,4 | 4 | 20,0 | 5 | 26,3 | 8 | 29,6 | 20 | 25,0 |
| É autônoma (trabalha por conta própria) | 2 | 14,3 | 3 | 15,0 | 7 | 36,8 | 6 | 22,2 | 18 | 22,5 |
| Está desempregada | 5 | 35,7 | 4 | 20,0 | 1 | 5,3 | 6 | 22,2 | 16 | 20,0 |
| Tem um emprego/trabalho na cidade | 1 | 7,1 | 3 | 15,0 | 2 | 10,5 | 2 | 7,4 | 8 | 10,0 |
| Está aposentada | 1 | 7,1 | 2 | 10,0 | | | 2 | 7,4 | 5 | 6,3 |
| Não sabem | 1 | 7,1 | 1 | 5,0 | | | 2 | 7,4 | 4 | 5,0 |
| Falecida | 1 | 7,1 | | | | | | | 1 | 1,3 |
| Não responderam | | | 3 | 15,0 | 4 | 21,1 | 1 | 3,7 | 8 | 10,0 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

A maioria dos progenitores dos jovens rurais inquiridos tem renda mensal de até dois salários mínimos, sendo que 35% dos pais e 38,8% das mães recebem menos de um salário mínimo por mês; já para um salário mínimo, os percentuais caem para 26,3% no caso dos pais e 25% para as mães; decrescendo bem mais para de um a dois salários, com tal rendimento para 10% dos pais e 3,8% das mães (Tabela 70).

Tabela 70 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Qual a renda mensal dos seus pais?”, 2015

| Respostas | | Poço Redondo | | Nossa Senhora da Glória | | Total (%) |
|----------------------------|-----|--------------|-------|-------------------------|-------|-----------|
| | | H (%) | M (%) | H (%) | M (%) | |
| Menos de um salário mínimo | Pai | 35,7 | 30,0 | 26,3 | 44,4 | 35,0 |
| | Mãe | 42,9 | 35,0 | 31,6 | 44,4 | 38,8 |
| Um salário mínimo | Pai | 35,7 | 25,0 | 21,1 | 25,9 | 26,3 |
| | Mãe | 28,6 | 40,0 | 15,8 | 18,5 | 25,0 |
| De um a dois salários | Pai | 14,3 | 5,0 | 15,8 | 7,4 | 10,0 |
| | Mãe | | | 10,5 | 3,7 | 3,8 |
| De três a quatro salários | Pai | | | 5,3 | | 1,3 |
| | Mãe | | | | 3,7 | 1,3 |
| Mais de quatro salários | Pai | | | | | |
| | Mãe | | | | | |
| Não sabem/não responderam | Pai | 14,3 | 40,0 | 31,6 | 22,2 | 27,5 |
| | Mãe | 28,6 | 25,0 | 42,1 | 29,6 | 27,5 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

8.7 VIDA DE PRODUTOR FAMILIAR

Assim como na pesquisa desenvolvida por Menezes (2012), a propósito da produção agrícola dos pais dos jovens rurais pesquisados, mais uma vez, os produtos mais citados representam, de fato, os mais produzidos na região desta pesquisa, a saber: milho, feijão e leite.

Dos 80 jovens rurais pesquisados por questionário, foram obtidas 198 respostas, porém, 11 não responderam (Tabela 71), certamente apenas os que residem no meio rural, o que faz sentido, em virtude da quantidade de jovens cujos pais não possuem terreno para plantações, somente a casa.

Tabela 71 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Se seus pais são agricultores, quais os principais produtos que eles produzem?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-----------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Milho | 12 | 30,0 | 15 | 26,3 | 14 | 32,6 | 18 | 31,0 | 59 | 29,8 |
| Feijão | 10 | 25,0 | 15 | 26,3 | 11 | 25,6 | 14 | 24,1 | 50 | 25,3 |
| Leite | 7 | 17,5 | 10 | 17,5 | 11 | 25,6 | 14 | 24,1 | 42 | 21,2 |
| Feijão de corda | 6 | 15,0 | 7 | 12,3 | 4 | 9,3 | 5 | 8,6 | 22 | 11,1 |
| Abóbora | 2 | 5,0 | 3 | 5,3 | 1 | 2,3 | | | 6 | 3,0 |
| Mandioca | 1 | 2,5 | 1 | 1,8 | | | 1 | 1,7 | 3 | 1,5 |
| Quiabo | | | 2 | 3,5 | | | | | 2 | 1,0 |
| Goiaba | 1 | 2,5 | | | | | 1 | 1,7 | 2 | 1,0 |
| Mel | 1 | 2,5 | | | | | | | 1 | 0,5 |
| Não responderam | | | 4 | 7,0 | 2 | 4,7 | 5 | 8,6 | 11 | 5,6 |
| Total | 40 | 100,0 | 57 | 100,0 | 43 | 100,0 | 58 | 100,0 | 198 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Obs.: Alguns jovens deram mais de uma resposta.

De igual modo, mesmo a pesquisa tendo sido realizada em uma região produtora de leite, foram apresentados dados de jovens cujos progenitores possuem menos de 1 hectare ou que têm apenas uma casa no meio rural, isso os impossibilitaria de criar animais, tais como gado, principalmente. De forma que à pergunta “seus pais possuem gado”, 33,8% responderam não e 3,8% não responderam. Mas a cultura leiteira realmente se confirma, uma vez que dos 62,5% jovens rurais cujos pais possuem gado, 88% é para produção de leite (Tabelas 72 e 73).

Tabela 72 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Seus pais possuem gado?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-----------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 9 | 64,3 | 13 | 65,0 | 13 | 68,4 | 15 | 55,6 | 50 | 62,5 |
| Não | 5 | 35,7 | 6 | 30,0 | 5 | 26,3 | 11 | 40,7 | 27 | 33,8 |
| Não responderam | | | 1 | 5,0 | 1 | 5,3 | 1 | 3,7 | 3 | 3,8 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Tabela 73 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Se respondeu sim...”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|---|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Gado de leite | 8 | 88,9 | 11 | 84,6 | 11 | 84,6 | 14 | 93,3 | 44 | 88,0 |
| Gado para corte | | | | | | | | | | |
| Gado para revenda (compra e vende) | | | | | | | | | | |
| Respostas mistas (gado de corte, de leite e para revenda) | | | 1 | 7,7 | 2 | 15,4 | | | 3 | 6,0 |
| Não responderam | 1 | 11,1 | 1 | 7,7 | | | 1 | 6,7 | 3 | 6,0 |
| Total | 9 | 100,0 | 13 | 100,0 | 13 | 100,0 | 15 | 100,0 | 50 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Já a quantidade de gado é pequena, pois os maiores produtores, que não passam de seis (12% dos que possuem gado), segundo os jovens pesquisados, têm entre 40 e 60 cabeças de gado, enquanto para 38% dos produtores o total não ultrapassa dez cabeças (Tabela 74).

Tabela 74 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Se respondeu sim na pergunta anterior, possuem quantas cabeças?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|---------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| 2 | | | 1 | 7,7 | | | | | 1 | 2,0 |
| 3 | 2 | 22,2 | | | | | 1 | 6,7 | 3 | 6,0 |
| 4 | | | | | 1 | 7,7 | | | 1 | 2,0 |
| 5 | | | 1 | 7,7 | 2 | 15,4 | 2 | 13,3 | 5 | 10,0 |
| 6 | | | | | 1 | 7,7 | | | 1 | 2,0 |
| 7 | | | 1 | 7,7 | 1 | 7,7 | | | 2 | 4,0 |
| 10 | 1 | 11,1 | 1 | 7,7 | 1 | 7,7 | 3 | 20,0 | 6 | 12,0 |
| 11 | | | | | 1 | 7,7 | | | 1 | 2,0 |
| 12 | | | 1 | 7,7 | | | 2 | 13,3 | 3 | 6,0 |
| 14 | 1 | 11,1 | | | | | | | 1 | 2,0 |
| 15 | | | 1 | 7,7 | | | 1 | 6,7 | 2 | 4,0 |
| 16 | | | | | | | 1 | 6,7 | 1 | 2,0 |
| 20 | 1 | 11,1 | 2 | 15,4 | 1 | 7,7 | 2 | 13,3 | 6 | 12,0 |
| 22 | | | | | 1 | 7,7 | | | 1 | 2,0 |
| 25 | 1 | 11,1 | | | | | 1 | 6,7 | 2 | 4,0 |
| 30 | 1 | 11,1 | 1 | 7,7 | | | | | 2 | 4,0 |
| 40 | | | | | 2 | 15,4 | 1 | 6,7 | 3 | 6,0 |
| 50 | 1 | 11,1 | 1 | 7,7 | | | | | 2 | 4,0 |
| 60 | | | 1 | 7,7 | | | | | 1 | 2,0 |
| Não sabem | 1 | 11,1 | 2 | 15,4 | 1 | 7,7 | 1 | 6,7 | 5 | 10,0 |
| Não respondeu | | | | | 1 | 7,7 | | | 1 | 2,0 |
| Total | 9 | 100,0 | 13 | 100,0 | 13 | 100,0 | 15 | 100,0 | 50 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Galinhas, porcos, ovelhas e cabras também são criados, visto que dos 80 jovens pesquisados foram obtidas, além do gado, 113 indicações de outros animais, se bem que 19 jovens se abstiveram de responder a esse respeito e é conveniente lembrar, mais uma vez, que alguns jovens, cujos progenitores possuem apenas uma casa no meio rural, certamente em pequenos povoados e vilas, já não desenvolvem atividades agrícolas (Tabela 75).

Tabela 75 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Indique outros animais que são criados pela família, não são só para consumo próprio, mas para venda também”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-----------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Galinhas | 7 | 46,7 | 15 | 55,6 | 14 | 45,2 | 16 | 40,0 | 52 | 46,0 |
| Porcos | 2 | 13,3 | 5 | 18,5 | 8 | 25,8 | 10 | 25,0 | 25 | 22,1 |
| Ovelhas | 1 | 6,7 | 2 | 7,4 | 5 | 16,1 | 5 | 12,5 | 13 | 11,5 |
| Cabras | | | 1 | 3,7 | 1 | 3,2 | 2 | 5,0 | 4 | 3,5 |
| Não responderam | 5 | 33,3 | 4 | 14,8 | 3 | 9,7 | 7 | 17,5 | 19 | 16,8 |
| Total | 15 | 100,0 | 27 | 100,0 | 31 | 100,0 | 40 | 100,0 | 113 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Obs.: Alguns jovens deram mais de uma resposta.

Em relação à criação de cabras, apenas 3,5% das respostas se reportaram a esse tipo de criação, que caracteriza o apoio dado há alguns anos, sobretudo, pelo Sebrae, para a criação de caprinos no sertão deste estudo. Não dá para precisar exatamente o que houve, mas por considerar curioso o percentual de apenas 3,5% de proprietários de caprinos, foi realizada uma busca na internet, em fevereiro de 2016, com as palavras “cabra”, “caprinos”, “Sergipe”, “semiárido”, “Sebrae” e os textos encontrados na primeira página dessa busca virtual, ou seja, os textos mais recentes, sejam de artigos ou de reportagens, datam de 2003 a 2009. Fica registrada a indagação sobre o que teria havido e o andamento desse programa, visto ter sido baixo o percentual de criadores de caprinos na região pesquisada, pois se supunha haver número muito maior.

8.8 IDENTIDADE DE AGRICULTOR FAMILIAR

À pergunta “seus avós eram ou são agricultores?”, o percentual total das respostas “eram” e “são” agricultores para os avós paternos e maternos corresponde a, respectivamente, 81,3% e 83,8%. Significa, portanto, a existência de uma tradição de trabalho na agricultura nas famílias dos jovens pesquisados e esse resultado ratifica os dados coletados por Menezes (2012) em sua pesquisa para o mestrado. Contudo, se forem comparados aos pais dos jovens inquiridos, as respostas indicam que 22,5% das mães são agricultoras e 77,5% dos pais são agricultores e produtores de leite (Tabela 76).

Convém observar que é considerável o percentual dos avós que “eram” agricultores – 38,2% em Poço Redondo e 30,4% em Nossa Senhora da Glória dos avós paternos e 47,1% em Poço Redondo e 30,4% em Nossa Senhora da Glória dos avós maternos; ressaltando-se que quase metade dos avós maternos em Poço Redondo já foram agricultores, no entanto, esta

pesquisa não investigou se era pelo fato de os avós serem falecidos, aposentados ou migrantes do campo para a cidade (Tabela 76).

Tabela 76 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Seus avós eram (ou são) agricultores?”, 2015

| Respostas | | Poço Redondo | | Nossa Senhora da Glória | | Total (%) |
|------------------------|----------|--------------|-------|-------------------------|-------|-----------|
| | | H (%) | M (%) | H (%) | M (%) | |
| São agricultores | Paternos | 28,6 | 55,0 | 47,4 | 51,9 | 46,3 |
| | Maternos | 28,6 | 40,0 | 52,6 | 55,6 | 45,0 |
| Não são agricultores | Paternos | 7,1 | 5,0 | 21,1 | 18,5 | 12,5 |
| | Maternos | 7,1 | 5,0 | 10,5 | 18,5 | 10,0 |
| Eram agricultores | Paternos | 50,0 | 30,0 | 31,6 | 29,6 | 36,3 |
| | Maternos | 50,0 | 45,0 | 36,8 | 25,9 | 40,0 |
| Não sabe/não respondeu | Paternos | 14,3 | 10,0 | | | 5,0 |
| | Maternos | 14,3 | 10,0 | | | 5,0 |
| Total | Paternos | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| | Maternos | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Apenas 28,8% dos jovens pesquisados – embora com maior proporção em Poço Redondo (50%) do que em Nossa Senhora da Glória (13%), devido haver maior número de assentamentos em Poço Redondo – declararam-se filhos de assentados da reforma agrária; sendo que 15% não responderam. Neste caso, salienta-se, mais uma vez, que há jovens pesquisados cujos pais apenas residem no meio rural (Tabela 77). Assim, em Poço Redondo há maior percentual de filhos de assentados do que em Nossa Senhora da Glória.

Tabela 77 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Seus pais são assentados da reforma agrária?”, avós maternos, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-----------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 9 | 64,3 | 8 | 40,0 | 1 | 5,3 | 5 | 18,5 | 23 | 28,8 |
| Não | 3 | 21,4 | 9 | 45,0 | 13 | 68,4 | 20 | 74,1 | 45 | 56,3 |
| Não responderam | 2 | 14,3 | 3 | 15,0 | 5 | 26,3 | 2 | 7,4 | 12 | 15,0 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Com o intuito de estender a análise das questões sobre identidades e perpetuação da herança, ou seja, a fim de investigar se os jovens rurais, filhos de assentados teriam interesse em continuar na profissão de seus pais, haja vista que os progenitores haviam sido contemplados por uma política de reforma agrária; e, havendo a perspectiva de continuidade dos filhos, isso pressuporia a sustentabilidade desse modo de produção, fruto de lutas para sua conquista. Desse modo, em relação à pergunta “Se seus pais são agricultores, você gostaria de continuar na profissão deles e tomar conta da propriedade?”, foram priorizadas três linhas de análise: filhos de assentados; filhos de não assentados e total de jovens pesquisados, com o

objetivo de chamar a atenção, por meio dos dados, para que não somente os pais, mas os jovens também sejam apoiados e considerados nas políticas públicas, tendo em vista de que de nada adiantaria assentar para, em seguida, os herdeiros venderem ou se ausentarem da propriedade por não verem possibilidade de continuar na mesma.

Após o assentamento, isso não significa que o trabalho de política pública esteja encerrado, pois os filhos de assentados devem ser vistos como os possíveis sucessores. Com famílias cada vez menores, de um a três filhos, faz-se necessário pensar sobre a possível continuidade desse modo de produção, bem como na sustentabilidade da região, espaço empírico deste estudo.

Tabela 78 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Se seus pais são agricultores, você gostaria de continuar na profissão deles e tomar conta da propriedade?”, 2015

| Respostas | | Poço Redondo | | Nossa Senhora da Glória | | Total (%) |
|-----------------------------|--------------------------|--------------|-------|-------------------------|-------|-----------|
| | | H (%) | M (%) | H (%) | M (%) | |
| Sim | Filhos de assentados | 22,2 | | 100,0 | 20,0 | 17,4 |
| | Filhos de não assentados | 66,7 | 11,1 | 23,1 | 5,0 | 15,6 |
| | Total dos pesquisados | 35,7 | 10,0 | 21,1 | 7,4 | 16,3 |
| Não | Filhos de assentados | 55,6 | 62,5 | | 80,0 | 60,9 |
| | Filhos de não assentados | 33,3 | 66,7 | 46,2 | 50,0 | 51,1 |
| | Total dos pesquisados | 50,0 | 65,0 | 47,4 | 55,6 | 56,3 |
| Talvez | Filhos de assentados | 22,2 | 25,0 | | | 17,4 |
| | Filhos de não assentados | | 11,1 | 23,1 | 25,0 | 20,0 |
| | Total dos pesquisados | 14,3 | 15,0 | 26,3 | 22,2 | 18,8 |
| Não sabem / não responderam | Filhos de assentados | | 12,5 | | | 4,3 |
| | Filhos de não assentados | | 11,1 | 7,7 | 20,0 | 13,3 |
| | Total dos pesquisados | | 10,0 | 5,3 | 14,8 | 8,8 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

A partir dos dados coletados, o cenário é de desinteresse pela profissão de agricultor, pois, dos jovens inquiridos, apenas 17,4% dos filhos de assentados da reforma agrária responderam que gostariam de continuar na profissão de agricultores dos pais e, posteriormente, assumir a propriedade. Dos filhos de não assentados, o percentual total é ainda menor, por volta dos 16%. É conveniente observar que 66,7% dos rapazes, filhos de não assentados em Poço Redondo, responderam “sim”, continuariam na profissão dos pais e tomariam conta da propriedade, mas a pouca adesão das mulheres a esse modo de vida baixou o percentual total (11% em Poço Redondo e 5% em Nossa Senhora da Glória), assim como os 23% dos rapazes de Nossa Senhora da Glória (Tabela 78).

Dos rapazes que gostariam de continuar, especificamente dos estudantes em Poço Redondo, foram obtidas as seguintes justificativas: “Gosto de cuidar de *animais*”; “Lá na propriedade minha vida é mais feliz”; “Para continuar o que meus pais faziam” e “Porque é o que eu sei fazer”. Já as duas moças de Poço Redondo que responderam que continuariam na

profissão de agricultores dos pais e cuidariam da propriedade, assim expressaram: “Porque gosto muito da nossa propriedade e dos *animais*” e “Pelo fato de ter sido deles”. Em Nossa Senhora da Glória, os jovens que poderiam continuar na profissão dos pais deram as seguintes respostas: “Porque quero mudar muitas coisas ainda nela”; “Mas queria levar algo novo para o campo se formasse em agronomia e veterinária”; “Porque eu gosto” (rapazes); “Para ajudar a eles” e “Porque eu gosto de viver no sítio também e cuido de tudo lá” (moças).

Foram grifadas duas respostas com menção a animais porque na pesquisa de mestrado desenvolvida por Menezes (2012), sugeriu-se uma relação entre a posse do gado e a possibilidade do filho continuar vinculado ao lote, uma vez que a intenção de permanecer no campo como agricultor ou de tocar o lote era pequena, porém, quando analisada por progenitores produtores de leite, ou seja, possuidores de gado, dos poucos jovens que pretendiam ser agricultores ou assumir a propriedade dos pais, o percentual se diferenciou um pouco para mais em relação aos pais possuidores de gado, tanto ao apresentar maior adesão em termos percentuais, como pelas próprias falas dos pesquisados.

Nesta tese, assim como no mestrado (MENEZES, 2012), a maioria dos pais dos jovens pesquisados possui gado; porém, sobre se assumirão a propriedade ou se serão agricultores a perspectiva ficou mais evidenciada em Poço Redondo, muito mais para os rapazes e também mais em relação a ser agricultor do que em assumir a propriedade, por certo devido a umas serem tão pequenas, na intenção de possuir seu próprio terreno. Quanto às respostas obtidas, apenas dois rapazes enfatizaram que continuariam porque gostam de cuidar dos animais, ou seja, certamente referindo-se ao gado ou, mais especificamente, a vacas leiteiras.

Dos jovens que gostariam de assumir a propriedade dos pais, observa-se nesses possíveis “continuadores” a apreciação pela vida no campo em três aspectos: gostam da vida no campo e de cuidar dos animais, para desenvolver e prosperar o que os pais já iniciaram; a própria situação de continuidade, ou seja, de identidade mesmo, alguns rapazes fazendo planos de melhoria e investimentos na propriedade, inclusive o curso superior voltado para a área da agricultura e pecuária, com viés mais progressista; e, por fim, como uma ajuda aos pais.

Na pesquisa realizada para o mestrado, esta autora observou aspectos nas respostas dos rapazes que se entrelaçam com esses agora evidenciados na tese: a reprodução da condição de agricultor familiar vinda dos antepassados, quer dizer, a tradição familiar e o gosto do trabalho no campo (MENEZES, 2012). Dos que pretendem assumir a propriedade e ser agricultor, observou-se um espírito interessado do jovem de Nossa Senhora da Glória, algo típico da cultura local de empreendedorismo: “Porque quero mudar muitas coisas ainda nela”, ou seja, o jovem faz planos de melhoria na propriedade e “Mas queria levar algo novo para o campo se

formasse em agronomia e veterinária”; agora que há essa possibilidade no sertão, com um *campus* universitário público que oferta tais cursos.

Não obstante sem fundamentação em pesquisa, uma hipótese levantada é que em Poço Redondo os rapazes não teriam muita opção de emprego fora do seu meio, pois a sede municipal é pequena e, portanto, decidem ficar no campo. Nossa Senhora da Glória encontra-se em expansão, portanto, abarca mais possibilidades, tem indústrias – embora sejam poucas – e o povo é mais empreendedor e progressista; ao passo que o povo de Poço Redondo é mais conservador no sentido da espera pela assistência dos governantes. Isso implicaria visão de longo prazo, progresso e compromisso de suceder o pai, entrando na lógica da flexibilidade discutida por Sennett (2009), já que o progresso no meio rural do sertão é lento, pois se planta tem que esperar a colheita que, às vezes, não dá resultado por causa das secas e, caso tenha criação de animais, o rebanho de gado cresce vagarosamente.

Na região, há uma lógica própria de crescimento do rebanho que é vendido para compra de mais terra, espera de novo crescimento do rebanho para venda e compra de terra, o que demanda esperar e, nesses tempos de flexibilidade, os jovens não querem aguardar. De modo que os dados coletados indicam que 66% dos rapazes, filhos de não assentados de Poço Redondo poderiam continuar a cuidar da propriedade, mas isso certamente tem a ver com falta de outras perspectivas inerentes ao lugar. Apenas 5% dos rapazes, filhos de não assentados de Nossa Senhora da Glória, responderam que continuariam, mas apresentaram ideias de progresso e melhoramento nas propriedades, de comprometimento com a herança recebida.

Os motivos dados pelos jovens que não querem continuar, a maioria especialmente as moças, foram: “Pretendo trabalhar na cidade”; “Porque quero ter um futuro melhor que dos meus pais”; “Porque eu quero ter uma vida melhor”; “Por bastante trabalho, tomar de conta de tudo”; “Por trabalhar muito”; “Quero ter uma vida melhor e poder ajudá-los” (rapazes, Poço Redondo). “Porque pretendo ter uma formação no ensino superior”; “Porque na região em que vivo não é muito favorável”; “Porque não gosto de trabalhar na roça” (moças, Poço Redondo). “Porque eu estou estudando para não ter a vida sofrida que eles têm”; “Porque meu sonho é subir na vida e é mais fácil tendo um emprego na cidade”; “Bom, porque eu quero trabalhar em outra localidade, poderia até ir olhar a propriedade nos fins de semana”; “Porque quero um emprego melhor, com menos dificuldade”; “Porque eu não gosto” (rapazes, Nossa Senhora da Glória). “Pois eu quero um emprego melhor para minha vida e eles também querem”; “Porque sonho em conhecer coisas novas”; “Porque não pretendo continuar morando no campo”; “É muito difícil viver da agricultura aqui no semiárido”; “Quero ter uma vida melhor”; “Meu sonho

vai além disso e sei que posso conseguir”; “Meu pai trabalha na roça dos outros. Eu não quero porque tenho vontade de ser professora” (moças, Nossa Senhora da Glória).

Retomando, mais uma vez, a pesquisa de Menezes (2012) para fins comparativos, em relação aos jovens rurais que não gostariam de assumir a profissão dos pais e cuidar da propriedade, foram identificados três tipos de justificativas, tanto nas respostas dos homens, como nas das mulheres, aspectos estes que também foram evidenciadas nesta pesquisa: a) O não gostar e a falta de identificação com a agricultura demonstram que já não têm uma identidade com a cultura local, nem sequer a capacidade ou o interesse de perpetuarem a herança dos pais: “Porque não gosto dessa área de trabalho” (moça, Poço Redondo); “Porque não é minha área”; “Porque não me identifico” e “Porque não gosto dessa profissão” (moças, Nossa Senhora da Glória); b) A desvalorização da profissão porque se “ganha pouco”, o “trabalho é duro e não traz futuro”: “Não há valorização”; “Porque algumas pessoas não dão valor aos agricultores”; “Porque dá muito trabalho” (moças, Poço Redondo); “Porque é muito trabalho” (rapaz, Nossa Senhora da Glória); “Porque a renda é pouca” (rapaz, Poço Redondo); “É muito difícil essa vida que eles levam por isso pretendo algo melhor”; “Porque é uma vida muito difícil, na qual só dão frutos no inverno⁶³” (moças, Nossa Senhora da Glória); c) Uma aproximação entre “não quero ser agricultor(a)” com “continuar estudando” e “ter outra profissão”, outra identidade, justamente uma questão central desta pesquisa, isto é, a relação da escolarização com o fato de ficar ou não no espaço rural: “Por estudo, para realizar um sonho”; “Porque com o estudo a vida é mais fácil” (moças, Poço Redondo); “Porque eu quero estudar para conseguir um emprego melhor” (rapaz, Poço Redondo).

Esta questão foi retomada nas entrevistas e nos grupos focais, porém, levantando a hipótese de caso tivessem perspectiva de oferta de trabalho no campo, com boa renda, se os jovens rurais pesquisados teriam o compromisso de dar continuidade às atividades agrícolas da unidade familiar ou haveriam outras questões permeando seus planos?

Este é um ponto muito importante desta tese, ou seja, a relação entre escolarização e perspectivas de saída do meio rural. Estudar tanto para depois ir trabalhar duro na roça no sol escaldante do sertão? Definitivamente, não é isso que os jovens rurais pesquisados almejam. Mas se tivessem boa renda e desde que a atividade não fosse necessariamente relacionada à agricultura, dessa forma, talvez ficassem.

⁶³ Terminologia regional, visto que o inverno é a estação das chuvas.

Isso não é um fato exclusivo do espaço empírico desta pesquisa. Carneiro (1998c, p. 6), em sua tese de doutorado, a partir de pesquisa com agricultores familiares franceses, refere-se a outros estudos que indicam que “a agricultura como emprego exclusivo não constitui mais uma escolha desejável mesmo para os filhos de agricultores bem-sucedidos”.

O apelo apresentado por Carneiro para a saída do campo ou opção pela pluriatividade – múltipla inserção no mercado de trabalho – de jovens franceses filhos de agricultores familiares teria a ver com “as demandas crescentes do mercado de produtos agrícolas somadas às novas exigências de consumo (comparáveis ao das camadas médias urbanas) e à crise dos valores que sustentaram até então a capacidade de auto-reprodução da família camponesa” (CARNEIRO, 1998c, p. 6).

No grupo focal 1, realizado com jovens de Nossa Senhora da Glória, turno diurno, as respostas obtidas foram agrupadas em quatro categorias: *tentaria conciliar estudo e permanência no campo; ficaria, desde que desenvolvendo atividades não agrícolas; não ficaria e ficaria, sem estabelecer condições* (Quadro 5). Nesse grupo focal, realizado em uma escola urbana que objetiva preparar seus alunos para o vestibular, três moças responderam que ficariam se pudessem conciliar trabalho e continuação dos estudos. Por sua vez, três moças e três rapazes não mostraram interesse em permanecer no campo.

Quadro 5 – Respostas dos jovens rurais, Nossa Senhora da Glória, sobre se ficariam no campo caso tivessem boa renda, grupo focal 1, 2015

| Categorias | Algumas respostas |
|---|---|
| Tentaria conciliar estudo e permanência no campo | H-n.9(GF1): “Eu acho que não. Eu ia querer entrar numa faculdade, mas ia tentar conciliar os dois, se pudesse...” M-n.3(GF1): “Se desse para conciliar eu, particularmente, faria os dois. O meu sonho que eu quero enfermagem e com o dinheiro do trabalho eu poderia pagar o meu curso, aí eu poderia conciliar, mas se não desse eu não abriria mão do meu sonho não”. M-n.6(GF1): “Eu concordo com a colega, como ela falou que se assim desse para conciliar as duas coisas daria para trabalhar no campo e pensar nos estudos também, mas se não, é melhor os estudos”. |
| Ficaria, desde que desenvolvendo atividades não agrícolas | H-n.10(GF1): “Bom, se tivesse como eu poderia [...] pegar um curso técnico e poder trabalhar em uma fábrica relacionada a laticínios... Mas diretamente ao campo mesmo eu não ia. Campo não, diretamente ao campo não”. |
| Não ficaria | M-n.12(GF1): “Eu não queria não. Porque minha família era da cidade, aí quando achou um emprego no campo eles migraram para lá e [...] o meu sonho era voltar para a cidade, só que o emprego eles achavam bom, que ganham muito. Mas, hoje em dia, [...] eu quero sair logo, quero ir para uma cidade grande [...] estilo Salvador”. M-n.5(GF1): “Eu não concordo porque eu pretendo fazer uma faculdade e viver numa cidade mais avançada do que onde eu moro, tipo Aracaju por diante”. H-n.4(GF1): “Eu acho que não daria porque o trabalho no campo é um pouco duro, puxado. Eu acho que não daria para conciliar trabalho no campo com estudo, faculdade porque tanto a faculdade puxa como o trabalho no campo é pesado, então eu acho que não daria e até porque conseguir se formar dá trabalho”. H-n.11(GF1): “Eu acho que não, pois eu não ia abrir mão do meu sonho [formar em medicina] para trabalhar no meio rural”. |
| Ficaria | H-n.1(GF1): “Sim, porque o meu sonho é ser um veterinário e dá para conciliar porque veterinário-campo-cuidar de animais”. |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015. Legenda: M: Mulher / H: Homem. (GF1): Grupo focal 1.

Observa-se, a partir das respostas dispostas no Quadro 5, muito mais o apelo de ampliação da escolarização em nível superior. Já para o rapaz (H-n.10) que poderia permanecer no meio rural, essa permanência não estaria atrelada a ser agricultor. Se a atividade no meio rural sertanejo não fosse tão dura, conforme apontado pelos jovens pesquisados, mas fosse ligada a novas tecnologias, talvez isso atraísse mais a juventude rural escolarizada.

Em entrevista, duas jovens de Nossa Senhora da Glória afirmaram que permaneceriam no meio rural, desde que tivessem boa renda e pudessem estudar:

M-n.2(E2): Eu iria trabalhar e se estivesse estudando ainda eu estudaria a noite, mas de dia eu iria trabalhar, assumiria, [...] não tanto pelo valor, mas sim porque é numa localidade que eu convivo desde pequena e que eu já faço algumas atividades e gosto muito dessa da localidade. Quando está chovendo é a coisa mais linda porque o capim fica bem verdinho, entendeu? E o salário iria ajudar a sustentar a minha família, então eu iria trabalhar sim, sem dúvidas e a noite eu fazia um jeito para estudar. M-n.1(E2): Eu também assumiria porque é um lugar próximo onde moro, porque se fosse na cidade seria difícil para pegar transporte para o interior e, enquanto estivesse estudando, estudaria a noite, porque o dinheiro também ajudaria a renda da família, né? (Mulheres, entrevista 2, Nossa Senhora da Glória, 2015).

Em relação ao grupo focal 2 (Quadro 6), também realizado em Nossa Senhora da Glória com jovens estudantes no turno noturno, os rapazes ficariam, caso tivessem trabalho e renda no campo, uma moça ficaria se pudesse conciliar estudo e trabalho e mais uma moça permaneceria, mas estabeleceu como condição a possibilidade – que considera remota – de irrigação agrícola.

Quadro 6 – Respostas dos jovens rurais, Nossa Senhora da Glória, sobre se ficariam no campo caso tivessem boa renda, grupo focal 2, 2015

| Categorias | Algumas respostas |
|--|--|
| Tentaria conciliar estudo e permanência no campo | H-n.4(GF2): “Depende, porque se fosse alguma coisa que fosse atrapalhar os estudos eu não aceitaria. Eu já trabalho assinada em casa de família [...] porque [...] tem como eu sair cedo para vir para o colégio. Então, vai depender do horário”. |
| Ficaria, estabelecendo condições: irrigação | M-n.3(GF2): “Olha, onde eu moro, na hipótese de melhorar eu não acho impossível, mas para melhorar teria que ter irrigação e nem água [encanada] tem <i>pra</i> gente beber [...]. Seria uma melhora de vida, com certeza, se irrigasse eu ficaria onde moro, [...] não iria embora nunca. Eu amo onde moro, mas hoje eu sonho ser professora. Eu não queria mudar para a cidade porque a quantidade [de pessoas] não me atrai [...]. Lá [onde mora] tem encanamento, chegou há dois anos e esqueceram da gente. A gente não tem água [encanada] para nada, nada [...]. Para nós, nordestinos do sertão, a água é nossa vida e a gente vê em outros lugares e aqui não bota [...]. E ali já sabe que todo ano tem seca [...]. Outra coisa é agricultura irrigada, eu ficaria, mas é uma hipótese que nunca vai acontecer”. |
| Ficaria | H-n.2(GF2): “Ficaria sim, se tivesse emprego mais próximo onde a gente mora. Já estou acostumado onde vivo com minha família. Poderia trabalhar e ficar para dar continuidade à criação dos animais, continuar vendo o terreno para dar continuidade à agricultura, mesmo como um costume, porque ultimamente com as secas que estamos enfrentando, a falta de água, é muito difícil continuar com a agricultura, muito sofrido”. H-n.7(GF2): “Eu ficaria porque é um lugar onde já estou adaptado. É muito perto da residência onde moro [...] ter mais tempo de ficar em casa nas horas tudo certinha”. |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015. Legenda: M: Mulher / H: Homem. (GF2): Grupo focal 2.

Devido à ideia predominante de que as mulheres rejeitam o rural, esperava-se que a maioria das moças respondesse que não ficariam, mesmo com boa renda. Porém, no grupo focal 3 realizado com estudantes de Nossa Senhora da Glória, as moças, mais do que os rapazes, afirmaram que permaneceriam no campo se pudessem conciliar a continuação dos estudos e a permanência no meio rural ou se a renda fosse boa, inclusive pelo interesse em dar continuidade no que os pais desenvolvem (Quadro 7).

Quadro 7 – Respostas dos jovens rurais, Nossa Senhora da Glória, sobre se ficariam no campo caso tivessem boa renda, grupos focais 3 e 4, 2015

| Categorias | Respostas |
|-------------|---|
| Ficaria | M-n.5(GF3): “Eu tentaria ficar e continuar se tivesse um emprego no sertão mesmo eu ficava. <i>Oxe</i> , ficava”. M-n.10(GF3): “Eu ficaria porque eu acho interessante o que os meus pais fazem. Eles plantam, eles criam [...] e eu me sinto orgulhosa e continuaria sim se ganhasse um bom dinheiro. Talvez, sei lá, uma grande proprietária de alguma fazenda” M-n.11(GF3): “Bom, eu também ficaria porque até eu ia estar me realizando por ter tudo o que eu quero aqui no sertão mesmo”. M-n.1(GF4): “Se eu tivesse a renda, tudo certinho, que desse para viver bem, eu não ia querer sair do <i>interior</i> [zona rural] a não ser que fosse para iniciar meus estudos em medicina [...], mas senão eu continuaria sim no interior”. H-n.2(GF4): “Se tivesse também eu não sairia não porque seria bom <i>pro</i> sertanejo uma renda a mais e também não pararia de trabalhar na profissão de sertanejo. Não, não pararia”. H-n.4(GF4): “Se fosse comigo eu não iria para a cidade. Continuaria no interior. Se fosse bem remunerado e se desse para viver com minha família bem, continuaria”. |
| Não ficaria | H-n.12(GF3): “Eu continuaria tentando ingressar no mercado de trabalho porque eu não me vejo trabalhando com atividades agrícolas”. H-n.8(GF3): “Bom, eu continuaria correndo atrás do meu sonho porque mesmo sendo uma oferta boa no campo tudo é mais difícil, tem mais dificuldade, o sol quente, mesmo que seja nas horas... <i>é...</i> sempre é mais pesado... e eu tenho vários outros planos para o futuro e continuaria correndo atrás deles”. H-n.4(GF3): “Acho que eu recusaria, mas eu gosto da vida do campo, é boa, mas eu queria tentar uma coisa diferente, sem ser a mesma... ter alguma área de emprego na zona industrial, alguma coisa assim que eu me sinta realizado”. H-n.12(GF3): “Eu acho que independente da gratificação, eu acho que no caso o trabalho no campo seria um trabalho mais pesado. Se minha família ingressou nessa atividade é porque eles não tiveram oportunidade de estudo e de alcançar outras profissões”. H-n.3(GF4): “Mesmo tendo a renda, acho que isso vai de pessoa para pessoa, eu não continuaria porque eu tinha já essa escolha de não viver no campo e o que eu penso é me formar em psicologia e essa área não está disponível nem em todas micro e pequenas cidades, muito menos nos <i>interiores</i> [meio rural], então não pretenderia continuar essas atividades no campo”. |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015. Legenda: (GF3): grupo focal 3; (GF4): grupo focal 4. M: Mulher / H: Homem.

Assim como esses jovens, uma moça de Nossa Senhora da Glória, ao ser entrevistada, expressou: “Tenho outras perspectivas, mas se tivesse boa renda teria vontade” (Entrevista 1). Por sua vez, de forma geral, os rapazes se posicionaram que sairiam. Os que responderam que ficariam se tivessem boa renda condicionaram que não fosse para desenvolver atividades agrícolas.

Há ainda jovens rurais que pensam em sair do campo para depois retornar. Quem sabe, tal qual os *high-flyers* e *boomerangs* apresentados por Carr e Kefalas (2009), os jovens rurais

de Poço Redondo realçaram sair em busca de melhoria de vida com a intenção de voltar e ficar, se tivessem boas condições de renda (Quadro 8).

Quadro 8 – Respostas dos jovens rurais de Poço Redondo sobre se ficariam no campo caso tivessem boa renda, grupos focais 6 e 7, 2015

| Categorias | Respostas |
|--|--|
| Não veem perspectiva de renda para ficar | M-n.12(GF6): “Se tivesse uma boa renda eu continuaria muito bem, continuaria onde meus pais pararam, mas o problema é a falta de renda, tipo cada vez mais está desvalorizando as áreas rurais. O problema só é esse. Cada vez mais está diminuindo no sentido como [...] [o colega] falou a questão de jogando agrotóxicos e está perdendo a terra. Daí, muitas vezes a pessoa planta, mas não vinga, não nasce nada”. H-n.2(GF6): “Eu ficaria, mas se eu tivesse uma renda que eu pudesse fazer algo no futuro, tipo alguma coisa que eu pudesse trabalhar para me sustentar, eu e minha família no futuro, mas, como eu não tenho essa renda, é complicado eu ficar aqui no Nordeste, aí tudo indica que eu tenho que sair daqui. Agora ou depois tenho que sair daqui. Se eu ficar aqui, como é que vou fazer meu futuro? Vou ficar dependendo dos meus pais? Não tem condição, né? Daqui uns tempos, Deus me livre. Meu pai trabalha de firma também, aqui não. Aqui ele tirava leite, cuidava de gado, mas ele viu as coisas apertando no sertão, a seca terrível matando, meu pai perdeu um bocado de crias depois que o sertão apertou, aí ele desanimou, vendeu e foi <i>pra</i> firma. Se ele continuasse aqui nós não <i>estava</i> [sic] nessa vida que está, poderia estar pior... Aqui não tem condições não”. |
| Ficaria | H-n.14(GF6): “Continuaria e fazia expandir o negócio para melhorar [...]. Tirar leite e vende para outros lugares, aí eu poderia tirar o leite e comprar de outros produtores para fazer queijo, manteiga, iogurte e vender. Quem mora no campo e tem vida boa nunca quer sair. Ele sai, mas ele volta, sempre ele volta, o campo é bem diferente da Capital porque é mais calmo, não tem malandragem, violência e quem mora na cidade é acostumado com a cidade, quem mora no interior [campo] já é acostumado com a vida mais calma. Não sairia”. M-n.3(GF7): “Concordo, ficaria sim se tivesse boas condições, porque a gente só sai quando as coisas começam a ficar pretas, como diz a história, mas a gente só sai para buscar coisas melhores, mas se tivesse condições boas ficaria, com certeza”. M-n.13(GF7): “Continuaria”. H-n.9(GF7): “Não sairia porque o campo é um lugar bom de se viver e se eu tivesse recursos eu iria investir no campo para que melhorasse a vida de muitas pessoas”. H-n.6(GF7): “Se eu tivesse condições de viver no campo para sempre eu viveria porque não tem lugar melhor para viver do que no campo. Faz muitas amizades, agora se sair para a cidade grande não fazia amizades”. |
| Sairia, mas voltaria | M-n.4(GF7): “Eu sairia, buscaria melhoria e voltaria para tentar e ir em frente, vou sair só em busca”. M-n.10(GF7): “Eu concordo com o número 4, é a mesma opinião, sairia em busca de algo melhor, mas voltaria para ficar com minha família”. |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015. Legenda: (GF6) grupo focal 6; (GF7) grupo focal 7. M: Mulher / H: Homem

No entanto, até entre os que ficariam, uma jovem se mostrou cética quanto a possibilidade de que se venha a ter boa renda no meio rural do sertão pesquisado:

A desvalorização do leite [...] faz baixar [o preço] cada vez mais [...]. Muitas vezes, as pessoas estão vendendo seu gado por causa disso, por causa da exploração do leite, então está trabalhando com outra coisa, tipo fazer queijo. Muitas vezes opta por outra coisa a não ser cuidar de gado [...], como meu pai, mesmo: ele tirava muito leite, eram muitas vacas que ele cuidava, hoje ele já não cuida disso e mata gado e porco para vender porque com leite não dá para se manter não (Mulher, nº. 12, grupo focal 6, Poço Redondo, 2015).

A jovem ressalta reconfigurações, ou seja, novas ruralidades no sertão desta pesquisa que é voltado para a produção de leite. As perspectivas dos produtores não são positivas, de modo que alguns vendem o rebanho ou o abatem, desistindo da produção de leite. A moça evidencia o que chama de “exploração do leite”, isto é, o fato de os compradores – geralmente laticínios e fabriquetas de queijo – estipularem um valor tão baixo para o produto que inviabiliza a manutenção da atividade.

Segundo a resposta de um rapaz, apresentada no Quadro 8 – o número 2 do grupo focal 6 –, o “sertão aperta”. Isso significa que quando a seca vem, principalmente quando é demorada, o gado morre, justamente o rebanho que às vezes é a poupança de toda uma vida para os produtores. Quando o sertanejo do meio rural percebe que a seca vai apertar, vende seus animais até mesmo abaixo do preço porque não terá alimentação e água suficiente para mantê-los.

Sendo assim, alguns homens vão trabalhar em firmas, geralmente em outros estados, de onde enviam algum recurso financeiro para seus familiares se manterem. Outro aspecto mencionado para a inviabilidade de se permanecer no meio rural do sertão é a degradação devido ao uso indiscriminado de agrotóxicos, o que acarreta em desvalorização da terras que perdem sua fertilidade.

De acordo com as respostas coletadas por meio de questionário, observou-se certa individualização com o uso de pronomes possessivos ou o “eu” bastante evidenciado como, por exemplo, nas seguintes respostas: “Tenho outros planos”; “Eu quero ter uma profissão diferente”; “Prefiro realizar o meu sonho de ir para uma faculdade e me formar em direito”. Há, ainda, jovens indecisos, um percentual considerável (18,8% do total de respondentes, sendo 17,4% dos filhos de assentados e 18,8% dos filhos de agricultores), os quais admitiram que poderiam assumir a propriedade, deixando em aberto a possibilidade de virem a assumir as atividades familiares na agricultura, a “depende do futuro” ou da “situação”, isto é, não rejeitam de pronto a vida no campo e revelaram os seguintes motivos: “Porque eu gosto de morar no interior, mas quero me formar”; “Porque gostaria de continuar cuidando do que eles levaram a vida toda tomando conta”; “Se eu não conseguir passar na faculdade vou ser como eles, com muito orgulho; mas, se eu passar, quero ter um emprego melhor” (moças, Nossa Senhora da Glória); “Eu gosto”; “Porque eu posso até seguir na profissão de meus pais”; “Depende das condições em que estejam”; “Eles podem deixar para mim”; “Talvez sim, pois cuidar da propriedade dos pais é bom” (rapazes, Nossa Senhora da Glória); “Quem cuida são meus irmãos. Não tenho muito desempenho”; “Meu foco não é exatamente ser agricultora”; “Porque se eu não arrumar meu emprego, eu posso continuar de onde eles pararam” (moças, Poço Redondo); “Não deixar essa cultura morrer” (rapaz, Poço Redondo).

Quanto a “não deixar a cultura morrer”, perguntou-se aos jovens rurais o que eles sabem fazer com as seguintes opções: plantar milho e feijão, cuidar da lavoura; ordenhar e fazer queijo e 15% dos inquiridos não responderam ou afirmaram que não sabem fazer nenhuma dessas atividades. Certamente são jovens cujos pais já não desenvolvem atividades agrícolas, já que alguns apenas residem no meio rural ou, por frequentarem a escola, já não executam atividades próprias do modo de vida campestre. Os jovens podiam marcar mais de uma opção, de modo que foram obtidas 126 marcações/respostas e 41,3% das respostas foram que sabem plantar milho e feijão, bem como cuidar da lavoura; com até 50% de respostas das moças de Poço Redondo. Quanto a se sabem ordenhar, mesmo estando em uma região de pecuária leiteira, cerca de 16% confirmaram que detêm esse conhecimento; mais os rapazes do que as moças, sendo que em Poço Redondo nenhuma delas admitiu saber. Fazer queijo, por outro lado, também com cerca de 16% das respostas, é de domínio maior das moças do que dos rapazes (Tabela 79).

Tabela 79 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Das seguintes atividades rurais, o que você sabe fazer?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|--|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Plantar milho, feijão, cuidar da lavoura | 13 | 39,4 | 11 | 50,0 | 16 | 45,7 | 12 | 33,3 | 52 | 41,3 |
| Ordenhar | 5 | 15,2 | | | 10 | 28,6 | 5 | 13,9 | 20 | 15,9 |
| Fazer queijo | 2 | 6,1 | 4 | 18,2 | 6 | 17,1 | 8 | 22,2 | 20 | 15,9 |
| Outras | 9 | 27,3 | 3 | 13,6 | 1 | 2,9 | 2 | 5,6 | 15 | 11,9 |
| Não sei fazer nada (atividades rurais) / Não responderam | 4 | 12,1 | 4 | 18,2 | 2 | 5,7 | 9 | 25,0 | 19 | 15,1 |
| Total | 33 | 100,0 | 22 | 100,0 | 35 | 100,0 | 36 | 100,0 | 126 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Obs.: Os jovens pesquisados deram mais de uma resposta.

A pergunta deixou em aberto a marcação para outras atividades, desse modo, alguns rapazes de Poço Redondo indicaram que também sabem arar a terra; fazer cerca; silo e ração; cuidar das abelhas; tirar mel e fazer a colheita. A resposta de um rapaz de Nossa Senhora da Glória foi que sabe cuidar dos cavalos, enquanto um rapaz de Poço Redondo e uma moça de Nossa Senhora da Glória responderam que sabem cuidar dos animais e dar comida ao gado.

8.9 SER AGRICULTOR(A)

Retomou-se a questão anterior “tomar conta da propriedade” com uma pergunta ainda mais específica: “Você gostaria de ser um(a) agricultor(a)?”. Das moças que estudam em Poço Redondo, 75% responderam “não” e das que estudam em Nossa Senhora da Glória o percentual

para a mesma resposta foi 63%. Quanto aos rapazes, dos que estudam em Poço Redondo, 50% responderam “não” e dos que estudam em Nossa Senhora da Glória o percentual foi 68,4%. Os percentuais dos que responderam “sim” e “talvez” ficaram em 23,8% e 11,3% para o total de respondentes (Tabela 80). Considerando-se que esta pesquisa trata de jovens escolarizados no ensino médio, o percentual dos que gostariam de ser agricultores é bastante aceitável.

Tabela 80 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você gostaria de ser um(a) agricultor(a)?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|--|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 6 | 42,9 | 4 | 20,0 | 3 | 15,8 | 7 | 25,9 | 19 | 23,8 |
| Não | 7 | 50,0 | 15 | 75,0 | 12 | 63,2 | 17 | 63,0 | 52 | 65,0 |
| Às vezes, talvez, não sabe, no futuro, sim e não | 1 | 7,1 | 1 | 5,0 | 4 | 21,1 | 3 | 11,1 | 9 | 11,3 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Das mulheres que estudam em Poço Redondo que não querem continuar na profissão dos pais e tomar conta da propriedade, especificamente em relação à pergunta “Você gostaria de ser uma agricultora?”, somente uma moça, filha de assentado da reforma agrária, respondeu “sim” porque “é boa a vida no campo”. Quanto às mulheres que estudam em Nossa Senhora da Glória, das que não querem continuar na profissão dos pais e tomar conta da propriedade, três responderam que gostariam de ser agricultoras porque “É muito bom ter várias diversidades de alimentos ou de animais”; “Ah, porque é ótimo cultivar suas próprias coisas, como milho e feijão” e porque “Existem coisas boas”, sem especificá-las.

Das moças que responderam “talvez”, “sim e não” se continuarão na profissão dos pais e tomarão conta da propriedade, a respeito de serem agricultoras, quanto às que estudam em Poço Redondo, uma jovem, filha de assentado da reforma agrária, respondeu que “talvez” seria, “Por falta de outra oportunidade”, mas a outra afirmou: “Eu já sou”. Interessante essa fala, pois a jovem já se considera agricultora, porém talvez tomará conta da propriedade de seus pais no futuro. Das que estudam em Nossa Senhora da Glória, seis moças também apresentaram dúvida quanto a continuar na profissão dos pais e tomar conta da propriedade, mas quanto a serem agricultoras, apenas duas responderam “sim” e uma delas justificou: “Prefiro morar no campo *do que na cidade*”. Uma também tem dúvida quanto a ser agricultora e respondeu “mais ou menos” “porque os invernos⁶⁴ estão ruins e estamos perdendo muito e ganhando pouco”.

⁶⁴ “Invernos ruins” significa escassez de chuvas e, conseqüentemente, problemas na safra.

A maioria das moças, tanto as que responderam “sim”, “não” e “talvez” em relação à continuar na profissão dos pais e tomar conta da propriedade, não querem ser agricultoras (Quadro 9).

Quadro 9 – Respostas das moças que não gostariam de ser agricultoras, Poço Redondo, 2015

| Categorias | Respostas |
|-----------------------------------|---|
| Não gosto | “Porque não gosto dessa área de trabalho” (1); “Porque não gosto muito” (3); “Porque não gosto da profissão” (4); “Porque não gosto de cuidar muito da terra” (4). |
| Não levo jeito, não me identifico | “Eu não levo muito jeito para isso” (1); “Porque é chato e não me dou bem com animais etc.” (3); “Porque não sei de nada de agricultura” (3); “Não tenho interesse” (4); “Minha área é outra” (4); “Não me identifico” (4). |
| Estudar | “Quero cursar medicina” (1). |
| Retorno financeiro | “Porque não é favorável” (1); “Hoje não há tanta valorização e não tem como manter a renda, pois gasta mais do que se recebe” (1); “Porque a pessoa se esforça demais e às vezes não vê lucro algum” (2). |
| Outra profissão | “Porque pretendo ter outra profissão” (3); “Porque penso em coisas melhores” (3); “Porque quero ser delegada e defender as pessoas” (4). |
| Trabalho duro | “Porque é um trabalho que precisa de força braçal” (4); “É um trabalho muito pesado e difícil” (4). |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015. Legenda: (1) Filhas de assentados da reforma agrária que não querem ser agricultoras, Poço Redondo. (2) Filha de assentado da reforma agrária, estudante em Nossa Senhora da Glória. (3) As demais estudantes em Poço Redondo, tanto as filhas de agricultores como as moças cujos pais apenas residem no meio rural. (4) As demais estudantes em Nossa Senhora da Glória, tanto aquelas cujos pais são agricultores, como as moças cujos pais não são agricultores e apenas residem no meio rural.

Interessante notar que, não obstante tenham escolhido a medicina veterinária como possível profissão futura, duas moças de Nossa Senhora da Glória relataram que não querem assumir a profissão dos pais, nem tomar conta da propriedade, nem mesmo gostariam de ser agricultoras, pois, segundo suas palavras: “Porque quero ser veterinária” e “Pois eu quero ter uma profissão melhor que é veterinária”, sendo, esta última, filha de assentado da reforma agrária. Mesmo a profissão de médico veterinário sendo relacionada também às atividades do campo, inclusive foi esta a ideia da instalação de um *campus* da UFS no sertão com cursos de veterinária, zootecnia, agroindústria e agronomia para formar jovens, visando o desenvolvimento local; continuar na profissão dos pais e cuidar da propriedade não se mostra interessante para as referidas jovens rurais pesquisadas.

Foi dado destaque primeiro para as respostas das moças, pois são as mulheres e as mais jovens as que menos querem se fixar no campo, fator responsável pelo fenômeno de envelhecimento e masculinização do campo, como mencionado anteriormente. Devido à renda obtida com a agricultura ser pouca e o desgostar das atividades rurais, outras profissões são desejadas e, especialmente, a escolarização até o ensino médio tem sido fator preponderante para que as moças não vislumbrem sua permanência no campo, conforme a seguinte justificativa de uma moça, filha de agricultores, estudante em Poço Redondo: “Porque já estudei

muito e quero ter um bom futuro”. Evidencia-se, portanto, que a vida de agricultor familiar está longe de se mostrar atraente para a maioria das moças pesquisadas.

Apenas quatro moças tomariam conta da propriedade dos pais (10% em Poço Redondo e 7,4% em Nossa Senhora da Glória), duas para cada município. Duas de Nossa Senhora da Glória gostariam de ser agricultoras e uma delas justificou “Porque é a profissão de meus pais”, enquanto uma das moças de Poço Redondo alegou “Gosto do campo”.

De Poço Redondo, em relação a 35,7% do total de rapazes que responderam que poderiam tomar conta da propriedade dos pais, um não gostaria de ser agricultor, pois prefere ficar em casa, ou seja, não quer ir para a roça, sendo este rapaz filho de assentado da reforma agrária. Na região desta pesquisa, há assentamentos em formas de vilas ou pequenos povoados, onde as famílias residem afastadas dos lotes nos quais plantam ou criam animais. Esse é o sentido do jovem filho de assentado: ficar no assentamento ao invés de ir para o lote. Esse rapaz, em pergunta anterior, havia respondido que cuidaria da propriedade dos pais “Para continuar o que meus pais faziam”. Isso significa que não quer ser agricultor, mas tem um sentimento de responsabilidade que mais adiante será reapresentado no depoimento de outros rapazes.

Ainda quanto aos rapazes de Poço Redondo que poderiam assumir a propriedade dos pais, três também querem ser agricultores, segundo um deles: “Lá na propriedade minha vida é mais feliz” e outro gosta de cuidar dos animais, por isso quer continuar. Dos rapazes estudantes em Nossa Senhora da Glória que não querem tomar conta da propriedade dos pais nem ser agricultores, foram recebidas as seguintes justificativas: “Porque não sou agricultor” (mas é filho de agricultor, cujo pai possui gado, configurando-se como uma negação da própria identidade, em sentido inverso ao da moça citada anteriormente); “A vida é muito corrida”; “Muito sofrida”; “Pois não tenho vocação”; “Não gosto”; “Porque é trabalhoso”.

Em Poço Redondo, outro jovem, filho de agricultor e pedreiro, às vezes, pensa em se tornar agricultor “se não tiver outra opção”. Em Nossa Senhora da Glória, os rapazes que estão em dúvida alegaram: “Porque tem vezes que se torna cansativo” e “Quando estivesse com a vida feita, com bens materiais suficientes”. Um dos rapazes, estudante em Nossa Senhora da Glória, tem dúvidas quanto a assumir a propriedade, porém, respondeu que gostaria de ser agricultor “porque é sempre bom seguir os passos dos pais”.

Na pesquisa de Menezes (2012) para o mestrado, com uma amostra maior que abrangeu alunos do primeiro e segundo anos, menos enfocados com a questão do ingresso no ensino superior e de sair do campo para continuar os estudos do que os alunos do terceiro ano, ênfase desta pesquisa, a questão mais qualitativa de permanecer no campo por causa do gado por meio de respostas, tais como, para “tratar bem do gado”, ficou mais nítida do que nesta tese.

Tomou-se o cuidado de observar respostas correlacionadas a continuar no campo e posse de animais – gado – visto que essa relação não é recente, inclusive, reportada tanto por Menezes (2012) como por Castro (2004), a partir de trabalho etnográfico realizado em assentamento rural no Rio de Janeiro, cuja autora elucida que a “relação com o gado bovino ou com os cavalos era um elemento de aproximação com o mundo rural”.

O gado apareceu como uma atividade masculina, tanto os maridos, quanto os filhos atuavam diretamente na produção. O fascínio pela criação de gado era evidente entre os “jovens” (as “jovens” não demonstraram qualquer interesse), chegando a gerar conflitos entre pais e filhos. Em quase todos os lotes com criação de gado e presença de filhos homens, estes afirmaram ter interesse em continuar atuando no lote, conjugando com outras formas de renda. Mesmo quando a relação com o lote não era de moradia, o gado era visto como uma possibilidade real de vínculo dos filhos com o lote. (CASTRO, 2004, p. 19-20, grifos da autora).

Em sua dissertação, Menezes (2012) verificou maiores indícios de interesse dos jovens em cuidar da propriedade dos pais e serem agricultores, em especial nos filhos de pais produtores de leite, ou seja, possuidores de gado. Nesta tese, o interesse dos rapazes ficou mais evidenciado em Poço Redondo, provavelmente devido ao fato de que, em Nossa Senhora da Glória, haja maior ênfase no terceiro ano do ensino médio como um passo para o ensino superior, pois possui as escolas com altos índices de aprovação em vestibulares.

[...] É a escolarização e, em particular, o objeto desta pesquisa, o acesso ao ensino médio regular, o fator que fundamentalmente faz com que o jovem se sinta apto para ir embora do campo e tentar algo por eles considerado “melhor”, como um emprego, um concurso público e a continuação dos estudos em nível superior (MENEZES, 2012, p. 201, grifos da autora).

Mais adiante, na questão que trata das melhores coisas do lugar onde vivem, os jovens referem-se novamente aos animais e valorizam o contato com estes.

Ao entrevistar o professor Abílio Amiguiño com relação a questões que envolvem juventude e retorno ao rural no Alentejo, Portugal, a relação com os animais foi abordada e, ao que parece, também naquele país ocorre situação semelhante:

Essa relação com os animais é mais apelativa na agropecuária e não me surpreende. [...] Eu conheço vários jovens que voltaram a trabalhar no campo, mas também grandemente na vida pecuária [...]. Mas acho que é verdade, a maioria é com animais [...]. Ovinos, caprinos, bovinos, muitos caprinos e muitos ovinos porque esta é uma zona [...] muito para a produção de queijo [...], é uma zona com muito bom queijo. Tem a zona para cá dos queijos de Nisa, portanto, muita produção de queijo [...] e jovens envolvidos nisso [...] como produtores. (Abílio Amiguiño, Portugal, entrevista, 2014).

Nesta pesquisa, mais do que o motivo “gado”, os rapazes que pretendem ficar expressaram um sentido de responsabilidade, uma obrigação de continuar a tradição na agricultura familiar: “Não deixar essa cultura morrer [...] me faz sentir melhor”; “Por ter sido a profissão dos meus pais e avós” e “Continuar com os costumes de minha família”; sendo este último um filho de assentado da reforma agrária, estudante em Poço Redondo. De fato, se os pais lutaram para obter um lote por meio da reforma agrária, aos filhos soa ainda mais forte o sentido de perpetuação da herança, de tocar adiante o lote pelo qual os pais, quem sabe, esperaram muito para receber. Essa questão é passível de mais pesquisas para entender qual o sentido dado pelo jovem filho de assentado ao pequeno lote que os pais conseguiram obter.

Tabela 81 – Relação das respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano sobre posse de gado, assumir a propriedade e ser agricultor, Poço Redondo, 2015

| Resp. | Possui gado | | | | Resp. | Assumir propriedade | | | | H | Ser agricultor | | |
|-------|-------------|------|----|------|--------|---------------------|------|---|------|---|----------------|---|------|
| | H | % | M | % | | H | % | M | % | | % | M | % |
| Sim | 9 | 64,3 | 13 | 65,0 | Sim | 2 | 22,2 | 2 | 15,4 | 5 | 55,6 | 4 | 30,8 |
| | | | | | Não | 6 | 66,7 | 7 | 53,8 | 4 | 44,4 | 8 | 61,5 |
| | | | | | Talvez | 1 | 11,1 | 3 | 23,1 | | | 1 | 7,7 |
| | | | | | NS/NR | | | 1 | 7,7 | | | | |
| Não | 5 | 35,7 | 6 | 30,0 | Sim | 3 | 60,0 | | | 1 | 20,0 | | |
| | | | | | Não | 1 | 20,0 | 5 | 83,3 | 3 | 60,0 | 6 | 46,2 |
| | | | | | Talvez | 1 | 20,0 | | | 1 | 20,0 | | |
| | | | | | NS/NR | | | 1 | 16,7 | | | | |
| NR | | | 1 | 5,0 | Sim | | | | | | | | |
| | | | | | Não | | | 1 | | | | 1 | |
| | | | | | NR | | | | | | | | |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: Resp.: Resposta / H: Homens / M: Mulheres / NS: Não sabem / NR: Não responderam.

Tabela 82 – Relação das respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano sobre posse de gado, assumir a propriedade e ser agricultor, Nossa Senhora da Glória, 2015

| Resp. | Possui gado | | | | Resp. | Assumir propriedade | | | | H | Ser agricultor | | |
|-------|-------------|------|----|------|--------|---------------------|------|---|------|---|----------------|----|------|
| | H | % | M | % | | H | % | M | % | | % | M | % |
| Sim | 13 | 68,4 | 15 | 55,6 | Sim | 1 | 7,7 | 1 | 6,7 | 1 | 7,7 | 4 | 26,7 |
| | | | | | Não | 9 | 69,2 | 9 | 60,0 | 9 | 69,2 | 10 | 66,7 |
| | | | | | Talvez | 3 | 23,1 | 5 | 33,3 | 3 | 23,1 | | |
| | | | | | NS/NR | | | | | | | 1 | 6,7 |
| Não | 5 | 26,3 | 11 | 40,7 | Sim | 1 | 20,0 | 1 | 9,1 | | | 3 | 27,3 |
| | | | | | Não | 1 | 20,0 | 6 | 54,5 | 5 | 100,0 | 6 | 54,5 |
| | | | | | Talvez | 2 | 40,0 | 1 | 9,1 | | | 2 | 18,2 |
| | | | | | NS/NR | | | 3 | 27,3 | | | | |
| NR | 1 | 5,3 | 1 | 3,7 | Sim | 1 | | | | | | | |
| | | | | | Não | | | | | 1 | | 1 | |
| | | | | | NR | | | 1 | | | | | |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: Resp.: Resposta / H: Homens / M: Mulheres / NS: Não sabem / NR: Não responderam.

Em Nossa Senhora da Glória, o interesse em permanecer no campo e em assumir a propriedade dos pais foi inexpressivo. Apenas três rapazes se mostraram interessados, dos quais, apenas um quer ser agricultor porque “É algo que eu já convivo, embora seja muito trabalhoso e cansa muito fisicamente” (filho de agricultor). Os dois rapazes que admitiram que poderiam tomar conta da propriedade não desejam ser agricultores: “Porque o tempo é muito pouco para mim” e “Não me vejo com essa profissão”. De fato, o meio rural, hoje, já não está relacionado somente a atividades agrícolas e ficar no campo necessariamente não está atrelado ao desejo de trabalhar na agricultura. Isto ocorre não somente no meio rural sertanejo, mas em outras regiões do Brasil, conforme apontado por Carneiro (1998a). Em entrevista, o professor Abílio Amiguiño ressaltou essa mesma questão na França e em Portugal:

[...] Lembrei-me de um número da revista *Ville-École-Intégration*, uma revista francesa, que fala dessa temática dos jovens em meio rural e que tem como título *Rural: terra de exclusão* e depois dá conta de uma série de ameaças que ainda existem, mas também uma série de esperanças que já começam a despontar, com um conjunto de artigos interessantes e a maior parte deles sobre a juventude no meio rural. Mas, de fato, esses estudiosos franceses, em particular Yves Jean e, em Portugal, o sociólogo rural Fernando Oliveira Baptista, eles dizem que o rural é uma coisa e a agricultura é outra. Ou seja, um e o outro na Europa, de uns trinta anos para cá, como diz o Oliveira Baptista, percorrem caminhos separados, ou seja, viver no campo não significa trabalhar na agricultura. (Abílio Amiguiño, Portugal, entrevista, 2014).

Houve um rapaz que em relação à pergunta se futuramente gostaria de tomar conta da propriedade respondeu “não” e justificou “desejo estudar e ter um futuro melhor”, porém, quando perguntado se gostaria de ser agricultor, respondeu “sim” e, dessa vez, justificou “Porque eu admiro muito quem é agricultor”. Este jovem está à saída do ensino médio e vive em um mundo rural que passa por transformações, em um cotidiano carregado de contradições: é filho de agricultores e, de outro lado, deseja continuar os estudos em nível superior, mas questiona as possibilidades. Diante de como buscará a consecução do que deseja, tal fato remete à discussão em Certeau (2014) e seus estudos das realidades que formam o cotidiano do homem ordinário, o “herói comum” com suas “práticas comuns”, praticante de operações astuciosas, anônimas e clandestinas das “artes de fazer” e das maneiras de pensar o cotidiano, que podem ser percebidas em diversas colocações dos jovens pesquisados.

A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção, qualificada de “consumo”: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante. (CERTEAU, 2014, p. 39, grifos do autor).

Portanto, os jovens rurais que se predispõem a ficar no campo parecem ter essa característica “dispersa” apontada por Certeau (2014) em decorrência da falta ou da espera de melhor oportunidade. Quanto aos demais fatos sociais observados na pesquisa desenvolvida para o mestrado por esta autora, tais como, por gostar da lida e da cultura rural e a possibilidade da posse do gado, um fator de *status* social no campo empírico deste estudo foram verificados, porém com menor evidência do que antes, certamente por se tratar de jovens a um passo do nível superior.

Já a questão de assumir a terra como uma responsabilidade para dar continuidade à tradição familiar foi o que ficou mais visível nesta pesquisa, mais no caso dos rapazes, talvez pelas famílias com menor número de filhos para assumir e, já que as moças, em sua maioria, não demonstram interesse em ficar, sobretudo, caberia aos rapazes essa responsabilidade.

8.10 MORAR NO CAMPO OU NA CIDADE

Para que se possa entender o motivo de o jovem rural se interessar em permanecer no campo, faz-se necessário também investigar o que poderia prendê-lo a tal lugar: seria somente a tradição e o aconchego familiar? Por certo que quanto menos conforto e acesso às novas tecnologias, a meio de transporte e diversão, menos interessado o jovem ficará em permanecer. Portanto, antes de saber se o jovem gosta de viver no campo e a opção futura, cabe destacar o que este goza em termos de conforto na casa paterna, além do acesso a redes sociais, internet etc., se a comunidade onde mora promove festas culturais; pois, até para os que gostariam de permanecer no meio rural, segundo Abramo (2007), ter acesso ao melhor dos dois mundos tem surgido como um desejo e uma demanda.

Assim, quanto aos recursos disponíveis em casa, verifica-se que quase todos inquiridos tem televisão (96,3%) e há vulgarização da geladeira e do celular. O leitor de DVD, de CD e a máquina de lavar roupas, mesmo sendo recurso mais escasso, está disponível em quase metade das casas. Como computador/*notebook* e acesso à internet estão presentes em cerca de 30% das residências, sendo que nas dos jovens de Poço Redondo o percentual cai para cerca de 20%, não estamos diante de jovens rurais tão familiarizados com as TICs; contudo, uma vez que quase a totalidade possui *smartphones*, portanto, o acesso à internet tem ocorrido por meio desse aparelho, além dos 11% que responderam terem *tablets*, uma vez que, como já apresentado, acessam, em sua maioria, as redes sociais. A moto, um importante meio de transporte no mundo rural, está presente em 62,5% das residências. Vale notar que em Nossa Senhora da Glória o percentual é maior, praticamente 70%, enquanto em 17,5% das residências

há automóvel, porém, nas casas dos jovens rurais que estudam em Nossa Senhora da Glória o percentual quase alcança os 20% (Tabela 83).

Tabela 83 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Da lista que segue, o que você tem em casa?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-------------------------------|--------------|------|----|-------|-------------------------|-------|----|------|-------|------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Celular | 13 | 92,9 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 26 | 96,3 | 78 | 97,5 |
| Televisão | 13 | 92,9 | 19 | 95,0 | 19 | 100,0 | 26 | 96,3 | 77 | 96,3 |
| Geladeira | 12 | 85,7 | 19 | 95,0 | 17 | 89,5 | 26 | 96,3 | 74 | 92,5 |
| Moto | 8 | 57,1 | 10 | 50,0 | 15 | 78,9 | 17 | 63,0 | 50 | 62,5 |
| Máquina de lavar roupas | 8 | 57,1 | 12 | 60,0 | 10 | 52,6 | 12 | 44,4 | 42 | 52,5 |
| Leitor de DVD/ <i>Blu-ray</i> | 3 | 21,4 | 11 | 55,0 | 12 | 63,2 | 9 | 33,3 | 35 | 43,8 |
| Leitor de CD | 5 | 35,7 | 7 | 35,0 | 10 | 52,6 | 12 | 44,4 | 34 | 42,5 |
| Acesso à internet | 3 | 21,4 | 4 | 20,0 | 10 | 52,6 | 12 | 44,4 | 29 | 36,3 |
| Computador/ <i>notebook</i> | 3 | 21,4 | 4 | 20,0 | 10 | 52,6 | 11 | 40,7 | 28 | 35,0 |
| Bicicleta | 6 | 42,9 | 4 | 20,0 | 4 | 21,1 | 14 | 51,9 | 28 | 35,0 |
| Micro-ondas | 1 | 7,1 | 3 | 15,0 | 4 | 21,1 | 8 | 29,6 | 16 | 20,0 |
| Automóvel | 2 | 14,3 | 3 | 15,0 | 5 | 26,3 | 4 | 14,8 | 14 | 17,5 |
| <i>Freezer</i> | 1 | 7,1 | | | 3 | 15,8 | 6 | 22,2 | 10 | 12,5 |
| Tablet | 1 | 7,1 | 1 | 5,0 | 4 | 21,1 | 3 | 11,1 | 9 | 11,3 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Obs.: Alguns jovens pesquisados deram mais de uma resposta. Percentuais totais em relação ao número de respondentes.

As festas em comunidades rurais, sejam religiosas, de padroeiros ou populares, espontâneas têm significados de lazer e, especialmente, de tradição, porquanto são mantidas por longos anos e passadas de uma geração à outra, daí a importância de que os jovens rurais do lugar mantenham viva a memória de suas comunidades, pois são festas que, além de propiciarem distração ao homem do campo, preservam suas riquezas culturais.

No sertão nordestino, as festas culturais rurais mais comuns são Festas de Reis, Festas de São João (festas juninas), festas de santos padroeiros, com suas procissões – a parte religiosa –, mas também com espaço para a festa pagã. Há ainda as cavalgadas, as vaquejadas – festa típica do sertão relacionada à labuta na caatinga, tanto que há a pega do boi na caatinga – e as festas de vaqueiros, quando este passa a ser a personalidade principal. Algumas festas, hoje, são resgates das comunidades de tradições já esquecidas que se procura valorizar.

Mais adiante, será apresentada a análise se os jovens rurais gostam ou não de morar no campo. Segundo uma das moças, das coisas que desgosta no lugar é que “Raramente acontecem festas”. Portanto, quando alguém afirma ser inexorável a saída dos jovens e o esvaziamento do meio rural, embora aponte o esvaziamento, deixa de abordar os motivos que o propiciam e, por outro lado, os que evitariam.

No sertão desta pesquisa, 56 jovens pesquisados (70%) afirmaram que acontece algum tipo de festa em suas comunidades rurais, porém, em outras comunidades onde quase 30% dos jovens residem isso não ocorre (Tabela 84).

Tabela 84 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Acontece algum tipo de festa cultural em sua comunidade?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-----------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 8 | 57,1 | 15 | 75,0 | 13 | 68,4 | 20 | 74,1 | 56 | 70,0 |
| Não | 5 | 35,7 | 4 | 20,0 | 6 | 31,6 | 6 | 22,2 | 21 | 26,3 |
| Não responderam | 1 | 7,1 | 1 | 5,0 | | | 1 | 3,7 | 3 | 3,8 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Dos 70% cujas comunidades têm festas locais, 44,6% responderam que participam “muitas vezes” das festas e se forem adicionados os 37,5% que participam “às vezes”, tem-se 82% de participação dos jovens rurais inquiridos (Tabela 85).

Tabela 85 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você costuma participar de festas da comunidade?”, dos que responderam sim, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|---------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Muitas vezes | 6 | 75,0 | 5 | 33,3 | 4 | 30,8 | 10 | 50,0 | 25 | 44,6 |
| Às vezes | | | 6 | 40,0 | 7 | 53,8 | 8 | 40,0 | 21 | 37,5 |
| Poucas vezes | | | 4 | 26,7 | 2 | 15,4 | 2 | 10,0 | 8 | 14,3 |
| Nunca | 1 | 12,5 | | | | | | | 1 | 1,8 |
| Não respondeu | 1 | 12,5 | | | | | | | 1 | 1,8 |
| Total | 8 | 100,0 | 15 | 100,0 | 13 | 100,0 | 20 | 100,0 | 56 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Os jovens rurais pesquisados relataram várias festas que ocorrem em suas comunidades ou outras próximas, em respostas, tais como “Não acontece bem no povoado onde moro, é nos povoados vizinhos, vaquejada, pega de boi no mato”; “Vaquejada, religiosa, a chamada padroeira e as típicas cavalgadas”; “A Festa de Santos Reis”, bem como “A procissão da padroeira da comunidade”.

Em resumo, as festas indicadas foram: Cavalgada; Cavalgada da Reforma Agrária; Comemoração de fim de ano; Comemorativas; Confraternização de Agricultores na Associação; Corrida de Mourão; Festa de Natal; Santa Teresinha; Festas da igreja; Festa de padroeiro; Festa de Santos Reis; Festa do padroeiro da comunidade; Religiosas; Festas de São João (festas juninas); Festas teatrais; Forró das antigas; Páscoa; Pega de boi no mato; Quadrilhas; Retiro de Carnaval; Vaquejada e Vaquejada no mato.

tão ruim que mereça menção, porém, para as demais moças que estudam no mesmo município, há aspectos negativos, por exemplo: “As mortes”; “A seca”; “As estradas”; “O difícil acesso com a cidade”; “É o transporte que é muito ruim”; “A distância”; “A falta de um posto médico”; “O acesso à saúde, educação etc.”; “As violências”; “O calor”; “Porque é um pouco perigoso”; “Raramente acontecem festas”; “A falta de locais legais para ir”; “Falta de comunicação”; “A falta de higiene” – possivelmente quis se referir à falta de saneamento básico, pois é visível esgoto a céu aberto em algumas localidades, sobretudo em povoados, quando há aglomeração de casas – e “A escola porque não temos que sair de lá para vir estudar na cidade”, por certo se refere à *falta* de escola de ensino médio no campo, pois se tivesse não *teriam* de sair do campo para estudar em escolas urbanas (moças, Poço Redondo).

Dos jovens que estudam em Nossa Senhora da Glória, as respostas seguiram o mesmo tom, com certa ênfase aos problemas de infraestrutura, especialmente transportes e estradas, destacados nas respostas dos dois municípios. Com efeito, a questão sobre a internet surge em Nossa Senhora da Glória, embora uma moça de Poço Redondo também tenha se referido à “falta de comunicação”. Cabe lembrar, nas demandas juvenis, que o acesso à internet se configura como algo essencial. Analogamente à energia no passado, hoje é também um fator de fixação do jovem no campo, sobretudo o escolarizado, pois sem internet se sente desconectado do mundo. A resposta de um jovem chamou bastante atenção e vale a pena ser retomada neste ponto, pois revelou que gostaria de ter estudado em determinada escola por ela ter Wi-Fi livre, ou seja, o ensino em si e a escola não seriam o objetivo principal para a escolha, mas um “acessório” desejado pelo jovem.

Ainda em relação às respostas sobre o que há de pior no local onde vivem, os jovens rurais que estudam em Nossa Senhora da Glória responderam: “O prefeito”; “As estradas ruins”; “As estradas são péssimas”; “A falta de infraestrutura”; “O acesso à cidade”; “A seca”; “Acordar cedo”; “A agressão desordenada à natureza”; “As violências que acontecem de vez em quando”; “A poeira”; “Não estar lá”; “Falta de criação dos políticos de uma área de lazer”; “Não pegar boas ligações com a internet”; “As motos barulhentas”; “Ficar longe dos amigos”; “Falta de oportunidades” (rapazes, Poço Redondo).

Observam-se questões que já começam a fugir da ideia de tranquilidade presente nas respostas sobre as melhores coisas do lugar, como a calma, a quietude e o silêncio. No meio rural desta pesquisa há povoados mais distanciados da cidade sede e outros mais próximos e com maior densidade de habitantes. Inclusive locais em que as drogas ilícitas já aportaram, bem como há casos de violência e assaltos. Tais questões apresentam-se nos pontos negativos, justamente por intermédio de jovens que, sem dúvida, devem residir em locais mais densamente

povoados, nos quais esses problemas afloraram há alguns anos. Por exemplo, barulhos de moto foram relatados e, atualmente, configuram um meio de transporte bastante utilizado pelos moradores do campo.

Figura 5 – Nuvem de *tags* de respostas à pergunta “Qual a pior coisa no local onde você vive?”



Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

As moças que estudam em Nossa Senhora da Glória seguiram a mesma linha dos demais pesquisados e elencaram as seguintes piores coisas do local onde vivem, conforme pode ser observado nas categorias mais frequentes apresentadas na Figura 5, em conjunto com as respostas dos demais alunos: “A falta de acesso a algumas informações”; “Morar longe da cidade”; “Por ser longe de tudo”; “O saneamento básico”; “Estrada que não é asfaltada”; “Não ter transporte escolar”; “A zoadá”; “A falta de trabalho”; “A falta de água”, em outras palavras, “a seca”; “Não ter uma assistência, no caso de uma pessoa doente”; “Porque falta muita coisa no miniposto [de saúde] que tem lá”; “Não tem para onde ir”; “Só mesmo a falta de escola de ensino médio”; “As tão poucas oportunidades que temos”; “É só quando, às vezes, eu quero ir para algum lugar e não posso e também porque não tenho amigos perto da minha casa” e “A desorganização nos projetos sociais”.

A fim de tentar fechar o quadro acerca da possível permanência dos jovens escolarizados no meio rural, apresenta-se uma análise se gostam do campo e se têm vontade de sair. Leva-se

em consideração que os jovens rurais possuem em casa, em termos de conforto propiciado por bens, produtos e serviços como geladeira, micro-ondas, meios de transporte, televisor, computador, acesso à internet, leitores de CD, DVD e *Blu-ray*; os festejos que ocorrem em suas comunidades, nos quais podem encontrar pessoas e se distrair; além do que apontam como as coisas boas e as piores coisas do lugar. Tendo em vista a facilidade com que se afirma ser inexorável a saída dos jovens do campo; no entanto, conforme discussão nos dois primeiros capítulos desta tese, o campo mudou muito e não diz respeito apenas ao aspecto do trabalho agrícola, mas também local de moradia, haja visto uma parcela de jovens cujos pais, embora não sejam mais agricultores, possuem casa no meio rural.

Não obstante as reclamações sobre estradas ruins e problemas de transporte, o acesso do campo para a cidade na região desta pesquisa melhorou consideravelmente em função de outros meios de transporte como motocicletas e automóveis particulares de moradores do meio rural. Isso tem facilitado o acesso, apesar de haver estradas bastante precárias, necessitando de melhoria na infraestrutura.

Historicamente, pode-se afirmar que a migração no Brasil ocorreu devido à expulsão da terra pela falta de condições de sobrevivência, muito mais do que pela atração pelas cidades. Neste caso, o fato de os camponeses irem embora não significa desagrado com o local de origem, porém a busca por um melhor modo de vida. Por esse motivo, diante da ideia da inexorável saída dos jovens do campo, o interesse maior deve fundamentar-se no que os motiva a ficar do que naquilo que os impele a sair. É fundamental analisar se os jovens rurais querem ir embora e, ao mesmo tempo, descobrir se gostam de viver no campo a fim de que a migração não perpetue a imagem equivocada de rejeição do campo (MENEZES, 2012). Assim como constatado por esta autora na dissertação de mestrado, nesta pesquisa se repete a relação entre “gostar do campo” e “não ter vontade de morar na cidade” e, por outro lado, entre “não gostar do campo” e “ter vontade de morar na cidade”.

A maioria dos jovens rurais pesquisados (78,8%) respondeu que “gosta de morar no campo”, sem diferenças nos percentuais das respostas dos homens (78,8%) e das mulheres (78,7%), com pouca diferenciação nos percentuais dos jovens rurais que estudam em Poço Redondo (76,5%) e em Nossa Senhora da Glória (80,4%). Em relação ao encontrado por Menezes (2012), houve uma pequena diferença nos que responderam “às vezes”; “nem sempre”; “sim e não”, 6,3% no total, dos quais 8,8% em relação a Poço Redondo e 4,3% para Nossa Senhora da Glória (Tabela 86).

Tabela 86 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você gosta de morar no campo?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|---------------------------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 10 | 71,4 | 16 | 80,0 | 16 | 84,2 | 21 | 77,8 | 63 | 78,8 |
| Não | 3 | 21,4 | 2 | 10,0 | 2 | 10,5 | 5 | 18,5 | 12 | 15,0 |
| Às vezes, nem sempre, sim e não | 1 | 7,1 | 2 | 10,0 | 1 | 5,3 | 1 | 3,7 | 5 | 6,3 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Para os entrevistados, o campo condiz com um local onde o jovem “Não tem para onde sair. Dificilmente saio de casa, pois não tem nem praça para ir, nem nada, só a igreja que frequento todo fim de semana”, expressou uma moça, estudante em Poço Redondo, que não gosta de morar no campo. Outra moça complementou: “Porque a gente não tem como trabalhar, não tem como estudar”. Uma jovem, da mesma região, que gosta “sim e não”, explicou a ambiguidade: “Porque o campo é muito bom de morar, mas não tem trabalho e não quero falta de trabalho”.

Ainda do mesmo grupo de jovens rurais que estudam em escolas urbanas de Poço Redondo, município mais rural, os rapazes que não gostam de morar no campo explicaram: “Porque é ruim, não tem para onde ir”; “Porque fica distante da cidade” e “Porque tem menos acesso às coisas”, ou seja, respostas bastante semelhantes às das moças. Como na pesquisa de Menezes (2012), os jovens que não gostam de morar no campo realçaram a falta de “oportunidades”, pois “no campo não tem emprego”, bem como as dificuldades enfrentadas para ir à escola, já que no campo não há escola de ensino médio. Na região desta pesquisa há, de fato, uma escola em um dos povoados, porém, em relação aos jovens desta pesquisa, trata-se de quase meia centena de localidades. São tantas e não há escolas de ensino médio em todas, ou até mesmo em um raio de proximidade que dê para se deslocarem a pé ou de moto, portanto, os que querem avançar nos estudos necessitam cursar o ensino médio nas sedes municipais. Nesta pesquisa, os jovens também retratam o campo como um local desprovido de lazer.

Em contrapartida, os rapazes que estudam em Poço Redondo e que gostam de viver no campo o descrevem como “[...] um lugar calmo e tranquilo”; “É bem aconchegante, tranquilo e sem barulho” e “Porque é confortável”. De igual modo, dentre as várias respostas semelhantes, uma das moças do mesmo município descreve o campo como “[...] calmo e sou muito feliz lá”. Estes fatores os levam a gostar de morar no campo, pois se sentem bem e felizes, como exaltado por alguns rapazes: “Gosto da paz do campo” e “Me sinto mais vivo”, enquanto as moças alegaram: “Porque adoro”; “Porque é tranquilo, perto da natureza” e “Acostumei”. Uma das jovens argumentou laços familiares: “Porque penso no melhor para minha mãe e o

melhor para ela é o campo”, outra reforçou o carinho pelos animais, tema já apresentado em outros tópicos de discussão: “Porque gosto de cuidar de animais”, já um rapaz contrargumentou: “Porque não gosto muito da cidade”. Em síntese, para os jovens que estudam em Poço Redondo, as respostas enfatizaram a tranquilidade e a paz do campo, a importância de viver perto da família, o cuidado com os animais e o não gostar de viver na cidade.

Dos jovens que estudam em Nossa Senhora da Glória e que gostam de morar no campo, foram obtidas as seguintes justificativas: “Porque eu gosto do silêncio e da tranquilidade do campo”; “Porque é bem calmo e não tem acidentes”; “Porque é longe da poluição da cidade”; “Porque nasci e me criei lá e *sou* acostumado em morar no campo”; “Porque eu posso ficar perto da natureza e dos animais”; “É muito mais agradável que a cidade, estressa menos” (rapazes, Nossa Senhora da Glória). “Porque é um lugar tranquilo onde há muitas coisas boas para se ver”; “Porque tenho mais liberdade do que na cidade”; “Porque é um lugar calmo e a pessoa fica mais próxima da natureza”; “Porque me sinto bem, eu gosto do ambiente rural”; “Temos mais liberdade e somos mais felizes, digo pelas pessoas que conheço da cidade”; “Porque é muito sossegado e também lá podemos criar vários animais e outras coisas podemos fazer”; “Por ser um lugar calmo, onde as pessoas se comunicam de forma direta” (moças, Nossa Senhora da Glória). Foram selecionadas algumas respostas e as similares não foram elencadas para evitar texto repetitivo, mas a amostragem permite perceber o motivo de os jovens rurais gostarem do campo, além do que já foi exposto o fato de se comunicar de forma direta.

Se gostam tanto, por que os jovens querem sair do campo? Para terem acesso a emprego, educação, saúde, lazer, comunicação e para ficarem mais próximos dos amigos, foram as questões que surgiram, mas, destes, uma parte fica dividida entre sair e ficar, conforme será apresentado mais adiante.

Por outro lado, dos que não gostam de morar no campo, uma moça atribuiu como causa: “Porque me dificulta muito”, enquanto um rapaz complementou que “[...] torna-se muito cansativo”. Uma moça que não gosta de morar no campo e havia se mudado recentemente para a cidade esclareceu: “Prefiro a cidade. No campo gosto de passear e visitar meus pais”, indicando que há jovens rurais que apreciam o campo somente para finais de semana, feriados e visita aos parentes.

Do jovens rurais que não gostam de morar no campo, todos gostariam de sair se pudessem, inclusive uma moça, estudante em Nossa Senhora da Glória, que havia se mudado para a cidade há pouco tempo. Já os que gostam de morar no campo estão divididos entre ficar ou sair, pois 42,9% responderam que têm vontade de morar na cidade, enquanto 47,6% responderam não ter essa vontade. No entanto, se forem consideradas as respostas “se for

preciso”, “depende”, “talvez” e o jovem que já se mudou, então, a tendência para sair se torna maior (50,8%) do que a de ficar entre os jovens que “gostam” do rural. Interessante observar o enfoque de gênero neste caso, pois, sociologicamente, já está consolidada a tendência maior de saída das mulheres e dos mais jovens, fatores do fenômeno de masculinização e envelhecimento nos campos verificado em algumas regiões do Brasil (Tabela 87).

Tabela 87 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você tem vontade de morar na cidade?”, dos que gostam de morar no campo, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|---------------------------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 3 | 30,0 | 9 | 56,3 | 8 | 50,0 | 7 | 33,3 | 27 | 42,9 |
| Não | 7 | 70,0 | 6 | 37,5 | 6 | 37,5 | 11 | 52,4 | 30 | 47,6 |
| Se for preciso, depende, talvez | | | 1 | 6,3 | 2 | 12,5 | 2 | 9,5 | 5 | 7,9 |
| Não sei | | | | | | | 1 | 4,8 | 1 | 1,6 |
| Total | 10 | 100,0 | 16 | 100,0 | 16 | 100,0 | 21 | 100,0 | 63 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

De fato, em Poço Redondo, esta propensão se verifica, pois 70% dos rapazes que gostam do campo não têm vontade de morar na cidade, enquanto 56,3% das moças, mesmo as que gostam do campo, prefeririam viver na cidade. Contudo, chama-se a atenção para o fato de que em Nossa Senhora da Glória ocorreu o inverso: 50% dos rapazes têm vontade de morar na cidade, enquanto apenas 33,3% das moças demonstraram esse interesse, sendo que tal resultado revelou-se bastante surpreendente (Tabelas 87-89).

Tabela 88 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você tem vontade de morar na cidade?”, dos que não gostam de morar no campo, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-----------|--------------|-------|---|-------|-------------------------|-------|---|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 3 | 100,0 | 2 | 100,0 | 2 | 100,0 | 4 | 80,0 | 11 | 91,7 |
| Já moro | | | | | | | 1 | 20,0 | 1 | 8,3 |
| Total | 3 | 100,0 | 2 | 100,0 | 2 | 100,0 | 5 | 100,0 | 12 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Tabela 89 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você tem vontade de morar na cidade?”, todos os jovens pesquisados, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|---------------------------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 7 | 50,0 | 12 | 60,0 | 10 | 52,6 | 12 | 44,4 | 41 | 51,3 |
| Não | 7 | 50,0 | 7 | 35,0 | 6 | 31,6 | 11 | 40,7 | 31 | 38,8 |
| Se for preciso, depende, talvez | | | 1 | 5,0 | 2 | 10,5 | 3 | 11,1 | 6 | 7,5 |
| Já moro | | | | | 1 | 5,3 | 1 | 3,7 | 2 | 2,5 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Qualitativamente, retoma-se primeiro o resultado inusitado: das moças que estudam em Nossa Senhora da Glória e que gostam do campo, a maioria não tem vontade de morar na

cidade. Por quê? Eis as respostas: “[A cidade] tem muitos perigos, muito barulho”; “Porque eu acho o campo melhor”; “Porque gosto do lugar onde moro”; “Já morei, não gosto. É muito barulho”; “Porque não gosto muito”; “Porque é muito barulhento e violento”; “Porque eu amo morar no interior”; “Prefiro o campo mesmo”; “Acho melhor de criar meu filho no campo para não ser criado com certos luxos que a cidade oferece”; “Porque já *sou* acostumada a morar no campo que é bem sossegado. Vir para a cidade seria muito chato”.

Diante de tais respostas, como pensar a respeito da propalada inexorável saída dos jovens do campo para a cidade? É fundamental ressaltar que se trata de respostas de mulheres, estudantes do último ano do ensino médio que representaria, portanto, uma alta tendência de saída do meio rural para a cidade, ao menos uma forte perspectiva neste sentido. Em face disso, o resultado é muito importante, pois vai de encontro à ideia, quase paradigmática, de que as mulheres jovens e escolarizadas não querem permanecer no meio rural.

Das moças estudantes em Nossa Senhora da Glória que gostam de morar no campo há aquelas que se encontram em dúvida e responderam “se for preciso”, “depende”, “talvez” e, assim, justificaram: “Se o emprego for no interior, eu moro no interior e se for na cidade, eu posso morar na cidade”; “Eu gosto de onde moro, mas já pensei sim, futuramente, morar na cidade” e “É complicado decidir entre um lugar e outro”.

Continuando a análise com aqueles que gostam do campo e não têm vontade de morar na cidade, tem-se a maioria dos rapazes que estuda em Poço Redondo, cujas justificativas arrolaram questões como “Violência”; “Muito incômodo”; “Porque não gosto muito da cidade”; “Porque já me acostumei onde moro e gosto”; “Muita perturbação, falta de local para trabalhar”; “Muito agitado, no interior é melhor”.

Quanto aos que gostam do campo e têm vontade de morar na cidade, tem-se a 56,3% das moças de Poço Redondo e 50% dos rapazes de Nossa Senhora da Glória, além dos 12,5% dos rapazes do mesmo município na categoria de respostas “se for preciso”, “depende”, “talvez”. Esses jovens explicaram a opção: “Pois no campo não tem tantas oportunidades como na cidade para se ter trabalho”; “Porque facilita muitas coisas, principalmente os estudos”; “Porque nunca morei, tenho curiosidade”; “Pelo fator de ter melhor oportunidade de emprego”; “Porque na cidade é melhor” (moças, Poço Redondo). “É necessário para minha futura profissão”; “Ajuda bastante em umas coisas”; “Porque terei mais facilidade de trabalhar em um emprego fixo”; “Porque se um dia eu conseguir ter uma casa própria, eu preferia comprar e morar na cidade”; “Ficará mais acessível para mim”; “Porque eu gosto de um pouco de agitação”. Convém notar que em todas as respostas dos que desejam migrar para a cidade não

há *rejeição* ao campo e ao seu modo de vida. O que se vê, majoritariamente, é o desejo de melhorar de vida e de oportunidade de trabalho em atividades urbanas.

Por fim, qual o sentido de se gostar do campo e, mesmo assim, desejar ir embora para a cidade? Este é um fato contraditório que ocorre no espaço desta pesquisa e são apresentadas algumas respostas dos rapazes de Poço Redondo (30% em relação aos que gostam de morar no campo) e das moças de Nossa Senhora da Glória (33,3% em relação aos que gostam de morar no campo): “Para saber como é o dia a dia de quem mora na cidade”; “Porque é mais fácil de obter um emprego” (rapazes). “Porque vai ter mais oportunidades”; “Para trabalhar”; “Algum dia, sim, pois pretendo trazer meus pais comigo”; “Para conhecer melhor novos lugares”; “Porque é mais fácil as coisas”; “Terei mais acesso a coisas novas, ou seja, novas tecnologias”; “Porque na cidade tem mais oportunidades” (moças).

Verifica-se, tanto para aqueles que querem sair como os que querem ficar, para os que gostam e os que não gostam, que não há *rejeição* ao campo. Pode haver a algumas atividades vinculadas ao campo, por exemplo, a acordar cedo para tirar o leite das vacas; mas há pessoas que moram na cidade e que também não gostam de acordar cedo, portanto, não representa algo que esteja fortemente relacionado a um desprezo ao meio rural e seu modo de vida.

À ideia de ser agricultor, foram arroladas respostas como “Porque não gosto de trabalhar na roça” (moça, estudante em Poço Redondo); “Porque quero um emprego melhor, com menos dificuldade” e “Porque eu não gosto”; (rapazes, estudantes em Nossa Senhora da Glória); contudo, não foram obtidas respostas de jovens que querem sair por repulsa ao campo e apego ao modo de vida citadino, pelo contrário, em várias respostas a cidade foi rejeitada por meio de observações como “Violência” e “Muito incômodo”.

Na verdade, esses jovens “ordinários” indicariam o que Certeau (2014) denomina de “maneiras de caminhar” que pertencem a “maneiras de agir” em suas “artes de fazer”; o que esse autor distinguiu como “táticas” ao invés de “estratégias” para suas trajetórias. Embora Certeau reconheça que é um esquema “dicotomista das relações que os consumidores mantêm com os dispositivos da produção” (CERTEAU, 2014, p. 44), vale a pena retomá-los. O referido autor denomina de estratégia o cálculo das relações de forças desde o momento em que um ser de vontade e poder é isolável de um “ambiente” (CERTEAU, 2014, p. 45). Ela postula um lugar capaz de ser limitado e, portanto, capaz de servir de base para a gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. Pergunta-se: é isto que os jovens que querem sair indicam? Ou seria o que esse autor apresenta como contrário à estratégia, a “tática” que é

um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Aí ela se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não pode capitalizar os seus proveitos, preparar as suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. O “próprio” é uma vitória do lugar sobre o tempo. Ao contrário, pelo fato de seu não lugar, a tática depende do tempo, vigiando para “captar no voo” possibilidades de ganho. O que ela ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar contra os acontecimentos para os transformar em “ocasiões”. Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas. Ele o consegue em momentos oportunos onde combina elementos heterogêneos [...], mas sua síntese intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a “ocasião” (CERTEAU, 2014, p. 45).

Nas respostas dos jovens com intenção de ir embora, além da rejeição ao campo não ficar visível, observam-se indicativos mais relacionados a táticas, tais como “Porque se um dia eu conseguir ter uma casa própria, eu preferiria comprar e morar na cidade” e “Ficará mais acessível para mim”, ou seja, há que se ter cuidado ao apresentar um resultado apenas de que um determinado percentual de jovens que moram no campo gostaria de morar na cidade.

8.11 DISCRIMINAÇÃO

A discriminação do homem rural é um fato, mas parece estar se diluindo. Conhecido também por matuto, jeca, tabaréu e aquele desengonçado que fala errado e se veste mal. De fato, “vestido como matuto” não é elogio a ninguém, pelo contrário, denota que a pessoa não soube organizar coerentemente tecidos, tamanho da roupa e cores. A literatura brasileira está recheada de matutos típicos, que contam causos e possuem linguajar próprio. Na juventude, fase de busca de aceitação, sair do meio rural e estudar na cidade, pode causar alguns constrangimentos, por isso, alguns interioranos se tornam tímidos, com vergonha de falar e denunciar sua origem.

Em sua tese de doutorado, Paulo (2010) expõe sua origem rural e que saiu do campo para estudar na cidade. Na escola urbana, por se sentir diferente no modo de se comportar, de se trajar, na pele e cabelos queimados do sol e na forma como havia até então estudado, por absoluta vergonha, não conseguia se relacionar socialmente com os colegas. Posteriormente, por querer se sentir igual aos colegas da cidade, passou a negar qualquer tipo de atividade na agricultura. Na pesquisa que desenvolveu com jovens rurais em seu doutoramento, observou que estes também sentiam vergonha de assumir que eram trabalhadores rurais, embora no fundo vivenciassem o orgulho de serem agricultores.

Nesta pesquisa, como mencionado, muitos jovens, ao serem perguntados sobre o que mudaram, indicaram mudanças no modo de falar, justamente na busca da homogeneização na

linguagem e a consequente perda de identidade que são os falares do interior brasileiro. Na vestimenta é mais simples, pois não se observou nenhum jovem rural vestido como “matutos”. Pelo contrário, havia moças com *piercing*, de tatuagem, cabelos com cortes modernos e com mechas. Os rapazes usavam *t-shirts* ou camisas polo e, invariavelmente, boné. As calças *jeans* são vestimentas comuns a todos e no modo de se vestir não serve como referência, pois os jovens rurais compram roupas como qualquer jovem da cidade. Portanto, referiram-se mais à timidez e ao modo de se expressarem e caminharem.

Dos que admitiram sofrer discriminação, a maioria se refere a colegas e, de fato, nas brincadeiras maldosas, sempre há um ou outro que entra pelo caminho da discriminação. Em Nossa Senhora da Glória, município considerado mais moderno e progressista do que Poço Redondo, os jovens rurais indicaram ter sofrido algum tipo de discriminação dos colegas, dos quais mais os rapazes (48,5%) do que as mulheres (36,2%) “muitas vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”, algumas vezes com maior proporção de respostas (Tabela 90).

Tabela 90 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Na escola, você alguma vez já se sentiu discriminado?”, 2015

| Respostas | | Poço Redondo | | Nossa Senhora da Glória | | Total (%) |
|------------------|---------------|--------------|-------|-------------------------|-------|-----------|
| | | H (%) | M (%) | H (%) | M (%) | |
| Por colegas | Muitas vezes | | 10,0 | 5,3 | 11,1 | 7,5 |
| | Algumas vezes | 21,4 | 15,0 | 15,8 | 25,9 | 20,0 |
| | Poucas vezes | 14,3 | 0,0 | 36,8 | 7,4 | 13,8 |
| | Nunca | 64,3 | 75,0 | 42,1 | 51,9 | 57,5 |
| | Não respondeu | | | | 3,7 | 1,3 |
| Por professores | Muitas vezes | | | | | |
| | Algumas vezes | | 10,0 | 5,3 | | 3,8 |
| | Poucas vezes | | | 5,3 | 7,4 | 3,8 |
| | Nunca | 78,6 | 85,0 | 52,6 | 48,1 | 63,8 |
| | Não respondeu | 21,4 | 5,0 | 36,8 | 44,4 | 28,8 |
| Por funcionários | Muitas vezes | | | | | |
| | Algumas vezes | | | | | |
| | Poucas vezes | | | 5,3 | | 1,3 |
| | Nunca | 78,6 | 95,0 | 47,4 | 55,6 | 67,5 |
| | Não respondeu | 21,4 | 5,0 | 47,4 | 44,4 | 31,3 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

As respostas obtidas indicam as seguintes formas de discriminação arroladas pelos jovens rurais: “Pelos costumes diferentes”; “Por conta de não ser muito atualizado”; “Colegas idiotas”; “Por ser do campo” (duas respostas); “Por ser do interior” (interior na região da pesquisa é considerado o meio rural); “Já fui até chamada de povão, *interiorzão*, pobre”; “Porque acham que só porque moramos no interior não entendemos das coisas”; “Por ser do interior, classe social, cor”; “Por ouvir falar: olha lá, aquela é do interior, mal sabe caminhar”; “Eles [os citadinos] se acham melhores do que você”; “Pelo fato de se acharem melhor

capacitados”; “Quando não sabe responder a atividade”; “Pelo jeito deles [colegas citadinos] falarem comigo”; “Às vezes, eu sinto que eles se acham mais importantes que nós do interior”; “Brincadeiras sem *lógicas*, de mal gosto”.

Algumas respostas realmente não têm relação estrita com o fato de ser do campo, tais como: “Por não ter uma boa aparência” (Ex.: magra em relação à cultura local); “Por não ter o celular da moda”; “Toda vida eu sempre tirei notas boas e o restante da sala nem sempre as notas eram boas, aí eu era visto como um *nerd* filhinho de papai, quando, na verdade, eu sempre tive a mesma dinâmica que os outros alunos, ou, às vezes, eles nem faziam a metade do que eu fazia”; “Algumas brincadeiras que a gente não se sente bem”; “Riem muito”; “Falta de respeito comigo durante as aulas”; “Porque tenho muito pelo nos braços”; “Mangação⁶⁶ porque qualquer coisa fico vermelho”; “Pelos meus dentes e orelhas, mas nunca por ser do campo” (respostas de moças e rapazes, escolas dos dois municípios).

O mais preocupante, contudo, é quando há discriminação por parte dos docentes. Em termos percentuais foi menor do que a dos colegas, mas não deveria acontecer. Mesmo não tendo relação com o fato dos jovens serem rurais, isso não as justifica. Foram apresentadas as seguintes discriminações aos olhos dos jovens rurais: “Professores chatos e mal educados e não profissionais”; “Em questão familiar”; “Quando a atividade está errada”; “Muito ignorantes” e, por fim, chamar o aluno de “Fracassado” (respostas de moças e rapazes, escolas dos dois municípios).

8.12 COMUNICAÇÃO

Nesta tese, retoma-se o tema da linguagem que é fundamental quando se trata de identidades. Menezes (2012) chamou a atenção para alguns termos usados no sertão, expressões típicas do interior, quer dizer, o linguajar do campo. Oswald de Andrade (1972), no poema *Vício na fala*, já atentava os falares regionais devido à riqueza cultural do Brasil, colonizado por portugueses, mas recebeu influência de vários povos e línguas, de modo que esse aporte cultural resultou formas de falar diferentes e, para um mesmo objeto ou situação, podem haver diversos substantivos que os denomine. Além disso, há expressões que somente aquele pertencente à determinada região poderá entender. Para dar um exemplo, certa ocasião, esta autora havia feito um corte no cabelo com uma franja. Ao chegar em um ambiente rural, foi

⁶⁶ Escarnecimento, escárnio, zombaria.

tratar com uma moça do campo que, ao ver o novo visual, perguntou: “Está de *simpatia*?”, pois saibam os leitores que na região desta pesquisa *simpatia* também é sinônimo de franja do cabelo.

Esta riqueza cultural está se perdendo com os mais velhos, pois as práticas e referências culturais dos sertanejos, sem dúvida, para os jovens rurais tendem a ser relativamente homogêneas. No mundo rural, em decorrência das mudanças e reconfigurações que intervêm nas práticas, nas experiências e nas identidades juvenis, é importante estabelecer esse debate em um contexto de novas ruralidades, diante das contradições a que o jovem rural é submetido, pois, ao mesmo tempo em que faz uso de expressões típicas do meio de origem, tem acesso a gírias e outras formas de comunicação e expressão, a outros idiomas nas aulas de língua estrangeira obrigatórias, bem como por meio de filmes e séries internacionais que assiste na televisão, assim como a novas tecnologias e informações na escola e através de meios de comunicação, como a internet.

Esta pesquisa não se aprofundou nessa questão, pois se trata de um trabalho da área de educação e não de linguística, porém, não poderia abrir mão de pesquisar a linguagem, visto que aborda as identidades, de forma que buscou relacionar essa questão à vivência do jovem rural na escola, deixando esta pista para que outros pesquisadores busquem estudar, sobretudo entre aqueles que vivem em um contexto *rurbano*, as interferências que têm vivido no seu modo de falar. Uma importante indicação de Charlot (2005) é que ao verificar se ocorrem desigualdades, deve-se também se interessar em compreender a relação com a linguagem, a cultura e o saber, pois o sujeito não é isolado. No caso dos jovens rurais desta pesquisa, não vivem em um mundo à parte, ao contrário, relacionam-se com o que lhes é exterior, com um mundo preexistente a eles e que possui seus sistemas simbólicos, como a linguagem, de forma que se considerou propositado retomar o estudo dessa categoria.

Assim, três perguntas do questionário abordaram a linguagem: “A forma como você se comunica em casa e a forma como você se comunica na escola são diferentes?”; “Você sente dificuldades de utilizar a linguagem da escola?” e “Você acha que o jeito que as pessoas falam na roça (nos povoados, na zona rural) é errado?”. Além dessas perguntas que serão analisadas na sequência, também foi perguntado “Você sente dificuldades de se comunicar, de dar opiniões, de reivindicar seus direitos?” que será discutida no capítulo que tratará das individualizações.

Ao contrário do que foi observado por esta autora no mestrado (MENEZES, 2012), mais da metade dos jovens rurais pesquisados responderam que não se comunicam de forma diferente em casa e na escola, para ambos os gêneros, tanto em Poço Redondo como em Nossa Senhora da Glória. Ficou em 36,3% o percentual de jovens que se comunicam da mesma forma,

alcançando o menor percentual entre os estratos, de apenas 21,4%, no caso dos rapazes que estudam de Poço Redondo (Tabela 91).

Tabela 91 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “A forma como você se comunica em casa e a forma como você se comunica na escola são diferentes?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|---------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 3 | 21,4 | 8 | 40,0 | 8 | 42,1 | 10 | 37,0 | 29 | 36,3 |
| Não | 11 | 78,6 | 12 | 60,0 | 11 | 57,9 | 16 | 59,3 | 50 | 62,5 |
| Não respondeu | | | | | | | 1 | 3,7 | 1 | 1,3 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Na pesquisa de Menezes (2012) os jovens se mostraram ainda bastante divididos em relação a esse aspecto; porém, este resultado ainda pode ser relacionado a Sposito (1996) e Charlot (2000) quando tratam da escola como espaço de vida, onde o espaço-tempo é partilhado com colegas e professores e, no que tange às identidades, como cada estudante se autorreconhece e como deseja ser reconhecido, já que eles parecem se perceber muito mais como como “jovens” do que como “jovens rurais” ou até mesmo como “jovens sertanejos”.

Tabela 92 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você sente dificuldades em utilizar a linguagem da escola?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-----------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 4 | 28,6 | 1 | 5,0 | 1 | 5,3 | 1 | 3,7 | 7 | 8,8 |
| Não | 6 | 42,9 | 14 | 70,0 | 16 | 84,2 | 21 | 77,8 | 57 | 71,3 |
| Às vezes | 3 | 21,4 | 5 | 25,0 | 1 | 5,3 | 5 | 18,5 | 14 | 17,5 |
| Não responderam | 1 | 7,1 | | | 1 | 5,3 | | | 2 | 2,5 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Esta mudança em relação à pesquisa desta autora no mestrado, quando pesquisou jovens rurais da mesma região, porém apenas os estudantes em Nossa Senhora da Glória, faz com que se observe o fato de que, no Brasil, a linguagem está se tornando cada vez mais homogênea com a perda dos sotaques regionais e do modo de falar campesino. Aquele cuidado e até vergonha que o denominado “matuto” tinha de falar com o citadino está se perdendo, visto que alunos de origem rural, em sua maioria, usam a mesma linguagem da escola (mais formal) em casa (mais regional). A tendência parece ser de uma linguagem de natureza mais aproximada, com o jovem rural buscando se adaptar ao retirar do seu vocabulário expressões que, porventura, sejam desconhecidas em outros contextos que não o meio rural.

Apenas 8,8% do total de jovens pesquisados indicaram sentir dificuldade de utilizar a linguagem da escola; no entanto, 28,6% dos rapazes que estudam em Poço Redondo, admitiram tal dificuldade. Por consequência, mais um dado reforça que, possivelmente, os falares mais regionalizados têm perdido espaço para o uso de uma linguagem mais homogênea. A identidade regional e o jeito de falar do sertanejo vão concedendo espaço ao modo brasileiro de falar.

Muito embora diante dos dados já apresentados de que 71,3% do jovens rurais inquiridos não sentem dificuldade com a linguagem da escola e 62,5% não fazem uso de formas diferentes de falar em casa e na escola, à pergunta “Você acha que o jeito que as pessoas falam na roça (nos povoados, na zona rural) é errado?”, 70% respondeu “não” (Tabela 93). Neste último caso, o resultado se aproxima ao que foi encontrado por Menezes (2012), quando 67% dos jovens rurais pesquisados responderam que “não” consideravam errada a forma de comunicação das pessoas que vivem no campo.

Tabela 93 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você acha que o jeito que as pessoas falam na roça (nos povoados, na zona rural) é errado?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | |
|---------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 4 | 28,6 | 10 | 50,0 | 4 | 21,1 | 5 | 18,5 | 23 | 28,8 |
| Não | 9 | 64,3 | 10 | 50,0 | 15 | 78,9 | 22 | 81,5 | 56 | 70,0 |
| Não respondeu | 1 | 7,1 | | | | | | | 1 | 1,3 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Depreende-se que, apesar de os jovens buscarem um modo de falar mais homogêneo, não parece haver rejeição aos falares regionais e vale chamar bastante atenção para um fato: falar em tendência não significa dizer que os falares regionais desapareceram. Em conversa ocasional no terreno com uma professora, no intervalo entre um grupo focal e outro, esta utilizou vários termos regionais, incluindo-se corruptelas. Para dar um exemplo, a referida professora, em relação ao vocábulo “deteriorada” empregou “destiorada”. Este termo é comum nos falares regionais no sertão, mas foi utilizado em uma conversa ocasional por uma docente, pois não estava formalmente concedendo entrevista. Em sala de aula, certamente, a referida mestra deve utilizar uma linguagem mais formal, mas, em conversa coloquial, termos regionais passam despercebidos. Esses modos de falar no sertão são tão comuns que expressões como *usurento* ao invés de *usurário*, bem como *entertido* ao invés de *entretido* chegam a escapar até da boca de pessoas com nível superior em vários contextos na região pesquisada.

Não se está afirmando o fim dos falares regionais ou uma total homogeneização da língua com a valorização da linguagem coloquial. Ressalta-se, entretanto, que os jovens rurais

pesquisados, em sua maioria, afirmam que entre escola no meio urbano e suas casas no meio rural não estão tendo o cuidado de falar de forma diferente, bem como já não sentem dificuldade com a linguagem mais formal do ambiente escolar. O modo de falar mais homogêneo fornece duas pistas, sendo que a causa pode ser uma delas ou mesmo as duas: o aumento do nível de escolaridade dos pais, de modo que os filhos podem falar com os pais com a linguagem coloquial ou a apropriação dessa linguagem – conforme a explicação de uma jovem que estuda em Nossa Senhora da Glória: “Onde eu moro as pessoas são alfabetizadas e a grande maioria terminou o [ensino] médio e ainda tem um percentual no superior” – ou o desuso de falares regionais, devido à influência dos meios de comunicação, sobretudo da televisão. Só para reforçar esta última hipótese, vale acompanhar a resposta de um rapaz, estudante em uma das escolas de Nossa Senhora da Glória: “Porque através dos meios de comunicação eu acho que aprendemos a falar normal, onde eu moro todos falam normal como todo mundo da cidade”. Conquanto não haja rejeição pelo falar do interior, para esse jovem o modo “normal” de falar é o da tevê.

Na pesquisa realizada por esta autora no mestrado, a coleta de dados se deu nos anos 2010/2011. É certo que para esta pesquisa do doutoramento foi realizada coleta de dados em um novo município – o de população mais rural da região –, contudo, mesmo em Nossa Senhora da Glória, foi pesquisado um novo grupo de alunos; de tal modo que chama a atenção a mesma forma de pensar de outros jovens sobre linguagem, embora tenham transcorrido cinco anos da primeira coleta de dados.

Tal como na Menezes (2012) expõe, os jovens pesquisados, apesar da maioria não considere errado o modo corriqueiro de falar no meio rural, posiciona-se como pessoas que já não fazem parte do campo, pois se referem, nas justificativas, a “eles/elas”, “deles” e “todos da roça” em respostas. A esse respeito e para esta pesquisa os jovens concederam as seguintes alegações: “Porque é uma cultura que *eles* têm, embora fuja das normas padrão dá para entender muito bem”; “Porque *eles* não tiveram uma educação elevada como a de hoje”; “Isso para mim vem da cultura *deles*”; “Pois é o modo que *ele* aprendeu ou que não teve escolaridade”; “Porque é a cultura *deles*” (rapazes, Nossa Senhora da Glória, não consideram errado os falares das pessoas que vivem no campo). “Porque muitos *deles* não estudaram”; “Porque são os jeitos *deles*” (rapazes, Poço Redondo, não consideram errado o modo de falar do campo). “Porque é a maneira de falar *deles mesmos*”; “Porque é como *eles* viveram, é a cultura *deles*”; “Porque *eles* não tiveram estudos” (moças, Poço Redondo). “Foi assim que *eles* foram criados e a falta de oportunidade não permitia que *eles* estudassem”; “Porque é a linguagem que *eles* aprenderam com seus pais e com a sociedade rural”; “Porque é o costume *deles*”; “Porque *eles*

aprenderam assim o que *pra nós* é errado para *eles* parece certo” (moças, Nossa Senhora da Glória) (grifos nossos).

Embora nesta tese se tenha priorizado ressaltar o sentido das respostas ao invés de possíveis erros gramaticais e ortográficos porventura cometidos pelos alunos no preenchimento do questionário, chama-se a atenção para a última fala de uma jovem, estudante em uma das escolas de Nossa Senhora da Glória: embora haja o distanciamento, ou seja, a moça se refere a *eles* para os moradores do rural, mas quem seriam os *nós* a que se refere? A jovem já não faz mais parte do grupo de lá, do povo da roça e se considera parte do grupo dos escolarizados.

Repete-se, desse modo, cinco anos após a primeira pesquisa, a mesma análise realizada por esta autora em seu mestrado: “Eles”, “o povo da roça” e “o povo rural” seriam referências aos mais velhos, em alusão à oportunidade de escolarização que estes não tiveram. Em outras palavras, os jovens rurais falam “eles” porque se diferenciam daqueles que não tiveram a oportunidade de estudar (MENEZES, 2012). Por outro lado, há também certa tensão nas respostas, uma vez que falar “errado” ou “certo” não parece ter uma relação direta com as regras aprendidas na escola e sim com uma efetiva comunicação entre os agentes, como depreende-se das falas dos demais jovens: “Tudo o que *eles* falam dá para entender”; “Porque todos da roça falam como sabem” e “Porque é pessoa do mesmo jeito” (rapaz e moças, Nossa Senhora da Glória, não consideram errado o modo de falar dos moradores do campo). “Todos são iguais” (rapaz, Nossa Senhora da Glória, considera errado o falar rural).

Tais assertivas em que os jovens afirmam que “dá para entender” a linguagem do “povo da roça” e eles “falam como sabem” não parecem significar rejeição ou negação das origens, visto que 70% dos jovens rurais, com destaque para 78,9% dos rapazes e 81,5% das moças de Nossa Senhora da Glória (Tabela 93), responderam que não consideram errado os falares rurais, ao justificarem que não existe linguagem errada e que *eles* não falam errado: “Porque nem todo mundo fala errado na zona rural”; “Já é algo cultural, eu acho que cultura deve ser respeitada. Se for a julgar a norma padrão brasileira ninguém segue” (rapazes, Nossa Senhora da Glória, não consideram errado os falares do homem do campo). “Existem várias formas de falar, então, cada lugar tem seus encantos”; “Porque depende. Alguns falam, mas outros não”; “Porque todos da roça falam como sabem”; “É a cultura de cada um. Só é errado para os estudados, os ricos, os que estão acima *da gente*” (moças, Nossa Senhora da Glória, não consideram errado os falares do homem do campo). Vale observar que apenas esta última moça, ao justificar sua resposta, posicionou-se como pessoa oriunda do meio rural, fato este que deve ser destacado.

De igual modo como esta autora observou em sua pesquisa do mestrado, ao mesmo tempo em que se posicionam como se já não fossem do meio rural – ao se referirem aos

moradores desse espaço na terceira pessoa do plural –, os jovens pesquisados também saem em defesa da linguagem empregada no campo. Esse tipo de posicionamento pode guardar relação com o livro didático de língua portuguesa adotado nas escolas pesquisadas. Para o triênio 2009-2011, o livro de Amaral et al. (2005) foi utilizado pelos estudantes da 1ª e da 2ª séries do ensino médio e abordava tais questões. Para o triênio 2012-2014 não se teve acesso ao livro didático de língua portuguesa adotado nas escolas onde esta pesquisa foi realizada e a pesquisa de campo por meio de questionário no início de 2015, ocorreu exatamente no momento da distribuição dos novos livros para o triênio 2015-2017, por conseguinte, não fazia sentido utilizá-lo como referência. Apesar disso, um jovem rural que estuda em Nossa Senhora da Glória e que não considera errada a forma como as pessoas do meio rural falam, forneceu a seguinte pista: “Porque cada um fala do jeito que aprendeu, e diz um professor de português: se o povo fala conforme você entende, então, não é errado”.

A orientação do aludido professor segue determinações dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, ou seja, que do ponto de vista linguístico, as variedades adotadas no meio rural não são estruturalmente inferiores à norma-padrão (PCNs de Língua Portuguesa, 1997). Conforme as seguintes respostas dos jovens rurais pesquisados, foram identificadas alusões e respaldo em tais posicionamentos: “Porque são costumes da região”; “Porque faz parte da variação linguística”; “São diversidades culturais e não existe uma maneira errada, existem diferentes tipos de linguagens na nossa cultura”; “Porque cada um se comunica de acordo com sua cultura e linguagem”; “Porque é uma tradição, cada local tem um modo de falar, de se vestir, então, não acho que seja errado” (moças, Nossa Senhora da Glória, não consideram errado o modo de falar das pessoas do campo). “Pois existe uma regionalização da língua”; “Porque é uma linguagem regional” (rapazes, Nossa Senhora da Glória, não consideram errado o modo de falar das pessoas do campo). “Só é diferente”; “Porque cada um tem seus costumes e cultura”; “Regionalismos, vícios de linguagem”; “Cada um tem o seu jeito de falar” (rapazes, Poço Redondo, não consideram errado o modo de falar dos moradores do campo). “Porque cada um fala da forma que lhe cai bem”; “Porque cada um tem sua cultura” (moças, Poço Redondo, não consideram errado o modo de falar do campo).

Apesar dos PCNs orientarem que os livros didáticos abordem ambas as formas de oralidade sem prejuízo de qualificar uma como correta e outra como incorreta de idioma, observou-se que ao invés da “valorização” do local, de suas identidades e de sua forma de linguagem, a juventude rural ao ter acesso à norma culta através da escola, prefere se posicionar “de fora” do grupo dos falantes da forma coloquial. Se, por um lado, não os julgam mal e

respeitam seus falares, simultaneamente, já não se reconhecem partícipes do grupo daqueles que não estudaram (MENEZES, 2012).

Dos 70% que responderam que “não” consideram errada a forma como as pessoas do meio rural falam (Tabela 93), como já apresentado, uma parte justifica a resposta com base em critérios culturais, enfatizando identidades e os falares regional e coloquial. Nesse conjunto, também indicam a diversidade de falares, próprio do idioma português que, embora tenha uma norma culta, admite a linguagem coloquial; evidenciam que cada um tem sua cultura e a linguagem faz parte desta, argumentando que a forma “diferente” de se comunicar não é sinônimo de errado.

Assim como na pesquisa de Menezes (2012), ainda há respostas que identificam o não uso da norma culta pelos moradores do meio rural devido à baixa escolarização ou à “falta de estudos”, por conseguinte, utilizam a linguagem coloquial tanto porque “não estudaram” e “nunca foram à escola” como pela falta de oportunidade e de acesso aos estudos, pois muitos não tiveram o “privilegio” de estudar, ao passo que os do meio urbano têm mais chances, tais como: “Cada um foi educado diferente e muitos nunca tiveram a oportunidade de estudar”; “Cada um fala da maneira que foi ensinada”; “Porque, de qualquer forma, eles não tiveram orientações e isso é de sua cultura” (moças, Nossa Senhora da Glória). “Porque muitas pessoas não tiveram a oportunidade de *aprenderem* a forma correta de falar” (moça, Poço Redondo). Alegam ainda que isso ocorre em virtude do costume e do uso de uma linguagem aprendida no meio rural e, se as pessoas entendem o falar rural, então, não está errado. A partir desta análise, apresentam-se mais respostas: “Porque são costumes da região”; “Porque é a linguagem que eles aprenderam com seus pais e com a sociedade rural” (moças, em Nossa Senhora da Glória). “Aprendeu do jeito, fala do jeito”; Por terem aprendido desse jeito (rapazes, Poço Redondo). “Porque cada um fala da forma que aprendeu” (moça, Poço Redondo).

Dos jovens que consideram errada a forma como os moradores do meio rural falam (30% do total de pesquisados), chamou a atenção o fato de que as moças de Poço Redondo ficaram divididas, ou seja, 50% consideram errada a maneira como as pessoas do meio rural falam (Tabela 93). Os jovens justificam tal compreensão “Porque tem muitas coisas que ficam sem sentido”, ou seja, às vezes, a linguagem do homem do campo não é compreendida. “Porque não tiveram estudo” (rapazes, Poço Redondo). “Sim, porque *eles* falam assim muito errado”; “Porque a maioria das pessoas não tem o conhecimento da linguagem padrão”; “O pouco estudo das pessoas os possibilitam a falar errado” (moças, Nossa Senhora da Glória). “Algumas palavras não coincidem”; “Tem muitas pessoas que só falam mal”; “Por falarem como se fosse um lugar muito ruim” (rapazes, Poço Redondo). “Porque muitos não tiveram escolaridade”;

“Porque no português é muito diferente”; “Algumas coisas que *eles* falam são erradas, mas isso não quer dizer que tudo que *eles* falam é errado”; “Porque *eles* já estão acostumados a falar errado e ouvir falar”; “Cada um tem seu jeito de falar, ou seja, cada um tem sua cultura”; “Muitas vezes por já estar acostumado e não ligar para o que os outros dizem”; “Por algumas pessoas que não estudaram” (moças, Poço Redondo).

Das respostas podem ser extraídas algumas análises de que as pessoas que vivem no campo falam errado em virtude da falta de estudos e de acesso à educação, ou seja, faltam-lhes oportunidades. Houve também quem frisasse a cultura e o fato de já estarem acostumados. Devido aos livros didáticos e ao cuidado dos professores de português de ensinarem que há diversos tipos de linguagem, por certo os jovens desenvolveram essa consciência dos falares regionais no Brasil, como se observou na variedade de respostas a esse respeito, não somente nesta tese, mas desde a pesquisa desenvolvida por esta autora no seu mestrado.

Entretanto, ainda se localizam respostas dissociadas do que fora perguntado; mas, diante do histórico quadro de baixa autoestima do homem do campo, visto que o citadino é tido como mais instruído e o campo até os dias atuais não se configura como espaço de letramento, alguns jovens deixaram mensagens, algumas meio “atravessadas”, mas que surgem como uma indicação do quanto é difícil para o homem do campo ser estigmatizado pelo seu falar. As mensagens expõem uma questão muito delicada ainda de baixa autoestima. Uma moça de Nossa Senhora da Glória, do grupo que considera errado o modo de falar do homem do campo, afirmou que “Mas não são todos, às vezes, quando alguém fala errado logo já vão dizendo: ali é do interior. Mas se *eles* são assim é porque não tiveram oportunidades”. “Em alguns lugares, por pessoas sem coração e que só pensam em *sambar*⁶⁷ dos outros” (rapaz, Nossa Senhora da Glória, considera errado). “Que não somos diferentes deles”; “Porque falam como se lá fosse um lugarzinho onde só analfabetos vivem, onde só gente de pouca educação pode viver”; “É de lá que muita gente tira seu sustento” (moças, Poço Redondo, consideram errado o falar rural). “Porque se não fosse a gente *eles* não tinham o que comer” (rapaz, Poço Redondo). “Porque tem gente que acha que *sem terra*⁶⁸ só tem bandidos, mas não é assim, são pessoas batalhadoras” (moça, Poço Redondo). Esta última fala, dentre outras, denota como os estereótipos sobre o homem rural afetam a autoestima da jovem.

⁶⁷ Humilhar.

⁶⁸ “Sem terra” (do Movimento Sem Terra –MST) é uma alusão aqueles que lutam por um lote de terra através da reforma agrária. De fato, são estigmatizados e vistos como interesseiros, baderneiros e invasores.

8.13 SER UM(A) SERTANEJO(A)

Este trabalho trata de jovens rurais sertanejos. Quanto ao sertão, no segundo capítulo foi esboçado um quadro da região, primeiro levando em consideração que há uma visão de renomados escritores e pesquisadores sobre a região; porém, também se considerou pertinente pesquisar o sentido do que é ser sertanejo para os próprios jovens rurais que habitam o sertão. Através das entrevistas e grupos focais, os rapazes e moças pesquisados puderam expressar se se consideram sertanejos(as) e o que entendem sobre ser um(a) sertanejo(a).

No passado, o sertão era mais isolado do litoral e das cidades devido à dificuldade de acesso. Em decorrência, tem-se essa visão do sertanejo como aquele que vive no interior. Hoje, o sertão, além do meio rural e das pequenas cidades, também possui cidades grandes e médias. O acesso dos moradores dos sertões às cidades litorâneas, sobretudo as capitais, foi melhorado. Mesmo assim, dentre os jovens pesquisados ainda há aqueles que mantêm viva a ideia de que sertanejo mora no campo; apresentando-o, sobretudo, com a visão euclidiana de um ser forte.

Praticamente todos os jovens entrevistados e que participaram dos grupos focais e entrevistas responderam que se consideram sertanejos, mas, ao tempo que assim se consideram, em algumas respostas eles mesmos não se enquadraram na própria visão do que é ser sertanejo.

Na primeira entrevista realizada em Nossa Senhora da Glória, a jovem pesquisada respondeu que se considera sertaneja porque “é minha raiz” e acrescenta: “Ser sertaneja me identifica. É como se fosse minha identidade”. Questionada sobre o que é ser uma sertaneja, arrematou: “Ser uma pessoa que não desiste, ser forte, lutar pelo que deseja, sem desistir, apesar de todos os obstáculos, mas o sertanejo enfrenta. É aquela pessoa que mora num lugar bem seco, que não sabe falar *correto*. Acho que é o jeito, sempre vai ser diferente dos outros”. Observa-se na última parte de sua fala que ser sertanejo para a jovem é aquele que não sabe se expressar através da norma culta. Se a jovem está no último ano do ensino médio, ela não se enquadraria nesse perfil que apresentou, mesmo assim, para ela, a imagem do sertanejo como aquele que não sabe falar corretamente perdura.

No Grupo Focal 1, todos os jovens rurais pesquisados responderam que se consideram sertanejos. Apresentaram, como justificativa, os costumes e a cultura: “Porque minha família já é do *interior* [meio rural], vive no sertão e tem esses costumes, a tradição já, a cultura sertaneja”; “Porque é como eles falaram, já é de tradição mesmo, da cultura, de família”; “Porque, desde criança, fui criada aqui no sertão e eu gosto de ser sertaneja”; “Eu me considero sertanejo por causa do costume e também pela tradição de família”; “Pois eu moro no sertão e eu gosto dessa cultura de vaquejada”; “Eu acho que é uma questão de cultura e concordo com

o que eles falaram”; “Eu me considero sertanejo sim, pois eu gosto da cultura, danças folclóricas e nasci aqui e me considero sim”; “Eu me considero, pois, como nossos antecedentes já eram daqui mesmo, aí já tenho um hábito sertanejo, no tipo falar, os ‘gestos’ culturais mesmo”; “Eu me considero, pois é uma cultura e uma tradição” (Grupo focal 1, Nossa Senhora da Glória). Neste grupo, após o primeiro jovem falar em cultura, os demais seguiram o mesmo sentido. Note-se que ninguém falou em ser forte, limitando-se à cultura e à tradição familiar, sendo que apenas um aluno, ao exemplificar essa cultura sertaneja, assinalou gostar de vaquejada.

Questionados sobre o que é ser um(a) sertanejo(a), os participantes do grupo focal 1 continuaram a afirmar a cultura, mas “ser forte” também surgiu em duas respostas. O preconceito também foi lembrado em duas respostas e, posteriormente, explorado na discussão: “O sertanejo é o que segue os costumes e tradições e respeita o sertão”; “Ser sertanejo é honrar sua cultura, demonstrar que é um sertanejo e não negar que mora no Nordeste, por exemplo”; “Sertanejo, para mim, é participar da cultura, gostar e estudar a cultura”; “Um sertanejo, para mim, é um povo que tem humildade em sua raiz, que enfrenta secas prolongadas e não desiste de ser sertanejo. Realmente, enfrenta tudo com força, garra e coragem e tendo orgulho da sua cultura, da sua tradição, do seu povo, da sua terra”; “Eu acho que a gente tem a imagem de um povo forte, apesar de sofrido, mas que passa por várias coisas e continua forte, eu acho que é isso”; “Ser forte, nunca desistir dos seus objetivos, é isso que um sertanejo representa”; “Eu acho que ser sertanejo é você aceitar sua cultura porque apesar de o povo sertanejo sofrer um pouco de preconceito, mas você deve aceitar sua cultura do jeito que a gente vive aqui. Nossos costumes, com certeza”; “Significa ser sertanejo a pessoa não ter preconceito com seus costumes e, apesar de todos os preconceitos que eles vivenciam, ainda têm orgulho de *ser* sertanejo e de ser trabalhador”.

A partir dessas respostas que apresentaram o sertanejo como o que sofre preconceito e o que não tem preconceito com sua cultura, perguntou-se aos jovens rurais participantes do grupo focal 1 que tipo de preconceito seria esse que o sertanejo sofre. Os jovens responderam que “Falam que o povo sertanejo é tabaréu, que não tem educação, que é ignorante”; “É um povo muito inteligente pela cultura e deveria servir de orgulho, *né*? Não de preconceito”; “Quando vai de uma região para outra, por exemplo, para São Paulo, é o nordestino que sofre muito preconceito porque dizem que são atrasados, *não sei o quê*, atrasados na cultura, [que] são brutos, ignorantes e não tem nada a ver. O sertanejo é bem simples, trabalhador, humilde e todo mundo deveria respeitar a cultura do próximo”; “No meu ponto de vista é sobre preconceito, é a forma de falar arretada, *né*? Por causa do Nordeste que é uma das regiões mais pobres. É isso. Só vejo preconceito, é o que mais vejo”. Vale observar que em algumas falas há

uma mistura entre ser nordestino e ser sertanejo, mas reafirma-se que embora a maior parte do sertão se concentre no Nordeste do Brasil, nem todo nordestino é sertanejo, visto que há aqueles nascidos e residentes no litoral.

No grupo focal 2, os jovens, com exceção de uma moça que se considera “em parte”, responderam que são sertanejos. As justificativas apresentadas foram: “Posso dizer em partes não e sim porque eu nasci aqui em Sergipe, porém eu me criei fora do estado, em Mato Grosso, daí [agora que voltei] estou pegando as tradições, as culturas, coisa assim”; “Eu me criei, nasci no interior, nasci na região Nordeste e nunca saí daqui”; “Desde criança me criei e *sou* acostumada com a cultura de Sergipe e do Nordeste”; “Porque eu nasci e me criei aqui e *sou* acostumada com a cultura, com o pessoal, a fala. O sertanejo é um povo que luta muito pelo que quer e estamos lutando pelo que nós queremos”; “Porque nasci e me criei aqui, minha tradição e raízes é toda daqui, sou bem ligado mesmo, então me considero”; “Eu não nasci aqui, mas me criei aqui, minha família é toda daqui, então me considero sertanejo”; “Eu acho que sim, *né*, porque nas origens que a gente vem de lá para cá, criado aqui no sertão, então me considero sertanejo”.

Os jovens que participaram do grupo focal 2 enfatizaram, na maioria das respostas, uma relação entre o local de nascimento – “aqui”, o “sertão”, a “raiz” – com o fato de serem sertanejos. A alusão ao Nordeste reaparece duas vezes. Ao serem perguntados sobre o que é ser sertanejo, enfatizaram, dentre outras características, sobretudo que é ser forte e lutador:

O sertanejo... Acho que quando você nasce no sertão, você já nasce lutando pela vida. É um negócio, em tudo. Lutando para ter melhor qualidade de vida, ter água, ter oportunidade no estudo, no trabalho, na convivência... É ser humilde, falar o que pensa, porque muitos sertanejos falam o que sentem, o que pensam. Não é pessoa cheia de requinte, *né*? Não tem vergonha de se expor. Tem vontade de mudar, melhorar a cada dia, mas eu acho que é uma das pessoas que conservam mais suas raízes. Tem muitas pessoas que acham que tem preconceito, eu não tenho, eu amo ser sertaneja. Já fui para outros lugares e tenho o maior prazer de dizer que sou sertaneja [...]. Mas eu acho que é um lutador, para mim, na minha opinião, o sertanejo é um lutador para a sobrevivência em todos os sentidos da palavra. (Mulher, nº. 3, grupo focal 2, Nossa Senhora da Glória, 2015).

Ser sertanejo é, desde sempre, desde que você nasce, já nasce com um sangue quente nas veias, com vontade de lutar, de conseguir seus objetivos, não tem vergonha do que os outros dizem e, além de tudo, honrar sua origem. Mesmo que você esteja em outro lugar você sempre vai dizer de onde é e se orgulhar. (Homem, nº. 2, grupo focal 2, Nossa Senhora da Glória, 2015).

Ainda nesse grupo, um dos rapazes respondeu “Eu acho que é a pessoa que já nasce aqui na *zona rural*, no sertão e que vive no hábito aqui do sertão, do sertanejo”. A partir desse sentido do que é ser sertanejo – que reapareceu em outros grupos focais –, perguntou-se ao grupo: “Ele

falou que é sertanejo quem nasce no meio rural. E quem nasce na cidade também é sertanejo(a)? Uma moça respondeu:

Eu acho que as pessoas da cidade não gostam de ser chamadas de sertanejos, não. Nós que somos do interior, na minha opinião, não tem problema, mas eu conheço algumas cidades do sertão que são baseadas nas coisas do sertão e não gostam de ser sertanejo ou se chega uma pessoa do interior [zona rural] se acha melhor. Mesmo sendo a cidade do Nordeste, sendo a cidade do sertão, mesmo a cidade pequeninha, não gosta não. (Mulher, nº. 3, grupo focal 2, Nossa Senhora da Glória, 2015).

Uma moça discordou da colega: “Eu acho que morando no interior ou na cidade é tudo sertanejo porque mora na mesma região, é a mesma coisa... *pra* mim não há diferença”. Essa questão de que o sertanejo é aquele do interior, do campo, remonta a discussão euclidiana do sertanejo como homem rural. Porém, já não se pode considerar que sertanejo é somente aquele que habita o meio rural dos sertões, uma vez que há cidades sertanejas.

Ainda no segundo grupo focal, um dos rapazes ressaltou a cultura e duas moças retomaram o sentido de sertanejo como um forte, um batalhador que enfrenta duras secas com esperança, sem desistir.

Eu acho que tem a ver mais com a cultura dos antepassados que vem trazendo de geração a geração. Dar continuidade a ela, preserva, no caso, não abandona ela. Plantação mesmo, a criação do gado, dos animais, a maneira que os animais são criados, a seca, tudo isso. (Rapaz, nº. 2, grupo focal 2, Nossa Senhora da Glória, 2015).

Eu não tenho muito o que falar, mas o sertanejo já vem do sertão, sertão que já mostra um pessoal batalhador que luta pelos seus ideais que, desde sempre nas outras cidades, nos outros estados, tem aquele certo preconceito: ‘Ah, o sertanejo passa fome, o sertanejo é humilde’. É, tem aquela coisa toda, mas a realidade, se for para parar e observar, o sertanejo não se dá por vencido, ele é forte. (Moça, nº. 6, grupo focal 2, Nossa Senhora da Glória, 2015).

Eu acho que é um lutador diferente. Todo mundo luta na vida na verdade, mas se for alguém de outro lugar vai lutar menos duas vezes. A gente [sertaneja] luta mais quatro, cinco vezes. É como se você nascesse para lutar e não desiste. Não é amargo, não fica triste porque está na seca ou morreram os animais. As pessoas do sertão, não! Têm a esperança, *né*? Porque tem muitas pessoas que entram em depressão porque vai perder a empresa, porque perdeu o carro. O sertanejo, não. O sertanejo sabe que todo ano vai ter seca, que vai ser muito difícil, mas não perde a esperança, não perde a alegria e ama viver. É apaixonado pela vida, pelo menos eu sou. (Moça, nº. 3, Nossa Senhora da Glória, grupo focal 2, 2015).

Em entrevista realizada com duas jovens estudantes em Nossa Senhora da Glória, o sertanejo aparece como aquele que mora no campo, que os jovens chamam de “interior”, em contraposição à cidade, também chamada de “rua”. Em um primeiro momento, as moças se apresentam como sertanejas e, posteriormente, explicam o que é ser sertanejo. Na sequência de

respostas, as jovens serão identificadas por códigos⁶⁹, pois houve bastante interação nessa entrevista em dupla. Quando uma aluna se expressava, a outra concordava ou não com seu posicionamento, além das perguntas feitas por esta autora para animar a discussão, sendo as respostas mais curtas apresentadas em texto corrido e as mais longas com recuo.

Pesquisadora: “Vocês se consideram sertanejas?” M-n.1(E2): “Sim, porque minha família mora na área rural e lá é um lugar tranquilo, bom de morar”. M-n.2(E2): “Sim, porque minha família vive no local rural e algumas coisas que tem lá me completam”. Pesquisadora: “Então vocês se consideram sertanejas porque vivem no meio rural?” M-n.2(E2): “Isso”. Pesquisadora: “Então o que é ser um(a) sertanejo(a) para vocês?” M-n.2(E2): “Sertanejo é viver em um local que se habitue bem e é bom porque lá não tem violências, roubos...” M-n.1(E2): “Ser sertanejo é a pessoa morar em um local tranquilo, bom... É o que eu acho, *né*? Um local que não tem muito barulho...” Pesquisadora: “Pelo que eu entendi da resposta de vocês... Quem mora na cidade não seria sertanejo? Aqui na cidade de Glória, por exemplo?” M-n.1(E2): “Pode até ser, mas eu acho que a pessoa que mora no rural tem mais a ver com ser sertanejo do que a pessoa que mora na cidade”. M-n.2(E2): “Eu também concordo com o que a que número 1 falou. Quanto mais você mora naquele local desde pequeno, mais você tem a ver com aquele local”.

Perguntadas sobre se sertanejo seria mais o da zona rural do que aquele que mora na cidade, uma das jovens assim respondeu:

Porque, na maioria das vezes, muita gente mora no campo e sai do campo para a cidade grande atrás de trabalho e ele, realmente, era sertanejo, tinha a atividade do sertanejo quando morava no campo. Quando ele passa para a cidade ele não faz mais aquelas atividades, ele vai trabalhar em indústrias e é bem mais diferente da atividade do campo. (Mulher, nº. 2, entrevista 2, Nossa Senhora da Glória, 2015).

Perguntou-se, ainda, sobre que atividades seriam essas que o sertanejo faz. A aluna M-n.2(E2) respondeu “Tirar leite da vaca...”; a aluna M-n.1(E2): “Plantar roça no inverno, feijão, milho...” e a aluna M-n.2(E2) retomou: “Tomar conta do gado”. Pesquisadora: “Pelo que entendi da resposta de vocês, o sertanejo é aquele que tira leite da vaca e planta roça se morar aqui, nesta região que é chamada sertão? Mas se ele mora na cidade e se ele trabalha em indústria e se afasta das atividades do campo ele não seria mais um autêntico sertanejo?”

⁶⁹ M ou H indica o gênero, n. indica o número atribuído ao jovem e, neste caso, E2 que é a segunda entrevista.

M-n.2(E2): Na minha opinião, sertanejo mesmo, de raiz, tem que nascer, viver e morrer morando no campo, fazendo as atividades do sertanejo [...]. Se ele vier para a rua [a cidade], vai acabar esquecendo essas coisas do sertanejo e vai começar a fazer outras atividades e aquela região do sertão ele não vai querer saber mais porque ele vai achar a cidade grande melhor, entendeu? M-n.1(E2): Eu discordo um pouco porque muitos que moram na cidade, às vezes, têm terrenos, os pais no interior, no terreno mesmo e, assim, têm família que mora no interior [o campo]. Não é que seja porque mora na cidade. Alguns sim e outros são totalmente diferentes. Pesquisadora: Então vamos à primeira pergunta: se vocês se consideram sertanejas. Vocês responderam sim. Nesse caso, vocês ainda fazem essas atividades “de raiz”? M-n.2(E2): Sim, de vez em quando tiro leite, meu pai também cria gado, ando muito a cavalo e, também, quando é tempo de plantar roça, de quebra milho eu ajudo, por isso eu me acho uma sertaneja, pois desde pequena eu nasci e me criei no terreno, no sítio, no campo, nunca tive vontade de morar na cidade, venho para cidade somente para estudar e gosto muito dessas tradições. M-n.1(E2): Sim, no tempo do plantio, meu pai planta roça e a gente sempre ajuda a plantar. Até mesmo milho, feijão, capim a gente sempre, em grupo, ajuda *né*, por isso me considero sertaneja. (Mulheres, entrevista 2, Nossa Senhora da Glória, 2015).

No grupo focal 3, além de uma moça – cuja resposta será apresentada adiante –, um rapaz também respondeu que já não se considera sertanejo: “Sertanejo, não, totalmente, porque não trabalho na roça, então não me considero sertanejo. [Eu me] considero um aluno estudando, procurando uma qualificação melhor no mercado de trabalho”. Observa-se, neste caso, um jovem que está desconstruindo sua identidade de sertanejo e a reconstruindo como um sujeito que estuda, que busca algo melhor, isto é, um sujeito em processo de reconfiguração identitária.

Ser sertanejo foi relacionado a viver no sertão: “Sim, somos porque, de certa forma, vivemos no sertão. Então, somos sertanejos, sim”; “Eu me considero sertaneja pelo fato de ter nascido e me criado no sertão”; “Eu me sinto sertanejo, sim, porque eu nasci e cresci, tive a cultura sertaneja e está no sangue, na veia”; “Sim, porque se dizem que aqui é o sertão [repete: se aqui é o sertão] nós somos sertanejos, moramos aqui. Eu mesma moro no *interior*, então me considero sertaneja” (moças e rapazes, estudantes em Nossa Senhora da Glória, grupo focal 3).

Nesse grupo, três tipos de respostas podem ser destacadas: ser sertanejo porque nasceu no sertão, considerado o *interior*, a zona rural; ser sertanejo porque trabalha na roça e o sertão evocado como “lá”, distante de onde os jovens se localizavam no momento da entrevista: “[Eu me considero] mais ou menos porque eu nasci *lá*, mas não fui criada *lá*. No caso, eu vim ser criada aqui, aqui em Glória [cidade do sertão], fui criada aqui, aí voltei para *lá* [meio rural] com oito anos, mas eu não me considero uma sertaneja porque eu não luto com terra, eu não luto com nada, entendeu?”. “Sim, pelo fato de que nasci e me criei no *interior* [meio rural], até hoje vivo *lá* e, assim, procuro uma vida melhor, procuro um trabalho melhor para sair do sertão, mas... [risos] pelo fato de no sertão estar ficando cada vez mais difícil, não está tendo a colheita que tinha antes” (Moças). “Eu me considero porque eu nasci aqui no sertão e também vivo do trabalho na roça” (Rapaz). Assim, mesmo vivendo na região do sertão, mas na sede municipal

e não no meio rural, há aqueles que se referem ao sertão como “lá”, isto é, como se o sertão fosse mais ao interior, para além da cidade.

Perguntados sobre o que é ser sertanejo, os jovens rurais que participaram do grupo focal 3, assim se posicionaram: “Eu acho que sertanejo é aquela pessoa que vive no campo e vive basicamente da roça, do que ele planta e colhe”; “Bom, eu acho assim, que ser sertanejo é viver na roça, é viver da agricultura, da colheita, viver do que ele planta, acho que é isso”; “Eu acho que o sertanejo é aquele que vive no campo e que colhe planta, cuida do gado e que vive basicamente do campo” (Moças). “Muita gente de fora, assim, do Sul, do Sudeste, acha que o sertanejo é um povo fraco, mas não, o sertanejo é um povo forte porque mesmo no sol escaldante na seca consegue sobreviver e eu acho que é isso ser sertanejo: ser forte” (Rapaz).

No mesmo grupo, ainda foram obtidas outras respostas, apresentadas a seguir em bloco e com identificação dos participantes por códigos, destacando-se a influência mútua dos participantes e a animação da pesquisadora:

H-n.4(GF3): Bom, eu acho assim, que quem é sertanejo, de verdade, ele sabe se é ou não porque o sertanejo de verdade a sua renda familiar é, praticamente, da roça. Ele tira seu sustento da roça e tem gente que não trabalha na roça, mas mora no sertão, aí tá uma questão meio difícil porque... Pesquisadora: Quem é do sítio e não trabalha na roça não é sertanejo? H-n.4(GF3): Acho que não. Pesquisadora: E quem trabalha na roça, na sua opinião, é sertanejo? H-n.4(GF3): Isso aí. H-n.8(GF3): Ser sertanejo é, basicamente, morar no sertão. Toda área que abrange o sertão aqui no Nordeste, principalmente, pode ser cidade, interior, é uma área sertaneja, então quem mora lá, possivelmente, seja sertanejo. Pesquisadora: Onde é que fica o sertão? H-n.8(GF3): Sertão... sertão fica no agreste⁷⁰, na área agreste do Nordeste, no interior, numa cidade, relacionado a área seca ou então que viva relacionado ao campo. Pesquisadora: Sertanejo é o que em sua opinião? H-n.8(GF3): Relacionado ao campo também. Pode ser quem for [...] em uma área que seja totalmente rural, dependente de economias rurais. Pesquisadora: Então sertanejo está mais ligado ao rural do que a cidade? H-n.8(GF3): É... também a cidade, vivendo em uma economia rural, ela é também sertaneja. M-n.3(GF3): Bom, eu acho que sertanejo... ele... tem um provérbio que ele vive da agricultura... Sertanejo, para mim, é aquele que luta, batalha pelo que quer. Lutar com essas coisinhas: com vaca, gado, galinha... É isso, é viver do que tem. [...] Eu mesma não me considero sertaneja por não lutar com nenhum desses animais. Eu luto mesmo pela parte dos estudos, para correr atrás de um emprego melhor e sobreviver eu só mesma. H-n.12(GF3): Sertanejo, seria um adjetivo empregado para uma pessoa que mora no sertão no Nordeste do Brasil. No caso, se você mora no Sul [e trabalha na agricultura] eu acho que não pode ser considerado sertanejo porque lá não é sertão. Então, sertanejo, eu acho que é empregado para uma pessoa que tem sua economia toda basicamente agrícola, sua renda é uma renda que vem da agricultura, da agropecuária que tem *no sertão*. Eu acho que se você tem um outro trabalho, ou uma empresa, ou advocacia, eu acho que você não é considerado sertanejo porque a sua economia não é derivada da agricultura. Pesquisadora: Então você diz que não se considera um sertanejo porque, justamente, não trabalha na agricultura? H-n.12(GF3): Eu não trabalho com esse tipo de coisas (Grupo focal 3, Nossa Senhora da Glória, 2015). Legenda: M: Mulher / H: Homem. Grupo focal: GF.

⁷⁰ Diferentemente do que foi afirmado pelo jovem, o sertão não está localizado no agreste.

Ao contrário do jovem do grupo focal 3 que não se considera sertanejo porque não trabalha com agricultura, uma moça, participante do grupo focal 4, respondeu “Eu me acho sertaneja, não nasci aqui [nasceu em São Paulo], mas minha família veio para cá e gostei muito daqui. Vim para cá, minha família é toda daqui, então me considero sertaneja”.

Para os jovens do grupo focal 4, sertanejo é aquele que segue a cultura local, que vive no meio rural e trabalha na roça. Para um rapaz “Ser sertanejo é você ter uma ligação com aquele local, seguir as culturas daquele local, é ter o ensinamento daquele povo e ter aquilo para sua vida, ter o estilo sertanejo”. Outro rapaz explica que “Sertanejo é aquela pessoa que vive na roça que, praticamente, cria seus filhos ou arranja o que tem para comer ou para viver tirando da roça, daquele pedaço de chão que ele tem”. Ao ser questionado sobre o que o sertanejo faz na roça, respondeu: “Ah, plantando, criando vacas... que é basicamente agricultor, aqui onde a gente mora, é o leite, *né*, e muita gente que cria vacas aqui neste lugar para sustentar a família”.

Na sequência de falas, os jovens serão identificados por códigos, pois houve bastante interação nesse grupo focal: um aluno se expressava e outro concordava ou não com seu posicionamento, além de perguntas para animar a discussão. Retoma-se o que foi discutido em outros grupos, porém, devido a explicação de um jovem de que em grandes áreas urbanas é considerado sertanejo o que vive no interior, optou-se por apresentar mais esta discussão:

M-n.1(GF4): Sertanejo, para mim, eu considero aquele que vive na roça, trabalha naquilo, se sustenta daquilo e, principalmente, valoriza a família porque, geralmente, os sertanejos são mais familiares. Até que hoje em dia está mudando; mas, para mim, o sertanejo é aquele que trabalha na roça, dá sustento a sua família e sempre a família vem em primeiro lugar. H-n.2(GF4): Ser sertanejo é você criar animais, plantar, colher, é colocar tudo na mesa do que você colheu, sabe? Ser sertanejo é isso. É levar para outros lugares o que você plantou. Pesquisadora: E quem mora na cidade é sertanejo? H-n.3(GF4): Acho que sim, que não depende dele morar na cidade ou no interior, no campo, acho que se você tem [...] uma ligação, você é daquela família do sertão, só está na cidade por uma evidência ou uma escolha, não deixa de ser sertanejo por morar na cidade ou interior. Você tem aquela ligação no sertão, por isso não deixa de ser por morar na cidade. H-n.4(GF4): Eu não concordo porque em grandes áreas urbanas, como metrópoles, acham que sertanejo é aquele que mora no interior, em cidades menores. Já aqui, sertanejo, para mim, não é aquele que vive na cidade, que não cultiva, que não planta, nada, só vive na cidade mesmo. Sertanejo, para mim, é aquele que mora no interior e que tira seu sustento dali do interior. M-n.1(GF4): Eu não concordo com ele [o número 3] porque muitas pessoas que moram na cidade e que, às vezes, quando sabe que você mora no interior [campo] nem olha para você. Porque você mora no interior então é roceiro. Agora, tem, sim, aquelas pessoas que vêm para a cidade atrás de um trabalho porque, geralmente, na zona rural não tem, muitas vezes, a oportunidade e quando acha na cidade vem, mas suas raízes ficam. Não aquelas pessoas que vêm para a cidade para se *sentir* melhor do que quem mora no interior. H-n.2(GF4): Concordo com a número 1 porque o sertanejo deveria ser mais valorizado, *né*, mas não é, porque ele planta, colhe e não é reconhecido por ter seu trabalho e, também, quando você entra num estabelecimento o sertanejo não é bem recebido por estar vestido com roupas mais simples... (Grupo focal 4, Nossa Senhora da Glória, 2015).

Nos demais grupos focais as falas se repetem sem mais variação no sentido de ser sertanejo relacionado a cultura e raiz, pois “É uma pessoa que não nega sua origem. Uma pessoa que mora aqui e vai para outro lugar e diz que não morou aqui *aí* negou isso. Esse não é mais sertanejo, no meu entender” (moça, grupo focal 7, Poço Redondo). Para outros jovens rurais, sertanejo é um ser forte e que trabalha no campo: “É aquele que trabalha na roça e vive dali, daquele sustento, da roça de milho, feijão e que vai-se embora para outro estado, mas, mesmo assim, continua sendo sertanejo porque nasceu e se criou no sertão trabalhando” (rapaz, grupo focal 5, Poço Redondo).

Foram esses os sentidos que os jovens rurais, participantes de entrevistas e de grupos focais, atribuíram a “ser um(a) sertanejo(a)”. Com apenas duas exceções, já apresentadas, a maior parte dos jovens rurais se considera sertanejo. Vale observar que em algumas falas os termos “luto”, “luta” e “lutar”, desde a primeira questão norteadora quando o sentido de ir à escola foi pesquisado e em relação às perguntas o que é ser sertanejo(a)/consideram-se sertanejos(as), surgiram expressões como “não luto com terra”, “lutar com essas coisinhas: com gado, galinha” e “eu luto pelos estudos”. Se o sertanejo é considerado um lutador, essa reiterada luta a que se referem teria esse sentido.

Para finalizar, foram selecionadas falas dos participantes do grupo focal 5, pois trataram de alguns aspectos culturais do sertão e, para esses jovens, a cultura sertaneja permanece viva e é bastante valorizada, tanto que uma aluna chegou a expressar que ama vaquejada. Perguntados sobre o que significa ser um(a) sertanejo(a), assim se posicionaram:

H-n.1(GF5): Preservar a cultura: forró; a comida: buchada, gosto muito de buchada; bode, carne de bode. M-n.3(GF5): Feijão de corda, carne de sol... H-n.1(5): Vaquejada, vaquejada! M-n.3(GF5): Amo vaquejada! É uma cultura que é bem preservada. Pesquisadora: Aqui tem? M-n.3(GF5): Tem! H-n.1(GF5): Ser sertanejo é quem vive essa cultura *aí*. Pesquisadora: E para quem mora na cidade ou no meio rural, tem alguma diferença? H-n.1(5): A cultura não varia muito não. Viver nessa cultura sertaneja: comida, dança, arte, esporte... Pesquisadora: Que esporte? H-n.1(GF5): Vaquejada. Pesquisadora: Ah, vaquejada é um esporte? Todos: Sim! H-n.1(GF5): É sim, vaquejada é um esporte. [...] Pesquisadora: Sertanejo tem uma característica forte? Os demais pesquisados de outros grupos falaram... H-n.1(GF5): Sobrevivente da seca. M-n.3(GF5): Um herói, um guerreiro. Pesquisadora: Então sertanejo não tem a ver só com o lugar... tem a ver com essas características que vocês me falaram, sobretudo da cultura. Vocês acham que isso está se perdendo, acabando? Todos: Não! Pesquisadora: Aqui em *Poço* não? H-n.1(GF5): Não, aqui não (Grupo focal 5, Poço Redondo, 2015). Legenda: H: Homem / M: Mulher. GF: Grupo focal.

Conquanto esses jovens de Poço Redondo considerem que a cultura sertaneja está sendo preservada, observa-se uma reconfiguração do sertão, inclusive dos próprios jovens. Nesta terceira questão que trata das identidades, de igual modo com os resultados encontrados por

esta autora no mestrado (MENEZES, 2012), a experiência de cursarem o ensino médio em escolas urbanas resultou em mudanças no modo de ser e no comportamento dos jovens rurais pesquisados, com destaque para a sociabilidade com o conhecimento de mais pessoas nas cidades. Por se tratar de jovens que se encontram em momento de transição, as mudanças fazem parte do processo, mas a escola média também tem papel preponderante nessa fase de vida dos pesquisados.

Como síntese deste capítulo, pode-se afirmar que, de forma geral, os jovens inquiridos fazem parte de pequenos núcleos familiares, de um a três filhos, a maioria proprietária de pequenos lotes de terra, algumas famílias apenas residentes no meio rural, cujos pais são agricultores e produtores de leite e as mães se ocupam com os afazeres domésticos, no entanto, há pais pluriativos e com outras profissões. Assim, as famílias rurais na região deste estudo já não são tão numerosas e os pais não se ocupam apenas de agricultura. Embora minoria, há, inclusive, mães professoras, bem como um considerável percentual de pais aposentados e desempregados, principalmente em Poço Redondo. As respostas dos jovens rurais indicam um cenário geral de famílias em situação de pobreza, parte delas com rendimentos menores do que o salário mínimo, que se relacionado aos planos e expectativas juvenis de cursarem o nível superior, tornaria difícil aos pais assumirem os custos. É notório o desinteresse dos jovens rurais pela profissão de agricultor, não significa dizer contudo que haja rejeição ao campo, apenas que continuariam no meio rural sem necessariamente seguir a profissão dos pais e a propriedade como herança, até mesmo porque, diante de algumas propriedades bastante pequenas, torna-se difícil pensar em partilha. Mas há uma parcela de jovens indecisos, os quais admitiram que assumiriam a propriedade, a “depende do futuro” ou da “situação”. Há os que se preocupam em não deixar a cultura dos pais morrer, porém, quanto à aludida cultura, existem aqueles que não sabem fazer nenhum tipo de atividade rural, como plantar, colher, ordenhar, fazer queijo etc. A maioria dos jovens gosta de residir no campo, sem diferenças nos percentuais das respostas dos homens e das mulheres e com pouca diferenciação nos percentuais entre os que estudam em Poço Redondo e Nossa Senhora da Glória. Todos os jovens rurais que não gostam de morar no campo gostariam de sair desse espaço, caso pudessem; enquanto os que apreciam morar no campo estão divididos entre ficar ou sair; entretanto, é importante ressaltar que, mesmo entre os que desejam migrar para a cidade, mais uma vez não se observou desprezo pelo campo e seu modo de vida, nota-se a vontade de melhorar de vida e de sair em busca de oportunidade de trabalho, sendo a escola média o passaporte dessa mobilidade.

Os jovens rurais pesquisados, em sua maioria, afirmam que entre a escola no meio urbano e suas casas no meio rural não estão tendo o cuidado de falar de forma diferente, bem

como já não sentem dificuldade com a linguagem mais formal do ambiente escolar. Procuram usar a linguagem coloquial, mas não desconsideram a linguagem dos moradores do rural, os quais tratam como “eles” ou a linguagem “deles”, diferenciando-se destes por terem estudado. Quanto à relação que estabelecem com a escola, parece ser positiva, apesar de boa parte, sobretudo em Nossa Senhora da Glória, sentir-se discriminada no seio da comunidade escolar, notadamente entre os colegas.

9 INDIVIDUALIZAÇÕES

A separação de um capítulo para este tema decorre do fato de a escolarização no ensino médio parece ser um importante fator de individualização, capaz de provocar no jovem rural reflexões quanto a perspectivas de continuação dos estudos em nível superior, a possibilidade de fazer concursos públicos e, assim, a construção de planos de migração para carreiras mais urbanas e, por conseguinte, o afastamento das atividades agrícolas desenvolvidas pelos pais.

Uma parte das perguntas a ser analisada neste capítulo baseou-se no estudo de Seabra et al. (2011), que difere desta tese em termos de agentes pesquisados e do contexto empírico, por ser um trabalho de investigação sobre jovens autóctones e migrantes, estudantes do nono ano em escolas de Portugal. Contudo, assemelha-se como pesquisa realizada em um contexto escolar com jovens e abordar questões atuais relativas às identidades, ou seja, um ponto de convergência e, por isso, tomou-se a liberdade de buscar referência no questionário deste. Quanto à apreciação, há diferenças, de modo que, neste trabalho, faz-se uma análise específica ao espaço empírico e agentes estudados; porém, com atenção na análise das referidas autoras, a fim de visualizar possíveis pontos de aproximação. Em relação ao trabalho desta autora para o mestrado, a maior parte das questões discutidas neste capítulo são novas, com exceção das preferências musicais e culinárias, de modo que, diferentemente sobretudo dos capítulos seis e oito, Menezes (2012) será pouco referenciada nas discussões que se seguem.

Algumas questões inspiradas no trabalho de Seabra et al. (2011) foram: as famílias dos jovens rurais tem modos específicos de relacionamento com a escola? Quais as expectativas que depositam na escolaridade dos seus filhos? Que estratégias desenvolvem de apoio à escolarização? Além dessas questões, serão apresentadas análises referentes a como o jovem rural pesquisado ocupa seu tempo, bem como suas atitudes em face do futuro.

9.1 COMO O JOVEM RURAL PESQUISADO OCUPA SEU TEMPO

A respeito de como os jovens rurais pesquisados ocupam seu tempo, 61,3% ouvem música e assistem televisão diariamente; porém, 71,3% nunca foram ao cinema. Televisão há nos lares rurais, música é bastante acessível, mas cinema não, já que não existe em nenhuma das cidades pesquisadas, o que dificulta o acesso. Analisando-se por município, 75% das moças de Poço Redondo assistem televisão diariamente, em relação a 48,1% das moças de Nossa Senhora da Glória; bem como foi maior o percentual dos jovens de Nossa Senhora da Glória que raramente assistem televisão, sendo 31,6% dos rapazes e 18,5% das moças (Tabela 94).

Tabela 94 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Indique com que frequência você se dedica às seguintes atividades...”, 2015

| Respostas | | Poço Redondo | | Nossa Senhora da Glória | | Total (%) |
|-----------------------|----------------|--------------|-------|-------------------------|-------|-----------|
| | | H (%) | M (%) | H (%) | M (%) | |
| Ver televisão | Diariamente | 64,3 | 75,0 | 63,2 | 48,1 | 61,3 |
| | Fins de semana | 14,3 | 10,0 | 5,3 | 22,2 | 13,8 |
| | Férias | | | | 3,7 | 1,3 |
| | Raramente | 14,3 | 10,0 | 31,6 | 18,5 | 18,8 |
| | NR | 7,1 | 5,0 | | 7,4 | 5,0 |
| Ouvir música | Diariamente | 57,1 | 70,0 | 63,2 | 55,6 | 61,3 |
| | Fins de semana | 7,1 | 10,0 | 10,5 | 11,1 | 10,0 |
| | Férias | | | | | |
| | Raramente | 21,4 | 15,0 | 15,8 | 18,5 | 17,5 |
| | Nunca/NR | 14,3 | 5,0 | 10,5 | 14,8 | 11,3 |
| Jogar no computador | Diariamente | 28,6 | 30,0 | 15,8 | 11,1 | 20,0 |
| | Fins de semana | | 15,0 | 5,3 | 3,7 | 6,3 |
| | Férias | 7,1 | | | | 1,3 |
| | Raramente | 21,4 | 25,0 | 42,1 | 40,7 | 33,8 |
| | Nunca/NR | 42,9 | 30,0 | 36,8 | 44,4 | 38,8 |
| Pesquisar na internet | Diariamente | 35,7 | 35,0 | 42,1 | 33,3 | 36,3 |
| | Fins de semana | 14,3 | 5,0 | 5,3 | 7,4 | 7,5 |
| | Férias | 7,1 | | | | 1,3 |
| | Raramente | 21,4 | 30,0 | 31,6 | 33,3 | 30,0 |
| | Nunca/NR | 21,4 | 30,0 | 21,1 | 25,9 | 25,0 |
| Passear | Diariamente | 21,4 | | 10,5 | 18,5 | 12,5 |
| | Fins de semana | 42,9 | 45,0 | 15,8 | 48,1 | 38,8 |
| | Férias | 7,1 | 15,0 | 31,6 | 7,4 | 15,0 |
| | Raramente | 14,3 | 35,0 | 31,6 | 7,4 | 21,3 |
| | Nunca/NR | 14,3 | 5,0 | 10,5 | 18,5 | 12,5 |
| Ir ao cinema | Diariamente | | | | | |
| | Fins de semana | 7,1 | 5,0 | | | 2,5 |
| | Férias | | 10,0 | 21,1 | 3,7 | 8,8 |
| | Raramente | 14,3 | 20,0 | 15,8 | 18,5 | 17,5 |
| | Nunca/NR | 78,6 | 65,0 | 63,2 | 77,8 | 71,3 |
| Ler | Diariamente | 35,7 | 25,0 | 26,3 | 48,1 | 35,0 |
| | Fins de semana | 7,1 | 20,0 | 36,8 | 25,9 | 23,8 |
| | Férias | 7,1 | | | | 1,3 |
| | Raramente | 28,6 | 45,0 | 21,1 | 11,1 | 25,0 |
| | Nunca/NR | 21,4 | 10,0 | 15,8 | 14,8 | 15,0 |
| Ir a show, bar | Diariamente | 7,1 | | 5,3 | | 2,5 |
| | Fins de semana | 28,6 | 7,4 | 31,6 | 14,8 | 20,0 |
| | Férias | | 28,6 | | 7,4 | 5,0 |
| | Raramente | 42,9 | 15,1 | 36,8 | 51,9 | 43,8 |
| | Nunca/NR | 21,4 | 26,7 | 26,3 | 25,9 | 28,8 |
| Ir a café | Diariamente | 28,6 | 15,0 | 5,3 | 11,1 | 13,8 |
| | Fins de semana | 35,7 | 15,0 | 36,8 | 37,0 | 31,3 |
| | Férias | 7,1 | | | 3,7 | 2,5 |
| | Raramente | 14,3 | 45,0 | 47,4 | 29,6 | 35,0 |
| | Nunca/NR | 14,3 | 25,0 | 10,5 | 18,5 | 17,5 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres / NR: Não responderam.

Apenas 20% dos jovens rurais jogam diariamente no computador e isso demonstra um percentual elevado, visto se tratar de estudantes do último ano do ensino médio. Nem todos possuem computador em casa, de forma que 33,8% raramente jogam no computador e 38,8% nunca jogam. Interessante notar que, em relação aos de Poço Redondo, os jovens de Nossa Senhora da Glória são os que menos jogam diariamente no computador, possivelmente pelo

fato de uma das escolas desse município ser de ensino integral e bastante voltada para o objetivo de aprovação de seus alunos no ENEM (Tabela 94).

Quanto a pesquisar na internet, os percentuais se equipararam por gênero e por município, com leve alta no caso dos rapazes de Nossa Senhora da Glória. Diante do fato que pouco usam o computador e como praticamente todos possuem celulares, fica a hipótese de que o acesso ocorre por meio dos *smartphones*. Os jovens rurais leem menos do que assistem tevê, sendo que, nessa fase da vida, a leitura é imprescindível. Claro que desde o ensino fundamental, no entanto, muito do que os adultos levam de conhecimento e de cultura durante suas vidas vêm da leitura realizada durante a juventude, época em que se tem mais tempo disponível para tal atividade, quando na vida adulta geralmente a leitura torna-se mais específica. Além disso, a prática da leitura permite ao jovem desenvolver habilidades como interpretação de texto e boa redação. Sob essa ótica, 35% dos jovens leem diariamente, ao passo que 61,3% veem televisão diariamente. Das moças de Poço Redondo, 75% assistem tevê todos os dias, enquanto a leitura diária atingiu o percentual de 25% (Tabela 94).

Tabela 95 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Onde e com que frequência você costuma usar o computador?”, 2015

| Respostas | | Poço Redondo | | Nossa Senhora da Glória | | Total (%) |
|--------------------------------|---------------|--------------|-------|-------------------------|-------|-----------|
| | | H (%) | M (%) | H (%) | M (%) | |
| Em casa | Muitas vezes | 14,3 | 25,0 | 26,3 | 22,2 | 22,5 |
| | Algumas vezes | | 5,0 | 15,8 | 22,2 | 12,5 |
| | Poucas vezes | 14,3 | 25,0 | | 14,8 | 13,8 |
| | Nunca/NR | 71,4 | 45,0 | 57,9 | 40,7 | 51,3 |
| Na escola | Muitas vezes | | | | | |
| | Algumas vezes | | 5,0 | 5,3 | 14,8 | 7,5 |
| | Poucas vezes | | 10,0 | 47,4 | 29,6 | 23,8 |
| | Nunca/NR | 100,0 | 85,0 | 47,4 | 55,6 | 68,8 |
| Em casa de amigos e familiares | Muitas vezes | | 5,0 | 5,3 | 3,7 | 3,8 |
| | Algumas vezes | | 35,0 | 15,8 | 29,6 | 22,5 |
| | Poucas vezes | 28,6 | 20,0 | 31,6 | 22,2 | 25,0 |
| | Nunca/NR | 71,4 | 40,0 | 47,4 | 44,4 | 48,8 |
| Na biblioteca | Muitas vezes | 7,1 | | | | 1,3 |
| | Algumas vezes | 7,1 | 5,0 | | 3,7 | 3,8 |
| | Poucas vezes | | 20,0 | | 22,2 | 12,5 |
| | Nunca/NR | 85,7 | 75,0 | 100,0 | 74,1 | 82,5 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres / NR: Não responderam.

Sobre o uso do computador, os jovens rurais, em sua maioria, nunca o fazem em casa, nem na escola, nem na biblioteca. Apenas 22% fazem uso do computador em casa, deduz-se que seja pela ausência do equipamento nas demais casas, visto que na questão relativa aos bens que possuem em suas residências discutida anteriormente, 36,6% responderam que têm acesso à internet e 35% possuem computadores/*notebooks*. Das moças de Poço Redondo, 25% indicaram que acessam muitas vezes o computador, 5% algumas vezes e 25% poucas vezes;

porém, segundo respostas destas, apenas 20% possuem acesso à internet e computadores em casa. Na escola, nenhum dos jovens faz uso do computador muitas vezes, enquanto 68,8% nunca usa. Os rapazes de Poço Redondo nunca usam computador na escola. Já em casa de familiares e amigos, 22,5% usam o computador algumas vezes, 25% poucas vezes e 48,8% nunca usam. Na biblioteca, 12,5% usam poucas vezes e 82,5% nunca usam, um indicativo da ausência ou pouco acesso às tecnologias de informação e comunicação no meio rural e, sobretudo, nas escolas (Tabela 95). O computador e a internet são importantes aliados para o conhecimento e a educação. Essa modernidade tecnológica precisa chegar a todas as escolas, tanto para os alunos como para os professores, de modo que não se compreende, sobretudo na escola de Poço Redondo, percentuais elevados de jovens estudantes do ensino médio ainda sem acesso ao computador e à internet durante sua escolarização.

9.2 APOIO À ESCOLARIZAÇÃO

Questionou-se se as famílias dos jovens rurais teriam modos específicos de relacionamento com a escola; quais as expectativas depositadas na escolaridade dos filhos e as estratégias desenvolvidas de apoio à escolarização.

De acordo com trabalho conduzido por Seabra com famílias de distintas condições de classe, níveis de escolaridade e origens nacionais, a condição de classe e a escolaridade dos progenitores são fatores de diferenciação que estrutura as estratégias educativas familiares (SEABRA, 1999 apud SEABRA et al., 2011). Em outras palavras, no caso de famílias mais favorecidas, há uma tendência de crer que a escola deve ampliar suas atividades educacionais, não a contradizendo, mas compartilhando responsabilidades. Isso significa que os pais participam na vida da escola e mostram disposição em participar nas decisões da mesma. As famílias das classes populares, de outro lado, sentem a escola como algo que lhes é de fora e superior, isto é, algo que não dominam nem aspiram a fazê-lo. Nesse caso, a escola é vista como instância com um papel bem diferente do da família, em que os professores devem cuidar da instrução e a função educativa se limitaria à família. Filipouski e Nunes (2012) também se reportam a essa questão. Esta tese trata especificamente de famílias de classes populares, pois os estudantes são filhos, em sua maioria, de agricultores com baixa escolaridade.

Seabra et al. (2011) buscaram conhecer os modos de relação que as famílias estabelecem com a escolaridade de seus descendentes e fizeram uso de uma série de indicadores no intuito de compreender a frequência de determinados comportamentos protagonizados pelos pais considerados “medida” do seu investimento escolar, tais como controle das faltas, ajuda na

realização dos trabalhos para casa, visualização dos testes corrigidos, conhecimento das notas e datas dos testes e ida às reuniões da escola e, por outro lado, da substância dos temas abordados nas conversas quotidianas relacionadas com a escolaridade. Assim, diante dos interessantes resultados obtidos pelas referidas autoras, fez-se uso de idênticos indicadores no questionário aplicado para esta tese.

Os resultados apresentados na Tabela 96 sinalizam com um moderado nível de envolvimento em três aspectos: saber das faltas, das notas e data das provas; porém, com significativas diferenças por gênero, especialmente no controle de faltas escolares e na data das provas.

Tabela 96 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Na sua família, com que frequência costumam...”, 2015

| Respostas | | Poço Redondo | | Nossa Senhora da Glória | | Total (%) |
|-------------------------------------|---------------|--------------|-------|-------------------------|-------|-----------|
| | | H (%) | M (%) | H (%) | M (%) | |
| Controlar suas faltas escolares | Muitas vezes | 21,4 | 60,0 | 42,1 | 66,7 | 51,3 |
| | Algumas vezes | 50,0 | | 31,6 | 7,4 | 18,8 |
| | Poucas vezes | | 25,0 | 5,3 | 3,7 | 8,8 |
| | Nunca/NR | 28,6 | 15,0 | 21,1 | 22,2 | 21,3 |
| Ajudar a fazer as tarefas escolares | Muitas vezes | 7,1 | 20,0 | | 18,5 | 12,5 |
| | Algumas vezes | 14,3 | 35,0 | 15,8 | 48,1 | 31,3 |
| | Poucas vezes | 28,6 | 35,0 | 26,3 | 7,4 | 22,5 |
| | Nunca/NR | 50,0 | 10,0 | 57,9 | 25,9 | 33,8 |
| Saber das suas notas | Muitas vezes | 42,9 | 65,0 | 52,6 | 63,0 | 57,5 |
| | Algumas vezes | 21,4 | 10,0 | 21,1 | 22,2 | 18,8 |
| | Poucas vezes | | 20,0 | 15,8 | 3,7 | 10,0 |
| | Nunca/NR | 35,7 | 5,0 | 10,5 | 11,1 | 13,8 |
| Saber quando você terá prova | Muitas vezes | 35,7 | 55,0 | 52,6 | 66,7 | 55,0 |
| | Algumas vezes | 28,6 | 10,0 | 10,5 | 22,2 | 17,5 |
| | Poucas vezes | 21,4 | 25,0 | 31,6 | | 17,5 |
| | Nunca/NR | 14,3 | 10,0 | 5,3 | 11,1 | 10,0 |
| Ver suas provas corrigidas | Muitas vezes | 28,6 | 40,0 | 36,8 | 66,7 | 46,3 |
| | Algumas vezes | 21,4 | 20,0 | 5,3 | 18,5 | 16,3 |
| | Poucas vezes | 14,3 | 20,0 | 10,5 | | 10,0 |
| | Nunca/NR | 35,7 | 20,0 | 47,4 | 14,8 | 27,5 |
| Ir às reuniões da escola | Muitas vezes | 64,3 | 35,0 | 26,3 | 51,9 | 43,8 |
| | Algumas vezes | 7,1 | 30,0 | 47,4 | 14,8 | 25,0 |
| | Poucas vezes | | 30,0 | 5,3 | 11,1 | 12,5 |
| | Nunca/NR | 28,6 | 5,0 | 21,1 | 22,2 | 18,8 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres / NR: Não responderam.

Em referência à ajuda nas atividades escolares, não há muito envolvimento dos pais, especialmente em relação aos rapazes, devido ao fato de os jovens estarem no ensino médio e os pais, em grande parte, terem tido apenas ao ensino fundamental menor. Dos rapazes, 50% de Poço Redondo e 57,9% de Nossa Senhora da Glória, ao contrário das moças, das quais 10% de Poço Redondo e 25,9% de Nossa Senhora da Glória, nunca têm auxílio nas resoluções das tarefas escolares, cuja lacuna deve estar associada à falta de conhecimento dos pais sobre estas.

Tabela 97 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Com a sua família, com que frequência você costuma falar sobre...”, 2015

| Respostas | | Poço Redondo | | Nossa Senhora da Glória | | Total (%) |
|--|---------------|--------------|-------|-------------------------|-------|-----------|
| | | H (%) | M (%) | H (%) | M (%) | |
| Sentimentos | Muitas vezes | 7,1 | 35,0 | | 33,3 | 21,3 |
| | Algumas vezes | 14,3 | 20,0 | 21,1 | 29,6 | 22,5 |
| | Poucas vezes | 28,6 | 25,0 | 36,8 | 22,2 | 27,5 |
| | Nunca/NR | 50,0 | 20,0 | 42,1 | 14,8 | 28,8 |
| Comportamentos na escola | Muitas vezes | 14,3 | 50,0 | 5,3 | 44,4 | 31,3 |
| | Algumas vezes | 14,3 | 30,0 | 42,1 | 25,9 | 28,8 |
| | Poucas vezes | 35,7 | 20,0 | 31,6 | 14,8 | 23,8 |
| | Nunca/NR | 35,7 | | 21,1 | 14,8 | 16,3 |
| Amigos | Muitas vezes | 35,7 | 60,0 | 31,6 | 51,9 | 46,3 |
| | Algumas vezes | 21,4 | 30,0 | 31,6 | 33,3 | 30,0 |
| | Poucas vezes | 21,4 | 10,0 | 21,1 | 3,7 | 12,5 |
| | Nunca/NR | 21,4 | | 15,8 | 11,1 | 11,3 |
| Notas | Muitas vezes | 28,6 | 65,0 | 26,3 | 59,3 | 47,5 |
| | Algumas vezes | 35,7 | 25,0 | 26,3 | 25,9 | 27,5 |
| | Poucas vezes | 7,1 | 5,0 | 31,6 | 7,4 | 12,5 |
| | Nunca/NR | 28,6 | | 15,8 | 7,4 | 11,3 |
| Professores | Muitas vezes | 21,4 | 55,0 | | 51,9 | 35,0 |
| | Algumas vezes | 42,9 | 30,0 | 47,4 | 33,3 | 37,5 |
| | Poucas vezes | 7,1 | 10,0 | 42,1 | 7,4 | 16,3 |
| | Nunca/NR | 28,6 | | 10,5 | 7,4 | 10,0 |
| O que você gosta mais ou menos na escola | Muitas vezes | 14,3 | 35,0 | 5,3 | 29,6 | 22,5 |
| | Algumas vezes | 21,4 | 35,0 | 31,6 | 29,6 | 30,0 |
| | Poucas vezes | 28,6 | 25,0 | 31,6 | 25,9 | 27,5 |
| | Nunca/NR | 35,7 | 5,0 | 31,6 | 14,8 | 20,0 |
| O que você quer ser no futuro | Muitas vezes | 35,7 | 55,0 | 57,9 | 81,5 | 61,3 |
| | Algumas vezes | 28,6 | 25,0 | 10,5 | 3,7 | 15,0 |
| | Poucas vezes | 7,1 | 10,0 | 21,1 | 3,7 | 10,0 |
| | Nunca/NR | 28,6 | 10,0 | 10,5 | 11,1 | 13,8 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres / NR: Não responderam.

Esse ponto, porém, retoma a discussão apresentada por Charlot (2007) referente às normas e aos valores da juventude contemporânea e uma questão importante hoje: a individualização, como uma forma de reivindicar autonomia para eleger, com base em seus valores, aquilo que percebe como melhor para sua vida, em uma busca de liberdade individual aliada ao desenvolvimento pessoal. De modo que, na altura da finalização para o ensino médio, prestes a, quem sabe, ingressar no ensino superior, por certo, em busca da individualização, não se submetam a uma vigilância mais estreita dos pais ou a hipótese aventada por Seabra et al. (2011) de descuido das famílias de classes menos favorecidas. Tendo em vista, a existência de um movimento por parte de psicólogos para que os pais de classe média liberem mais os filhos a fim de que estes cresçam e obtenham independência, pois os monitoram tão de perto como se fossem o centro do universo, que não lhes sobra espaço para a individualização.

Os dados sobre a frequência com que os jovens pesquisados abordam certos temas em casa, sobretudo no que diz respeito à vida escolar, apontam para uma variedade de assuntos, já que a maioria dos itens se supõe recorrentes nas conversas com os membros da família. Os

temas mais discutidos pelos jovens rurais reportam-se ao que querem ser no futuro, aos amigos e às notas escolares (Tabela 97). Já as temáticas de menor ocorrência se referem a uma escala mais subjetiva, como sentimentos, especialmente no caso masculino. O assunto mais corriqueiro deles recai nas expectativas profissionais, enquanto as moças se mostram mais expressivas e espontâneas em todos os aspectos.

Tabela 98 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Sobre seu futuro, até quando você gostaria de estudar?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|------------------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| 3º ano do ensino médio | 2 | 14,3 | 1 | 5,0 | 1 | 5,3 | 2 | 7,4 | 6 | 7,5 |
| Nível superior | 12 | 85,7 | 18 | 90,0 | 16 | 84,2 | 24 | 88,9 | 70 | 87,5 |
| Outra | | | | | | | | | | |
| Não sei | | | 1 | 5,0 | 1 | 5,3 | 1 | 3,7 | 3 | 3,8 |
| Não respondeu | | | | | 1 | 5,3 | | | 1 | 1,3 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Tabela 99 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Até quando é que sua família gostaria que você estudasse?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|------------------------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| 9º ano do ensino fundamental | | | | | | | | | | |
| 3º ano do ensino médio | 2 | 14,3 | 3 | 15,0 | 2 | 10,5 | 4 | 14,8 | 11 | 13,8 |
| Nível superior | 11 | 78,6 | 12 | 60,0 | 14 | 73,7 | 19 | 70,4 | 56 | 70,0 |
| Não sei | 1 | 7,1 | 5 | 25,0 | 3 | 15,8 | 3 | 11,1 | 12 | 15,0 |
| Não respondeu | | | | | | | 1 | 3,7 | 1 | 1,3 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Para Bourdieu (2004c), os próprios interesses familiares, inclusive dos progenitores que não desejam ver os filhos descenderem abaixo de seu nível, os interesses dos filhos que não querem ser desclassificados, pois virão a sentir o fracasso com maior ou menor resignação ou revolta de acordo com sua origem, vão conduzir a estratégias diversas e inventivas, cuja finalidade é a manutenção da posição. Neste caso, não se referindo às classes menos favorecidas, cujo interesse funda-se em subir de posição, mesmo desprovidas de “diversas e inventivas estratégias”, mas com táticas e astúcias, conforme salientado por Certeau (2014).

No Brasil, com o sistema de cotas como uma política afirmativa – neste caso, aplicam-se especialmente as cotas socioeconômicas –, os pais dos jovens pesquisados que, em grande parte, possuem o nível fundamental incompleto, desejam que os filhos ingressem em cursos como medicina. De acordo com os dados obtidos, para 70% dos jovens rurais, os pais almejam que cursem o nível superior. Os estudantes, por sua vez, ultrapassam o desejo dos pais, visto que o percentual atinge 87,5% na expectativa de cursar uma faculdade.

Embora os pais não sejam formados nem os filhos tenham capital cultural herdado, estes, se granjearem eles próprios o diploma, obterão o capital escolar, ocorrendo o que Bourdieu denomina de “ruptura da correspondência” (BOURDIEU, 2011a, p. 124). Apesar de já se começar a perceber o que esse sociólogo chamava a atenção, quer dizer, certa desvalorização de algumas posições – e dos diplomas que garantem o acesso a elas –, com o aumento considerável no número de ingressantes das classes menos favorecidas no nível superior; mesmo assim, o diploma universitário ainda é muito desejado, sobretudo o da área de medicina, a mais citada pelos jovens pesquisados.

Entre os efeitos do processo de inflação dos diplomas e da desvalorização correlata que, aos poucos, obrigou todas as classes e frações de classes – a começar pelas que mais utilizam a escola – a intensificar incessantemente a utilização da escola e, assim, por sua vez, contribuir para a superprodução de diplomas, o mais importante é, sem qualquer dúvida, o conjunto de estratégias implementadas pelos detentores de diplomas, o equivalente real ao que estes garantiam em um estado anterior da relação entre diploma e cargos. Sabendo que a garantia do diploma – cuja proximidade, neste aspecto, ao título de nobreza é maior que à espécie de título de propriedade em que é transformado pelas definições estritamente técnicas – baseia-se, na experiência social, em algo infinitamente maior, além de ser diferente, do que o direito de ocupar uma posição e a capacidade de desempenhá-la, imagina-se facilmente que os detentores de diplomas desvalorizados sentem pouca propensão a perceber [...] e reconhecer a desvalorização de diplomas aos quais estão fortemente identificados de um ponto de vista objetivo (em grande parte, eles são constitutivos de sua *identidade social*) e, ao mesmo tempo, subjetivo. (BOURDIEU, 2011a, p. 134, grifos do autor).

De acordo com esse autor, no *continuum* entre gostos de luxo e gostos de necessidade, pode-se distinguir na classe dominante três estruturas de consumo distribuídas em três itens principais: alimentação, cultura e despesas com apresentação de si e com representação. Para se distinguirem, há grupos que consomem mais um item em relação a outro. Por exemplo, os professores gastam mais com cultura do que em despesas com apresentação de si. Quanto a cultura apresentada por Bourdieu (2011a) como consumo de luxo, os jovens pesquisados certamente não têm acesso, mas o diploma é algo que almejam alcançar sem as estratégias, sem altos investimentos, mediante táticas que os permitam aproveitar a oportunidade do momento.

Alguns alunos apresentaram as pretensões como “médico ou advogado”; “enfermeira ou pedagoga”; “direito ou medicina veterinária”, ou seja, profissões sem muita relação, mas que distinguem, sendo que no caso de enfermeira ou pedagoga, a primeira é da área de saúde, que confere maior distinção, enquanto a segunda opção certamente tem a ver com as possibilidades reais de ingresso, visto ser menos concorrida, mas obtém o diploma.

Chama a atenção o fato de, às vésperas do vestibular, pois se a pesquisa é com jovens do último ano do ensino médio, uma das maiores frequências de respostas foi “não sei” (21,3%)

Um segundo ponto que chama a atenção é em relação à pergunta “Que profissão é que seus pais gostariam que você tivesse?”, 13,8% do total de jovens rurais responderam – sendo 22,2% das moças de Nossa Senhora da Glória – que escolheriam a profissão que quisessem (Tabela 100). Sendo assim, uma parcela indica atitudes relacionadas ao conceito de individualização. Ademais, 23,8% dos jovens rurais, com destaque para 37% de moças de Nossa Senhora da Glória, a respeito se concordam com a escolha dos pais, responderam “não”, demonstrando, mais uma vez, que há certo grau de individualização entre os jovens pesquisados, com ênfase para as moças de Nossa Senhora da Glória (Tabela 101).

Tabela 101 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você concorda?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-----------------------------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 6 | 42,9 | 9 | 45,0 | 5 | 26,3 | 12 | 44,4 | 32 | 40,0 |
| Não | 1 | 7,1 | 4 | 20,0 | 4 | 21,1 | 10 | 37,0 | 19 | 23,8 |
| Concordo em parte (mais ou menos) | | | | | 2 | 10,5 | 1 | 3,7 | 3 | 3,8 |
| Não responderam | 7 | 50,0 | 7 | 35,0 | 8 | 42,1 | 4 | 14,8 | 26 | 32,5 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

9.3 ATITUDES DIANTE DO FUTURO

Depois de explorados os projetos escolares e profissionais dos jovens alunos, dá-se conta, sumariamente, de algumas das suas atitudes, crenças ou disposições diante do futuro. Ao utilizarem como referência a vida dos pais, nenhum jovem indicou que terá uma vida pior que a daqueles, ao passo que 87,5% dos alunos esperam ter uma vida melhor que a de seus progenitores (Tabela 102). Essa indicação é especialmente expressiva entre as moças, o que demonstra expectativas arrojadas.

Tabela 102 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “O que você considera que vai ser mais provável no seu futuro?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|--|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Vou ter uma vida igual a de meus pais | 2 | 14,3 | 2 | 10,0 | 3 | 15,8 | 1 | 3,7 | 8 | 10,0 |
| Vou ter uma vida pior que a de meus pais | | | | | | | | | | |
| Vou ter uma vida melhor que a de meus pais | 11 | 78,6 | 18 | 90,0 | 15 | 78,9 | 26 | 96,3 | 70 | 87,5 |
| Não responderam | 1 | 7,1 | | | 1 | 5,3 | | | 2 | 2,5 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Porém, tendo em consideração se sabem exatamente o que querem, na casa dos 50-60%, os alunos foram mais moderados, com exceção de 35,7% dos rapazes de Poço Redondo (Tabela 103). As moças evidenciam expectativas mais arrojadas que os rapazes, bem como em relação às atitudes em face do futuro também parecem bastante animadas, pois a grande maioria crê que “é tudo uma questão de esforço”.

Tabela 103 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Em que medida você concorda com as seguintes frases em relação ao seu futuro?”, 2015

| Respostas | | Poço Redondo | | Nossa Senhora da Glória | | Total (%) |
|--------------------------------|-------------------|--------------|-------|-------------------------|-------|-----------|
| | | H (%) | M (%) | H (%) | M (%) | |
| Sei exatamente o que quero | Concordo | 35,7 | 50,0 | 52,6 | 59,3 | 51,3 |
| | Concordo em parte | 14,3 | 15,0 | 31,6 | 29,6 | 23,8 |
| | Discordo | 7,1 | 10,0 | 10,5 | 3,7 | 7,5 |
| | Não sei | 21,4 | 15,0 | 5,3 | 0,0 | 8,8 |
| | Não respondeu | 21,4 | 10,0 | | 7,4 | 8,8 |
| É tudo uma questão de sorte | Concordo | 7,1 | 10,0 | | 14,8 | 8,8 |
| | Concordo em parte | 50,0 | 25,0 | 15,8 | 14,8 | 23,8 |
| | Discordo | 21,4 | 45,0 | 73,7 | 55,6 | 51,3 |
| | Não sei | 0,0 | 5,0 | | 3,7 | 2,5 |
| | Não respondeu | 21,4 | 15,0 | 10,5 | 11,1 | 13,8 |
| Sou eu que decido o meu futuro | Concordo | 21,4 | 40,0 | 47,4 | 29,6 | 35,0 |
| | Concordo em parte | 28,6 | 25,0 | 31,6 | 37,0 | 31,3 |
| | Discordo | 28,6 | 15,0 | 5,3 | 14,8 | 15,0 |
| | Não sei | 7,1 | 5,0 | 5,3 | | 3,8 |
| | Não respondeu | 14,3 | 15,0 | 10,5 | 18,5 | 15,0 |
| É inútil pensar no futuro | Concordo | 7,1 | 30,0 | 10,5 | 14,8 | 16,3 |
| | Concordo em parte | 14,3 | 15,0 | 15,8 | 22,2 | 17,5 |
| | Discordo | 57,1 | 45,0 | 68,4 | 48,1 | 53,8 |
| | Não sei | 7,1 | | | 3,7 | 2,5 |
| | Não respondeu | 14,3 | 10,0 | 5,3 | 11,1 | 10,0 |
| É tudo uma questão de esforço | Concordo | 64,3 | 85,0 | 94,7 | 81,5 | 82,5 |
| | Concordo em parte | 35,7 | 5,0 | | 7,4 | 10,0 |
| | Discordo | | | | 11,1 | 3,8 |
| | Não sei | | | | | |
| | Não respondeu | | 10,0 | 5,3 | | 3,8 |
| É inútil fazer projetos | Concordo | 42,9 | 15,0 | | 3,7 | 12,5 |
| | Concordo em parte | 28,6 | 40,0 | 26,3 | 18,5 | 27,5 |
| | Discordo | 14,3 | 30,0 | 68,4 | 51,9 | 43,8 |
| | Não sei | | 5,0 | 5,3 | 7,4 | 5,0 |
| | Não respondeu | 14,3 | 10,0 | | 18,5 | 11,3 |
| Tenho confiança em mim | Concordo | 85,7 | 50,0 | 63,2 | 66,7 | 65,0 |
| | Concordo em parte | | 30,0 | 26,3 | 22,2 | 21,3 |
| | Discordo | | 5,0 | | 3,7 | 2,5 |
| | Não sei | | | | | |
| | Não respondeu | 14,3 | 15,0 | 10,5 | 7,4 | 11,3 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Nesse quesito, os rapazes de Poço Redondo foram os que apresentaram menor percentual para concordo (64,3%), ao passo que 85% das moças de Poço Redondo, 94,7% dos rapazes de Nossa Senhora da Glória e 81,5% das moças de Nossa Senhora da Glória concordam. Não obstante, são os rapazes de Poço Redondo os que mais têm confiança em si: 85,7% em relação a percentuais que oscilaram entre 50-66% para os demais jovens. Não foram poucos os alunos que afirmaram ser inútil fazer projetos, pois 12,5% concordam e 27,5% concordam em parte, com destaque para 42,9% dos rapazes de Poço Redondo que concordam (Tabela 103).

9.4 OS GOSTOS MUSICAIS E GASTRONÔMICOS

Com relação aos gostos gastronômicos, as respostas dos jovens rurais se encaixam em cinco tipos: o trivial (arroz, feijão, carne, salada, sopa etc.); frutas e verduras; comidas tipicamente regionais (buchada de bode, galinha caipira, inhame, tapioca, cuscuz etc.); lanches/guloseimas e alimentos que, embora populares e bastante apreciados, não são característicos da região, como lasanha, pizza etc. Os gostos gastronômicos dos inquiridos seguem o padrão assinalado na pesquisa de Menezes (2012), com poucas variações; porém, pratos típicos, tais como buchada de bode e cuscuz com tripa foram lembrados por jovens de Poço Redondo. Quando se pensou em avançar na pesquisa do mestrado, incluindo-se neste estudo o município mais rural da região, esperava-se que os pratos mais regionais fossem mencionados, o que, de fato ocorreu.

Dentre os mais preferidos estão, em sua maioria, pratos como lasanha (17% das respostas); porém, a pizza caiu muitas posições em relação à pesquisa de Menezes (2012), pois, desta vez, alcançou apenas 1,5% das respostas em relação aos 6,8% da pesquisa anterior. Das comidas típicas, sem contar o tradicional cuscuz, foram citados galinha caipira, buchada, arroz-doce, mungunzá, pirão de carne de galinha, tapioca, macaxeira, inhame e escondidinho de mandioca que, no conjunto, obtiveram 8,3% das respostas. Se cuscuz for adicionado às comidas típicas, o percentual atinge 12%, mas vale ressaltar que mais entre os jovens de Poço Redondo do que em Nossa Senhora da Glória.

Da alimentação “trivial”, os jovens citaram arroz (11,7% das respostas), feijão (12% das respostas) e carne (8,2% das respostas), conformando um típico prato brasileiro. Os alunos de Poço Redondo e os alunos de Nossa Senhora da Glória elegeram muitas vezes como preferidos os mesmos pratos. No entanto, nas nuvens de *tags* pode-se observar uma leve diferença entre a nuvem para o total de respostas e a de Poço Redondo em relação à culinária nordestina (Figura

7). Embora para os alunos, de forma geral, o prato predileto seja a lasanha, é ligeiramente menor a proporção dos alunos de Poço Redondo que indicaram essa preferência.

Figura 7 – Nuvens de tags referente à pergunta “Quais são suas comidas preferidas?”, Total: figura grande. Por municípios: figuras menores, sendo que a de cima refere-se a Poço Redondo e a de baixo a Nossa Senhora da Glória



Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Quanto ao gênero, as moças preferem as massas (macarrão, macarronada e lasanha), mas também as comidas saudáveis, já os rapazes de Poço Redondo as comidas típicas nordestinas, o “trivial” e as carnes, enquanto os rapazes de Nossa Senhora da Glória não apresentaram uma preferência mais acentuada: gostam moderadamente de massas, do trivial e, mais do que os demais jovens, não têm preferência ou gostam de tudo.

A preferência musical também foi pesquisada e as categorias que mais receberam respostas foram sertanejo (21,7% das respostas), forró (18,5% das respostas) e *rock* (7,5% das respostas), preferências que certamente não destoam do gosto da juventude brasileira. A toada, no entanto, não foi mencionada e a vaquejada recebeu apenas duas menções, ressaltando-se que de mulheres, ao passo que o típico forró pé de serra ficou ausente. Mais do que diferenças, os consumos musicais refletem semelhanças entre os jovens rurais de Poço Redondo e de Nossa Senhora da Glória (Tabela 104).

Tabela 104 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Qual o tipo de música que você mais gosta?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-------------------------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sertanejo | 4 | 22,2 | 4 | 16,7 | 4 | 16,7 | 8 | 30,8 | 20 | 21,7 |
| Forró | 3 | 16,7 | 3 | 12,5 | 8 | 33,3 | 3 | 11,5 | 17 | 18,5 |
| Rock | 3 | 16,7 | 2 | 8,3 | 1 | 4,2 | 1 | 3,8 | 7 | 7,6 |
| Gospel, evangélica, religiosa | 1 | 5,6 | 2 | 8,3 | 1 | 4,2 | 1 | 3,8 | 5 | 5,4 |
| Românticas | 1 | 5,6 | 2 | 8,3 | | | 2 | 7,7 | 5 | 5,4 |
| Funk | 1 | 5,6 | 1 | 4,2 | 1 | 4,2 | 1 | 3,8 | 4 | 4,3 |
| Pagode | 1 | 5,6 | 1 | 4,2 | 1 | 4,2 | | | 3 | 3,3 |
| Internacional | | | 1 | 4,2 | | | 2 | 7,7 | 3 | 3,3 |
| MPB | 1 | 5,6 | | | | | 1 | 3,8 | 2 | 2,2 |
| Vaquejada | 1 | 5,6 | | | | | 1 | 3,8 | 2 | 2,2 |
| Arrocha | | | | | 2 | 8,3 | | | 2 | 2,2 |
| Sertanejo universitário | | | 1 | 4,2 | 1 | 4,2 | | | 2 | 2,2 |
| Eletrônica | 1 | 5,6 | | | | | | | 1 | 1,1 |
| Reggae | 1 | 5,6 | | | | | | | 1 | 1,1 |
| Calmas | | | | | 1 | 4,2 | | | 1 | 1,1 |
| Axé-music | | | | | 1 | 4,2 | | | 1 | 1,1 |
| Clássica | | | | | | | 1 | 3,8 | 1 | 1,1 |
| POP | | | | | | | 1 | 3,8 | 1 | 1,1 |
| Tudo, quase tudo, eclética | | | 5 | 20,8 | 3 | 12,5 | 4 | 15,4 | 12 | 13,0 |
| Sem preferência | | | 2 | 8,3 | | | | | 2 | 2,2 |
| Total | 18 | 100,0 | 24 | 100,0 | 24 | 100,0 | 26 | 100,0 | 92 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Obs.: Alguns jovens pesquisados deram mais de uma resposta.

Os gostos musicais dos alunos inquiridos, independentemente do local de moradia, são razoavelmente parecidos. Esta análise, no entanto, mostra que quanto a identidades, diante da predileção dos jovens, pode-se deduzir que até sertanejo e forró, os principais estilos musicais elencados, possuem ampla difusão nos meios de comunicação, tanto no país como na região desta pesquisa.

[O gosto] é o princípio de tudo o que se tem, pessoas e coisas, e de tudo que se é para os outros, daquilo que serve de base para se classificar a si mesmo e pelo qual se é classificado. Os gostos (ou seja, as preferências manifestadas) são a afirmação prática de uma diferença inevitável. Não é por acaso que, ao serem obrigados a justificarem-se, eles afirmam-se de maneira totalmente negativa, pela recusa oposta a outros gostos: em matéria de gosto, mais que em qualquer outro aspecto, toda determinação é negação; e, sem dúvida, os gostos são, antes de tudo, *aversão*, feita de horror ou de intolerância visceral (“dá ânsia de vomitar”), aos outros gostos, aos gostos dos outros. Gostos e cores não se discutem: o motivo não é tanto pelo fato de que, na natureza, há gostos para tudo, mas porque cada gosto pretende estar baseado na natureza – e o é praticamente, sendo *habitus* –, lançando os outros no escândalo da contranaturalidade. [...] A aversão pelos estilos de vida diferentes é, sem dúvida, uma das mais fortes barreiras entre as classes. (BOURDIEU, 2011a, p. 56).

Nesse “jogo da distinção”, apenas uma moça elencou como preferência a música clássica. Fica aqui o questionamento: como há uma defasagem entre capital escolar e o capital cultural efetivamente possuído, que se encontra na origem de diferenças entre detentores de um

capital escolar idêntico, graças a quais disposições teria adquirido o gosto por música erudita? Ao diferenciar gosto e gastronomia, Bourdieu (2011a) afirma o gosto como um dom natural para reconhecer e apreciar a perfeição, ao passo que a gastronomia se refere a um conjunto de regras que presidem tanto a cultura como a educação do gosto; porém, visto que a oferta não se refere a esse estilo musical, no espaço social onde vive, a partir da condição de classe e condicionamentos sociais, diante da clássica fórmula bourdieusiana [(*habitus*) (capital)] + campo = prática, sem a coerência disposicional, tal gosto poderia ser considerado pertencente a uma *outsider*? Teria a ver com individualização? Vale ressaltar que hoje os gostos são cada vez mais plurais e diversificados, bem como há o acesso a outras opções que não se resumem a apenas ao veiculado pelos meios de comunicação.

9.5 TRABALHO E PROGRAMAS DE TRANSFERÊNCIA DE RENDA

À pergunta “você trabalha?”, para “Sim, sem carteira de trabalho assinada” foram obtidas 14,3% das respostas dos rapazes de Poço Redondo e 15,8% dos rapazes de Nossa Senhora da Glória; enquanto “trabalham com a família (remunerado)”, 35,7% dos rapazes de Poço Redondo e 21,1% dos rapazes de Nossa Senhora da Glória. Para a resposta “Ainda não tenho trabalho remunerado” os percentuais foram: 42,9% para os rapazes de Poço Redondo; 85% para as moças de Poço Redondo; 47,4% para os rapazes de Nossa Senhora da Glória e 88,9% das moças de Nossa Senhora da Glória (Tabela 105).

Tabela 105 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Atualmente, você desenvolve algum trabalho remunerado (pago)?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|---|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim, com carteira de trabalho assinada | 1 | 7,1 | | | 1 | 5,3 | | | 2 | 2,5 |
| Sim, sem carteira de trabalho assinada | 2 | 14,3 | 1 | 5,0 | 3 | 15,8 | | | 6 | 7,5 |
| Sim, trabalho com minha família (remunerado) | 5 | 35,7 | 1 | 5,0 | 4 | 21,1 | 1 | 3,7 | 11 | 13,8 |
| Sim, trabalho por conta própria, sou autônomo | | | | | 2 | 10,5 | | | 2 | 2,5 |
| Ainda não tenho trabalho remunerado (pago) | 6 | 42,9 | 17 | 85,0 | 9 | 47,4 | 24 | 88,9 | 56 | 70,0 |
| Não responderam | | | 1 | 5,0 | | | 2 | 7,4 | 3 | 3,8 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Mais do que aproximação por município, tem-se por gênero, pois 48,5% dos rapazes trabalham, seja com ou sem carteira assinada ou com a família, mas remunerados, ademais,

10,5% dos rapazes de Nossa Senhora da Glória são autônomos, o que aumentaria o percentual de rapazes ocupados para 54,6%; enquanto apenas 6,4% das moças trabalham (Tabela 105).

Dos que responderam, os rapazes de Nossa Senhora da Glória trabalham com as seguintes atividades: “Sou entregador”; “Trabalho como ajudante de mecânico em uma oficina de motos”; “Ajudo ao meu pai”; “[Eu,] meu pai e meus irmãos fazemos chapéu de couro para vender em outras regiões”; “Faço queijo e tiro leite”; “Trabalho em uma fazenda vizinha cuidando do gado” e “Cuido do gado e das pastagens”. Destes, apenas três indicaram que desenvolvem atividades voltadas para a agricultura. Dos rapazes de Poço Redondo, foram obtidas as seguintes respostas: “Algumas atividades”; “Ajudante”; “Compro algumas coisas para aumentar o dinheiro”; “No terreno”; “Cuido do gado”; “Eu trabalho na roça de ajudante”; “Tiro o leite”. Destes, cinco indicaram atividades relacionadas ao campo. Nenhuma das três moças que trabalham indicaram atividades no campo, mas duas responderam “cuido da casa onde moro” e “cuido dos meus primos”.

Brumer observa que existem “diferenças nos processos de socialização e nas oportunidades de inserção na atividade agrícola para rapazes e moças” (BRUMER, 2007, p. 39), além do que estes se diferenciam “nas representações sobre a vida no meio rural, sendo as moças mais críticas e com posições mais negativas do que os rapazes” em decorrência da “desvalorização das atividades que desempenham na agricultura familiar e pela invisibilidade do seu trabalho”. De fato, conforme dados apresentados na Tabela 106, a maioria das moças ajuda em casa fazendo algumas tarefas; porém, os rapazes, em um ambiente ainda bastante machista como o meio rural sertanejo, responderam que também ajudam nas tarefas domésticas.

Tabela 106 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Se não trabalha remunerado (pago) você ajuda em casa fazendo algumas tarefas?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-------------------------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 10 | 71,4 | 16 | 80,0 | 11 | 57,9 | 23 | 85,2 | 60 | 75,0 |
| Não | | | | | 1 | 5,3 | | | 1 | 1,3 |
| Às vezes | 3 | 21,4 | 1 | 5,0 | 4 | 21,1 | 1 | 3,7 | 9 | 11,3 |
| Eu trabalho remunerado (pago) | | | 2 | 10,0 | 2 | 10,5 | 1 | 3,7 | 5 | 6,3 |
| Não responderam | 1 | 7,1 | 1 | 5,0 | 1 | 5,3 | 2 | 7,4 | 5 | 6,3 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Conforme indicaram os rapazes, a ajuda vai desde atividades do campo como na própria casa e até a fazer comida: “Varrer a casa, lavar louça”; “Ajudo minha mãe, lavar os pratos algumas vezes”; “Ajudo a cuidar da casa”; “Nas coisas em casa, pano na casa [passar pano no chão]”; “Lavar louça, fazer comida”; “Trabalho ajudando o meu pai no campo”; “Alimento os

animais”; “Cuido dos porcos e da casa”; “Trabalho na roça” (rapazes, Poço Redondo). “Fazer queijo e cuidar do gado”; “Ajudo um pouco *de* tudo”; “Alimento os animais, ordenho as vacas, faço cerca, cuido do terreno”; “Trabalho na propriedade de meus pais mesmo”; “Antes de ir para o trabalho pela manhã, eu cuido do gado de casa”; “Ajudo meu pai na agricultura”; “Tarefas do campo”; “Eu ajudo em tudo minha família etc.”; “Cuido dos cavalos”; “Algumas vezes, ajudo meu pai na roça”; “Cuido dos bichos, ajudo a fazer as coisas dentro de casa como lavar a louça”; “Ajudando minha mãe nas atividades da casa”; “Lavar louça, secar, varrer casa etc.”; “Lavo prato, às vezes, arrumo a casa quando meus pais vão à cidade e outras mais etc.” (rapazes, Nossa Senhora da Glória). Estes rapazes ajudam nas tarefas domésticas, embora estejam mais voltados para as atividades do campo, conforme uma das respostas, a mais específica, bem detalhada sobre seu dia a dia:

[Ajudo a] tirar leite, alimentar os animais direto. E outras atividades temporárias, que não são sempre, mas todo ano fazemos, [como] limpar “tanques” (reservatórios de água), limpar o pasto, plantar palma, trabalhar na colheita e plantio dos produtos (rapaz, Nossa Senhora da Glória).

O depoimento das moças demonstra que ajudam menos nas atividades do campo e mais nas domésticas: “Limpar a casa e fazendo comida”; “Cuido da casa com minha mãe”; “Trabalho na mercearia do meu sogro e ajudo meus pais”; “Meu pai é *machante* [marchante], eu cuido do dinheiro que ele recebe”; “Limpar a casa, levar minhas sobrinhas no colégio, entre outras”; “Varro a casa, passo o pano, lavo a louça e o banheiro”; “Cuido da casa, ajudo meu pai e meu irmão com o gado”; “Ajudo meu pai a cuidar do gado etc.”; “Cuidar do gado” (moças, Poço Redondo). “Limpo a casa, faço comida e ajudo minha mãe em outras coisas”; “Arrumar a casa, passar roupa”; “Eu limpo a casa, ajudo a lavar roupas, lavo louças”; “Só ajudo minha mãe dentro de casa, e acho que isso é normal, você tem que ajudar sua mãe para ela não se cansar”; “Eu lavo os pratos, limpo a casa, ajudo minha mãe em outras coisas quando precisa e a meu pai”; “A carregar água, alimentar os animais, serviço de casa”; “Ajudo meus pais na lavoura”; “Limpar a casa e, às vezes, ir à roça” (moças, Nossa Senhora da Glória). Dentre estas, há uma jovem “desdobrável”, pois indica como suas atividades: “Limpo a casa, faço comida, lavo roupa, cuido do filho, estudo e faço compras de comida”.

Na Tabela 107, observa-se uma lacuna nas colunas destinadas às mulheres, já os rapazes começaram a trabalhar desde cedo e 3,8% indicaram que com menos de 13 anos, mas 14,3% dos rapazes de Poço Redondo e 5,3% de Nossa Senhora da Glória. Trabalhar desde cedo é ainda

algo corriqueiro na vida do homem do campo, atualmente uma minoria, pois 53,8% ainda não têm trabalho remunerado, no máximo, ajudam em casa em atividades domésticas.

Tabela 107 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Com que idade você começou a trabalhar recebendo pagamento pelo seu trabalho?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-------------------------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Com menos de 13 anos | 2 | 14,3 | | | 1 | 5,3 | | | 3 | 3,8 |
| Aos 13 anos | 1 | 7,1 | | | 3 | 15,8 | | | 4 | 5,0 |
| Aos 14 anos | 1 | 7,1 | | | 2 | 10,5 | | | 3 | 3,8 |
| Aos 15 anos | 1 | 7,1 | 1 | 5,0 | 3 | 15,8 | | | 5 | 6,3 |
| Com mais de 15 anos | 3 | 21,4 | | | | | 1 | 3,7 | 4 | 5,0 |
| Não tenho trabalho remunerado | 6 | 42,9 | 17 | 85,0 | 5 | 26,3 | 15 | 55,6 | 43 | 53,8 |
| Não responderam | | | 2 | 10,0 | 5 | 26,3 | 11 | 40,7 | 18 | 22,5 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

O fato de mais jovens rurais estarem na escola de ensino médio e da maioria não trabalhar remunerado deve guardar relação com 65% de jovens rurais que recebem ou já receberam algum tipo de apoio financeiro de programa governamental, como o Bolsa Família. 53,8% dos jovens responderam sim, ao passo que 11,3%, possivelmente por terem extrapolado a idade limite, responderam “atualmente não, mas já recebi” (Tabela 108). A maioria recebe ou já recebeu Bolsa Família, embora o número de não respondentes tenha sido alto (cerca de 21%), provavelmente o benefício é o Bolsa Família que, nesse contexto, é o programa mais popular (Tabela 109).

Tabela 108 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você recebe algum tipo de apoio financeiro de programa governamental (como Bolsa Família)?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-------------------------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 8 | 57,1 | 9 | 45,0 | 12 | 63,2 | 14 | 51,9 | 43 | 53,8 |
| Atualmente não, mas já recebi | 2 | 14,3 | 4 | 20,0 | 1 | 5,3 | 2 | 7,4 | 9 | 11,3 |
| Não | 3 | 21,4 | 6 | 30,0 | 6 | 31,6 | 11 | 40,7 | 26 | 32,5 |
| Não sei, não respondeu | 1 | 7,1 | 1 | 5,0 | | | | | 2 | 2,5 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Tabela 109 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Qual o tipo de bolsa recebida?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-----------------|--------------|-------|---|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Bolsa família | 8 | 100,0 | 5 | 55,6 | 7 | 58,3 | 11 | 78,6 | 31 | 72,1 |
| Bolsa escola | | | | | 1 | 8,3 | 1 | 7,1 | 2 | 4,7 |
| Garantia safra | | | 1 | 11,1 | | | | | 1 | 2,3 |
| Não responderam | | | 3 | 33,3 | 4 | 33,3 | 2 | 14,3 | 9 | 20,9 |
| Total | 8 | 100,0 | 9 | 100,0 | 12 | 100,0 | 14 | 100,0 | 43 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Na perspectiva de verificar possível individualizações nos gastos do próprio dinheiro, ou seja, da bolsa recebida, perguntou-se aos jovens que fazem parte ou já fizeram de programas como o Bolsa Família, quem administra o valor recebido, mas 53,5% respondeu “somente a mãe”. De fato, o programa orienta que as mães administrem a bolsa, mesmo assim, 11,6% dos inquiridos responderam “somente o pai”, 23,3% indicaram que os responsáveis são “os pais em conjunto” e apenas 7% o próprio jovem (três respostas), ou seja, dos atuais 43 beneficiários de programas de transferência de renda como o Bolsa Família, apenas três moças administram o recurso recebido, já os rapazes não (Tabela 110).

Tabela 110 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Quem administra o valor recebido?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|---------------------|--------------|-------|---|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Somente o pai | 2 | 25,0 | 1 | 11,1 | 1 | 8,3 | 1 | 7,1 | 5 | 11,6 |
| Somente a mãe | 4 | 50,0 | 5 | 55,6 | 6 | 50,0 | 8 | 57,1 | 23 | 53,5 |
| Os pais em conjunto | 1 | 12,5 | 1 | 11,1 | 5 | 41,7 | 3 | 21,4 | 10 | 23,3 |
| O jovem | | | 2 | 22,2 | | | 1 | 7,1 | 3 | 7,0 |
| Não responderam | 1 | 12,5 | | | | | 1 | 7,1 | 2 | 4,7 |
| Total | 8 | 100,0 | 9 | 100,0 | 12 | 100,0 | 14 | 100,0 | 43 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

9.6 IR EMBORA DO SERTÃO

Perguntados se pensam em ir embora do sertão, 63,8% dos jovens responderam “não”, dos quais 63,6% dos rapazes e 63,8% das moças, ou seja, sem diferença de gênero, bem como pouca diferença por município, sendo 61,8% de Poço Redondo e 65,2% de Nossa Senhora da Glória. Dos que responderam sim, 35,7% dos rapazes de Poço Redondo e 33,3% das moças de Nossa Senhora da Glória foram os que apresentaram maiores percentuais (Tabela 111).

Tabela 111 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você pensa em ir embora do sertão?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|-----------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 5 | 35,7 | 5 | 25,0 | 4 | 21,1 | 9 | 33,3 | 23 | 28,8 |
| Não | 8 | 57,1 | 13 | 65,0 | 13 | 68,4 | 17 | 63,0 | 51 | 63,8 |
| Não sei | 1 | 7,1 | 1 | 5,0 | 1 | 5,3 | | | 3 | 3,8 |
| Talvez, depende | | | 1 | 5,0 | 1 | 5,3 | 1 | 3,7 | 3 | 3,8 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Quanto aos que pensam em ir embora, na realidade, é apenas uma ideia, nada muito concreto, mais relacionada a possíveis táticas do que a estratégias (CERTEAU, 2014), pois, quando indagados para onde, boa parte ou não sabe ou não respondeu. Contudo, a maior parte

dos que pensam em ir embora do sertão, não pretende ir muito longe. Aracaju, a Capital e o litoral, ou seja, basicamente o mesmo local, em conjunto foram os mais mencionados como possível escolha para a mudança. Os demais jovens indicaram São Paulo, Salvador, Rio de Janeiro, Mato Grosso e até o exterior do país. Respostas como “Algum lugar que me interesse” e “Lugar com mais oportunidades”, confirmam a ideia de que são apenas pensamentos, nem mesmo planos e muito menos estratégias de ir embora.

Figura 8 – Nuvem de *tags* referente à pergunta “Para onde”, complementar à pergunta “Você pensa em ir embora do sertão?”, 2015



Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Não obstante, faz-se necessário ajudar as zonas rurais a garantir bem-estar e cidadania aos que não querem deixar o campo e isso seria possível através de um plano que facilitaria a liberdade de escolher os modos de vida mais diretamente relacionados à natureza. Este plano também deveria assegurar uma existência digna e qualidade de vida para aqueles que preferem viver e/ou trabalhar fora das aglomerações metropolitanas e grandes centros urbanos; ajudar a conservar e realimentar os recursos naturais do crescimento econômico e se voltar para o efetivo respeito aos princípios constitucionais da atividade econômica: busca do pleno emprego, proteção ambiental, redução das desigualdades regionais e sociais, função social da propriedade, e tratamento favorecido para empresas de pequeno porte (VEIGA, 2003).

9.7 SABER FAZER E REIVINDICAR

Com a intenção de destacar as mudanças que ocorrem no meio rural, foi perguntado se os jovens sabem pilotar moto. O percentual de jovens rurais que indicou saber pilotar moto (63,8%) é maior do que os que sabem montar a cavalo (55%), daí a popularidade que a motocicleta assumiu no sertão. Esta é uma forma de mobilidade muito comum no meio rural.

Dos que sabem pilotar motocicleta, 36% das moças de Poço Redondo e 35,3% das moças de Nossa Senhora da Glória, fato digno de nota para chamar a atenção sobre as reconfigurações no meio rural sertanejo. Os rapazes, um pouco mais do que as moças, sendo 44% de Poço Redondo e 40,8% de Nossa Senhora da Glória (Tabela 112).

Tabela 112 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Marque o que você sabe fazer (pode marcar mais de uma opção)”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|--------------------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Pilotar moto | 13 | 52,0 | 9 | 36,0 | 17 | 45,9 | 12 | 35,3 | 51 | 63,8 |
| Montar a cavalo | 8 | 32,0 | 7 | 28,0 | 14 | 37,8 | 15 | 44,1 | 44 | 55,0 |
| Dirigir carro | 4 | 16,0 | 2 | 8,0 | 5 | 13,5 | 2 | 5,9 | 13 | 16,3 |
| Nenhum / Não responderam | | | 7 | 28,0 | 1 | 2,7 | 5 | 14,7 | 13 | 16,3 |
| Total | 25 | 100,0 | 25 | 100,0 | 37 | 100,0 | 34 | 100,0 | 121 | 151,3 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Um pouco menos do que pilotar moto, mas 16,3% dos jovens indicaram que sabem dirigir automóvel, dos quais, 8% das moças de Poço Redondo e 5,9% das moças de Nossa Senhora da Glória. Interessante notar que Nossa Senhora da Glória é considerado o município mais moderno do sertão sergipano, no entanto, os percentuais das mulheres que sabem pilotar moto e dirigir carro são um pouco menores do que em Poço Redondo. Quanto à habilitação, 2,5% responderam que possuem, ou seja, apenas dois rapazes de Poço Redondo. Os demais, ou não possuem ou estão aprendendo para obter (Tabela 113).

Tabela 113 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Tem habilitação (carteira de motorista)?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|---------------------------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 2 | 14,3 | | | | | | | 2 | 2,5 |
| Não | 6 | 42,9 | 12 | 60,0 | 15 | 78,9 | 17 | 63,0 | 50 | 62,5 |
| Ainda não, mas estou aprendendo | 6 | 42,9 | 7 | 35,0 | 3 | 15,8 | 5 | 18,5 | 21 | 26,3 |
| Não responderam | | | 1 | 5,0 | 1 | 5,3 | 5 | 18,5 | 7 | 8,8 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Em uma região na qual é notória a dificuldade de locomoção de seus moradores, mesmo sem habilitação, jovens rurais circulam em motos ou carros no intuito de terem mobilidade. Como a habilitação de motorista é algo difícil e dispendioso para se obter, os jovens vão levando como podem na intenção de terem como chegar à escola ou resolver seus problemas de locomoção. Mesmo de forma irregular, boa parte dos jovens rurais resolve o problema da locomoção. No entanto, e em relação à comunicação? Perguntou-se, então, se sentem dificuldade de se comunicar, de dar opiniões e de reivindicar seus direitos e 57,5% responderam “não” (Tabela 114). Porém, mesmo sendo estudantes do último ano do ensino médio, fechando o ciclo básico, 41,3% responderam “sim”, trazendo o questionamento sobre porquê e em relação a que teriam dificuldade.

Tabela 114 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta “Você sente dificuldades de se comunicar, de dar opiniões, de reivindicar seus direitos?”, 2015

| Respostas | Poço Redondo | | | | Nossa Senhora da Glória | | | | Total | % |
|---------------|--------------|-------|----|-------|-------------------------|-------|----|-------|-------|-------|
| | H | % | M | % | H | % | M | % | | |
| Sim | 4 | 28,6 | 11 | 55,0 | 7 | 36,8 | 11 | 40,7 | 33 | 41,3 |
| Não | 10 | 71,4 | 9 | 45,0 | 11 | 57,9 | 16 | 59,3 | 46 | 57,5 |
| Não respondeu | | | | | 1 | 5,3 | | | 1 | 1,3 |
| Total | 14 | 100,0 | 20 | 100,0 | 19 | 100,0 | 27 | 100,0 | 80 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Em um mundo no qual a comunicação é importante e seu domínio vital para se resolver questões relacionadas a serviços, como garantias de compras, saúde e educação, apresenta-se esta lacuna para uma parcela considerável dos jovens inquiridos. Todavia, nada melhor do que encerrar a análise de possíveis individualizações dos jovens rurais com respostas à pergunta “se você pudesse dizer algo aos formuladores de políticas públicas, o que recomendaria especificamente para os jovens rurais?”, questão trabalhada nas entrevistas e nos grupos focais, como uma possibilidade de que os jovens, inclusive os 41% que alegaram sentir dificuldade em se comunicar, pudessem expressar suas recomendações.

Esta discussão tem sua importância por tentar possibilitar que os jovens pesquisados – inclusive os mais tímidos que, nos grupos focais e entrevistas, foram estimulados a apresentar seus pensamentos – pudessem desenvolver a competência de se expressarem. Ademais, ao falar de seus problemas, por sua condição paradoxal de esperança e desvio, o jovem se torna um respeitável sujeito analítico das práticas políticas e dos modos de governo. Portanto, na luta pela redução das desigualdades sociais, é importante que se ouça a voz dos jovens, especialmente os das classes populares. Isso pressupõe considerar o jovem como sujeito de uma nova condição e reconhecer a importância da juventude (NEVES; FERRERI, 2013).

Nas respostas obtidas, destacaram-se recomendações às seguintes categorias: educação, cursos profissionalizantes, saúde, transporte, tecnologia, melhores condições de vida, inserção profissional, cultura e que os jovens rurais sejam ouvidos e valorizados.

Eu acho que os políticos deveriam ouvir mais os jovens para saber a necessidade de cada um por causa que, quando você mora no interior, você tem dificuldades além das pessoas que moram na cidade, então deveriam ouvir mais os alunos do interior para saber suas necessidades, o que precisam para se deslocar para a escola. Muitas vezes, muitos jovens desistem da escola por causa das dificuldades que, às vezes, assolam os alunos que vêm da zona rural. (Homem, nº. 2, grupo focal 3, Nossa Senhora da Glória, 2015).

No mesmo grupo focal 3, outro rapaz também ressaltou a importância do jovem rural ser ouvido: “O que eu acho é que deveriam ouvir mais as necessidades dos alunos do interior porque apesar das dificuldades eles são muito batalhadores e querem estudos melhores”, ao passo que uma moça destacou outras questões:

Melhorar o espaço rural e valorizar mais a cultura para não ter tantos deslocamentos de jovens lá do sertão para outro lugar fora e para manter mesmo a cultura do sertão. Melhorar espaço rural em escolas, educação, transporte... (Mulher, nº. 5, grupo focal 3, Nossa Senhora da Glória, 2015).

Os jovens não só reclamaram e reivindicaram, mas houve um deles que também elogiou avanços visíveis nos últimos anos e que, no momento crítico em que o país atravessa, causa preocupação pensar se tais direitos e conquistas serão extintos.

H-n.4(GF4): Eu acho [...] que a gente não pode ser hipócrita e dizer que hoje está pior do que antigamente. Antigamente era bem pior do que hoje, mas [...] muitos jovens do interior não estão tendo mais aquela vontade de ser um sertanejo nato, eles querem ter dezoito anos para viajar, tentar ganhar a vida em outro estado, na cidade e eu acho que o governo precisava olhar isso [...]. O sertanejo não é bem valorizado. Quem é da cidade é. Se tivesse, ao menos o mesmo nível ou no mesmo patamar, seria uma melhora muito [...] boa para os jovens que moram no interior [meio rural]. M-n.1(GF4): Trabalho, pois os jovens do interior só pensam em fazer dezoito anos e ir para fora. Pesquisadora: Para fora de onde? M-n.1(GF4): Para fora do interior, de Sergipe, sabe... Só pensam em São Paulo, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro... Só esses lugares e não querem nem mais voltar para cá, não pensam nem mais em voltar porque aqui ele *tá* vendo que não *tá* andando, não vai ter uma oportunidade para quem vive da roça, para quem precisa de transporte para vir para a escola, para os meninos que estudam na escola do povoado. E aí os meninos, pequeninhos, na escola lá da primeira à quarta série, já pensam em fazer dezoito anos para nunca mais voltar. (Nossa Senhora da Glória, grupo focal 4, 2015). Legenda: H: Homem / M: Mulher. GF: Grupo focal.

Observa-se no grupo focal 4 que um dos rapazes lembrou dos avanços que ocorreram nos últimos anos no meio rural sertanejo. Porém, conforme complementado por sua colega, sem

possibilidade de renda no campo, os jovens só vislumbram ir embora para cidades; por isso, ao tempo que a moça reivindica oportunidade de trabalho para a juventude do campo, o rapaz sinaliza para um esvaziamento dos jovens no meio rural.

Se, como expressou uma das moças, há falta d'água nas torneiras das casas de sertanejos, qual a perspectiva do jovem rural de ficar? Afirma-se que este “quer” sair mas, em termos concretos, o que se está fazendo para que possa ficar? Há mais jovens rurais na escola de ensino médio no intuito de universalizar a educação, mas para quê? Os jovens, até então, tinham a preocupação de entrar na escola, contudo, agora, já começam a se preocupar sobre o que farão ao concluírem a escolarização. Alunos do ensino médio anseiam em continuar os estudos, mas relatam preocupações sobre de que maneira isso seria possível. Nem todos têm capacidade financeira e a incerteza gera ansiedade nos jovens que criam expectativas.

Uma grande preocupação dos jovens rurais desta pesquisa é a falta de recursos para acessarem o nível superior. Necessitam de um “pacote” mínimo para irem à universidade que seria meio de transporte, alojamento e alimentação; no entanto, alguns relatam que não têm esse mínimo, tal como observado por uma jovem:

Os filhos dos sertanejos⁷¹ vão estudar na universidade e as famílias não têm como sustentar. Certo... porque se passar no ENEM não vai pagar, tem alojamento, mas não é só isso. Vai gastar também com outras coisas e como é que também a família vai sustentar esse jovem lá estudando? Se não tem os meios de produzir? É difícil também pra o filho do sertanejo estudar também. É difícil... (Mulher, nº. 1, grupo focal 4, Nossa Senhora da Glória, 2015).

Como as vagas ficam à disposição, às vezes ocorre um contrassenso: a universidade instala um *campus* no sertão com oferta de zootecnia, agroindústria, agronomia e medicina veterinária, mas tais vagas nem sempre serão ocupadas por jovens sertanejos, notadamente os do meio rural. Desse modo, estudantes até da Capital do estado e de outros municípios que não obtiveram pontuação suficiente para ingressar no principal *campus* da UFS vão estudar nesse do interior, visto que seus pais têm condições de custear suas despesas.

Além da falta de condições financeiras, há ainda jovens rurais sertanejos que relatam não terem acesso aos cursos ofertados no *campus* do Sertão porque não obtiveram a pontuação necessária. O acesso às vagas, mesmo com a interiorização do ensino, continua sendo desigual e isso é frustrante quando o jovem rural tem capacidade para ingressar, mas não de se manter estudando em nível superior.

⁷¹ Certamente se refere aos jovens rurais filhos de agricultores porque, para boa parte dos pesquisados, sertanejo é o homem do campo e, posteriormente, a jovem fala em “meios de produzir”.

Nós somos jovens como os do Sul, como os do Sudeste, temos os mesmos sonhos, conhecemos as mesmas oportunidades que os outros conhecem. Ter uma visão para eles [formuladores de políticas públicas] olharem diferente, lembrarem da gente porque somos esquecidos, infelizmente. Eles investirem em profissões que a gente tenha acesso. A gente tem um sonho de se formar e [...] ter a oportunidade de um emprego, ao menos de um salário mínimo. Que a gente não precisasse sair do lugar que a gente mora ou ir buscar [emprego] em outro lugar porque a gente gosta do lugar onde mora [...]. Lembrar de investir nas escolas porque o melhor lugar que o jovem tem a oportunidade diferente é pela escola [...]. Oportunidade de mostrar o que a gente sabe. Porque a gente é capaz, inteligente, como qualquer jovem do Brasil. Somos tão esquecidos, como se a gente não fizesse parte do Brasil e a gente faz parte e tem sonho como qualquer outra pessoa. Então, acho que falta isso: oportunidade! Enfatizar trabalho no nosso lugar e formação profissional [...]. Eu vejo tanto lugar com tantos cursos técnicos e aqui tem, mas é bem raro [...]. E outra: difícil acesso para ir, difícil transporte porque eles não pensam. Às vezes põem o curso, mas não pensam como é que o jovem do interior vai chegar no lugar do curso técnico se a gente não tem meio de transporte, não tem a chance de chegar lá [...]. Se você não tem um emprego, você não tem um salário, às vezes nossos pais não têm condições de bancar a gente porque a vida é difícil [...]. Morar distante da cidade é uma das questões mais difíceis do mundo. Lembrar desse termo: não só implantar, mas dar o acesso para chegar lá. (Mulher, nº. 3, grupo focal 2, Nossa Senhora da Glória, 2015).

Surgiram, ainda, demandas específicas, como a necessidade de transporte para que tenham acesso a cursos profissionalizantes, além da escolarização no ensino médio.

M-n.3(GF2): E até porque a questão dessa acessibilidade de os pais não terem as condições necessárias para manter e o jovem tem sonhos. Todos nós sonhamos em nos formar e ter uma coisa melhor, umas condições melhores para nossos pais. Mas, na maioria das vezes, pelos pais não terem as condições que necessitamos, aí leva o jovem a poder trabalhar. [Ele] vê a condição do pai e [pensa]: “Eu não vou deixar meu pai assim”. [Vai] buscar um trabalho, acaba desistindo dos estudos, indo trabalhar, trazendo dinheiro para casa. “Meus pais me sustentaram, agora é minha vez de sustentar. Eu *tou* sendo capaz”, entendeu? Aí acaba criando uma falta de esperança para os jovens se ele é esquecido. H-n.2(GF2): Bom, o que está precisando aqui é que haja mais [...] um olhar direcionado às pessoas que moram aqui. Que tornem mais acessível o transporte, [além de] deixar o colégio mais adequado com tecnologia. Que todos tenham oportunidade de estudar, fazer cursos mais acessíveis, com o preço acessível para todos. Porque, na maioria das vezes, vêm os cursos, mas a maioria dos jovens não tem como pagar esses cursos e acaba não fazendo. Pesquisadora: Que cursos são esses que você está falando? H-n.2(GF2): Profissionalizantes. Tem alguns, mas não são muito acessíveis. São na cidade e não são muito acessíveis financeiramente, não é todo mundo que consegue fazer. M-n.3(GF2): Nem todos conseguem o transporte porque como os pais alguns são pobres, aí não tem o transporte, o único transporte é o da escola, aí não tem condições porque a maioria desses cursos profissionalizantes é [nos] finais de semana. H-n.2(GF2): Falta um pouco de divulgação também. Quem é do interior, quando fica sabendo de algum curso que tem na cidade, na verdade todo mundo já está inscrito e você não tem mais oportunidade. M-n.3(GF2): Não tem o Sebrae e o Senac? É o Senac. As minhas amigas da sala dizem “Eu fiz curso tal...”. “Que curso?” Não é informado e devia ir para o povoado para ficar mais próximo para a gente. H-n.4(GF2): Os órgãos públicos deveriam investir mais no sertão porque, apesar de você morar no interior no sertão, tem muitos talentos e muitas vezes não são reconhecidos pela sociedade. Eu acho que deveriam investir mais em jovens e, quem sabe, gerar grandes pessoas importantes na sociedade contemporânea. Valorizar o jovem sertanejo. (Grupo focal 2, Nossa Senhora da Glória, 2015). Legenda: M: Mulher / H: Homem. GF: Grupo focal.

O que se observa, finalmente, é que esses jovens, mais do que rurais ou sertanejos, são apenas jovens. Isso reforça a proposta de Sposito (2007a) que ao se tratar da “juventude” não se enfatize apenas as “juventudes”, mas sim a convergência entre as questões expostas pela juventude com a singularidade em uma chave mais geral. Os jovens rurais apresentam seus sonhos, mas não querem ficar apenas sonhando, de modo que reivindicam a acessibilidade para que não percam a esperança. Conforme ponderações de uma moça, a oportunidade é tão importante quanto o acesso a ela, além da necessidade da valorização de talentos locais.

A educação tem um apelo muito forte para os jovens rurais pesquisados e foi muito comentada devido ao recente fechamento de escolas de ensino fundamental e à ausência de escolas de ensino médio no meio rural. Um dos participantes considera que talvez falte “aos governantes perceberem o poder que a educação tem” e que “investir mais e mais na educação é a solução para vários problemas” (Homem, nº. 9, grupo focal 1, Nossa Senhora da Glória).

M-n.10(GF3): Bom, eu sinto falta de escolas de ensino médio no interior [meio rural]. Eu acho que deveria ter porque é difícil se locomover do interior para a cidade e necessitar também de ônibus. É difícil. [Os ônibus] às vezes quebram, às vezes o motorista é irresponsável... A gente sofre muito com isso. Eu sinto falta de escola de ensino médio [no meio rural]. H-n.1(GF3): Eu acho que deveriam melhorar as estradas e ouvir os alunos que, muitas vezes, andam muitos quilômetros, tipo eu, ando um quilômetro para pegar o ônibus, um quilômetro e meio e, muitas vezes, chego no ponto e ele não espera, se passar mais cedo, 12h30 – ele [o transporte] passa 12h40 – e muitas vezes deixa *nós* na estrada. (Grupo focal 3, Nossa Senhora da Glória, 2015).
Legenda: M: Mulher / H: Homem. GF: Grupo focal.

A ausência de escolas no campo e a dificuldade de acesso a transporte foram as questões mais apresentadas. Tais problemas foram bastante reforçados no grupo focal 4:

H-n.2(GF4): Gostaria que mudassem os transportes, com mais segurança, com cinto de segurança, tudo, porque é muita gente, muitas crianças, jovens usando o transporte escolar e não é um transporte com uma estrutura boa. Vai muita gente em pé, principalmente a tarde. A tarde é bastante gente. Gostaria que melhorasse o transporte e também colocasse mais projetos que valorizassem as pessoas que moram dentro mesmo do povoado. Também mais professores. M-n.1(GF4): Eu acho que deveriam ter mais olhar para as escolas rurais porque as escolas rurais, ao menos do meu povoado, digamos assim que para uma criança estar ali é arriscado, até a cadeira é tão arriscado da criança se cortar na cadeira. Deveria ter esse olhar para as crianças que estão estudando no interior. Até que enviaram projeto lá para onde eu moro para as crianças fazerem a horta, aí fizeram uma horta na escola para uso da comunidade. Está até dando certo. E, também, os prefeitos deveriam ter mais um olhar para os ônibus que estão rodando para pegar as crianças porque são crianças de dez anos [de idade]. Pegam as crianças num transporte tão ruim, tão arriscado. Eles deveriam muito olhar isso. Projetos para ver o que melhorava a zona rural para que os jovens não pensem só em fazer dezoito anos e cair fora para o mundo, para ganhar uma vida melhor. (Grupo focal 4, Nossa Senhora da Glória, 2015).
Legenda: M: Mulher / H: Homem. GF: Grupo focal.

Devido ao fato de comumente não ter oferta de ensino médio no meio rural, os jovens necessitam do transporte escolar para irem à escola, mas esse transporte, segundo relatam, é das prefeituras que cedem vagas aos alunos da rede estadual em uma parceria. No entanto, às vezes, o estado não “paga” às prefeituras e os ônibus não levam os estudantes do ensino médio, pois faz parte da competência do estado. Os jovens rurais relatam que passam humilhações, até mesmo por não poderem utilizar os assentos. Os participantes do grupo focal 6 também destacaram o fechamento de escolas na zona rural.

M-n.12(GF6): No nosso interior tinha muitas escolas públicas e agora estão fechando, coisa que eu acho que não deveriam fechar porque é longe e as crianças vêm viajando bastante para a escola na cidade. Creio que no interior deveria continuar como era antes. M-n.1(GF6): A questão do transporte, nós que somos do estado, somos muito humilhados por viajar no carro do município já que o estado não paga, aí fica difícil. Quando a pessoa vai sentar no ônibus, dizem que não pode porque é do município... Eles passam na cara, ficam dizendo que o estado não paga, acho que não paga mesmo não. H-n.2(GF6): Muita gente do estado está se prejudicando porque estava pegando carona no [transporte do] município, mas, como o município entrou em férias [e os alunos das escolas estaduais continuaram as aulas porque os professores tinham que repor o período da greve], aí prejudicou os alunos do estado porque agora ou tem que pagar a carona ou arrumar algum colega para trazer no colégio, aí prejudica. (Grupo focal 6, Poço Redondo, 2015). Legenda: H: Homem / M: Mulher. GF: Grupo focal.

Por fim, uma jovem de Nossa Senhora da Glória, ao ser entrevistada, observou que se deveria ter mais “afeto” com o jovem rural. Para a jovem, mais afeto seria criar cursos “especialistas, não só na área do campo”. Assim como o jovem de Poço Redondo que criticou o fato de só serem ofertados cursos voltados para agropecuária, essa moça observou que “nem todos os jovens que vivem e gostam de determinada localidade querem se formar para trabalhar com a terra. Muitos querem se formar em medicina, em engenharia, em tudo mais. Então, “deveriam trazer mais cursos profissionalizantes de graça e dar direito a todos”. Um rapaz, por sua vez, teceu as seguintes críticas à situação vivida pelos sertanejos hoje:

Primeiro, eu gostaria de falar que não tenho preferência por partido nenhum, só que eu acho que a precariedade do governo, hoje, no Brasil, tá refletindo muito forte entre os jovens porque hoje está todo mundo vendo que a escassez de água está no mundo inteiro, mas o governo não tá necas *pra* quem é do campo, *pra* quem não tem água, não tem como cultivar para sua família, ter a comida para sua família, dar uma roupa. Segundo, os estudos: hoje, *pra* você entrar numa faculdade, certo, você tem que estudar *pra* ter a sabedoria de chegar lá já sabendo mais ou menos o que é que você vai querer, mas eu acho que mesmo assim ainda está precário o sistema educacional. [...] Eu acho que deveria, sim, repensar em novos modelos de planejamento *pra* essas áreas, né, que o jovem hoje se quer trabalhar no campo não tem como. É o que eu posso falar: o apoio devido do governo. Se quer ir *pra* uma escola não tem apoio do governo. Você vai ter o quê: um livro *pra* estudar, só, e *tchau*. O governo não vai te apoiar em nada. Eu acho que deveria ter programas de incentivo ao estudo que hoje no Brasil é coisa quase rara (Homem, nº. 4, grupo focal 4, Nossa Senhora da Glória, 2015).

Depreende-se, a partir dessas falas, a força que a escola tem na formação dos projetos juvenis e o quanto o país precisa avançar em educação. Já houve ampliação de oferta do ensino médio e, com acesso a transporte escolar, os jovens rurais aproveitam as oportunidades para estudar e, desse modo, avançar até o ensino superior. Já não é raro encontrar jovens rurais cursando faculdades, alguns até no mestrado, sobretudo quando têm o apoio financeiro dos pais.

Em resumo deste capítulo, os resultados apontam para um moderado nível de envolvimento das famílias dos jovens rurais em três aspectos: saber das faltas, das notas e das datas de provas, com significativas diferenças por gênero, especialmente no controle de faltas escolares e nas datas de provas. Em referência à ajuda nas atividades escolares, não há muito envolvimento dos pais, especialmente quanto aos rapazes. Sobre as expectativas que depositam na escolaridade dos filhos e as estratégias de apoio desenvolvidas para sua escolarização, os interesses dos familiares é verem os filhos acima do seu nível e da parte dos jovens a continuação dos estudos em nível superior. Quanto à profissão, perguntou-se qual a que os pais gostariam que tivessem e uma considerável parte dos jovens rurais respondeu que escolheria a profissão que quisesse; sendo assim, indicando ou atitudes relacionadas ao conceito de individualização ou que os pais, apesar das expectativas, não acompanham de perto e não desenvolvem estratégias para que as ideias e sonhos de ingresso na universidade se concretizem, aproveitando mais as táticas. A respeito se concordam com a escolha dos pais para suas profissões, uma parcela respondeu “não”, demonstrando que há certo grau de individualização entre os jovens pesquisados, com ênfase para as moças de Nossa Senhora da Glória.

Há jovens indecisos com preponderância dos rapazes de Poço Redondo, justamente os que menos conversam com os pais acerca do futuro e das expectativas profissionais. Sobre a frequência com que os jovens pesquisados abordam certos temas em casa, principalmente no que diz respeito à vida escolar, apontam para uma variedade de assuntos, dos quais os mais discutidos entre os jovens rurais são o que querem ser no futuro, os amigos e as notas escolares. As temáticas menos abordadas se referem a um teor mais subjetivo, sentimentos, os rapazes com menor frequência. Em contrapartida, falam mais sobre as expectativas profissionais, enquanto as moças se mostram mais expansivas e espontâneas em todos os aspectos. O jovem rural pesquisado ocupa seu tempo mais ouvindo música e vendo televisão diariamente e menos em leitura. A maioria nunca vai (ou foi) ao cinema. Sobre o uso do computador, os jovens rurais, em sua maioria, nunca o fazem em casa, nem na escola, nem na biblioteca. Relativamente às atitudes, crenças ou disposições diante do futuro, ao utilizarem como referência a vida dos pais, todos os jovens afirmaram que terão uma vida melhor que a daqueles, indicação especialmente expressiva entre as moças que, no caso das de Nossa Senhora da Glória, o

percentual quase alcançou a totalidade e demonstra expectativas arrojadas. Porém, em consideração se sabem exatamente o que querem, os alunos foram mais moderados e não foram poucos os alunos que declararam ser inútil fazer projetos. Em relação às atitudes em face do futuro, coube às mulheres protagonizarem maior ânimo, pois grande parte crê que “é tudo uma questão de esforço”. Nesse quesito, os rapazes de Poço Redondo foram os que apresentaram menor percentual para “concordo”, paradoxalmente, indicaram ser os que mais têm confiança em si mesmos. A maioria dos jovens não trabalha, mas recebe ou já recebeu o benefício Bolsa Família. Na perspectiva de verificar possíveis individualizações nos gastos da bolsa recebida, perguntou-se aos jovens que fazem de programas de transferência de renda quem administra o valor recebido; mas, dos atuais 43 beneficiários, apenas três moças administram o recurso recebido e nenhum rapaz. Isso fica a cargo, na maioria dos casos, das mães. Perguntados se pensam em ir embora do sertão, a maioria dos jovens inquiridos respondeu “não”, sem diferença de gênero, bem como pouca diferença por município. Os que pensam em ir embora, com destaque para os rapazes de Poço Redondo e as moças de Nossa Senhora da Glória, na realidade apenas esboçam uma ideia, pois quando perguntados para onde, boa parte ou não sabe ou não respondeu. Embora sem habilitação para tanto, a maioria dos jovens pilota motocicleta com percentual maior do que os que sabem montar a cavalo, dada a importância que a motocicleta assumiu no sertão em estudo que passa por muitas transformações. Embora saibam pilotar moto e até dirigir veículos, com possibilidade de locomoção do campo para a cidade, quase metade dos jovens têm dificuldades de se comunicar e expressar ideias e planos ou fazer reivindicações. Para jovens rurais no último ano do ensino médio e em processo de individualização, esta dificuldade configura-se como mais um empecilho, sobretudo para aqueles que têm planos de viajar e de ir embora do meio rural para trabalhar e estudar em uma cidade.

CONCLUSÃO

Mencionado na introdução, retoma-se Weber (2001) na conclusão para reforçar que a luz dos problemas culturais continua sempre a se deslocar para mais adiante. Foi o que se objetivou nesta tese: seguir a luz de um questionamento, mas também os rastros deixados pela pesquisa anteriormente realizada no mestrado por esta autora. Todavia, assim como na experiência do pêndulo de Foucault⁷² – quando, durante seu movimento, a areia drenada da esfera deixava um traçado no chão para marcar sua trajetória; porém, devido à rotação da terra, os rastros não se sobrepunham uns aos outros, gerando diferenças entre um e outro findo cada período do pêndulo – o trilho que esta pesquisa deixou não é exatamente o mesmo deixado pela pesquisa do mestrado.

O mundo girou e cinco anos se passaram entre uma coleta de dados e outra, os jovens pesquisados são outros, não foi definida a mesma amostra, pois tanto os filhos e as filhas de agricultores familiares e de assentados da reforma agrária como de não agricultores – apenas moradores no meio rural –, participaram da amostra e houve a ampliação da pesquisa com mais um município. A quantidade de perguntas do questionário foi aumentada e houve realização de entrevistas e grupos focais. Esta pesquisa focalizou apenas os jovens do último ano do ensino médio e buscou-se conhecer a realidade de outro local através de doutorado sanduíche no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Portugal. Desse modo, houve aproximações com a recorrentemente citada pesquisa de mestrado desta autora (MENEZES, 2012), mas houve mudanças também. Quando a análise das respostas ao questionário se aproximaram ou se afastaram da pesquisa do mestrado, isso foi enfatizado nesta tese.

Assim, com base na análise das informações obtidas nesta pesquisa por meio da aplicação de questionário e realização de entrevistas e grupos focais a jovens rurais estudantes do último ano do ensino médio em escolas urbanas de dois municípios sertanejos – Poço Redondo e Nossa Senhora da Glória –, serão retomadas as quatro questões norteadoras especificadas na introdução e no capítulo cinco desta tese.

Concernente ao sentido que os jovens rurais dão à experiência de escolarização e ao papel da escola em sua formação, os dados coletados indicam que os inquiridos gostam de estudar e de ir à escola, não obstante exista uma relação entre estudar e a preocupação com o futuro e em ser alguém na vida por meio dos estudos, culminando com um sentido pragmático

⁷² Experiência realizada pelo físico e astrônomo francês Jean Bernard Léon Foucault (1819-1868).

de ir à escola. Para os jovens de ambos os municípios, a escola representa um lugar de aprendizagem e conhecimento, um espaço onde trabalham pelo futuro e se socializam. Quanto à motivação para terem alcançado o último ano do ciclo básico, as respostas também foram similares para os jovens rurais dos dois municípios pesquisados, assim como dos rapazes e das moças, os quais dão relevo aos planos de deixar o campo, ingressar em uma universidade e, no futuro, ter um bom emprego e ser alguém na vida, o tipo mais comum de declaração. Essa é a expectativa de trajetória para a maioria dos jovens deste estudo, pois, para eles, como a zona rural não tem muito a oferecer em termos de empregos e já que o trabalho dos pais como agricultores não é valorizado e desejado, pensam em ter um bom futuro longe das atividades agrícolas, de modo que até os próprios parentes os animam a seguir estudando.

Os sonhos como o de ter uma profissão e ser bem-sucedido, ter uma boa escolarização e conseguir um bom emprego futuramente foram citados repetidamente. Sem dúvida, têm uma confiança excessiva no credencialismo escolar e não veem as contradições presentes na relação linear estabelecida de vincular os diplomas e as profissões. Quase todos os pais apoiam os filhos para que vão à escola; inclusive os jovens demonstram certa individualização como a pretensão de continuar estudando independente desse apoio. Ante as dificuldades na escola os jovens pesquisados as enfrentam e, ainda que desgostem de certas matérias – não pelo conteúdo, senão pela complexidade implicada –, têm a perspectiva de seguir estudando. Quase metade já ficou reprovada, destes, a maioria uma vez, mas há relatos daqueles com duas a cinco reprovações durante a trajetória escolar. As dificuldades escolares e a falta de ajuda para superá-las pode ser uma das razões das reiteradas reprovações e da defasagem idade-série dos jovens estudantes rurais do sertão em estudo. Para os jovens pesquisados, o bom aluno conjuga sobretudo dedicação aos estudos, o prestar atenção às aulas e a não reprovação. Tais resultados só reforçam o que foi concluído por esta autora para sua dissertação de mestrado.

Das disciplinas do ensino médio, os jovens gostam mais de educação física e não gostam tanto de química. Educação física, certamente, por favorecer o lúdico e a movimentação a jovens que não têm muitas oportunidades de diversão e lazer no meio rural. Já alguns assuntos de química, a fim de melhor atrair o interesse dos estudantes de origem rural, poderiam ser de algum modo relacionados à vida campesina, contudo, os jovens rurais frequentam escolas urbanas de ensino médio que não têm a obrigatoriedade de considerar em seu currículo as especificidades da cultura rural. A maior parte dos inquiridos crê que o ensino médio os qualificou em parte, pois a plena qualificação só ocorrerá na universidade, já que consideram a escola média como uma base. Os jovens rurais preferem seguir estudando onde já se encontram matriculados, embora admitam que gostariam de estudar no campo e consideram, em sua

maioria – apesar do resultado apertado –, não haver diferença entre escola do campo e da cidade, bem como não demonstraram rejeição à escola do campo, isto é, pouco mais da metade prefere estudar na cidade, mas não rejeitam o campo. Em relação ao exposto, tanto em Poço Redondo como em Nossa Senhora da Glória, os resultados ficaram bastante aproximados.

No tocante às expectativas escolares e profissionais em construção, em Poço Redondo, ainda que a maioria dos inquiridos confirme interesse em cursar uma universidade ou faculdade, suas expectativas de começar a trabalhar são mais altas do que as dos jovens de Nossa Senhora da Glória. Ao comparar este estudo do doutorado com a pesquisa anterior da autora no mestrado, os resultados são similares, mas houve um aumento no interesse de cursar o nível superior. Como na pesquisa anterior, em relação aos planos após a finalização da escola média, nenhum dos inquiridos respondeu espontaneamente que quer ser agricultor ou ter planos de viver na zona rural e ajudar os pais. Quanto ao futuro, uma parte se mostra em situação de incerteza, tanto pelos relatos de possíveis dificuldades para cursar uma universidade fora de seus municípios ou de começar a trabalhar. Nesse aspecto, não mostraram nenhum interesse em trabalhar em empresas privadas. Já o emprego público, bastante cobiçado no Brasil, interessa mais as mulheres do que aos homens da amostra. Todavia, a marcação de “não sei” quanto ao emprego e à futura profissão reforça a situação dos jovens perante as incertezas do futuro. Causou surpresa o fato de que a maior parte dos jovens rurais pesquisados gostaria de empreender, ou seja, ter uma empresa ou trabalhar por sua conta, fato confirmado através de duas perguntas do questionário. Nesse sentido, é importante lembrar que até mesmo quando perguntados qual profissão gostariam de ter, figuram entre as mais citadas ser administrador(a) de empresas e empresário(a). Para esses jovens rurais, diante de uma realidade de incertezas quanto à inserção profissional, ter um negócio próprio seria uma alternativa. Embora as ideias de empreendedorismo apresentadas pareçam mais com o conceito de táticas do que com o de estratégias, seria importante aprofundar essa questão.

Como no estudo desta autora no mestrado, as profissões de professor(a) e médico(a) seguem entre os primeiros lugares; porém, medicina veterinária subiu de posição e ocupa o primeiro lugar neste estudo, mas desperta mais o interesse das moças do que dos rapazes. O aumento de interesse por medicina veterinária pode ser devido à instalação de um *campus* universitário da UFS na região que oferta esse curso. Não obstante, o *campus* ainda oferece os cursos de zootecnia, agroindústria e agronomia, mas apenas um rapaz de Poço Redondo, o município mais rural, confirmou interesse nesta última, enquanto os outros cursos nem sequer foram mencionados. Ainda quanto às expectativas profissionais, os jovens tomaram conhecimento das profissões que gostariam de seguir mais pela tevê ou por conhecidos do que

pela família. A imagem do jovem rural estudante do último ano do ensino médio que se delineia é a de quem tem expectativa de cursar o ensino superior e trabalhar, pois a escola é vista como uma passagem para um emprego melhor, uma profissão que lhe conceda um *status* e renda melhores do que na agricultura. O jovem pode, inclusive, permanecer no campo, mas não necessariamente como agricultor, já que alguns têm expectativas de cursar medicina veterinária, um de ter a profissão de queijeiro e outro de ser empresário rural de sucesso, atividades relacionadas ao meio rural, mas não essencialmente com “meter as mãos na terra”⁷³.

Quanto à concepção de identidade, foram encontrados resultados semelhantes aos que a autora encontrou em seu mestrado, como o fato de cursarem o ensino médio em escolas urbanas provocou em mudanças no modo de ser e no comportamento, em particular na sociabilidade. No sertão em estudo, os jovens rurais pesquisados adiam os planos de casamento para depois de conseguirem um emprego que lhes confira independência econômica ou da conclusão da faculdade. Boa parte estipula 25 anos como a idade ideal para casar, conquanto que isso signifique apenas uma possibilidade. Há, na região, moças que ainda se casam muito jovens, a partir dos 14 anos, mas existe uma propensão no jovem rural, ao menos no que estuda, de vir a casar-se com mais idade. Em sua maioria, as propriedades rurais são pequenas para servirem de herança, o que dificulta, portanto, ao jovem contar com isso para iniciar uma vida familiar. Um percentual elevado de jovens rurais afirma gostar do campo, mas vive o impasse entre sair e permanecer. Os que tencionam ficar gostam da tranquilidade do campo, já os outros se preocupam diante da pouca perspectiva de emprego. Além disso, há aqueles cuja terra onde vivem não é própria, que, indubitavelmente, configura-se como mais um dos fatores que influenciam na decisão final de permanecer ou deixar as zonas rurais em que a escola média seria como um passaporte para o nível superior ou um emprego urbano.

O panorama é de pequenas famílias, a maioria com um até três filhos, proprietária de pequenos lotes de terra – porém algumas já são apenas residentes no meio rural –, cujos pais são agricultores e produtores de leite, as mães se ocupam mais dos afazeres domésticos, pais e mães nomeadamente ocupados no campo ou autônomos, mas com considerável percentual de aposentados e desempregados, em maior proporção em Poço Redondo. As respostas dos jovens rurais inquiridos indicam um cenário de famílias em situação de pobreza, na maioria dos casos, que, se for relacionado aos planos e expectativas juvenis de cursar o nível superior, fica difícil imaginar que os pais possam arcar com os custos de cursos universitários para os filhos. Não

⁷³ Expressão utilizada pelo professor Abílio Amiguiño em entrevista (p. 88 desta tese).

há na região onde vivem uma universidade pública, recentemente, contudo, foi instalado um *campus* da UFS com quatro cursos e há as faculdades particulares com oferta de cursos a distância. A partir dos dados coletados, não há rejeição ao campo, mas existe o desinteresse pela profissão de agricultor, especialmente das mulheres de Poço Redondo e dos rapazes de Nossa Senhora da Glória. Surpreendentemente, parte considerável das mulheres de Nossa Senhora da Glória se mostrou interessada em permanecer no campo e assumir a propriedade dos pais, bem como os rapazes de Poço Redondo. Com fins comparativos, da mesma maneira que na investigação desta autora no mestrado, em relação aos jovens rurais que não gostariam de assumir a profissão dos pais e cuidar da propriedade, foram identificadas três tipos de justificativas, tanto nas respostas dos homens, como nas das mulheres: a) Jovens que não gostam e não se identificam com a agricultura demonstram que já não têm uma identidade com a cultura local, nem mesmo a capacidade ou o interesse de perpetuar o legado dos pais; b) A desvalorização da profissão e c) Um enfoque entre não querer ser agricultor(a) para continuar estudando e ter outra profissão; portanto, outra identidade. Observa-se, desse modo, a forte relação da escolarização com o fato de querer ficar ou não na zona rural.

Observou-se certa individualização dos jovens com o uso de pronomes possessivos e o “eu” bastante evidenciado, como nas respostas “Tenho outros planos” e “Eu quero ter uma profissão diferente”. Mas há um número considerável de jovens indecisos, que deixaram em aberto a possibilidade de assumirem as atividades familiares na agricultura, a “depende do futuro” ou da “situação”, isto é, não rejeitam prontamente a vida no campo. Há também quem se preocupe em assumir a propriedade dos pais apenas para não deixar morrer a cultura; porém, parte apreciável dos jovens rurais não respondeu ou alegou não saber executar qualquer tipo de atividade rural como plantio, colheita, ordenhar, fazer queijo etc. Quanto à pergunta direta se gostariam de ser agricultores, as respostas obtidas indicam diferenças por município e por gênero. Dos dois grupos de moças, a maioria respondeu “não”, sendo com percentual um pouco menor das que estudam em Nossa Senhora da Glória. Quanto aos rapazes, dos que estudam em Poço Redondo, metade respondeu “não”, ou seja, encontram-se divididos, ao passo que os que estudam em Nossa Senhora da Glória a maioria não quer ser agricultor. Uma pequena parcela respondeu “sim” e “talvez”, tendo em conta que esta pesquisa está tratando de jovens escolarizados no ensino médio, com vistas no nível superior, o percentual dos que gostariam de ser agricultores ou talvez sejam pode ser considerado bastante aceitável. Assim como proposto no mestrado, uma característica bastante recorrente nesta tese é que a minoria dos jovens que ainda se predispõe a ficar no campo, em parte é em decorrência da falta ou da espera de uma oportunidade. Em relação aos que responderam que continuariam na profissão dos pais, para os

rapazes, assumir a terra como uma responsabilidade de continuar a tradição da família foi o que ficou mais visível, possivelmente devido ao fato das famílias estarem cada vez menores e da maioria das moças, sobretudo as de Poço Redondo, não esboçarem qualquer interesse em assumir, recaindo sobre os homens essa responsabilidade. Quanto às demais questões observadas na pesquisa desenvolvida para o mestrado por esta autora, tais como, gostar da lida e da cultura rural e a possibilidade da posse de gado, esta posse como *status* social no espaço empírico do estudo, aqui tiveram menor evidência do que antes.

A maioria dos jovens rurais inquiridos fala coloquialmente, tanto em casa como na escola, e já não utiliza a linguagem rural, bem como prevalecem os que relatam não sentir dificuldade com a linguagem mais formal da escola. Confirma-se a dissertação de mestrado desta autora, pois, embora não desprezem o modo de falar rural, os mais velhos e não escolarizados do meio rural são chamados pelos jovens pesquisados “eles”, “o povo da roça” e “o povo rural”, já que os jovens se diferenciam daqueles que não tiveram a oportunidade de estudar. Esses jovens têm referências de identidade de ser agricultor, de cuidar dos animais, de saber realizar atividades do campo, dos avós que, na maior parte dos casos, são ou foram agricultores. Por terem sido criados no campo, têm um sentimento de pertença ao lugar; no entanto, pelo fato de terem estudado até o ensino médio em escolas urbanas, tiveram acesso a meios que os aproximam dos jovens urbanos no falar, no vestir e no modo de consumo. Mas, não somente devido à escola, como também aos meios de comunicação, acesso a redes sociais e a maior facilidade de movimentação entre os dois espaços, isso já os coloca em uma situação de não se sentirem pertencentes a só um lugar e a uma só cultura. Verifica-se, desse modo, que as práticas e referências culturais dos jovens rurais tendem a ser relativamente homogêneas a dos cidadãos. Quanto à relação que estabelecem com a escola parece ser positiva, apesar de, em parte, sentirem-se discriminados no seio da comunidade escolar.

O meio rural deste estudo tem mudado muito. Já não absorve apenas o aspecto do trabalho agrícola, pois é também local de moradia, basta ver a parcela de jovens desta pesquisa cujos pais não são mais agricultores e simplesmente residem no meio rural. Em decorrência da instalação de rede elétrica nos últimos anos, nas residências da maioria dos jovens pesquisados há geladeira e televisão, mas, em menor proporção, há também micro-ondas, computador, acesso à internet, leitores de CD, DVD e *Blu-ray*. Apesar das mudanças, há a valorização das tradições, pois em suas comunidades acontecem festas culturais e religiosas, momentos propícios não só para as pessoas se reunirem bem como se distraírem. Não obstante as reclamações referentes a estradas ruins e problemas de transporte, mesmo assim, o acesso do campo à cidade na região em estudo melhorou consideravelmente em virtude, sobretudo, dos

meios de transporte como a motocicleta e os automóveis que os campesinos passaram a ter, com prevalência da primeira. Ainda que sem habilitação para tanto, a maioria dos inquiridos sabe pilotar motocicleta, percentual maior dos que sabem montar a cavalo, embora este ainda seja bastante valorizado pelos sertanejos, no entanto, mais para festas como cavalgadas e vaquejadas. Com esta questão buscou-se evidenciar mais uma faceta da reconfiguração no sertão rural de hoje, onde saber dirigir carro e pilotar moto é algo corriqueiro para boa parte dos jovens pesquisados.

Assim como na pesquisa desta autora no mestrado, a maioria dos jovens rurais pesquisados “gosta de morar no campo”, quase sem diferenças nas porcentagens das respostas dos homens e das mulheres e, neste sentido, há pouca diferenciação nos percentuais dos jovens rurais que estudam em Poço Redondo e Nossa Senhora da Glória. Convém assinalar que em todas as respostas dos que desejam migrar para a cidade não há *rejeição* ao campo e seu modo de vida. O que se observa em maior intensidade é o desejo de melhoria de vida e de oportunidade de trabalho em atividades urbanas. Pode haver rejeição a algumas atividades vinculadas ao campo, mas não ao meio rural e seu modo de vida, mesmo para aqueles que querem sair. Além da rejeição ao campo não ser visível, observam-se nas respostas dos que pretendem sair indicativos mais relacionados a táticas do que a estratégias.

No que concerne às individualizações, os resultados apontam para um moderado nível de envolvimento das famílias dos jovens rurais com a escola, em três aspectos: saber das faltas, das notas e saber da data das provas; com diferenças por gênero, especialmente no controle de faltas escolares e da data das provas. Em referência à ajuda nas atividades escolares, como os jovens estão no ensino médio e os pais, em grande medida, fizeram apenas o ensino fundamental menor, não há muita participação destes, especialmente em relação aos rapazes que, em sua maioria, nunca tem auxílio nas resoluções das tarefas escolares. Pode ser descuido das famílias de classes menos favorecidas ou uma busca de individualização para o crescimento e a independência, mas, diante do contexto apresentado, presume-se que seja devido ao primeiro motivo apresentado. Sobre as expectativas depositadas na educação dos filhos e as estratégias desenvolvidas de apoio à escolarização é de que os jovens não desçam abaixo de seu nível, já os interesses dos filhos que não querem ser desclassificados vão conduzir a táticas diversas e inventivas, cuja finalidade, neste caso, não consiste na manutenção da posição, mas na mobilidade social ascendente. De acordo com os dados obtidos, para a maioria dos jovens inquiridos, os pais anelam que cursem o nível superior e os estudantes, em termos percentuais, ultrapassam a expectativa dos pais. Sobre se estão de acordo com a escolha dos pais para suas profissões, uma parte respondeu “não”, com ênfase para as moças de Nossa Senhora da Glória,

o que poderia estar relacionado ao conceito de individualização discutido na problemática desta tese, ou seja, a pretensão de ter autonomia para escolher o que considera ser melhor para si. Mas há jovens indecisos, com predomínio dos rapazes de Poço Redondo, justamente os que menos conversam com os pais acerca do futuro e das expectativas profissionais. Tal como jovens urbanos, os jovens de origem rural também se deparam com dúvidas e não podem ter um rumo fixo ou predeterminado, de modo que os conceitos de tática e de flexibilidade discutidos neste trabalho se aplicam a sua situação. Como são jovens desprovidos de recursos suficientes para aumentar suas margens de escolhas, diante de um quadro de incertezas, esse indício de individualização que apresentam na construção de suas trajetórias conformaria múltiplos possíveis movimentos. Neste aspecto, a frequência com que os jovens pesquisados abordam certos temas em casa, especialmente no que diz respeito à vida escolar, apontam para uma variedade de assuntos, dos quais os mais discutidos entre os jovens rurais relacionam-se ao que querem ser no futuro, aos amigos e às notas escolares. As temáticas menos abordadas se referem a uma escala mais subjetiva, principalmente os rapazes, visto que falam mais sobre as expectativas profissionais, enquanto as moças se mostram mais expansivas em todos os aspectos. Em relação a emprego, a maioria dos jovens não trabalha, mas participa ou já participou de programas sociais voltados para famílias de baixa renda, nomeadamente o Bolsa Família. Com o intento de verificar possível individualização no gasto da bolsa recebida, perguntou-se aos jovens que fazem parte de programas de transferência de renda quem administra o valor recebido, mas, dos 43 beneficiários, apenas três moças administram o recurso recebido e, dos rapazes, nenhum, o que fica a cargo principalmente das mães.

À pergunta sobre as expectativas perante o futuro tendo como referência a vida dos pais, nenhum jovem indicou que terá uma vida pior que a dos pais, ao passo que a maioria espera ter uma vida melhor que a de seus progenitores. Essa indicação é especialmente expressiva entre as moças que, no caso das de Nossa Senhora da Glória – o percentual quase alcançou a totalidade –, assinalam elevadas expectativas quanto ao futuro.

Tendo em consideração se sabem exatamente o que querem, os alunos foram bastante moderados. As moças, ao tempo que evidenciam maiores expectativas do que os rapazes, em relação às atitudes em face do futuro também depositam mais confianças nas suas capacidades, pois a maioria crê que “é tudo uma questão de esforço”. Ainda sobre as expectativas diante do futuro, os rapazes de Poço Redondo foram os que apresentaram menor percentual, no entanto, são estes os que mais têm confiança em si. Não foram poucos os alunos que afirmaram ser inútil fazer projetos.

O jovem rural pesquisado ocupa o tempo livre com música e televisão diariamente, negligenciando a leitura e, a maior parte, nunca vai ao cinema, ou seja, ainda está atrelado a uma cultura de oralidade, leia-se passiva, e menos crítica. Sobre o uso do computador, os jovens rurais, em sua maioria, nunca o fazem em casa, nem na escola e nem na biblioteca. Apenas cerca de um quinto faz uso do computador muitas vezes em casa, deduz-se que seja pela ausência do equipamento e da internet nas outras residências. Quanto às preferências musicais, refletem semelhanças entre os jovens rurais de Poço Redondo e de Nossa Senhora da Glória. Esta análise, no entanto, mostra que quanto a identidades, diante da predileção dos jovens, sertanejo, forró e *rock*, os principais estilos musicais elencados, possuem ampla difusão nos meios de comunicação, tanto no país como na região desta pesquisa.

Indagados se pensam em ir embora do sertão, a maioria dos jovens inquiridos respondeu “não”, sem diferença de gênero, bem como há pouca diferença por município. Dos que pensam em ir embora, com destaque para os rapazes de Poço Redondo e as moças de Nossa Senhora da Glória, na realidade percebe-se apenas uma ideia, mais uma vez, relacionada a possíveis táticas e não a estratégias. Dentre os que pensam em ir embora, quando perguntados para onde, boa parte ou não sabe ou não respondeu. Quanto à capacidade de se expressarem, os jovens sentem dificuldade de comunicar suas ideias e planos e de fazer reivindicações, isto se revela um sério empecilho, caso tenham planos de viajar e de ir embora do meio rural para trabalhar e estudar em alguma cidade. Assim, pode-se concluir que os jovens rurais inquiridos parecem se aplicar menos a uma “individualização ativa” e mais a uma “individualização passiva”, quando acolhem ou recusam as oportunidades que se apresentam, construindo suas biografias de acordo com as circunstâncias da vida, com ajustes individualizados que não fazem comparações nem com as gerações anteriores nem com os pares, como uma forma de prever o futuro, tornando-o, desse modo, incerto e imprevisível, com escolhas reversíveis e oportunidades em constante mutação. Embora pareça ser mais uma individualização passiva, não se está excluída a busca de fazer sua própria biografia, conforme dito por uma moça que estudar era decisão sua, ou seja, é ela quem deve ser a autora de sua própria história, de forma que deve ser respeitada por isso. Neste caso, enquadra-se no conceito de individualização porque reivindica a livre disposição de si mesma ao aspirar a autonomia para escolher o que considera ser melhor para si e, como não está exclusivamente voltada para seu interesse pessoal, não pode ser considerada individualista, mas em processo de individualização, já que se mostra uma pessoa preparada para enfrentar quaisquer impedimentos à sua educação. E este não é o único caso, já que a maioria, tanto das moças como dos rapazes, admitiram que continuariam estudando, mesmo se não tivessem a aprovação dos pais.

Confirma-se a hipótese estabelecida inicialmente de que os jovens rurais do sertão sergipano, estudantes do último ano do ensino médio regular, apesar das dificuldades, perseveraram em buscar a escolarização por vislumbrarem nesse processo uma oportunidade prática de preparação para continuação dos estudos em nível superior e para trabalhar. Eles não têm uma *forte* concepção de identidade sertaneja porque a própria região passa por reconfigurações. Pelo que expuseram, ainda se prendem muito a uma visão do sertanejo de outrora, quer dizer, um ser forte que enfrenta as secas, que *luta* com a terra e que dela tira seu sustento, tanto que alguns jovens usaram o termo sertanejo *nato*, de *verdade* ou de *raiz* que seria aquele que tira seu alimento da roça e vive no campo. Mas o sertão mudou e o mundo também está no sertão, de modo que há sertanejos que vivem em cidades, que estudam, que empreendem e que não necessariamente trabalham na agricultura, de modo que outra parte dos jovens pesquisados já percebe que é possível ser sertanejo sem viver da agricultura e da pecuária, pois até dentre os próprios pesquisados alguns apenas residem no meio rural. Se as identidades são discursos e, assim sendo, são flexíveis e mutáveis, alguns jovens rurais ainda se embasam no conceito de *raiz* e apresentam a cultura rural como “de interior”, não numa concepção negativa, de atraso, ermo, abandonado, mas de *raiz* ligada à identidade. Em seus modos de socialização, há outros jovens rurais que veem o mundo rural como arcaico, atrasado e homogêneo, como lugar onde nada acontece. Uma vez que se diferenciaram pela escolarização, esses jovens querem sair desse mundo e não se consideram mais sertanejos. Desse modo, ainda surge nos discursos uma concepção estereotipada e não atenta para as reconfigurações dos sertões e para as novas ruralidades, quando é possível ser sertanejo conectado com o mundo, trabalhar em outras atividades que não somente a agricultura, bem como é possível ser sertanejo e morar em cidades e isso não significa desprezo e abandono de suas raízes. Os jovens rurais pesquisados também não possuem uma *forte* concepção política, pois não reivindicam, como mencionaram, por projetos de educação e trabalho para as juventudes do campo e preferem, se necessário, migrar para melhoria de vida. Além disso, com base em suas respostas, deduz-se que não recebem uma formação para atuação em suas comunidades com vistas ao desenvolvimento destas. Não significa que não gostam de sua região, pois parte fala em migrar para posteriormente retornar e ajudar seus pais e familiares, mas não estão mais interessados na agricultura. Ao contrário, não são poucos os jovens que se interessam em empreender, com destaque para as moças. Perpetua-se a representação culturalmente construída de que o mundo rural não é espaço para quem estudou, ao passo que aqueles que estudaram devem ir para cidades maiores, onde terão melhores oportunidades.

Nota-se que alguns itens mudaram relacionados, *grosso modo*, à forma de falar, a alternativas de transporte, à instalação de um *campus* universitário. Portanto, houve mudanças significativas no nível de aparência instituído pelo falar televisivo, no nível físico em que motos servem para facilitar o acesso e, em maior nível, a infraestrutura, a oportunidade fantástica de uma universidade na região que, espera-se, possa ser ampliada para que cada vez mais jovens tenham acesso a seus cursos. Os jovens rurais do sertão sergipano afirmam amar a sua *raiz*, sua cultura e seu lugar, de modo que seria importante, mesmo com as reconfigurações inerentes à contemporaneidade, que se sintam acomodados em sua terra para nela permanecerem, caso assim desejem. Que também tenham plena capacidade para resgatar o campo como espaço de desenvolvimento e de melhoria de vida. É importante a individualidade do ser, a realização de sonhos, como o acesso ao ensino superior, o emprego bem remunerado, o sucesso, mas que também tenham meios para que das possibilidades que o campo encerra criem algo que reverta em benesses para esse lugar que é berço de cidadãos que o amam, mas que também não podem abdicar de crescerem, afinal, um lado não pode excluir o outro. Em relação aos que gostam do meio rural do sertão e não querem sair, observa-se o uso de táticas, como a brecha encontrada em caronas no transporte municipal para irem à escola, mas é importante que elevem suas vozes para reivindicar transporte próprio para os jovens do ensino público estadual. Se os jovens falaram nos grupos focais, e muito bem, vale registrar, foi porque houve um momento proporcionado por esta pesquisa para que fizessem uso da palavra. Porém, diante do limite deste trabalho no âmbito acadêmico pode ser que essas falas não cheguem efetivamente na esfera responsável pelo planejamento e execução de políticas públicas.

Portanto, se há um *campus* a oferecer cursos foi porque jovens da região também lutaram para que ele se instalasse no sertão. Assim como fizeram para que fosse instalado, podem lutar mais para fazê-lo crescer. Os jovens rurais poderiam exercitar duas características fundamentais da juventude: a ousadia e a capacidade de criar, com novas formas de atuação e oxigenando conceitos velhos e antiquados de que o sertão é terra de secas, de sofrimento e de falta de oportunidades. Se o sertão é de um povo forte, com toda essa força e persistência o povo sertanejo, com ênfase na juventude, pode contribuir para o desenvolvimento do seu lugar, sem fechar a porteira, como se diz, e dar as costas para o que é seu com o sonho de buscar crescimento e melhoria de vida em outro lugar. No entanto, muitas vezes fecha-se a porteira por falta de oportunidades e de acesso a elas, conforme salientado por alguns jovens rurais.

A limitação formal do presente trabalho está em ter se prendido à mera observação sem ter condições de uma atuação mais contundente junto aos jovens rurais por meio de um projeto de intervenção até porque fugiria ao escopo deste, mas esta é uma intenção que não está

descartada para trabalhos futuros. A “luz dos problemas culturais” agora indica uma pista que os próprios jovens rurais pesquisados deram: o interesse que a maioria demonstrou de ter um negócio próprio ou uma empresa.

Na mostra *Câmara Cascudo no Museu da Língua Portuguesa* visitada em novembro de 2015, os organizadores expuseram que, em 1986, aos 88 anos, em uma de suas últimas entrevistas, o folclorista fez um importante balanço de sua vida e concluiu: “[...] Estudei o que amei. Pesquisei e discuti sobre assuntos que queria escrever [...]. O segredo da vida está no entendimento”. Ao ler esse depoimento, justamente na fase de consolidação deste trabalho, esta autora refletiu o quanto gostaria de continuar a produzir na linha de pesquisa que abraçou e que, no final da carreira, possa fazer uma síntese de sua vida similar à de Câmara Cascudo. Se o segredo da vida está no entendimento, que possa, cada vez mais, entender os jovens e os jovens rurais, sua relação com a terra e com o saber. Que tenha a ventura de sempre pesquisar, pois é isso o que gosta de fazer. Encerra-se um ciclo difícil e pedregoso, mas também muito boa etapa de estudos como pesquisadora de mestrado e, posteriormente, de doutorado. Que outro ciclo comece, mas sempre em busca do entendimento.

REFERÊNCIAS

- ABI'SÁBER, Aziz. No domínio das caatingas. In: **Caatinga** – Sertão, sertanejos. MONTEIRO, Salvador; KAZ, Leonel (Coords.). Rio de Janeiro: Edições Alumbamento/Livroarte Editora, 1994-1995. p. 37-46.
- ABRAMO, Helena Wendel. Debate. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (Orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 67-71.
- ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania; Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-72.
- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 5-6, p. 25-36, mai./dez. 1997.
- ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania; Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.
- ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (Orgs.). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2007.
- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. **Juventude, juventudes: o que une e o que separa**. Brasília: Unesco, 2006.
- ABREU, Capistrano de. **Capítulos de história colonial e os caminhos antigos e o povoamento do Brasil**. Brasília: Ed. da Univ. de Brasília, 1963.
- ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ADORNO, Theodor. W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- AGUIAR, Márcia Angela das S. Avaliação do Plano Nacional de Educação 2001-2009: questões para reflexão **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 112, p. 707-727, jul.-set. 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/es/v31n112/04>>. Acesso em: 12 mar. 2016.
- AJAP – Associação de Jovens Agricultores de Portugal. **A instalação de jovens agricultores: fatores que determinam o sucesso**. Lisboa: Gabinete de Planeamento e Políticas, 2012.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALVES, Natália. Por que está a escola incumbida de promover a inclusão e a empregabilidade? In: CANÁRIO, Rui; RUMMERT, Sonia Maria (Orgs.). **Mundos do trabalho e aprendizagem**. Lisboa: Educa Autores, 2009. p. 45-59.
- ALVES, Natália. **Juventudes e inserção profissional**. Lisboa: Educa Autores, 2008.

ALVES, Natália. **Socialização escolar e profissional dos jovens**: projectos, estratégias e representações. Cadernos Sísifo I. Lisboa: Educa, 2006.

AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 145-151, 1995.

AMARAL, Emília et al. **Novas palavras**: língua portuguesa: ensino médio. 2. ed. São Paulo: FTD, 2005 (Coleção Novas Palavras).

AMES, José Luiz. Maquiavel e a educação: a formação do bom cidadão. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, n. 31, v. 2, p. 137-152, 2008.

AMIGUINHO, Abílio. **A escola e o futuro do mundo rural**. Tese (Doutorado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2008.

ANDRADE, Eliane Ribeiro; FARAH NETO, Miguel. Juventudes e trajetórias escolares: conquistando o direito à educação. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (Orgs.). **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2007. p. 55-78.

ANDRADE, Oswald de. Vício na fala. In: ANDRADE, O. **Obras completas** - Poesias reunidas. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/MEC, v. VII, 1972.

ANDREOLI, Leonardo. Prefeitura paga faculdade de medicina a moradores: município de Camargo criou lei que permite pagar a faculdade em troca de cinco anos de prestação de serviços à rede pública. Motivo é a falta de médicos na cidade. **O Nacional**. Passo Fundo, RS. 13/03/2013. Disponível em: <<https://goo.gl/dpc2Ud>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

ANTONIO FILHO, Fadel David. Sobre a palavra “sertão”: origens, significados e usos no Brasil (do ponto de vista da Ciência Geográfica). **Ciência Geográfica**, Bauru, XV, v. XV(1), p. 84-87, jan./dez. 2011.

APPLE, Michael. A educação e os novos blocos hegemônicos. In: RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da educação**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 93-122.

ARAÚJO, Douglas. **A morte do sertão antigo no Seridó**: o desmoronamento das fazendas agropecuaristas em Caicó e Florânia. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2009. Série BNB teses e dissertações, 2.

ARROYO, Miguel G. Fracasso/Sucesso: um pesadelo que perturba nossos sonhos. **Em Aberto**, Brasília, v. 17, n. 71, p. 33-40, jan. 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. 2. ed. rev. Porto Alegre: Zouk, 2011a.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**. 11. ed. Campinas, SP: Papirus, 2011b.

BOURDIEU, Pierre. Classificação, desclassificação, reclassificação. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos de Educação**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 145-183.

BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. 3. ed. reimpr. Porto Alegre: Zouk, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é só uma palavra. In: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Lisboa: Edições Fim do Século, 2004a.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora Unesp, 2004b.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004c.

BOURDIEU, Pierre; CHAMPAGNE, Patrick. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos de educação**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 217-227.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Os herdeiros**: os estudantes e a cultura. Florianópolis: Ed. UFSC, 2015.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BRANCO, Pedro Paulo Martoni. Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania; Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 129-148.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. O ensino médio no contexto do Plano Nacional de Educação: o que ainda precisa ser feito **Cad. Cedes**, Campinas, v. 31, n. 84, p. 195-208, mai-ago. 2011.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 19 mar. 2016.

BRASIL. Constituição (1988). Emenda Constitucional nº 53 de 19 de dezembro de 2006. Dá nova redação aos arts. 7º, 23, 30, 206, 208, 211 e 212 da Constituição Federal e ao art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 dez. 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Emendas/Emc/emc53.htm>. Acesso em: 19 mar. 2016.

BRASIL. Constituição (1988). Emenda Constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009. Acrescenta § 3º ao art. 76 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias para reduzir, anualmente, a partir do exercício de 2009, o percentual da Desvinculação das Receitas da União incidente sobre os recursos destinados à manutenção e desenvolvimento do ensino de que trata o art. 212 da Constituição Federal, dá nova redação aos incisos I e VII do art. 208, de forma a prever a obrigatoriedade do ensino de quatro a dezessete anos e ampliar a abrangência dos programas suplementares para todas as etapas da educação básica, e dá nova redação ao § 4º do art. 211 e ao § 3º do art. 212 e ao caput do art. 214, com a inserção neste dispositivo de

inciso VI. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 12 nov. 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Emendas/Emc/emc59.htm>. Acesso em: 19 mar. 2016.

BRASIL. Decreto nº 2.208 de 17 de abril de 1997. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 42 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 18 abr. 1997. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2208.htm>. Acesso em: 19 mar. 2016.

BRASIL. Decreto nº 5.154 de 23 de julho de 2004. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 26 jul. 2004. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2208.htm>. Acesso em: 19 mar. 2016.

BRASIL. Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, publicado em 10 jan. 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm>. Acesso em: 19 mar. 2016.

BRASIL. Lei nº 11.494, de 20 de junho de 2007. Regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB, de que trata o art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias; altera a Lei no 10.195, de 14 de fevereiro de 2001; revoga dispositivos das Leis nos 9.424, de 24 de dezembro de 1996, 10.880, de 9 de junho de 2004, e 10.845, de 5 de março de 2004; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, publicado em 21 jun. 2007 e retificado em 22 jun. 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/11494.htm>. Acesso em: 19 mar. 2016.

BRASIL. Lei nº 11.741, de 16 de julho de 2008. Altera dispositivos da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 17 jul. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11741.htm>. Acesso em: 19 mar. 2016.

BRASIL. Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 5 abr. 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112796.htm>. Acesso em: 19 mar. 2016.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 6 ago. 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm>. Acesso em: 19 mar. 2016.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, publicado em 27 dez. 1961 e retificado em 28 dez. 1961. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L4024.htm>. Acesso em: 19 mar. 2016.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, publicado em 12 ago. 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm>. Acesso em: 19 mar. 2016.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 19 mar. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Censo da educação básica: 2012 – resumo técnico**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Censo da educação básica: 2013 – resumo técnico**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Glossário do Edudatabrasil – Sistema de Estatísticas Educacionais**. Disponível em: <<http://www.edudatabrasil.inep.gov.br/>>. Acesso em: 21 dez. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Relatório educação para todos no Brasil 2000-2015: Versão preliminar – Junho 2014**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15774-ept-relatorio-6062014&Itemid=30192>. Acesso em: 10 mar. 2016.

BRASIL. **Ranking decrescente do IDH-M dos municípios do Brasil**. Atlas do Desenvolvimento Humano, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) (2010). Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/ranking-idhm-municipios-2010.aspx>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

BRUMER, Anita. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (Orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 35-51.

BRUNO, Lúcia. Educação, qualificação e desenvolvimento econômico. In: BRUNO, Lúcia (Org.). **Educação e trabalho no capitalismo contemporâneo: leituras selecionadas**. São Paulo: Atlas, 1996. p. 91-123.

CAMINHA, Pero Vaz de. **A carta**. Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário do Nascimento de Pedro Álvares Cabral, 1968.

CAMPOLIN, Aldalgiza Inês. **Quando alunos e alunas são rurais e a escola é urbana: o significado do ensino médio para jovens rurais**. 2000, 87 fls. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

CANÁRIO, Rui. Associativismo e educação popular. In: CANÁRIO, Rui; RUMMERT, Sonia Maria (Org.). **Mundos do trabalho e aprendizagem**. Lisboa: Educa Autores, 2009. p. 133-154.

CANCLINI, Nestor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

CARNEIRO, Maria José. Juventude e novas mentalidades no cenário rural. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (Orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 53-66.

CARNEIRO, Maria José. Apresentação. In: MOREIRA, Roberto José (Org.). **Identidades sociais: ruralidades no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 7-13.

CARNEIRO, Maria José. Multifuncionalidade da agricultura e ruralidade: uma abordagem comparativa. In: MOREIRA, José Roberto; COSTA, Luiz Flávio de Carvalho (Orgs.). **Mundo rural e cultura**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. p. 223-240.

CARNEIRO, Maria José. O ideal rurano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Raimundo; COSTA, Luiz Flávio de Carvalho (Orgs.). **Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1998a. p. 95-117.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidades: novas identidades em construção. **Revista Estudos – Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, UFRJ/DDAS/CPDA, n. 11, p. 53-75, out. 1998b.

CARNEIRO, Maria José. **Camponeses, agricultores e pluriatividade**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1998c.

CARR, Patrick J.; KEFALAS, Maria J. **Hollowing Out the Middle: The Rural Brain Drain and What It Means for America**. Boston, Massachusetts: Beacon Press, Little, Brown and Co., 2009.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e cantadores**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

CASTELLETTI, Carlos Henrique Madeiros; SANTOS, André Maurício Melo; TABARELLI, Marcelo; SILVA, José Maria Cardoso da. Quanto ainda resta da Caatinga? Uma estimativa preliminar. In: LEAL, Inara R.; TABARELLI, Marcelo. **Ecologia e conservação da caatinga**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2003, p. 719-734.

CASTRO, Cláudio de Moura. **Desenvolvimento econômico, educação e educabilidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Fename, 1976.

CASTRO, Elisa Guaraná de. Terceira sessão: balanço e perspectivas. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (Orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CASTRO, Elisa Guaraná de. Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural. In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGIA RURAL, 7., 2006, Quito. **Memória del VII Congreso Latino-Americano de Sociología Rural**, Quito, 2006.

CASTRO, Elisa Guaraná de. **Sonhos, desejos e a “realidade”**: herança, educação e trabalho de “jovens rurais” da Baixada Fluminense/RJ. Apresentado no I Simpósio Internacional de Juventude Brasileira-Jubra, Rio de Janeiro: UFRJ, out./2004. Disponível em: <<http://www.nead.org.br>> (artigo do mês). Acesso em: 5 jun. 2010.

CASTRO, Iná Elias de. Natureza, imaginário e a reinvenção do Nordeste. In: **Paisagem, imaginário e espaço**. ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 103-133.

CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria C. de; ANDRADE, Carla Coelho de. (Orgs.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/pdf/20100119JUVENTUDE.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

CATANI, Afrânio Mendes; GILIOLI, Renato de Sousa Porto. **Culturas juvenis: múltiplos olhares**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

CERTEAU, Michel de. **Invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHARLOT, Bernard. Valores e normas da juventude contemporânea. In: PAIXÃO, Lea Pinheiro; ZAGO, Nadir (Orgs.). **Sociologia da Educação**: pesquisa e realidade brasileira. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes, 2007. p. 203-221.

CHARLOT, Bernard. **Jovens de Sergipe**: quem são eles, como vivem, o que pensam. Aracaju, 2006.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHARLOT, Bernard. Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 97, p. 47-63, maio 1996.

COMENIUS. **Didática Magna**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

CORREIA, Luiz. Nota de Abertura. In: AJAP – Associação de Jovens Agricultores de Portugal. **A instalação de jovens agricultores: fatores que determinam o sucesso**. Lisboa: Gabinete de Planeamento e Políticas, 2012. p. 11.

COSTA, Gilvan Luiz Machado. O ensino médio no Brasil: desafios à matrícula e ao trabalho docente. **R. bras. Est. pedag.**, Brasília, v. 94, n. 236, p. 185-210, jan./abr. 2013.

CRUZ, Vanessa. Agricultura: diagnóstico de um setor que precisa de jovens. **TVI24 Online**. 23 jan. 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/Xi5ssO>>. Acesso em: 3 mar. 2013.

CUADRA ROJAS, Alvaro; OSSA SWEARS, Carlos Joaquín. **Modernidad y comunicación social**. 2. ed. Santiago de Chile: Universidad de Arte y Ciencias Sociales (ARCIS) / LOM Ediciones, 2002.

CUNHA, Euclides. **Os Sertões** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

DALE, Roger. O marketing do mercado educacional e a polarização da educação. In: GENTILI, Pablo (Org.). **Pedagogia da exclusão**: crítica ao neoliberalismo em educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1.105-1.128, out. 2007.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, J. (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. 2. reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. p. 136-161.

DIAGNÓSTICOS das cadeias produtivas do leite e derivados (bovino e caprino) e frutas irrigadas (acerola, goiaba e quiabo) no Alto Sertão Sergipano. Estudo de Viabilidade Técnica de apoio ao Programa de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido Sergipano. Aracaju: Iber-Geo International SL; Governo de Sergipe, 2008.

DOMINGUINHOS; GIL, Gilberto. Lamento sertanejo. Dominginhos, Gilberto Gil [compositores]. 1975. In: Dominginhos [intérprete]. **Forró do Dominginhos**. São Paulo: Polygram, 1999. 1 CD (60 min 29 s). Faixa 13. (Coleção Millennium).

DURSTON, John. Juventude rural, modernidade e democracia: desafio para os noventa. In: TAVARES, Doraci; NELSON, Lemos (Orgs.). **Juventude e desenvolvimento rural no Cone Sul Latino-Americano**. Santiago de Chile: Procoder – Emater – IICA, 1995. p. 13-16.

ENGUITA, Mariano Fernández. **A face oculta da escola**: educação e trabalho no capitalismo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (Orgs.). **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2007. p. 19-54.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 37. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

FROEHLICH, José Marcos. A (re)construção de identidades e tradições: o rural como tema e cenário. **Antropolítica**, Niterói/RJ: UFF, n. 14, p.117-132, 2003.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação para a inclusão e a empregabilidade: promessas que obscurecem a realidade. In: CANÁRIO, Rui; RUMMERT, Sonia Maria (Orgs.). **Mundos do trabalho e aprendizagem**. Lisboa: Educa Autores, 2009. p. 61-77.

GALLAND, Olivier. **L'allogement de la jeunesse**. Paris: Actes Sud, 1993.

GALLAND, Olivier. **Sociologie de la jeunesse**: l'entrée dans la vie. Paris: Armand Colin, 1991.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **O Império do Belo Monte**: vida e morte de Canudos. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

GIANNETTI, Eduardo. **Felicidade**: diálogos sobre o bem-estar na civilização. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASH, Scott. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997. p. 73-134.

GONZAGUINHA. Um homem também chora (Guerreiro menino). Gonzaguinha [compositor]. 1983. In: Gonzaguinha [intérprete]. **Meus momentos**: Gonzaguinha. São Paulo: EMI Brasil, 2007. 1 CD (48:45 m). Faixa 11.

GORENDER, Jacob. Introdução – O nascimento do materialismo histórico. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. VII-XXXVIII.

GUIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE JUVENTUDE. Brasília: Secretaria-Geral da Presidência da República, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HESSE, Hermann. **Sidarta**. 55. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

HOBBSBAWM, Eric John E. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Baseados na Pnad 2012 – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2012/default_sintese.shtm>. Acesso em: 10 mar. 2016.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Populacional 2010. Disponível em <<http://mapasinterativos.ibge.gov.br/grade/default.html>>. Acesso em: 19 mar. 2016.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estimativas populacionais para os municípios brasileiros 2013. 01 de julho de 2013. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2013/>>. Acesso em: 19 mar. 2016.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Produto Interno Bruto dos Municípios 2004-2008. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pibmunicipios/2004_2008/default.shtm>. Acesso em: 19 mar. 2016.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Resolução da Presidência do IBGE nº 5 (R.PR-5/02), de 10 de outubro de 2010. Área territorial oficial. **Diário Oficial da União**, nº 198, Seção 1, Brasília, DF, 11 de out. 2002, p. 48 a 65. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/areaterritorial/resolucao.shtm>>. Acesso em: 19 mar. 2016.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”? (*Aufklärung*). In: KANT, I. **Textos seletos**. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2010, p. 63-71.

KUENZER, Acácia Zeneida. O ensino médio no Plano Nacional de Educação 2011-2020: superando a década perdida? **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 112, p. 851-873, jul.-set. 2010.

KUENZER, Acácia Zeneida. **Pedagogia da fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

LEON, Alessandro Lutfy Ponce de. Juventude, juventudes. Uma análise do trabalho e renda da juventude brasileira. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (Orgs.). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2007.

LESSA, Sérgio. O processo de produção e reprodução social: trabalho e sociabilidade. In: **Capacitação em Serviço Social e Política Social**. Módulo 2: Reprodução social, trabalho e Serviço Social. CEAD: Brasília, 1999.

LIMA, Cláudia R.; CABRAL, Vera Lúcia M.; GASPARINO, Elisandra. Políticas públicas educacionais brasileiras: o ensino médio no contexto da LDB, PNE E PDE. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9., 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2009.

LIMA, Eli Napoleão. Novas ruralidades, novas identidades. Onde? In: MOREIRA, Roberto José (Org.). **Identidades sociais**: ruralidades no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LIMA, Leonardo Claver Amorim. Da universalização do ensino fundamental ao desafio de democratizar o ensino médio em 2016: o que evidenciam as estatísticas? **R. bras. Est. pedag.**, Brasília, v. 92, n. 231, p. 268-284, maio/ago. 2011.

LOCKE, John. **Ensaio acerca do entendimento humano**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

LYOTARD, Jean-François. **La condición posmoderna**. Madrid: Cátedra, 1995. pp. 13-78.

MAAR, Wolfgang Leo. Adorno, semiformação e educação. **Educação e Sociedade**, v. 24, n. 83, p. 459-476, ago. 2003.

MACHIAVELLI, Nicolò. **O Príncipe** / Nicolau Maquiavel. Porto Alegre: L&PM, 2012.

MAIA, Gerda Nickel. **Caatinga**: árvores e arbustos e suas utilidades. São Paulo: D&Z, 2004.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MEDIDAS PASSAPORTES EMPREGO. **Regulamento Específico**. Lisboa: Instituto de Emprego e Formação Profissional, 2012.

MELO, Ricardo Oliveira Lacerda de. **Economia sergipana contemporânea (1970-2010)**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Editora Diário Oficial, 2012.

MENDES, Geisa Flores. **Sertão se traz na alma?** Território/lugar, memória e representações sociais. 2009, 249 fls. Tese (Doutorado em Geografia), Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, 2009.

MENEZES, Isabela Gonçalves de. **Jovens rurais no sertão sergipano**: escolarização e identidades culturais. 2012, 238 fls. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, 2012.

MÉSZÁROS, Istvan. **A educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MOLL, Jaqueline; GARCIA, Sandra. Prefácio. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Orgs.). **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 7-9.

MOREIRA, José Roberto. Ruralidades e globalizações: ensaiando uma interpretação. In: MOREIRA, José Roberto (Org.). **Identidades sociais**: ruralidades no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 15-40.

MOREIRA, José Roberto; COSTA, Luiz F. de Carvalho. O rural no presente. In: MOREIRA, José Roberto; COSTA, Luiz F. de Carvalho (Orgs.). **Mundo rural e cultura**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. p. 7-12.

- NASCIMENTO, Milton. Morro velho. Milton Nascimento [compositor]. 1965. In: REGINA, Elis [intérprete]. **Elis**. Rio de Janeiro: Polygram/Philips, 1998. 1 CD (36 min). Faixa 04.
- NETTO, José Paulo. Introdução ao método na teoria social. In: **Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais**. Brasília: CFESS/Abepss, 2009. p. 668-700.
- NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia política: uma introdução crítica**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- NEVES, Paulo S. Costa; FERRERI, Marcelo. Participação e políticas públicas voltadas para a juventude: o modelo de “jovem” difundido pelas Conferências de Juventude. In: ENCONTRO INTERNACIONAL PARTICIPAÇÃO, DEMOCRACIA E POLÍTICAS PÚBLICAS: APROXIMANDO AGENDAS E AGENTES, 2013, Araraquara (SP). **Anais...** Araraquara (SP): UNESP, 2013. p. 1-26.
- NOGUEIRA, Claudio M. M.; NOGUEIRA, Maria Alice. Os herdeiros: fundamentos para uma sociologia do ensino superior. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 36, nº. 130, p. 47-62, jan.-mar., 2015.
- NOVAES, Regina R. C. Segunda sessão: políticas públicas, direitos e participação. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (Orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 99-107.
- OLIVEIRA, Ricardo. Euclides da Cunha, Os Sertões e a invenção de um Brasil profundo. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, n. 44, p. 511-537, 2002.
- PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro**. 2. ed. Lisboa: Ambar, 2005.
- PAULO, Maria de Assunção Lima de. **As construções das identidades de jovens rurais na relação com o meio urbano em um pequeno município**. 2010, 259 fls. Tese (Doutorado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.
- PERICO, Rafael Echeverry. **Identidade e território no Brasil**. Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura, 2009.
- PICHONELLI, Matheus. O ensino superior no Brasil cumpre uma/ função social invisível: garantir um selo de distinção. **Carta Capital**. 07/02/2014. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-empregada-ja-tem-carro-e-eu-estudei-pra-que-5156.html>> 2016>. Acesso em 18 mar. 2016.
- PINTO, Mariana Correia. Jovens agricultores: uma minoria em crescimento e cada vez mais formada. **P3**, 24 fev 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/YwKiMd>>. Acesso em: 3 mar. 2013.
- POLÍTICAS Públicas de/para/com as juventudes. Brasília: Unesco, 2004.
- PORTELA, José. O meio rural em Portugal: entre o ontem e o amanhã. **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**, v. XXXIX, n. 1-2, p. 45-65, 1999.
- PORTILHO, Fátima. **Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania**. São Paulo: Cortez, 2005.

QUEIROZ, Rachel de. Sertão, sertanejos. In: **CAATINGA** – Sertão, sertanejos. MONTEIRO, Salvador; KAZ, Leonel (Coords.). Rio de Janeiro: Edições Alumbramento / Livroarte Editora, 1994-95. p. 57-63.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 99. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

RAMOS, Graciliano. **Histórias de Alexandre**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

RAMOS, Marise Nogueira. **A pedagogia das competências**: autonomia ou adaptação? 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: un campo de estudio; breve agenda para la discusión. In: FÁVERO, Osmar; SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina C. R. (Orgs.). **Juventude e contemporaneidade**. Brasília: Unesco, MEC, Anped, 2007 (Coleção Educação para todos; 16). p. 47-72.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ROTTERDAM, Erasmo de. **De Pueris (Dos Meninos)**. A civilidade Pueril. São Paulo: Editora Escala, 2005.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio ou Da Educação**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SABOURIN, Eric; CARON, Patrick. Origem e evolução da agricultura familiar no Nordeste semiárido. In: **Camponeses do sertão**: mutação das agriculturas familiares no Nordeste do Brasil. CARON, Patrick; SABOURIN, Eric (Editores técnicos). Embrapa, Cirad. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2003. p. 29-45.

SALES, Nancy Jo. **Bling Ring**: a gangue de Hollywood. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

SAMPAIO, Alberto José de. **Alimentação sertaneja e do interior da Amazônia**: onomástica da alimentação rural. Coleção Brasileira, v. 238. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1944. Disponível em: <<http://www.brasiliana.com.br/obras/alimentacao-sertaneja-e-do-interior-da-amazonia-onomastica-da-alimentacao-rural>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

SANCHO, Jesús. Jóvenes y parados “emigran” al campo por la crisis. Vida, **La Vanguardia.com**. 26 mai 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/hQt9Po>>. Acesso em: 14 ago. 2013.

SÁTYRO, Natália; SOARES, Sergei. **Anatomia das escolas brasileiras**: um estudo sobre a infraestrutura das escolas de ensino fundamental com base no Censo Escolar de 1997 a 2005. Brasília: IPEA, 2007.

SAVAGE, Jon. **A criação da juventude**: como o conceito de *teenage* revolucionou o século XX. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SEABRA, Teresa et al. **Trajetos e projetos de jovens descendentes de imigrantes à saída da escolaridade**. Lisboa: Observatório da Imigração, 2011.

SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE (SNJ). **Agenda Juventude Brasil**: pesquisa nacional sobre perfil e opinião dos jovens brasileiros 2013. Brasília: Participatório/Secretaria Nacional de Juventude, 2013.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SERGIPE (Estado). Secretaria de Estado da Educação – SEED. **Escolas da rede estadual**. Disponível em: <<http://www.seed.se.gov.br/redeestadual/escolas-rede.asp>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

SERGIPE EM DADOS 2009. v.1 (1995). Aracaju: Seplan/Supes, 2010.

SERGIPE. Secretaria de Estado do Planejamento e da Ciência e Tecnologia – Seplantec, Superintendência de Estudos e Pesquisas – Supes. **Perfis Municipais 1997/2000**. Aracaju, 2000.

SILVA, José Francisco Graziano da. Por um novo programa agrário. **Revista Reforma Agrária**, ABRA, Campinas, n.2, vol. 23, p. 11, mai./ago. 1993.

SILVA, Moacir M. F. A Propósito da Palavra “Sertão”. **Boletim Geográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, v. VIII, n. 90, p. 637-644, set. 1950.

SINGER, Paul. A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania; Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 27-35.

SIQUEIRA, Luiza Helena Schwantz de. **As perspectivas de inserção dos jovens rurais na unidade de produção familiar**. 2004, 124 fls. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural), Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

SOARES, Sergei; SÁTYRO, Natália. **O impacto de infraestrutura escolar na taxa de distorção idade-série das escolas brasileiras de ensino fundamental: 1998 a 2005**, Texto para Discussão, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), n. 1.338, 2008.

SPOSITO, Marília Pontes. Terceira sessão: balanço e perspectivas. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (Orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007a. p. 123-128.

SPOSITO, Marília Pontes. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola. In: PAIXÃO, Lea Pinheiro; ZAGO, Nadir (Orgs.). **Sociologia da Educação: pesquisa e realidade brasileira**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007b. p. 19-43.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-127.

SPOSITO, Marília Pontes. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área da educação. In: SPOSITO, Marília Pontes (Coord.). **Estado do conhecimento: juventude e escolarização**. São Paulo: Ação Educativa/INEP, 2000. p. 6-40.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. **O mundo rural no horizonte dos jovens**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

TAVARES, Mauricio Antunes. Elias y Mannheim iluminando los caminos de la investigación sobre juventud y ruralidades en el Brasil del siglo XXI. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL PROCESO CIVILIZADOR, 11., 2008. **Anais...** Buenos Aires, 2008.

TELES, Gilberto Mendonça. O lu(g)ar dos sertões. **Verbo de Minas: letras**. Juiz de Fora, v. 8, n. 16, p. 71-108, jul./dez. 2009.

TERRAIL, Jean-Pierre. **De l'Inégalité Scolaire**. Paris: La Dispute, 2002.

TINOCO, Tatiana. Does education matter? Myths about education and economic growth. RAE. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 110-111, 2003.

TONNEAU, Jean-Philippe; CLOUET, Yves; CARON, Patrick. Organização do espaço regional e da agricultura familiar. In: **Camponeses do sertão: mutação das agriculturas familiares no Nordeste do Brasil**. Patrick Caron e Eric Sabourin, editores técnicos. Embrapa, Cirad. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2003. p. 47-63.

TOOLEY, James. **The Beautiful Tree: a Personal Journey into How the World's Poorest People are Educating Themselves**. Wahington, D. C.: Cato Institute, 2009.

TOOLEY, James. Educating Amaretech: private schools for the poor and the new frontier for investors. **Economic Affairs**, Vol. 27, No. 2, p. 37-43, June 2007.

TORRES, Antônio. **Essa Terra**. São Paulo: Ática, 1996.

TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO. **Auditoria coordenada educação: ensino médio** / Instituto Rui Barbosa; Brasília: TCU, 2014. (Sumários Executivos).

TWENGE, Jean. M.; KASSER, Tim. Generational Changes in Materialism and Work Centrality, 1976-2007: Associations With Temporal Changes in Societal Insecurity and Materialistic Role Modeling. **Personality and Social Psychology Bulletin**, July 2013 39: 883-897, first published on May 1, 2013.

VEIGA, José Eli. **Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

VICENTINI, Albertina. Regionalismo literário e sentidos do sertão. **Sociedade e Cultura**, Universidade Federal de Goiás, v. 10, n. 2, p. 187-196, 2007.

VICENTINI, Albertina. O sertão e a literatura. **Sociedade e Cultura**, v. 1, n. 1, p. 41-54, jan./jun., 1998.

WANDERLEY, Maria N. Baudel. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (Orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 21-33.

WANDERLEY, Maria N. Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades avançadas – o rural como espaço singular e ator coletivo. **Revista Estudos – Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, UFRJ/DDAS/CPDA, n. 15, p. 87-146, out. 2000a.

WANDERLEY, Maria N. Baudel. A valorização da agricultura familiar e a reivindicação da ruralidade no Brasil. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 2, p. 29-37, jul./dez. 2000b.

WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**, parte 1. 4. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.

WEISHEIMER, Nilson. **Juventudes rurais: mapa de estudos recentes**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.

APÊNDICE A – Questionário

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGED
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO
PESQUISADORA: ISABELA GONÇALVES DE MENEZES

Pesquisa de doutorado em educação sobre jovens rurais do sertão sergipano
 Ao responder este questionário você contribuirá muito para a pesquisa e o conhecimento
 sobre juventude rural no sertão sergipano. Muito obrigada!

1. Identificação

| | | | |
|--|--|---|--|
| 1.1. Nome completo: | | 1.2. Data de nascimento (mês e ano): | |
| 1.3. Gênero: a) () Masculino b) () Feminino | | 1.4. Estado civil: a) () Solteiro(a) b) () Casado(a) c) () União estável (convivência) d) () Separado(a) e) () Outro. Qual? | |
| 1.5. Onde você mora (sítio, povoado etc. e município)? | | 1.6. Qual a sua escola? a) () Manoel Messias Feitosa. Turma: b) () Cícero Bezerra. Turma: c) () Justiniano de Melo e Silva. Turma: d) () Outra. Qual? | |
| 1.7. Qual o seu número de telefone (celular)? | | | |

2. O sentido da escolarização e do papel da escola

| | |
|---|--------------------------|
| 2.1. Você gosta de estudar? a) () Sim b) () Não c) () Às vezes d) () Outra resposta. Qual? | Por quê? |
| 2.2. E de ir à escola, você gosta? a) () Sim b) () Não c) () Às vezes d) () Outra resposta. Qual? | Por quê? |
| 2.3. Você já está no terceiro ano, ou seja, finalizando o ensino médio. O que o(a) motivou a persistir e continuar estudando? | |
| 2.4. Seus parentes aprovam e o(a) apoiam para que você estude? a) () Sim b) () Não c) () Outra resposta. Qual? | Por que você pensa isso? |

| | | | |
|--|--|--------------|------------------|
| 2.5. Se seus parentes não aprovassem e não o(a) apoiassem nos estudos, o que você faria? | | Por quê? | |
| 2.6. Você se considera um bom aluno? a) () Sim b) () Não c) () Outra resposta. Qual? | | Por quê? | |
| 2.7. Você já foi reprovado? a) () Sim. Quantas vezes? b) () Não | | | |
| Obs.: Quem respondeu não na questão anterior (nunca foi reprovado) passe para a questão 2.9. | | | |
| 2.8. Qual o motivo da reprovação ou das reprovações? (Pode marcar mais de uma alternativa se for necessário). a) () As matérias eram difíceis b) () Faltava muito às aulas c) () A avaliação foi injusta d) () Falta de capacidade minha e) () Má influência dos amigos f) () Não gostava de estudar, desinteresse g) () Doença h) () Problemas no transporte escolar. Quais? i) () Trabalho j) () Professor k) () Outro motivo. Qual? | | | |
| 2.9. Sobre as disciplinas do terceiro ano, qual a sua posição sobre cada uma delas? Para todas as disciplinas, responda nas colunas ao lado se gosta ou se não gosta. | Disciplinas: | 2.9.1. Gosto | 2.9.2. Não gosto |
| | a) Português | () | () |
| | b) Literatura | () | () |
| | c) Redação | () | () |
| | d) Inglês | () | () |
| | e) Espanhol | () | () |
| | f) Artes | () | () |
| | g) Biologia | () | () |
| | h) Química | () | () |
| | i) Matemática | () | () |
| | j) Física | () | () |
| | k) História | () | () |
| | l) Geografia | () | () |
| | m) Educação Física | () | () |
| | n) Sociologia | () | () |
| | o) Filosofia | () | () |
| | 2.10. Por que você escolheu esta escola de ensino médio para estudar e não optou pelo ensino técnico ou agrotécnico? | | |

| | | |
|---|---|--|
| 2.11. Estudar até o ensino médio o(a) qualificou? a) () Sim b) () Não c) () Outra resposta: | Por quê? | |
| 2.12. Se você fosse escolher uma escola para estudar, qual seria e onde se localiza? a) () A escola onde já estuda b) () Escolas do próprio povoado (do campo) c) () Outra escola da região. Qual? d) () Escolas da Capital (públicas e particulares) e) () Escolas de outros Estados f) () Escolas religiosas g) () Outra. Qual? | Justifique sua resposta. | |
| 2.13. Faz alguma diferença estudar em uma escola na cidade ou em uma escola no campo? a) () Sim b) () Não c) () Outra resposta: | Por quê? | |
| 2.14. O fato de morar no campo dificulta seus estudos? a) () Sim b) () Não c) () Outra resposta: | Por quê? | |
| 2.15. Com o que aprendeu na escola o que você pode fazer no seu dia-a-dia, na sua casa, no seu trabalho? | | |
| 2.16. Existe algum assunto ou matéria que você considera difícil de aprender? a) () Sim. Qual? b) () Não | 2.17. Se respondeu sim , por que a considera difícil? | |
| 2.18. Você sente ou já sentiu alguma dificuldade na escola? a) () Sim b) () Não | 2.19. Se respondeu sim , por que teve essa dificuldade? | |
| 2.20. Se respondeu sim na resposta anterior, em qual ou quais dos seguintes elementos você sentiu ou sente dificuldades? (Pode assinalar mais de uma resposta). a) () Em escrever b) () Em ler c) () Em estudar sozinho d) () Em fazer as tarefas (atividades) escolares e) () Em entender a aula f) () Em entender o(s) livro(s) didáticos g) () Outra(s) dificuldade(s). Qual ou quais? | 2.21. Você fez ou faz alguma coisa para superar as dificuldades? a) () Sim. Se respondeu sim, o que você fez? b) () Não | |

| | |
|---|---|
| <p>2.22. Quando você sente dificuldades na escola, alguém o(a) ajuda a superá-las?</p> <p>a) () Sim</p> <p>b) () Não</p> <p>c) () Às vezes</p> <p>d) () Outra resposta:</p> | <p>2.23. Se você respondeu sim ou às vezes, quem o(a) ajuda?</p> <p>a) () Amigos, colegas</p> <p>b) () Professores</p> <p>c) () Familiares (primos, irmãos, tios)</p> <p>d) () Pais</p> <p>e) () Mãe</p> <p>f) () Conhecidos</p> <p>g) () Namorado(a)</p> <p>h) () Outro. Quem?</p> |
| <p>2.24. Com que frequência você estuda? (Escolha apenas uma alternativa).</p> <p>a) () Estudo diariamente</p> <p>b) () Estudo nos finais de semana</p> <p>c) () Estudo nas vésperas dos testes</p> <p>d) () Nunca estudo</p> <p>e) () Outra resposta. Qual?</p> | <p>2.25. Se respondeu que nunca estuda ou na véspera dos testes, qual o motivo?</p> |
| <p>2.26. Costuma ler?</p> <p>a) () Muito</p> <p>b) () Pouco</p> <p>c) () Às vezes</p> <p>d) () Nunca</p> | <p>2.27. Se respondeu que lê muito, pouco ou às vezes, o que você mais lê?</p> |
| <p>2.28. Você fez ou pretende fazer o vestibular (ENEM) para a UFS do Sertão?</p> <p>a) () Sim, já fiz o vestibular (ENEM)</p> <p>b) () Ainda não fiz, mas pretendo fazer este ano</p> <p>c) () Ainda não fiz nem pretendo fazer</p> <p>d) () Não sei</p> | <p>2.29. Se fez ou pretende fazer, qual curso você prefere?</p> <p>a) () Agronomia</p> <p>b) () Agroindústria</p> <p>c) () Medicina veterinária</p> <p>d) () Zootecnia</p> |
| <p>2.30. Se você respondeu que não pretende fazer vestibular para a UFS do Sertão, qual o motivo?</p> | |

3. Expectativas escolares e profissionais

| | |
|--|---|
| <p>3.1. Quais são os seus planos para quando terminar o ensino médio?</p> | <p>3.2. Vê algum obstáculo para isso? Em caso afirmativo, qual?</p> |
| <p>3.3. Se você pretende deixar de estudar quando terminar o terceiro ano do ensino médio, indique o principal motivo (escolha apenas uma opção). Se pretende seguir o nível superior, passe para a questão seguinte.</p> <p>a) () Tenho dificuldades de aprender</p> <p>b) () Não gosto de estudar</p> <p>c) () Não acho que seja importante</p> <p>d) () A família não me apoia</p> <p>e) () Quero ganhar dinheiro</p> <p>f) () O que aprendo na escola não serve para nada</p> <p>g) () Quero ajudar minha família</p> <p>h) () Tenho oportunidade de começar a trabalhar com familiares/amigos</p> <p>i) () Cansei e quero dar um tempo</p> <p>j) () Outro motivo. Qual?</p> <p>k) () Não sei</p> | |

| | |
|--|---|
| 3.4. Você já pensou em empreender um negócio, ou seja, ter um negócio próprio? a) () Sim b) () Não c) () Outra resposta: | 3.5. Em caso afirmativo, o que você gostaria de fazer? |
| 3.6. O assunto “empreendedorismo” foi discutido na escola durante o ensino médio? a) () Sim b) () Não | 3.7. Em caso afirmativo, como foi discutido e em qual disciplina? |
| 3.8. Se você pudesse escolher, no futuro, gostaria de (escolha apenas uma opção): a) () Trabalhar por conta própria (ser autônomo) b) () Ter uma empresa c) () Trabalhar numa empresa privada d) () Trabalhar para o Estado (emprego público) e) () Não sei f) () Outra opção. Qual? | |
| 3.9. Que profissão você gostaria de ter? | |
| 3.10. Você conhece alguém com essa profissão? (Escolha apenas uma opção) a) () Não conheço ninguém b) () Não conheço ninguém, mas já vi na televisão c) () Não conheço ninguém, mas me indicaram. Quem indicou? d) () Sim, o meu pai / a minha mãe e) () Sim, o meu irmão / a minha irmã f) () Sim, outro familiar g) () Sim, um amigo / uma amiga h) () Sim, conheço várias pessoas i) () Outra resposta. Qual? | |
| 3.11. Você já pensou em algum tipo de contribuição que poderia dar ao desenvolvimento de sua região, o sertão? a) () Sim b) () Não c) () Talvez d) () Outra resposta: | |
| 3.12. Em caso afirmativo (sim ou talvez), o que você pensou em fazer para contribuir com o desenvolvimento de sua região? | 3.13. Vê obstáculo(s) para isso? Em caso afirmativo, qual ou quais? |

4. Concepção de identidades

| | |
|--|---|
| 4.1. Você acha que mudou depois que ingressou no ensino médio? a) () Sim b) () Não c) () Outra resposta: | 4.2. Em caso afirmativo, em que você mudou? |
|--|---|

| | | |
|--|--|--|
| <p>4.31. Seus avós eram (ou são) agricultores? Marque na coluna correspondente ao lado tanto para os avós paternos como para os maternos.</p> <p>a) São agricultores</p> <p>b) Não são agricultores</p> <p>c) Eram agricultores</p> | <p>4.31.1. Avós paternos</p> <p>()</p> <p>()</p> <p>()</p> | <p>4.31.2. Avós maternos</p> <p>()</p> <p>()</p> <p>()</p> |
| <p>4.32. Seus pais são assentados da Reforma Agrária?</p> <p>a) () Sim</p> <p>b) () Não</p> | | |
| <p>4.33. Se seus pais são agricultores, você gostaria de continuar na profissão deles e tomar conta da propriedade?</p> <p>a) () Sim</p> <p>b) () Não</p> <p>c) () Talvez</p> <p>d) () Outra resposta:</p> | <p>Por quê?</p> | |
| <p>4.34. Das seguintes atividades rurais, o que você sabe fazer? (Pode marcar mais de uma alternativa).</p> <p>a) () Ordenhar</p> <p>b) () Fazer queijo</p> <p>c) () Plantar milho, feijão, cuidar da lavoura</p> <p>d) () Outras. O que você sabe fazer?</p> | | |
| <p>4.35. Da lista que segue, o que você tem em casa? (pode escolher mais de uma opção):</p> <p>a) () Computador/<i>notebook</i></p> <p>b) () Televisão</p> <p>c) () Geladeira</p> <p>d) () Máquina de lavar roupas</p> <p>e) () Celular</p> <p>f) () Leitor de CD</p> <p>g) () Leitor de DVD/<i>Blu-ray</i></p> <p>h) () Acesso à internet</p> <p>i) () <i>Tablet</i></p> <p>j) () Micro-ondas</p> <p>k) () <i>Freezer</i></p> <p>l) () Automóvel</p> <p>m) () Moto</p> <p>n) () Bicicleta</p> | | |
| <p>4.36. Você gosta de morar no campo?</p> <p>a) () Sim</p> <p>b) () Não</p> <p>c) () Outra resposta:</p> | <p>Por quê?</p> | |
| <p>4.37. Você tem vontade de morar na cidade?</p> <p>a) () Sim</p> <p>b) () Não</p> <p>c) () Outra resposta:</p> | <p>Por quê?</p> | |

| | | | | |
|---|---|--|---|---------------------------------------|
| 4.38. Qual é a melhor coisa no local onde você vive? | | 4.39. Qual é a pior coisa no local onde você vive? | | |
| 4.40. Se pudesse escolher um lugar para morar, qual seria este lugar? | | Por quê? | | |
| 4.41. Acontece algum tipo de festa cultural em sua comunidade? Se sim, de que tipo? | | | | |
| 4.42. Você costuma participar de festas da comunidade? | a) Muitas vezes () | b) Às vezes () | c) Poucas vezes () | d) Nunca () |
| 4.43. Você gostaria de ser um(a) agricultor(a)? a) () Sim b) () Não c) () Outra resposta. Qual? | | Por quê? | | |
| 4.44. Na escola, você alguma vez já se sentiu discriminado? | 4.44.1. Muitas vezes a) Pelos colegas () b) Pelos professores () c) Pelos funcionários () | 4.44.2. Algumas vezes () () () | 4.44.3 Poucas vezes () () () | 4.44.4. Nunca () () () |
| 4.45. Se você respondeu poucas vezes, algumas vezes ou muitas vezes em alguma das opções da questão anterior, indique o principal motivo pelo qual se sentiu discriminado. | a) Colegas | b) Professores | c) Funcionários | |
| 4.46. A forma como você se comunica em casa e a forma como você se comunica na escola são diferentes? a) () Sim b) () Não | 4.47. Você sente dificuldades de utilizar a linguagem da escola? a) () Sim b) () Não c) () Às vezes d) () Outra resposta. Qual? | | | |
| 4.48. Você acha que o jeito que as pessoas falam na roça (nos povoados, na zona rural) é errado? a) () Sim b) () Não | Por quê? | | | |

5. Individualizações

| | | | | | |
|--|---|--|--|---|---|
| 5.1. Indique com que frequência você se dedica às seguintes atividades: a) Ver televisão b) Ouvir música c) Jogar no computador/celular d) Pesquisar na internet e) Passear f) Ir ao cinema g) Ler h) Ir a show, bar ou balada i) Ir a pastelaria, lanchonete, café j) Outra. Qual? | 5.1.1. Diariamente () () () () () () () () () () | 5.1.2. Fins de semana () () () () () () () () () () | 5.1.3. Férias () () () () () () () () () () | 5.1.4. Raramente () () () () () () () () () () | 5.1.5. Nunca () () () () () () () () () () |
| 5.2. Onde e com que frequência você costuma usar o computador? a) Em casa b) Na escola c) Em casa de amigos e familiares d) Na associação e) Na biblioteca f) Outro local. Qual? | 5.2.1. Muitas vezes () () () () () () | 5.2.2. Algumas vezes () () () () () () | 5.2.3. Poucas vezes () () () () () () | 5.2.4. Nunca () () () () () () | |
| 5.3. Na sua família, com que frequência costuma: a) Controlar suas faltas escolares b) Ajudar em suas tarefas escolares c) Saber das suas notas d) Saber quando você terá provas e) Ver as suas provas corrigidas f) Ir às reuniões da escola | 5.3.1. Muitas vezes () () () () () () | 5.3.2. Algumas vezes () () () () () () | 5.3.3. Poucas vezes () () () () () () | 5.3.4. Nunca () () () () () () | |
| 5.4. Com a sua família, com que frequência você costuma falar sobre: a) Sentimentos b) Comportamentos na escola c) Amigos d) Notas e) Professores f) Do que você gosta mais ou menos na escola g) O que você quer ser no futuro | 5.4.1. Muitas vezes () () () () () () () | 5.4.2. Algumas vezes () () () () () () () | 5.4.3. Poucas vezes () () () () () () () | 5.4.4. Nunca () () () () () () () | |
| 5.5. Até quando sua família gostaria que você estudasse? Escolha apenas uma opção. a) () 9º ano do ensino fundamental b) () 3º ano do ensino médio c) () Nível superior d) () Não sei e) () Outra. Qual? | 5.6. Sobre seu futuro, até quando você gostaria de estudar? (escolha apenas uma opção). a) () 3º ano do ensino médio b) () Nível superior c) () Outra. Qual? d) () Não sei | | | | |

| | | | | |
|---|---|--|---|--|
| <p>5.7. Em que medida você concorda com as seguintes frases em relação ao seu futuro?</p> <p>a) Sei exatamente o que quero para meu futuro e como consegui-lo</p> <p>b) É tudo uma questão de sorte</p> <p>c) Sou eu que decido o meu futuro</p> <p>d) É inútil pensar no futuro, o que conta é o presente</p> <p>e) É tudo uma questão de esforço</p> <p>f) É inútil fazer projetos. Tenho de me adaptar ao trabalho que encontrar</p> <p>g) Tenho confiança em mim próprio(a)</p> | <p>5.7.1. Concordo</p> <p>()</p> <p>()</p> <p>()</p> <p>()</p> <p>()</p> <p>()</p> <p>()</p> | <p>5.7.2. Concordo em parte</p> <p>()</p> <p>()</p> <p>()</p> <p>()</p> <p>()</p> <p>()</p> <p>()</p> | <p>5.7.3. Discordo</p> <p>()</p> <p>()</p> <p>()</p> <p>()</p> <p>()</p> <p>()</p> <p>()</p> | <p>5.7.4. Não sei</p> <p>()</p> <p>()</p> <p>()</p> <p>()</p> <p>()</p> <p>()</p> <p>()</p> |
| <p>5.8. O que você considera que vai ser mais provável no seu futuro? (Escolha apenas uma opção).</p> <p>a) () Vou ter uma vida igual aos meus pais</p> <p>b) () Vou ter uma vida pior que os meus pais</p> <p>c) () Vou ter uma vida melhor que os meus pais</p> | <p>Por que você pensa assim?</p> | | | |
| <p>5.9. Que profissão seus pais gostariam que você tivesse?</p> | <p>5.9.1. Você concorda?</p> | <p>5.9.2. Por quê?</p> | | |
| <p>5.10. Qual o tipo de música de que você mais gosta?</p> | <p>5.11. Quais são suas comidas preferidas? Indique até três tipos.</p> | | | |
| <p>5.12. Atualmente, você desenvolve algum trabalho remunerado (pago)?</p> <p>a) () Sim, com carteira de trabalho assinada</p> <p>b) () Sim, sem carteira de trabalho assinada</p> <p>c) () Sim, trabalho com minha família (remunerado)</p> <p>d) () Sim, trabalho por conta própria, sou autônomo(a)</p> <p>e) () Ainda não tenho trabalho remunerado (pago)</p> | <p>5.13. Se trabalha remunerado (pago) ou por conta própria, o que você faz?</p> | | | |
| <p>5.14. Com que idade você começou a trabalhar recebendo pagamento pelo seu trabalho?</p> <p>a) () Com menos de 13 anos</p> <p>b) () Aos 13 anos</p> <p>c) () Aos 14 anos</p> <p>d) () Aos 15 anos</p> <p>e) () Com mais de 15 anos</p> <p>f) () Ainda não tenho trabalho remunerado (pago)</p> | <p>5.15. Caso já tenha trabalhado remunerado, quando foi?</p> <p>a) () Fim de semana</p> <p>b) () Férias</p> <p>c) () Tempos de aulas</p> <p>d) () Outra resposta. Qual?</p> <p>e) () Ainda não tenho trabalho remunerado (pago)</p> | | | |

| | | |
|---|---|-------------------------|
| <p>5.16. Caso já tenha trabalhado remunerado, como você utilizou o dinheiro que ganhou? (Pode escolher mais de uma opção).</p> <p>a) () Comprei roupa</p> <p>b) () Ajudei meus pais</p> <p>c) () Viajei</p> <p>d) () Saí com meus amigos</p> <p>e) () Comprei um computador</p> <p>f) () Comprei jogos</p> <p>g) () Comprei um celular</p> <p>h) () Guardei-o (poupança)</p> <p>i) () Outra resposta. Qual?</p> <p>j) () Ainda não tenho trabalho remunerado (pago)</p> | | |
| <p>5.17. Se não trabalha remunerado (pago) você ajuda em casa fazendo algumas tarefas?</p> <p>a) () Sim</p> <p>b) () Não</p> <p>c) () Às vezes</p> <p>d) () Eu trabalho remunerado (pago)</p> | <p>5.18. Se ajuda em casa à sua família, quais são as suas atividades? Fale um pouco sobre o que faz.</p> | |
| <p>5.19. Você recebe algum tipo de apoio financeiro de programa governamental (como Bolsa Família)?</p> <p>a) () Sim. Qual ou quais?</p> <p>b) () Atualmente não, mas já recebi</p> <p>c) () Não</p> | <p>5.20. Se respondeu sim, quem administra o valor recebido?</p> <p>a) () Somente o pai</p> <p>b) () Somente a mãe</p> <p>c) () Os pais em conjunto</p> <p>d) () Você</p> <p>e) () Outra pessoa. Quem?</p> | |
| <p>5.21. Você pensa em ir embora daqui do sertão?</p> <p>a) () Sim</p> <p>b) () Não</p> <p>c) () Outra resposta:</p> | <p>5.21.1. Para onde?</p> | <p>5.21.2. Por quê?</p> |
| <p>5.22. Marque o que você sabe fazer (pode marcar mais de uma opção):</p> <p>a) () Pilotar moto</p> <p>b) () Dirigir carro</p> <p>c) () Montar a cavalo</p> | <p>5.23. Tem habilitação (carteira de motorista)?</p> <p>a) () Sim</p> <p>b) () Não</p> <p>c) () Ainda não, mas estou aprendendo para obter</p> | |
| <p>5.24. Você sente dificuldades de se comunicar, de dar opiniões, de reivindicar seus direitos?</p> <p>a) () Sim</p> <p>b) () Não</p> | <p>5.25. Se você respondeu sim, em relação a quem sente mais esta dificuldade?</p> <p>a) () Colegas de escola</p> <p>b) () Colegas do bairro, da comunidade</p> <p>c) () Pais</p> <p>d) () Professores</p> <p>e) () Outros. Quem?</p> | |

Fico muito agradecida por sua participação!

APÊNDICE B – Termo de Consentimento**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) aluno(a), você foi selecionado(a) e está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa sobre jovens estudantes rurais do sertão sergipano para fins de uma tese de doutorado em educação na Universidade Federal de Sergipe. Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados serão divulgados em revistas e/ou eventos científicos. Sua participação nesta pesquisa é voluntária e consiste em responder as perguntas realizadas, sob a forma de questionário que será guardado durante cinco anos e incinerado após esse período, e a uma possível entrevista. A entrevista será gravada em áudio para posterior transcrição e após cinco anos será apagada. Você não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. Não haverá riscos de qualquer natureza relacionada à sua participação, mas ela é muito importante, pois terá como benefício relacionado o aumento do conhecimento científico sobre a educação e a juventude rural, este último tema ainda pouco explorado e carente de pesquisas, sobretudo em nosso sertão sergipano. Assim, desde já agradeço e conto com sua colaboração.

Atenciosamente,

Isabela Gonçalves de Menezes

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe

Declaro estar ciente do inteiro teor deste termo de consentimento e estou de acordo em participar do estudo proposto.

| | |
|------------------|---|
| Local e data: | Assinatura do participante da pesquisa: |
| | |

APÊNDICE C – Roteiro de Entrevistas e dos Grupos Focais

1. Você se considera um(a) sertanejo(a)? Por quê?
2. O que significa ser um(a) sertanejo(a)?
3. Se pudesse dizer algo aos formuladores de políticas públicas, o que recomendaria especificamente para os jovens rurais?
4. Durante sua escolarização no ensino médio, algum conselho ou sugestão para a vida o(a) marcou? Se sim, qual foi esse conselho ou sugestão? Quem deu esse conselho ou sugestão?
5. Qual a sua maior preocupação hoje?
6. Se tivesse perspectiva de oferta de trabalho no campo, com boa renda, você teria o compromisso de dar continuidade às atividades agrícolas da unidade familiar ou há outras questões permeando seus planos?